HISTORIA

DAS

ORDENS MONASTICAS EM PORTUGAL

MANUEL BERNARDES BRANCO

HISTORIA

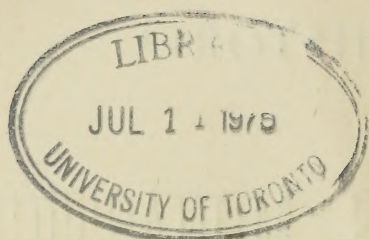
DAS

ORDENS MONASTICAS

EM

PORTUGAL

Volume I

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 e 6, Largo do Camões, 5 e 6
MDCCCLXXXVIII

Ao Ex.mo Sr.

CONSELHEIRO SILVEIRA DA MOTTA

DEDICA MUI RESPEITOSAMENTE ESTE MODESTO TRABALHO

O Author

PROLEGOMENOS

Quantum mutatus ab illo...!

O individuo que, ao chegar á barra de Lisboa, ainda no começo do corrente seculo, vindo de remotissimas regiões, e com vento de servir, e a todo o pano, na sua agil embarcação, que pela ré deixava um largo sulco de prateada espuma, não o attrahindo os pensamentos para outros logares, enxergava nas alcantiladas serranias, que apertam o Tejo, muitas vezes indomavel, e furioso, um grandioso e soberbo espectaculo!

O passageiro chegava ou do Brazil, ou da India, ou da China, ou do Japão, e, depois de uma prolongada e trabalhosa peregrinação, em que tinha visto muitos de seus companheiros de viagem atacados do escorbuto, e depois arrojados ao mar, cobertos com uma branca mortalha de serapilheira, fôra tão feliz que pelas suas promessas feitas na hora do transe á Senhora da Madre de Deus, ou á Senhora da Penha de França, ou ao Senhor Jesus de Mathosinhos, ou do Bomfim, de Setubal, ra-

diante d'alegria, e tendo muito que contar a seus parentes e amigos, estava em porto de salvamento, e via nas alturas da margem do Tejo muitos d'esses franciscanos, que já conhecia das terras mauritanas e asiaticas, e agora com as mãos postas e erguidas para o céo, como que agradecendo á Divindade o regresso de seus irmãos em Christo a porto de salvamento.

Esses irmãos em Christo, com os quaes em longiquas regiões os franciscanos da Boa Viagem tinham travado conhecimento, quando ainda, no vigor da vida, gentis, novos e guapos cavalleiros, brigões, militares denodados e imperterritos, escriptores distinctos, tanto em prosa como em verso, e agora cobertos de borel, com uma corda de esparto em vez d'espada á cinta, e com um grande rosario formado por grossos bogalhos, enfiado nos braços, de joelhos, com as mãos postas dando graças pela chegada de seus irmãos ao ninho paterno, irmãos que recolhiam agora bem gastos por fadigas e trabalhos, e alguns sem haveres, por isso que tinham sido honrados, embora soubessem que haviam de ter como remuneração provavel de seus serviços e de seu sangue derramado, tão somente poderem com uma tigella andarem a receber a esmola do caldo, que os mosteiros distribuiam uma vez no dia á porta do convento, e o poderem, em caso de doença grave, recolherem-se no Real Hospital de todos os Santos, famosa fundação de el-rei D. João II, e tão fallado, tanto dentro, como fóra do paiz.

Outros, porem, havia que voltavam ricos, e eram esses, por via de regra, os infames, que muito tinham roubado, mas aos quaes o paiz recebia de braços abertos, e tractava com as maiores honrarias, talvez como remuneração de terem feito com que os povos indigenas da Asia ficassem odiando o povo portuguez, e talvez

como galardão de haverem atravessado com a mesma espada o pai armado, a mãe desarmada, e o filho ainda tenrinho!

Todavia eram tantos e tão amiudados os naufragios horrorosos dos baixeis portuguezes, tão frequentes as perdas de vidas, tão raras e com tanta demora as noticias dos nossos que pelas regiões longiquas andavam perigrinando, que era sempre um verdadeiro jubilo o vêr entrar pela foz do Tejo uma frota que d'ella houvesse sahido. E não só paes, mães, maridos e mulheres se interessavam pela chegada d'um baixel vindo d'aquellas remotas regiões, mas até amigos e conhecidos queriam ter noticias, ás vezes, bem interesseiras, d'aquelles amigos e conhecidos que nas longes regiões perigrinavam, e os proprios frades anciosos e pressurosos iam colher novidades ácerca de seus irmãos da mesma ordem. Oh! Quantas e quantas scenas tão commoventes presencearam aquellas alturas da Boa Viagem! E o navio subia a todo o panno com um certo donaire e magestade que nunca poderam ter os barcos a vapor.

E os frades dominicanos a elle corriam com o fim de verem se encontravam algum livro prohibido, que houvesse de ser queimado n'alguma fogueira inquisitorial. Mas outros eram os fins que levavam alli os franciscanos. Iam procurar novas de seus irmãos em Christo; iam saber quaes os legados que os christãos fallecidos lhes haviam deixado, apesar de se finarem em paizes tão distantes. Iam saber qual o numero de missas e encargos que os doadores tinham imposto. Quaes os franciscanos que n'aquellas regiões tinham morrido martyres, e com cheiro de santidade, e que poderiam vir a ter uma beatificação ou sumptuosa canonisação.

E com effeito apesar de mui numerosos em Portugal, eram os franciscanos, os que mais numerosos tam-

bem frequentavam as regiões asiaticas, sendo-lhes porem os jesuitas pouco inferiores em numero, e tanto uns como outros não se esqueciam de mandar em numerosos in folios, ou em folhetos de cordel, estampar os feitos heroicos de seus irmãos em Christo, d'onde provinham muitos e muitos lucros para a ordem, uns directos, outros indirectos.

E na verdade franciscanos e dominicanos, jesuitas e tambem alguns theatinos, tinham bastante para contar. Haviam-no aprendido ao som do rugido atroador do gigante Adamastor, ou ás bordas do Indo e do Ganges, conservando ainda no peito e no rosto as cicatrizes que das luctas com os inimigos ou com as feras ainda conservavam, embora decorridos já bastantes annos.

E como as conversas d'aquelles velhos frades, deviam ser interessantes!

E por isso quando o caminhante ao ir no seu carro com toda a commodidade nos tempos que vão correndo, para Oeiras, ou para Cascaes, ou para Carcavellos, onde o grande padre Antonio Vieira esteve preso, ao passar pela Boa Viagem, se lembre das enternecedoras scenas que alli ainda no começo do corrente seculo se passavam. Os navios prestes para a viagem desciam o Tejo, e alli, em frente do convento da Boa Viagem, esperavam vento de servir para que a frota, toda junta, e accompanhada ás vezes por navios de guerra, com receio dos piratas, seguissem até certa altura, donde se separavam para as suas commissões. E quando o cyclone no alto mar dispersava os baixeis, cada um d'elles tomava o caminho que podia.

Mas quando uma frota entrava a emboccadura do Tejo, quão pressurosos aquelles frades desciam de seus mosteiros a vir saber novas de seus confrades, dos progressos de sua ordem no Oriente, e d'aquelles que, haven-

do com animo varonil soffrido o martyrio pela religião, haveriam de ter em Roma seus nomes escriptos em lettras d'ouro no Catalogo dos Santos, e como os dias destinados para o nome do novo Santo ser annunciado ao mundo inteiro haviam de ser pomposamente festejados em todo o orbe franciscano, dominicano ou jesuitico! Como Portugal tinha mais um Sancto protector, e como as Ordens religiosas possuiam mais outra fonte de riqueza, embora não tão abundante como o Jubileu da Porciuncula!

E que vistas deliciosas se contemplavam das alturas da Boa Viagem[1] ao enxergar alli juntas tão alterosas em-

---

[1] «Começou em 1636 a devoção dos maritimos com a santa imagem da Senhora da Boa Viagem, que sustendo no braço esquerdo o Menino Jesus, tinha na mão direita um navio como emblema da sua invocação. Não tardando a Senhora a ser afamada como milagrosa, principiaram a concorrer ao seu templo numerosas romarias, e a afluir ao seu altar as offerendas dos mareantes, promettidas no meio das tormentas. Assim vieram ornar a imagem muitas peças de grande valor, d'entre as quaes sobresahia uma corôa de oiro massiço, primorosamente fabricada. Os cordões de oiro e os vestidos e mantos de seda recamados do mesmo metal eram sem conto.

Não foi, porém, a devoção dos mareantes, nem a das outras classes do povo, que trouxeram as grandes riquezas ao thesouro de Nossa Senhora. Como a Boa Viagem é um successo prospero, começaram tambem varias princezas a pegarem-se com a sagrada imagem para obterem por sua intercessão, hora feliz nos seus partos. A primeira que invocou a protecção da Senhora para este fim foi a rainha D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher d'el-rei D. Pedro II.

Este exemplo foi seguido não só pela nossa familia real, desde aquella época até a partida da côrte para o Brasil, mas tambem pelas familias reaes estrangeiras, mais proximamente ligadas em parentesco com a de Portugal. A rainha D. Maria Sophia communicou esta devoção a sua irmã, a imperatriz D. Leonor Magdalena Thereza de Neubourg, terceira mulher de Leopoldo I, im-

barcações, que n'aquelle ponto aguardavam vento de servir para sahirem, bambaleando-se ou gingando, ora para a direita ora para a esquerda, arfando, a todo o pano, mas sempre avançando para o Oceano, e cada vez parecendo mais pequenas, depois vendo-se apenas uma parte dos mastros, e depois sumindo-se completamente! Mas como na occasião d'este desapparecimento era bello vêr aquelles frades com os olhos rasos de lagrimas, com as mãos postas, alguns de joelhos, a orarem á Virgem para que pedisse a seu amado filho levasse e trouxesse aquelles portuguezes, (e em todo o caso portuguezes, pois n'aquelle tempo havia patriotismo,) a porto de salvação.

---

perador da Allemanha; e a filha d'estes soberanos D. Maria Anna d'Austria, que veio ser rainha de Portugal pelo seu casamento com el-rei D. João V, fez devotas de Nossa Senhora da Boa Viagem a sua cunhada a imperatriz Guilhermina Amelia de Brunswick-Lunebourg, mulher do imperador José I, e a sua sobrinha a imperatriz Maria Amelia, mulher do imperador Carlos VII.

Outro tanto succedeu com a familia real de Hespanha, por intermedio da rainha de Portugal D. Marianna Victoria de Bourbon, mulher do nosso rei D. José I, e filha de D. Filippe V, e por exemplo da rainha de Hespanha D. Maria Barbara de Bragança, mulher de D. Fernando VI e filha d'el-rei D. João V.

D'esta arte foi venerada a Senhora da Boa Viagem por muitas princezas nossas e estrangeiras, que offereceram para adorno da sua imagem, joias e alfaias de subido valor e de grande apreço artistico.

Entre essas preciosidades avultava um riquissimo paramento completo para missa de tres padres, composto de casula, duas dalmaticas, capa de asperges, véu de hombros de calix, e frontal para o altar da capella mór. Tudo era feito de lhama de prata bordada a oiro em alto relevo, cujas flores tinham o centro formado por muitas pedras preciosas de diversas côres.

Apesar da riqueza e fausto proverbiaes com que D. João V dotou e ornou a santa egreja patriarchal, nunca esta possuiu um paramento tão magnifico como o do pobre convento da Boa Viagem.

De quantas e quantas scenas commoventes não foram testemunhas a Boa Viagem e Ribamar! Quantos suspiros, soluços, ais, e prantos não echoaram por aquellas quebradas? Quantas alegrias e jubilos se não patenteariam por aquelles sitios, quando a mãe via chegar seu filho, por cuja alma já tinha rezado! Quantas vezes a mãe recuaria, e não quereria abraçar o homem que lhe estendia os braços. Era a mãe que já não conhecia o filho. Regressava este com cabellos brancos, alcachinado, com as faces sulcadas pelas rugas: um verdadeiro velho. E elle havia sahido da Boa Viagem, quando ainda gentil e donairoso, como gentil e donairoso se pode ser aos dezoito ou vinte annos!

Foi o pae da rainha D. Isabel II quem deu este paramento para o culto de Nossa Senhora, o qual apenas servia no dia da sua festa e pelo Natal. El-rei D. Fernando VII de Hespanha, que enviuvára em primeiras nupcias sem lhe ficarem filhos, desejava tão ardentemente um successor da corôa que, vendo adiantada na sua gravidez a rainha D. Maria Isabel de Bragança, sua segunda mulher, e filha do nosso rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, irmã d'aquelle soberano, enviou o referido paramento a Nossa Senhora da Boa Viagem, para que a Virgem alcançasse da misericordia divina feliz successo para a rainha e um herdeiro para o seu throno.

O soberano, que pagara a lealdade e dedicação com que os hespanhoes sustentaram os seus direitos até o libertarem do captiveiro e o restabelecerem no throno, levantando patibulos por toda a Hespanha, e inundando-os do sangue dos que tinham por unico crime amar e desejar para a sua patria instituições liberaes, esse soberano, repetimos, não obteve aquellas graças com tanto empenho solicitadas. Sua desditosa esposa morreu dando a luz um filho, e este apenas sobrevivera á mãe quanto bastou para que ficasse em Castella o rico dote que ella levára de Portugal.

Todas aquellas riquezas foram desencaminhadas na suppressão dos conventos, ou antes d'isso, por occasião do cerco de Lisboa, em 1833, como aconteceu em alguns mosteiros que sabemos.

Quantas vezes a mãe radiante d'alegria e de jubilo, sabendo que seu filho prestes a chegar, havia de voltar n'um certo navio, e sabendo que um tal navio enfiava pela barra de Lisboa, e que esse navio, segundo lhe fôra dizer o alviçaceiro, estava prestes a chegar á Boa Viagem, fôra á espera do seu ente qu rido, e agora via a bordo muitos individuos, mas nenhum era seu filho!

Afflicta pergunta por elle.

Teu filho, mulher, foi arrojado ao mar por uma vaga ao entrarmos no Tejo!

Oh que dôr! Oh que desespero para aquella desventurada mãe! Que prantos! Que suspiros!

O convento da Boa Viagem foi vendido pelo estado ao sr. Faustino da Gama, que reedificou e augmentou o edificio, dividindo-o em quartos com accommodações para muitas familias que ahi concorrem na estação dos banhos do mar. O edificio está situado em logar muito elevado sobre o Tejo, o que lhe dá a vantagem de disfructar um dilatadissimo panorama, vistas de terra, de rio e de Oceano. Pela cerca tem accesso facil e agradavel para a praia.» Ignacio Vilhena Barbosa, *Archivo Pittoresco*, vol. VI, anno 1863, pag. 378.

Os nossos guerreiros, quando em remotissimas regiões, não sómente se lembravam das imagens das egrejas de Portugal, mas até mesmo das de Hespanha, Jerusalem, e de outros paizes.

O nosso famoso Affonso d'Albuquerque, mandou á imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, na Hespanha, uma bala, em uma caixa de prata com quinhentos cruzados, uma lampada de prata, varias pedras preciosas e um collar de oiro, com o qual d'ahi por diante ornavam a imagem da Senhora em dias festivos.» Fr. Antonio da Piedade, *Chronica da Provincia da Arrabida*, vol. I, pag. 12.

Na pag. 965 do 1.º volume d'esta Chronica vemos que foram os frades arrabidos que por aquelles sitios abriram caminho para os passageiros: «Padeciam grande trabalho todas as pessoas, que das partes de Cascaes, Oeiras e outros logares vinham á cidade de Lisboa, por causa dos rios de Laveiras, Linhalpastor e Algés, que vão desaguar na enseada de S. Joseph. Ordinaria-

O amparo de sua velhice estava perdido em flôr!

Não sei eu, se o nome de praia das lagr mas, que os antigos deram ao Restello se estendia tambem até á Boa Viagem. Se lhe não davam um tal nome, era injustiça. A verdadeira praia das lagrimas era a Boa Viagem, e este nome seria bem cabido!

Em geral o passageiro, que se destinava ás regiões longiquas, embarcava na praia de Belem. Na vespera da partida ia para bordo, e lá pernoitava. Aguardava o vento de servir, e a sua náu, esperava pelas outras. Depois lá iam todas de conserva em tempo opportuno pelo rio abaixo, depois os solavancos augmentavam, e os na-

---

mente ou quando vinham, ou quando se recolhiam para suas casas, os achavam crescidos, por causa da maré, que enchia, e querendo vadeallos, se criam muitas vezes em evidente perigo de se afogarem e algumas pessoas padeciam esta desgraça. Não era tambem pequena a que experimantavam outras em suas almas, offendendo a Deus gravemente. Havia alguns homens deputados nas margens d'aquelles rios, para passarem ás costas assim a homens, como a mulheres, que não levavam cavalgaduras; e como faltasse ás vezes o dia com a sua claridade, aproveitava-se o inferno das obscuras sombras da noite, para se augmentar no lucro dos seus malevolos contractos.

Condoido, porém, o arrabido e servo de Deus fr. Rodrigo de Deus de tanta miseria, e parecendo-lhe que era ignorada de quem a podia remediar, determinou representar-lh'a, para que a todo o custo se obviassem tão grandes fatalidades. Pessoalmente foi um dia ao senado da camara, em que era presidente D. João de Castro, e na sua presença e de todos os mais senadores, expoz todos os referidos discommodos; e com palavras, que lhe dictava o seu caritativo zelo, os persuadiu, a que mandassem fabricar pontes e calçadas, para que estivessem as passagens seguras de todo o perigo, e os caminhos fossem menos molestos no tempo do inverno. Difficultarão a empreza, attendendo ao grande dispendio que o Senado havia de fazer; mas, como as razões que lhes dava, fôssem efficazes para lhes attrahir as vontades, se resolveram a pôr em execução a proposta, mas

vios sumiam-se no immenso Oceano. Então os ais e suspiros atroavam os ares! Então era mister acudir ás mulheres desmaiadas com os tenros filhos ao collo! Então eram necessarios soccorros. Então appareciam os frades da Boa Viagem, ás vezes tambem com lagrimas nos olhos, pois elles não eram de pedra, e com palavras de consolação e com elixires, faziam quanto podiam para fazerem tornarem a si as mulheres desmaiadas, e para suavisarem maguas, para as quaes havia um só lenitivo —o tempo.

E eis o padre logo no altar offerecendo á Mãe de Misericordia uma missa por aquelles que, engolphados no Oceano, iam procurar pão e haveres para sustento da

---

com a condição de que havia correr toda a obra por conta do seu zelo.

Deram n'este arbitro, fiados em que assim como mostrava tanto disvelo em requerer pelo remedio dos proximos, não seria menos zeloso em cuidar, que o dinheiro, que se houvesse de gastar, fôsse bem merecido, e com fidelidade dispendido. Acceitou a commissão no que pertencia á direcção das obras e vigilante assistencia dos officiaes, escolhendo por companheiros, com licença dos prelados, a fr. Manuel das Chagas, pela muita capacidade que lhe conhecia para este ministerio.

Logo fez conduzir todos os materiaes necessarios e distribuiu os officiaes por varias partes para que, tendo a emulação a maior parte na superintendencia, se concluisse a obra com brevidade e perfeição.

Principiou pelo logar de Pedrouços, e defronte d'elle mandou fazer uma pequena ponte para resguardo das lamas do inverno. Comprehendeu as margens do rio de Algès, junto á quinta do duque de Cadaval com outra ponte levantada sobre um forte e grande arco, em que de uma e outra parte se entra por calçada que tambem mandou fazer. Antes de chegar ao convento de S. José, aos que veem de Lisboa em distancia de dois tiros de mosquete, mandou levantar uma cruz de marmore, bornida com todo o primor, e de um e outro lado duas calçadas, uma que se termina no convento, e a outra que se dilata por Barquerena,

familia. Ou, se ricos, iam grangear brazões para ennobrecer seus descendentes. Ou, se arrebatados pela ardente sede do saber, iam adquirir conhecimentos para enriquecer a sciencia, ou dar gloria ao paiz. Os Lusiadas jámais seria um poema immortal, se o seu author não tivesse visto e contemplado as scenas asiaticas. O nome de Garcia da Horta seria hoje tão obscuro como os de muitos outros, se o seu author, arrastado pelo ardente desejo de saber, não percorresse a Asia para alli escrever tambem um livro immortal. Onde adquiriu Affonso d'Albuquerque uma gloria immorredoura senão na Asia, onde foi guerreiro e escriptor? Onde se

---

Caspolima e outras partes, que terá mais de meia legua de comprimento.

Ao pé do monte de Santa Catharina mandou, para facilitar a quebrada de uma passagem, se fizesse uma pequena ponte; e mais adiante collocou outra cruz como a primeira, e junto a ella principiou uma ponte formosa de tres arcos, toda de cantaria fabricada, em cuja fortaleza achassem os tempos e as aguas maior resistencia. No fabríco d'esta ponte mostrou mais apurado o seu disvelo, por ser esta a passagem que mais o havia provocado ás lamentações que fazia, e que o obrigaram a aceitar aquella incumbencia.

Seguindo as margens do rio até o logar de Linhalpastor, n'elle mandou tambem fazer outra ponte de tres arcos, e junto a ella outra cruz, como as duas mencionadas, e ao pé de todas fez gravar um letreiro, em que declara que a cidade de Lisboa mandara fazer aquellas obras no anno de 1608.

Em todas se dispenderam vinte e quatro mil cruzados: e se não fôra a cuidadosa assistencia d'este servo de Deus e de seu companheiro, se gastariam muito mais, cujas confissões faziam os mesmos senadores.» Fr. Antonio da Piedade, *Chronica da Arrabida*, vol. I, pag. 966.

D'outra ponte, mandada fazer por um frade dominicano nos falla com largueza em sua divina linguagem Fr. Luiz de Souza, a ponte d'Amarante sobre o Tamega: «obra que para muitos povos juntos fôra de grande carga, e para um rei parecera muito

immortalisou o grande D. João de Castro ou D. Francisco d'Almeida? Onde grangeou um nome immorredouro S. Francisco Xavier e D. Luiz d Athayde? Onde adquiriu a immortalidade Fernão Mendes Pinto? Todavia as cousas estavam bem mudadas no começo do seculo passado, e mesmo no fim do anterior. Os homens, com rarissimas excepções, iam á China, Cochichina, á Tartaria, á India e ao Japão, ao Brazil, mais arrastados pela ardente soffreguidão de possuir muito e muito ouro, do que pelo amor da gloria. Eram ainda numerosos os navios que para taes regiões se faziam de vella, mas eram poucos os que vinham com o manuscripto d'um livro para imprimir, e no qual apresentassem factos não

---

custosa, quanto mais para um pobre frade, que de seu não tinha mais que o Breviario, em que resava. O emprego mais ordinario que o santo fazia de sua doutrina, inda que muitas vezes se estendia a outras partes, era nas terras e comarcas visinhas á sua ermida; ou porque achava a gente mais devota á sua doutrina, ou porque a sentia d'ella mais necessitada. Pregava, ensinava, trabalhava sem descanço. Mas, como ardia em fogo de santa caridade, doía-lhe muito ver que os que viviam além do rio, quando vinham buscar o pasto santo da palavra de Deus, ou lhes tolhia a passagem a corrente impetuosa das aguas; ou arrebatava os que temerariamente cometiam o vau, e perdiam muitos a vida; foi imaginando lançar uma ponte, em que sem perigo se podessem communicar os visinhos e a terra toda. Mas, como poz o pensamento em pratica, inda que toda a comarca o seguia, amava e estimava, ninguem houve, que lh'o approvasse, ninguem que o não tivesse por materia de riso.

Um rio de muitas aguas e arrebatada corrente, a despeza sem conto, os edificadores, que hão de ser os visinhos pobres e sem forças de dinheiro, nem fazenda, e mais pobre que todos, quem se atreve a fallar em tal obra. Em que ha de parar, senão em ficarem alicerces abertos, e principios fundados, e n'elle levantado um como padrão, e memoria perpetua de nossa ignorancia, que sem fazer conta com a bolsa, quizemos commetter impossibilidades Não acovardava nada o Santo, porque tinha a con-

conhecidos, ou verdadeira sciencia, não querendo eu com tudo dizer que a Historia da America Portugueza, e a Corographia Brasilica, não sejam obras de muito merecimento, e de gloria para seus authores.

Mas ás vezes o grande numero de navios, que se enxergavam das alturas da Boa Viagem, apresentava um espectaculo imponente, sobre tudo no reinado de D. João V; tempo em que as embarcações já eram alterosas e de grande tonelagem, e não pequenas, ou de fraca apparencia, como no tempo de D. Manuel.

Mas lá iam esses portuguezes, impellidos por diversos fins. E quantas promessas não se faziam então á

---

fiança em Deus, e a elle queria só por mestre e fabricador da obra, como fôra auctor do pensamento.

Sem fazer caso de inconvenientes, junta architectos para a consulta do logar mais accommodado Assentavam todos com boas razões que se edificasse em uma paragem, onde o rio soffria vau, algum tempo do anno. E' o lugar por cima d'Amarante junto a uma ermida, que pela mesma razão se chama Nossa Senhora do Vau. Porém o Santo, depois de os ouvir, mandou que se não tratasse de outro logar; senão o em que tinha a sua ermida. Montanhas altas de uma parte e outra, pendentes sobre o rio, alcantiladas e fragosas, serviço trabalhosissimo e de custo dobrado, terra secca, esteril e falta de tudo. Emfim não espantando nada o Santo, deu-se principio á fabrica. E logo se começou a ver quaes eram as forças em que estribava sua confiança, que era o braço divino que tudo póde. Foi principio um instincto e movimento do ceo, que aballou toda a comarca ao perto e ao longe, acudindo e procurando todo o homem ajudal-o, com o que cada um podia. Os pobres com serviço pessoal, os ricos com os criados, além de largo provimento de pão e vinho e outras esmollas. Era povo sem numero, e trabalhava-se muito, e enxergava-se no feitio, quanto podem muitos braços e muitas mãos juntas.

Mas fazia lastima que quanto mais se procedia, tanto maiores difficuldades se descobriam. Era necessario para segurar os alicerces, lançar-lhes lages, como meios montes Excedia isto nas

Virgem invocada sob diversos titulos, já Senhora do Cabo, já Senhora da Boa Viagem, já Senhora da Penha de França, já Senhora da Nazareth, já Senhora da Escada, no adro de S. Domingos, de Lisboa.

Mas não vos riais, amigo leitor, dos letreiros que vedes nos paineis d'esses tempos. Considerai que não eram litteratas a fazerem livros para ganharem fama na posteridade, ou para se darem á importancia. Eram mães attribuladas que soluçantes e com os olhos razos de lagrimas, pediam á mãe do céu que lhes trouxessé a porto de salvamento seus filhos, seus paes, ou seus maridos. Eram mães ou esposas verdadeiramente afflictas

---

forças, porque faltavam instrumentos e machinas para tal serviço necessarias.

A disposição do sitio asperissimo e muito dependurado difficultava tudo. Começou a gente a desconfiar e logo a afrouxar no fervor e ir largando o trabalho. Aqui se mostrou signal da mão divina. Estava cortando um penedo de desmesurada grandeza, acudiu uma quadrilha dos mais esforçados, moços, membrudos fortes e agigantados, quaes aquella edade os criava, pozeramlhe as mãos e boa vontade, tal era, que nem abalal-o poderam, e havia quem julgava que nem quatro singeis de bois o moveriam.

Viu o santo o que passava, e tinha notado o desgosto que ia entrando em seus obreiros, e chamou por Deus em seu coração, chegou-se á pedra, poz-lhe as mãos dizendo alegremente — *para esta um velho basta* —, e foi-a rodando com facilidade e levou-a a tombos ao logar onde havia de servir. Ficaram suspensos de pasmados, quantos andavam na obra. Olhavam uns para os outros e não criam o que viam, fazendo cruzes de atonitos, vendo tal força em um velho, que nem sobre um bordão podia bem levar os membros cançados.

Julgavam o caso por coisa de encantamento; porque não tinham inda visto milagres. Mas logo começou a carregar sobre os hombros pesos tamanhos, que só parecia querer fazer a ponte toda.

Espalhou-se a nova, correu por todo entre Douro e Minho.

e atribuladas que pediam a restituição dos entes mais caros ao coração humano.

Eram immensas e inexprimiveis dôres! E a mãe do céu ouviu-as. Seus pais, seus filhos, seus maridos, chegaram a porto de salvamento.

E ellas tiveram a mais rara de todas as virtudes—a gratidão, embora a manifestassem por um modo proprio de mulheres illiteratas, mas não de socias de academias de sciencias.

Mas que bello espectaculo apresentava a Boa Viagem, no dia em que immensa chusma de povo contemplava a sahida d'aquella frota, que do porto de Lisboa no primeiro do corrente (diz-nos a *Gazeta de Lisboa*, a

---

Acarretava bandos de gente a curiosidade e não havia homem cobarde com tal trabalhador diante. Assim se cobriram aquelles montes de trabalhadores, querendo todos dizer, quando tornassem ás suas terras que tiveram parte e merecimento no edificio e juntamente gozarem da vista e maravilhas do Santo.»

E a obra foi levada ao cabo, e as bellezas do estylo do grande chronista dominicano são dignas de ser lidas na Parte III da Historia de S. Domingos.

Fr. Luiz de Sousa attribue a milagres o acabamento da ponte sobre o Tamega: porém mesmo sem intervenção de milagres ella poderia ser levada a remate.

De muitos frades sabemos que foram admiraveis artistas, e o conde de Raczynski no seu Diccionario dos artistas portuguezes falla dos seguintes frades:

O jesuita Manuel Alvares, pintou o quadro que representava a conversão de S. Paulo, quadro que se encontrava no Collegio dos Jesuitas em Goa.

No convento do Espinheiro, perto de Evora, havia retratos pintados por um jeronymo, fr. Carlos.

Alexandre de Gusmão, jesuita no Brasil, gravou um Nascimento de Christo, ao qual o referido conde tece elogios

O carmelita fr. Bento Contreiras foi um illuminador notavel, e residia no convento do Carmo em Lisboa.

A franciscana soror Maria no convento das Chagas em Lame-

pag. 290 do primeiro semestre de 1747) formando uma esquadra de 5 naus de guerra, o rei, D. João V mandava ao Estado da India! Por commandante d'ella ia Columbano Pinto da Silva, que serviu na guerra da Catalunha com distincto valor, e se achava ultimamente no posto de sargento-mór do regimento de infanteria da villa de Vianna, na provincia do Minho; e Sua Magestade attendendo aos seus serviços e merecimentos o promoveu ao de brigadeiro dos seus exercitos, fazendolhe mercê do fôro de fidalgo da sua casa para elle, e para seu sobrinho Jeronymo Pinto da Silva, que achando-se alferes de infanteria, passava por mercê do mes-

---

go, pintou o painel de Nossa Senhora e S. José, e fez os dourados d'este mesmo altar.

O jesuita Domingos da Cunha pintou mais de cincoenta quadros.

O dominicano Henrique de S. Jeronymo, pintou em Evora varios paineis.

O theatino Guarini, architecto, dirigiu em Lisboa as obras do convento dos Caetanos, edificio onde hoje está o Conservatorio

O jesuita Manuel Henriques era pintor.

O trino Francisco da Piedade fazia imagens de barro.

O loyo fr. Manuel da Purificação tambem era illuminador.

O grillo portuguez fr. Domingos Rodrigues foi para Salamanca, onde assentou sua residencia e fez varios quadros. O conde de Raczynski, a pag. 249 do seu Diccionario, diz que era bom colorista e desenhador correcto.

O padre do Oratorio Bartholomeu Quintella foi quem dirigiu as obras do theatro das Laranjeiras. (pag. 254).

Quem ha que ignore o merecimento do nosso grande Sequeira! Pois foi monte na Cartuxa.

O bento de Tibães fr. Joseph da Appresentação estudou pintura em Roma, e quadros seus existiam em Tibães e em Santo Thyrso.

O bento fr. João Turriano dirigiu a construcção das principaes capellas das cathedraes de Vizeu e do mosteiro de Alcobaça.

mo senhor a sargento-mór de um dos terços auxiliares da provincia do Minho, de que era mestre de campo Gaspar Malheiro Theimam, e ia embarcado na nau Madre de Deus.

A segunda nau se chamava nossa Senhora da Caridade, e levava por seu commandante Diogo Joaõ de Serpa Pinto e Noronha, que servindo de ajudante de um dos regimentos da côrte, fôra promovido ao posto de sargento mór d'esta expedição; e em attenção ao seu merecimento e á qualidade de seus avós, lhe fizera S. Magestade a mercê do fôro de moço fidalgo (que elles tiveram) com o habito da Ordem de Christo, e oitenta mil réis de tença, alem de outra de 200 mil réis pelos serviços de seu pai Alvaro José de Serpa de Souto Mayor, que servira muitos annos nas tropas de Sua Magestade até o posto de tenente coronel.

A terceira, *N. Senhora do Vencimento*, de que foi por commandante o capitão de mar e guerra Guilherme Kinsey, inglez, que servia n'este reino; e capitão-tenente Francisco Ferreira dos Santos.

A nau *Bom Jesus de Villa Nova*, capitão-tenente José Correia, e a nau da viagem ordinaria *S. Francisco Xavier*, de que ia por capitão José da Costa. Iam embarcadas n'estas naus para servirem n'aquelle Estado quinze companhias de infanteria, em que havia duas de granadeiros, a primeira do capitão Antonio de Frias Castello Branco, de que ia por tenente Luiz de Vasconcellos de Almeida Castello Branco e Loureiro, fidalgo da antiga casa de Mossamedes, a quem S. Magestade fizera mercê do foro de fidalgo da sua Casa, com a do habito de Christo, e por alferes Manuel Vidal de Arouche.

Da segunda era capitão Ignacio Rebello Pereira; tenente, Francisco Correia Lopes; alferes, Francisco Peres.

As treze companhias eram d'infanteria ligeira.

Da primeira era capitão Miguel Vicente Xavier Furtado de Castro Rio e Mendonça ; tenente Mario Antonio Monet de Monteauri, e alferes João Leandro Riviera.

Da segunda: capitão, Antonio Carlos Xavier Furtado de Castro Rio e Mendonça; tenente, Pedro Merchilles; alferes, Antonio José Pereira de Eça.

Da terceira: capitão, Manuel Antonio Daça; tenente, Francisco Xavier Daça; e alferes, D. Luiz de Aguilar.

Da quarta: capitão, Luiz Cesar de Menezes; tenente, Henrique Carlos Henriques; alferes, Francisco Monteiro de Moraes Tello.

Da quinta: capitão, João José de Brito; tenente, José de Seixas Neves; alferes, Pedro Nunes de Abreu.

Da sexta: capitão, José Correia de Castilho; tenente, Antonio Alvares de Andrade, alferes, João Ignacio de Brito.

Da setima: capitão, João Nunes; tenente, João Francisco; alferes, Victorino Antonio de Menezes.

Do oitavo: capitão, João Pedro de Castro; tenente, Estevão Pereira de Castro, alferes, Manuel Ignacio de Carvalho.

Da nona: D. Angelo de Mendonça Furtado; tenente, Antonio da Silva de Miranda; alferes, Francisco Botelho.

Da decima, capitão Antonio Cardoso Gissarro, tenente Francisco Pinto de Vasconcellos, alferes José Antonio de Unhão.

Da undecima; capitão, Sebastião de Azevedo e Brito; tenente, Luiz de Figueiredo; alferes, José de Sousa Campelo.

Da duodecima ; capitão José Ignacio Coelho com a graduação e soldo de granadeiro em a primeira companhia que vagasse; tenente José Joaquim de Mesquita; alferes, Francisco de Sousa de Menezes e Mello.

Da decima terceira, capitão Antonio Marçal de Almeida Pimentel; tenente, Hipolito Sanches; e alferes Luiz de Almeida Pimentel.

Nos postos de sargentos do numero, e supras iam empregadas muitas pessoas de distincta nobreza, como eram tambem muitos dos soldados particulares. E havia muitos annos (accrescenta o Gazeta) que não passava á India gente tão luzida, como n'esta expedição, em que ia juntamente por coronel engenheiro o barão de Tamm; por sargento-mór João Paschon Pessinga, e os capitães engenheiros Manuel Garcia Pereira, José de Aguiar de Almeida e Aboim, e D. Clemente Valençuela.

Tal era frota que sahiu, em direcção á India, da foz do Tejo, no dia 1 de abril do anno mencionado.

A. Gazeta de Lisboa de 30 de maio de 1747 diz-nos o seguinte a pag. 432:

«No dia 14 d'este mez partiu para a America a frota portugueza que se compunha de 22 navios de commercio, para o Rio de Janeiro: de 8 para o Maranhão e Grão Pará: de 2 para Santos, e 1 para Angola: todos comboiados pelas duas naus da guerra Nossa Senhora das Necessidades, e Nossa Senhora da Nazareth; a primeira commandada pelo capitão de mar e guerra João da Costa Brito, que é o Cabo da frota, a segunda pelo capitão de mar e guerra Henrique Manuel de Miranda e Padilha, que vae servindo de almirante.

No dia 11 de fevereiro entraram no porto d'esta cidade as naus Santo Antonio e S. Vicente, ambas da Religião de Malta. A de Santo Antonio, de 60 peças; e a de S. Vicente de 50, sendo commandantes, da primeira o cavalleiro ir. Antonio de Abreu, e da segunda o cavalleiro de Laumont.

A 16 entrou a Nau S. João, de 60 peças, commandada pelo commendador D. João Gastão Laparelli.

Sabbado 25 se lançou felizmente ao mar uma nau de 70 peças, fabricada no estaleiro da Ribeira das naus d'esta cidade, a que se poz o nome de Nossa Senhora das Necessidades.

Em 28 de abril de 1746 [1] partiu para a Bahia de todos os Santos uma frota mercantil de 17 navios, commandada pelo capitão de mar e guerra Duarte Pereira na nau de Nossa Senhora da Gloria, que lhe serve de comboy, na manhã do sabbado, 23 do corrente. No mesmo dia e com vento favoravel partiram para a India as duas naus, S. Francisco Xavier, commandada pelo capitão Filippe de Proença, e Nossa Senhora da Misericordia, de que vae por capitão Francisco de Mello de Castro, filho de Caetano de Mello de Castro, Vice-Rei, que foi do mesmo Estado.

Desde o dia 23 até 29 de janeiro entraram no porto d'esta cidade 10 navios, hollandezes, dinamarquezes, suecos e inglezes, carregades de trigo, centeio e farinha: e sahiram varios navios com frutas, vinho, sal, couros e varias encommendas para differentes partes.

Acham-se surtos n'este rio 65 navios de commercio, e 2 naus de guerra da nação ingleza, entre estes, 19 prezas: 53 navios de commercio hollandez, e uma nau de guerra da mesma nação: 14 suecos, 10 hamburguezes, 9 dinamarquezes, 4 lubequezes, 2 hespanhoes, 1 francez para vender, 1 napolitano, 1 genovez: e n'esta semana entraram mais dois italianos.[2]

Entrou no rio d'esta cidade nos dias 1, 11, 12, 18, 20, 21 e 22 a frota do Rio de Janeiro, que sahiu d'aquelle porto em 14 e 15 d'outubro, composta de dez navios

---

[1] *Gazeta de Lisboa*, 1746, pag 339.
[2] *Gazeta de Lisboa*, 1746, pag 112.

de commercio, comboiados pela nau de guerra Nossa Senhora da Piedade, de que veio por commandante o capitão de mar e guerra Francisco Soares de Bulhões, fidalgo da casa de S. M.[1]

No dia 29 e 30 do mez de agosto (1745) entrou no porto d'esta cidade com 86 dias de viagem a frota da Bahia de todos os Santos, composta de 33 navios mercantes, de que pertencem onze aos commerciantes da cidade do Porto; comboiados todos pelo navio de guerra Nossa Senhora da Gloria, em que veiu por commandante o capitão de mar e guerra Antonio Pereira Borges.

Veiu tambem na sua conserva a nau da India S. João e S. Pedro, de que veiu por capitão Fernando Coelho de Mello, havendo sahido de Goa havia 18 mezes e 20

---

[1] *Gazeta de Lisboa*, de 1 de fevereiro de 1746.

Lord Beckford, que no dia 2 de junho de 1747, esteve em S. José de Ribamar, diz-nos o seguinte, nas suas preciosas cartas, acerca d'este mosteiro: «O edificio é irregular e pittoresco, levantado n'uma eminencia ingreme, tendo nas costas sua mattinha d'olmos, louros e olaias. Fomos recebidos pelos frades risonhos e simples, n'um pequeno pateo dos claustros sustentados em pesadas columnas toscanas. No meio um repuxo borrifando a profusão das flores, dava um aspecto oriental a esta pequena claustra, que excessivamente me agradou; os frades pareciam conscios de seu merecimento, porque a conservavam soffrivelmente limpa, que é o mais que posso dizer do seu jardim.

Trepadeiras e aloes anões quasi impediam a passagem para a matta, delicioso retiro, refugio e conforto de metade dos passaros d'aquelles contornos, graças á preguiça fradesca, os arbustos estão por tosquiar, e invadem á vontade as ruas, que ficam sobranceiras ao mar, de um modo assaz romantico.

Os frades quizeram mostrar-nos o seu jardim, que é um bonito terraço, bem calçado de tijolo; entremeado de lavores n'um estylo, que eu conjecturo tão antigo como o dominio dos mouros em Portugal; limoeiros e larangeiras em latadas forram os muros, e tem quasi tomada a melhor parte de um lustroso embre-

dias, por haver arribado a Moçambique, onde esteve 6 mezes, e chegando á Bahia em 29 de fevereiro d'este anno.

Traz esta frota, alem do ouro e topazios, 13:441 caixas, 1:729 feixes, e 1:088 caixas de assucar: 10:940 rolos de tabaco; 9:260 quintaes de pau brazil: 105:739 meios de sola: 16:694 couros em cabello; e 2:795 atanados: 883 milheiros de coquilho, madeiras, marfim e outras cousas.

Segunda feira, 10 de maio de 1745, partiu do porto d'esta cidade com um vento favoravel uma frota de 17 naus de commercio para o Rio de Janeiro, comboiada por duas naus de guerra, de que vae por commandante da nau de Nossa Senhora da Piedade, Francisco Soares de Bulhões, fidalgo da Casa Real, e capitão de mar e guerra das naus da Corôa.

---

xado, em que o incrustara um reverendo padre ha dez ou doze annos; pratos da China e pires, que o circumdam, compõem o principal ornamento.»

Em outubro de 1744 foi a rainha com a princeza visitar o convento das Albertas, onde se fazia a festa do braço de Santa Thereza de Jesus.

A rainha e princeza, com a princeza da Beira e infantas foram visitar no dia 29 de setembro a egreja do real mosteiro de Belem, e ali assistiram ás vesperas solemnes da festa, que os monges do mesmo mosteiro celebravam em honra de S. Jeronymo.

Na quinta feira seguinte visitou el rei a egreja da madre de Deus em Xabregas.

A 27 de agosto foi el-rei João V a S. Vicente de Fóra para assistir ás vesperas de Santo Agostinho, e foi tambem no dia seguinte á festa.

No mesmo dia 26 foi a rainha e a princeza á Graça; tambem por ser vespera de Santo Agostinho. E na sexta feira foram a S. Vicente de Fóra.

Na quarta feira 12 de agosto, dia de Santa Clara, visitaram a egreja do convento da Madre de Deus, a rainha e princeza, e princeza da Beira, e as infantas.

Pelo navio que ultimamente chegou da Bahia, se receberam cartas de Moçambique, com a data de 27 de julho do anno passado, pelas quaes se soube haver arribado áquella ilha a nau da India, *S. João e S. Pedro.*

No dia 7 de março, domingo, entrou a frota do Rio de Janeiro, composta de 23 navios de commercio, e comboiada pela nau de guerra *N. S.ª da Conceição*, á ordem do capitão de mar e guerra, D. Manuel Henriques de Noronha, com 115 dias de viagem.

No dia 13 de dezembro de 1744 sahiu do porto d'esta cidade a frota da Bahia de todos os Santos, composta de 14 navios de commercio, comboiados pela nau de guerra *N. S.ª da Gloria*, sendo commandante o capitão de mar e guerra Antonio Pereira Borges. E eis porque para estes sitios corria povo immenso da capital e das immediaçõeo com o fim de verem a deslumbrante entrada e sahida de nossas garridas náus e galeões.

Quinta feira, por occasião de se celebrar a festa da Virgem Nossa Senhora, com o titulo de Senhora das Mercês visitaram a egreja parochial d'este nome, a rainha e princeza, com a princeza da Beira e as infantas suas irmãos.

No mesmo dia entrou no porto d'esta cidade a nau N. S.ª da Conceição e Lusitania, de que veiu por capitão José da Costa Ribeiro, e que em anno e meio que prefaz no dia 27 do corrente, foi ao Estado da India, fez seu negocio em varios portos do Oriente, e entrou no d'esta cidade, sem haver perdido mais que um só homem de equipagem, com que sahiu d'este porto, por doença natural.

Quinta feira, 25 do junho de 1744 se lançou ao mar uma nao nova de 60 peças, entregue á protecção de Nossa Senhora da Nazareth.

Chegou da Bahia de todos os Santos, com 76 dias de

viagem, e carregamento mui importante, a nau de licença em 9 d'este mez de junho.

Quinta feira partiu para o Rio de Janeiro a nau de guerra Nossa Senhora da Lampadosa, commandada pelo capitão de mar e guerra José Soares de Andrade; e no domingo 31 partiu a frota destinada para o mesmo porto, commandada pelo capitão de mar e guerra D. Manoel Henriques de Noronha, em a nau de guerra Nossa Senhora da Conceição.

No domingo, 5 do corrente, partiu do porto d'esta cidade para Pernambuco uma frota mercantil de doze navios, a que servia de capitania a nau Campelo. Com ella partiu em direitura para a ilha de S. Thomé um navio, em que foi embarcado para a sua Diocese o Ex.^mo^ e Rev.^mo^ D. Fr. Luiz da Conceição, religioso da Ordem dos Descalços de Santo Agostinho, bispo da mesma ilha de S. Thomé.

Domingo 29 partiram do porto d'esta cidade para o Estado das Indias as duas naus de guerra Madre de Deus, e Nossa Senhora da Caridade. Da primeira vae por commandante o capitão de mar e guerra Antonio de Brito: da segunda o capitão de mar e guerra Hilario Gomes Moreira, ambos experimentados n'esta navegação. Embarcou-se na primeira nau o marquez de Castello Novo, que vae por vice rei e capitão general do Estado da India. Na segunda D. Frei Lourenço de Santa Maria, arcebispo de Goa, e primaz das Indias Orientaes.

A 19 de janeiro entrou no porto d'esta cidade a frota da Bahia de todos os Santos, composta de 38 navios de commercio, commandados pelo capitão de mar e guerra Francisco Soares de Bulhões, commandante da fragata Nossa Senhora da Gloria; e na mesma conserva chegaram as duas naus Nossa Senhora da Conceição e

S. Francisco Xavier, que haviam partido do porto de Goa no mez de janeiro do anno passado, e surgiram na mesma Bahia, d'onde se fizeram á vela para este reino a 4 d'outubro.

Na terça feira, 11 de dezembro de 1742, entrou no porto d'esta cidade com 81 dias de viagem a frota do Rio de Janeiro, composta de 16 navios de commercio com carga mui importante, comboiada por duas naus de guerra, e por seu commandante o capitão de mar e guerra, D. Manuel Henrique de Noronha.

Em 11 de dezembro entraram no porto d'esta cidade, desde 25 de novembro até o primeiro de janeiro, 26 navios com trigo, cevada, manteiga, arroz, carne e outras fazendas; e sahiram quinze com sal, tabaco, assucar, e outros generos, e ficaram ao presente surtos n'este rio 79 inglezes, em que entram seis de guerra: dez hollandezes de commercio, e dois de guerra. Oito francezes, quatro maltezes, tres hespanhoes, dois dinamarquezes, um imperial, um sueco, um veneziano, um hamburguez e um dantzikano.

N'uma quinta feira d'outubro sahiu d'este porto a frota destinada para Pernambuco, composta de sete navios de commercio, comboiados pela nau de guerra *Nossa Senhora da Boa Viagem*, commandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Borges da Costa; e na mesma companhia foram dois para Paraiba, dois para Angola, um para Cacheu e Cabo Verde.

No dia 3 de julho diz a Gazeta: a frota destinada para a Bahia de todos os Santos, composta de 19 navios de commercio, se acha pronta a sahir.

Domingo 29 d'abril partiram para o Estado da India duas naus com soccorro de dinheiro e gente.

Quarta feira 11 do corrente sahiu do porto d'esta cidade uma frota mercantil, destinada para o Rio de Ja-

neiro, composta de 32 navios comboiados pela nau de guerra Madre de Deus, commandada pelo capitão de mar e guerra D. Manuel Henriques de Noronha. Com a mesma frota partiram tres navios para o porto de Santos, e tres para Angola, e dois para a Bahia.

Em a nau S. Pedro e S. João, sahida em 14 de março para Macau, embarcou tambem para aquella diocese seu bispo D. fr. Hilario de Santa Rosa, e alguns padres missionarios.

Na quinta feira 22 do corrente sahiram do porto desta cidade os navios que chegaram nas ultimas frotas pertencentes aos negociantes da cidade do Porto, comboiados pelo capitão de mar e guerra Francisco José da Camara, na mesma nau em que tinha vindo de Pernambuco.

Depois de haver chegado no dia 22 do mez passado a frota do Rio de Janeiro com carga de assucar, sola, couros em cabello, marfim, barbas de baleia, azeite de peixe, pau brazil e outras madeiras, comboiada por duas naus de guerra, a *Madre de Deus* e a *Lampadosa*; entrou a da Bahia de todos os Santos a 23 e 24 composta de 32 navios, de que 3 pertencem aos commerciantes da cidade do Porto, commandados todos pela nau de guerra *Nossa Senhora da Gloria*, á ordem do capitão de mar e guerra D. Manuel Henriques de Noronha, fazendo as funcções de almirante a nau *S. Fructuoso* e *S. Felix*, com viagem de 94 dias, e carga de assucar, tabaco, sola, couros em cabello, madeira, escravos e outros generos.

No ultimo paquebote da Graã Bretanha (diz a Gazeta de 1741, a pag. 504) vieram cartas da India Oriental, chegadas nos navios inglezes que surgiram em Leith, na costa da Escocia, e nellas a noticia de que o ill.^mo^ e ex.^mo^ marquez de Louriçal, que em 7 de maio de 1740

sahiu de Lisboa com uma esquadra de 6 navios para o Estado da India, que foi governar segunda vez com o mesmo titulo de vice-rei, seguira a 13 de outubro com a sua nau, e com a de *N. S. do Carmo* (em que ia por commandante o sargento-mór de batalha D. Francisco Xavier Mascarenhas) para a bahia de Santo Agostinho, situada na ilha de S. Lourenço, a 23.º da parte do sul; e que depois de convalecida, e refrescada a sua gente, proseguira a 9 de novembro a sua viagem para a India

A 14 de setembro entrou no porto desta cidade a nau *N. Senhora da da Conceição*, vinda do porto de Bengala, e costa de Coromandel, em 6 mezes e meio de viagem, e 14 dias da ilha do Fayal, onde surgio. Com a mesma nau entrou tambem a de guerra *S. João* e *S. Pedro*, commandadas pelo capitão João da Costa Brito, que tinha sahido a percorrer a costa.

De 9 até 17 do corrente entraram no porto d'esta cidade 21 navios de varias nações, a saber: 12, inglezes; 3, francezezes; 3, hollandezes; 1, genovez; e 2, portuguezes, com trigo, cevada, farinhas, biscoito, bacalhao, arroz, ferro, aduella e outras fazendas. E se acham surtos no porto d'esta cidade 29 inglezes, 16 hollandezes, 9 francezes, 5 maltezes, 3 suecos, 3 venezianos, 3 genovezes e 1 hamburguez.

No ultimo dia do mez de maio sahiram d'este porto para o Estado da India cinco naus de guerra a saber: Nossa Senhora da Penha de França: que vae servindo de capitania, e por commandante Antonio de Saldanha de Albuquerque Castro e Ribafria que vae por cabo de toda a esquadra, S. Francisco Xavier [1], de que vae por

---

[1] *Gazeta de Lisboa*, do anno 1741. pag 285.

capitão Guilherme Beloe, e vae servindo de almirante S. João Baptista, capitão Diogo Tolin, que vae por fiscal; Nossa Senhora da Barraquinha, capitão Antonio Rodrigues Lisboa ; e Nossa Senhora da Estrella, capitão Antonio dos Santos Branco. Com as mesmas naus, que sahiram com vento mui favoravel, foram tambem seis navios para o Maranhão e Pará; dois para Angola : dois para a Ilha da Madeira, e um para Mazagão.

Entraram no porto d'esta cidade no dia 6 em 89 dias de viagem da Bahia de todos Santos a nau de guerra Penha de França, que tinha ido comboiar as tres segnintes, a saber : a nau Conceição. vindo de Gôa, donde tinha sahido havia tres mezes e 24 dias, por se haver detido sete mezos na Bahia; a nau S. Francisco Xavier, novamente fabricada na Bahia, e a nau S. Pedro e S. João vinda de Macau, e costa de Coromandel com quinze mezes, havendo-se dilatado 74 dias na Bahia.

Entrou do porto d'esta cidade a 23 de março a nau de guerra portugueza S. João Baptista, commandada pelo capitão Gaspar de Antas de Mendonça, vindo de Londres com 12 dias de viagem. No mesmo dia entrou tambem o hyate Senhor do Bomfim, vindo da Bahia de todos os Santos em 75 dias.

A 12 sahiu do porto d'esta cidade para a Bahia de todos os Santos a nau de guerra Nossa Senhora da Lampadosa, commandada pelo capitão de mar e guerra João Pereira dos Santos; e n'ella foi embarcado o arcebispo da Bahia. Com a mesma nau partiu tambem para o Rio de Janeiro a nau Nossa Senhora das Candêas.

A 17 de fevereiro partiu d'esta cidade uma frota para o Rio de Janeiro, composta de 25 navios, comboiados pela nau de guerra Madre de Deus.

Desde 8 até 14 de janeiro entraram no porto d'esta cidade 5 navios portuguezes, tres do Estado do Mara-

nhão, e dois de Kork em Irlanda; 5 inglezes, em que entraram dois navios de corso; duas setias hespanholas, um francez, um sueco, e um hollandez.

Sahiram no mesmo tempo 11 inglezes, em que entram duas naus de guerra, a *Cumberlandia* e a *Dealcastle*, e um paquebote; 8 suecos que partiram para Setubal a buscar sal; 7 hollandezes, 3 francezes, e 2 portuguezes.

Além dos referidos sahiram tambem no dia 14 as frotas d'este reino, a saber:—a da Bahia, composta de 18 naus de commercio, e a de Pernambuco de 7, todas commandadas pelo capitão de mar e guerra D. Manuel Henriques de Noronha, embarcado na nau *N. S.ª da Gloria.*

Na companhia das mesmas frotas partiram 2 navios para Parahiba, 1 para Angola, 1 para Benguella, e outro para Cabo Verde. E ficaram á carga para o Rio de Janeiro 19 navios, e 1 para Angola.

Do exposto pode o leitor concluir que por aquelles sitios de Pedrouços e Ribamar havia não só vida, mas tambem animação, e mais do que actualmente.

A *Gazeta de Lisboa*, porém, não dava noticia de todo o movimento maritimo do porto de Lisboa, pois outro livro era destinado para um tal fim, e talvez só fallasse em entradas e sahidas d'embarcações, quando lhe faltava original para encher as paginas da *Gazeta*, mesmo porque por aquelles tempos nada se estampava sem previa leitura feita por auctoridades para isso destinadas. Eis porque o quadro, no tocante a movimento maritimo, não é tão vivo e attrahente, como na verdade o era por aquelle tempo. Mas não provinha a vida e animação d'aquelles sitios só do movimento maritimo, e dos quadros mais ou menos animados inherentes a um tal movimento.

A familia real estava continuamente animando aquelles sitios, e todos sabem que os festejos ás pessoas reaes, quando ellas appareciam, eram diurnos e nocturnos. As immensas girandolas de foguetes rompendo o azulado dos céus, o incessante repique dos sinos, as ricas illuminações, as dansas populares, as bandeiras e galhardetes, as cantorias, as fogueiras e os barris d'alcatrão, embora com sua luz enfumada, davam uma feição áquelles sitios, que não pareciam, sequer, os mesmos nos dias tristonhos dos temporaes. Mas tambem ás vezes taes alegrias e jubilos eram interrompidos pelas mães attribuladas, pelas esposas chorosas, pelos filhinhos orphãos, quando acabavam de saber que tinham na China, ou no Japão, na India ou em Marrocos, no Brazil ou no Paraguay, pois os portuguezes então percorriam ovantes todas as regiões e mares, perecido filhos, maridos, ou paes.

No meio de tão dolorosos gemidos e prantos, appareciam muitas vezes inesperadamente as pessoas reaes e em altas vozes tanto estas pessoas reaes como os frades, os orphãos e os circumstantes, resavam em voz alta por alma d'aquelles servidores, que em serviço da patria longe dos carinhos e afagos dos seus, tinham perecido, e seus ossos nem sequer n'uma egreja em Portugal se tinham podido ajuntar aos de paes, filhos, e parentes.

E com effeito os sitios de Belem, talvez por ser ainda caminho pelo qual entravam e sahiam muitas glorias, eram então o iman da familia real portugueza. [1]

---

[1] O convento de S. José de Ribamar foi fundado por D. Francisco de Gusmão e por sua consorte D. Joanna de Blasbelt, aia da infanta D. Maria, meio quarto de legoa, junto ao mar, para a da parte de Lisboa. E' fr. Antonio da Piedade que assim o diz a pag. 224 da sua Chronica da Arrabida, em 2 volumes in folio, e continua dizendo :

Mas outro iman, não menos attractivo, havia por aquelles sitios para a familia real, eram os mosteiros e egrejas, onde as festas ruidosas, e tanto diurnas como nocturnas, eram continuas, eram incessantes.

Sabbado 15 d'agosto de 1744, visitou a familia real a egreja de S. Roque, por ser vespera da festa do mesmo Santo. Depois foi á egreja do noviciado da Compa-

---

Corria o anno de 1569, quando se lançou a primeira pedra na egreja, que foi dedicada a S. José.

As cellas eram muito estreitas e pobres, divididas umas das outras por barro, vimes, e palha. Junto á capella mór mandou fazer o cardeal infante D. Henrique tres casas para n'ellas assistir o tempo que a sua devoção o convidasse a procurar a companhia dos frades, como o fez repetidas vezes. Assim perseverou o convento até 1595, no qual, sendo a primeira vez provincial frei Antonio da Assumpção, com a sua industria e esmollas dos devotos, renovou as officinas; no claustro poz as columnas, e o mandou forrar de madeira.

Na segunda vez que foi promovido á mesma dignidade o bispo inquisidor geral D. Pedro de Castilho, lhe mandou fazer a sachristia, e reedificar a casa do cardeal; mas, como deixasse uma porta aberta para a cerca, que dava serventia aos creados que n'ellas faziam assistencia, causou alguma turvação aos religiosos, pelo que, havendo dissenções entre uns e outros, não se applacaram sem litigio judicial, e se deu sentença que lhe pagasse a Provincia as bemfeitorias que importavam em seis centos mil reis. Não faltaram logo devotos, que, com suas esmollas, promptamente os satisfizeram. O arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro deu trezentos mil réis: o padroeiro D. Luiz de Portugal 50; e outros o restante, entre os quaes offereceu Anna Ferreira espontaneamente 60 mil réis.

Era esta mulher muito virtuosa, e temente a Deus, e na devoção que tinha ao habito arrabido, poucos a excediam.

Sendo viuva tinha o trato de padeira, e, tudo quanto adquiria era para distribuir em esmolas por este convento: e todas as vezes que os provinciaes necessitavam alguma pecuniaria, ella os remediava, como se viu n'esta occasião e em muitas outras, que por ser a sua devoção tão conhecida, lhe deram licença para se

nhia de Jesus, onde se festejava a Assumpção de Nossa Senhora. Assim o diz a Gazeta.

Na quinta feira visitaram o convento das religiosas de S. Bernardo, por ser dia de festa do mesmo Santo.

Na sexta feira visitaram outra vez S. Roque.

No dia 4 foi a rainha visitar a real egreja de S. Domingos.

Na quarta feira visitou o principe a egreja dos padres

---

enterrar n'este convento, e por sua morte fizeram na Provincia os suffragios que se costumam fazer pelos pais dos religiosos, graça, que, por se conceder n'aquelle tempo a poucos, e de maior esfera, inculcava o seu grande merecimento.

Quando a Custodia se levantou em Provincia, foi n'este convento celebrado o primeiro Capitulo. E a casa foi para tal fim construida em 1617, sendo provincial fr. Fernando de Santa Maria. Aproveitou-se para este fim, e para fazer a aboboda da egreja, das esmolas de D. Diogo da Silva, conde de Talinas, marquez d'Alemquer, duque de Franca Vila, e Vice rei n'este Reino. Os dormitorios foram depois accrescentados.

Contribuiram para estas obras D. Maria de Madureira, mulher do doutor Balthasar de Azevedo; o irmão Vicente João, contractador, fazendo tambem á sua custa carneiro no lanço do claustro, entre a sacristia e capitulo. E' este convento habitado dos padres mais graves da Provincia : e conduz muito para ser tambem repetidas vezes procurado dos cavalheiros da Corte, o reconhecerem o sitio muito aprazivel. E assim estão as hospedarias quasi sempre occupadas, substituindo uns aos outros na assistencia. A cerca se vê hoje ampliada com um formoso pomar de varios fructos e parreiras. Conserva com tudo desde a sua creação um bosque de arvores silvestres, divididas em ruas, as quaes com o curioso desvelo dos religiosos, servem a todos de divertido passeio, porque embargando no enlaçado dos ramos ao Sol os raios, com que fere no estio, só offerece na fresca verdura de suas folhas o delicioso, com que recrea. Não custou pouco aos prelados a condução da agua das terras visinhas em que se descobriu ; é, porém, tanta a sua abundancia, que repartida em duas curiosas fontes, nunca estas se viram livres das nascentes.

da Divina Providencia, onde os padres celebravam as vesperas de S. Caetano, e no dia seguinte a visitou tambem a rainha com a princeza da Beira e infantas. E é de suppor que tambem bebebesse agua pelo pucarinho do santo.

Na terça feira a princeza foi visitar a milagrosa imagem de Nossa Senhora do Livramento, na egreja dos

---

Uma as administra para o serviço da communidade, e a outra as recolhe em um formoso tanque, para com ellas se regarem a horta e pomares. Aos dous lados d'este tanque estão duas ermidas, em uma se venera o nascimento de Christo em um Presepe, no qual competindo a curiosidade com a perfeição nas figuras, que o compõem, declaram o artifice por insigne, e que a arte n'elle se ostenta com as infamias de peregrina, por decifrar em tosco barro tanto ao vivo as naturaes acções dos que representam. A outra é dedicada a Nossa Senhora da Quietação: era antigamente uma muito pobre e pequena cella do veneravel fr. João de Aguila, e depois da sua morte a converteu em ermida fr. João das Chagas, o flamengo, e n'ella está sepultado.

Entre o tanque e os alegretes, em que se criam varias flores, á sombra das arvores, que compõem o bosque, media um bastante taboleiro de terra, e n'elle para maior recreação dos sentidos, costumaram e costumam merendar as pessoas reaes as vezes que vêem ao convento. A Serenissima Rainha da Grã Bretanha D. Catharina, querendo continuar em Portugal as honras que nos fazia em Inglaterra, no anno de 1694, determinou um dia para assistir todo comnosco, e nos fazer participantes de sua regia liberalidade; e com effeito nos mandou dar de jantar, e n'este logar com as suas damas tambem jantou e merendou. Singularisou-se com tudo mais n'este favor el-rei D. João V. No anno de 1712, querendo gozar fóra da Côrte do delicioso tempo da primavera, escolheu com approvado acerto, para a satisfação do seu desejo, a quinta, que o duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira tem no logar de Pedrouços. Todos os dias a impulsos da sua devota inclinação, e benigno agrado com que nos trata, vinha assistir comnosco no Côro ás Matinas, por cuja causa se rezavam á prima noite, e o mesmo fazia tambem pela manhã ás horas diurnas. Para mais nos obrigar com os seus regios favo-

Religiosos Trinos em Alcantara, e na volta visitou a egreja dos religiosos de S. Francisco de Paula.

As noticias de Lisboa, em 9 de julho, dizem que foram a rainha e princeza visitar a ermida de Luiz Gonçalves da Camara, e que depois vieram á Madre de Deus, onde ouviram a ladainha cantada pelas freiras.

A 29 de julho a rainha, princezas, a princeza da Bei-

---

res determinou jantar um dia na communidade; e, para esse effeito, elegeu o de doze do mez de maio, não querendo que a disposição e tempero das iguarias corresse por conta de outrem mais que dos nossos frades. E assim tangendo se na hora competente ao refeitorio, junta a communidade, se incorporou n'ella com os senhores infantes D. Antonio e D. Manuel; e, depois de feitas as ceremonias da benção da meza, se sentaram todos. Fez signal ao Leitor, e principiando-se a servir á meza ordenou aos fidalgos que se retirassem, ficando sòmente com os religiosos, e n'esta fórma observando os santos costumes da Provincia em tal acto, de sorte que atè não quiz comer senão na tabua nua: satisfez ao seu gosto e ao nosso. E acabada a meza, dando a Deus as graças, lhe beijaram todos os religiosos a mão pela tão grande honra que lhes fizera. A mesma mercê continuou até ao presente todos os annos, por dia do Serafico Patriarcha.

E' esta Igreja entre as outras dos mais conventos a que melhor declara pela sua pequenez o aperto do nosso Estatuto, o qual dispõe que não tenham de cumprido da porta até á parede do altar mór mais de oitenta palmos, pela qual medida se não regula, por ser mais breve. Dispensou-se com tudo o mesmo Estatuto, que tambem ordena, que retabolos dos Altares sejam chãos quanto á mercenaria, e com pouco ou nenhum ouro, porque nos tres, que a adornam, se admiram os retabolos da primorosa fabrica de talha, onde o ouro brilha sobre a côr parda em que assenta. No altar mór aos dois lados do Sacrario se adorão as soberanas imagens de Maria Santissima em sua Conceição Immaculada, e a de seu amado esposo S. José, em cujo peito se admira gravado um precioso relicario, que deposita bastante porção da capa, que o Santo trazia vestida. É a dadiva, com que desempenhoua sua devoção o Eminentissimo Cardeal da Cunha, vindo

ra, e as infantas, foram ao Collegio dos Inglezinhos para assistirem á festa de S. Pedro e de S. Paulo.

Depois foram na segunda feira a rainha e princeza ao convento de Marvilla para honrarem com sua assistencia tres filhas de Luiz Gonçalves da Camara; e na sexta feira 19 foram, acompanhadas de toda a côrte, á egreja do Noviciado dos Religiosos da Companhia de

---

de Roma no anno de 1733, e a bulla authentica a deu tembem para o Archivo do convento.

A festividade d'aquella corre por conta da devoção do conde d'Aveiras João da Silva ; e a festividade do Santo foi, e é empreza dos condes de Santa Cruz, hoje marquezes de Gouvea. No retabolo em quatro nichos se veneram tambem as imagens do nosso Padre S. Francisco, a quem applaudia no seu dia o provedor da Alfandega proprietario; a de Santo Antonio, cuja festa desempenha o Conde de Castelmelhor ; a de S. Luiz, bispo de Tolosa, de quem se não descuidam os marquezes de Niza, para o applaudirem no seu dia ; e a de S. Pedro de Alcantara, que se contenta com a solemnidade da Provincia.

A imagem de S. José deu a este convento D. Filippa de Sousa, mulher de Diogo das Povoas, provedor que foi da alfandega de Lisboa, e logo que a collocou no altar implorou o seu patrocinio para lhe alcançar de Deus a successão, que pertendia e estava já desconfiada de ter; conseguiu o despacho, dando-lhe o Santo um filho, que se chamou Luiz das Povoas, e lhe succedeu no morgado. A mesma supplica lhe tem feito e fazem muitas pessoas, reconhecendo para o despacho d'ella poderosa a sua protecção. A ella confessava a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya dever a feliz successão, que dera ao reino na serenissima princeza D. Isabel Luiza Josefa, para cujo desempenho lhe prometteu uma novena de sabbados, e dando-lhe o cumprimento em um d'elles, parece lhe quiz dar o Santo alentos á esperança que tinha de conseguir o que tão anciosamente desejava, pelo que succedeu. No mesmo tempo fazia tambem uma fidalga titular a mesma diligencia e novena; no segundo sabbado, vindo mais cedo que a Rainha, achou a porta da egreja fechada, e indo o porteiro abril a nunca foi possivel querer a chave pegar nas guardas da fechadura, e por mais que porfiasse, sempre dava a

Jesus, no sitio da Cotovia, continuando a sua devoção das sextas feiras do patriarcha S. Ignacio.

Não consta que fossem as pessoas reaes ao capitulo provincial dos religiosos da Ordem da Santissima Trindade, celebrado a 9 de maio no convento de Lisboa, onde foi eleito com applauso universal, para ministro provincial, fr. João da Cruz.

Na sexta feira Santa (anno de 1744) as magestades

---

volta da mesma sorte, como se nunca n'elle servisse para tal ministerio; até que a fidalga fazendo a oração do alpendre se voltou para casa desconsolada.

Antevendo o porteiro, que succederia tembem o mesmo, quando viesse a rainha, quiz arrancar a fechadura; chegando porem, a dita senhora n'este tempo, e fazendo por demais a diligencia com a chave, se abriu a porta com muita facilidade, de que todos se admiraram, e moralisando o caso, negavam a uma o bom successo, que vaticinavam á outra; e a experiencia mostrou, porque a fidalga não teve successão, e a rainha a conseguiu com pasmosa promptidão.

Por este beneficio se mostrava muito agradecida ao Santo, e deu para o seu altar um ornamento de rica tela, e o mesmo queria fazer para os mais, que se não vira o muito que lhe custou o aceitarem-lhe somente este, que o fizeram os prelados apezar do estatuto, que o prohibe, por não encontrarem o fino e extremoso obsequio, que prestava ao glorioso Santo, sem duvida o teriam hoje tambem.

É o altar collateral, da parte da epistola, dedicado ao Precursor Divino, e n'elle em um Sacrario se guarda uma reliquia de S. Ciriaco Martyr: e toda a caveira.

No outro da parte do evangelho se adora ao Menino Jesus, em uma sua tão singular como prodigiosa imagem, dadiva, com que enriqueceu este convento o conde de Portalegre D. Diogo da Silva.

Com as reliquias de varios Santos ornou a sacristia Francisco Cardoso de Torneo, deputado do conselho geral do Santo Officio e conego na cathedral d'Evora. Escolheu-a para seu jazigo, e foi a grande devoção que nos tinha, a mais fina acredora de lhe conceder a provincia esta licença. Mandou-lhe fazer um altar

e altezas viram a procissão do enterro do Senhor, ordenada primorosamente pela irmandade dos Nobres, estabelecida na egreja dos Religiosos da Santissima Trindade.

Na sexta feira 20 do corrente viram suas magestades e altezas, da janella do paço episcopal, a procissão dos irmãos terceiros de S. Francisco da provincia dos Algarves, estabelecida na egreja do Menino de Deus. E

---

com seu retabolo de madeira dourado, e n'elle em oito meios corpos primorosamente estofados, collocou as reliquias de S. Rufino, Santo Archelea, S. Julião e S. Jorge, martyres: as de Santa Margarida, Santa Barbara, Santa Cecilia, e Santa Ursula, todas virgens e martyres. Occupam estas reliquias os dois lados de um nicho, que está no meio do retabolo, onde se adora a Christo Crucificado, e em outra cruz mais pequena outras reliquias, entre as quaes se admira a do Santo Lenho, e uma pequena parte do Santo Sudario. O corpo da casa se divide em duas ordens de caixões em correspondencia, sobre os quaes entre singulares pinturas se veem de cada parte dois meios corpos, tambem com reliquias: em uma as dos summos pontifices, S. Silvestre e S. Caio: e na outra as de S. Patricio e S. Braz, bispos e martyres. E as bullas de todos se guardam no Archivo.

Quando o referido Inquisidor morreu, pediu á Provincia que não se enterrasse n'esta sacristia outra alguma pessoa, senão passados dez annos do seu obito. Assim se observou, e depois de outros muitos se sepultou n'ella D. Francisco Manuel, sugeito de raro engenho, como o mostrou no livro, que compoz da vida do nosso Serafico Patriarcha, dando-lhe por titulo: *El mayor pequeño*, e a devoção que nos tinha, acreditou tambem com a dedicatoria, que do mesmo livro fez a esta Provincia.

Estavam enterrados em S. José de Ribamar as seguintes pessoas:

D. Francisco de Gusmão e D. Joanna de Blasbelt, fundadores e padroeiros.

D. João de Portugal, bispo de Lamego.

D. Maria d'Azevedo, primeira mulher do conde D. Luiz de Portugal.

depois foi o principe visitar a egreja dos monges de S. Bento, por ser vespera da festa do glorioso patriarcha.

A rainha e princeza deram fim, na quinta feira, á novena de S. Francisco Xavier, assistindo á sua festa na casa de S. Roque.

Nos mosteiros e conventos apresentavam os monges e frades á familia real excellentes beberetes. Para as ermidas e capellas, é possivvel que mandassem ir chocolate. Pelo menos, segundo assevera o nosso elegantissimo padre Manuel Bernardes a pag. 10 do tomo 1.º das suas *Novas Florestas*, na Hespanha era costume as pessoas que se iam confessar, levar chocolate para o tomarem logo depois da communhão, com o fim de não sentirem o incommodo da fraqueza.

No dia 24 de novembro de 1747 foram nos bergantins reaes a rainha, o principe, a princeza, e o infante

---

Os condes D. Miguel de Portugal, e sua mulher.
D. Maria d'Alemcastre, filha de D. Luiz d'Alemcastre.
D. Marianna de Vasconcellos, marqueza de Castello Melhor.
D. Pedro Coutinho.
D. Diogo da Silva, 6.º conde de Portalegre, e seu irmão D. João da Silva.

O infante D. Luiz foi quem deu o terreno para a fundação em 1551 de Santa Catharina de Ribamar. Em 1568 deu-se a patente de padroeiro a Francisco da Silva, commendador de Alpalhão, a quem depois succedeo no titulo de padroeiro seu filho Manoel da Silva. Em 1601 tiveram licença do rei para mudarem o convento para outro sitio, por causa do antigo ameaçar ruina. Mas a primeira pedra para a nova egreja de Santa Catharina de Ribamar só foi lançada em 1643. Havia ali uma imagem de Nossa Senhora, trazida da cidade de Tanger. E tambem em uma custodia de filagrama de prata um pedaço do figado de S. Francisco Xavier. Fr. Antonio da Piedade: Chronica da Provincia da Arrabida, vol. I.

D. Pedro, á egreja dos religiosos arrabidos de S. José de Ribamar, por ser festa de Santa Catharina.

No dia 25 d'abril foram a rainha e princeza, com a princeza da Beira á mesma egreja, com o fim de assistirem á ladainha.

N'uma sexta feira de novembro foram a rainha e princeza visitar a egreja de Santa Catharina de Ribamar, por ser dia de festa da mesma Santa, e se achar alli o lausperenne, segundo nos diz a Gazeta do dia 29 de novembro de 1746.

No sabbado, 3 de março de 1742, foi a rainha a Belem visitar o Senhor dos Passos.

E na quarta feira foi a S. João de Deus.

No dia 21 de fevereiro foi tambem a rainha venerar em Belem a imagem do Senhor dos Passos.

No dia 24 foi outra vez a Belem com o fim de visitar a mesma imagem, e d'ali se dirigiu para a egreja do Bom Successo com o fim de ouvir as freiras cantarem a ladainha.

No dia 2 de novembro de 1741 foi a rainha divertir-se na caça dos coelhos no sitio de S. José de Ribamar, onde concorreram tambem o principe e o infante D. Pedro.

Divertiram-se na caça dos coelhos, jantaram na quinta de D. Antonio Henriques Pereira, senhor de Alcaçovas. E no domingo entrou a frota do Rio de Janeiro comboiada por duas naus de guerra.

E, apesar de tantas festas ao divino e de tanta religião, diz-nos a Gazeta que no anno de 1751 entraram no Hospital Real 983 creanças expostas, 529 meninos e 454 meninas, e ficaram existindo 1894 creanças.

Na quinta feira 11 de janeiro foi a rainha visitar o convento do Bom Successo, e depois a egreja de Belem.

No sabbado foi a Santa Catharina de Ribamar, e alli achou as altezas, principe e o infante D. Pedro.

Sabbado, 13 de março de 1741 foi a rainha a Belem, e depois ao Bom Successo, para ouvir cantar a ladainha. E no dia 27 d'abril foi outra vez ao mesmo convento com o mesmo fim.

Em junho foi outra vez a rainha ao convento dos relegiosos de S. José de Ribamar, e d'aqui seguiu depois para a casa real de Belem.

Na sexta feira 6 de março viram Suas Magestades e Altezas das janellas do Paço a procissão da Ordem Terceira da Penitencia, estabelecida no convento de Jesus dos Religiosos de S. Francisco.

Na sexta feira 28 de fevereiro foram a rainha e princezas ver do paço da Santa Inquisição a solemnissima procissão da Irmandade dos Passos da Cidade, estabelecida no convento da Graça.

Na quarta feira viram as pessoas reaes d'uma das janellas do palacio a procissão da Ordem de S. Francisco do convento dos Religiosos franciscanos, chamados da Provincia de Portugal.

Na sexta feira viram tambem a procissão da irmandade dos Passos de S. Domingos.

No sabbado 8 de janeiro, a rainha, princeza, princeza da Beira, e infantas, foram fazer suas orações na egreja das Trinas em Compolide. E no domingo foram visitar a egreja de Santa Apolonia.

No dia 3 de fevereiro o principe, infante D. Pedro, e o Infante D. Manuel, foram á egreja dos Martyres visitar o altar de S. Braz. E n'esse mesmo dia lá foram tambem a rainha, a princeza, a princeza da Beira, e as infantas.

Na quinta feira 29 de fevereiro foram visitar a egreja do Espirito Santo, por se festejar n'ella S. Francisco de Salles.

A 16 de janeiro se principiou em S. Vicente a triduo

festivo do desagravo do Santissimo Sacramento, a que assistiram as Magestades e Altezas.

A 8 de janeiro foi a rainha, e principes, e a princeza da Beira, e a infanta D. Maria Anna, e o infante D. Pedro á ponte d'Alcantara para assistirem á solemne funcção de benzer a estatua de S. João Nepomeceno: e d'aqui foram ao mosteiro de Belem para verem a representação do presepio.

N'um dia, porem, do mez d'outubro de 1741, o rei, principe e infantes alongaram um pouco mais seus passos, e foram visitar a convento da Cartuxa de Laveiras.

Ergue-se por detraz da quinta de Caxias, parecendo sahir dentre os seus arvoredos, e avulta a egreja do extincto convento dos religiosos cartuxos da ordem de S. Bruno, intitulado *Vallis Misericordiae*, cuja fundação em Laveiras data do anno 1598, segundo nos diz o P. João Baptista de Castro, no 2.º vol. do seu excellente Mappa de Portugal.

O Padre Carvalho na sua «Corografia Portugueza» volume 3.º nos diz que um tal convento de Cartuxos fôra fundado por uma D. Simôa, que jazia na egreja da Misericordia de Lisboa: e que n'elle residiam quinze religiosos, cada um com sua cella e com seu jardim.

Ah! E como eram sumptuosas as festas a Nossa Senhora da Boa Viagem nas oitavas do Espirito Santo feitas pelos mareantes! E como eram deslumbrantes as que eram dedicadas áquella Santa Imagem por aquelles que não eram mareantes, no dia 2 de fevereiro, dia em que Lisboa se despejava para ir assistir a festejos taes!

E será hoje que o povo mais se diverte? Tempo em que até a festinha de Santo Amaro feita na sua capellinha á Junqueira, parece uma festinha feita n'uma po-

brissima aldeia, e não no centro d'uma capital europea! Quando te divertias tu mais, ó povo, n'outros tempos, ou agora?

Pobre povo, a quem a pouco e pouco foram arrancando aquelles festejos que tanto o distrahiam, já as procissões, já as dansas nas egrejas, já os arraiaes, já a serração da velha, já a pedra d'alleluia, já o pão por Deus, já o entrudo, já a queima do Judas, já a procíssão do ferrolho, já a apanha da espinga em quinta feira da Assumpção, já o deitar o navio ao mar, já os fogos de vistas, já a deslumbrante procissão de Corpus Christi, já as procissões nos conventos, já as diarias e sumptuosas festas d'egreja, já o repique dos sinos, já as continuas luminarias por qualquer causa, já as deslumbrantes procissões dos cavalleiros das diversas ordens dos templos... Tudo, tudo, tiram ao pobre povo; e elle, ás vezes, nescio, applaude! Até a instrucção de seus filhos nos lyceus! Outrora gratuita e boa, e hoje paga e pessima! Ah! povo, povo!...

E como o povo jubiloso se divertia nos enterros dos servos de Deus que tinham morrido d'edade avançada, e com cheiro de santidade! Que affluencia! Que tropel! Que chusma! Como de todas as partes choviam flores sobre o caixão do que se tinha finado com cheiro a santo! Era um predestinado que subira para o céu, e a quem os reis e as rainhas, os principes e os infantes iam vêr, e fazerem oração! E como todos, todos, grandes e pequenos, queriam arrancar ao defunto alguma cousa que se considerasse como reliquia!

Em abril de 1744 morreu no convento do Menino de Deus em Lisboa, no mez de fevereiro Maríanna do Sacramento com 121 annos d'edade. E tão certo foi o caso que veio narrado a pag. 272 da Gazeta d'aquelle anno!

Fôra de Lisboa tambem occorriam taes phenomenos,

pois a pag. 72 da Gazeta de Lisboa de 1745 se lê: perto da Certaã, morreu uma mulher com 106 annos d'edade e cheirando a santidade.

A Gazeta de 1742 assevera-nos que no termo de Alvorninho, dos coutos d'Alcobaça, falecera em abril d'este anno o fidalgo João Homem da Cunha Deça com 129 annos d'edade!

E a 30 de março havia falecido um lavrador com 112 annos completos!

No convento das freiras de Jesus em Aveiro, faleceu (segundo se lê a pag. 264 da Gazeta de Lisboa, do anno de 1741) a madre soror Angela do Sacramento, com 104 annos d'edade.

Mas havia ainda de vez em quando por aquelles sitios outra sorte de festas, com as quaes o povo rejubilava, e taes festas eram as touradas, como aquellas, que fizeram em Pedrouços, com assistencia da familia real, no dia 25 de junho de 1741. E por signal que foi cavalleiro Manuel da Motta, monteiro mór de Coruche!

Mas em summa, o individuo que ao chegar ao Tejo no começo do corrente seculo, vindo de longiquas regiões, entrasse n'este rio, presenceava ainda um espectaculo magestoso, deslumbrante, e comparavel com o que de mais bello houvesse enxergado n'essas regiões longiquas, que percorrera!

O viajante recentemente chegado ao patrio ninho, deixando já a vista de Cintra e da Arrabida, não obstante noutros paizes ter contemplado grandes rios e grandes bellezas da natureza, achava-se presentemente absorto e estatico, ao contemplar outra vez esse Tejo adoravel, que, ainda hoje, é o enlevo e o iman do extrangeiro, embora esse estrangeiro tenha contemplado muitos e muitos outros espectaculos surprehendentes de natureza identica.

O navegante vinha affeito ao sibilar do vento furioso, ao ribombar do trovão, e ao rugir do mar!

Tinha talvez triumphado tambem (cousa bem vulgar para os mareantes) dos furiosos temporaes, e das desencadeadas ventanias, e agora no remanso do Tejo, mormente se seu desembarque occorresse num dia santo, parecia-lhe ser triumphalmente recebido dos seus, pois não cessavam os foguetes d'estoirar por toda a parte, os sinos, em variados sons, de repicar, por todos os logares, musicas, por toda a parte bandeiras, por toda a parte danças, tanto de brancos, como de pretos! Folia por toda a parte.

Contemplai, porem, hoje as ruas da cidade baixa de Lisboa n'um domingo, ou dia santificado! Contemplai, n'uma tarde de verão, por exemplo, a rua dos Fanqueiros ou a Augusta! Que melancholia por toda a parte! Que tristeza! Um dos paizes em que a vida ha dois seculos era a mais animada possivel, hoje uma cidade monotona, tristonha! Silencio e mais silencio, tão somente interrompido pelo rodar da sege, ou pelo femenino pregão da alcomonia e do tremoço saloio!

Amigo leitor, crede-me, não ha comparação possivel entre a ruidosa e buliçosa Lisboa de ha dois seculos, com a monotona e prosaica Lisboa dos tempos, que vão correndo para o abysmo insondavel dos seculos!

Mas o viajante, esse perigrino de longes regiões que estivera absorto á vista de tanta belleza, dentro em pouco tornava em si, e conhecia ter entrado a foz do delicioso Tejo n'um dia santificado, n'um dia em que havia festas em quasi todos os templos da nossa grande e ruidosa cidade, n'um dia em que o povo rejubilava, e em que o chefe de familia ia com sua gente á missa das almas, depois á festa d'egreja, depois longa conversa em casa com sua familia ácerca dos sinos, dos mu-

sicos, dos padres, dos sacristas, dos mestres de ceremonias, da armação, das flores, dos assistentes á festa, das capas dos irmãos, das mantilhas ou capotes encarnados das mulheres, das carapuças dos saloios e das saloias...[1]

Ah minha querida Lisboa, quam mudada estás do que foste mesmo ha um seculo! Pensas tu, por ventura, que o completo despreso que votaste ao capote e lenço de Lisboa, ou á mantilha e biocos do Porto, tornavam tuas mulheres mais esbeltas e formosas? Estás completamente enganada.

Quanto mais bellas não eram aquellas carapuças d'um metro d'altura de que as saloias usavam na cabeça, do que esse lenço amarello de chita, com que ellas actualmente substituiram as pyramidaes carapuças!

Que belleza e elegancia a dos vestuarios dos frades, que n'aquelles benditos tempos enxameavam pelas ruas de Lisboa! E agora!

E os continuos e incessantes arraiaes, mesmo nas ruas da capital, e quasi ao pé da porta da residencia!

E as luminarias!

E a caminhada do padecente para a forca, então frequentadissima!

E a fuga da menina rica de casa de seus paes para o convento.

E a compra das sortes nos leilões ás portas das egrejas!

E o chiste e a pilheria dos leiloeiros!

E as cavalhadas? Oh! meu Deus! Seria possivel haver um espectaculo mais bello do que uma cavalhada!

---

[1] Por aquelles tempos usavam as saloias d'uma carapuças, que tinham um metro de altura. V. Kinsey: *Portugal Illustradc*

E a cantoria dos terços pelas ruas durante a noite!
E os sebastianistas no alto de Santa Catharina!
E a serração da velha!
E a dansa do fandango!
E a dansa da fôfa.
E o enterro do bacalhau!
E a pedra da alleluia!
E o pão de Deus!
E o fogo de vistas!
E as maias.
E o entrudo!
E a offerta d'um chavelho a S. Cornelio nos Olivaes.
E logo depois as procissões de quarta feira de cinza!
E a entrada do fidalgo no convento para passar a noite com a santa freirinha!

E depois o chefe de familla feliz, embora saudoso, com seus filhos e mulher n'essa mesma noite examinava se o anno era bisexto, para contar com exactidão com riscos de giz, quantos dias iam a menos faltando para o dia d'egual festança no anno immediato!

E os sinos não cessavam de repicar! [1]

Convento arrabido de Santa Cruz. No mais escondido da serra de Cintra em 1560 fundou este pobre conventinho D. Alvaro de Castro, vedor d'el-rei D. Sebastião, e seu conselheiro, filho de D. João de Castro, quarto vice-rei da India.

N'uma pedra estavam as seguintes palavras: D. Alvaro de Castro, do Conselho de Estado e Vedor da fazenda d'el-rei D. Sebastião, fundou este convento por mandado do Vice Rei D. João de Castro, seu pay, anno de 1560.

Podia-se chamar unico entre todos por ser de cortiça, gastando-se em toda a fabrica apenas cem cruzados. Em se tangendo a portaria, logo se encontrava um chocalho dependurado d'uma vide, a cujo som acudia o porteiro. Na ermida via se uma imagem do Redemptor com a cruz ás costas, e junto a elle um limitado vão de sete palmos, entre dois toscos penedes que serviam

E os foguetes não cessavam d'estoirar!
E as bichas não cessavam de rabiar!
E os devotos em honra dos Santos não cessavam de cantar.
Mas, como sempre, havia festas de festas. E com as da Senhora das Barracas ao Beato poucas podiam rivalisar!
Lede a obrinha intitulada: Novena e Noticia da milagrosa viagem da Senhora das Barracas, sita na Lameda

---

de sachristia, tudo mandado fazer pelo infante D. Henrique. Em outro logar da cerca, em muro mais levantado, se venerava a imagem de Christo Crucificado entre dois penedos, que creando-os a natureza para gruta, a arte com pouco custo d'elles formou uma aceada ermida. Conserva-se ainda com grande estimação a cova do veneravel Honorio de Santa Maria, onde el-rei D. Sebastião comia todas as vezes, que ia ao convento, e ás vezes só para gosar da diliciosa abundancia das aguas.

Ha um dormitorio com 40 palmos de cumprido e tres de largura, de fórma que encontrando-se n'elle os religiosos, para um passar é preciso que o outro recolha na cella.

São estas tão estreitas que seus habitantes dormem encolhidos, e alguns mandaram abrir na rocha que lhes serve de parede buracos para accomodarem os pés. As portas teem 5 palmos d'alto, e palmo e meio de largo.

As pareces, que as dividem, são de vimes tecidos com barro e palha. O forro de tudo é de cortiça, e este nas portas está pegado em grades de tosca madeira. O refeitorio tem 14 palmos de comprido, e sete de largo. Uma pedra serve de meza, e para este fim a mandou arrancar da serra o infante D. Henrique.

Levanta-se da terra um palmo, tem 12 de comprido, e tres de largo. As pucaras são de barro. Por sete degraus de dois palmos cada um se desce para o côro, o qual tambem serve de sachristia. A egreja tem 18 palmos de comprido e 13 de largura. É de aboboda, e as paredes de calhaus produzidos pela natureza. No altar-mór está a imagem de Christo de marfim, e foi dadiva de D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto.

Havia uma reliquia do Santo Lenho, que trouxe de Roma D. Alvaro de Castro, com indulgencia plenaria concedida por Pio

do Beato Antonio, offerecida á mesma Senhora pelo seu menor devoto o P. José da Conceição, conego secular da Congregação de S. João Evangelista, e estampada em Lisboa no anno de 1761, e vereis quam numerosos eram os milagres operados pela Virgem, e quam grandiosas as festas, com que os devotos agradeciam á Virgem tantas mercês.

No sitio de Chellas, pela festa de Santo Antonio, foi um rapaz lançar uma bomba, e, vendo que ella não

---

IV para as pessoas que, contritas e humilhadas, visitassem aquella egreja no dia da Invenção de Santa Cruz, rogando tambem pela alma de D. João de Castro.

N'esse dia era grande a concorrencia do povo que ia de Lisboa.

Estavam alli sepultados fr. Honorio de Santa Maria e fr. Christavão de S. José, ambos de vida exemplar.

Está alli enterrada D. Maria de Neronha, que fôra mulher de D. Alvaro de Castro terceiro padroeiro que, depois de enviuvar, n'este convento professou a regra de S. Francisco. Morreu em 1634.

D. Francisco de Castro, bispo da Guarda e inquisidor geral, deixou 200 mil reis de juro, sendo administradora a misericordia de Cintra.

D. Felipe II, quando o veio ver, disse: «Que duas cousas celebres tinha em seus Estados; a primeira o Escurial, por muito rico: e a segunda este conventinho por muito pobre.» (pag. 248).

Pedindo um pucaro d'agua, disserão ao guardião lhe levasse tambem algum doce.

E este levou um cacho de passas, dizendo ser o doce que por alli havia.

Por mais que o rei instou nada lhe pediram os frades, e olhando para o convento da Pena exclamou: *Allá es la Pena, y esta es la gloria.*»

D. Catharina, mulher de D João III, tinha tambem muita affeição a este convento

D. João IV mandou que pelo almoxarifado de Cascaes, se desse todos os annos ao convento seis duzias de pescadas, e outras

estoirava, começou a sopral-a, e lhe rebentou nos olhos.

No mesmo instante clamou, chamando por Nossa Senhora das Barracas, para que lhe acudisse, e d'esta sorte ficou com vista, e livre de perigo, com pasmo e admiração de todos, que viram o caso.

Os milagres são muitissimos; mas um dos dois mais notaveis foi o seguinte occorrido em 1760:

A nau de Macau, chamada *Nossa Senhora da Atalaia*,

---

tantas de cações seccos, e o peixe que fosse necessario para solemnisar a festa de S. Francisco. Sua mulher D. Luiza de Gusmão mandava todos os annos um moio de trigo, e uma arroba de cera lavrada D. Pedro II uma arroba para se gastar no sepulchro das Endoenças. D. João V uma pipa d'azeite para sempre.

No tempo, em que fr. Pedro d'Antoria, natural de Jaen, foi guardião d'este convento, iam os frades ao refeitorio despidos da cintura para cima, castigando o corpo com asperas disciplinas, uns cingidos com silvas, e outros levando-as ao pescoço, e pondo-as ao depois em terra, com os joelhos nus sobre ellas diziam as suas culpas.

D'estas mortificações usavam em alguns dias mais particulares, que nos outros, mas nunca deixavam de levar ou pedras muito pesadas ao pescoço, ou paus na bocca, ou outras similhantes penitencias.

Não pediam nem acceitavam esmola de coisa alguma, mais do que era bastante para passar uma semana, e quando a Rainha D. Catharina mandou dois queijos de presente, o prelado tomou somente um. Dentro d'este convento não entrava pessoa alguma secular sem especial licença do provincial, assim por não violar o silencio, como por evitar o devertimento que os religiosos poderiam ter nas suas assistencias.

Um dos cenobitas mais notaveis, que viveram n'este mosteiro, foi o celebre fr. Honorio de Santa Maria, natural da villa de Arcos de Valle de Vez, entrando para a ordem da Arrabida em 1561, já com sessenta annos de edade. Aqui se entregou a todo o genero de penitencias e de macerações. Em Cintra viveu n'uma cova, servindo-lhe de cama uma cortiça, e de travesseiro um pau ou uma pedra. Falleceu em 1596, e os frades mandaram

esteve 47 dias em perigo, luctando os passageiros com as ondas e com a mesma morte, sem poderem passar o tormentoso Cabo da Boa Eeperança, chamando por quantos santos havia no céu, e por N. Senhora em quantas invocações lhe ministrava a sua devoção e afflicção, e só se víram livres do perigo, quando um soldado apresentou diante de todos uma estampa de N. Senhora das Barracas, que tinha levado comsigo, com quem todos se logo pegaram, invocando a mesma Senhora, com es-

---

levantar sobre o penedo, que esconde a cova uma cruz de pedra lavrada, e ao pé a seguinte memoria:

Hic Honorius vitam finivit, et ideo cum Deo
In Cœlo revivit. Obiit anno Domini 1596.

Ácerca do convento da Pena diz-nos lord Beckford o seguinte nas suas estimaveis cartas escriptas em inglez.

19 de setembro de 1789. «Intentando explorar as montanhas de Cintra d'um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjuncto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que naveguei pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito. Vedes logo abaixo immediatamente a immensa extensão de mar, o vasto e illimitado Atlantico.

Uma longa serie de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas, que viessem surgindo da profundeza do seu elemento.

Não havia cousa verdadeiramente interessante nos objectos, que proximamente nos cercavam. As reliquias mouriscas das circumvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum consideravel.

Foram provavelmente fabricads com as delapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se

te seu novo titulo nunca n'aquelles mares nomeado. Então é que se viram livres do Cabo: então é que chegaram ao cabo das suas afflicções.

Magdalena Morena, biscainha de nação, e sua filha Maria Antonia, moradoras no Sapal da villa de Setubal, vinham de romagem a Nossa Senhora das Barracas, render-lhe as graças por causa de alguns prodigios e mercês que tinham recebido da mesma Senhora. Para este fim se embarcaram na Moita, em uma bateira, em

---

tivessem aproveitado de algum fanum punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

Por entre as rocas dos muros esbroados e particularmente na abobeda de uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito, como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, genciana e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas.

Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeras hervas aromaticas e flores, parece que me infundiam nas velas nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

Como estivemos largo espaço em comtemplação não pude passar metade do tempo, que eu desejava n'esta arida e solitaria sumidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpeia entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas em trilho estreito sobre os cumes de iminencias marinhas e agrestes até ao convento de cortiça, que corresponde exactamente no primeiro relance d'olhos, á pintura que se póde imaginar da vivenda de Robinson Crusóe.

Da banda de fóra da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes, que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pela gado, cujos tintinnabulos me recordam antigos dias decorridos em meio da rustica paizagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitorio; tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro: em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tam-

4 de agosto de 1760, quando, vindo já no mar, se levantou um furacão de vento tão arrebatado, que virou a bateira; e recebeu esta muita agua, e até os peixes do mar dentro d'ella se acharam, e ninguem perigou nem cahiu ao mar; porque logo começaram a chamar por N. Senhora das Barracas, a quem vinham visitar.

Em summa que o leitor leia o mencionado livrinho, que é o melhor que tem a fazer.

Pelo que diz respeito aos versos em honra do preti-

---

bem o soalho recamado do mesmo material, estremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas, que jazem na mais silvestre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei d'explorar aquelles recantos e voltas, seguindo o curso d'um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico, atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas, e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar, que não podemos desculpar-nos. Como era ainda muito cedo, cavalgámos com o intuito de ver a formosa arriba maritima, chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio.

Não ha termos que expliquem a suavidade da atmosphera e a luz prateada que o mar reflecte. Da orla do abysmo, onde nos demorámos alguns minutos como por encantamento, descemos uma tortuosa ladeira, obra de meia milha até á praia. Achamonos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundos e interceptados esco derijos, um jogo assim da linha geral de perfil, e tambem não ouvi nunca tão valente mugido das aguas que investem com a costa.

Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade enthusiasmada pela paizagem da localidade, os persuadisse a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais auctorisados e antigos luzitanos, positivo declaram que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro

nho S. Benedicto ainda o leitor os pode ler na lingua dos pretos d'Angola, e são do theor seguinte:

Esse Diezo, qui nasce dus Aurora,
Rifulgentes farolo dus Impyrio,
Criadôro dus cuêza, que produzi
Esse Monstro, di quem Antheo foi fio:

---

ao imperador Tiberio annunciando-lhe o successo, e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

A maré começava a vasar, e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam encrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos não distante da bocca, por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doceis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros côr de prata. As vacillantes espadanas da luz pelas irregulares arcadas, batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resoantes, e quasi todos os sons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmosphera impregnada de particulas salinas, produzem tal desvario dos sentidos, que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse alli á crença das apparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos antigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-se da sua existencia por uma apparição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam trasmalhado, deixando-me inteiramente só; por uma hora estive recluso do mundo animado : a unica creatura viva, que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empoleirado n'uma rocha, insulada, a cincoenta passos da abertura da caverna.

(Fr. Antonio da Piedade.
Chronica da Arrabida, vol. I pag. 240.

Esse qui sendo us capa dus pobreza,
Faz nu entranha dus terra, produziro
Us luzente ligume, di que us Creso
I mais us *Mida* nunca tem fastio:

Esse, qui stando nu sagradus Monte,
Dus nove raparigas assistido,
Não puderêva ardero in castidade,
Si us Prenaso estivera nus Brazilo.

Esse Apollo, (já túru li cunhece)
Qui luz dus Camoes, i dus Virgilio,
Hadi nus arcatrão di meus cabeça
Accendêra hum poetico irugio.

Já eu mi vai sentindo cus furôro,
Ja pru impulso dus chammas apolinio,
Si vai nus anthusiasmo dirretendo
Huns métricus porsão a pingo a pingo.

Agora sim, famosus Manuélo,
Di louvaru mi atreve tuas escrito,
Qui bem podi mostraru tuas virtude
Hua tição, que Apollo tem sendido.

Só tu, magi outro não, só quem qui póde
Obraru pelos pensava êsses prodigio,
Farendo êsses montanhas de nigrura
Turo im luz ri virtude produzido.

Só tu, magi outro não, sá quem qui póde
Di Sizilia nus monte hoje subiro,
Para escrevero, qui huns cravão vivente
Us Mongibello sá du amor Divino.

Só tu, magi outro não, sá quem qui póde,
Di mustraru, prus honra dus pretinho,
Hua prêto, qui sá nu Ceo Sinhôro,
Pruque nus terra foi Cea cativo.

Só tu, magi outro não, sá quem qui póde
Mostraru sus milagre tanto aus vivo:
Magi quem, sinão hua Evangerista,
Farêva dus verdade êsses uficio?

Só tu, doutos Varão, cus privilegio
Di Crunista dus Cara ri Francisco,
Faveru podi, nesses negrus vida,
Os alvo dus maiores beneficio.

Só tu, doutos Varão, pru nôvo idea
Di êssus santus fadiga infurecido,
Discobriro pudêva nêsse sombra,
Dus virtude us espêio cristalino.

Voso dêsdi us Monarca até us vassallu,
Dêsdi us grandi até us mági pequenino,
Si procura chigaru á Zambiapungo,
Di ésse prêto us passada vai seguindo.

I vozu, qui nus Regra Franciscanu
Fez us votu ri nunca seru rico,
Anda riscalça, viste só us burelo
Dus droga, qui trajava meus Fradinho.

Não ti eleva dus mundo nus grandeza:
Não timsópa nus mando Prelaticio;
Nus balança ri tua Patriarca,
Tantu pera us Guardião, cuma us Noviço.

Si subiru a us cadeira dus Prelado,
Regi, cuma rigêo minha Santinho;
Oza qui quem sa fio du umildade
Só tem nu exaltação us pricipicio.

I tu doutus Varão, nêsses historia
A fazeru viesti hua srevicio,
Qui us Patria só ti podi agradicero.
Perindo au Ceo ti faça bum Benedito.

Mas não somente celebravam festas grandiosas ao pretinho S. Benedicto. Tambem na egreja do Carmo em Lisboa faziam rijas festas aos dois pretinhos, Santo Elesbão e Santa Iphigenia; e nos terceiros de S. Francisco a outro pretinho que tivera o nome de Antonio, e que depois fôra canonisado. E ainda é do meu tempo uma procissão em que apparecia n'um andor Santo Antonio preto.

Mas antes de fallarmos dos conventos de Lisboa, não seria bom que o amigo leitor olhasse, visto agora achar-se em Belem, para o Lazareto? Não vê lá n'aquelles sitios um modestissimo edificio, que lhe dá certos ares de mosteiro embora bem modesto?

É o mosteiro arrabido de Nossa Senhora da Piedade de Caparica, fundado em 1558, por Lourenço Pires de Tavora, grande devoto e amigo dos arrabidos, segundo testifica o chronista d'esta ordem[1]. Convento, ao qual davam vulgarmente o nome de Decida.

Era um convento modestissimo, cujos dermitorios foram reedificados em 1618, sendo provincial Fr. Fer-

---

[1] Fr. Antonio da Piedade: Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida, vol. I, pag. 174. N.º 211.

nando de Santa Maria, e cujo alpendre feito em 1630, era tambem destinado para servir de côro na parte superior. N'elle havia um eirado, d'onde se gozavam largos horisontes, e ácerca do qual nos diz o chronista: «descobrem sempre novos motivos á contemplação no dilatado das aguas do mar Oceano, em cuja inconstancia se emprega a vista, em algumas occasiões apprasivel pela bonança, com que os baixeis entram pela barra de Lisboa a lograr no seu porto o desejado fim das suas navegações ..

Mas enganas-te, ó chronista! O marinheiro ás turras com o furioso temporal, tem saudades da casa e da familia. Quando, porem, está sereno em casa e com a familia, tem saudades dos tempos, em que arcava com os furacões e com os temporaes. Assim era já no tempo de Horacio. E por isso é bem de suppôr que assim tivesse sido sempre, e que sempre assim seja o coração humano!

Mas o leitor estava tão embevecido para o Tejo, que passou por um mosteiro dominicano, sem d'elle dar fé.

Pois, antes de chegarmos ao largo dos Jeronymos, não se lembra que passamos por debaixo d'um arco?

Pois antes de chegarmos a esse arco, que pertence ao palacio do duque de Loulé, passamos por uma porta larga á direita, porta que deita para um pateo, dentro do qual ha um egreja e convento da Ordem de S. Domingos.

O convento está hoje occupado por freiras dominicanas irlandezas, que n'elle ensinam numerosas meninas.

Data este convento do seculo XVII, e foi fundado por um frade irlandez, que se tornou celebre, tratando dos negocios de Portugal em paizes estrangeiros, que tomara o nome de fr. Domingos do Rosario. Licença para a fundação deu-a nossa rainha D. Luiza de Gusmão, e

a historia do convento encontra-se em fr. Lucas de Santa Catharina, continuador da Historia de S. Domingos por fr. Luiz de Souza.

Agora vamos, o leitor e o auctor d'esta obra, passar por um dos mais celebres monumentos europeus. É o convento e egreja dos Jeronymos, fundação d'el-rei D. Manuel, e monumento conhecido em todo o mundo civilisado.

Mas tambem temos ensejo de ver mais dois conventos, um á direita e outro á esquerda. O da esquerda é o convento da Boa Hora, de agostinhos descalços. A egreja é hoje freguezia, mas o da direita fica mais longe, é mister aproximarmo-nos da margem do Tejo, para o vermos da Outra Banda.

Olhe o leitor para o sitio que o meu dedo aponta. Não vê tambem alli uma quebrada que parece ficar fronteira á egreja parochial de Santos? Não vê o edificio ennegrecido, e dando ares de convento de frades? E não conjectura que d'aquelle ponto o panorama deve ser deslumbrante?

Pois era um convento dominicano, fundado por fr. Francisco Foreiro, no reinado d'el-rei D. Sebastião.

Mas como está quasi sempre fechado, e quasi ao desamparo, e como d'aqui a poucos annos ha de ser um montão completo de ruinas, eu lhe vou dizer o que alli ha de notavel, pois o fui visitar com o fim de o descrever n'este livro.

A egreja de S. Paulo d'Almada não é obra grandiosa, mas d'ella n'este livro darei uma breve noticia em prol dos que para o futuro desejarem saber alguma cousa ácerca da fundação de fr. Francisco Foreiro, theologo dominicano dos mais celebres em Portugal.

E da-se o caso de nem o grande chronista dominicano, fr. Luiz de Sousa, que tão perto d'este mosteiro

residira, dar largas á sua eloquencia, nem ser minucioso em nos fornecer noticias, como fez ácerca de S. Domingos de Santarem, S. Domingos de Lisboa, Chellas, Salvador, e tantos outros conventos, entre os quaes nem sequer esqueceu a modesta capellinha de Nossa Senhora da Escada, no largo de S. Domingos, mandada uma noite derribar pela camara municipal de Lisboa. E que lindas historias nos conta fr. Luiz de Sousa ácerca d'esta capellinha, da qual nem sequer ficaram vestigios. [1]

---

[1] A vistosa egreja de S. Domingos em Almada, d'onde se enxergam vastissimos e deslumbrantissimos horisontes, foi pelo menos em parte, derribada pelo grande terremoto de 1755, cataclismo que, com tanta força descarregou n'esta villa, e que ainda não esqueceu aos habitantes de Almada, pois no 1.º de novembro ainda fazem uma procissão commemorativa, e depois uma festa d'egreja.

Quando, porém, o templo referido foi restaurado, passou por grandes alterações, e ainda hoje são bem visiveis. Pois a sepultura do celebre fr. Francisco Foreiro, que o chronista dominicano diz estar na casa do Capitulo, acha-se hoje no chão da capella mór, em frente d'este altar, onde existe o seguinte epitaphio:

Aqui jaz o Padre Mestre Francisco Perreira (*sic*)
de boa memoria fundador d'esta casa
falleceu a X de janeiro de MDLXXXI

Um dos objectos, que, de longe, mais dá nas vistas, e mais attrai as attenções, é uma alvejante e alta torre de sinos, não desacompanhada (quando vista de longe) d'uma certa elegancia.

E, com effeito, ella para ali attrai o passeante desejoso, de saber que torre seja aquella, e a que edificio pertença.

Chegando, porém, o viandante ao local em que se ergue o vistoso templo, vê que a torre pertence a uma egreja de modesta apparencia, que não revella mysterios d'architectura, segundo a a linguagem de fr. Luiz de Sousa, mas d'onde o penitente cenobita contemplava estupendas maravilhas da natureza. Haverá um mais bello panorama no universo?

Queira, porem, o leitor postar-se no largo de S. Domingos, e olhar para a porta d'esta egreja. Olhe agora para a esquerda, e ponha os olhos no predio que alli está contiguo á porta principal do templo. Pois era n'a-

---

E ao frade, direi antes, ao verdadeiro frade dominicano, que no convênto de S. Paulo de Almada vivesse, devia repugnar o bolicio das povoações grandes, e o viver nos logares, em que as obras dos homens são de tal modo mesquinhas, quando comparadas com as da natureza.

Pertenciam, pois, aquella esbelta torre e egreja ao convento dominicano de Almada, fundado n'aquelle ponto por um dos mais benemeritos filhos de Portugal, o celeberrimo fr. Francisco Foreiro, homem do qual ninguem falla hoje n'este paiz, mas cujo nome foi exaltado e engrandecido pelos mais celebres escriptores do seu tempo tanto nacionaes como estrangeiros.

Tinha elle sido nomeado provincial no anno de 1567, e havia juntos uns dez mil cruzados provenientes em grande parte dos salarios, que vencia de antigo prégador d'el-rei

Outra parte, porém, era proveniente do que lhe rendia a impressão de seus doutissimos livros. Mas a maior se tem por certo que lhe fôra enviado da India por seu grande amigo D. fr. José de Santa Luzia, frade dominicano, e bispo que fôra de Malaca, e não para outro emprego, senão para uma nova casa da Ordem.

Vendia el rei D. Sebastião juros na casa da India, e baratos. Pareceu-lhe que se segurava comprando caro, quando todos iam ao barato Comprou com os seus dez mil cruzados duzentos mil réis de juros, a razão de vinte por milhar, comprando outras pessoas a dezeseis, e a menos.

Foi a compra do anno 1571. Passado, porém, pouco tempo, mostrou-lhe o successo que não acertara no emprego, porque o mesmo rei que fôra vendedor, mandou suspender o pagamento de todos os juros da casa da India. E, supposto que se teve respeito ao mosteiro e necessidades d'elle, ficou a arrecadação trabalhosa.

Queixou-se fr. Francisco, e fez sua queixa tanta impressão no animo d'el-rei, que, por medo de satisfação lhe acudiu com uma notavel mercê, que foi converter em juro para o convento os cincoenta mil reis que fr. Francisco tinha de ordenado de seu pré-

quelle sitio que estanciava a historica e antiga capella de Nossa Senhora da Escada, ácerca da qual fr. Luiz de Sousa no primeiro volume da historia de S. Domingos nos diz cousas tão bellas e tão enternecedoras. Alli

---

gador. E estes possuia o mosteiro desde o anno de 1576, além dos duzentos da casa da India.

A este logar (Almada) tomou por assento o provincial para se desviar da furia da peste, que ardia em Lisboa, e para se não alongar dos filhos que n'ella ficavam offerecidos voluntariamente a todo o perigo por acudirem aos proximos.

Pareceu-lhe o sitio accommodado para um bom convento de gente que se quizesse retirar para a quietação do espirito ou do estudo das letras, ou para tudo junto. E como havia annos que trazia na imaginação fundar um edificio tal, e para isso ia ajuntando cabedal de entre parentes e amigos, tanto que se contentou do posto, não quiz dilatar a obra. Havidas as licenças necessarias, começou a entender com a pedra e cal, e juntamente em comprar renda.

A villa deu liberalmente toda a terra, que a casa occupa, que é grande, com uma cerca, que se estende do alto até a praia, acompanhada de pomar e vinha.

O edificio ficou muito recolhido e moderado, e conforme a tenção com que se tratou. Ao que obrigou tambem a qualidade do sitio, que, como é no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa sujeito a todos os ventos, que grandemente o combatem. Porém paga-se este damno em ser senhor de um tão famoso e tão bem assombrado horisonte, que confiadamente e sem parecer encarecimento, podemos affirmar que não ha outro em toda a redondeza da terra. O que fica bem de crer pois se sabe que tem diante dos olhos por painel a cidade de Lisboa, estendida sobre a ribeira do Tejo, que de nenhum outro posto se pode ver. e julgar sua grandeza toda junta como d'este.

Assim o entendeu el-rei D. Filippe II, de Hespanha. e primeiro de Portugal, que escolheu esta villa para gozar da vista da cidade, em quanto não entrava n'ella. E para ver tambem de noite o que as trevas lhe tolhiam, mandou em uma que lh'a coroassem de luminarias, e estando assim ardendo sem damno toda, ficou devendo mais ás sombras nocturnas, que ao resplendor do dia»...

jazia um Pedraffonso Mealha, vêdor da fazenda e valido d'el-rei D. Fernando o qual deixou aos dominicanos uma quinta na Outra Banda, no sitio da Piedade, E todas as procissões de preces ou de acções de graças que

---

O horisonte para a parte do mar se estende sobre o rio, barra, torres e fortalezas d'ella, e contra o Occeano até se perder a vista n'elle, e para a banda da terra descobre grande numero de leguas, de villas e de logares...»

Varias outras campas, além d'aquella em que jazém os restos de fr. Francisco Foreiro, se encontram na egreja conventual d'Almada, das quaes darei noticia caminhando do altar-mór para a porta principal do templo:

1.ª á esquerda: A. S. De Manuel Vieira P. de Sua Mulher Margarida Alves e de seus Herdeiros e He Capela... obrigação... esta casa de doze Missas cada um. Era de 1605. (Varias palavras não se poderam lêr por estarem encobertas por um ripado de madeira.

2.ª Sepultura de Maria Rodrigues.

3.ª De Manuel Freire e de Sua Mulher e Eerdeiros Fale eu a catorze dias de Outubro de 1587.

4.ª Na parede: Hic jacet Dom. Alvares de Abranches et Camera Militaris Ordinis Christi Eques et ejusdem de Sancto Joanne de Castanheira Commendae Comendator Regum Joannis IV et Alphonsi VI. a Secretioribus de Statu Belloque consiliis Trium Totius Regni Ordinum sentum (*sic*) conciliarius Almadae Praefectvs Militaris Olysiponensis Urbis Vexillifer Communis Regni Corporalis Sanitatis Servator Max. In Provinciis da Beira et inter Durium et Minium Armorum Praefectus et Dux Generalis Supremus Urbis Senatusque Portuensis Ex Praetor Regiae Majestati proxime adjutus Exercitus Generalis. Obiit die 17 Apr. An. 1660. Uxor Dom. Agnes... 1661...

Na parte mais baixa do tumulo, junto ao pavimento, encontram-se algumas lettras mutiladas, não sendo já possivel decifral-as.

No corpo da egreja:

1. Aqui esta Dona Margarida de N.ra Mulher de D. P.o de Almeida. Fal. 13 de maio de 1668.
2. S. de Simão Dias Calvo. Faleceu a 5 de outubro de 1581.
3. S. de Julia Paes. Faleceu no anno de 1625 (?)

se faziam em Lisboa, tinham d'entrar n'aquella egrejinha. E ao fallar d'esta capellinha ficamos sabendo pelo que nos diz fr. Luiz de Souza, que no tempo d'el-rei D. João I, em Lisboa ainda havia feitiços, se chamavam

---

4. Ao sahir da egreja para o corredor: S. de Fr. Antunes juiz dos Orfãos 1621.

5 Na sachristia: Esta capella e Sepultura e jazigo d'esta Sanchristia he de Antonio de Gouveia Cavalleiro Fidalgo da Casa de S. Magestade de que foi vedor João Alvares Caminha da Veiga Cabral com Missa quotidiana para sempre.

No corpo da egreja ainda ha uma outra campa com o seguinte epitaphio:

D. O. M.

Excell. D. D. Francisco de Almeida Mascarenhas. Ex Comitibus de Assumar Marchionibus de Castel Novo.

H S E.

Philosoph. Theolog. et Jurisprudentiae
Doctrina Largior instructus
Graecae, Latinae, Gallicae et Hetruscae
Linguae peritus
Totius sacrae historiae fax nitidissimus
ex exterorum
Judicio
diligentissimus auctor
S. Inquisit. Judex
Deput. et Promotor
Regiae Academiae socius et censor.

S. T. T. L.

Presbiter Principalis
natus est
anno MDCCI. Pridie Kal. Aug.
Vixit annos XLIV menses 11 dies XVIII
natura excessit
reparatae salutis anno
MDCCXLV

os diabos, havia desencantações, davam credito a sonhos, lançavam rodas e sortes. Cantavam janeiras e maias, (e ainda as cantam em 1887 em muitas povoações), furtavam aguas, carpiam sobre os finados (e até

XI Kal. Novemb.
Bonorum omnium dolore et aeterno
sapientum desiderio.
dilecto fratri frater dilectus
P.

E' a egreja de S. Paulo d'Almada de uma só nave, e são os azulejos o que n'ella mais desperta a attenção, representando varias passagens da vida de Santos da Ordem Dominicana.

O templo ainda se encontra em soffrivel estado de conservação; mas as dependencias acham-se muito arruinadas. Algumas paredes estão rachadas, e tudo aquillo com brevidade ha de ser reduzido a um montão de entulho. E assim acabará para sempre a fundação de fr. Francisco Foreiro, d'esse portuguez illustre, que no meio dos estrangeiros, tanto honrou o nome portuguez.

Seus escriptos revelam ter sido um verdadeiro hebraista, pois a sua versão do propheta Isaias foi feita sobre o texto hebraico, e depois impressa com o seguinte titulo:

Isaiae prophetae vetus et nova ex hebraico versio cum Commentario. Venetiis, apud Jordanem Zileti, 1563, in fol.

Foi reimpressa em Antuerpia, apud, Philippum Nutium, 1565, in-8.º, e publicada tambem na Collecção de Criticos do Velho Testamento. Amstaelodami, 1660. E reimpressa em Londres, 1660. Recebeu esta obra grandes elogios de Xisto Senensi e de Ricardo Simão.

Oratio habita apud Patres Tridentini congregatos dominica prima Adventus. Brixiae. 1563.

Index librorum prohibitorum. Romae, 1564 E reimpresso no anno seguinte em Lisboa, apud Franciscum Correa.

Dirnos-ha fr. Luiz de Sousa na sua vernaculissima e elegantissima linguagem quem foi esse afamado theologo dominicano fr. Francisco Foreiro.

«Era este padre nobre e conhecido por geração; mas vale tanto o estudo das letras que por ellas chegou a ser não só nobre e conhecido, mas famoso no mundo.

ha pouco o faziam lá para os lados de Villa Nova de Gaia): depennavam-se e bradavam sobre os finados. E em substituição de taes e outras costumeiras gentilicas estabeleceram tres procissões, uma das quaes ia a Nos-

---

Sendo moço deu-se a aprender linguas, e sahiu consumado nas linguas latina grega e hebraica. Do que lhe resultou que não tinha menos engenho e juizo que applicação para toda a sciencia. Tanto que se applicou á theologia fez-se n'ella doutissimo, e não menos na parte especulativa e moral, que na Sagrada Escriptura.

A primeira pessoa, que conheceu e honrou n'elle este talento foi o grande infante, nunca bastantemente louvado principe, D. Luiz, irmão d'el-rei D. João III. Conheceu o thesouro que tinha em Francisco, e honrou o com o dar por mestre ao sr. D. Antonio, seu filho, que depois foi prior do Crato.

Com esta lição de portas a dentro começou fr. Francisco a juntar outra do pulpito. E de portas a fóra, em que era tão bem ouvido, que não tardou el-rei D. João em lhe dar o titulo de seu prégador, com muita acceitação de toda a côrte. E o mesmo officio teve com el-rei D. Sebastião, que lhe succedeu na corôa. E quando no anno de 1561 houve de mandar theologos ao Concilio de Trento, foi fr. Francisco dos enviados por este reino.

N'esta jornada e assistencia do Concilio, ganhou fr. Francisco credito e grande nome para a sua patria e para si, e começou a lustrar com a prégação. De sorte que á petição de muita gente de qualidade, prégou as quartas feiras de Quaresma do anno de 1563, em particular freguezia, onde foi enviado e louvado de muitos e grandes prelados.

E foi fama constante em Portugal que fazendo um sermão aos cardeaes, legado e mais padres do Concilio, ao tempo que quiz subir ao pulpito, mandou avisar ao mestre de ceremonias que soubesse de suas illustrissimas em que linguagem eram servidos que prégasse.

D'aqui devia nascer que, ordenando os legados uma junta de padres gravissimos para censores dos livros que se haviam de prohibir por toda a christandade, deram e nomearam por secretario d'ella a este padre. E offerecendo-se pouco depois ser necessario enviar-se a Roma uma pessoa de inteira confiança a consultar com o summo pontifice verbalmente em algumas ma-

sa Senhora da Escada, onde havia sermão e tambem alli se dirigiu uma procissão formada de quasi todo o povo de Lisboa para agradecer a Deus a victoria d'Aljubarrota.

---

terias de grande importancia, escolheram o mesmo. E feita a jornada, não ficou menos grato ao papa do que foi a satisfação dos que o mandaram.

Seguiu-se a este serviço encommendar-se lhe por todo o Concilio a reformação do Breviario e Missal Romano em companhia de D. fr. Leonardo Marino, arcebispo Laucianense e de D. fr. Egydio Fuscarario, bispo de Modena.

E, acabado o Concilio, commetteu o papa aos mesmos tres, que compozessem um cathecismo, que é o romano que anda impresso, e juntamente fossem procedendo na refórma encommendada do breviario e missal. Fizeram estes padres uma e outra cousa com tanto acerto, que o cathecismo é o mesmo que anda impresso com o nome de *Cathecismo Romano*. E a reformação. que tardou mais, do breviario e missal, foi tão aceita do papa Pio V, que, sendo por elle approvada e confirmada, se imprimiram logo conforme a ella os breviarios e missaes que chamam do uso romano.

No meio d'estas occupações não podia fr. Francisco, largar a que tinha de maior gosto seu, que era o estudo das sagradas lettras. E estando no Concilio tirou á luz uns commentarios doutissimos sobre o propheta Isaias, que, por serem taes, depois da impressão em Veneza a primeira vez, foram impressas outras duas em reinos differentes.

Escreveu mais sobre os psalmos e livros de Salomão, e sobre todos os prophetas menores. E fez de todos nova versão conforme a verdade hebraica (como era tão senhor da lingua) para confirmar a versão vulgata. E sendo todos estes tratados muito dignos dos louvores, que esclarecidamente lhe dão os auctores, temos por certo que a todos excedeu no que deixou escripto sobre o livro de Job. Temos d'isso testemunho seu: porque é certo que dando-lhe fogo por desastre na cella, depois de muitos papeis abrasados, perguntou a quem tinha noticia de seus escriptos: Se escapara o seu Job. E respondendo-lhe que com pouco danno estava salvo, ficou tão contente, que de toda a mais perda não fez caso.

E aqui se fazia tambem uma festa pomposa, e d'aqui sahia uma luzida procissão annualmente no dia 2 de fevereiro.

O infante santo D. Fernando aqui se foi confessar e

Tornado fr. Francisco ao venturoso ocio da sua cella, que só estimava, inda que el-rei D. Sebastião, de ordinario, em materias de seu serviço, o tinha feito deputado da Meza da Consciencia, quiz Deus dar-lhe merecimento de Santo, permittindo que gente invejosa o calumniasse diante de el-rei de homem delicioso e amigo de suas commodidades. Tanto poude a inveja que levou a el-rei á cella de passagem em certa occasião, que fr. Francisco era ausente. O que n'esta succedeu, foi ficarem corridos e com isso bastantemente reprehendidos os accusadores; porque não appareceu n'ella coisa contra o commum da ordem, salvo um pavilhão de serguilha ordinaria, velho e pobre, que abrigava do vento um corpo velho e indisposto, que aos que a viram, pareceu mais reparo necessario e forçado para posto tão desabrigado como é o de Almada, que delicia ociosa.»

Talvez pareçam excessivos os elogios do chronista dominicano, feitos a Francisco Foreiro; mas não teremos de que nos admirar, se lançarmos os olhos para a Bibliotheca Lusitana do erudito e benemerito abbade Barbosa Machado.

Não menos do que tres columnas de um volume in folio contendo elogios tecidos por um grande numero de escriptores estrangeiros, em honra do frade dominicano, fundador do convento de S. Paulo de Almada. E, ainda em tempos mais modernos, não deixa de os receber, que lá os encontra o leitor na Biographie *Universelle*, de Firmin Didot, vol. XVIII, citando a Quetif e a Echard.

E com effeito, se dermos inteiro credito a fr. Luiz de Souza, este tão afamado escriptor parece ainda na vida do arcebispo encarecer mais os elogios que fizera na Historia de S. Domingos a Francisco Foreiro.

Já fr. Francisco Foreiro havia prégado em Trento, e taes foram os applausos, que «logo para a terceira sexta feira convidou o arcebispo de Braga muitos prelados italianos e de outras nações para ouvirem o *Sermão da Vinha* do padre mestre fr. Francisco Foreiro. Acudiram a elle todos os hespanhoes pela fama de suas lettras e eloquencia que este dia ficou de novo

commungar, quando partiu para a expedição de Tanger. El-rei D. Duarte a accrescentou. Em 1471 el-rei D. Affonso V alli foi com toda a côrte no dia 15 d'agosto de 1471, e depois partiu para a tomada de Tan-

---

acreditada com a obra. E foi causa de o fazerem continuar na Quaresma do anno seguinte com um extraordinario concurso e applauso, e com uma clara confissão que andava em alto ponto entre os portuguezes aquelle santo ministerio do pulpito.»

Diogo Paiva de Andrade é tambem um escriptor quinhentista que póde sem duvida alguma hombrear pelos seus escriptos com fr. Francisco Foreiro.

Sabe-se com certeza que foi sepultado em Almada, mas onde? Tenho empregado todas as diligencias que me teem sido possiveis para descobrir o paradeiro de seus ossos. E tanto as que pessoalmente tenho dirigido, como as que outros, para me obsequiarem, teem feito, não teem sido coroadas de melhor exito. Alexandre Herculano logo no primeiro volume do *Panorama* se lembrou d'este celebre escriptor, filho do chronista mór do reino Francisco de Andrade.

Portugal deve duas obras notaveis a Diogo Paiva d'Andrade, bastante estimadas. D'estas uma é em latim e a outra em portuguez. A obra portugueza é o seu *Exame de Antiguidades*. Refuta n'ella muitas passagens de fr. Bernardo de Brito na Monarchia Lusitana. Dizem que esta obra de Paiva d'Andrade, impressa em Lisboa no anno de 1616, fôra escripta como uma vingança de terem dado a Brito o logar de chronista mór, ao qual Diogo Paiva d'Andrade aspirava.

Os frades de Alcobaça, porém, tinham sempre gente prompta para todo o genero de trabalho litterario, e eis logo em campo o cisterciense fr. Bernardo da Silva contra Paiva, dando á luz dois volumes em defeza da *Monarchia Luzitana.*

Muitos escriptores accreditam que o cisterciense argumentara de modo tal que Paiva de Andrade ficou embatucado, e não teve resposta a dar. Alexandre Herculano não accredita, porém, uma tal asserção, nem eu tão pouco.

Bem valente e denodado combatente no campo da litteratura era fr. Fortunato de S. Boaventura, e na sua Historia Critica da Abbadia de Alcobaça, bem se esforçou por defender seu confrade... mas trabalho baldado. Quem accredita hoje na existen-

ger e d'Arzilla. E outros monarchas tambem não deixaram de fazer grandes mercês a esta egrejinha, que eu ainda conheci, e cujas escadas tanto da direita como da esquerda algumas vezes subi. De tudo, porem, nem

cia de Laimundo, ou na authenticidade das doações attribuidas a D. Affonso Henriques em prol da celeberrima abbadia cisterciense.

A obra escripta em latim é o poema *Chauleidos*. Com effeito, o cerco de Chaul, de 1570 a 1571, no tempo, em que o grande D. Luiz de Athayde governava a India, dá assumpto glorioso para muitas paginas da historia patria. E bem andou Paiva d'Andrade em o cantar n'um idioma, n'aquelle tempo vulgarissimo em todo o mundo culto.

A lingua portugueza no reinado de D. João III e de D. Sebastião, era mui pouco familiar aos estrangeiros O portuguez é hoje incomparavelmente mais vulgar entre os estranhos, do que n'aquelles tempos de tantas glorias para os nossos.

Não só poetas como Luiz de Camões, tambem os frades, sabiam escrever livros que levavam a immortalidade o nome portuguez. E para exemplo basta citar fr. Thome de Jesus, frade do convento da Graça em Lisboa, cuja admiravel obra os Trabalhos de Jesus, escripta n'um carcere em Marrocos, depois da lastimosa batalha de Alcacerquibir, tiveram um tão grande numero de reimpressões e de traducções, que por mais diligencias que o escriptor faça para apresentar um catalogo d'ellas completo, esse catalogo sempre ha de conter lacunas.

Por exemplo, versões francezas:

1 Les soufrances de Nostre Seigneur Jesus Christ. Ouvrage écrit en portugais, par le père Thomaz de Jesus, de l'Ordre des Hermites de Saint Augustin en français, par le P. J. Alleaume de la Compagnie de Jesus. Paris, Estienne Michalet, 1692, in 4 volumes.

2 Reimpressão. Paris, Estienne Michalet, 1695, 2 volumes in 12.

3 Les souffrances de Notre Seigneur Jesus Christ, pendant sa Passion. Troisième partie. Nouvelle edition revue et corrigée. Paris, chez Estienne Michalet, 1697. Avec privilège et approbation in 12, 626 pag.

4 Les soufrances de Notre Seigneur Jesus Christ. Ouvrage

sequer restam tenues vestigios. No local da ermida ergue-se hoje um grande predio.

São muito lindas as historias que o grande historiador dominicano refere ácerca de tal capellinha.

écrit en portugais par le père Thoma de Jesus de l'Ordre des Hermites de Saint Augustin. Et traduit en français par le P. G. Alleaume. A Paris, chez la Veuve Estienne Michalet, 2 volumes in 12.

5 .... Avec privilége et approbation. Paris, chez Jean Baptiste de Lespine, 1703, 4 vol. in 12.

6 .... Nouvelle édition revue et corrigée. Paris, chez Jean Baptiste de Lespine, 1709, in 12, 2 vol. Avec l'abregé de la vie de Thomaz de Jesus et quelques avis spirituels.

7 Tome second contenant les souffrances de N. S. J. C. pendant sa Passion et sa Mort. Troisième et quatrième partie. A Bruxelles, chez François Foppens, 1717. in 12, 440 pag.

8 .... Paris, chez J. B. Delespine, 1721, 2 vol

9 Tome troisième contenant les souffrances de N. S. J. C. pendant sa Passion. A Liège, chez Broncart, imprimeur et marchand, libraire en Souverain Port, 1736, in 12, 266 pag.

10 Tome quatriéme contenant les souffrances de N. S. J. C. pendant sa mort. 184 pag.

11 Les souffrances etc. A Paris, chez Jean Baptiste Delespine, 1730. Avec approbation et privilége du roi, in 12, 2 vol., 284 et 248 pag.

12 Les souffrances, etc. Nouvelle édition, révue et corrigée. Bruxelles, chez Pierre Foppens, 1738, in 12, 2 volum. 543 e 523 pag.

13 Id. Paris, chez Hérissaut, 1754, in 12, 3 vol.

14 Id. Nouvelle édition revue et corrigée. A Lyon, chez Antoine Boudet, rue Mercière, 1762. Avec approbation, in 12, 4 partes, 416, 268, 389, et 265 pag. afóra os indices.

De todas estas edições fazem menção os diligentissimos bibliophilos Augustin et Alois de Backer a pag. 14 e 15 do vol. 3.º da importantissima obra — Bibliothèque des Ecrivains de la Compagnie de Jesus, Liège, 1856.

15 Não a fazem, porém, da seguinte, da qual possuo um exemplar, e cujo titulo é como segue: Les souffrances de Notre Seigneur Jesus Christ. Ouvrage écrit en portugais par le père Tho-

Havia alli um sachristão muito velho e ao mesmo tempo muito santo, por nome Fernando do Cadaval, o qual empregava todo o seu tempo no serviço da imagem da Senhora. Quando pela manhã ia abrir as portas

---

maz de Jesus, de l'Ordre des Hermites de Saint Augustin. Et traduit en français par le P. G. Alleaume de la Compagnie de Jesus. Nouvelle édition, révue et corrigée. A Lyon, chez Pierre Bruyset Ponthus, à l'entrée de la rue Saint Dominique, à côté du Cloître des R. R. P. P. Jacobins, 1767, 4 partes em 2 vol., 1.º 340; 2.ª 220; 3.ª 328; 4.ª 226 pag.

Sera tão rara esta edição, que d'ella não tivessem conhecimento os benemeritos auctores da Bibliotheca dos Escriptores Jesuitas?

16 Nouvelle édition etc., Paris, 1789, in 12, 3 vol.

17 Nouvelle édition, etc., Toulouse. Chez Mannevit, 1812, in 12 2 vol.

18 Nouvelle édition, etc. A Lyon. Chez J. B. Kindelen, rue de l'Archeveché, 1820, in 12, 3 vol. 338, 430, 440 pag.

19 Lyon. Chez Perisse frères, 1828.

20 Ibid, 1829.

21 Ibid, 1831.

22 Ibid, 1835, in 12, 2 vol.

23 Lyon. Chez Rusand, 1828, in 12, 2 vol.

24 Paris. Chez Méquignon Junior, 1834, in 12, 2 vol.

25 Ibid. Chez Clermond Ferrand, 1835, in 12, 2 vol.

Esta edição faz parte d'uma Collecção intitulada—Bibliothèque du Seminariste. Lille. Chez Lefort. 1845. 2 vol. 432, 439 pag.

26 Souffrances de Notre Seigneur Jesus Christ. Ouvrage écrit en portugais par le P. Thomas de Jesus. E. Lyon. Périsse fréres 1859, 2 vol. 8.º XII—474 e 474 pag.

27. D'esta edição tambem não falla a Bibliotheca dos padres Augustin e Alois de Backer. Todavia possuo d'ella um exemplar.

28. Souffrances de N. S. J. C. Imprimerie de Périsse Lyon, 1844 in 12. 2 vol.

29. Id. Lille. Chez Lefort in 18. 2 vol.

30 Id. Lille. Chez Lefort in 18. Sem data. 2 vol.

31 Id. Lyon, cher Périsse. 1853.

32. Id. Ibidem, 1857 in 12. 2 vol. XVI. 932 pag.

da egreja, chegava-se ao altar, fallava com a Senhora, encommendava-lhe sua alma e sua vida, e pedia-lhe favor e ajuda para a servir bem aquelle dia, em quanto vivesse.

33... Lille, imprimerie et librairie Lefort, 1859, in 18. 2 vol. 887 pag.
34... Lyon, Périsse frêres, 1860 in 12. XVI. 952 pag.

Não posso asseverar de modo algum que não seja antes um rosto novo para figurar de nova edição do que edição nova, alguma das que acima apresento. Hoje é mui vulgar os editores praticarem isto, e estão todos os annos pondo rostos novos nos livros modernos, para figurarem *como novidade*. Outr'ora, porém, tal não se praticava. Eis, porque, dado o caso de que sejam antes exemplares, com rosto novo do que uma edição nova, ainda assim está provado ate á evidencia que as almas pias e timoratas na França deram um grande apreço á obra do nosso compatriota fr. Thomé de Jesus.

Mas não são estas as unicas traducções existentes. Ha muitas mais.

Versões italianas.

1 Famiani : Travagli o siano patimenti di Gesu Christo scritti in portoghese dal Ven. Servo di Dio P. Tommaso di S. Agostino. Tradusione italiana. 1838. Neapoli. 2 vol. in 12. No prologo diz-se ser esta obra um manná do Céo.

2 Diz a Bibliotheca dos Escriptores da Companhia de Jesus, por Augustin e Alois de Backer, vol. III, pag. 304, que Ludovico Fiori verteu para italiano os trabalhos de Jesus, e que a obra fôra estampada em Roma no anno de 1644, in 4,° por Hermanno Scheus.

Em hespanhol :

1. Fr. Henrique Flores : Trabajos de Jesus escritos en portugues por el V. P. Fr. Thomas de Jesus del Orden de Santo Agustino, estando preso y cautivo en Berberia, y en castellano por el P. M.— del misma Orden. *Sexta edicion*, en Madrid, corrigida y augmentada con la carta dedicatoria y un copioso Indece. Madrid. 1816.

Depois de falar com a Virgem olhava para o menino, que tinha em seus braços, e como se o vira n'elles, quando a Senhora o criava, e na mesma edade que alli representava, dizia-lhe seus requebros, e com santa

---

Esta edição vem mencionada no vol. V do Diccionario de Bibliographia Universal Española por Hidalgo.

Mas quantas reimpressões terão sido feitas desde então para cá?

2. Existem, porém, edições muito mais antigas. Na Bibliotheca Publica de Lisboa ha uma com o seguinte titulo: Trabajos de Jesus .. dirigidos al illustrissimo y reverendissimo Senor D. Fr. Juan de Peralta, Arçobispo de Zaragoça, 1624, por Juan de Lanaia y Quartanet. 4.º grande, 780 pag.

3 Chistoval Ferreyra y Sampaio: Trabajos de Jesus, que compuso el venerable Padre Fray Tomé de Jesus, de la Orden de los Eremitas de San Agustin de la Provincia de Portugal, estando cautivo em Barberia. Traduzidos en la lingua portuguesa por— Va anadido en esta Impression otro Tratado del mismo Autor intitulado Oratorio Sacro y otras devociones de Nuestra Señora e puestos à la margen los logares de la Escritura y Santos y cosas mas notables, con las tablas muy copiosas para los Evangelios que predican. Y aora nuevamente van añadidos los Trabajos de la Virgen, compuestos por Antonio de Mijanjos de Sobremonte, residente en la Ciudad de Burgos. Barcelona. Por Pablo Campins. 8.º gr. 2 vol. 1738.

4, Thomé de Jesus: los trabajos de Jesus desde la hora em que fu concebido hasta el dia en que murio. Madrid, 1620. in 4.º 2 vol.

Em flamengo:

5. Het byden van onsen Saligmaekev Jesus Christus, uyt het fransch van P. Alleaume vertaelt door Servatius a S. Petro.

Gendt I. Eton. 1708. in 8.º 2 partes.

6. Thomas van Jesus, vant het order van den 11 Augustinus, het biden van onsen Zuligmakey J. C. Antwerpen. 1827.

Em latim:

1. Aerumnae Domini Nostri Jesu Christi a Venerabili P. Fr. Thoma de Jesu Ordinis Eremitarum Sancti Augustini compositae in carcere apud Mauros ac postea ex lusitanica lingua in castellanam, ex hac a P. Ludovico Flori Societatis Jesu in ita icam a

simplicidade e licença dos annos estendia as mãos e dizia-lhe que viesse para ellas e deixasse as da mãe sagrada. E com palavras pueris e imperfeitas offerecia dar-lhe algum mimo da cella.

P. Henrique Lamparter ejusdem. Soc. in latinam traductae. Editio altera cum locuplete Indice Joannis Wagneri et Johannis Hermanni typis Sebast. Rauch, 1686. in 4.° 577 pag.

Id. Editio tertia in duas partes divisa cum locupletissimo Indice. Coloniae. Ex officina Metternichiana. 1741. in 8.° 796 pag.

Id. Ingolstadiae, 1661, in 8.°

Die Leiden unseres Herrn Jesu Christi, von seiner Muschenwerd, an bis zu Kreuzestode, in funfeig Betrachtung. Im Kerker bei den Mauren in Afrika.

E' na verdade surprehendente a acceitação que no estrangeiro teve uma tal obra. E tanto mais surprehendente quanto é indubitavel achar-se ella repassada de certa melancholia, magua e tristeza, que não deve agradar a muitos estrangeiros. Ha tambem nos Trabalhos de Jesus um certo cunho de nacionalidade portugueza, que pode ser agradavel aos nossos, que são scismadores, taciturnos e tristonhos por indole, e não aos das outras nações, gracejadores, folgasões, e amigos de divertimentos ruidosos. E que não fossemos nós dotados das qualidades acima mencionadas, ainda assim a obra havia de resentir-se da profissão do auctor e das circumstancias em que foi escripta.

Seu auctor era um frade do convento da Graça em Lisboa: este frade fôra educado por fr. Luiz de Montoya, homem ainda tão fallado pela austeridade do seu viver. Era irmão do celebre Paiva d'Andrade, tão conhecido pelas suas furiosas discussões contra os hereges. A epoca era d'intolerancia, de perseguições, e até mesmo ás vezes de polemicas bem indecentes. O auctor, escrevia, como já se disse, o seu precioso livro n'uma masmorra de Marrocos, á tenue claridade que entrava pelas fendas, gretas e buracos, ou agulheiros da porta da prisão.

Quando vinha á tarde fechar suas portas e concertar as alampadas, resava suas devoções á Senhora, e em remate dizia-lhe que se acabava o dia, e entrava a noite, avisando quem era velho como elle, que não podia

---

EGREJA, CONVENTO E FABRICA DO BEATO ANTONIO

Nas margens do Tejo, a meia legua de Lisboa, para a parte do Oriente, edificou em epochas remotas, um abbade d'Alcobaça, por nome D. fr. Estevão de Aguiar, um mosteirinho, ao qual vulgarmente chamavam *oratorio,* em honra do patriarcha S. Bento.

Porem, muitos annos depois, a infeliz D. Isabel, mulher d'el-rei D. Affonso V, teve desejos de fundar n'este sitio um convento dedicado a S. João Evangelista (V. P. Francisco de Santa Maria: O Ceu aberto na terra, isto é—Chronica dos Frades Loyos. Lisboa, 1697, pag. 469.)

Os desgostos e dissabores da sua amargurada vida não lhe deixaram realisar o seu desejo. Não deixou comtudo de lançar mão do ensejo para em seu testamento ordenar que empregassem 28 mil corôas de ouro, que faziam parte do seu dote, na fundação de um convento em honra do referido Santo, e que um tal mosteiro fosse doado aos *Bons Homens da Congregação de Villar de Frades,* isto é, d'aquelles frades, aos quaes mais tarde déram em Portugal o nome de Loyos.

Embora a quantia legada para uma tal fundação fosse mesquinha, pois o chronista diz que apenas corresponderia a uns sessenta mil cruzados, D. Affonso V quiz que a vontade da testadora fosse cumprida.

Em primeiro logar mandou pedir ao abbade d'Alcobaça, o sitio em que se achava o mencionado oratorio. O abbade não sómente annue, mas até mesmo desejando ser agradavel, em documento publico lavrado em 18 de dezembro de 1455, cede em favor do projectado mosteiro, da horta, vinha e olivaes pertencentes ao antigo oratorio de S. Bento. El-rei, porem, não acceita a cedencia gratuita. Manda que o padre João Rodrigues vá tomar posse, e dá as ordens necessarias para que os frades d'Alcobaça sejam indemnisados.

Apenas tomada posse começa a edificação do convento de S. João Evangelista.

tardar cerrar-se tambem o dia de sua vida, e entrar-lhe para casa a noite da morte. Que para então havia mister seu soccorro, então se lembrasse de quem folgava de a servir agora. Despedia-se logo do menino com

---

Era, porém, a egreja construcção mesquinha, segundo dizem os livros que de tal assumpto tratam. Paredes toscas e humildes, e de tão pouca solidez que, não muitos annos depois, estavam arruinadas, e promettiam desabar. Alguns concertos tinha mandado fazer el-rei D. Manoel, porem tornava-se indispensavel um novo templo. A uma tal empreza metteu os hombros o P. Antonio da Conceição, vulgó o *Beato Antonio.*

Apenas tinha uns sete tostões que havia ajuntado das esmolas das missas; mas, apesar de ser diminutissima uma tal quantia, enche-se de brios e de coragem, e vae ter com os fidalgos ricassos d'aquelle tempo. Como era de esperar n'uma tal epoca, e para um tal fim, foi perfeitamente acolhido. Miguel de Moura, tão fallado em nossas historias, abre suas arcas, e de tal modo que o pontifice Clemente VIII lhe remette um breve de agradecimento.

A casa, porem, do conde de Linhares não fica inferior em generosidade ao referido bemfeitor, e os frades em agradecimento a esta familia, lhe entregam a capella-mór para jazigo.

Diz-nos o chronista que: «a capella acabada em 1622, em grandeza e perfeição, não tinha segunda em Lisboa.»

É uma verdade purissima. Em tal asserção não ha as costumadas rhetoricas e amplificações de fr. Luiz de Souza. O esqueleto ainda existe no corrente anno de 1887. E, embora nu, secco e mirrado, mostra haver sido de proporções grandiosas. Mas, se melhor o considerarmos como um craneo, o resto do corpo está em harmonia. Era um templo grandioso, embora d'uma só nave, amplissimo, por extremo alegre e claro, elevado e magestoso. «Construcção de ordem dorica, de cantaria polida, e de jaspe»—eis as palavras do chronista.

O corpo da egreja tinha 5 capellas por banda, com duas no cruzeiro, e, contando a capella-mór, perfazia o numero de 13.

Fôra este templo mui frequentado dos antigos reis de Portugal, e de pessoas distinctas, tanto na jerarchia ecclesiastica, como na secular: e estas alli foram acabar seus dias, dando de mão ás illusões mundanas.

amores novos, e pedia-lhe a mão para lh'a beijar, e promettia buscar que lhe trazer para o dia seguinte. Tornava pela manhã cheio d'alvoroço para aquelle santo trato, e n'elle andava tão embebido e afervorado, que

---

Importantes doações lhe foram feitas em varios tempos. A capella-mór foi toda mandada fazer por D. Joanna de Noronha.

O côro era tão espaçoso e alegre que d'elle dizia um duque de Aveiro: «Que os religiosos d'aquelle mosteiro não podiam ir contra vontade ao côro.»

O frontespicio era obra sumptuosissima, com duas torres e sinos, tudo grandioso. E a entrada para a egreja ficava por baixo de um arco de admiravel architectura.

O dormitorio grande foi mandado fazer no reinado de D. Sebastião com o producto da venda de uma cruz de ouro que se vendeu por mais de tres mil cruzados. Esta cruz, segundo assevera o chronista, fôra mandada fazer por el-rei D. João II com o primeiro ouro vindo da costa da Mina, cruz dada ao convento como indemnisação d'outra que d'elle tinha levado D. Affonso V, e não tinha restituido.

Entre as pessoas notaveis, que residiam n'este convento ennumeram-se: D. Estevão d'Aguiar, o qual, renunciando a abbadia d'Alcobaça, veiu aqui para acabar seus dias. Roberto Fontana, colleitor n'este reino, com poderes de nuncio; D. Gomes da Rocha, commendatario do mosteiro de Pombeiro e bispo de Tripoli; dr. Pedro Margalho, mestre do cardeal infante D. Henrique; P. Antonio Vaz; D. Fernando Alves de Toledo, duque d'Alba. O famoso heroe e vice-rei da India deixou a este convento dinheiro para se comprarem 400$000 réis de juro para obras pias, e o mesmo praticaram muitas outras pessoas.

Á vista do exposto não é para admirar que muitissimos varões illustres procurassem sua sepultura na egreja do Beato.

No concavo das paredes da capella-mór havia quatro ricos tumulos. No primeiro da parte do Evangelho, jazia D. Antonio de Noronha, primeiro conde de Linhares, fallecido em 1551.

O segundo era destinado para D. Francisco de Linhares, o qual não chegou a ser enterrado n'elle.

Porem no primeiro do lado da epistola foi enterrado D. Fernando de Noronha, terceiro conde de Linhares, fallecido em 1609.

de nenhuma outra cousa da vida tinha lembrança. As primeiras violetas, que em Lisboa tráz dezembro, dando novas antecipadas do verão, as primeiras rosas de março, começando a desabotoar, os cravos, as mosque-

---

E no segundo D. Antonio de Noronha, primeiro filho do segundo conde de Linhares, e morto pelos mouros em Ceuta no anno de 1553.

Pelo chão do corpo da egreja encontravam-se tambem um grande numero de sepulturas, e entre outras achavam se as seguintes:

1.ª do P. Gonçalves, terceiro geral da congregação dos Loyos, fallecido em 1480.

2.ª de João Rodrigues, segundo geral, e confessor de D. Affonso V, em 1477.

3.ª de D. Estevão de Aguiar, fundador do oratorio de S. Bento, em 1461. (Porem fr. Manuel dos Santos na Alcobaça Illustrada, pag. 264, diz que a data é de 1446.)

4.ª D. João d'Azevedo, bispo do Porto, em 1517.

5.ª D. Agostinho Ribeiro, bispo d'Angra, de Lamego, e reitor da Universidade, em 1549.

6.ª D. Fernando de Sequeira, bispo de Safim, em 1512.

7.ª Roberto Fontana, modanez, colleitor apostolico, em 1584.

8.ª Fernando Annes, arcediago de Santarem, em 1498.

9.ª Isidoro Tristão, abbade d'Alcobaça, esmoler-mór de D. João II.

Mas é tempo de dizermos algumas palavras ácerca da maxima gloria d'este convento—o beato Antonio.

Sua patria foi a villa de Pombal. Ainda novo entrou para a Ordem dos Loyos no convento de S. João Evangelista. Entregou-se com o maximo fervor ás penitencias, jejuns e macerações, proprias d'aquella epocha Passou depois para o convento de S. Bento de Xabregas, ou, como se dizia vulgarmente, d'Enxobregas. Aqui seguiu o mesmo theor de vida, e adquiriu fama de Santidade, e mesmo durante sua vida despovoava se Lisboa aos domingos e dias santificados, pois o povo queria ir ver o Beato Antonio. Falleceu com 80 annos d'edade em 1602. A devoção para com elle, porem, só acabou depois da extincção das Ordens Religiosas. Hoje difficilmente se encontra pessoa que saiba quem era o beato Antonio, e quão grande era a concorrencia de Lisboa

tas e jasmins tudo buscava segundo os tempos para o seu Menino, e pondo-lhe nas mãos o que trazia, offerta da innocencia de sua alma.

É cousa certa, diz o chronista dominicano, e que foi

---

ao Beato com o fim de verem o embrexado, perto da gruta, onde dizem ter elle vivido.

E nada comprova melhor a fama que tinha de milagreiro, de que a seguinte certidão passada por el-rei D. João IV.

Certidão d'El-Rei

«Quando o Infante D. Affonso, meu muito amado e prezado filho, esteve doente, vendo que os medicos todos desconfiavam da sua vida, e lembrando-me da devoção que o Duque meu senhor e pae, teve sempre ás cousas do B. Padre Antonio da Conceição, religioso da Congregação de S. João Evangelista, mandei buscar algumas reliquias suas, e, quando chegaram com ellas, estava o Infante em tal estado que entendiam os medicos todos podia durar muito poucas horas, e o julgavam por quasi morto, porem no mesmo ponto em que as ditas reliquias lhe tocaram, elle começou a melhorar de maneira que recebeu saude perfeita; e assim fiquei attribuindo aos merecimentos e intercessão do mesmo V. Padre a mercê que Deus lhe fez da vida. Assim o affirmo pelo habito de Nosso Senhor Jesus Christo. Lisboa, 13 de dezembro de 1648.

A rainha tambem assevera o mesmo n'outro attestado. E á vista de certidões taes, como não havia de medrar a devoção para com o Beato, e como não haviam de crescer os rendimentos do convento.

Decorreram annos, e a revolução franceza tornou os povos algum tanto menos credulos, e mais altivos. Os frades pela sua parte trabalhavam tambem loucamente para a sua ruina. E o resultado foi o que já no começo do seculo actual era facil de prever—o secular e gigantesco edificio com poucas machadadas cahiu por terra. O mosteiro do Beato servia por algum tempo de quartel de tropas, e n'um tal mister estava occupado, quando o fogo lavrou n'elle em 1836.

vista e notada por padres, que algumas vezes o accompanhavam, que indo pela manhã cedo abrir a sua ermida, achava o menino Jesus assentado no meio do altar sobre a pedra de ara.

Espalharam então o boato de que o fogo de proposito fôra lançado n'elle para d'aii fazer sahir as tropas.

Mas quer assim fosse, quer não, o caso é que o incendio foi atalhado, e não causou grandes estragos.

Decorreram annos, e a egreja e convento foram vandalicamente vendidos. O novo possuidor destinou a sua acquisição para fabrica e para depositos. Pediu por isso aos descendentes dos antigos condes de Linhares que d'alli fizessem remover as ossadas de seus maiores.

Mas os descendentes nenhuma solução davam; e mesmo parece terem declarado que não queriam saber para nada das ossadas de seus maiores.

A' vista d'um tal desapego o proprietario da egreja mandou tirar dos tumulos as ossadas, e foram todas despejadas dentro d'um carneiro ou subterraneo na primeira capella, que nos fica á direita, olhando para o côro.

Os ossos d'aquelle que foi morto em Ceuta, estavam reduzidos a pó.

Achou-se, porem, dentro d'um tumulo, um craneo de creança (da qual a Chronica não falla) em perfeito estado de conservação.

Actualmente os tumulos acham-se servindo de soccos ao engenho novo na casa da caldeira no intervallo das portas.

No entanto os epitaphios existem ainda nos mesmos logares, que anteriormente occupavam na capella. Pelos intervallos deixados pelas pipas podemos ainda ver as lettras.

Taes são as vicissitudes das cousas humanas.

A egreja acha-se já com a fachada muito alterada, e muito semsaborona... Não digo bem, existem as paredes, o tecto e o côro d'aquella que foi a magestosa egreja e ufania dos Loyos! Paredes nuas, esburacadas, sem cantaria, em summa como aquellas que ainda ha pouco existiam n'esta capital, restos do soberbo templo de Santo Antão conhecido em todo o mundo culto.

Mas aqui as ruinas foram causadas pelo terremoto *impensante* acolá pelo homem que se diz, e é na realidade *pensador*!

Alli eram novos amores, e o abrazar-se em devoção. Tomava-o nos braços e como outro Simeão pedia-lhe licença para acabar a vida, porque a alma não era capaz de tamanho goso, como recebia em tal es-

---

Em quanto ás sepulturas d'aquelles que jaziam no pavimento da egreja, nem uma só escapou. Tudo desappareceu!

Tenho visto a maior parte dos edificios notaveis do paiz, mas em nenhum d'elles encontrei até hoje um tão grande numero de azulejos, como aquelles que ainda existem no antigo convento dos Loyos, n'esta sua casa, cabeça da Ordem em Portugal.

Quantos capitaes não foram empregados n'um tal adorno!

Os azulejos não parecem portuguezes, e são visivelmente do tempo de Luiz XIV, bem como os trajos n'elles representados. Mas que diversidade de desenhos! Que viveza e fertilidade de imaginação! Que contraste de scenas!

Ha serios e ha jocosos: ha azulejos para todos os paladares; mas são realmente muito engraçados aquelles que representam o burro a fazer habilidades: os ratos a enforcarem um gato: as tourinhas, e os gatos a namorarem uma rata.

Tambem alli temos nos azulejos a historia dos sete alfaiates a matarem uma aranha. Mas, talvez por ser desenho estrangeiro, a historia encontra-se aqui algum tanto variada. A pobre aranha lá se acha na parede: dois brutamontes com paus na mão, parecem dispor-se a descarregar pauladas, ambos ao mesmo tempo; mas antes d'isso uma dama gentil, com seu sapatinho na mão, sorrindo-se, vae serenamente esborrachar o aranhiço, do qual os homens parecem um pouco hesitantes em se approximarem.

Os azulejos, que n'esta casa apresentam scenas americanas, tambem me deixaram impressões muito agradaveis.

Que teria sido das bellas artes em Portugal, se o paiz não tivesse tido ricas ordens de cavallaria, e ricas congregações de frades e de freiras! Pois todos sabem que os palacios de nossos antigos fidalgos não passavam d'uns immensos casarões, nos quaes como obra artistica apenas se encontraria algum crucifixo, alguma imagem de Santo, ou algum painel.

E talvez isto tambem proviesse do ensino que se dava a todos —que n'este globo estavamos como perigrinos sempre prestes a entrar na patria celeste. E que o bom catholico não devia revestir as paredes de seus aposentos com ricos damascos, veludos e

tado: e beijando-lhe os pés tornava-o ao collo da Virgem. Outras vezes fazia-lhe perguntas como a menino. para que descia ao altar. onde teria frio? Porque deixava os peitos da Senhora, em que estava mais abri-

---

setins; mas sim adornar sua alma com toda a qualidade de virtudes para obter um dos melhores logares no Ceu.

É, porém, impossivel, que os azulejos de que fallei em ultimo logar, não datem do reinado de D. João V.

No escadorio tambem vemos azulejos, e representam uma batalha e uma reconstrucção d'um edificio.

Ainda existem duas estatuas na balaustrada, faltando outras duas, que, ao todos, eram ellas quatro.

O refeitorio existe tambem, e em bom estado de conservação. Serve actualmente de adega.

Por cima d'este refeitorio fica a bibliotheca: e escriptor houve que chegou a dizer que ella continha dez mil volumes.

As elegantes torres da fachada foram apeadas ha uns treze annos. Deram-lhe uma outra fórma com o fim de não apresentarem o aspecto d'egreja, e tambem para se utilisarem da cantaria em varias obras. Todavia ninguem dirá que não era aquillo uma fachada d'um templo.

A egreja serve actualmente de deposito e de casa de trabalho.

No exterior com communicação para a rua, e á esquerda da porta principal da egreja, ficava o famoso embrechado, delicias do povo de Lisboa, mormente aos domingos e dias sanctificados, em que iam visitar as egrejas que ficavam no caminho, como Santos, Madre de Deus, Xabregas, Grillos, Grillas, e por fim o embrechado; e no regresso não deixavam d'entrar nas hortas, e de fazerem n'ellas alguma despeza, e tambem mil projectos, e mil fanfarronadas, devidas em grande parte ao alcool. E tambem ás vezes poderiam ouvir poetas, pois os poetas tambem frequentavam as hortas, e tambem bebiam, mas não da agua da Samaritana. Mas o embrexado! O embrexado! Que lindeza.

E' o embrexado, do qual ainda existem restos, uma especie de capellinha, revestida de pedrinhas brutescas e conchinhas de varias côres, formando bonitos embutidos. Dizem ter sido n'este sitio a cella do beato Antonio. Parece que as capellinhas eram numerosas, mas não se póde bem ajuizar, pois aquillo é um montão de ruinas!

gado, e melhor agasalhado. E em remate tornava-o a seu logar.

Mas, apesar de tão santo e de tão velho, o diabo ainda vinha á terra para zombar do pobre sachristão.

Diz-se que o Beato Antonio era em vulto, e representado sob a figura d'um frade ajoujado com um sacco ás costas. Mas o saco estava roto no fundo, e d'elle cahiam chouriços no chão, posição que dava grande prazer ao mulherio e ao povinho.

Varias fabricas estão estabelecidas no convento; e ha por alli certa vida e animação, cuja existencia era impossivel nos tempos fradescos.

Parte do claustro serve para fornos. Principiando, porém, pelo nascente, temos em primeiro logar a fabrica de distillação de aguardente, pertencente ao sr. José Maria Macieira e Filhos, fabrica em que ha machina a vapor da força de 12 cavallos.

Segue-se uma fabrica de sabão, pertencente á mesma firma.

Em seguida a esta encontra-se o grande deposito de petroleo e de azeite.

Segue se a notabilissima fabrica de moagens pertencente ao sr. João de Brito, fabrica dividida em 5 pavimentos, com maquina a vapor da força de 87 cavallos, de baixa pressão.

Esta é a fabrica nova; pois ainda existe a antiga, trabalhando tambem com maquina de muito menor força, pois tem apenas uns doze cavallos de força effectiva.

Emquanto á moagem regula ella por uns cem moios por dia.

As ricas portas da egreja são hoje as portas da fabrica, e o sino dos frades, com seu plangente som ainda vai hoje annunciando as horas aos 200 empregados, que n'aquellas fabricas e officinas andam a ganhar o pão diario.

Mas nem eu sou competente, nem seria tambem do agrado do leitar a descripção do movimento do maquinismo e das operações, pelas quaes o grão passa, desde que é lançado no tegão, collocado no andar terreo, d'onde é conduzido por meio de uma nora aos differantes apparelhos da limpeza.

Eis porque passo por alto a maneira como d'estes apparelhos elle sae perfeitamente limpo de todas as materias estranhas, taes

Pois obra do diabo era o sahir todas as noites o menino Jesus dos braços da Senhora, e il-o o sachristão achar pela manhã sentado no altar.

E de vez em quando tambem o diabo apagava a

---

como pedra, terra, palha, ervilhaca ou aveia. E, como depois d'esta evolução, se introduz n'outros tegões, que, achando-se no andar superior ao das mós, o conduzem para estas por meio d'uns tubos metallicos, que, achando-se adaptado a uns pequenos funis do mesmo metal, collocado sobre a caixa da mó, o lançam n'ella, onde é reduzido a farinha.

Passo em claro tambem, por importar pouco ao leitor, a maneira como a farinha de todas as mós, é reunida por meio d'um parafuso, sem fim, ou de Archimedes, e é lançada n'uma nóra, que a conduz a uns apparelhos chamados *refrescadores*, os quaes a lançam nos peneiros, que teem por fim dividir a farinha sahida das mós (*farinha em rama*) das differentes qualidades, promptas a entrarem no lotador.

Tudo isto operado por meio de complicado maquinismo, movido pelo vapor, deixo por alto, no entanto é surprehendente ver e ouvir ao mesmo tempo em movimento uma immensidade de correias, de tambores, de cylindros, e de ferros de todos os feitios e tamanhos!

Em summa, a sã razão diz-nos que estes artistas e operarios são mais uteis á humanidade, do que os pansudos loyos a viverem regaladamentel e quasi na ociosidade!

E emquanto a maldade houve-a sempre.

Na obra intitula : *Sentinella contra judeos posta em a torre da egreja de Deus*, e estampada no Porto no anno de 1745, a pag. 137, lemos o seguinte, e vejam lá se querem maldade mais descarada do que as que o autor attribue aos maldictos Judeus :

«O glorioso padre Santo Antonio trata da zombarias e mofa que dos christãos e suas cousas fazem; e dos risos com que escarneciam d'elles, que não tem maior gosto, que quando fazem escarneo de um christão velho, enganando-o em alguma cousa, como se vão por um caminho, e por se não perderem lhe perguntam por onde hão de ir, por escarneo o desemcaminham, dizendo que o caminho é por outra parte, ficando-se elles rindo do que fizeram. Quando não podem mais, se contentam com pisarem

luz da lampada, que deveria estar acesa durante a noite.

Mas depois o mafarrico perdeu de todo a vergonha e mostrava-se visivel. Umas vezes apparecia na figura de

---

a sombra, ou cuspir n'ella, tendo n'isto tanto gosto, como se em a cara lhe cuspiram. S. Justino diz que, quando em descampado colhiam christão, lhe não perdoavam a vida. Em Villa Viçosa do reino de Portugal havia umas beatas judias, que faziam muita conserva, misturada com sua propria immundice, e que com ella convidavam os frades, e muitos confessavam terem n'a comido.

Estas mesmas hiam tambem ás igrejas, e levavam umas velhinhas, pouco mais de palmo, que davam para se dizer missa, com o pavio tão cortado, que aos que as ajudavam lhe era necessario para as accenderem, cortarem uma pouca de cera com os dentes, a qual ellas tinham mettido primeiro em suas partes immundas, indo depois fazer grande galhofa e zombaria do que tinham obrado.

Em a cidade de Toledo um judeu medico levava veneno em a unha do dedo e tocando com elle a lingua dos doentes os matava. Outro cirurgião em a mesma cidade lançava veneno nas feridas, despachava as curas, matando. Todos os judeus de Antioquia haviam tido umas grandes festas e para lhe darem a seu parecer e ultimo complemento, diz Velasques que furtarão um menino christão, e açoutando-o o crucificaram: mas não ha que maravilhar ouvindo o que diz Jacob de Valença dos judeus, e é que provocados do seu mortal odio e aborrecimento, põem um christão todos os annos em uma cruz, e o crucificam.

O padre frei Filippe de Salazar no sermão da Cruz diz que succedeu na cidade de Valença do Cid, que um dia da sexta feira Santa de noite, estando um mancebo em uma rua d'ella, fóra de horas, reparou que em uma casa estavam muitos homens, causou-lhe novidade, e curiosamente se chegou á porta espreitando, e escutando o que passava. Ouviu que disseram os de dentro que parecia andar gente na porta, e temendo, que abrindo-se lhe poderia succeder algum fracaço, metteu mão á espada, e levando-a esperou o que lhe succedesse, retirando com tudo alguns passos, a tempo que chegando por alli a justiça, o achou n'aquella fórma, e perguntando-lhe o que fazia d'aquella sorte, disse o que tinha succedido. O juiz não só por se certificar, mas

porco, grunhindo. Mas o santo velho pegava n'uma correia, que já para tal fim trazia, e zurzia o diabo a bom zurzir.

De vez em quando tambem o careca maldito se lhe

---

com o desejo de saber para que se juntava aquella gente, chegou á porta, e fazendo a abrir, a diversas perguntas que fez, lhe deram escusas apparentes, a cujo tempo levantou a voz um menino, que escondido tinham, dizendo: Estes homens me querem crucificar.

Deram conta ao tribunal, e averiguando serem todos judeus e que em o opprobrio da Paixão de Christo faziam e haviam feito semilhantes delictos, fez que correspondesse a culpa ao castigo, mandando arrasar a casa, e em seus fundamentos se edificou uma egreja com o titulo e invocação da Cruz, celebrando se ali uma annual festa em o domingo infra octavam da instituição d'ella, para eterna memoria do succedido.

No anno de 1633 se fizeram em Madrid grandes demonstrações de sentimento por outro estupendo caso que os frades fizeram com a imagem de um santo Christo crucificado; a qual arrastaram, açoutaram e lançaram em o fogo: derramou muito sangue, e da sacrosanta imagem se ouviam vozes queixosas, dizendo: *Malditos, porque me maltratais, sendo vosso Deus verdadeiro?*

Assim se contau em a sentença e processo: e houve então grandes sermões ao desagravo de nosso Deus crucificado, e contra os judeus tratando-o tão affrontosamente.

O' crueldade nunca imaginada! O' dureza nunca jamais vista! O' mais feros e crueis que vos mesmos! Que tenhais um Christo diante de vossos olhos, que o vejais verter sangue, que o ouçais articular palavras, que nem o sangue vos abrande, nem a vista vos mova, nem as vozes vos convertam? Não só o fizeram reconhecidos de sua crueldade, antes passou tanto adiante sua malicia, que não contentes com os inhumanos golpes e açoutes, que á santa Imagem deram, cegos e pertinazes se atreverão a convertel-a em cinzas.

Em Paris se descobrio (pag 142) que no anno de 1174 crucificaram a um christão chamado Ricardo, e este mesmo anno a um outro chamado Domingos crucificaram em Sarogosa. No anno de 1468 crucificaram em Trento a outro, chamado Simão, e lhe fizeram opprobios sem piedade. No mesmo anno cru-

vinha deitar na cama, onde o achava a bom dormir, quando, com o fim de se deitar, para ella se encaminhava.

Ao achar a cama tomada, o velho sachristão excla-

---

cificaram em Dotrana com deshumanas crueldades a outro chamado *Joanino*. Em Sepulveda, ca em Hespanha, (porque os exemplos não sejam todos estrangeiros) crucificaram outros mancebos, cujo nome se não sabe, ao qual, ao parecer d'elles deram todos os tormentos do Bispado de Segovia. Em Valladolid pozeram a um menino em fórma de cruz, e com agulhas lhe trespassavam o corpo muitas vezes, em o anno de 1452.

Em o de 1454, succedeu não mui longe de Zamora e de Benavente nas terras de D. Luiz de Almaçam que dois judeus furtaram um menino, e sahindo-se com elle fóra do povoado a um campo o abriram pelo meio, e lhe tiraram o coração, e chamando outros judeus conhecidos, o queimaram, e fizeram cinza, e misturando com vinho o deram a beber a todos, e não enterrando profundamente o corpo, porque os d'este jaez não são grandes cavadores, uns cães que chegaram á sepultura, tirando um bracinho o levaram na bocca, o qual foi visto e tomado de uns pastores, e descoberto o delicto, foram prezos os delinquentes, que o confessaram, e foram castigados.

No anno de 1490, succedeu que um judeu visinho de um logar chamado Quintar, com outros naturaes visinhos da Guarda e de Tembleque se acharam em Toledo ao tempo em que se fazia um auto de Inquisição de Fe, e vendo o damno que se lhe seguia d'ella, disse o de Quintanar aos outros: Eu sei certo feitiço, com o qual raivarão e morrerão todos estes, e prevalecerá a lei de Moysés.

Concertaram-se todos que se juntassem em Tembleque, onde depois de muitas consultas determinaram furtarem um menino innocente de tres para quatro annos, e isto se encommendou a um chamado João Franco, por mais sagaz e astuto. Furtou-o em Toledo, e o levou ao logar da Guarda, onde elle morava, dizendo aos visinhos, que era seu filho, e que o tinha dado a crear em outra parte. E chegando o tempo da Paixão do Senhor, se juntaram todos em um cova meia legua da Guarda, aonde antes de fazerem o feitiço, trataram de executar em o innocente menino todas as affrontas, opprobrios e deshonras, que em o Filho de

mava: *Não vos tenho eu avisado, dom previso, que me não entreis n'esta cella? Sus, levantar d'ahi muito nas mas horas, que essa cama é muito estreita para dous. Quanto mais que não aceito eu tão ruim companhia.* A isto o dia-

---

Deus seus antepassados executaram. E repartidos os officios entre elles para este lastimoso caso lançaram ao innocente uma grossa corda ao pescoço, e o levaram aos pontifices Annás e Cayfas. Levantaram-lhe falsos testimunhos, deram-lhe bofetadas e impuxões, cuspiram-lhe no rosto, e dizendo mal da doutrina de Christo, como se falassem com sua Divina Magestade, diziam ao menino: Este traidor, enganador, engana as gentes, alvoroça os povos, e se chama Filho de Deus. E logo o levaram diante de um Fernando da Ribeira, visinho de Tembleque, contador do priorado de S. João, o qual como pessoa mais principal fazia officio de Poncio Pilatos, e elle se sentou em um tribunal, onde chegaram João de Ocanha, Garcia Franco, e outro Lopo Franco, e lhe deram o mesmo numero de açoutes, que seus antepassados ao Filho de Deus, dizendo-lhe: Traidor, enganador, que quando pregavas, não eram mais que mentiras contra a lei de Deus e de Moysés, aqui pagarás agora o que dizias e fazias n'aquelle tempo. Assim continuaram as demais affrontas até que o crucificaram, e lhe deram a lançada, na qual hora, como se averiguou e soube depois, sendo a mãe do santo menino cega, cobrou subitamente a vista, sem saber como, nem de que maneira. Depois d'isto tiraram ao menino o coração e o guardaram, enterrando o corpo. Com o coração do menino correram á cidade para acabar o feitiço; a um João Gomes que tambem era christão novo, e sachristão de certa parochia, deram 30 reaes, para que furtasse do Sacracio uma hostia consagrada, e lha desse. O sachristão João Gomes a furtou, e lha deu, vendendo-lha assim como elles a quizeram, juntos outra vez todos, ordenaram alguns a experincia, e vendo que lhe não sahia, como cuidavam, determinaram remeter o negocio aos Judeus de Zamora, aonde estavam os mais sabios, doutos e rabinos, enviando com o coração e santa hostia, a umBento Garcia das Mezuras, o qual levava o coração embrulhado em uns pannos, e a hostia em umas horas, com cartas de credito para os referidos judeus, em que se lhe manifestava o intento. Este tal passando por Avila, onde esva o tribunal de Santo Officio, como era dissimulado e tido em boa

bo desapparecia, mas o velho só teve verdadeiramente descanço, quando subiu ao ceu em 1555.

Porem o que se passava no convento de frades dominicanos em Aveiro entre o diabo e um fradinho san-

---

conta, como se apeou, se foi logo direito á cathedral, e alli fingiu que com muita devoção resava pelas horas, e vendo um christão, que acaso entrou na egreja, notou como das Horas sahiram raios, e parecendo-lhe que aquelle homem seria algum santo esperou que sahisse, e se foi atraz d'elle á pousada, de onde se foi a dar contas no Santo Officio, o qual mandou pessoas que se informassem do caso e estas colheram ao tal Bento Garcia das Mezuras, e vistas as cartas que traziam, o prenderam, e em os demais lugares aos outros, que foram queimados no anno de 1491.

...Digo, pois, que ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucificarám a Sua Divina Magestade, uns tem uns rabinhos que lhe sahem de seu corpo do remate do espinhaço: outros lançam e derramam sangue de suas partes vergonhosas como se foram mulheres. Outros não podem cuspir, nem lançar humidade alguma de sua bocca: outros em se deitando, ou encostando a dormir, lhe entram e sahem immensidade de bichos a morder a lingua.

Os que tomaram sobre si e seus filhos o sangue de Jesus, como disseram a Pilatos, estes padecem fluxo e sangue, e purgação o menstruo todos os mezes. E Marcelino na sua Historia diz que taes judeus, quando nascem, trázem a mão direita cheia de sangue, e pegada em a cabeça.

Outros escriptores affirmam que á sexta feira da Paixão todos os judeus e judias tem fluxo de sangue, e que por isso são pallidos.

Dizem mais que para se limparem e livrarem d'esta praga, tem os judeus por certo o costume inventado entre elles de matarem creaturas innocentes, por quanto um seu rabino lhes disse estando quasi á morte que se lhe não havia de tirar aquella infermidade, senão com sangue de Christo. Assim o traz VALLE, *de incantationibus*. Mostra-se mais este maravilhoso cuidado, em que aos mais d'elles lhe cheira mal o corpo com tal extremo que os antigos poetas lhe não sabiam dar outro nome, nem lhe davam, mais que de fedorentos, e d'esta opinião é Marcial no livro II.

Alguns auctores dizem que este mau cheiro ou fedor o tinham

to, ainda era muito mais engraçado. Os diabos arremettiam na figura de fantasmas contra o santo fradinho fr. Balthesar de Guimarães. Este, porem, nenhum medo tinha d'elles. E até mesmo dizia aos ou-

---

todos e teem os que foram e são descendentes dos cumplices em a morte de Christo. Os que têem os rabinhos no remate do espinhaço, são por linha direita descendentes d'aquelles que entre elles eram mestres, a quem chamavam rabis, e nos rabinos. Estes se sentavam a julgar, e hoje ensinam a sua lei como mestres e juizes, e para pena sua, e que sentados não possam estar sem molestia, e trabalho, lhe sahem aquelles rabinhos no proprio logar que lhe pode causar penalidade. Os que não podem cuspir, nem lançar humidade alguma da sua bocca, são aquelles judeus que descendem em linha recta dos sacrilegos, sujos e desavergonhados que se atreveram a afear com ascorosos escarros de suas bocas a formosura do Céu, e da terra, Christo nosso bem e Senhor.

Aquelles judeus, a quem entram e sahem innumeraveis bichos em a bocca a morderem-lhe e roer lhe a lingua em se deitando, foram e são os descendentes de uma mulher chamada Beatriz, natural de Jerusalem, na qual cidade, segundo refere Cantipratano, succedeu o seguinte:

Havia uma mulher leviana chamada Beatriz, amiga de vêr, e de ser vista de todos, e como tal rodeava e passeava as ruas de aquella cidade. O dia, em que haviam de crucificar a Christo, passando esta mulher por casa d'um ferreiro, a quem tinham mandado fazer os cravos para o pôrem na cruz, se poz a fallar com elle e lhe disse: Que fazes?

Ao que o ferreiro respondeu que estava fazendo uns cravos para o porem na cruz, com o fim de ser crucificado aquelle homem, que n'aquelle dia queriam justiçar.

E ella então perguntou: Queres-me fazer um favor? Pois se queres fal-os rombos, para que, quando os cravarem n'aquelle malfeitor, lhe dêem maior dôr, e causem maior tormento. E o ferreiro assim lh'o prometteu, e assim os fez como aquella mulher lh'os pediu.

Eis porque os descendentes d'esta mulher, apenas se deitam, entram innumeraveis bichos como formigas em suas boccas, mordendo-os em a lingua, e isto permanece em seus descendentes.

tros fradinhos, que não tivessem medo, pois tudo aquillo nada mais era do que andarem os *proviços* a divertirem-se.

Continuemos, porem, a ver como a familia real visi-

A esta mulher lhe chamaram depois Beatriz Romba, e d'aqui se tomou o modo commum de fallar.—De judia ou judeu rombo me livre Deus.

Conhecem-se muitos tambem que são judeus em os narizes, nas barrigas das pernas, na pouca limpeza, e desmazelamento geral em as costas, e em mostrarem ser ou serem corcovados. E são estes signaes tão notaveis que ainda que, com artificios os queiram tapar ou encobrir, não podem.

Alguns ha que fica a baba ou cuspo pegado, em a cara, quando cospem, em pena de haverem cuspido em a do nosso Redemptor.

E Santo Agostinho diz que em castigo dos judeus haverem crucificado a Christo, veiu sobre elles e seus descendentes a mesma pena, por quanto em o cerco que Tito poz a Jerusalem foram por mandado do mesmo Tito crucificados tantos que todos os dias, em quanto durou o cerco da cidade, que foram seis mezes, crucificaram perto de quinhentos. E em muitos dias passavam d'este numero. Vinham desatinados com a fome, e elle os mandava crucificar, até que faltaram paus para fazerem as cruzes.

Alcobaça

(Esta passagem é de Lord Beckford na sua viagem em Portugal).

«Por motivos, que eu nunca pude conhecer a fundo, teve uma linda manhã o principe regente de Portugal a regia lembrança de me pedir que fosse eu fazer uma visita aos mosteiros d'Alcobaça e da Batalha. Nomeou para meus guias e companheiros de viagem aos meus intimos e particulares amigos, o prior mór de Aviz e o prior de S. Vicente.

Quando eu communiquei as regias ordens a estes dois prelados não mostraram elles os mais leves vislumbres de surpreza.

Parecia até mesmo que estavam completamente preparados para uma tal visita.

tava incessantemente os conventos, examinemos ainda esse viver fradesco do seculo passado.

No dia 26 de dezembro de 1739 da-nos a Gazeta a noticia de ter ido el-rei com o principe, com os infan-

---

É mui soberbo este regio mosteiro ao primeiro aspecto: a villa é pittoresca, bem arborisada, e abundante d'aguas. Enxergase como que levantando-se do sereno valle a sua vista consola o coração contra as sensações oppressivas, que inspira o vulto immenso e tyrannico dos edificios monasticos. Mal nos lobrigaram, embora nos achassemos ainda distantes, o mais estrepitoso repique de sinos, de grande tamanho, annunciou a nossa proxima chegada.

Havendo um aviso especial do secretario de estado recommendado a estes opulentos monges que recebessem o prior mór e seus companheiros com especial acolhimento, toda a communidade, incluindo padres, frades e subordinados (pelo menos 300 pessoas,) revestidos com os trajos religiosos dos dias festivos, se achava alinhada no vasto adro do mosteiro, para nos dar os parabens pela nossa chegada.

A sua frente o proprio abbade trajando o seu trajo de esmoler mór de Portugal, avançava para nos dar um cordeal abraço.

Era altamente delicioso observar com que doçuras e ternuras o bom abbade d'Alcobaça cumprimentava e afagava seus dignos reverendos irmãos d'Aviz e de S. Vicente—*nunca se encontraram rolas mais carinhosas*, pelo menos nas apparencias.

Precedido por estas tres graças de santidade entrei eu no templo, grande, massiço, saxoneo na apparencia, e com seu tanto, ou quanto d'austero.

Tudo estava ás escuras, excepto o sitio, em que as luzes das alampadas, sempre bruxuleando defronte do altar mór, espargiam uma luz mui solemne e religiosa.

E mesmo não vale a pena mencionar as luzes das capellas e nichos.

Para este altar mór os meus padres, de elevada jerarchia e guias, encaminharam meus passos, em quanto as vozes cheias e harmoniosas de varios e soberbos orgãos, acompanhadas pelas vozes do côro, proclamavam que se achavam na adoração.

Os tres prelados foram ensinando o caminho para, creio eu, o mais famoso templo da glutonice em toda a Europa. Aquillo

tes D. Pedro e D. Antonio visitarem a egreja dos Loyos no Beato Antonio e na volta entraram na Madre de Deus, onde assistiram á ladainha cantada pelas freiras.

No domingo immediato foi a rainha ao mosteiro de

---

que Glastenbury poderia ter sido no seu brilhante estado, não posso eu asseverar; porém meus olhos nunca observaram em convento algum modesto da França, da Italia ou da Allemanha, um tão enorme espaço dedicado a operações culinarias.

Pelo meio de uma sala immensa, de volta abatida, elegantemente, não tendo menos de sessenta pés de diametro, corria um riacho de agua limpida, caminhando pelo meio de um reservatorio de pau, e contendo os mais bellos peixes do rio, de todas as qualidades e tamanhos.

De um lado grandes montões de caça e de veados estavam accumulados; e do outro, hortaliças e fructas de uma variedade interminavel.

Ao comprido d'uma extensa fileira de estufas se prolongava uma enfiada de fornos para coserem pão; e, junto d'estes montões de farinha de trigo, mais alva do que a neve, montões d'assucar, talhas do mais puro azeite, e pastelaria a fartar, parte de todas as quaes cousas uns estavam rolando: e uma numerosa caterva de leigos e ajudantes dispondo em milhares de fórmas, cantarolando durante todo o tempo tão alegremente, como as calhandras n'um campo de trigo.

Meus creados e os de S.as Excellencias reverendissimas os dois priores conservaram-se de pé, embasbacados na contemplação d'aquelles hospitaleiros preparativos, e tão prasenteiros e jubilosos, como se elles n'aquelle mesmo momento houvessem acabado de assistir ás bodas de Caná na Galilea. Ahi, exclamava sua excellencia o abbade, não haviam de passar larica. As bondades de Deus são grandes, e é mister que participemos d'ellas.

«D'aqui a uma hora e meia a ceia ha de estar prompta» continuou Sua Excellencia o abbade, «e, no emtanto, permitti-me que eu vos accompanhe ao vosso aposento.

«As paredes ainda estavam nuas, porque só esta manhã, mas já muito tarde, fomos informados da vossa vinda. Não tivemos, por isso, tempo para o adereçar com as tapeçarias finas.

Eu achei os aposentos, que se compunham de uma saleta de espera, de uma sala de visitas, de um quarto de dormir, não só-

Belem. E o principe e o infante D. Pedro foram ás Necessidades. Em 31 de dezembro assistiu a familia real em S. Roque ao Te Deum.

No primeiro de janeiro foi a rainha á casa dos jesui-

---

mente soberbos, mas até mesmo muito agradaveis. Embora as paredes se achassem nuas, o tecto achava-se revestido de pinturas douradas, e tapetes da Persia, dos mais finos tecidos estavam estendidos pelo chão. As mezas achavam-se cobertas com ricos pannos de veludo, enfeitadas com deslumbrantes jarras e bacias de prata cinzelada, e com toalhas de mãos bordadas, tendo cantos de rendas, de um padrão antigo, mas curioso: peregrina mistura de simplicidade e de magnificencia!

Até o meu proprio leito estava armado n'uma alcova espaçosa com surpreza apparente, do monge destinado para estar ao meu serviço.

Eu, porém, tratei de me confortar. Dei um banho aos pés tão serenamente, como se estivesse á porta da tenda do pai Abrahão, e esperei n'uma perfeita e consoladora tranquillidade até que tres trovejantes badaladas no exterior do portal annunciaram a chegada do abbade em pessoa com o fim de me acompanhar para a sala do banquete.

Passamos pelo meio d'uma serie de claustros e de galerias mal visiveis por causa das sombras da tarde, até que por fim entrámos n'um salão, realmente magestoso, coberto de pinturas, illuminado por uma profusão de velas de cera em placas de prata. Exactamente no centro d'este deslumbrante salão erguia-se uma comprida mesa; e em volta quatro amplas poltronas, uma para o hospede, e as outras para os tres prelados de modo que estavamos formando um quadrado.

Consistiu o banquete não sómente na comida usual e excellente, mas até mesmo em raridades e acepipes das estações passadas, dos paizes longiquos—linguiças delicadas, lampreias d'escabeche, guizados raros do Brazil, petisqueiras de ninhos de passaros chinezes, e de barbatanas de tubarão, preparadas conforme a ultima moda de Macau, por um irmão leigo chinez.

Em quanto a doces e fructas não ha que fallar. Estavam estas á nossa espera n'uma sala contigua, ainda mais espaçosa e sumptuosa, na qual nos abrigamos depois d'um diluvio de variedades de molhos.

tas na Cotovia visitar o Lausperenne. E no sabbado tinha a rainha tambem ido ás Necessidades.

A 9 de janeiro foi o rei visitar com os infantes D. Pedro e D. Antonio a egreja dos Paulistas. No dia im-

---

N'esta segunda sala encontrámos Franchi, o secretario do prior d'Aviz, o caudatario do prior de S. Vicente, e dez ou doze dos principaes da visinhança mui anciosos por lançarem uma olhadella para o estrangeiro, a quem sua excellencia o abbade se deliciava em honrar.

Levantada a meza, quatro noviços bem apessoados, rapagões de seus quinze ou dezeseis annos, servis até á affectação, chegaram trazendo perfumadores de filagrana de Goa, derramando um fragrante cheiro de columbac, a mais fina qualidade de pau de aloes.

Terminada esta graciosa cerimonia, despejou-se o salão, como se fôra para uma dança. Eu regosijava-me commigo mesmo, pensando que iamos ser obsequiados com o bolero, ou com o fadango, ou talvez com a propria fôfa, dança tão decente. como decentes foram os bailados dançados para recreio de Muley Liezit, exemplarissima magestade marroquina.

Uma chusma de tocadores de clarinete e de guitarra, vestidos com dominós de seda, assim como trajam os homens das serenatas nas burletas italianas, acompanhados por um grupo de monges novos e de jovens cavalheiros trajando á secular, tão ceremoniosos como grosseiros, começaram uma interminavel successão de minuetes que tinham tanto de muito decorosos, como tambem de muito insipidos.

Lord Beckford por fim achava-se tambem com desejos de dançar; mas ai, que a sua jerarchia sómente lhe permittia dansar um minuete com os tres prelados! Que differença entre as etiquetas d'aquelles tempos e a de nossos dias!

Convento da Arrabida em 1885

Este convento e egreja não estão hoje reduzidos a um montão de entulho, por causa do cuidado que d'elles tem tido o duque de Palmella.

Sem o cuidado d'este duque de nada lhe valeriam as recor-

mediato tambem esta fôra visitada pela rainha, e d'alli foi para a egreja da Senhora das Necessidades. Porem já tinha na sexta-feira visitado a egreja de S. Julião.

---

dações de Santa Thereza de Jesus e de S. Pedro d'Alcantara, e os versos de Alexandre Herculano.

Nos agrestes pincaros do promontorio barbarico erguem-se intactos o mosteiro e o templo dos piedosos penitentes da Arrabida. Ali vão ainda chusmas e chusmas de romeiros com o fim de dirigirem suas preces ás santas imagens, de pagarem suas promessas, de folgarem por entre as odoriferas matas, de contemplarem absortos a lua reflectindo sobre as aguas do Sado e Oceano. Ouvem os rugidos do mar, e vêem o encapellado de suas ondas sem medo. Cantam seus versos ao som, ás vezes admiravel, da guitarra e de varios outros instrumentos. E o sino ainda convida as turbas a entrarem na egreja para ouvirem a voz do prégador e as harmonias da musica. E os velhos quando tal ouvem e vêem, julgam-se ás vezes nos tempos das suas rapaziadas.

Os velhos ainda contam mil historias e lendas dos monges outr'ora ali residentes, as capellas, as imagens, as sepulturas, recordam que a vida actual ha de acabar, e é provavel que muitos protestos de melhoramentos de vida se tenham feito sobre aquellas fragosas serras

Em summa, devido ao duque de Palmella, ainda se passam ali muitas horas agradaveis. Tivesse a Arrabida tocado a outro qualquer possuidor, o mosteiro seria um armazem, a egreja passaria para casa de habitação, as ossadas para uma refinação de assucar em Lisboa, e sobre a figura de fr. Martinho, cahiria um machado, que de prompto a reduziria a achas para o lume, e a gruta de Santa Margarida seria convertida em pia para as cavalgadûras beberem.

E, se assim acontecesse, não havia que admirar.

Portugal, como que á porfia, ha cincoenta annos, tem dado ao mundo um nojento espectaculo de derribar, de aluir, de espesinhar tudo quanto recorde os gloriosos feitos de nossos heroes.

O Carmo em Lisboa serviu de estrumeira Os ossos de fr. Luiz de Granada em S. Domingos de Lisboa, estiveram prestes a ser lançados no entulho, e devem a um estrangeiro a sua conservação.

No dia 16 de janeiro foi el-rei a S. Vicente de Fóra assistir com o principe e com o infante D. Antonio ao triduo do desacato. Esta mesma egreja foi visitada no dia immediato pela Rainha.

A capella dos Castros em Bemfica foi salva por um estrangeiro.

Se em Bemfica a sepultura do grande fr. Luiz de Sousa tem uma campa, deve-a a um padre brasileiro.

A' celebre egreja de S. Domingos de Santarem, onde jaziam tantos e tantos varões illustres, que ali tinham comprado suas sepulturas, nem sequer poude salvar a voz eloquentissima de Alexandre Herculano que tanto bradou pela conservação d'aquelle templo, e do qual só escapou a claustro, por estar n'elle a praça de touros.

Ao entulho foram lançados os ossos de João Fernandes Andeiro.

Mas para que direi mais a leitores contemporaneos, que sabem perfeitamente como as coisas se passaram.

No emtanto o historiador geme, o archeologo afflige-se, o homem amante do seu paiz acha que um tal proceder é uma vergonha indelevel, mas o vandalismo corre triumphante pelo paiz, é acolhido com festas e applausos, em nome da civilisação moderna, e eis porque não escapam as torres de Beja, embora romanas, nem as muralhas de Monte-mór-o-Velho, embora tambem romanas.

Se a Grecia tivesse pertencido a Portugal, já não existiriam os restos d'esses famosos monumentos, que têem sido o assombro de gerações successivas, e aos quaes diariamente numerosos estrangeiros de todos cantos da Europa vão render preito e homenagem...

Vamos, porém, outra vez fallar da Arrabida.

Para quem desembarca no Portinho, e se encaminha ao cume da Arrabida, acha ao principio o caminho ameno e facil. Vão, porém, as cousas gradualmente mudando muito de figura, á medida que nos vamos aproximando do famoso mosteiro.

O caminho cada vez se torna mais ingreme, alcantilado e empinado. D'ahi a pouco ergue-se, e como que parece dar seus ares de arremetter contra quem o pretende galgar, valendo-se já dos pés, já das mãos.

Na quarta feira 14 foi a rainha com as princezas á Madre de Deus; e no dia immediato á egreja de S. Mauro na Junqueira. Querería dizer a Gazeta Santo Amaro?

A subida faz-se agora por uma senda, que nem sequer o nome de carreiro póde ter, pois é muito estreito, e isto já n'uma altura pasmosa.

N'este sitio o olhar para baixo amedronta, perturba a cabeça, causa vertigens, enfia o rosto, faz esquecer os membros, o coração comprime-se e faz-se pequenino.

Mas, se a subida nada tem de facil, que facil nunca foi trepar por uma serra escorregadia e quasi a prumo, a descida ainda tem muito mais que se lhe diga,

As pedras rolam debaixo dos pés, e fazem escorregar. Faltam os arbustos, ou outra qualquer coisa a que a gente se agarre.

Olhar para baixo, para aquella distancia, desamparada de ambos os lados, e que a gente ainda tem para descer, causa vertigens e faz estremecer.

Como agora se amarguram as scenas populares que observamos.

Como agora nos arrependemos de termos ido ouvir um prégador e musica.

Mas, chegados ao Portinho, desappareceram os sustos e conservamo-nos por horas embebidos ao ouvir a guitarra magistralmente dedelhada por cinco ou seis guitarristas ao desafio. Os foguetes rompem as nuvens, os copos despejam-se, os homens de pequeninos tornam-se grandes, de pobres, ricos, de humildes, fanfarrões, e depois lá vae o vapor largar todo aquelle povoleu em Setubal, e depois desaparecem os jubilos e as illusões, e o artista, até ha pouco concebendo no cerebro regios pensamentos, sabe que tem no dia seguinte ou de ir caiar um predio, ou escanhoar as barbas aos freguezes.

E tudo assim no mundo, continuas illusões!

Querendo porem, o leitor ficar em Setubal, tem bastante que ver tanto n'esta cidade, como nas cercanias. Eu porem, fallarei tão sómente de templos.

Passada a estação da historica Palmella, o aroma dos laranjaes surprehende, mórmente se fôr de manhã, deliciosamente, o olfato dos passageiros. É encantador, principalmente em janeiro

Na quarta feira immediata foi el-rei á Sé por ser vespera de S. Vicente.

Na segunda feira, porem, foi a rainha com a princesa visitar a egreja de S. Sebastião de Pedreira.

---

o panorama que nos appresentam os laranjaes, que são, e com verdade, o orgulho e a ufania do povo de Setubal e das immediações.

A' sahida da estação enxerga-se logo uma cordilheira de serras, sob a qual se estende a cidade banhada pelo magestoso Sado. Magestoso e admiravel em frente d'esta cidade, porem monotono e nada risonho no seu curso até Alcacer do Sal, a Salacia dos antigos romanos, e onde o convento das freiras d'Ara Coeli está reduzido a um montão de pedras e terra!

Vê o passageiro logo depois de chegar a Setubal os restos das pallidas e carcomidas muralhas de Palmella, o alto do Viso, S. Luiz, Boa Vista, S. Philippe, torre do Outão, por onde passou, quando foi á Arrabida, e logo em seguida esse Promontorium Barbaricum dos antigos, ao qual dão actualmente o nome de Serra da Arrabida, em cujo agreste pincaro os piedosos cenobitas, guiados por S. Pedro d'Alcantara, foram fundar um mosteiro, outr'ora receptaculo de muitas virtudes, depois cantado por Alexandre Herculano, e salvo do vandalismo pelo duque de Palmella, como já disse.

Nas encostas d'estas serras existiam o extincto convento, cerca e egreja de Brancanes, construcção do seculo passado. Mas havia aqui um dos mais bellos quadros existentes em Portugal.

Logo no começo da rua Nova de Bomfim se encontra a linda egreja das freiras de S. João. Rarissimas vezes o templo se abre ao publico, mas quando o abrem merece a pena vêr os azulejos da egreja.

Seguem-se extensos laránjaes que vão entestar com o afamado campo do Bomfim, e a poucos passos, em direcção a Palhaes, observa-se á direita uma porta que pertencera a uma gafaria. Sua architectura data evidentemente do tempo d'el-rei D. João II, monarcha que n'esta terra deixou bastantes recordações.

Passado o largo de Palhaes vê-se immediatamente a praça de S. Bernardo, designação que dizem ser proveniente d'um mosteiro de freiras da ordem do Claraval que n'este sitio estacionou segundo dizem, mas do qual mui poucos vestigios restam.

Na terça feira, 27, foi ella visitar os dois conventos de Carnide, e a egreja da Luz. Na quinta feira visitou a do Espirito Santo; na terça a dos Martyres, e na quarta feira seguinte a das freiras Albertas.

Existe, perem, uma casa de jesuitas fundada sobre as ruinas do antigo convento de S. Francisco, que estanceava n'um local pittoresco.

Esta casa de jesuitas fica a pouca distancia da egreja parochial da Annunciada, templo que por certo não é mais pequeno que o dos jesuitas, onde nada se encontra de notavel em quanto a artes, mas onde se reunem continuamente todas as pessoas que se entregam ao beaterio.

Mas a verdade é que os jesuitas teem alli prestado grandes serviços ás lettras e á moral. Educam e alimentam em grande numero as creanças desvalidas, ás quaes dão educação religiosa, a mais efficaz de todas as educações, e dão ensino, fato e alimento. Ao principio fizeram lhes guerra, hoje respeitam-nos e consideram-nos como benemeritos.

O templo de S. Sebastião é digno de mencionar-se. Serve hoje de parochia, mas foi fundado por um frade dominicano, e a um convento dominicano pertenceu.

E quem entrará n'elle, se ao menos houver lido a suavissima historia de S. Domingos por fr. Luiz de Sousa, escriptor nunca assas louvado, que se não recorde do nome do famoso fr. Luiz de Granada.

Vivia este notavel escriptor hespanhol no convento de S. Domingos de Setubal ou de Setuvel, como então se dizia.

Certos almocreves e arrieiros que n'esta povoação traficavam em negocio de peixe para Hespanha, foram visitar o frade dominicano, dizendo-se seus parentes. O grande escriptor, filho d'uma lavadeira de Granada, e que por caridade recebeu a educação n'um convento de frades, apesar das honras que lhe prestavam os reis e os principes, conservou-se por toda a vida modestissimo.

Obsequiou e regalou os almocreves o mais que lhes foi possivel. Depois foi procurado por outros, e estes tambem foram obsequiados e regalados. Ainda vieram outros, e outros, que apesar de regalados importunavam e pedinchavam sempre. E o fradinho ia sempre fazendo a favor d'elles quanto podia; mas certa

Na quarta feira immediata foram as altezas e magestades ver a procissão da Ordem Terceira de S. Francisco: e na sexta a dos Passos de S. Domingos. E na quinta foi a rainha visitar o Senhor dos Passos a Belem.

---

occasião não se poude conter sem que exclamasse: «La que eu tinha parentes arrieiros e almocreves, bem o sabia; mas que elles eram tantos e tantos, lá isso ainda ignorava!

Ainda outra reflexão me suggere, porem, este bello e vasto templo de S. Sebastião. Diz o mavioso chronista que fôra fundado com o dinheiro produzido pela venda dos livros compostos por fr. Luiz de Granada!

Com certeza mudaram os tempos d'um modo extraordinario, que o producto dos livros compostos actualmente pelo mais festejado e laborioso escriptor mal lhe dá para sahir da pobreza extrema, quanto mais para fundar uma egreja e um convento como de S. Sebastião em Setubal.

O convento é hoje aquartelamento de tropas: e ossos do famoso escriptor dominicano, prestes a serem lançados no entulho por occasião da extincção das ordens monasticas em Portugal, só deveram sua conservação a um viajante estrangeiro, como já se disse.

Outro templo antigo, de tres naves e vasto, é o de Santa Maria, egreja que anda em competencia d'antiguidade com o de S. Julião.

Mas não são apenas estas as egrejas de Setubal. Temos ainda a Misericordia, a egreja dos Grillos, de Santo Antonio, dos terceiros do Carmo, da ermida da Conceição na porta d'herva... N'uma palavra, não ha em Setubal, menos de vinte egrejas, o que prova d'um modo irrefragavel quão dado foi aquelle povo outr'ora ás cousas da religião.

Mas não devemos passar adiante sem dizermos uma palavra ácerca da joia mais preciosa que possue esta cidade, isto é—do templo de Jesus, fundação d'el-rei D. João II.

Que admiraveis não são aquellas elegantissimas columnas, que sustentam o tecto do convento de Jesus! Que deslumbrantes aquelles quadros, embora sejam producto de pinceis estrangeiros.

O sitio em que se ergue o templo de Jesus era ainda no reinado de D. Affonso V, destinado para marinhas. Justa Rodri-

Na outra quarta feira foi a rainha ao mosteiro de Belem rezar ao Senhor dos Passos. Na sexta feira foram as magestades para o Paço do Santo Officio ver passar a procissão dos Passos da Graça.

---

gues, ama d'el-rei D. Manuel, foi quem teve a lembrança de comprar aquelle terreno por dez mil cruzados, para fundar alli um templo de freiras franciscanas. Não tendo, porém, os meios pecuniarios sufficientes para uma tal empreza recorreu a el-rei D. João II, que deu em resposta: Que a Jesus daria reino e corôa!

E, com effeito, ainda no reinado d'este rei se ultimou a capella-mór, na qual dispendeu do seu bolso deseseis mil cruzados.

Corria o dia 17 de agosto de 1490, e por ordem de D João Fernandes, prior mór de Palmella, se juntavam ao som da campa tangida na egreja parochial de S. Julião da villa de Setubal os priores, beneficiados, cleresia, fidalgos, cavalleiros, frades, donas, senhoras, e o bispo de Ceuta, e d'alli, precedidos de cruz alçada, se encaminharam todos no meio do maior jubilo e regosijo para o logar das marinhas já citado, e alli, cumpridas as ceremonias do ritual, se lançavam os alicerces d'aquella obra, que, tendo existido por perto de quatro centos annos, está hoje ameaçada de ir a terra.

Para se fazer idéa d'esta construcção basta dizer-se que foi obra do famoso Boutaca. Tembem os quadros d'esta egreja eram formosissimos. Nossos museus outr'ora eram os conventos e as egrejas.

O arco cruzeiro importou em dois mil e quinhentos cruzados. El-rei D. Manuel mandou fazer o corpo da egreja, a rainha D. Leonor mulher d'este rei, deu alguns quadros: o imperador Maximiliano I, primo da rainha offereceu outro de presente, e el-rei D. Sebastião mandou fazer o antecôro.

O CONVENTINHO EM LISBOA

Foi em todos os tempos, depois da introducção dos frades em Portugal, ponto mui frequente e rijamente controvertido, tanto por escriptores nacionaes, como estrangeiros, se o celeberrimo

E no domingo foi a rainha ouvir o sermão á casa do Espirito Santo.

Na sexta feira 21 de fevereiro viram suas magestades e altezas das janellas do Paço a procissão da Or-

---

S. Francisco de Assis esteve ou não em Portugal. Fr. Manuel da Esperança, por exemplo, affirma tambem o nega ou põe em duvida, Carnejo na sua Chronica Seraphica del glorioso Patriarca S. Francisco de Assis, Madrid, 1698.

Seja, porem como fôr, o que é certo, é terem pertencido os conventos de Alemquer, Bragança, Guimarães, Porto e Lisboa ao numero dos mais antigos.

A designação porem, de rua de *Calca Frades* no Porto, parece denotar que alguma lucta se travara entre o povo e os franciscanos n'aquelles sitios tão antigos na cidade do Porto. Todavia é possivel que este nome provenha da immensa lucta que houve entre os dominicanos, e o cabido e povo da terra, quando os filhos de Domingos de Gusmão pretenderam levantar o convento de S. Domingos no Porto.

D'ahi por diante Portugal, ou para melhor dizer, e mundo inteiro foi inundado pelos filhos espirituaes de Francisco, filhos que n'um extraordinario numero de livros escriptos em todos os idiomas, tiveram o cuidado de passarem á noticia da mais remota posteridade o conhecimento dos feitos dos filhos do patriarca da pobreza.

Entre escriptores taes, porem, merece um logar mui distincto o famoso Wadingo, que por muitos annos viveu no convento da Conceição em Mattosinhos, convento do qual quasi que nenhuns vestigios existem já.

E se os dominicanos tiveram um fr. Luiz de Sousa do qual podem, com rasão, ter orgulho, os franciscanos apresentam um fr. Marcos de Lisboa, cujos escriptos rescendem ao mais puro ascetismo, e um fr. Manuel da Esperança, pharol dos mais seguros para nos levarem a porto de salvamento por entre os baixios e parceis, quero dizer, nos primeiros tempos da monarchia.

E seu continuador fr. Fernando da Soledade tambem é digno de muito apreço. Como è exacta aquella descripção que fez dos restos do convento de Santa Clara do Torrão, perto de Entre ambos os Rios, logar que conheço palmo a palmo, por causa da longa residencia que por bastantes mezes ali fiz!

dem Terceira da Penitencia, estabelecida na egreja de Jesus.

No sabbado foi a rainha á egreja de Belem fazer oração ao Senhor dos Passos e depois foi fazer oração ás

---

E que lindos são os annais dos franciscanos! Francisco de Assis na qualidade de poeta lá tem seu nome na historia da litteratura italiana por Guinguené. Em quanto, porém á sua intelligencia, por uns tem sido considerado como um mentecapto, e por outros como um homem de genio transcendente.

Seja porem como fôr, é certo que fundou uma instituição que dura, vae para oito seculos, e á qual ninguem pode marcar ainda o praso em que haja de findar. Os franciscanos, bem como os jesuitas, encontram se por todo o mundo.

Os annaes dos filhos de Francisco de Assis, e das filhas espirituaes de Clara, apresentam actos das mais acrisoladas virtudes. actos que bastariam para darem a maior celebridade a ordem franciscana

E a entrada de uma tal ordem em Portugal é devida em grande parte ás piedosas filhas de el-rei D. Sancho I. Protegeram-na com a sua influencia e com a sua riqueza.

Pouco depois o martyrio dos martyres de Marrocos inflamma o peito do grande Antonío de Lisboa. Larga este a rica ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e alista se no exercito franciscano. Põe-se a caminho para a costa africana, com o fim de n'ella receber tambem o martyrio: mas afastado do seu piedoso intento por um temporal que o arroja á Italia. Antonio vae honrar o nome portuguez tanto na patria de Tito Livio, como nas universidades de Toulouse e de Montpellier. Ensina nas universidades, disputa com os hereges, e attrae sobre si as attenções de todos, pela santidade do seu viver.

Antonio de Lisboa, mais conhecido pelo nome de Antonio de Padua, não só é vulto immaculado n'uma epoca em que a relaxação do viver era enorme, mas é tambem um sabio da edade media.

S. Boaventura compõe em honra d'elle um hymno, e Padua ergue-lhe um soberbo templo. Santa Isabel, a virtuosa esposa d'el rei D. Diniz, filia se n'uma tal ordem, e ainda vem dar um maior realce á instituição de Francisco de Assis. Esta medra de um modo espantoso; e os emissarios franciscanos, envia-

Necessidades. E no domingo foi ouvir o sermão tambem á egreja do Espirito Santo.

No dia 3 de março começou a Rainha accompanhada com a princeza, da Beira, a novena de S. Francisco Xa-

---

dos pelos papas aos potentados do mundo, faziam com que estes empalidecessem.

Não eram, porem os franciscanos tão macambuzios ou taciturnos, como a muitos se affigura. Bem pelo contrario, entre elles havia tambem alguns maganões de bom gosto e de vasta pilheria. De vez em quando, tanto no estrangeiro, como entre nós, cahiam em grande relaxação e ficavam expostos ás satyras dos poetas mordazes. O celebre escocez Buchanan não os poupava. Primeiramente escreve o *Somnium*, obra em que finge apparecer lhe S. Francisco em sonhos, convidando-o a que se faça franciscano.

O poeta porem, responde que é improprio para um tal fim por se não encontrar com disposições para ser descarado, enganador e pedinchão.

O poeta escocez, não contente ainda com a composição de um tal poema, dá á luz o *Franciscanus*. N'esta satyra atira-se com toda a gana aos filhos espirituaes de Francisco.

O poeta suppõe na sua poesia que um seu amigo está desejoso de entrar n'uma tal ordem. Mas o poeta declara ter tido já as mesmas tenções, porem que fôra despersuadido por uma terceira pessoa pelas rasões que passa a relatar. Refere-se então ao mau comportamento dos membros da Ordem, segundo se colhe dos abominaveis lições que põe na bocca de um velho frade, mestre de noviços.

Não dá a este frade o caracter d'um ignorante; mas antes o apresenta contando uma historia engenhosamente urdida, e espraiando-se com todo o requinte da maldade, que tem aprendido com a edade e assoalhando n'este sentido o segredo do convento, sem temor nem piedade.

Publicada esta satyra tão mordaz (V. Revista Litteraria Portuense, vol. I) não é para admirar que a Ordem offendida fizesse uso de todos os meios ao seu alcance para perseguir seu auctor. O rei consentiu que Buchanan fosse preso em 1559 sob o pretexto de heresia, juntamente com outros muitos que haviam publicado suas ideas acerca da egreja escoceza. Sobre todos o

vier, na casa professa da companhia de Jesus. E todas estas tres senhoras repetiram no domingo esta devoção. E na quinta feira foi a rainha resar ao Senhor dos Passos de Belem.

---

cardeal protector fez os maiores esforços para alcançar sentença contra elle.

Porem os amigos de Buchanan o avisaram a tempo dos desejos do prelado; e, como não estivesse vigiado com grande cuidado, poude escapar-se pela janella da prisão e fugiu para Inglaterra. Achando que n'aquelle paiz não estava seguro, pois que Henrique VIII, mandava então queimar no mesmo dia e com a maior indifferença catholicos e protestantes, passou pela terceira vez á França.

Chegando a Paris achou seu antigo inimigo o cardeal Beatoun embaixador na corte de França, e receiando que elle podesse alcançar meios de o prender, resolveu acceder ao offerecimento do sabio portuguez André de Gouvea, para ser professor em o novo collegio de Bordeaux. Durante a sua residencia n'aquella cidade compoz as suas famosas tragedias latinas *Jephtes et Joannes Baptista*, e traduziu a Medeia e Alcestes de Euripedes para verso latino.

Depois de ter persistido n'este emprego por tres annos, Buchanan, a instancias da corte de Portugal, veiu para lente da Universidade. Antes de partir para Portugal fez saber ao rei d'este paiz que havia escripto o seu poema *Franciscanus* por ordem do seu soberano, esperando por isso que não seria incommodado. Porem, não havia muito tempo que residia em Coimbra, quando foi pelos frades accusado de heresia: e el-rei esquecido da sua promessa, ou por a não poder sustentar, lhes permittiu que o tivessem recluso em um convento, com o fim, segundo diziam, de o resgatar para a fé catholica. Alli lhe deram como pena a tarefa de traduzir os Psalmos de David, da vulgata para verso latino.

Isto cumpriu elle admiravelmente, e este trabalho gosa da reputação d'exceder tudo o que n'este genero existe. Pouco depois sahiu d'esta prisão, e embarcou para Inglaterra.

Foi, por tanto a relaxação dos franciscanos no outros paizes a causa da composição da celeberrima satyra *Franciscanus*, e esta a causa de ter sido feita em Portugal uma das mais bellas

No dia 7 de março foi el-rei á egreja dos religiosos de S. João de Deus, acompanhado do principe e dos infantes D. Pedro e D. Antonio,

Na segunda feira foi a rainha a S. Roque á novena

---

traducções que se conhecem dos *Psalmos* de David. Porem os versados na leitura das chronicas monasticas conhecem perfeitamente que nem todos os frades eram uns santos, como seus auctores querem fazer acreditar.

Houve, é verdade, um fr. Antonio da Conceição na Arrabida; houve, é verdade, um fr. Antonio das Chagas e muitos outros. Mas quem poderá negar que pouco antes da extincção das ordens religiosas sahiam elles de noite dos conventos, nos Açores, e iam para a folia? É notorio que no Porto havia quem de noite abria as portas nos conventos de S. Domingos e de S. Francisco, para lá entrar o mulherio relaxado. Quem ignora que o celebre fr. Agostinho de Macedo tinha namoro com uma freira do convento de Santa Anna, e que as cartas d'estes dois ainda existem? Quem ignora a existencia das cartas da freira portugueza de Beja, em tantos idiomas traduzidas, tantas e tantas vezes reimpressas, e conhecidas no mundo inteiro?...

Em summa, os frades contribuiram tambem para a sua ruina, e, se quizerem ser justos, a si proprios têem de attribuir uma grande parte da culpa da sua perdição.

E', porém, uma flagrantissima injustiça o negar que os frades houvessem prestado grandes serviços ao paiz. As lettras devem-lhes muito, e os maiores homens que Portugal teve, a elles deveram sua educação. Foram um grande amparo para a pobreza, e as familias honestas e necessitadas com a maior facilidade obtinham dos conventos uma ração diaria e farta para viverem, mórmente se tinham tido algum parente frade.

Protegeram as artes e as sciencias, e, com o seu sangue ensoparam as vastissimas e aridissimas regiões ás quaes os portuguezes iam levando religião e civilisação européa, o que ainda se prova pelos vestigios que por toda a parte se encontram, e tambem pela leitura das chronicas monasticas e de muitos outros livros, onde não é pouco o que n'elles se lê ácerca do Congo e do Zaire, hoje tão fallados.

Acompanhavam outr'ora os frades ao individuo desde o nascimento até ao cemiterio. Assistiam elles aos nascimentos, ba-

de S. Francisco Xavier, em seguida foi a Belem fazer oração ao Senhor dos Passos, e entrou na egreja de S. João de Deus, onde estava o Lausperenne.

Na quinta feira foi a Rainha, acompanhada de todos

---

ptisados, casamentos, obitos e enterros. Nos dias de regosijo eram convidados, nos dias de dôr e da adversidade, appareciam sem que os chamassem.

Não era familia de bem aquella que não tinha meza e porta franca para os frades. Eram os unicos mestres que então existiam, mas os estudantes não sahiam dos conventos com a saude perdida, e completamante desmoralisados. Não se podera dizer o mesmo dos actuaes lyceus.

O frade tinha orgulho em apresentar muitos e muito bem ensinados os estudantes, pois esta era tambem uma gloria para o convento.

Para o professor do lyceu é completamente indifferente que o discipulo fique sabendo ou não: quer de um modo quer d'outro o tempo passou e o ordenado recebeu-se. E tem por ventura o professor do lyceu algum galardão por trabalhar muito e vencer difficuldades? Quando foi que em Portugal um professor de lyceu recebeu dos poderes publicos um elogio por ser exemplar no cumprimento dos seus deveres?

Nos palacios dos reis para os frades estavam francas e patentes as portas, quer de dia, quer de noite, a toda a hora. Na rua por todos eram cumprimentados, as mulheres beijavam-lhes as mangas, e os rapazes a palma da mão. E elles erguiam os braços, e em nome de Deus, abençoavam aquelles que lhes mostravam respeito e acatamento.

Havia-os com todos os trajos. Uns, como os loyos e conegos regrantes de Santo Agostinho, vestiam-se de sedas, e andavam em seges.

Outros, porém, e eram mais numerosos, traziam o burel chegado ás carnes, com os pés completamente descalços, e com sacolas ás costas, onde deitavam as esmolas de todo o genero que os devotos lhes queriam dar.

Houve frades boçaes e ignorantes: houve frades sapientissimos, e ainda hoje são considerados como grandes glorias para as lettras, mórmente n'uma época de caliginosissimas trevas, em que raro era o individuo que soubesse assignar o seu nome.

os senhores da côrte, assistir á festa de S. Francisco Xavier na casa de S. Roque.

No sabbado foi a Carnide visitar os dois conventos de freiras, e ouviu missa na egreja dos religiosos da Or-

Andavam tambem com uma cruz hasteada pelos combates, sem temor das balas, animando em nome de Deus, a derribar inimigos e a ganhar victoria para o povo portuguez.

Estudavam ao mesmo tempo as plantas e mineraes que viam, tinham soberbos museus, como o de S. Vicente em Lisboa, d'onde Mr. St. Hilaire levou tão bellas cousas que lá existiam, e que por elle foram levadas para França, por occasião da invasão franceza, no começo do presente seculo.

Entregavam-se ao estudo das linguas orientaes com todo o affinco, e nomes de orientalistas portuguezes de grande nomeada se encontram em notabilissimas obras estrangeiras. Favoreciam os homens de lettras, não sendo por isso mui crivel a horrorosa pobreza em que se diz ter existido Luiz de Camões, quando este no convento de S. Domingos em Lisboa teria encontrado com toda a facilidade meza posta e soccorros pecuniarios.

Ajustavam casamentos, emprestavam dinheiro a juros, eram excellentes musicos e cantores, doceiros, conserveiros e pasteleiros, cultivavam as artes, e os jesuitas chegaram a ser até mesmo grandes dançarinos.

Como guerreiros, muitos d'elles perderam as vidas nos combates: na qualidade de espiões politicos eram dos mais habeis. Serviam de pilotos, de marinheiros, de engenheiros, de astronomos e de medicos. E em summa para tudo serviam.

E ainda hoje ai d'aquelle que se metter a escrever a historia de Portugal, em consultar as obras dos frades d'Alcobaça, ou as dos bentos, dos dominicanos, e dos franciscanos ou trinos ou theatinos!

E theatro?.. tambem o havia, mas dentro dos conventos, quer de frades, quer de freiras.

Quantas mulheres em suas casas teriam quartos de dormir tão vastos e hygienicos como as cellas das freiras de Chellas?

Talvez o leitor imagine que os mosteiros eram sempre casas de jejuns, de macerações, de penitencias, de rezas continuas...

Havia effectivamente por lá d'isto alguma coisa, mas era antes uma excepção do que uma regra geral. Que dentro dos conven-

dem de Christo. Nos dias immediatos viram as magestades e altezas a procissão da Ordem Terceira do Carmo, e n'essa mesma tarde foi el-rei com os infantes D. Pedro e D. Antonio á egreja dos monges de S. Bento, por

---

tos tambem havia luxo e modas, prova-o um director espiritual. (*Cartas directivas e espirituaes*: resposta a uma religiosa capucha e reformada a outra freira que mostrava querer reformar-se.

Dados á luz pelo P. Manuel Velho, Lisboa, 1730, pag. 54).

Pois este director espiritual nos falla em sapatos picados, rocados, de seda, de tezum, e em fivellas de ouro, de prata, e pedras preciosas.

O mesmo padre aconselha ás freiras a que não usem de luvas, nem de leques, nem de côr, nem de crespos nos cantos da toalha, nem de alentos descompassados e ridiculos, e diz-lhe que não devem usar causas.

O padre fr. Francisco Manuel de S. Luiz, na vida da madre Francisca do Livramento; tambem grita contra: «as caudas estendidas que as freiras usavam.

As representações theatraes dentro dos conventos eram vulgarissimas, e ainda podemos dizer: tempo houve em que só nos conventos havia representações theatraes. E o mencionado director espiritual diz: Sendo eu de bem pouca edade, moravam meus paes em uma quinta perto de Lisboa. E em um dia era tal o concurso de seges e liteiras, que se povoava a estrada. Sabida a causa; eram fidalgos que iam ver uma comedia a certo convento.

Este mesmo padre ainda exclama: «É possivel que se vá a um convento, sacrario das esposas de Christo, a viver mais solta e escandalosamente que em casa de seus paes! A honra, que tanto zelam quando seculares, a vão perder quando religiosas! Oh! Que grande razão teria hoje o Senhor se, com o azorrague das mortes repentinas, fizera despejar os mosteiros, como aos que vendiam no templo, pois da sua casa fazem casa de negociação tão indigna, perversa e escandalosa.

Eram, com effeito, continuas as representações theatraes dentro e fóra dos conventos, e algumas até em linguagem por certo não mui decente, como aquella que se lê no *Anatomico Jocoso*, vol. III, obra tambem d'um padre, linguagem que foi emprega-

ser vespera da sua festa. E no dia immediato lá foi a rainha tambem.

Na semana santa assistiu el-rei a todos os officios na Basilica Patriarchal.

---

da n'uma representação dentro d'uma egreja, em honra da Senhora do Cabo, sendo o livro impresso em 1758.

Diz-se na Vida da Madre Maria Perpetua da Luz, religiosa do convento da Esperança, da cidade de Beja, no anno 1742, que esta madre ficára furiosa, quando: «representaram as religiosas, que eram menos amantes da virtude, uma comedia profana, com entremezes e outros disfarces, onde se envolviam palavras pouco decentes e acções indecorosas.

N'este mesmo convento, segundo nos diz a obra ultimamente citada, divertiram-se tanto certo dia de Entrudo as freiras, que até o proprio Deus ficou irritadissimo.

Porem um dos mais notaveis nas representações theatraes era o da Esperança em Lisboa, aonde el-rei D. Affonso V, ia com muita frequencia.

As representações theatraes por occasião da festa do Menino Jesus que crescia feitas no convento do Salvador em Lisboa, eram tambem mui falladas.

Poderia continuar a recapitular o que os livros dizem ácerca dos divertimentos das freiras nos mosteiros, mais tarde, porem, direi mais alguma cousa, e agora vou dar noticia d'um convento ainda hoje existente (setembro de 1887) e mui frequentado de fidalgos, e d'outras pessoas devotas.

O convento de que vou fallar, e onde as confissões e communhões são assiduas, e nos fazem lembrar as dos outros tempos, tem o nome de conventinho, e ergue-se n'uma parte do solo, onde outr'ora estanceou o famoso convento de Santa Clara, derribado pelo grande cataclysmo de 1755.

Acerca d'este mosteiro, diz-nos o padre João Baptista de Castro no Mappa de Portugal o seguinte: Foi fundado este mosteiro em 1293 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo, nacional de Beja, mas cidadão honrado de Lisboa, posto que já no anno de 1292 existiam aqui religiosas. D'este mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção e dos corredores, duas varandas, e algumas capellas, tudo mais, que em dormitorios e casas particulares recolhiam mais de seiscentas mulheres, entre

Depois foi el-rei ao real mosteiro de Mafra.

No domingo foi ao convento dos capuchos arrabidos em Ribamar assistir á festa do Patrocinio de S. José.

No sabbado precedente tinha ido á sua costumada de-

---

religiosas, educandas, recolhidas, e, creadas, ficou, ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terramoto.

O seu famoso templo, que era um monte de ouro, e. na grandeza excedia a todos os mais mosteiros da côrte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna e costas da capella mór, sepultando mais de quatrocentas pessoas, que estavam assistindo ao officio divino. O côro de cima, que era um paraizo na terra, tambem se abateu, e servio de sepultura em suas ruinas a quasi todas as religiosas, que foram cincoenta e seis, alem de oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres creadas e nove escravas, que por todas fazem cento e trinta e uma pessoas, dentro do mosteiro, que pereceram n'esta tragica fatalidade.

Este mosteiro de Santa Clara não era menos frequentado da antiga nobreza do nosso paiz do que o da Madre de Deus. Porem a concorrencia muito maior se tornou durante o tempo que n'elle viveu a poetisa sor Thereza Juliana de S. Boaventura. (V. Francisco Xavier: Clamores do Ceu, ou rel.ção abreviada da exemplar vida e obras da veneravel sor Thereza Juliana de S. Boaventura, fallecida a 2 de fevereiro de 1750 Lisboa, 1733.

Poetisa! exclará o amigo leitor.

Sim poetiza, que as havia então em grande numero dentro dos mosteiros.

E poetisavam ellas não sómente em portuguez, mas tambem em castelhano, latim e francez.

Havia effectivamente freiras quasi analphabetas, e até mesmo foram numerosas; mas havia tambem muitas e muito dadas á leitura, instruidissimas, e perante as quaes eu comporia o rosto, e mediria minhas palavras...

Escreviam no estylo gongorico...

Mas ha hoje um modo de escrever ainda peor que o estylo gongorico.

Fôra esta santa freirinha natural do Porto, e aos dois annos de edade foi entregue para se crear no mosteiro de Santa Clara d'aquella cidade.

voção á Senhora das Necessidades, e depois fôra á egreja de Nossa Senhora do Livramento dos religiosos trinos em Alcantara.

No sabbado 25 d'abril foi a rainha com os principes

Passados annos veio para casa do marquez de Gouveia em Lisboa, e depois muitas vezes se dirigia ao hospital das pessoas incuraveis de Nossa Senhora do Amparo, e aqui fazia as camas ás doentes; cuidava na sua limpeza; varria-lhes todo o seu quarto, e lhes repartia por sua mão muitas esmollas, que para este fim lhe dava a dita marqueza.

E, continuando a mostrar sempre os mais ardentes desejos de seguir a vida religiosa, poude reslisal-os em o dia 2 de março de 1716, entrando para o convento de Santa Clara de Lisboa, e aqui se entretinha com a imagem do Menino Jesus, dirigindo lhe taes palavras: Meu menino da minha alma, meu menino de flores, meu menino de prata, meu menino vindo do ceu! Ah! que querendo fallar nada sei dizer. Eu não sei o que vos diga; porque vós sois um feitiço. Vós sois um abysmo. Vós sois um instrumento sonoro, que arrebata. Tudo isto sois, e nada disto sois. Sois uma luz clarissima, e sois uma escuridade profunda. Ora vá-se lá a gentilidade com seus Amphiões e os seus Orpheus; que com os seus instrumentos e com a sua voz encantavam os brutos e os attrahiam: que vós meu Divino Orpheu, não os encantais; dáis sim instincto para buscarem o que os póde conservar, e arte para fugirem do que os podem destruir. Va-se com o seu Deus Favonio e o seu Deos Jupiter, a cegueira do gentilismo, um fuzilando raios, outro dispendendo chuva de ouro pela sua amada Flora.

Ora vão-se lá os gentios com a sua forja de Vulcano lavrando n'ella muitas settas: que vós na vossa fragôa de palhinhas em esse presepio fazeis mais ardentes settas, que suavemente trespassaes os corações humanos. Oh meu menino da minha alma! E como não hei de dizer assim, que sois um abysmo e um enleio; Resta agora que desse presepio me deis uma esmola: não querais sempre vêr-me necessitada, ganindo e carpindo.

O cheiro da santidade d'esta freirinha dentro em pouco transpirou por toda a parte, e via-se ella por isso consultada em assumptos espirituaes por um grande numero de beatos e de beatas.

e o infante D. Pedro á sua costumada devoção á Senhora das Necessidades.

A 22 de maio foi a rainha visitar a imagem de Santa Rita na egreja dos religiosos descalços de Santo

---

Mas ao mesmo tempo que a idade ia crescendo, sobrevieram-lhe uns achaques, e dirigindo-lhe o seu medico a seguinte copla em occasião que a foi visitar na sua ultima doença:

Apressa o passo porque
Muito na fineza tarda,
E mostra tibia o desejo,
Quem no passo não repara.

E ella respondeu immediatamente :

Amor sem impaciencia
Por languido se declara:
Se será perfeito passo
Passo que aos vôos eguala.

Falleceu, com effeito, no dia 2 de fevereiro de 1750, e, como de costume n'aquelles tempos, propagavam-se mil boatos ácerca dos prodigios e milagres. Emquanto, porém, ao merecimento dos seus numerosos versos, que era bem pouco, o leitor poderá avaliar pelo seguinte soneto;

Agora, Senhor, que a luz
Outros passos me destina,
Quero tomar a vereda,
Tomando por outra via.

Acossada de inimigos
Me vejo quasi perdida,
A cada passo um tropeço,
A cada volta uma ruina.

Tudo riscos, tudo sombras,
Donde a sair não se atina.

Agostinho: e a de Santa Quiteria na egreja de S. Roque. No sabbado immediato, á Senhora das Necessidades, e no domingo com a princeza foram visitar a egreja dos religiosos da Santissima Trindade.

De um escuso labyrintho;
Em que me vejo mettida.

Sustos, temores me cercam,
Bem sabeis vós, vida minha,
Que a vossa mesma bondade
Considero ser-me esquiva

Que ha de ser luz dos meus olhos?
Quem ignorante caminha,
Que muito os erros se dobrem,
Se da estrada se desvia.

No que o vosso amor me poz,
Me conheço peregrina,
Longe do bem que aguardava,
Perto do mal que temia.

E' possivel, meu Senhor,
Que essa condição benigna
Permitte a lucta aos contrarios,
E nas penas me não anima ?

Se acaso vos não lembraes
D'esta ovelhinha perdida,
Dar-vos quero uma memoria,
De um coração uma firma.

Troca por troca ha de ser;
Que a alma santa pretendia,
Lhe pozesseis no seu braço
A vossa imagem esculpida

Na quinta feira 28 de maio acompanhou el-rei com o principe, e infantes D. Pedro e D. Manuel a procissão de Corpus Christi.

Sabbado foi a rainha á sua devoção na egreja das Ne-

Eu, Senhor dou a memoria;
O mesmo que ella pedia.
No memorial se mette,
Resta-lhe punhaes o *Fiat*.

A infanta D. Maria Anna, filha de D. José, julgando-se devedora a Deus por a ter livrado de uma grande molestia, em agradecimento mandou, no local do arruinado convento, levantar um outro, com approvação e com algumas esmolas da rainha D. Maria I. Em 23 d'outubro de 1783 entraram n'este pobre conventinho quatro fundadoras, com 8 recolhidas e 6 noviças.

Houve n'esse dia um solemne pontifical, a que assistiram as pessoas reas.

Antes da fundação d'este conventinho, pelo espaço de uns cinco annos, existio no mesmo sitio um recolhimento da mesma observancia, fundado pelo marquez de Angeja, em cumprimento d'um voto feito, no caso de melhorar d'uma perigosa enfermidade a marqueza D Francisca de Assis.

Entraram n'este recolhimento 4 meninas em 22 de maio de 1789, e n'esse dia começaram os Lausperennes, e n'elle celebrou D. Manuel, irmão da referida marqueza.

Mais tarde chegaram as recolhidas a ser quinze, vivendo em geral das esmolas dadas pelos fieis

A infanta D. Maria Anna morreu pelas 9 horas da noite no Rio de Janeiro em 16 de maio de 1813, ficando depositada no convento de Nossa Senhora da Ajuda, na dita cidade; no qual as religiosa lhe fizeram exequias mui solemnes.

A noticia do fallecimento d'esta infanta chegou ao conventinho em julho do mesmo anno, e, passados alguns dias, tambem n'elle se fizeram solemnes exequias com grande pompa, concorrendo com toda a despeza um certo João Baptista, homem riquissimo.

Em 3 de Janeiro de 1822, pe.as 11 horas da manhã, chegaram ao convento D. João VI, accompanhado da infanta D. Izabel Maria, do Infante D. Miguel e D. Sebastião de Hespanha, de uma

cessidades. E no regresso visitou a egreja das dominicanas em Alcantara.

Na terça feira foi a rainha ao convento da Encarnação acompanhada da princeza da Beira e da infanta.

---

numerosa e luzida côrte, fazendo acompanhamento ao coche em que vinha o cadaver da infante D. Maria Anna, o qual, depois dos responsos cantados pelos frades do convento da Graça, ficou depositado n'este convento no côro de baixo em um tumulo onde se acha presentemente.

No anno seguinte, 1823, veiu tambem D. João VI com suas tres filhas e com D. Miguel, para assistirem a outras exequias feitas á mesma infanta. N'estas foi orador fr. José Maria, religioso paulista, e mais tarde nomeado bispo.

A vida das religiosas n'este mosteiro foi sempre muito austera. Oração continua, estando sempre quer de dia, quer de noite, duas religiosas em oração diante do Sacramento. Somente a prioreza e a rodeira podem fallar com pessoas estranhas á clausura, n'este convento. Seu leito é uma cortiça, seu travesseiro um madeiro; o vestido interior é estamenha, o exterior, borel; calçado, sandalias: o jejum frequentissimo, e a comida de magro, exceptuadas tão sómente as doentes.

O patriarcha Guilherme, quando em mil oitocentos e cincoenta e tantos foi visitar o conventinho, offereceu-se ás freiras para lhes alliviar alguns rigores d'aquelle viver; ellas porem não acceitaram dispensa alguma.

Celebram varias festividades durante o anno, cantando ellas canto-chão com uma tonadilha especial, unisona e lugubre, com acompanhamento de rabecão.

Fazem em 16 de janeiro uma festa ao Sacramento em desagravo pelo desacato occorrido na freguezia de Santa Engracia, desacato que traz á lembrança o nosso poeta Gabriel Pereira de Castro, então juiz. Festejam tambem o patriarcha S. Francisco: os martyres de Marrocos: a matriarca Santa Clara e o Coração de Jesus. Celebram tambem a Semana Santa. E teem lausperenne todas as quintas feiras, nas quaes e egreja está ás vezes atulhada de gente, vendo se tambem ali os fidalgos e as fidalgas da nossa antiga aristocracia, esses bons portuguezes e portuguezas de antes quebrar que torcer, e por essa occasião tambem alli, a occultas. se distribuem muitas esmollas.

No sabbado foi á sua devoção nas Necessidades: e no domingo foi a Xabregas visitar as freiras grillas.
No dia 12 de junho foi o rei visitar a real casa de Santo Antonio.

O templo é muito pequeno e escuro, e em quanto a bellas artes nada alli se encontra digno de especial menção.
Em tempos antigos sahia d'este convento uma procissão á meia noite, a 16 de janeiro, tambem como desagravo do desacato do Sacramento ultrajado em Santa Engracia.
Em 1866 ainda n'este mosteiro existiam dez freiras professas. Em 1877 parece que apenas existe uma. E o mosteiro irá a terra, para o que a camara municipal tem já os olhos fitos n'elle.
E prestes está a acabar de vez o Portugal Velho, esse Portugal tão romantico e poetico, esse Portugal tão glorioso e tão gigantesco.

O convento dos Loyos no Beato Antonio

Os portuguezes haviam desmentido as asserções dos antigos geographos gregos e romanos, e, penetrado o mar tenebroso, haviam chegado ao Zaire ou Congo.
Agora tratavam de mandar educar alguns negros boçaes, que d'aquellas regiões comsigo tinham trazido no regresso a Portugal. Mas a que religião deveriam ser entregues? Ellas eram ja então no paiz tão numerosas!
Floresciam, porem, n'aquelles tempos os eremitas de S. Agostinho, que aspiravam a serem os mais antigos em Portugal, e por tal motivo sempre em polemica com os bentos.
Os carmelitas, tambem numerosos, achavam-se suberbos com a casa que o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira lhes havia fundado em Lisboa.
Existiam os dominicanos, já então mui potentes, favorecidos altamente pelo grande rei D. João I e por seu conselheiro João das Regras.
A estes o proprio rei D. Sancho II lhes havia fundado os conventos de Santarem e de Lisboa,
Mais numerosos que todos eram os franciscanos, protegidos pelas infantas e pelos reis de Portugal.

E no dia immediato foram-n'a visitar a rainha e a princeza.

Na quinta feira seguinte foi a rainha visitar o convento das francezinhas na calçada da Estrella.

Todos estes e ainda outros, tinham grandes serviços que allegar; todos elles, mais ou menos, tinham mandado confrades ás descobertas ultramarinas, e todos elles se entregavam ao estudo. A quaes, pois, entregar a educação dos pretos do Zaire?

Aos loyos, a esses que consideravam como seu verdadeiro fundador S. Marcos, a esses que da Italia tinham passado para Portugal, onde foram conhecidos sob o nome de *Bons homens de Villar*,

Foram, pois, preferidos os padres do convento de Santo Eloy em Lisboa, na parte mais oriental da cidade. (V. Francisco de Santa Maria: O Ceu aberto na terra. Lisboa 1697, pag· 258.)

Houve razão para assim proceder, pois estes religiosos foram dos que por aquelles tempos mais se abalisaram na pregação do Evangelho nas regiões banhadas pelo Zaire.

Diz o chronista loyo, a quem vou seguindo, que a palavra Zaire significa *Espantoso*. Os que se teem applicado ao estudo dos idiomas africanos, que decidam se um tal auctor tem rasão ou não. Pois eu só posso asseverar que, passados dois annos depois da chegada dos pretos mencionados, já elles estavam aptos para regressarem ao seu paiz, para onde sahiram effectivamente a 19 de dezembro de 1490, levando na sua companhia cinco padres loyos.

A 29 de março do anno immediato desembarcaram os padres n'uma povoação, que disseram chamar-se *Sono*, onde foram mui bem recebidos, e onde a 3 d'abril foi baptisado o chefe dos pretos, ao qual o chronista dos loyos chama *Manisono*.

Dirigiram-se depois, sob a direcção de Ruy de Sousa para a capital d'aquelle Estado, a qual ainda ficava distante obra de umas cincóenta leguas.

O rei ou *manisono* aprendeu os mysterios da nossa religião, e com pompa, foi pelos padres loyos logo baptisado

Estava sentado n'uma cadeira de marfim posta sobre um throno de madeira... Da cintura para cima achava-se nú, e o restante do corpo coberto com um panno de damasco carmezim. O braço esquerdo estava enfiado n'um bracelete ou argola de la-

A 29 de junho foi a rainha visitar a egreja dos Inglezinhos. Na semana immediata foi a rainha visitar o Lausperenne na ermida de Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, ao Grillo.

---

tão. Pendia-lhe do hombro uma cauda de cavallo. E cingia-lhe a cabeça uma mitra tecida delicadamente de folhas de palmeira. O rei estava continuamente perguntando a significação de todos os objectos que via, e as respostas transmittia-as então á rainha que tambem se achava presente.

E em tão boa hora os padres loyos apportaram alli que a 6 de maio se lançou a primeira pedra nos alicerces destinados para uma egreja, na qual mais de mil negros começaram a trabalhar trazendo os materiaes necessarios da distancia de duas e mais leguas, mas tão alegres com o peso, diz o chronista, que não cessavam de cantar e bailar. E o caso é que no mez de julho do anno seguinte o templo havia chegado ao seu remate.

Passado pouco tempo baptisou-se a rainha, que recebeu o nome de Leonor. O principe seguiu o exemplo da mãe, tomando o nome de Affonso, em obsequio á rainha e principe de Portugal. A exemplo d'estes se baptisaram infinitos vassallos, sendo os loyos, no dizer do referido chronista *os gloriosos restauradores de tantas almas*, e sendo estes mesmos padres companheiros por alguns annos d'aquelle rei nas suas guerras, e lhe fizeram adquirir muitas victorias.

E não é para admirar que os frades então nas guerras terçassem as armas nas batalhas.

Era n'aquelle tempo isto vulgarissimo até mesmo fóra de Portugal. Os livros antigos dizem-nos quão valorosamente o arcebispo de Braga D. Lourenço pelejou na batalha de Aljubarrota; e os sexagenarios e septegenarios se recordam de verem frades pelejando nas fileiras de D. Miguel e de D. Pedro. E o enthusiasmo em prol de suas opiniões politicas os impelliu a lançarem fogo a seus proprios conventos, como fizeram ao de S. Francisco no Porto, com o fim d'exterminarem o regimento constitucional que n'elle se tinha aquartelado.

Decorreram annos; e os loyos, bem afadigados, regressaram a Portugal, trazendo comsigo alguns fidalgos principaes d'aquellas regiões do Zaire. E entre elles veiu alli um filho do rei, por nome Henrique, trazendo na sua companhia um irmão, chamado

N'outra sexta feira foi a rainha com o principe e o infante D. Pedro visitar o Lausperenne na egreja de Belem.

E no sabbado foram os mesmos fazer oração diante da imagem de N. S.ª de Belem.

Manoel. E com estes vinha tambem um parente, que lhes era mui chegado por nome D. Pedro de Sousa. Residiram estes individuos pelo espaço de dez annos no convento de Santo Eloy, entregues aos estudos; e no anno de 1513 tomou o principe o caminho de Roma, com o fim de ir prestar obediencia ao summo pontifice, então o papa Leão X. Foi grandemente festejada n'aquella cidade a presença d'um principe, vindo de tão remotas e desconhecidas regiões.

Houve uma solemnissima procissão em acção de graças; e o principe D. Henrique foi nomeado bispo Uticense, e a D. Pedro fizeram bispo de S. Thomé.

Porem cinco annos antes da ida do principe a Roma sahiram de Lisboa mais treze loyos com destino ao Zaire. Nenhum d'elles regressou á patria: pois n'aquella região todos perderam a vida. Passados tres annos uma terceira missão de loyos foi ao Zaire, accompanhando o principe D. Henrique. Compunha-se de quatro padres, e eram seus nomes Fernando de S. João, Bartholomeu de S. João e Antonio de S. João.

O prelado era um Sebastião de Santa Maria, e foi este o unico que regressou ao reino.

Porem o principe D. Pedro, que tinha ficado em Santo Eloy, aqui morreu aos 12 de abril de 1538. Deram-lhe sepultura no claustro d'este convento, ao qual deixou um anniversario por sua alma, comprando para tal fim um moio de trigo de renda. Muitos outros principes de remotissimas regiões, vieram para este convento, com o fim de aprenderem a lingua portugueza, e de se instruirem nos dogmas da nossa religião. Para um tal fim parece que o convento de Santo Eloy em Lisboa era o predilecto. E alem d'este trabalho, confiou-lhes el-rei D. João III o de irem pregar pelos hospitaes do reino.

O celebre convento de Santo Eloy (do qual apenas existem hoje tenues vestigios) pertence ao numero dos mais historicos que se erguiam n'esta cidade. Foi seu fundador o famoso bispo Domingos Jardo, natural de Jarda, povoação na freguezia de Bellas, á qual dão hoje o nome de Agualva.

Na seguinte terça feira a rainha com os principes e infante D. Pedro foram ouvir a ladainha á Madre de Deus.

Na quinta feira a rainha e a princeza foram visitar a egreja de N. Senhora do Monte do Carmo.

O pai d'este bispo, tão predilecto d'el-rei D. Diniz, fôra um pobre trabalhador d'enxada, e sua mãe uma triste lavadeira. A estes paes fugiu o filho, quando contava 14 annos d'edade. Veiu para Lisboa, e d'aqui se poz a caminho para Paris, onde se fez creado d'um rapaz que frequentava a universidade d'aquella cidade.

O rapaz cahiu em graça ao patrão, protegeo-o este, e contribuio com o dinheiro necessario para as despezas do doutoramento.

Ou saudades da patria, ou esperanças de fortuna, trouxeram a Portugal o doutor Domingos Jardo, depois de uma ausencia de vinte annos. Vinha, porém, já padre, pois havia tomado ordens em Roma, e provido n'um canonicato, na Sé d'Evora. E andou de modo que foi nomeado chanceller mór, bispo de Evora, e depois transferido para Lisboa em tempo d'el-rei D. Diniz.

Dizem que fôra este bispo quem propozera a el-rei D. Diniz a fundação das escolas geraes na Universidade; fundação que se realisou n'esta cidade no pateo dos Quintalinhos, e do primitivo edificio ainda se veem uns tenues vestigios. Morreu o mencionado bispo em 1293, e foi sepultado no seu convento.

Tinha, porém, no anno de 1284 erigido um hospital em Lisboa, e este hospital foi mais tarde convertido em convento, como logo se verá.

Ordenou o instituidor que houvesse n'este hospital dez capellães, vinte merceeiros, seis estudantes para se applicarem ao estudo de latim e logica: dois ao de theologia, e dois ao de canones, e isto pelo espaço de cinco annos. Terminado este praso tinham de ser substituidos por outros. Eram tambem admittidos doze meninos para aprenderem a doutrina christã, e a lerem e ajudarem á missa. Tinham de viver dentro do hospital, e dava-se-lhes tudo de quanto houvessem mister.

Para occorrer ás despezas inherentes a taes encargos deixou ao hospital o padroado da egreja de S. Bartholomeu, do qual el-rei D. Diniz lhe fizera doação, e tambem muitos fóros em casas,

Na sexta foi a rainha á egreja do Espirito Santo, dos padres da Congregação de S. Filippe Nery.

No sabbado seguinte foi com os principes e infante D. Pedro á egreja da Madre de Deus.

---

quintas e herdades, tudo o que perfazia uma uma somma bem consideravel.

Ordenou que em primeiro logar fossem admittidos no hospital os seus parentes, e na falta d'elles precedessem a outros quaesquer os filhos de Lisboa e seu termo; que todos os annos o visitasse o deão da Sé de Lisboa; que houvesse sempre um provedor, por cuja conta e cuidado corresse o governo do hospital e administração das rendas.

E, finalmente, declarou que, quando n'este reino se fundasse, e houvesse alguma congregação de homens bons, cujo exemplo e instituto fosse louvavel, grato e conveniente, e que vivesse em commum, era sua vontade que os taes tomassem posse do dito hospital e rendas.

Pela morte do bispo D. Domingos Jardo, ficou com o governo do hospital e titulo de provedor um Affonso Annes, seu sobrinho; mas el-rei D. Diniz, pela grande affeição que sempre teve aos religiosos de S. Bernardo, desejando que tivessem um collegio em Lisboa, lhes quiz dar o hospital de Santo Eloy, interpretando a favor do seu gosto e intento as referidas palavras do testamento, e com o parecer de alguns letrados, deu a investidura, do hospital aos ditos religiosos na pessoa de D. fr. Pero Nunes, dom abbade d'Alcobaça.

Protestou, porém, Affonso Annes, da nullidade, e apellou para o pontifice. Foi porfiadissima a demanda pelo espaço de vinte e tres annos.

Mas, por fim, alcançou licença favoravel o provedor Martim Matheus contra os frades d'Alcobaça, e os lançou fóra da posse em que estavam.

Este provedor deveria a miudo esfregar as mãos de contentamento! Ganhar uma victoria contra os frades bernardos d'Alcobaço, n'aquelle tempo potentissimos!

Continuou o governo do hospital na fórma em que fôra instituido; mas, pelo decurso do tempo, veiu a decair de maneira que, quando o infante D. Pedro, o de Alfarrobeira, governava este reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V estava quasi

E no domingo visitou tambem a rainha a egreja dos padres da Congregação da Missão, onde se celebrava a festa de S. Vicente de Paulo.

Na quarta feira immediata foi a rainha á egreja da

---

de todo arruinado, as rendas dissipadas, as obrigações esquecidas, e tudo em estado lastimoso.

Começava pelo mesmo tempo a florescer a congregação dos *Bons Homens de Villar*, e a correr por todo o reino a fama de suas virtudes, e desejando o infante reparar, quanto fosse possivel, os damnos que via no hospital de Santo Eloy, e juntamente dar casa em Lisboa áquelles virtuosos e exemplares padres, fez supplica sobre esta materia ao pontifice Eugenio IV, e este, por um breve, mandou que o hospital de Santo Eloy fosse entregue aos conegos de Villar de Frades.

E attendendo á grande diminuição em que estavam as rendas defraudadas em mais de duas partes, calculou e moderou a esse respeito a ordem e obrigações da primeira instituição.

Poz, porèm, suas contradições o provedor Gonçalo Guterres, e foi mister o recorrer ao infante D. Pedro. Acudiu este interpondo o poder, a intercessão, a authoridade e a pessoa, com tanto empenho, que a elle deve a congregação esta casa.

Muitas vezes fallou pessoalmente aos capellães e merceeiros, de cujo consentimento dependia, em grande parte, o bom exito.

Offereceu e fez pactos com o provedor, e escreveu repetidas vezes ao pontifice, até que este mandou seus padres a D. Estevão de Aguiar, dom abbade de Alcobaça, para que mettesse os loyos de posse do hospital de Santo Eloy, o qual tomou em nome da congregação o loyo Affonso Nogueira, a 24 de abril de 1442.

E' pois esta fundação uma memoria d'aquelle grande D. Pedro, que andou as septe partidas do mundo, segundo diz o povo, que recusou, ainda vivo, uma estatua, que lhe queriam erigir em Lisboa ; que pereceu miseravelmente em Alfarrobeira, e de quem o estudioso se deve lembrar ao passar pelo theatro de D. Maria II ou por Alverca no caminho de ferro.

Agora só duas palavras a respeito dos Bons Homens de Villar.

Diz o chronista : que o mosteiro de Villar de Perdizes, na sua primitiva fundação, fôra obra de S. Martinho de Dume, que seguira a regra de S. Bento, e que n'elle desde o anno 566, viveram monges em summa perfeição.

Magdalena. Na sexta, acompanhada por toda a Côrte, á egreja do noviciado da Companhia de Jesus.

No dia ultimo de julho, por ser dia de Santo Ignacio de Loyola, foi a rainha acompanhada de toda a Côrte á

Arrasado em tempo de mouros, foi mais tarde reedificado por um D. Godinho ou Guido Viegas, no anno de 1070.

Uns trinta e quatro annos mais tarde uma D. Gotina fez amplas doações a este mosteiro.

El-rei D Sancho I coutou este convento, e lhe deu muitas isenções e previlegios.

Annos depois um arcebispo de Braga o deu a uns monges que andavam dispersos, e aos quaes, pelo seu viver exemplar, o povo começou a chamar os *Bons Homens de Villar.*

Estes bons e pobres homens, com o decorrer dos tempos, vieram a medrar de modo que eram conegos, trajavam esplendidamente de azul e branco, e eram senhores d'aquella celebre casa dos Loyos, na cidade do Porto, tão notavel pela sua amplidão, e da do convento do Beato Antonio: porém a casa de Villar era a cabeça da Ordem.

Diz o P. Francisco do Santa Maria que do edificio antigo dos Loyos em Lisboa, fundado pelo bispo, nada mais existia do que o casco da capella da Senhora do Valle, e que tudo o mais se fizera de novo, depois que o hospital se encorporou na Congregação.

Que a egreja era em seus principios de uma só nave, que correspondia á capella sobredita : que depois se fizera de duas com grandes dispendios e com grande imperfeição, porque, querendo o cardeal D. Jorge da Costa dar em Santo Eloy sepultura ao corpo da infanta D. Catharina, disse aos conegos que lhes queria fazer uma egreja nova com a condição que na capella mór havia de ficar o corpo da infanta, e que em uma collateral ficaria o do bispo.

A isto annuiram os loyos escrupulosos de que o bispo fundador da casa ficasse em segunda capella. Mas, como persistiram n'este escrupulo, não querendo dar a uma infanta de Portugal a capella-mór, veiu o cardeal a partido, e resolveu fazer segunda nave como a primeira : e segunda capella em correspondencia da outra, onde jazia o corpo do bispo, e a pôr n'ella o da infanta.

egreja de S. Roque, da casa professa da Companhia de Jesus, onde assistiu á festa, e commungou pela mão do seu confessor.

No dia immediato foi a rainha com os principes e o

Consta, pois, a egreja, diz o chronista, de duas naves em egual proporção, do todo o peso do tecto sobre uma columna, que fica bem no meio da egreja, na qual se estribam dois arcos, e um d'elles tão comprido e tão direito, que quasi não parece arco, senão esteira, e ficam com as paredes, ao que parece, penduradas e sustidas no ar, obra de grande admiração para os architectos.

A capella antiga, onde o bispo está enterrado, era dedicada ao SS. Sacramento com uma irmandade florentissima. Ainda hoje se conserva na mesma capella o sacrario, e n'ella é venerada a imagem da Senhora do Valle.

A outra capella, que lhe corresponde, é dedicada á Senhora da Gloria, que se festeja em dia d'Assumpção pelos mercadores de vinhos, os quaes são obrigados a pagar certa pensão para os gastos da irmandade.

O retabulo d'ella é de pintura antiga e excellente. Alli se estão vendo retratados ao natural a infanta D. Catharina e o cardeal D. Jorge.

Sobre o altar se vê embebido no retabulo o transito da Senhora e os apostolos assistindo, tudo de talha, e muito bem obrado.

No altar se vê a imagem da Senhora subindo para o Céu mui formosa e perfeita.

No pavimento d'esta capella, para a parte do Evangelho, está a sepultura da infanta, que é de marmore riquissimo, liso e polido, com muita perfeição : tem por base ao nivel um pavimento da mesma pedra em altura quasi de dois palmos com sacada de todas as quatro faces, que fórma um degráu alto : sobre este se assenta o concavo todo de uma só pedra, e sobre esta descança o tecto ou cobertura com seus frisos e cornijas, obra maravilhosa tambem de uma pedra só ; formando-se de ambas o magestoso tumulo, o qual se levanta em doze palmos de alto, se estende em quasi quasi outros tantos, e se alarga em seis, á maneira de tumba.

Entre uma e outra capella, em frente da columna, esta um altar dedicado a S. João Evangelista, Santo Eloy, e S. Lourenço

infante D. Pedro, á sua costumada devoção de N. Senhora das Necessidades, e por conta dos nove sabbados da princeza.

No domingo, com o fim de ganharem o jubileu da

Justiniano, onde se dizem as missas da terça, e serve de altar mór.

Nos cantos das duas capellas grandes se formaram duas menores, uma dedicada a Christo crucificado, outra a S. Joseph.

No corpo da egreja, da parte do mar, está a capella do Espirito Santo, enterro dos condes de Portalegre, onde jazem todos os senhores d'aquella casa até D. João da Silva, conde de Portalegre, em quem se acabou a varonia.

Passado, porém, algum tempo, o padre Joseph dos Anjos, então reitor dos loyos, se resolveu deitar abaixo a egreja velha, e dar principio no mesmo sitio a outra nova, e com as sempre acertadas direcções de João Antunes (o maior architecto que então se conhecia em Portugal) se deu principio á obra, que já no tempo do chronista se via em grande altura.

A egreja havia de ser uma das melhores de Lisboa, oitavada, mettida em um parallelogramo de 77 palmos de vão, e cem de comprido, não entrando nem a capella mór nem o córo. Este havia de ter 35 palmos de largo e 40 de comprimento.

O corpo da egreja havia de constar de oito capellas, 4 nos quatro oitavos de cada lado, e no meio d'ellas seu pulpito de cada parte, com oito tribunas sobre as oito capellas.

A porta principal havia de ficar por baixo do côro para a parte do claustro, e havia de ter seu arco correspondente ao da capella mór, ficando-lhe da parte direita tambem por baixo do côro uma porta travessa, e da outra uma capella, que lhe ficara em correspondencia.

Toda esta machina, diz o chronista, se deve cobrir, e vai cobrindo de marmores e jaspes de varias côres, embutidos e floreados, com toda aquella galhardia e primor que vemos agora nas obras modernas.

Chegou ao remate este templo? Ignoro. Apenas sei que o beneficiado João Baptista de Castro no 3.º tomo do seu interessante e erudito Mappa de Portugal, nos dá noticia dos seguintes estragos, causados pelo terremoto de 1755.

«Cahiram-lhe immediatamete as duas torres, uma chamada

Porciuncula, foram as mesmas senhoras de manhã visitar a egreja de S. Francisco da Cidade.

A 3 d'agosto visitou o principe com o infante D. Pedro a egreja dos religiosos de S. Domingos, onde se

---

Torre Velha, onde estavam os sinos e o relogio: e a outra chamada a torre nova, que ainda não tinha sinos, e existia por cima da porta da egreja. Logo lhe cahiu o tecto e as suas paredes até ás cimalhas da capella, ficando os dois arcos da capella mór e do côro em pé!

Ao mesmo tempo cahiu tambem o tecto da sachristia, e uma parede, que ficava para a banda do pateo, e corria egual com a parede da capella mór, que toda se abateu.

N'este estrago, conjectura-se que acabaram a vida mais de noventa pessoas; e da cammunidade pereceram o reitor e vice-reitor, o procurador geral, mais dois padres, um corista e um leigo.

O convento só teve de ruina com o terremoto cahir metade da parede do frontespicio para a parte do Limoeiro: o mais resistiu firme: porém, sobrevindo o fogo, ardeu todo o dormitorio e livraria, que estava nas varandas do claustro; ficando todavia illezas do incendio a casa do cartorio, que tambem estava no mesmo claustro e egreja e sachristia: mas não se poderam livrar da actividade das chammas os celleiros, adegas, refeitorio e botica, que estavam por baixo do dormitorio.

Resolveram os padres n'este desamparo irem no mesmo dia buscar o abrigo de outro seu convento, que tem em o sitio de Xabregas junto á marinha; e, passado algum tempo, o novo reitor que elegeram, por nome José da Cruz Ortigão, mandou fazer no claustro deste convento arruinado uma barraca por modo de hospicio, e no andar de cima nove cellas.

Fez mais uma capellinha com um só altar para se dizer missa, e outras accommodações e officinas em que actualmente assiste com dois padres e tres leigos.»

Eis o que acerca dos estragos causados nos loyos e do estado em que estava este mosteiro nos diz o padre Castro, testemunha ocular. Ignoro quaes as obras a que procederam n'este edificio; mas sei que ao tempo da extinção das ordens monastices em Portugal era habitado pelos frades, e mui frequentado pelos devotos. E percorrendo o avultadissimo numero de sermonarios impressos, não será dificil ver quão numerosas eram as festivi-

celebravam vesperas para a festa d'este patriarcha. A 4 d'agosto foi a rainha visitar a egreja de S. Domingos.

No dia 7 foi a rainha visitar a egreja de S. Caetano.

---

dades cebradas em Santo Eloy. E nos actos publicos faziam um vistão, pois trajavam de azul e branco. E, melhor do que isto, pertenciam ao numero dos conventos mais ricos de Portugal.

Em tempos mais remotos não era costume serem os fieis enterrados dentro das egrejas; mas sim no adro á entrada da porta principal ou da porta travessa dos templos, onde erguim alpendres defendidos por grades de pau ou de arame para obstarem a profanações ou entrada d'animaes. Porem com o decorrer dos seculos, varias causas, entre as quaes, as principaes eram talvez o interesse e a vaidade, entraram a fazer com que os christãos appetecessem ser sepultados dentro dos templos; e da venda do local para a sepultura, ou para o mausoleu, provinham para os frades grandes proventos.

O filho queria que na cova seus ossos ficassem juntos com os de seus paes: a mãe queria que suas cinzas ficassem misturadas com as de seus queridos e adorados filhos, aos quaes tinham visto perecer antes seus olhos, e para quem aquelles anjinhos nos transes da morte ainda mais uma vez tinham aberto seus embaciados olhinhos, como de despedida eterna.

Mas eterna, isso não. As mães queriam suas cinzas juntas ás de seus filhos. E eis porque as sepulturas ou carneiros eram amplos, e os frades mais dinheiro haviam recebido, embora isto fosse d'encontro aos estatutos de varias ordens, que o frade não pegasse em *pecunia*.

Em summa os parentes e amigos queriam que seus ossos ficassem junto dos que lhes eram mais caros, para se verem de prompto no dia de juizo, quando evocados á vida, se podessem ao primeiro toque da trombeta reconhecer e abraçar.

E com estas piedosas intenções os templos dos frades e freiras, as capellas e ermidas, se encheram de sepulturas, e tumulos e mausoleus, e o convento dos loyos em Lisboa não era d'aquelles que menos possuia.

O padre, já citado, Francisco de Santa Maria, o chronista dos loyos no *Ceu aberto na terra*, d'elles nos apresenta uma estirada lista.

Depois foi a rainha visitar o convento das religiosas da Madre de Deus.

No dia seguinte, o do noviciado dos padres da Companhia de Jesus, onde estava o Lausperenne.

Uma das principaes sepulturas era a do bispo fundador; mas, alem d'esta, havia a do padre João Rodrigues, na sachristia; a dos condes de Portalegre; de D. Joanna Henriques, condessa de Penella: de Violante Caldeira, cuvilheira que foi de D. João II; de dr. Manoel Pereira, inquisidor apostolico; do desembargador Antonio Mariz Carneiro, cosmographo d'estes reinos; de Damião Dias da Ribeira, fidalgo da casa d'el rei D. João III; do dr Antonio Dias Cardoso; do dr. Salvador de Mesquita fallecido em 1616; de Christovão Soares, secretario d'Estado fallecido em 1643 de dr. Domingos Riscado: do dr. João Delgado, inquisidor na India Oriental; do dr. Antonio da Gama Pereira, fallecido em 1595; de João Alvares, secretario da rainha D. Leonor, fallecido em 1513; e do P. Antonio Fragoso Toscano, arcediago de Evora.

Porem, sepultura de pessoa regia, tão somente alli havia a da infanta D. Catharina, filha d'el rei D. Duarte, uma sabia pára aquelles tempos, e escriptora illustre, pois do latim verteu para linguagem dois tratados compostos por S. Lourenço Justiniano, e dados ao prelo no real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no anno de 1531, edição que passa por ser uma das nossas mais celebres raridades bibliographicas.

Sobre esta edição do livro da princeza, (que viveu algum tempo no convento dominicano do Salvador em Lisboa), o nosso illustre humanista Thomaz Joseph d'Aquino, tão elogiado por Innocencio Francisco da Silva, fez em Lisboa, no anno de 1791 uma segunda edição, precedida de um interessante prefacio, onde nos diz, com toda a verdade, onde n'aquelle tempo jaziam as cinzas d'esta princeza, cinzas que desde 1787, estavam no convento dos Loyos, ao Beato Antonio.

Deu-se um caso notavel com a sepultura d'esta princeza.

Fôra sem duvida enterrada nos Loyos de Lisboa em 1463.

Mas já a madre Marianna Baptista n'um livro mais que raro —A Historia do convento do Salvador em Lisboa, impresso no anno de 1618, affirma que a infanta jazia n'este convento.

E fr. Luiz de Sousa, esse escriptor nunca assaz louvado na sua Historia de S. Domingos segue a mesma opinião.

Na quinta feira foi a rainha ao mosteiro das religiosas de Mocambo, por alli haver festa a S. Bernardo.

E no sabbado foi com os principes e com o infante

A verdade, porém, é que o corpo de D. Catharina foi trazido do convento do Salvador em Lisboa, onde viveu a princeza alguns annos para o de Santo Eloy, depositada na capella do bispo D. Domingos Jardo, da qual foi trasladado para a da Assumpção, onde estava ao tempo em que o padre Francisco de Santa Maria escrevia a sua *Chronica*. Todavia escriptores celebres como Ruy de Pina, Damião de Goes, Pedro de Mariz, Duarte Nunes de Leão, e muitos outros, que d'esta princeza fallaram, sabiam perfeitamente onde ella jazia.

Foi esta sepultura aberta na presença de testemunhas, a 17 de março de 1695, com o fim de examinarem o que estava debaixo da campa, e então encontraram: «uma caveira de pessoa humana, com uma ossada, tambem de corpo humano, que mostrava haver sido mettida n'aquella sepultura, já depois de consumida a carne d'aquelle corpo, e com ella um panno, que mostrava haver sido azul, corrupto e quasi desfeito pela antiguidade do tempo.»

Foi mestre d'esta princeza o celebre D. George, cardeal de Alpedrinha, aquelle que fugiu de Portugal com medo de el-rei D. João II, e no estrangeiro subiu ás maiores honras e dignidades.

Ao ensino d'esta princeza deveu tanta grandeza, e é certo que a discipula, pelo seu aproveitamento, deu honra ao mestre.

Foi pedida em casamento por D. Carlos, principe de Navarra, casamento que se não effectuou por causa da morte d'este principe.

Retirou-se em seguida para o mosteiro do Salvador em Lisboa, (CARDOSO: *Agiologio Lusitano*, tomo III) onde viveu tres annos, isto é, até 1463. Foi então pedida para esposa de um rei da Inglaterra, casamento que tambem se não effectuou por causa da morte d'esta princeza portugueza, no convento do Salvador, onde deixou recordações. (THOMAZ JOSEPH D'AQUINO: Prologo á reimpressão da obra — Perfeição da Vida Monastica, traduzida pela infanta D. Catharina, Lisboa, 1791, pag. 8.

Nas obras que fizeram em dezembro de 1883 para converterem aquellas ruinas do convento dos Loyos em quartel para a

D. Pedro ao convento do Livramento, de religiosos da SS. Trindade.

No dia 27 d'agosto foi el-rei visitar a egreja de N. Senhora da Boa Hora dos religiosos descalços de Santo

---

guarda municipal, encontrou-se o tumulo d'esta infanta, que estava na capella da Assumpção, mas aberto, e com uma pequena falha na pedra, no sitio em que introduziram ferro para levantar a campa, talvez quando d'ali, em 1787, removeram os ossos da infanta para o vão da capella mór na egreja do Beato Antonio.

O epitaphio d'este tumulo combina, exceptuadas algumas discrepancias orthographicas, com o que vem a pag. 9 da obra citada de Thomaz José d'Aquino.

E é do theor seguinte:

Aqui jas a infanta D. Catharina, filha de El-Rei D. Duarte e da Rainha D. Leonor, neta de El Rei D. João I. Irmão del rey D. Affonso V, tia do rey Dom João II, a qual estando desposada com D. Carlos, Principe de Navarra e Aragão, e com D. Duarte quarto rei de Inglaterra, sem se effeituar algum dos casamentos, falleceo de 27 annos, sexta feira 17 de junho de 1463.

Diz tambem Thomaz José d'Aquino que fôra o P. Jorge de S. Paulo, loyo, quem, por mandado dos prelados lhe pôz este epitaphio «ha poucos annos.»

Effectivamente a lettra é muito moderna.

Como já o leitor viu, ficando arruinadissimo, por causa do terremoto de 1755, o convento dos Loyos, trataram de trasladar os restos da infanta para a egreja de S. João Evangelista de Xabregas, como então se dizia, ou vulgarmente — os Loyos, ou o Beato Antonio.

Pediu-se licença á rainha, e foi concedida, e a trasladação fez-se no dia 26 de janeiro de 1787, e foram collocados os ossos n'uma cavidade aberta na parede, defronte do throno, isto é, olhando para a entrada do templo, no sitio a que vulgarmente damos o nome de vão da capella mór.

E pozeram-lhe então o seguinte epitaphio:

Catharina Lusitaniae Infans Eduardi et Eleonorae Regum filia obiit Olisipone XV Kal. Julii A. D. CCCCLXII. translata VII Kal. Februari A. D. M. DCC. LXXXVII.

Decorreram annos, e as ordens monasticas foram abaixo. E

Agostinho, por ser vespera d'este glorioso Santo. E a rainha pelo mesmo motivo foi visitar o convento da Graça.

No sabbado foi tambem a rainha com a princeza vi-

---

um negociante por nome João de Brito comprou o grandioso edificio dos Loyos para o transformar n'uma grande fabrica, como com effeito, transformou.

Requereu ao governo para remover d'aquelle sitio para logar decente os restos mortaes da illustre filha de D. Duarte.

O governo, porém, fez sempre ouvidos de mercador. Pediu, rogou, instou com os descendentes dos fidalgos, que n'aquelle recinto tinham jazigos, a que removessem as ossadas, ou os tumulos de seus illustres avoengos.

Tambem d'estes não obtinha resposta, se é que algum não respondeu que não queria saber d'aquillo para nada! Que lição de moral tão excellente!

A' vista, pois, do exposto, praticou o que tambem qualquer outro praticaria.

Chamou operarios e disse-lhes: Rapazes, toca a abrir os tumulos, deitae os ossos nos cestos, e despejae tudo nos carneiros do convento. E assim se mandou, e assim se cumpriu.

Quereis agora saber os nomes dos empregados que procederam a uma tal operação?

Eu vol-os digo.

João Augusto, pedreiro da fabrica de João Brito, foi quem abriu o tumulo da infanta D. Catarina, tirou o tampo em que estava o epitaphio, e foi despejar os ossos no carneiro chamado vulgarmente do *Atrio da Egreja.*

Silverio Maria, caiador da fabrica do sr. João de Brito, velhote de sessenta e tantos annos, que se lembra perfeitamente dos frades d'aquelle convento, e que ainda hoje mostra saudades d'elles, é testemunha d'esta operação e ainda por lá existem outras.

Mas não achaes, amigo leitor, que ha na realidade, familias perseguidas pelo infortunio ou pela fatalidade, mesmo além da morte?

E não achais que el-rei D. Duarte está n'este caso?

Seria porque, tanto elle como sua filha, eram escriptores n'este paiz?

sitarem a egreja da Penha de França, por conta dos nove sabbados da sua devoção.

E no domingo visitaram as egrejas da Boa Hora e do Carmo.

Na seguinte sexta feira visitou a rainha a egreja do Collegio de Santo Antão,

No sabbado foi a rainha com a princeza á egreja de N. Senhora do Monte, e alli Sua Alteza venerou a cadeira do glorioso S. Gens, pedindo a Deus pela intercessão d'este Santo Martyr o bom successo do seu parto, que está proximo.

Na quarta feira foi a rainha pela manhã visitar o convento de Nossa Senhora da Esperança de religiosas franciscanas, e na manhã de sabbado foi á imagem da Senhora da Piedade da egreja das Chagas, e era o ultimo dos nove sabbados da devoção de S. A.

Na semana seguinte visitou a egreja das religiosas irlandezas de S. Domingos, onde ouviu cantar a ladainha.

Na quarta feira visitou a mesma senhora o convento da Madre de Deus de Xabregas.

Logo no principio d'outubro, na quarta feira, por ser dia dedicado ao glorioso doutor da egreja S. Jeronymo,

---

Tinham então os ossos de uma celebre e virtuosa infanta portugueza de ficarem confundidos n'um carneiro com os dos sapateiros, dos barbeiros e dos sachristas, isto é, com os dos mechanicos, como n'aquelle tempo se dizia! Coisas do mundo!

Darei agora, como remate, mais algumas noticias relativas ao templo dos Loyos.

A teia do Beato Antonio está hoje na egreja de S. Nicolau em Lisboa.

As columnas da capella mór, na de S. Julião d'esta cidade.

A imagem de Nossa Senhora a Grande, na egreja parochial de S. Miguel de Alfama, na 2.ª capella do lado da epistola.

foi el-rei com os principes e os infantes visitar o real mosteiro de Belem; e o mesmo fez a rainha, que depois se andou divertindo em uma das casas reaes d'aquelle sitio. E voltando entrou a fazer oração na egreja parochial dos Santos Martyres de Lisboa, onde estava o Lausperenne.

Na quinta feira de tarde foi a rainha visitar o convento de Santos, das Commendadeiras da Ordem de S. Thiago, por ser dia dos Santos Martyres de Lisboa, a quem as commendadeiras festejavam n'aquelle dia.

No sabbado foi a rainha visitar a egreja de S. Francisco da cidade, por ser vespera da festa d'este Patriarca, e depois á sua costumada devoção a N. Senhora das Necessidades.

No domingo, por ser dia de S. Francisco, foi el-rei com o principe, e com os infantes, ao convento de S. José de Riba-mar, onde ouviram a missa e sermão. Alli jantaram sua magestade e altezas com os religiosos. E de tarde assistiram ás vesperas. Na segunda feira, por ser vespera do glorioso S. Bruno, foi S. M. com suas Altezas fazer oração á egreja de seus religiosos a Laveiras.

A rainha no domingo, em que se celebrava a festa do Rosario, foi ao convento do Sacramento das religiosas de S. Domingos. E voltando para o paço fez oração na egreja dos religiosos dominicos irlandezes, onde estava o lausperenne.

No dia do glorioso S. Bruno, fundador da Cartuxa, foi a rainha por mar ao sitio de Laveiras visitar a egreja de seus religiosos, e se recolheu tambem por mar a Lisboa.

Na quinta feira seguinte, por ser vespera da gloriosa matriarca Santa Thereza, visitou el-rei com o principe e os infantes D. Pedro e D. Antonio, a egreja de Cor-

pus Christi dos religiosos descalços. E na vespera de S. Pedro d'Alcantara foi de noite fazer oração na egreja do mesmo santo.

A rainha foi no dia 11 (ultimo dia do oitavario de S. Francisco) visitar a egreja dos Religiosos da sua Ordem, que vulgarmente chamamos S. Francisco da Cidade.

A 15 visitou a egreja de N. Senhora dos Remedios dos Padres Carmelitas Descalços.

A 16 foi de manhã ouvir missa á egreja dos religiosos capuchos da Convalescença, onde concorreu o principe nosso Senhor, e o infante D. Pedro, e depois se foram divertir todos na caça dos coelhos no sitio de Bemfica.

A 17 foi á sua costumada devoção a N. Senhora das Necessidades.

N'uma quarta feira de novembro, por ser dia de S. Carlos Borromeu, visitou a rainha a egreja do Espirito Santo dos Padres da Congregação do Oratorio.

No sabbado da semana passada, em que, os religiosos de S. Paulo, primeiro ermita, celebravam a festa da trasladação d'este seu religioso patriarca, visitou a rainha a sua egreja onde estava o lausperene, e depois foi á sua costumada devoção de N. Senhora das Necessidades.

El-rei, acompanhado de suas altezas, visitou na sexta feira, 20 do corrente, a egreja da Sé Oriental, e fez oração á imagem de N. Senhora da Apresentação, por ser vespera da sua festa.

Na terça feira, em que se celebrava a de Santa Gertrudes, visitou a rainha a sua imagem na egreja dos monges de S. Bento, onde estava o Lausperenne.

Na sexta feira visitou o convento das religiosas da Santissima Trindade de Campolide: e no sabbado a imagem de Nossa Senhora das Necessidades em Alcantara.

Na terça feira seguinte, por ser vespera da gloriosa virgem e martyr Santa Catharina, foi a rainha visitar a egreja parochial, dedicada á mesma Santa. [1]

Na primeira quinta feira da semana passada, dia consagrado á festa do glorioso S. Francisco Xavier, foi a rainha á egreja da casa professa dos padres da Companhia de Jesus, onde assistiu á festa, e commungou.

No domingo 6 de dezembro, em que a egreja costuma celebrar a festa do glorioso bispo S. Nicolau, visitou a rainha a egreja prioral consagrada ao mesmo Santo.

No domingo 13 foi a mesma Senhora de tarde á egreja do Espirito Santo dos padres da Congregação do Oratorio por se festejar n'ella o altissimo mysterio da Conceição.

Na manhã de quinta feira foi a rainha e a princeza á egreja de S. Roque, offerecer ao glorioso S. Francisco Xavier, uma infanta recemnascida.

Em summa, nos conventos achavam os nossos antepassados linitivo para seus males, descargo para sua consciencia, instrucção solida e gratuita para seus filhos, livrarias para estudarem, ou para entreterem seus ocios, apontamentos para escreverem a historia, remedios gratuitos nas boticas para se curarem, predica moral nos pulpitos para se corrigirem vicios, fazerem restituições, emendarem maus costumes, e abrandarem os corações dos depravados. Cada mosteiro, cada documento para a historia, desde tempos anteriores á fundação da monarchia e alguns desde o tempo dos romanos. E ainda hoje o

---

[1] Nem sequer ha vestigios d'esta egreja. Ficava no alto de Santa Catharina, em area occupada hoje por uma casa apalaçada.

povo portuguez o unico devertimento que tem gratuito, são as festas d'egreja.

E nada mais. Agora, por exemplo, a missa do gallo; no primeiro dia do anno festas em varios templos: depois a festa de Santo Amaro, onde compram enfiadas de pinhões: em seguida a procissão das candeias em volta do largo da Sé: a festa da trasladação de Santo Antonio na casa d'este santo: a quarta feira de cinzas, em que ainda muitos fieis vão á egreja com o fim de pôrem uma cruz de cinza na testa, depois de terem pulado e brincado durante os dias do carnaval.

A procissão de Passos da Graça, os sermões de quaresma apenas em algumas egrejas. As festividades da Semana Santa, o começo das sestas no dia dos prazeres, a apanha da espiga em quinta feira d'Ascenção, a procissão de Corpus Christi, quazi reduzida a zero, os arraiaes no campo, acompanhados de fogos de vistas, tambem já em alguma decadencia: os cirios, tambem já reduzidos a quasi nada, a visita ás capellinhas, em Santo Antonio dos Capuchos; a feira da Luz, e a romaria das Palmelôas á Penha de França, quasi no inverno. E eis um anno passado!

E pouco mais ha de divertimentos para o povo. Que differença com o que se passava ha um seculo! Festas todos os dias, diurnas e nocturnas.

Todos os dias morriam individuos com cheiro de Santidade, e o povo despovoava Lisboa com o fim de ir vêr aquelles servos de Deus, fosse onde fosse. E taes casos eram muito por miudo narrados na Gazeta de Lisboa, então folha official.

No dia 5 de janeiro morreu no convento d'Odivellas, uma freira com 82 annos de d'edade e com cheiro de Santidade. Fôra a madre Luiza Maria de Jesus, em quem (diz a Gazeta) resplandecederam infinitas virtudes, alem

da perfeita observancia dos seus votos, particularmente o da castidade, que, por asseveração do seu confessor, não offendeu nunca em sua vida, nem com o mais leve pensamento. Previo muitos dias antes o dia da sua morte, e o tornou a declarar no penultimo em que pediu os Sacramentos, dizendo, que na manhã seguinte havia de partir para Deus, e de tarde se havia dar seu corpo á terra, o que tudo assim succedera. Ficou flexivel, e o seu rosto com uma magestosa formosura, cousa que não teve em quanto viva. A sua cella e todos os vestidos de seu uso com um odor suavissimo. Indicios mui vehementes da sua predestinação, diz a Gazeta de Lisboa, a pag. 36, do anno de 1740.

No real mosteiro de Sant'Anna de Lisboa, de religiosas franciscanas da Provincia de Portugal, falleceu a 25 de dezembro passado a madre Luiza do Espirito Santo, com 68 annos de edade, 50 de religiosa, e 16 de enferma. Viveu nos ultimos dias entrevada na mesma cama, onde se lhe quebraram todas as canas das pernas e dos braços, e se lhe desconjuntaram todas as juntas do seu corpo; e, sendo evidente que naturalmente havia de padecer dores insoffriveis, se não ouviam da sua bocca mais que louvores a Deus, resignando-se em tudo na sua santa vontade. Floresceram sempre n'ella todas as virtudes, especialmente a da paciencia, e foi a sua vida exemplarissima a toda a Communidade. Ficou depois de espirar com todas as juntas unidas, e flexivel em todos os membros do seu corpo, todas as arterias em fórma de vivente, os olhos abertos, mais claros do que os tinha em vida, e, como se a tivesse, ainda lançou, sendo sangrada, sangue com muita força. Foi exposta ao povo por algumas horas: e esta é a terceira religiosa, que no decurso de dois annos tem fallecido no mesmo mosteiro com similhantes signaes de predes-

tinada: sendo a primeira a madre Rosa da Purificação, e a segunda a madre Thereza Casimira, todas puras, virtuosas, e flexiveis depois de fallecidas.

Falleceu em 2 de fevereiro, na cidade de Vizeu, com 140 annos, Maria Ferroa, viuva, mostrando até á sua morte, uma vida exemplar. Esteve tres dias exposta na Sé Cathedral da mesma cidade, e sempre flexivel.

Na madrugada de 13 de maio falleceu com quasi 80 annos d'edade, de uma doença dilatada, o dr. Bento Coelho de Souza. Acabou com todos os actos de bom christão, conhecimento da morte, e resignação na vontade divina, ficando seu corpo todo flexivel, e o rosto revestido de agradavel aspecto.

Em 21 de abril de 1740 falleceu no convento da Annunciada da Ordem de S. Domingos d'esta Cidade, em edade de 63 annos, a madre soror Bernarda Izabel de Jesus, filha de Roque Monteiro Paim, que foi secretario d'el-rei D. Pedro II, a qual, alem de muitos signaes de predestinação, que no seu nascimento, e em toda a sua vida se observaram desde a edade de 9 annos, ouvindo que seus paes intentavam casal-a para segurarem a successão da sua opulenta casa, posta aos pés d'uma imagem de Christo crucificado, o elegeu por esposo com voto de perpetua castidade: e cortando com as suas proprias mãos os cabellos, gastou quatro annos em continuos rogos e lagrimas para que seus paes lhe consentissem, que fosse religiosa de S. Domingos; e, entrando no dito mosteiro de edade de treze annos, professou aos 16, e observou até á sua morte com a maior exactidão toda a disciplina regular, sendo exemplarissima em todas as virtudes: pois, segundo depõe o seu director, conservou tanto o estado da innocencia, que nunca commetteu peccado mortal.

O bispo do Rio de Janeiro D. fr. Antonio Guadalupe

morreu no convento de S. Francisco d'esta cidade, pelas onze horas da noite, em edade de 68 annos, menos 27 dias: e no primeiro do corrente, estando-se-lhe fazendo o seu retrato, se advertio em todo o seu corpo uma extraordinaria flexibilidade, movendo-se em todas as suas juntas.

Na terça feira 20 de setembro, falleceu n'esta cidade, D. Pedro de Almeida de Lancastro, commendador de S. João de Trancoso, que, depois de viuvo, começou a excitar com maior perfeição e mais fervor todas as louvaveis virtudes, que sempre praticou desde a sua mais tenra edade, e especialmente a da caridade com os pobres, com quem dispendia a maior parte das suas rendas, chegando a tirar na rua um capote dos seus hombros para cobrir os de um necessitado: e vivendo por espaço de 25 annos em uma perpetua mortificação voluntaria, servindo-lhe de cama uma taboa, tomando repetidas disciplinas, cingindo asperos cilicios, e desprezando a grande distincção devida á sua grande qualidade. Foi sepultado o seu cadaver (todo flexivel) na egreja de S. Pedro d'Alcantara dos religiosos arrabidos d'esta côrte, para onde foi conduzido no mesmo dia por 56 pobres em um caixão forrado de burel, como recommendou no seu testamento.

Escreve-se haver fallecido no mosteiro de Vinhó, a 9 de janeiro, a madre soror Maria Nazareth de S. Boaventura, religiosa da ordem de Santa Clara, em cujo transito quiz Deus mostrar quanto lhe foram gratas as virtudes, em que se exercitou toda a vida, porque ficou flexivel em todas as partes do corpo. Sendo picada no braço correu d'elle sangue liquido; e estando na cama disforme em rosto e olhos por causa d'uma ictricia, observaram com admiração os medicos que no feretro tinha os olhos claros, e o rosto restituido á sua natural

côr; e que no exame que se fez no seu cadaver no domingo, 59 horas depois de fallecida, se viu que da face direita manava copioso suor, e do olho esquerdo correram algumas lagrimas que se recolheram em um lenço. E assim esteve esposta tres dias á piedosa vista de um numeroso concurso de povo; em quem ainda existiam os affectos da veneração, que por meio de outros similhantes prodigios dedicou a este religioso mosteiro na morte da madre soror Maria do Sacramente, fallecida a 2 de agosto do anno proximo passado, distribuindo as religiosas por muitas pessoas varias alfaias do seu uso por saciarem a sua devoção.

No primeiro de maio morreu no mosteiro da Madre de Deus em Guimarães, em edade de 83 annos, a madre soror Luiza Maria da Conceição, filha do conde de Val de Reis. A qual, entrando na edade de 8 annos no convento da Madre de Deus de Lisboa, se educou, e tomou n'elle o habito de religiosa no anno de 1664, e depois de 52 de clausura, foi nomeada pelo prelado D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga, seu irmão, para fundadora do mosteiro que com o mesmo titulo de Madre de Deus se fundou na villa de Guimarães.

Viveu em a nova clausura 23 annos. Esteve seu corpo insepulto 41 horas com apparencia de viva, e sem o minimo indicio de corrupção, com tanta flexibilidade e formosura, que não parecia morta, infundindo a todos tanta veneração, que em repetidas instancias pediam reliquias suas.

No Real convento de Mafra falleceu a 29 d'abril, com 33 annos d'edade, o padre fr. Felix da Encarnação, sacerdote e estudante theologo, religioso da vida exemplar e louvavel, virtuoso por natureza, por herança, porque já seus paes foram de bons e louvaveis costumes.

Ficou flexivel em todos os membros do seu corpo, e de tal maneira que excedia na mobilidade a qualquer pessoa viva. Fizeram exame no seu cadaver com assistencia do medico do mesmo convento; e na presença dos prelados e padres graves d'elle, do reverendo vigario da villa de Mafra, e de quatro sacerdotes do habito de S. Pedro, cinco cirurgiões, dizendo um anatomico que, pela sua arte, achava que não podia ser natural o que via. Pois havendo passado já 24 horas depois de expirar, conservava o cristalino dos olhos, a flexibilidade em todas as juntas, a continuação de lançar sangue puro pela cizura, que se lhe fez com a lanceta, o que se observou ainda 47 horas depois do seu fallecimonto. Sendo na vida pallido de côr, ficou depois de morto, resplandecente, e com os beiços algum tanto rubicundos, sem mostrar em tanto tempo nenhum indicio de corrupção.

Assentando todos ser prodigio, foi levado na sexta feira á sepultura pelas cinco horas da tarde, com muito trabalho dos religiosos, pela grande devoção do povo, que concorreu dos logares circumvisinhos, pertendendo cortar-lhe pedaços do habito, e tirar-lhe as flores e rozas, de que vinha coberto. Publicaram-se logo algumas reliquias suas. Dando principio aos progressos que se esperam d'um convento reformado, onde a virtude dos religiosos parece competir com a magnifica grandeza da sua fundação.

Falleceu n'esta cidade, a 20 do corrente, em edade de 42 annos, cinco mezes e cinco dias Antonio Francisco de Vasconcellos e Sousa, cavalheiro de vida exemplar e eminente na virtude da castidade. Sepultou-se por advertencia do seu confessor com palma e capella no convento de S. José de Ribamar, jazigo de seus avós, os condes de Castello Melhor. Permaneceu todas

as vinte e quatro horas depois de fallecido com côr de vivente, os olhos claros e o corpo todo flexivel.

A mesma Gazeta nos diz a pag. 276, que fallecera no logar de Tourais, termo da villa de Ceia, em edade de 67 annos D. Maria Josepha Mascarenhas, senhora de vida austera e penitente. Succedeu seu transito no dia 17 de maio pelas nove horas da manhã. E sendo exposto o seu corpo sobre uma eça magnifica, se achou este tão flexieel e resplandecente que, por voto geral, ficou exposto na mesma fórma até o dia 19 pelas quatro horas da tarde, em que observada a mesma flexibilidade, e que não tinha corrupção alguma, o doutor Antonio Lopes Falcão lhe pegou no braço esquerdo, e picando-se-lhe a veia com uma lanceta lançou sangue tão liquido, que se apanhou em um lenço, que conserva seu filho Manuel de Loureiro de Vasconcellos. A' vista do que foi tal a devoção de todo o concurso que começou a pedir as suas reliquias com grande fervor, repetindo as acclamações, que já em sua vida faziam, dando-lhe o titulo de Santa.

Na cidade de Braga (diz a mesma gazeta, a pag. 336) no convento das religiosas de Nossa Senhora da Conceição falleceu na segunda feira, 22 de junho, com 29 annos d'edade, e seis de habito, a madre Custodia Maria do Sacramento, que achando-se de pé, ainda que doente, queria ir ao côro commungar; e mandando-se-lhe, por estar fraca, que commungasse na cella, o fez, e logo pedio ao padre capellão a ungisse; o que sendo feito se abraçou com a imagem de Christo crucificado, e sem padecer ancia alguma lhe entregou a vida, ficando tão flexivel até á quarta feira 24, que movia todos os seus membros, e sendo picada lançou sangue, que muitos fieis guardaram, e conservam por devoção como reliquias suas. Notou-se, que abrindo-lhe as mãos, pe-

gava em uma rosa branca, que havia entre muitas encarnadas, de que estava semeado o caixão, em que estava, e custou muito tirar-lha dos dedos; e que lançava sangue da cizura, todas as vezes que a sua abbadessa o mandava.

A taes defunctos davam n'aquelle tempo o nome de —defunctos que morriam com cheiro de santidade, e como havia innumeros conventos e innumeras pessoas que se entregavam á vida mystica, eram tambem innumeras as pessoas que se finavam com cheiro a santidade, e Lisboa despovoava-se para ir assistir a taes enterros, nos quaes não era raro morrerem pessoas suffocadas, ou calcadas pelo povo ancioso d'apanhar o melhor logar, para assistir ás exequias, quasi sempre com grandes musicas, oração funebre, assistencia da côrte, e acompanhamento de tropa, e ensejo para os larapios fazerem a sua fortuna.

No convento de Santa Escolastica das religiosas de Bragança, falleceu em 15 de setembro com cinco dias de doença perniciosa soror Eugenia de Assumpção, observando-se na sua morte differentes prodigios; porque não sómente ficou flexivel, e com os olhos claros, e beiços vermelhos, como se fosse viva nos tres dias que esteve por enterrar depois de fallecida, mas, mettendo-lhe uma vella na mão, a sustentou mais de tres horas sem lhe cahir, e assentando-se em uma cadeira, se movia para todas as partes.

Picada em uma das mãos com um alfinete, lançou sangue. O mesmo fez sangrada na veia da cabeça, e na veia da arca. Ouviu-se no instante em que espirou, tocar os orgãos e cantar o Te-Deum no côro, sem n'elle estarem as religiosas. Entrando sua avó no convento para a ver, abriu os olhos, e os inclinou para ella. Deu-se-lhe sepultura em um caixão, como se pratica

com as religiosas, em que se observam similhantes provas de virtude.

Em 29 de dezembro de 1737 falleceu no convento de S. Francisco da Cidade de Provincia de Portugal, o padre Fernando da Soledade, com 73 annos, Chronista da provincia. Deixou depois da morte signaes evidentes da sua salvação, assim nos catholicos actos, com que se preparou para morrer, como na grande flexibilidade com que foi achado, quando se deu á terra, depois de estar sobre ella trinta horas, antes que se sepultasse; ficando sem o horror que ordinariamente costumam causar os cadaveres, com rosto vivo e tão agradavel, que attrahia a si todos que o viram: e varias pessoas pediram, e se aproveitaram d'algumas cousas do seu uso.

A 2 de março de 1738 falleceu em Lisboa, com edadade de 66 annos, d'um pleuriz, o dr. Belchior do Rogo de Andrade, varão ornado de muitas virtudes. Ficou flexivel, em rigoroso exame de muita gente: e até á sepultura correu sangue liquido das feridas, que a medicina fez precisas, na esperança de lhe servirem de remedio. Foi sepultado na egreja de S. Bartholomeu de Lisboa, sua parochia com palma e capella, por advertencia do seu confessor, em demonstração da castidade que guardou em toda a sua vida.

Na villa de Torres Novas falleceu a 4 do corrente, com 61 annos d'edade, D. Joanna Mascarenhas, viuva de João de Mesquita da Silva Avilez e Figueiroa, moço fidalgo, que foi da casa real, ficando flexivel o seu corpo trinta horas depois de fallecida, e o cadaver com apparencia de vivo.

Na quinta do Outeiro, sita no logar de Beazas, do conselho de Ferreiras e Tendaes, falleceu em edade de 78 annos D. Maria Claudia Theodora de Serpa Pinto de

Leão, viuva, ficando o seu corpo todo flexivel, e o cadaver com apparencias de vivo. No sabbado santo, que era o terceiro dia depois do seu fallecimento, foi sangrada duas vezes em differentes tempos, de que lançou sangue vivo. Concorreu grande numero de povo a tirar pedaços do seu habito, lançando de si suavissimo cheiro: e pezando-se a cera, que a alumiou nos tres dias, não diminuiu nada do peso, que tinha quando a accenderam. Era pessoa de vida muito justificada, e prognosticou alguns dias antes o da sua morte.

No convento de Santa Clara, da villa de Trancoso, falleceu no primeiro de junho, em edade de 62 annos, a madre soror D. Francisca de Santo Antonio, religiosa professa, com evidentes signaes de predestinada, ficando flexivel em todas as partes do corpo, lançando sangue liquido e rubicundo da mão esquerda, e braço, em que foi sangrada em differentes tempos; o que se examinou juridicamente na presença do reverendo Nicolau de Almeida de Castello Branco, conego prebendado na cathedral de Vizeu, e visitador geral do bispado, com jurisdicção ordinaria no arciprestado da dita villa, a requerimento da madre abbadessa D. Maria de Jesus, com assistencia do padre fr. Thomé de Santa Rosa, guardião do convento de Santo Antonio, extramuros da dita villa, e de varias outras pessoas, entre as quaes o medico, o confessor e o cirurgião.

O bispo de Patára D. fr. José de Jesus Maria tambem morreu em julho de 1738 com cheiro de santidade, porquanto depois da morte, ficou flexivel e com muitos signaes evidentes de predestinado.

Tambem se observaram prodigiosos effeitos na madre soror Maria do Sacramento, natural da villa de Sandomil, e freira no convento da Madre de Deus em Vinhó. Seu corpo, segundo assevera a Gazeta de Lisboa,

ficou flexivel com o rosto resplandecente, suou e lançou sangue liquido, sendo sangrada muitas horas depois de fallecida. Cresceu a cera, com que foi alumiada, exhalou o seu corpo um suave cheiro, e obedeceu duas vezes á prelada depois de morta. Foi grande o concurso de povo, que á vista d'estas maravilhas a acclamaram santa: e dizem que, depois de sepultada, tem obrado Deus por ella muitos prodigios.

Na villa de Vinhaes falleceu a 12 de setembro de 1738 o rev.º Thomaz Gomes da Costa, abbade de S. Matheus de Sobreiro, varão de conhecidas lettras e virtudes. Ao sepultar-se, observou-se como prodigio, que ventando muito, se lhe não apagou uma só luz. E por espaço de 40 horas esteve flexivel e lançando sangue liquido.

No dia 18 d'este mez tambem aconteceu em Arcos de Val de Vez um grande prodigio.

No convento dos capuchos d'aquella villa falleceu fr. Manuel da Conceição com 74 annos d'edade. Sendo depois da morte picado em differentes partes do corpo, por todas lançou grande copia de sangue, de que resultou concorrer toda a nobresa e povo da villa a ensopar os seus lenços, e a cortar-lhe reliquias do habito, e lhe deram sepultura no claustro.

A 29 de novembro do mesmo anno falleceu no convento de Santa Clara, de Lisboa, soror Magdalena Thereza, e depois de morta ficou com côr de vivente, e grande flexibilidade em todas as partes do seu corpo. Nem se lhe percebeu o mais leve indicio do corrupção nos tres dias, que esteve por enterrar, como dispõe o medico, que fez este exame.

Esteve exposta no côro de baixo na segunda e terça feira até á noite, concorrendo innumeravel quantidade de gente a pedir reliquias suas, de sorte que foi necessario vestirem-lhe segundo habito.

No convento de Santo Antonio de religiosos capuchos, da Provincia de N. S.ª da Soledade, situado em Castello Branco, falleceu no ultimo dia do anno passado de 1736, com 56 annos d'edade e 27 de habito, o irmão fr. Jeronymo de S. Verissimo, natural da freguezia, junto a Barcellos, religioso de tanta penitencia e virtude, que nem bebia vinho, nem comia carne, nem peixe, senão depois de ser doente, por medicina; occupando-se todos os dias na sua obrigação, e passando as noites geneflexo na capella mór diante do SS. Sacramento, onde só obrigado do somno dormia de bruços, sem nunca se lhe reconhecer outro repouso. Depois de fallecido e amortalhado, diante de todos, suou varias vezes; e uma fenda que se lhe fez ao fazer-lhe a barba, esteve revendo sangue puro, em quanto se não sepultou. Todo o povo da villa, que o venerava muito, concorreu a beijar-lhe os pés, e a levar as suas reliquias.

Falleceu no Real Convento do Santo Crucifixo das Religiosas Capuchas francezas d'esta cidade, a 26 de abril em edade de 72 annos a madre soror Jacintha da Madre de Deus, religiosa do mesmo convento, que, pela sua grande capacidade, doutrina e virtudes sábiu a ser fundadora do de N. S.ª da Conceição da Luz, onde assistiu quinze annos, occupando os empregos de vigaria, mestra, rodeira e abbadessa: e voltando para o seu convento, foi abbadessa d'elle, cujo cargo exercia ao tempo em que falleceu. Observaram-se-lhe signaes de predestinada, lançando sangue depois de fallecida, como se estivesse viva.

E a 11 de fevereiro falleceu no convento dos religiosos Capuchos da Provincia da Soledade, em Chaves, fr. Antonio da Comieira, de notoria virtude e vida exemplar.

Depois de morto ficou flexivel, lançando sangue li-

quido e fresco, e concorreram muitas pessoas a pedirem reliquias suas.

No real hospicio de S. João Nepomeceno dos carmelitas descalços alemães. falleceu em abril o padre fr. Leopoldo de Santa Thereza, e ficou depois de morto com apparencia de vivo.

A 9 de junho, com 76 annos d'edade, falleceu o P. André ó Obrien, irlandez de nação. Depois de morto esteve seu corpo 2 dias sempre flexivel.

Tambem falleceu no logar de Sá, no convento da Madre de Deus, de religiosas da Ordem Terceira da Penitencia, soror Anna Maria de S. José, abbadessa d'este convento.

Depois de morta ficou tambem com todas as apparecias de viva, porque abrindo-se-lhe os olhos, os tinha claros. Assentando-a, ficou assentada: picando-a, lançou sangue liquido, sendo necessario desatar-se-lhe a fita para o vedar. Todo o povo a preconisou—abbadessa santa. E, para se evitar a perturbação que fazia o grande concurso, se lhe deu sepultura depois de 48 horas de fallecida.

A 15 de junho falleceu com 70 annos, o P. fr. Manuel da Assumpção, fundador da reforma da Ordem dos Pregadores, em Monte Junto. Muitos dias antes da sua morte, predisse aquelle em que havia de fallecer. Ficou flexivel, e com muitos signaes de predestinado para a bemaventurança.

Em Beja, no convento da Esperança, de religiosas Carmelitas calçadas, falleceu a 26 de agosto, a madre Maria Perpetua, religiosa adornada de muitas virtudes. E morreu com evidentes signaes de predestinada, que a vela, que já não podia sustentar pela fraqueza e desunião dos dedos, se conservou sem ninguem a sustentar, direita ainda depois de morta, em que foi abalada

para a amortalharem. Ficou flexivel, e 27 horas depois de expirar na presença do vigario geral d'aquella cidade, do padre confessor do convento, e de alguns notarios apostolicos, que autenticaram este prodigio, foi sangrada, e se viu correr sangue liquido da cisura.

Mas dar-se-ha o caso de que o auctor d'este livro se tenha esquecido d'outros muitos mosteiros e egrejas que o passageiro vindo das regiões orientaes encontrava ao subir o Tejo o navio, magestoso, a todo o pano, e ataviado com suas bandeiras, flamulas e galhardetes?

Não se tem esquecido, não. As janellas do convento do Calvario, de religiosas franciscanas avistavam-se do Tejo, e nenhum dos passageiros deixava de saber que era fundação d'uma dama por nome D. Violante de Noronha, a quem o marido tinha morrido na batalha de Alcacer Quibir, e que fôra fundado em 1617. Mas o que tambem não poderia jamais escapar ao passageiro, que por traz d'este convento do Calvario, e até certo ponto parallelo, se erguia outro mosteiro, e era o de N. S.ª da Quietação, vulgo das Flamengas, porque freiras flamengas, fugindo á perseguição dos calvinistas, chegagaram a Lisboa em 1582, e quatro annos depois se recolheram no convento, que n'aquelle sitio lhes mandou fazer Filippe II.

Pouco depois observava o viajante, a ermida de Santo Amaro, n'uma altura d'onde se gosa um deslumbrante panorama.

Talvez visse alguma coisa d'um convento da Ordem da SS. Trindade, que se erigia perto d'Alcantara, e ao ao qual os devotos tinham dado o titulo de N. S.ª do Livramento.

Mas via com toda a certeza as janellas que deitam para o lado do Tejo, do convente dominicano do Sacramento, fundado pelo conde de Vimioso, no anno de 1612.

Todavia, se o navio fosse pelo Tejo acima, não muito chegado á terra, mas sim pelo meio do rio, certo que ao passageiro attento não lhe havia d'escapar o convento das Necessidades, outr'ora mesquinho, mas restaurado por el-rei D. João V com esplendor, e desde então um dos primeiros da capital.

Porem, via com toda a certeza o grande convento de S. João de Deus, de religiosos hospitaleiros, fundado no anno de 1629 por D. Antonio Mascarenhas, deão da capella real, os quaes sustentavam alli um hospital para clerigos pobres. E parece que um tal estabelecimento era tão do agrado de Deus, que nenhum, ou quasi nenhum damno recebeu do espantoso terremoto de 1755.

Havia de ver tambem uma boa parte do convento dos carmelitas, chamados Mariannos. A egreja está hoje convertida em templo protestante, e parte do convento ê a fabrica de louça, chamada das Janellas Verdes.

Mas o que é certo, é que n'aquelle tempo somente se pensava em cousas d'egreja,

Hoje é a madre Marianna da Fé, que morre em 1737 em Santa Clara de Santarem com 109 annos d'edade.

No sabbado, 6 de julho vae a rainha ao convento do Grillo visitar as freiras.

No dia 9 vae a rainha visitar as freiras do convento do Sacramento, das quaes fallei ha pouco.

Em 17 de julho de 1737 é armado cavalleiro na egreja patriarchal, com grande pompa, por D. Diniz d'Almeida, o barão d'Albrecht, Conrado Adolpho, ministro residente da magestade imperial em Lisboa. E serviram de padrinhos D. Antonio Henrique Pereira, senhor das Alcaçovas, e vedor da rainha, e Antonio de Saldanha e Albuquerque.

Em novembro chega a Lisboa a noticia, de que, no

convento de Santa Clara, no Porto, fallecera a madre Maria Victoria, com 110 annos d'edede.

E não fallemos nos deslumbrantes e continuos baptismos de pretos e de hereges, nos quaes as almas devotas gastavam rios de dinheiro, finalisando taes festas, em geral com o Te-Deum, accompanhado d'estrondosa musica.

Dar-se-ha caso que o passageiro, visse o convento de S. Francisco de Paulo, fundado em 1719 com o titulo de Hospicio, no anno 1710, e depois reedificado em 1753? Não sei; assim como tambem não sei se reparou nas trazeiras do convento das carmelitanas chamadas Albertas, em cujo templo celebravam pomposas festas ao braço de Santa Thereza, que diziam estar n'aquelle convento. Mas o que é certo haver alli são esplendidos azulejos e magnifica obra de talha. Mas o que é certo é que o navio está lançando ferro ao largo, em frente de Santos, e que é muito possivel que d'aquelle ponto se possa enxergar parte da fachada da egreja conventual dos Paulistas.

Paulistas! Oh nome fatidico e de bom agouro. S. Paulo, primeiro eremita, foi um monge notabilissimo, e os monges trazem-nos á lembrança os começos do Christianismo, e a pregação do Evangelho.

E talvez porque sympathisava com um tão admiravel monge, fosse o motivo porque D. João V [1] alli foi assistir á festa de S. Paulo em janeiro de 1757.

O que porem é verdade, e que desde da Boa-Viagem

---

[1] No convento de Xabregas morreu de uma queda, com 109 annos de edade, Luiz Jorge, natural d'Azeitão, que tinha sido soldado.

No Collegio dos Padres da Companhia, em Bragança, morreu um Matheus, com 120 annos de edade. Gazeta de 1741, pag. 120.

até Sacavem, isto é, um prolongamento de quatro leguas, era uma bella fileira de conventos e egrejas. E

Anna da Silva morreu em Sacavem, com 115 annos, em 1741, Gazeta de Lisboa.

Falleceu em Vinhaes, com 87 annos de habito, e 114 de edade, D. Anna de Vasconcellos. Gazeta de 1738, pag. 288.

Em 1737 entraram na Misericordia, pela roda e porta 893 creanças, e corria a Mesa com a creação de 2357, de que falleceram 495, havendo de despeza 19495 cruzados, e 370 réis.

12 de maio, a rainha visitou no domingo, 3 do corrente, a egreja dos religiosos de S. Francisco em Xabregas, onde havia uma festa ao Senhor Jesus.

Na segunda feira foi a Carnide, e visitou as egrejas dos tres conventos d'aquelles sitios.

Na quarta feira foi fazer oração á Penha de França.

A rainha visitou na ultima quinta feira a egreja de Nossa Senhora do Livramento de Religiosos do SS. Trindade em Alcantara.

El-rei no sabbado, 25, depois de assistir á procissão de S. Marcos, que sahiu da Basilica Patriarchal para o mosteiro de S. Vicente, retirou-se para as Caldas.

O bento fr. Manuel Lobo, do mosteiro do Salvador de Travanca, morreu em 1748, com 93 annos de edade.

A rainha e o rei visitaram a egreja de S. Francisco da Cidade, por occasião da festa, que fizeram os pretos da irmandade de Nossa Senhora de Guadalupe, na beatificação de S. Benedicto, com um triduo solemne.

Em 21 de abril foi el-rei á Madre de Deus, e ali ouvio a ladainha cantada pelas freiras.

N'aquelle tempo contavam tambem por *credos*, isto é, o tempo que levaria um credo a rezar.

«Em 6 de outubro, entre as 7 e as 8 horas da noite, sentiu-se em Villa Nova de Portimão um tremor de terra, que durou por tempo de dois credos.»

Gil Vicente, o celebre comico, embora não fosse esta ainda a verdadeira época da erudição portugueza, falla-nos tambem da fonte Castalia, Parnaso, caverna Saturna, Meduza, Lagoa Stygia, Jupiter, Diana, Febo, Marte, Mercurio, Venus, Castor e Pollux, Pleyades, Orion, Boecio, Origenes, Marco Aurelio, Salustio, Ca-

varios mosteirinhos se erguiam ao sul do Tejo, aos quaes davam o nome de convalescenças.

---

tilinarias, Josepho, Demosthenes, Seneca, Plinio, Alexandre, Aristoteles, Alberto Magno, Cicero, Quinto Curcio; e mistura tambem os personagens da Fabula com os da Mythologia.

«O numero dos martyres é tão grande que, apesar dos falliveis calculos de um Dodwell e seus copistas, pode-se assegurar que só Deus é que o conhece, Note-se em primeiro lugar que, por espaço de tresentos annos, toda a auctoridade dos imperadores e do senado se occupou em perseguir os christãos, que uma multidão de editos e leis penaes se publicaram contra elles: que os Trajanos e os Antoninos, principes amigos da humanidade, que foram as delicias da terra, se fizeram tyrannos para com elles, a quem tinham por inimigos dos Cesares, porque negavam o incenso aos deuses do Imperio: que depois da conversão de Constantino, no mesmo tempo, em que a luz do Evangelho passava até as extremidades do mundo, a heresia disputou o furor e a crueldade com a idolatria, e que os nomes dos Constancios, dos Valencios, dos Gensicos, dos Basilios e dos Zenões, foram escriptos em caracteres de sangue nos annaes da religião com os de seus antigos perseguidores.» Abbade Ducreux, *Historia Ecclesiastica*, vol. I, pag 24.

LIVRO PRIMEIRO

I Desmoralisação Romana. — II Pregação de Jesus. — III Lucta horrorosa entre o Christianismo e o Paganismo. — IV Triumpho do Christianismo. — V Monges.

> O vicio e a virtude, em lucta forte,
> Tem do peito a campanha dividida,
> Está da parte do peccado a vida,
> Está da parte da virtude a morte.
>
> ANDRÉ NUNES: *Poesias*

O imperio romano, que tinha começado por principios tão reles e insignificantes, não só avassalara toda a Italia, mas tambem os povos limitrophes á Italia, e toda a Europa conhecida então, e uma parte da Africa, e alguma cousa da Asia. E que povo, depois de arrasada Carthago, poderia luctar vantajosamente na guerra com os romanos, homens calejados nas cousas bellicas e para quem o viver ou morrer era cousa indifferente, com tanto que fosse com gloria, e n'uma postura airosa!

Com a conquista introduziram tambem os romanos sua religião, luz, e lingua entre os outros povos.

Parece, porem, que os povos vencidos, embora rendessem culto aos deuses romanos, nunca deixaram todavia de prestar adoração a seus deuses indigenas, o que se prova com os monumentos ainda existentes em o nosso solo, e que datam do dominio romano. Havia n'este solo culto a deuses indigenas, e d'elles nos falla Hübner. As leis por aqui tambem variavam alguma cousa d'aquellas que em Roma tinham vigor: mas até mesmo a linguagem romana não se introduzia com facilidade n'este solo. E havia para isso varias causas.

Quaes eram os romanos que para aqui vinham? Com certeza eram em geral soldados. Mas esses soldados saberiam latim, provenientes como eram de tão variadas regiões?

Não é de suppôr que todos o soubessem. Viriam até soldados que teriam a maxima difficuldade em se exprimirem n'um tal idioma.

As auctoridades superiores, essas sim, saberiam até mesmo exprimir-se com muita elegancia n'um tal idioma.

Mas o numero era pequeno, e vemos ainda hoje entre nós, que a gente ordinaria, fallando com seus amos, que se exprimem correctamente, nada aprendem, e continuam a usar dos mesmos vocabulos barbaros e incorrectos, que beberam com o leite.

Por conseguinte os romanos aqui estiveram por seculos, e aqui deixaram centenares e centenares de vocabulos latinos, os quaes se misturaram com os indigenas aqui usados. Mas nunca poderiam conseguir que os povos n'este solo moradores todos se expressassem em latim.

Contribuiu tambem muito para a implantação d'um tal idioma n'este solo a religião que os indigenas adoptaram, e a qual se tem conservado por aqui até hoje,

e talvez se conservará até á consummação dos seculos. E isto em primeiro logar, porque não é crivel que o povo queira deixar de ter uma religião. E em segundo logar, nada, absolutamente nada, nos faz prever que o Christianismo, a religião do bem e do amor; a religião que ensina ao humilde e plebeu a obedecerem a seu amo, e que exige do amo que seja bom para com seu creado, e inferior na ordem social tenha de desapparecer d'este solo. A religião que manda que o inimigo perdoe ao inimigo, por isso que o Deus auctor d'esta Religião, vindo ao mundo para morrer pelos homens, tambem perdoou a seus inimigos. A religião da virtude e do bem, a religião que não permitte que o homem se deleite com um mau pensamento, em lucta com a religião da infamia e dos vicios, embora a lucta fosse cruentissima, não poderá deixar de ser victoriosa.

Mas a lucta foi horrorosa com effeito. Os romanos na sua furia a ninguem perdoavam. Ou idolatrar ou morrer. Ou incensar aos deuses ou padecer o martyrio.

Os romanos queriam manter sua religião n'um imperio, fundado por um despota que matara seu irmão, para elle só empolgar o poder. Por meio da religião queriam continuar a manter debaixo do poder milhões e milhões de homens, considerados como cousas, e não como pessoas. Os romanos pretendiam que a humanidade se submettesse aos caprichos d'um Nero e d'um Caligula. E muitissimos se submetteram com effeito. Mas muitissimos outros preferiram dar ouvidos aos preceitos de humanidade e da virtude, que na terra ainda não tinham sido ouvidos. E esse homem, que estava pregando na Judea, dizia em voz alta e convincente o seguinte:

Bemaventurados os pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos Ceos.

Bemaventurados os que se entristecem, porque elles serão consolados.

Bemaventurados os mansos, porque elles herdarão a terra.

Bemaventurados os que teem fome e sede de justiça, porque elles serão fartos.

Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia.

Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus.

Bemaventurados sois quando vos injuriarem, e perseguirem, e disseram todo o mal contra vós, mentindo.»

Mas este pregador d'uma doutrina ainda não ouvida, em vez de mandar passar os seus adversarios ao fio da espada, como fazia Mafoma, dizia tambem o seguinte:

Portanto se trouxeres tua offerta ao altar, e alli te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti:

Deixa alli tua offerta diante do altar, reconcilia-te primeiro com teu irmão, e então vem, e offerece a tua offerta [1].

E como os escrivas e phariseos vissem que elle comia com os publicanos e com os peccadores, diziam a seus discipulos: Que é isso? Elle come e bebe com os publicanos!

E Jesus ouvindo palavras taes, acode dizendo:

«Os sãos não necessitam de medico; mas sim os que estão doentes. E eu não vim a chamar os justos, mas sim os peccadores.»

E um fariseu lhe rogava com elle, e entrando em casa do fariseu, assentou-se á meza.

E eis que uma mulher da cidade, que era peccado-

[1] Evangelho de S. Matheus, cap. V. v. 23 e 24.

ra, quando soube que estava á mesa em casa do fariseu, trazendo um vaso de alabastro, cheio de unguento.

E estando em pé por detraz d'elle, chorando a seus pés, começou a regar-lhes os pés com lagrimas, e os enxugava com os cabellos da sua cabeça, e beijava-lhe os pés, e os ungia com o unguento.

E como isto visse o fariseu que o tinha convidado, fallou comsigo dizendo: Se este fôra Profeta, bem soubera quem e qual é a mulher que o toca: porque é peccadora.

E respondendo Jesus, lhe disse: Simão, tenho que te dizer uma certa cousa. E elle diz: Mestre, dize-a.

«Um certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos dinheiros, e outro cincoenta. Porém, não tendo elles com que pagarem, perdoou-lhes a divida a ambos. Dise, pois:

Qual d'estes o amará mais?

E respondendo Simão disse: Parece-me que aquelle, a quem mais perdoou.

E elle lhe disse: Rectamente julgaste.

E virando-se para a mulher disse a Simão: Vês esta mulher?

Entrei em tua casa, não me deste agua para os pés. Esta, porém, com lagrimas regou-me os pés, e mos enxugou com os cabellos da sua cabeça.

Não me deste beijo. Esta, porém, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés.

Não me ungiste a cabeça com oleo: esta, porém, com unguento me ungiu os pés.

Pelo que te digo, perdoados lhe são seus muitos peccados. Mas a quem pouco se perdoa, pouco se ama.

E disse-lhe a ella: Perdoados te são teus peccados.

E começaram os assentados á meza a dizer entre si: Quem é este, que tambem perdoa peccados?

Disse, porém, para a mulher: A tua fé te salvou, vae-te em paz.

E convocando seus doze discipulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demonios, e para curarem enfermidades.

E mandou-os prégar o Reino de Deus, e a curar aos enfermos.

E disse-lhes: não tomeis nada comvosco, nem bordões, nem alforge, nem pão, nem dinheiro, nem tenhais dois vestidos[1].

E em qualquer casa que entrardes, ficai alli, e sahi d'alli.

E quaesquer que vos não receberem, sahindo vós d'aquella cidade, até o pó sacudi de vossos pés, em testimunho contra elles.

E saindo elles passavam por todas as aldeias, denunciando o Evangelho, e curando aos enfermos em todas as partes.

Mas passados alguns tempos depois de Jesus Christo ter proferido estas palavras, Pedro, ao pé dos seus onze companheiros, erguendo-se, diz para os circumstantes apinhados:

Varões judeus, e todos os que habitaes em Jerusalem, seja-vos isto notorio, e ponde minhas palavras em vossos ouvidos:

Porque estes não estão bebados, como vós outros para vos tendes, sendo ainda a hora terceira do dia.

Mas isto é o que foi dito pelo propheta Joel.

E será em os ultimos dias, diz Deus, que do meu espirito derramarei sobre toda a carne, e vossos filhos e

---

[1] Biblia Sagrada. Versão de João Ferreira d'Almeida, Londres 1819, pag. 71.

filhas profetizarão, e vossos mancebos verão visões, e vossos velhos sonharão sonhos.

E tambem sobre meus servos e sobre minhas servas n'aquelles dias derrramarei meu espirito e profetizarão.

E darei prodigios arriba no Ceu, e sinaes abaixo na terra, sangue, e fogo e vapor de fumo.

O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o dia grande e illustre do Senhor.

E será que todo aquelle que invocar o nome do Senhor, será salvo.

Varões israelitas, ouvi estas palavras: Jesus o Nazareno, varão entre vós outros de Deus approvado com maravilhas, prodigios e signaes, que Deus por elle fez em meio de vós outros, como tambem vós mesmos sabeis.

Este sendo entregue pelo determinado concelho e presciencia de Deus, tomando-o vós outros por mãos dos injustos o crucificastes e o matastes.

Ao qual Deus resuscitou, soltas as dores da morte. Por quanto possivel não era que d'ella fosse reteudo.

Porque d'elle diz David: Sempre diante de mim via ao Senhor, porque á minha mão direita, para que não seja commovido.

Pelo que meu coração está alegre; e minha lingua se goza, e ainda minha carne ha de repousar em esperança.

Pois não deixarás minha alma no inferno, nem entregarás a teu santo, para que veja corrupção.

Os caminhos da vida me fizeste notorios: com tua face de goso me encherás.

Varões irmãos, livre me é dizer-vos livremente ácerca do patriarcha David, que morreu, e foi sepultado, e ainda sua sepultura está comnosco até o dia de hoje.

Assim que sendo propheta, e sabendo que Deus com juramento lhe havia jurado, que do fruito de seus lombos, quanto á carne, levantaria o Christo, para o assentar sobre seu throno.

Vendo-o dantes, fallou da resurreição de Christo, que sua alma não haja sido deixada no inferno, nem sua carne haja visto corrupção.

A este Jesus resuscitou Deus; do que todos nós outros somos testimunhas.

Assim que exalçado já pela mão direita de Deus, e recebendo do pai a promessa do Espirito Santo, derramou isto que agora vedes e ouvis.

Porque não subio David aos Ceos: antes diz: Disse o Senhor a meu Senhor—assenta-te á minha mão direita.

Até que a teus inimigos ponha por escabello de teus pés.

Saiba, pois, certamente toda a casa de Israel, que Deus fez o Senhor e Christo, a saber, a este Jesus, que vós outros crucificastes.

E ouvindo elles estas cousas foram compungidos de coração, e disseram a Pedro e aos demais apostolos: Que faremos, varões irmãos?

E Pedro lhes disse: Arrependei-vos, e baptise-se cada um de vós em o nome de Jesus Christo, para perdão dos peccados; e recebereis o dom do Espirito Santo.

Porque a vós vos pertence a promessa, e a vossos filhos, e a todos que ainda estão longe, a tantos quantos Deus Nosso Senhor chamar.

E com muitas outras palavras testificava, e os exhortava dizendo: Salvai-vos d'esta perversa geração.

Assim que os que de boamente receberam sua palavra, foram baptisados, e accrescentaram-se n'aquelle dia á egreja quasi tres mil almas.

E perseveravam na doutrina dos Apostolos, e na communhão, e no partir do pão, e nas orações.

E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas, e signaes se faziam pelos apostolos.

E todos os que criam, estavam juntos, e todas as causas tinham communs.

E vendiam suas possessões e fazendas, e com todos as repartiam, segundo cada um havia mister.

E perseverando cada dia concordemente no templo, e partindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e com singeleza de coração.

Louvando a Deus, e tendo graça para com todo o povo. E accrescentava o Senhor cada dia á Egreja aquelles, que se salvavam.

E algum tempo depois da conversão de Pauto, este apparece no Areopago d'Athenas, e elevando a voz diz:

Varões Athenienses. em tudo vos vejo como mais religiosos.

Parque passando eu pela cidade, e vendo vossos Sanctuarios, achei tambem um altar em que estava escripto: «*Ao Deus Não Conhecido*».

A este, pois, que vós outros, não conhecendo, servis, a esse vos denuncio eu.

O Deus que fez o mundo, e todas causas que n'elle ha: este sendo Senhor do ceu e da terra, não habita em templos feitos de mãos.

Nem tão pouco servido por mãos de homens, como de cousa alguma necessitando: pois elle só a todos dá a vida e a respiração, e todas as cousas.

E de um sangue fez toda a geração dos homens para habitarem sobre toda a face da terra, determinando os tempos já d'antes ordenados, e os termos d'uma habitação.

Para que ao Senhor buscassem, se por ventura o podessem apalpar e achar. Ainda que não está longe de cada um de nós outros.

Sendo, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a Divindade seja similhante a ouro, ou á prata, ou á pedra esculpida por artificio e imaginação de homens.

Assim que dissimulando Deus os tempos de ignorancia, agora denuncia a todos os homens, e em todo o logar que se arrependam.

Por quanto tem estabelecido um dia, em que justamente ha de julgar o mundo, por aquelle varão, que para isso tem ordenado; dando d'isso certeza a todos, resuscitando-o dos mortos.

E, como ouviram da resurreição dos mortos, alguns zombaram; e outros diziam: — alguma outra vez ácerca d'isto te ouviremos.

E assim Paulo sahiu do meio d'elles.

Porem achegando-se alguns varões a elle, creram. Entre os quaes foi tambem Dionyzio, o Areopagita, e uma mulher, por nome Damaris, e outros mais com elles.

E depois d'isto partiu Paulo de Athenas, e veio para Corintho, e depois de prégar, e de soffrer enxovalhos, aqui passou para a Syria, e d'esta a outras terras, prégando e ensinando o Evangelho incessantemente, quer em Epheso, quer na Grecia, quer na Macedonia, em summa o prégador infatigavel por toda a parte, até perder a vida por causa d'uma tal prégação annunciando a divindade de Jesus a todo o orbe desconhecido.

Os outros apostolos tambem imitaram os trabalhos de Paulo. Eram incessantes na pregação, e embora todos dessem a vida em prol da fé, já se podia antever, que numa epoca ou mais proxima, ou mais remota, a religião dos Cezares havia de desabar, e que os idolos ou

estatuas dos deuses do imperio, serviriam tão sómente ou para adorno das praças publicas, ou para attracção de visitantes n'um museu.

E era bem infame uma tal religião! E era bem desgraçada a maior parte da humanidade!

O proprio Seneca, um dos philosophos mais humanitarios, chega a dizer que era muito mal empregado o alimento que se dava a um velho doente. Em primeiro logar porque um tal pão poderia, com mais utilidade alimentar um valido ainda para o trabalho: ao passo que, dado ao invalido, tão sómente servia para prolongar a vida dolorosa a um infeliz.

Eis como Seneca pensa.

E quão desgraçado não era então o viver d'essa plebe infeliz, como ás vezes lhe chama Tito Livio, viver sempre desditoso e desgraçado, e que desde a fuga para o Monte Sacro tinha caminhado sempre para peior.

Se olhamos para o escravo, vemol-o sujeito [1] a ser ferido barbaramente, envenenado, queimado, despedado por feras, e tudo isto já no seculo III, posteriormente a Seneca, e a Ulpiano.

As bofetadas nas escravas, os cabellos arrancados ás mãos cheias, os rostos feridos com as unhas, tinham-se apenas como advertencias.

Porque pregassem mal um alfinete, porque o penteado não ficasse tão elegante, como na vespera, eram mandadas suspender pelos cabellos ou açoutar, barbaramente pelo carrasco da casa (*carnifex*) sustentado só para esse encargo.

As crueldades de tractos e de morte aprendiam-nas as senhoras nas scenas do amphitheatro, que eram a

---

[1] D. Antonio da Costa: *Tres Mundos*, pag. 241.

philosophia ensinada pelo imperio. Cursavam alli a escola do sangue.

«Levantem já a cruz para esse vil escravo» exclama a arrogante matrona.

Que delicto commetteu, pergunta o marido, de quem ella mofava.

Quem foi o denunciante?

Que deposeram as testemunhas?

Seja tambem ouvido o criminoso. Tudo isto é conveniente, quando se trata da vida d'um homem.

«Por Venus! Pois um escravo é um homem?

Se não é culpado, que importa? Ha de morrer.

Porque?

Porque assim o quero eu: porque assim o ordeno.

A razão é a minha vontade.

Nada houve egual á dureza dos Romanos para com os escravos.

Publio Rupilio mandára só de uma vez sacrificar na Sicilia 20 mil.

Nunca os alliviavam dos grilhões, nem sequer nos trabalhos ruraes.

Eram marcados com ferro em brasa, e de noite lançavam-nos em subterraneos.

Quem dará Tacito por suspeito?

Pois Tacito, um dos espiritos mais elevados do mundo pagão, o grande historiador dos Cesares, que devia influir sobre a opinião publica, ao mencionar o desterro de quatro mil libertos para a Sardenha, por motivos unicamente de superstições, escreve em pleno imperio, e em plena philosophia: «que se a insalubridade do clima lhes viesse a causar a morte, seria perda extremamente insignificante».

Nos tempos em que a santissima religião de Jesus Christo, religião d'uma pureza tal, que não permitte se-

quer sem que se commetta um peccado venial, ou que o individuo se delicie conservando no cerebro um mau pensamento, achava-se o povo romano barbaro por essencia, no auge da desmoralisacão,

Era então que Nero, vestido de histrião, cantava nos palcos, e mandava deitar fogo á cidade de Roma.

Era então que o imperador Commodo, vestido d'amazona, gladiava na arena, e era applaudido com delirio.

Era immensa a corrupção d'aquelle seculo, a que os idolatras da forma chamam seculo d'ouro, diz Cesar Cantu.

Jazia entre ferros, e tinha-se por livre: mas com o andar dos tempos nem povo romano havia.

Isso, a que se dava o nome de povo, compunha-se d'um enxame de libertos, d'escravos, de gregos, d'orientaes, e de gentes de todos os povos.

E as crueldades de Tiberio eram tão amiudades e tão horripilantes, que talvez em nenhum tempo foi mais frequente e systematico o suicidio, no dizer do escriptor ultimamente citado.

Depois, continua Cesar Cantu, as proprias baixezas do senado e dos cortezãos lhe inspiram desgosto; quer poder associar com mais liberdade os dois elementos do paganismo, as crueldades e as voluptuosidades. Foi para uma ilha, cujos cachopos lhe defendiam a aproximação, d'onde a perspectiva se estende ao longe sobre o mar, e d'onde se descobrem as risonhas margens da Campania. Foi Caprea, favorecida por um clima delicioso, que Tiberio nos seus receios ameaçadores escolheu para d'ella fazer um Eden e a sua prisão. Alli manda construir doze casas de recreio, cada uma das quaes é consagrada a um Deus, thermas, aqueductos, porticos, e reune todas as delicias.

As suas devassidões tinham-no já deshonrado, quando era simples particular.

Estabelece agora um superintendente dos seus prazeres. Dá a pretura a certo beberrão, que, d'um só trago, despeja uma amphora: e duzentos mil sestercios a Aselio Sabino por um dialogo, em que os cogumelos, as folosas, as ostras e os tordos disputam entre si o primeiro logar.

Pinturas licenciosas, scenas d'uma devassidão monstruosa, hão de despertar n'este velho repellente os desejos amortecidos. Se os paes se recusam á honra de offerecer suas filhas á lubricidade imperial, escravos e satellites alli estão para lh'as arrebatarem.

Se ao aspecto da sua feialdade e das suas ulceras, as mulheres tão sómente sentem repugnancia para com esta nojenta velhice, Saturnino inventa requintes de prazer, que desafiam a imaginação mais lasciva. Depois, a fim de que os divertimentos da cidade não lhe faltem em Caprea, Tiberio investiga com os sophistas e grammaticos, que nome tomava Achilles quando andava vestido de mulher na côrte de Scyros: quem era a mãe de Hecuba: e qual o assumpto habitual do canto das sereias.

Regula cada um dos seus actos segundo a indicação dos astros e dos animaes interrogados por Thrasyllo. Mas as accusações, os supplicios e os cadaveres não devem diminuir. Os tormentos mais cruelmente engenhosos arrancam aos presos a confissão de crimes, que talvez elles não houvessem commettido, e os desgraçados são depois arrojados para o mar. Os senadores, que vinham para lhe apresentar reclamações ou homenagens eram despedidos depois de terem esperado por muito tempo em vão.

Um rhodio vem ter com elle, á força de reiterados

convites, e o imperador por distracção, por habito, manda pôl-o a tractos.

E mesmo depois da morte de Sejano, Tiberio torna-se mais avido de sangue. Amigos e inimigos, todos são tratados com o mesmo rigor. Arreceia-se do Senado, e todos os dias faz cahir alguns dos seus membros. Teme os governadores, e obsta a que algum d'elles, depois de os ter nomeado, se dirijam para as provincias, que ficam assim sem administradores. Teme as recordações, e manda matar varios cidadãos culpados de terem derramado lagrimas. Teme o futuro, e envia ao supplicio algumas creanças de nove annos.

Os motivos mais absurdos serviam de pretexto para mandar matar.

A um imputou-se-lhe o crime de seu avô ter sido amigo de Pompeo: a outro o terem os gregos conferido honras divinas a seu bisavô Theophanes de Mileto

Um anão, que divertia Tiberio, quando este estava á mesa, pergunta-lhe um dia: Porque motivo Paconio, culpado d'alta traição, ainda tem vida? E Paconio é mandado ao supplicio pouco tempo depois.

Mas o leitor que desejar saber a fundo até que ponto chegaram taes infamias, pode lel-as n'uma immensidade de livros, escriptos a tal respeito.

Pois foi n'estes infames tempos que a santissima religião de Jesus Christo começou a ser prégada, e que adquiriu um grande numero de proselitos n'aquellas almas que aspiravam á virtude, a qual, felizmente, em todos os tempos teve adeptos, embora estes adeptos já em tempo de Nero fossem perseguidos com furia e atrocidade. Pois uns, envolvidos em pelles d'animaes, eram lançados aos cães, outros ás feras, no meio do circo.

Alguns eram queimados vivos, e seus corpos queimados serviam de brandões nos jardins voluptuosos de

Nero, o que nos é asseverado por um escriptor dos mais afamados e de todos conhecido — TACITO. [1]

E eis a sorte d'aquelles homens que proclamavam a egualdade do genero humano: e que mandavam em primeiro logar amar a Deus; e em segundo, o proximo, como a nós mesmos.

Matavam-nos, porque ensinavam que o homem e a mulher confundidos na pessoa de Jesus Christo, se tornavam eguaes.

Temendo-se esta doctrina por consequencia — que o pudor, vilipendiado até então, calcado aos pés pelas prostitutas, pelos escravos e pelas deusas, se tornava o mais precioso ornamento da mulher, que até morreria para o conservar.

---

[1] «Perseguiu e castigou com o requinte dos supplicios a esses malfeitores detestados, a que o vulgo chamava christãos, do nome de um Christo, que no reinado de Tiberio, foi crucificado pelo pretor Poncio Pilatos.

Esta semente má, como diziam, foi então suffocada. Mas recrescia em forças não sómente na Judea, onde nasceu, mas até mesmo em Roma, onde á porfia abundam, e adquirem celebridade todas as cousas atrozes e odiadas. Prenderam, por conseguinte, ao principio, os christãos, que professavam publicamente a sua religião, depois um grande numero de pessoas designadas, não como culpadas do incendio, mas como inimigas do genero humano.

Matavam-nos por escarneo, cobertos de pelles de animaes, para que os cães os despedaçassem vivos, crucificavam-nos, queimavam-nos e lançavam-lhes fogo untados de pez, como archotes para illuminarem durante a noite.

Nero prestou os seus jardins para este espectaculo, onde elle celebrou a festa do circo, vestido de archeiro, em um carro, e como espectador entre o povo. Estavam penetrados de piedade a favor d'aquelles desgraçados, apezar de dignos de todos os supplicios, pois não morriam em prol d'uma vantagem publica, mas sómente por causa da crueldade do imperador.» TACITO: *Annaes*, XV, 44.

Mas esta doctrina encontrava muitos inimigos, e a primeira victima Estevão, morre apedrejado.

Thiago o menor é precipitado d'uma altura.

Thiago o maior, é degollado por ordem de Herodes Agripa.

A Filippe matam-no em Hieropolis na Phrygia.

A S. Thomé diz a tradição que o mataram na India.

E a tradição diz que Pedro e Paulo no dia 29 de junho do anno 67 foram crucificados em Roma,

E os vicios a pouco e pouco foram sendo substituidos pelas virtudes christãs.

«Quem não aprecia, diz S. Clemente aos da Egreja de Corintho. a vossa firmeza na fé, a moderação christã da vossa piedade, a magnificencia da vossa hospitalidade, a perfeição da solidez do vosso saber?

«Todas as vossas obras foram feitas sem attenção ás pessoas, commungando segundo a lei de Deus, mostrando-vos obedientes para com os vossos pastores, e respeitosos para com os velhos, ensinuando aos jovens a honestidade, e a temperança: ás mulheres a pureza e a castidade da consciencia, o amor a seus maridos, a submissão, e a modesta economia.

«Cheios de humildade, promptos a submetter-vos de preferencia a submetter os outros, a dar primeiro que a receber, contentes com que Deus vos concede, respeitando a sua palavra, uma paz tranquilla reinava entre vós, assim como um desejo de praticar o bem com uma vontade firme, e uma santa confiança. Occupados noite e dia no interesse de vossos irmãos. sinceros, innocentes, não conservando resentimento das injurias, lamentaveis os erros do proximo. como se fossem vossos.»

Os christãos, segundo diz Cesar Cantu, andavam ordinariamente vestidos de branco, de pannos ordinarios, sem luxo.

Primeiro tiveram de recorrer a todos os meios para se occultarem.

Reuniões secretas, signaes de convenção e de reconhecimento, cofres para levar o viatico aos enfermos, aos encarcerados, e aos fieis que não podiam sahir de casa.

Nos seus alimentos regulavam-se pela necessidade, e não pela sensualidade.

Preferiam o peixe á carne, as substancias cruas ás eguarias preparadas.

Comiam só uma vez, ao pôr do sol, e, quando muito, interrompiam o jejum de manhã com um bocado de pão.

O vinho prohibido aos jovens, era permittido aos velhos em quantidade determinada.

Não se via em suas casas nem rica mobilia, nem baixella preciosa, nem perfumes, nem instrumentos de musica.

Durante a refeição cantavam hymnos devotos, e reinava entre elle modesta gravidade.

Depois da ceia louvavam a Deus, em seguida deitavam-se em uma cama dura, onde abreviavam o somno para prolongar a vida, levantando-se cedo para cantarem os louvores do Senhor.

Para elles Deus não tinha figura, nem outro nome além de *um bom espirito*, pae, *creador*. Para lhe renderem culto não se voltavam para o Capitolio ou para a montanha de Sião.

Encontravam-nos, porém, por toda a parte e a toda a hora, porque andavam com a sua consciencia limpa, e rendiam-lhe preito em todas as suas obras, pensando continuamente n'elle.

Todavia destinavam algumas horas especialmente para a oração, recitando as suas preces de pé, com a fa-

ce voltada para o oriente, e a cabeça e as mãos levantadas para o Ceo.

Quando terminava a oração, levantavam um dos pés, na posição de viajantes prestes a abandonar a terra.

O paganismo havia idolatrado o corpo. Os christãos não viram n'esta forma transitoria senão lama e peccado. Consideravam a virgindade como o estado mais perfeito, e a abstinencia tornou-se uma paixão, como outr'ora a libertinagem [1]. Varias donzellas suicidavam-se para se subtrairem ao matrimonio.

Ao mesmo tempo que a especie humana se achava entregue á sua natureza, a mulher sahia da ultrajante nullidade antiga, e tornava-se egual ao homem pela sua origem commum, não obstante ficar-lhe submettida por causa da differença das suas occupações e do seu destino.

Maria, a eleita do Senhor, santificava seu sexo. Mulheres piedosas appareceram ao pé da cruz, e Christo fallara com ellas, e perdoara-lhes as suas faltas.

Depois da morte de Jesus continuaram algumas mulheres a orar com os apostolos. E depois seguiam-nos para os servir, como haviam feito a Jesus Christo a Magdalena, e as duas Marias.

Ellas baptisavam, prophetizavam, e repetidas vezes as epistolos fazem d'ellas menção, e lhes dirigem a saudação de paz. Fazem parte das assembleias, participam da instrucção, e do sacrificio. S. Paulo recommenda a Timotheo as que lhe assistiram no serviço divino. Pouco depois foram instituidas as diaconisas, que deviam ser viuvas, de sessenta annos pelo menos, terem amamentado os filhos, exercido a hospitalidade, lavado os

---

[1] Cesar Cantu: Historia Universal, liv. VI, cap 7.º

pés aos viajantes, e consolado os afflictos. Era mister que se houvessem mostrado sempre castas, sobrias, e fieis.

Outras mulheres eram cuidadosas em visitar os encarcerados, em levar secretamente mensagens e o viatico, em distribuir pelos doentes os dons d'essa piedade. que só pertence ao sexo. Viam-nas soccorrer os martyres, beijar as suas feridas, ministrar-lhes uma gotta d'agua durante a agonia, guardar o seu sangue e ossos, quando exhalavam o ultimo suspiro. Depois apresentavam-se intrepidas perante os tribunaes, affrontando o orgulho dos juizes, e a crueldade engenhosa dos tyrannos, confiando a sua pura innocencia a esse Deus qne multiplicava os milagres em seu favor.

No martyrio desmentiam essa fraqueza que a nossa insultante lisonja attribue ao seu sexo.

Mostravam-se mesmo mais heroicas que os homens, por isso que se achavam expostas não só ás torturas, mas tambem aos attentados contra o pudor.

Com effeito, os que não lhes podiam quebrantar a fraqueza, procuravam triumphar da sua virtude.

Era assim que ellas se tornavam dignas de combater Venus, ao passo que as mulheres pagãs, que ajuntavam ás honras da castidade os prazeres da libertinagem diziam: *Viver é gozar*. As christãs ultrajadas e virtuosas exclamavam: *Viver é soffrer*.

Equiparadas aos homens nos supplicios, tornavam-se suas eguaes nos direitos, e preparavam á mulher, a preço do seu sangue, a egualdade para os tempos da civilisação.

Tertuliano escreveu dois livros sobre a belleza e sobre os enfeites da mulher, nos quaes expunha que os enfeites apurados não convinham á mulher christã, e que nem os braços nem as gargantas carregadas de brace-

letes e collares estavam preparadas para os grilhões e para o fio do machado.

No seu tratado *Ad uxorem*, a mulher apparece sob um aspecto muito diverso do que na sociedade pagã. Toma parte com seu marido nas occupações, nas crenças, na fé, assim como na fortuna empregada em soccorrer irmãos indigentes. A mulher convertida é uma semente que germina junto do lar domestico. E, se ella não poder levar seu esposo a imital-a, inspira a seus filhos, a seus servidores, novas ideas, novas admirações, e noves desejos.

A familia de Priscilla foi a primeira que, das ideas de orgulho, base antiga do patriciado, passou aos sentimentos da fraternidade, que constituem a egualdade christã.

Tres Priscillas, muitas Lascinas, Halaria, Flavia, Severina, Firmina, Justa, Cyriaca, e muitas outras viuvas opulentas, transformadas em diaconisas, passavam os dias a orar sobre o tumulo dos martyres, que ornavam com a mesma sollicitude e o mesmo mysterio, que outras empregavam em decorar os seus voluptuosos toucadores.

Mães, virgens santas, expiavam as faltas d'aquellas que se prostituiam ás deusas. Tinham para os pobres e para os que soffriam preces e soccorros. Emquanto Vesta não encontra sacerdotisas para o seu culto, uma chusma de donzellas se offereciam á porfia para guardar os vasos sagrados.

As mulheres deviam mais tarde consagrar suas riquezas á fundação dos hospitaes, impulso de caridade opposta aos da matança e da depravação.

Foi assim que mereceram os elogios e a amisade dos santos, favor com que S. Jeronymo honrou Marcella e Asella, Albinia sua mãe, Principia, filha de Marcella,

Paula sua amiga, Paulina, Eustachia e Lea: Fabiola que vendeu todos seus bens para fundar o primeiro hospital em Roma: Melania, que sustentava á sua custa cinco mil confessores na Palestina.

S. Jeronymo queria que ellas fossem todas não só pacientes, mas tambem militantes.

Agostinho será dentro em pouco convertido por sua mãe.

S. João Chrysostomo, educado pela sua, e pela de Basilio, salval-os-ha, como a rainha Branca mais tarde ha de santificar a S. Luiz.

Uma egreja similhante áquella que vimos na Asia e na Palestina, e que pregava o Deus unico, bom, morto na cruz, a virtude da resignação e do perdão, apparecia ao de cima da immensa corrupção de Roma, como o lotus das fabulas indiannas, fluctuando sobre as aguas do diluvio com os germens do futuro seio.

N'esta Roma incestuosa e parricida, algumas almas, que o mundo não era digno de possuir, viviam d'um modo bem differente no fundo de cavernas, esperando com intrepidez, porem não adiantando a hora de regar com o seu sangue a arvore da regeneração. Nos arredores das cidades de Ostia, de Velitres, de Tibur, de Prevete, de Palestrina, ao longo dos sinuosos valles que desembocam na planicie do Lacio, encontram-se, a par dos antros em que os senhores encerravam á noite centenas de escravos abandonados ás blasphemias, e á promiscuidade, outras cavernas, em que a humanidade se regenerava no meio das lagrimas, e que eram cavadas na mesma rocha, que fornecia os materiaes para as habitações voluptuosas.

Era ali que os christãos enterravam os seus mortos em nichos, que depois encerravam, juntando-lhes os instrumentos do seu supplicio, um frasco do seu sangue,

as insignias da sua dignidade, e corôas para as virgens; outras vezes ainda inscreviam alli o nome do fallecido. Chamavam a estes asylos *cimiterios*, isto é, dormitorios, expressão que revela uma consciencia pura, consolada pela certeza de acordar com uma outra vida.

Na vespera das solemnidades, os piedosos levitas dirigiam-se alternativamente de noite a estes logares subterraneos, para cantar hymnos ao Senhor. A melodia sagrada servia para guiar os fieis: saindo secretamente da cidade e do *ergastulum*, vinham procurar seus irmãos já mutilados pelo martyrio, os bispos escapos milagrosamente á fogueira, os philosophos convertidos em apostolos, que tinham por fim encontrado a solução de todas as suas duvidas, e preparavam-se para levar a verdade até ás nações cercadas pela sombra da morte, não temendo confirmal-a com seu sangue.

O bispo e o ancião presidiam á assembléa ; ora, ao passo que o egoismo lavrava mortalmente na antiga sociedade, o vigor superabundava na nova, em que o amor manava da fonte inexgotavel da fé. Para os seus membros, a vida era um combate ; a morte um premio que deviam merecer.

Nos logares dedicados ao Senhor desappareciam as distincções deshumanas do seculo.

O rico sentava-se ao lado do pobre, a quem sustentava com os seus beneficios. As virgens da mais humilde condição, com a cabeça coberta com brancos veos de linho, trazendo ao pescoço a imagem do Cordeiro que remitte os peccados do mundo, cantavam e oravam com as matronas e com as viuvas dos senadores e dos proconsules, que, depois de terem dado todas as suas riquezas á congregação dos fieis, espalhavam os soccorros da caridade. Todo o ornamento do logar consistia no tumulo d'um martyr, algumas flores; alguns vasos de

madeira, um pequeno numero de brandões e de lampadas para lerem o Evangelho.

O bispo, o diacono, o padre, isto é, o inspector, o famulo, e o ancião, só se distinguiam por uma virtude mais acrisolada, por maior sciencia e caridade, afim de poder melhor soffrer e consolar, restabelecer a paz, compadecer-se e distribuir a palavra.

Unidos pela mesma religião, pela mesma moral, pela mesma esperança, a sua conjuração consistia em orar a Deus em commum, e em lêr as santas Escripturas.

Aquelle que podia fazel-o, trazia todos os mezes algum dinheiro para sustentar e sepultar os pobres, ir em auxilio dos orphãos, dos naufragos, dos exilados, e dos condemnados. Como irmãos estavam promptos a morrer uns pelos outros. Tudo era commum, exceptuando as mulheres.

As suas refeições chamavam-se obras de caridade (*agapes*). Sentados á meza da sinaxe, faziam circular o calix do sangue divino. Depois a comida, tomada em nome d'aquelle que a dá, deleitava a santa reunião na fraternidade da affeição, e na alegria do perdão e do sacrificio. [1]

---

[1] Jerusalem foi tomada e reduzida a um montão de ruinas no dia 10 d'agosto do anno 70. Os judeus mortos foram os seguintes:

Mortos em Jerusalem por ordem de Floro.

Em Cesarea, pelos habitantes....................	28:000
Em Scythopolis.... ....•............:	30:000
Em Ascalon.................................. .	2:500
Em Ptolemaida................................	2:000
Em Alexandria................	50:000
Em Damasco............,..................	10:000

E apesar das horrorosas perseguições, e numero dos christãos ia sempre crescendo.

E Cesar Cantu diz: «E' certo que o Christianismo se propagou com tal rapidez, que, se calcularmos os obstaculos, isto bastaria para provar que vem do Céo.

Além da Judea, da Italia, da Grecia e do Egypto, as provincias situadas entre o Euphrates e o mar Egeo receberam o Evangelho da bocca de Paulo.

O Apocalypse falla-nos de sete egrejas asiaticas de Epheso, de Smyrna, de Pergamo, de Thyatira, de Sardes, de Leodicea, e de Philadelphia.

Na Syria, as de Damasco, de Beree (*Alepo*), e de Antiochia eram illustres.

Na tomada de Joppe	8:400
Na montanha de Zabulon	2:000
N'uma batalha perto d'Ascalon	10:000
Em uma emboscada	8:000
Na tomada de Afek	15:000
Na montanha de Garitrim	11:600
Afogados em Joppe	4:200
Mortos em Tarichea	6:500
Em Gamala, onde apenas escaparam duas irmãs	2:000
No cerco de Jotap, onde commandava o escriptor Josepho	30:000
Na aldeia d'Idumea	10:000
Entre os gadarenianos, não contando os que foram afogados	13:000
Em Gerasium	1:000
Macheron	1:000
No deserto de Jardes	3:000
Em Massada, onde se mataram uns aos outros	960
Em Cyrene, por ordem de Catulo	3:000
Em Jerusalem, durante o cerco	1:100:000
Total	1:354:490

Josepho diz que no cerco de Jotapat, morreram quarenta mil pessoas.

Chypre, Creta, a Thracia, e a Macedonia acolheram os apostolos, que semeavam tambem a verdade no seio das republicas de Corintho, de Sparta e de Athenas.

De Edessa, onde o Christianismo foi abraçado por muitas pessoas, poude propagar-se pelas cidades gregas e syriacas, que obedeciam aos successores de Artacar, não obstante a gerarchia vigorosa dos magos, e persas e do seu culto intolerante.

A grande Armenia recebeu-o bem cedo da Syria: porem não foi inteiramente convertido senão no quarto seculo, quando Tiridates foi baptisado por S. Gregorio, *Illuminator*.

Uma prisioneira christã, levou-o ao Caucaso, indu-

Não entram aqui os que pereceram nas cavernas, no exilio, e de outras maneiras, nem os 94:000 prisioneiros, dos quaes morreram 11:000 á fome, ou voluntariamente, ou pela crueldade dos carcereiros.

Ainda hoje existe em Roma o arco triumphal erigido em honra de Tito, pela tomada de Jerusalem. E os Judeus sempre que por elle passam, não deixam de lhe cuspir.

Os judeus ainda hoje em Jerusalem fazem aos sabbados lamentações pela tomada d'esta cidade.

E ainda hoje jejuam no dia, em que faz annos que a sua bella cidade de Jerusalem foi reduzida a ruinas.

Quando Jesus Christo ia para o Calvario, varios homens e mulheres iam atraz chorando. O divino Mestre voltando-se para estes individuos de coração piedoso, disse-lhes :

Filhas de Jerusalem, não choreis por amor de mim, chorai por amor de vós, e de vossos filhos, porque se vem chegando o tempo, em que haveis de chamar bemaventuradas as mulheres estereis, e felizes as entranhas, que nunca produziram filhos.

Então direis todos aos montes, que se deixem cahir sobre vós, e aos valles que vos sepultem vivos. Porque se estas cousas passam no madeiro verde, que fará no secco? V. P. João Baptista de Castro : Vida de Jesus Christo, Lisboa, 1790, pag, 228. Em geral os interpretes tomam estas palavras como uma allusão á queda de Jerusalem.

zindo um principe ibero a confessar a divindade de Jesus, e a pedir missionarios para Constantinopla.

Porém, assim como as cidades antigas queriam tirar a sua origem dos semi-deuses, as egrejas aspiraram em excessivo numero a terem a honra de haverem sido fundadas pelos apostolos: pois algumas ha a respeito das quaes existem testemunhos em contrario.

Sulpicio Severo attesta que a religião só mais tarde passou para alem dos Alpes, e cita uma povoação populosa, onde no seu tempo ainda ninguem conhecia Jesus Christo.

Sô vemos apparecerem nas Gallias as egrejas de Lyon e de Vienna em tempo dos Antoninos, e no de Decio as de Arles, Narbonna, Toulouse, Limoges, Clermont, Tours e Paris.

Se bem que muitas cidades tinham com certeza abraçado a fé, quando ainda podia custar o martyrio, a massa da população só veiu a ser christã a partir do momento, em que as perseguições cessaram, quando o zelo de S. Martinho de Tours, de S. Corentino de Quimper, e de S. Marcello de Paris foi recompensado com gloriosos triumphos.

Não acreditando que desde o anno 180 o papa Eleutherio tivesse enviado missionarios á Grã-Bretanha a pedido d'um certo rei Lucio, temos em Tertuliano que os cambrianos e caledoneos, invenciveis até então aos exercitos romanos, foram subjugados por Christo.

E a respeito do nosso solo que diremos, na carencia completa ou quasi completa de documentos, e não possuindo quasi nada alem do que inventaram os escriptores mentirosos do seculo XVII!

E' crivel e muito crivel que o Christianismo passasse d'um logar para outro boiando em pelagos de sangue.

Ao principio eram uns farropilhas que tinham o arrojo de gritarem contra a religião official do Imperio, contra os deuses e semi-deuses, a quem os povos e imperantes acreditavam deverem as victorias, e mais tarde eram exercitos de christãos, que tinham sobrevindo aos outros exercitos de christãos devorarados nos circos pelas feras ou mortos no meio dos mais crueis tormentos! E estes christãos sempre a augmentarem, e cada vez a serem mais numerosos.

Isto é certo. Mas faltam os documentos para dizermos alguma cousa de positivo ácerca do que por aquelle tempo aqui se passava. E para o caso não é possivel separar Portugal da Hespanha.

Fallam-nos d'um S. Pedro de Rates, martyr no imperio de Claudio cujos ossos um arcebispo de Braga trasladou para a Sé d'aquella cidade no anno de 1552.

Fr. Bernardo de Brito pretende que foi Portugal o primeiro paiz que acceitou a fé de Christo. [1]

Falla-nos no martyrio de S. Mauricio ou Manços, em Evora no imperio de Nero.

E, durante este mesmo imperio, nos martyrios de S. Torpes, e de Santa Celerina, natural de Sines.

E assevera que o corpo de S. Torpes fora descoberto em 1521.

O que, porém, é crivel, é que se passasse na realidade, assim como elle a descreve, a seguinte devoção, ou brincadeira :

«E quero advertir de caminho um antigo costume, que dura em nossos tempos na cidade de Braga, conservado (ao que se pode crer) desde estes antigos, ou em memoria do que succedeu no martyrio dos Santos,

---

[1] Monarchia Lusitana, liv. V. Parte II. pag. 26.

ou por guardar aquelle modo de festa, inda que gentilica, todavia convertido em melhor uso, e é que, em vespera de S. João Baptista se põe a cavallo a gente principal da cidade, e passando o rio Deste, junto ao qual foi o martyrio dos Santos, e se faziam os jogos e sacrificios de Ceres e Sylvano, fingem que emprazam um porco, e gastada a tarde em festas, vão no dia do Santo pela manhã fazer sua montaria com um porco negro que tem aparelhado; e, soltando-o, lhe seguem o alcance, ao som de cornetas e vozes que representam uma verdadeira montaria, e o vem seguindo contra a cidade todo o tropel de gente, e, se ao passar do rio, se lança ao vao, e passa pela agua, o dão aos moleiros das azenhas que ha na mesma ribeira, e tomando a ponte fica da gente da cidade. E a esta montaria, que hoje chamam do porco preto, cuido eu que allude a memoria que acabadas as festas do porco, foram os corpos dos Santos sepultados escondidamente. O que me pareceu materia digna de se advertir pela similhança que tem as sacrificios antigos com as festas presentes, e quando houver alguem a que a correspondencia não satisfaça, creia que nem eu a conto por mais que boa conjectura.

Andando o tempo e a Christandade, em Braga se levantou um templo, junto ao logar em que os Santos foram martyrisados, dedicado em honra de S. Victor, que os da terra com alguma corrupção chamam S. Vitouro, donde no anno de 1102 do nascimento de Christo. D. Diogo, bispo de Compostella levou suas reliquias, juntou com os corpos de S. Silvestre, S. Cucufate, e Santa Suzanna, que então estava na egreja da Santa, e achou mais dentro na arca de marmore que mandou abrir, dois cofres de prata, um com reliquias do vestido de Christo e Nossa Senhora, e outro de varios santos, que seriam d'aquelles martyres que morreram na

propria perseguição, cujos nomes não sabemos, mas para consolação dos moradores da terra, deixou parte dos ossos de Santa Susanna dentro em sua sepultura, que hoje está na capella propria, a qual mandou abrir no anno de 1590, no mez d'outubro, o prelado D. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga.»

Fallam-nos tambem dos martyrios d'uma Santa Quiteria, d'uma Santa Engracia, d'uma Santa Eulalia, presa em Merida. E os santos martyres Verissimo, Maximo e Julia ainda são festejados na egreja das commendadeiras de Santos em Lisboa.

E tambem é certo que varios templos pagãos n'este solo passaram para o culto catholico. E não menos certo que os materiaes de varios templos pagãos foram empregados na construcção de templos catholicos, o que se póde vêr no cap. VIII da segunda parte da «Monarchia Luzitana»

Na ermida de Nossa Senhora em Freixo de Namão ainda se encontrava no seculo XVII, uma pia de baptismo com uma inscripção relativa ao imperador Severo.

Outra pedra romana se encontrava dentro d'uma egreja de Nossa Senhora, junto a Colares.

E quem se der ao trabalho de lêr o Corpus das inscripções romanas por Hübner, muito mais ha de encontrar.

Mas pergunta Cezar Cantu, podia a idolatria moribunda offerecer a doctrina consoladora de um Redemptor. e da remissão dos peccados ?

O homem não podia applacar os remorsos da sua consciencia senão por meio de holocaustos, fazendo chover sobre sua cabeça o sangue das victimas degoladas, ou então com ajuda de outras praticas cuja supersticiosa vaidade conhecia.

Que *boa nova* para todos—o saberem que um Deus se havia encarregado de applacar uma colera inexoravel, e que cada um podia participar dos fructos do sacrificio da cruz pela fé do Divino Redemptor.

Os fieis, partidarios d'essas religiões e d'essas sociedades, que só reservavam para os culpados o castigo, accusavam os christãos de darem acolhimento aos peccadores. Porem os christãos respondiam á accusação entregando-os á sociedade, regenerada pela penitencia.

Estas considerações arrastavam as pessoas de boa fé a seguir, ou pelo menos a reverenciar o Christianismo. Porem os homens vulgares e os escravos corriam principalmente para elle em chusma, e era este um outro motivo d'accusação.

A corrupção não tinha exercido tantos estragos nas classes laboriosas, como na aristocracia; crendo o que os seus paes criam, os plebeus frequentavam ainda os templos, e sentiam que era precisa uma divindade. Da mesma fórma entre os escravos, se muitos eram vergonhosos instrumentos dos vicios de seus senhores, outros, mais afastados do theatro das torpezas, conservavam-se fieis a seus deveres.

Quão consolador era para estes ultimos ouvirem fallar de um Deus egual para elles e para seus tyrannos, saberem que as rudes fadigas, os tratamentos iniquos poderiam converter-se por meio da paciencia em thesouros n'uma vida, em que os oppressores e os opprimidos seriam chamados perante um jury incorruptivel.

Attentos a corrigir os costumes privados para melhorar os costumes publicos os christãos não imitavam os grandes philosophos, declamando contra um seculo perverso, ao mesma tempo que lhe seguiam a corrente. Porem mortificavam suas paixões, ensinavam a domar

os maus desejos, e a nada fazer ou dizer de deshonesto. Elles proprios podiam ser tomados por modelos de beneficencia, de virtude e de mortificação pessoal. [1]

Entre os christãos não havia mais do que um espirito, uma moral, um culto. Criam na *unidade da fé e no conhecimento do Filho de Deus*, na infallibilidade do concilio de seus padres, e dependiam dos chefes, que tinham conversado com o Homem Deus, ou então com os seus discipulos e com as testemunhas da sua vida. Ao vêrem esta communidade intima, esta união fraterna, consolidada entre os christãos pela unidade de crenças e de esperanças, os gentios exclamavam: *Vêde como elles se amam!*

E Tertulliano dizia com razão: «Estão espantados, por isso que não sabem senão aborrecer-se!»

Se os imperadores, ou os proconsules querem constrangel-os por meio da violencia, fogem, se são fracos: aliás padecem, e não vergam: os requintes da crueldade sómente servem para redobrar sua constancia. E apesar dos sabios os alcunharem de loucos e de obstinados, ella desperta o zelo dos outros, de maneira que o sangue era a semente dos christãos.

Mas em todo o caso os christãos eram tidos e havidos como inimigos publicos, não só recusavam a homenagem e o incenso ao imperador, mas tambem eram declarados como culpados, proclamando não só um reino futuro de Christo, mas tambem a destruição da impia Babylonia.

Começaram então as perseguições horrorosas e quasi incriveis por causa do requinte de barbaridade, de que usavam para com os martyres.

---

[1] Cezar Cantu: vol. III. pag. 298.

E o numero dos martyres em todo o orbe romano chegou a ser incrivel. E eis porque as sentenças eram bem laconicas.

Cesar Cantu apresenta-nos o exemplo d'uma: «Attendendo a que Sperato, e Cithino, confessam ser christãos, e recusam prestar homenagem e respeito ao imperador, mandamos que sejam degolados.

E o povoleo costumou-se de modo tal áquelles espectaculos, que frequentemente andavam a gritar pelas praças publicas: Christãos ás feras! Christãos ás fogueiras! Poderam porém os romanos fazer com que muitissimos milhares de individuos perecessem no meio das torturas as mais excruciantes. Não poderam porém anniquilar a religião, e esta ficou vencedora, e vencedora innabalavel ha de ficar até á consummação dos seculos.

Alguns até mesmo desejavam anciosamente ser martyrisados. Ignacio chegou a exclamar: «Oxalá que eu goze as feras que me estão preparadas! A ellas supplico que não sómente sejam velozes em me virem tragar, mas tambem que não deixem de tocar no meu corpo, como fizeram a outros martyres! Mas, se ellas não quizerem vir, eu as obrigarei a que me venham devorar!

Mas, em summa, as perseguições não poderam derribar o Christianismo, e a religião de Jesus Christo triumphante com passos agigantados avassalava o mundo!

E o Christianismo não somente se propagou pela effusão do sangue dos prégadores do evangelho, mas tambem pelos eloquentissimos escriptos de christãos sabios. Pois é indubitavel que a religião de Jesus Christo conta um numero extraordinario d'apologistas em todos os idiomas e em todos os paizes.

Galero, porém, publica um edito n'este theor: «Entre o numero dos assiduos disvelos que temos empre-

gado em prol do bem publico, contamos o de restabelecer as coisas em conformidade com a antiga disciplina romana, e de reconduzir os christãos que, desprezando presumpçosamente as praticas da antiguidade, tinham abandonado a religião de nossos paes, e obstinando-se em certas ideias, faziam para si leis á sua phantasia, e se reuniam em differentes logares. Em execução de um de nossos editos, que mandava a todos que não transgredissem as regras de seus paes, muitos d'entre elles soffreram, e outros perecerem.

Vendo, comtudo que a maior parte d'elles persiste obstinadamente na sua opinião de forma que não querem render o culto devido aos deuses, sem terem authorisação para servir ao Deus dos christãos; por um effeito da nossa clemencia e do habito, que sempre tivemos de perdoar a todos, permittimos-lhes que professem livremente as suas opiniões particulares, e que se reunam em seus conventiculos, sem receio nem temor algum, com tanto que conservem o respeito devido ás leis, e ao governo estabelecido.

Esperamos que a nossa indulgencia induzirá os christãos a orarem ao seu Deus pela nossa saude e prosperidade, e pela da republica.

Saem então os confessores das enxovias e das minas.

Os que fraquejaram, fazem penitencia: os fugitivos tornam a ver os seus lares, e todos podem, finalmente, professar em liberdade a sua fé e o seu culto.

Todavia as perseguições renovavam-se de vez em quando. Constantino, que a pouco e pouco foi deixando o paganismo, ordenava: Que ninguem inquiete a outrem, e que cada um escolha o seu culto, como julgar a proposito. Todavia não prohibiu o culto pagão.

É talvez d'estes tempos que datam os monges. E Ce-

sar Cantu diz-nos o seguinte[1]: Houve penitentes voluntarios, os quaes, não menos maravilhosos de que os martyres, foram os monges, que primeiramente appareceram no Oriente. Dividiam-se em quatro classes:

Os cenobitas, que habitavam, comiam e faziam os exercicios de piedade em commum.

Os eremitas, viviam em grutas e cabanas separadas.

Os anachoretas solitarios no deserto.

E os errantes que iam mendigando de povoação em povoação, e distribuindo objectos de devoção, instrumentos de martyrio, e mais tarde reliquias.

Os carmelitas porem não se contentavam com tão pouca antiguidade, e attribuiam a fundação da sua ordem, nada menos de que ao propheta Elias. E d'aqui a pouco veremos tambem as controversias dos agostinhos pleiteando antiguidade e de outras varias ordens monasticas, cada uma d'ellas dizendo-se a mais antiga.

Que descomposturas entre os frades, querendo cada ordem ser mais antiga de que outra qualquer!

E que rancores e odios provinham d'aqui!

Fallemos, porem, d'um anacoreta que na realidade era virtuoso. Seu nome—Antão, conhecido em todo o orbe catholico.

Diz-nos o Flos Sanctorum [2] que o anacoreta por nome Antão nascera na ilha de Coma no alto Egypto, correndo o anno 251 da era christã. Morrendo-lhe os pais

---

[1] *Id. id.* pag. 333.

[2] Escreveu a vida d'este Santo, Athanasio Patriarca de Alexandria, vida muito estimada pelos Santos Gregorio, Jeronymo, Agostinho e outros. A leitura d'aquella vida contribuiu muito para a conversão de Santo Agostinho, como elle mesmo confessa.
SARMENTO: Flos Sanctorum. vol. 1. pag. 56.

viu-se na precissão de cuidar da sua casa, e de uma donzella sua irmã.

Mas apenas eram passados seis mezes, desde que Antão se achava em plena liberdade, indo em certo dia á egreja, como tinha por costume e ponderando pelo caminho que os primeiros fieis abandonavam os seus bens para seguirem a Jesus Christo: e ouvindo, logo que entrou na egreja, aquellas palavras que o mesmo Senhor disse a um mancebo rico: *Se queres ser perfeito, vende o que tens, dá o seu preço aos pobres, e vem depois em meu seguimento:* como se esta exhortação fosse dirigida a elle só, foi distribuir pelos pobres os seus bens e riquezas, reservando somente uma porção bastante para seu sustento e de sua irmã.

E depois d'isto, entrando tambem na egreja, e ouvindo logo cantar aquellas palavras do Salvador: *Não tomeis cuidado pelo dia seguinte*: elle então sem mais demora repartiu pelos pobres o resto dos seus bens, recolhendo antes sua irmã a um mosteiro de virgens, que foi a primeira casa d'este genero. E retirando-se a uma gruta proxima á sua patria, começou a dar-se aos exercicios de uma vida penitente e laboriosa.

Achava-se n'aquelle sitio um veneravel ancião, que desde a sua mocidade alli praticava este theor de vida, que imitavam tambem outros eremitas residentes n'aquelles desertos.

O mancebo Antão, visitando-os frequentemente para se informar dos seus costumes, em uns adivinhava a paz de espirito, em outros a oração continua, em outros a caridade mutua, e em outros a mortificação perenne. E recolhendo-se depois á sua gruta, procurava copiar em si mesmo as virtudes que observava nos outros.

Trabalhava com as suas mãos para ganhar o proprio sustento, costume que observou sempre em todos os

dias da sua vida. E do lucro do seu trabalho só retinha para si o que bastava para viver, distribuindo o remanescente pelos pobres.

Os seus jejuns eram extraordinarios, a oração continua, e na lição da divina palavra era tal a sua attenção, que depois lhe servia de livro a memoria.

Não podendo, pois, o infernal inimigo, ver em um mancebo de tão pouca edade um tal amor á perfeição, procurava distrahil-o por varios modos de tentações.

Umas vezes lhe representava as riquezas que deixára, outras lhe propunha o cuidado que devia ter de uma tão amavel irmã: outras lhe encarecia os rigores da vida que emprehendera.

Porem o formoso mancebo com o forte escudo da fé, oração e jejuns, ficava sempre victorioso. E rebatia aquellas armas do demonio, e assim mesmo as da impureza, com que frequentemente o tentava.

E, porque Antão n'aquella gruta era já de muitos procurado, foi buscar um sitio mais remoto, onde se escondeu dentro d'um grande sepulcro, como então os havia no Egypto, rogando primeiro a um seu amigo, que em cada semana lhe subministrasse algum alimento. Antão, porem, pouco tempo aqui residiu. Pois augmentando-se-lhe o fervor do espirito, quiz ainda mais entranhar-se no deserto.

E para isso, passando o braço oriental do rio Nilo, subiu ao mais alto d'um aspero monte, onde estavam as ruinas d'um antigo castello, e alli se encerrou e viveu pelo espaço de vinte annos, sem mais alimento de que—*pão.*

Todavia a fama do santo anacoreta propagou-se d'um modo extraordinario, as turbas procuravam-no para o contemplarem, e Antão resolveu retirar-se d'aquelle sitio.

Mas encontrando varias pessoas que, em harmonia com o Evangelho, desejavam diezr adeus ao mundo, e só pensarem na vida futura, resolveu-se Antão a ficar n'aquellas proximidades.

Fabricaram-se para esse fim varias cellas n'aquelles arredores, e Antão era o guia espiritual.

Antão instruia aquelles eremitas, e animava-os diariamente a caminharem para a perfeição.

«Amados filhos, dizia Antão, supposto que as Santas Escripturas bastam para nossa instrucção, com tudo, é muito louvavel o exhortarmos e animarmos uns aos outros com frequentes e espirituaes discursos.

Seja, pois, o nosso maior empenho o proseguir constantemente pelo caminho da virtude, affervorando-nos cada vez mais, como se em cada dia começassemos a nossa carreira. Pois que vem a ser a nossa vida em comparação da Eternidade?

No commercio humano, o lucro, ordinariamente, corresponde ao cabedal que se maneja: e Deus é tão generoso que nos concede a vida eterna, a bem dizer— *por um mero nada.* Ao passo que por uma leve fadiga de um breve tempo sobre a terra, nos faz possuir, no céu, uma gloria que não terá fim.

Donde sai, por consequencia, que por mais que trabalhemos n'esta vida, nada terá proporção com o que gozaremos na outra.

Procuremos, pois, adquirir as virtudes, unicas conductoras, que nos podem levar ao Paraizo.

Meditemos frequentemente n'aquellas palavras do Santo Apostolo—*Cada dia morro.* E esperando cada dia a morte, e o juizo final, refrearemos as nossas paixões, fugiremos aos prazeres, e desprezaremos as coisas celestes.

Tambem vos recommendo, meus amados filhos, uma

vigilancia continua sobre vós mesmos, porque os nossos infernaes inimigos não dormem. E, quando vêem qualquer christão mais attento e fervoroso no caminho do espirito, o assaltam com tentações vehementes, e lhe armam occultas ciladas para o fazerem recahir em novas culpas.

Mas, a oração, as vigilias, os jejuns, o signal da cruz, a Fé, a Esperança em Deus, a Humildade, e um grande amor a Jesus Christo tem toda a força para afugentar e aterrar aquelles soberbos inimigos.»

Palavras taes penetravam o coração de quantos o ouviam, e n'elles accendiam um santo desejo de se aperfeiçoarem na virtude.

A ordinaria occupação d'aquelles solitarios era o canto dos psalmos, a lição da sagrada Escriptura, o jejum, a oração; e o trabalho manual. Viviam contentes com a esperança dos bens eternos, e sempre unidos em caridade perfeita.

Eis porque áquelle deserto se podia dar o nome de paiz segregado do resto do mundo, em que habitava sómente a Justiça e a Piedade.

Visitava Antão frequentemente aquelles monges, para dissolver as suas duvidas, e lhes dar as instrucções necessarias.

Todo o mau tempo estava na sua gruta, suspirando pela gloriosa patria, e satisfazendo com uma especie de pezar e de pejo ás indigencias precisas para a vida humana.

Passava tres e quatro dias sem tomar algum alimento. Sobre um aspero cilicio, que trazia á raiz da carne, vestia uma tunica formada de pelles de ovelha, que cingia com uma dura corda. E, sem embargo de tão rigorosas austeridades, andava robusto, e com rosto alegre.

Succedendo, pois, no tempo em que Antão se occupava todo na sua propria santificação e de seus discipulos, vêr-se a Egreja atacada pelo imperador Maximo, que no anno 311 excitou o fogo da perseguição, a esperança que teve o santo de derramar o seu sangue pela fé de Jesus Christo, o fez sahir da sua gruta, e caminhar para Alexandria, a fim de servir aos christãos encerrados nos carceres, e aos que eram condemnados a trabalhar nas minas.

E, com effeito, elle animava a todos a conservarem-se firmes na confissão da fé, até nos mesmos tribunaes, e nos mesmos logares em que se faziam as execuções, andando sempre com o seu habito monastico, sem temor de que o juiz o conhecesse. E cessando a perseguição no anno seguinte, voltou logo o santo para a sua gruta, com resolução de se entranhar mais no deserto, a fim de viver só com Deus, inteiramente separado dos homens. E dirigindo-se para o Alto Egypto, juntou-se a uns mercadores arabes, que sobre um camelo o conduziram no espaço de tres dias e de tres noites ao logar que o céu lhe destinava para o restante da sua vida.

Era este logar a raiz do celebre monte Colzeim (depois chamado Monte de Santo Antão) donde manava um pequeno arroio. cujas aguas regando aquelle valle povoado de palmeiras, o faziam commodo e agradavel.

E alli se recolheu Antão, em uma pequena gruta do comprimento d'um homem. E, para evitar o tumulto das gentes, que foram concorrendo a procural-o, se retirava de tempos a tempos para outra gruta, que achou no alto do mesmo monte, para onde se subia com trabalhosa difficuldade por uma estreita vereda á maneira de caracol, obra formada pela mesma natureza.

Saudosos de tão bom mestre, os seus primeiros dis-

cipulos, sahiram alguns a procural-o com incansaveis diligencias. E, encontrando-o n'aquelle sitio, obtiveram d'elle permissão para ficarem residindo nas muitas cavernas que estavam formadas n'aquelle monte, por causa da pedra que d'alli tinham tirado para a construcção das pyramides do Egypto.

E, como o santo pela maior parte do tempo habitasse no alto do mesmo monte, aonde não podiam chegar as muitas gente que alli o procuravam, constituiu por interlocutor seu a S. Macario seu discipulo, ajustando com elle de appellidar Egypcios as gentes do mundo, e Jerosolymitanos as pessoas de piedade.

E assim, quando S. Macario o avisava, de que alguns Jerosolymitanos o procuravam, descia logo a recebel-os, instruil-os e consolal-os. E, se eram Egypcios, commettia ao mesmo discipulo o praticar e substituir para com elles as suas vezes.

A humildade do Santo era tal e tão profunda, que o fazia attender aos avisos e conselhos de todas as sortes de pessoas, como quem deveras se reputava pelo ultimo dos homens, e uma vil escoria da terra, em cujo supposto, as suas lições de humildade eram tão admiraveis, como o seu exemplo.

E assim costumava dizer áquelle seu discipulo: Quando guardares o silencio, não imagines que praticas um acto de virtude. Mas reconhece antes que o silencio te é proprio, por não seres digno de fallar.

Quanto ao fervor da oração e sublimidade da contemplação do nosso Santo, por aqui se pode conjecturar:

Levantava-se á meia noite, e punha-se de joelhos com as mãos levantadas para o Ceo, e assim ficava até sahir o Sol, e não poucas vezes até ás tres horas depois do meio dia.

E algumas vezes dizia para o Sol, quando começava a nascer: Para que me vens distrahir?

E porque me queres tirar a claridade da verdadeira luz?

E Cassiano accrescenta[1]: que Antão costumava dizer que a oração de um religioso não era perfeita, se elle percebia que orava. D'onde bem se infere quanto a oração do nosso santo era sublime.

Entre as muitas visões, com que o Senhor favorecia ao seu servo, houve uma, em que na figura de umas bestas indomitas, que aos couces arruinavam o altar, se lhe mostravam as horriveis desordens, que os arrianos herejes d'alli a dois annos tinham de praticar na cidade d'Alexandria.

E, chegado este tempo, persuadidos os bispos que ninguem era mais proprio do que o nosso Santo para confutar e confundir aquelles impios, lhe rogaram todos, que viesse logo para este effeito á dita cidade.

Condescendeu elle, e, apenas alli entrou, começou a prégar publicamente a Fé Catholica, ensinando contra o perverso Ario: Que o Filho de Deus era consubstancial ao Pae, e não uma simples creatura.

Todos desejavam ver e ouvir a este novo prégador, ainda os mesmos idolatras, muitos dos quaes persuadidos pelos seus discursos, e movidos pelos seus milagres, pediram o baptismo.

E havendo passado n'estes exercicios algumas semanas em Alexandria, voltou Antão para a sua gruta apesar do governador do Egypto, que desejando-o reter por mais tempo, elle lhe respondeu: Que o monge ausente do seu mosteiro era como o peixe fóra d'agua.

---

[1] SARMENTO: Flos Sanctorum, col. I, pag. 60

Ao som de tantas maravilhas vieram depois alguns philosophos gentios procurar ao nosso Santo na sua gruta, a fim de disputar com elle sobre as verdades da Fé, e Antão lhes provava com a maior evidencia: Que a Religião Christã é só a verdadeira, e a unica que se póde professar com segurança[1].

Nós outros os christãos (lhe dizia) só com o nome de Jesus Crucificado fazemos fugir os demonios, que vós adoraes como deuses. E basta só o signal da cruz para destruir os seus esforços e desfazer os seus artificios.

O que logo lhes mostrava, livrando por este meio alguns que alli se achavam possuidos palo demonio.

Perguntaram-lhe então alguns d'aquelles philosophos como occupava o tempo no deserto, não podendo por falta das sciencias applicar-se á lição dos livros.

A natureza (lhes respondeu) é para mim um livro, que me serve em logar de todos os outros.

E dizei-me vós (lhes perguntou tambem) qual é primeira a Rasão ou a Sciencia?

A Rasão, lhe responderam.

Pois essa me basta, concluiu o Santo.

Assim é que elle confundia aquelles pretendidos sabios, prevenindo com destreza as suas objecções cavilosas. E elles ficavam tão persuadidos, como admirados da sabedoria dos seus discursos.

---

[1] A Egreja adoptou a palavra grega bispo (*Episcopos*) que significava entre os romanos magistrado incumbido d'olhar pela inspecção dos alimentos dos povos. E eis porque Cicero disse que fôra elle Bispo da Campania. Significa pois intendente ,pois incumbe ao pastor velar e zelar o bem espiritual de suas ovelhas. A palavra arcebispo é posterior, e significa o primeiro entre os bispos. V. P. Flores : *España Sagrada,* vol. I. pag. 125. Madrid, 1747.

Outros gentios sabios, que vieram de um paiz remoto com designio de examinar e descobrir em Antão algum defeito, lhe perguntaram pela rasão que havia para crer em Jesus Christo?

E elle, servindo-se d'um interprete, lhe tapou a bocca, mostrando-lhes: «Que attribuir, como elles faziam, os vicios mais infames á Divindade, era injurial-a.

Que o mysterio da Cruz era a prova mais sensivel da divina bondade: e que as humilhações transitorias do Salvador foram totalmente abolidas pela sua gloriosa Resurreição, e pelos milagres sem numero que obrava.»

N'aquelle tempo, informado o Santo, de que o falso patriarcha Gregorio perseguia furiosamente os bons fieis, escreveu largamente ao mesmo patriarcha exhortando-o com efficacia, a que não perturbasse, nem inquietasse a santa Egreja.

Mas o suberbo principe, em vez de receber esta carta com a divina veneração e respeito, rasgou-a logo, e lançando-a aos pés com desprezo, fez intimar ao Santo que brevemente lhe daria a sentir todo o pezo da sua indignação.

Mas a justiça de Deus foi mais prompta em o punir, porque sahindo elle a passeio com o governador do Egypto, se lhe enfureceu o cavallo, e arrojando-o a terra o pizou, mordeu, e maltratou de modo, que durou poucos dias, opprimido sempre de gravissimas dores.

Escreveu-lhe depois, no anno 337, o imperador Constantino Magno, sollicitando o soccorro das suas orações para elle, e mostrando grande empenho de receber a resposta por seu preprio punho. E, admirados os discipulos da honra, que lhe fazia, por aquelle modo o grande Senhor do mundo, lhes disse o Santo:

Não vos deve admirar o receber eu uma carta do imperador, pois não vem a ser mais do que escrever

um homem a outro homem. Admirai-vos, sim, de que Deus nos faça conhecer as suas vontades por escripto. E muito mais ainda, de que elle nos falle por seu proprio filho.

Assentando n'este supposto, quasi que esteve o Santo para não responder áquella carta, tomando por pretexto a sua total ignorancia dos estylos praticados na Côrte.

Mas, emfim, cedendo ás instancias dos seus discipulos, escreveu ao imperador e a seus filhos, exhortando-os a desprezar as grandezas do mundo, e a não perder jámais a lembrança do Divino Juizo.

Conservou-nos esta carta o bispo Santo Athanasio.

E conhecendo Antão estar proximo ao seu fim, chamou os seus discipulos, e com lagrimas lhes fez a seguinte falla:

Meus amados filhos: Sei que virá tempo, em que os monges hão de fabricar mosteiros magnificos nas cidades: que hão de amar os regalos, e que só pelo habito se hão de distinguir dos seculares.

Se bem que, por outra parte, apezar d'esta geral corrupção, haverá sempre alguns, que farão todo o esforço para conservar o espirito do seu estado.

Vós outros, porém, perseverai firmes no desprezo do mundo. Trazei presente a lembrança da morte, e aspirai cada vez mais á virtuosa perfeição.

E dirigindo-se particularmente a seus dois discipulos Macario e Amathas, que lhe tinham sempre assistido, havia mais de quinze annos, lhes disse:

Não consintas que seja embalsamado o meu cadaver, segundo o costume do Egypto. Enterrai-o sómente, como se pratica nas outras partes, porque eu espero em meu Senhor Jesus Christo receber da sua mão este meu corpo incorruptivel no dia da Resurreição Universal.

Dareis da minha parte ao bispo Athanasio uma das minhas pelles de ovelha, com a manta em que eu durmo

Dareis tambem ao bispo Serapião a outra pelle de ovelha, e guardai para vós os meus cilicios.

A Deus, meus amados filhos! Antão despede-se, e não estará mais comvosco.

Proferidas estas palavras fechou Antão os olhos, e entregou ao Senhor o seu espirito no dia 17 de janeiro do anno 356, contando 105 annos d'edade.

Tal foi o pai dos monges, egualado nas virtudes por um outro que lhe succedeu, o grande S. Bento.

Ha poucos annos fui á Arrabida, onde me disseram haver uma gruta, onde viviam uns dois homens, que alli passavam uma vida propria de monges.

Lá fui.

A entrarmos na gruta a escuridão é profunda, e vamos como que ás apalpadellas, pois sahimos da claridade para as trevas.

Depois, como é natural, vamos vendo alguma cousa, devido á tenue claridade que vem entrando pela abertura da gruta.

Em seguida os dois ermitões vão accender umas luzes n'um altar, porém, que se não vê, pois um panno tapa a vista.

Depois inesperadamente cai o panno, e vê-se um altarzinho, á luz das velas, e isto produz um lindo effeito.

Em seguida veem pedir esmolla.

Conversados, não sabem dizer palavra: são dois idiotas.

Não eram, porém, idiotas em geral os antigos monges.

Houve grandes sabios entre elles. E notabilissimos livros chegaram até nós escriptos por elles.

«Monges humildes (diz [1] S. João Climaco), olhai que é grande e bravio esse mar pelo qual navegaes. Acha-se repleto de maus espiritos, de rochedos, de redemoinhos d'agua, de corsarios, de monstros marinhos, de ventos tempestuosos, e de ondas bravias.

Dou o nome de rochedos á ira furiosa e repentina, na qual muitas vezes se despedaça nossa alma, como o navio nos cachopos maritimos.

Dou o nome de redemoinhos aos perigos inesperados que cercam nossa alma, e a poem em perigo de perder a esperança, e de a fazerem sumir nos abysmos.

Dou o nome da bestas marinhas aos nossos corpos selvagens e ferozes.

Corsarios são os crudellissimos espiritos de vangloria os quaes nos roubam as mercadorias, e o trabalho que temos tido para conseguirmos virtudes.

As ondas são o ventre impando com manjares, e que com o seu proprio impeto nos arroja ás feras.

O vento impetuoso é a soberba, que baixou do Céo, o qual nos levanta até os Céos e nos arroja nos abysmos...»

O leitor, porém, sem muito trabalho pode ver quão intelligentes e discretos eram muitos dos antigos anacoretas e monges.

O nosso grande classico o padre Manoel Bernardes da Congregação do Oratorio está continuamente transcrevendo chistes e respostas agudas dos monges nos seus livros, mas mui principalmente nas Novas Florestas.

---

[1] Libro de San Juan Climaco, llamado Escala Espiritual, en el qual se descriven treinta Escalones por donde pueden subir los hombres a la cumbre de la perfecion. Agora nuevamente ronçado por el Padre Fray Luys de Granada. Madrid, 1612. folio 169 v.

Conta-nos, por exemplo, que o abbade Isidoro sempre que comia, chorava. E alguem lhe perguntou a causa de taes lagrimas. Deu em resposta: Vergonha tenho de que, sendo creado para me sustentar da face de Deus, necessito de comer manjares da terra: e que havendo de viver com os anjos, me é forçoso ser similhante aos brutos.

Santo Ottão, bispo de Bambergue era parcissimo na meza, e repartia pelos pobres e enfermos tudo o bom, que para ella mandavam seus mordomos.

N'um dia de jejum lhe pozeram diante certo peixe de grande estimação, exquisitamente cosinhado.

O Santo, em vez de mostrar no gesto os primeiros movimentos da vontade de comer, entristeceu-se.

O mordomo o exhortava a que recebesse aquella pequena benção da mão do creador, pois necessitava de alguma pequena interpelação em suas abstinencias, e continuo trabalho.

Perguntou o Santo: Custou elle algum dinheiro?

Respondeu-lhe: Sim, Senhor: dois escudos.

Não queira Deus, disse o Santo, affastando o prato — que meu ventre me custe tão caro. Andai depressa, levae-o a meu Senhor Jesus Christo: (assim chamava a qualquer pobre): que a mim, estando são e robusto, um pedaço de pão me basta.

Caminhando certo dia de jejum o abbade Silvano com seu discipulo Zacharias, chegou a um mosteiro, onde os receberam com officiosa caridade, e lhes ministraram um moderado refresco.

Ao voltar bebeu Zacharias d'uma fonte E Silvano o reprehendeu, porque quebrava o jejum.

Desculpou-se dizendo: Padre, já no mosteiro o quebrámos ambos.

Respondeu o mestre: Enganas-te, filho: que aquella

acção não foi violação do jejum, senão communicação da caridade.

Certo monge deixára o ermo, e voltára para o labyrintho do mundo.

E outro monge ancião querendo-o reduzir, foi no seu alcance, e o achou bebendo n'uma taberna com outros freguezes da dita casa.

E ouviu que, ao tirar da bocca a taça já esgotada, dezia mui contente: Oh! Bemdita seja a paz e a alegria da alma!

A isto o velho, pondo-se lhe diante, levantou as mãos e olhos para o céu, dizendo: «Tantos annos ha que habito no deserto, orando e mortificando-me continuamente, e não pude ainda alcançar a paz e alegria da alma: e este de um dia para o outro achou-a na taberna!

O abbade S. Deicola andava sempre alegre e regosijado.

Perguntaram-lhe a causa d'aquella perenne disposição de animo, e deu em resposta: Seja o que fôr, succeda o que succeder, ninguem me póde tirar a Christo.

Estando em artigo de morte um padre antigo do famoso deserto de Scithis, os outros monges, rodeando-lhe a pobre cama ou esteira, em que jazia, choravam amargamente.

N'este ponto abriu os olhos e sorriu-se.

D'ali a pouco tempo tornou a rir.

E, depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria.

Causou isto nos circumstantes não pequeno reparo, por ser austera a pessoa, e formidavel a hora.

Perguntaram a causa e respondeu-lhes: A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte.

A segunda, porque temendo, não estais apparelhados.

A terceira, porque já lá vae o trabalho, e vou para o descanço.

Tornou então a cerrar os olhos, e desatou-se seu espirito.

Desejava o imperador Othão II conhecer de vista o abbade S. Nilo, de cuja fama, celebre n'aquelle tempo, estava cheia a christandade.

Veiu-o finalmente a descobrir em um retiro junto a Napoles.

E havendo gastado com elle boa parte do dia, lhe disse á despedida : Padre, estimarei que me deis occasião de fazer algum bem a vós e a vossos discipulos. Vêde, pois, que cousa será mais do vosso agrado ou conveniencia? Eu a farei promptamente.

Respondeu o santo que de nada necessitava.

Instando, porèm, mais, o imperador, lhe poz a mão no peito, dizendo: Nenhuma outra coisa vos peço, senhor, senão que cuideis, quanto em vôs é, de salvar a alma, que aqui tendes encerrada, e de que haveis de dar a Deus estreita conta, como eu da minha.

O anacoreta S. Barlaão inventou a seguinte parabola com o fim de instruir a um principe por nome Josaphat:

Houve certo homem que tinha tres amigos. De um d'elles pouco era o caso que fazia. Porem aos outros dois tinha em grande estimação, tratando-os intimamente, e alegrando-se com elles, e tomando por sua causa não pouco trabalho e cuidado.

Succedeu padecer um grave infortunio por via da justiça publica, no qual estes dois amigos pouco lhe valeram, porque um d'elles só lhe emprestou uns vestidos, e o outro o acompanhou por breve espaço do caminho, quando ia chamado ao tribunal do juiz.

Mas o primeiro (que era o despresado) entrou com

elle no mesmo tribunal, e alli o patrocinou constantemente procurando o livramento do reo.

Sabeis (disse o Santo, decifrando a moralidade d'esta prosopopea) que significa isto?

O mesmo passa com o homem, que é amigo das riquezas.

Porem estas só lhe servem de o vestir.

E' amigo dos filhos, mulher, parentes e servos. Porem estes o acompanham, quando muito até á morte.

Das obras boas não faz caso, sendo que estas unicamente entrarão com elle á presença do supremo juiz, onde podem valer-lhe, para que o não condemne á morte eterna.

Estando S. Nonno com outros bispos no portico de S. Julião martyr, na cidade de Antioquia, passou pela praça uma certa Pelagia, moça gentia de rara formosura e publica peccadora.

Ia ella mui acompanhada de servos, sentada n'um jumentinho ricamente adereçado, toda brilhando telas e exhalando ambares, e coberta de perolas, e preciosa pedraria, constellada com joias e brincos de varios e curiosos feitios.

Aquelles veneraveis prelados, que se não ensanguentavam nos abrolhos do escandalo com tão provocativo e picante objecto, abaixaram com prompta e cauta modestia os olhos.

Menos o Santo, que, com os seus a foi seguindo, em quanto a alcançaram.

E depois disse para elles: Não vos deleitou grandemente a vista d'esta mulher?

Calaram-se os bispos.

E o Santo, inclinando a cabeça sobre os joelhos, começou a chorar enternecidamente.

Começou logo a perguntar-lhes: Não folgastes de ver o adorno d'aquella mulher?

Pois a mim, vos affirmo, foi de grande proveito, por que me prégou dentro da alma esta douctrina:

«Que é possivel que uma creatura para agradar a outra se esmere tanto, e não haja pontinho de perfeição que não ponha em se fazer formosa e grata aos olhos mundanos, empregando n'este estudo muitas horas; e eu christão, sacerdote e bispo, tão descuidado viva de me fazer agradavel aos olhos de Deus?

«Isto é que folguei de ver naquella miseravel. Porque est'outro é o que me pesa ver em mim peccador miserabilissimo.»

Certo ancião dos habitantes da Metropole do Espirito Santo, (que assim chamou Drexilio) costumava todos os annos estar enfermo gravemente.

Faltou-lhe um anno a doença, e elle muito saudoso e desconsolado dizia: Deixou-me Deus: não me visitou este anno. Elle que não veio por cá, se estará mal commigo?

Interrogado S. Barlaão, monge, pelo principe Josaphat, quantos annos tinha?

Respondeu: que nascera, havia já quarenta e cinco annos.

Dissera eu (tornou o principe) pelo que representais, que passaveis de setenta!

E o Santo lhe satisfez á duvida dizendo: Assim é, se contamos desde que nasci ao mundo, respirando. Mas eu não conto, senão desde que nasci para Deus, amando-o.

O monge Agado, ainda quando moço era mui sizudo e silencioso. Succedeu que o abbade Pastor lhe deu uma vez o nome de Abbade, que era proprio sómente dos anciãos veneraveis.

Perguntado porque o fizera respondeu: Não sei quem lhe deu esse nome—se a minha lingua fallando, se a sua callando-se.

Santo Dorotheo, sendo monge, pediu ao seu abbade licença para ter um canivete curioso, que lhe agradava, e dizia poder servir para a casa da convalescença.

Pegou o superior do cabo do canivete, e disse-lhe: Levanta o coração, ó Dorotheo.

Queres ser servo d'este brinquedo em logar de ser servo de Christo? Não te envergonha, que uma cousa tão pouca te domine e captive?

Um monge velho e enfermo foi contra a vontade e conselho de seu Superior, curar-se em casa d'uma devota donzella, dizendo que a muita edade, aggravada em cima com dores e miserias, estava fóra do tiro das tentações; e, por tanto não queria ser molesto aos companheiros.

Convalescente já, obraram a fragilidade do barro de Adão e a malicia da serpente antiga, o que facilmente se deixa entender.

O que viera só a tratar da conservação do individuo, tratou da conservação da especie, e tornou com um filho para o mosteiro a fazer penitencia.

E a quem lhe perguntava que menino era aquelle? Respondia com lagrimas: E' filho da desobediencia. Escarmentai em mim; que fui moço, quando já era velho. E orai por mim, para que saiba merecer misericordia.

Evagrio, indo de longe visitar a S. Macario, famoso anacoreta, chegou cançado no fervor do meio dia, e pediu-lhe agua. Disse-lhe o Santo com muita mansidão e agrado; Filho, contenta-te com esta sombra: que muitos peregrinos e navegantes a desejam, e não teem.

Certo individuo pediu a um santo abbade, que vivia no ermo, intercedesse perante um juiz a favor d'um preso.

Mas o abbade foi orar a Deus do seguinte modo:

Senhor, peço-vos que me negue o juiz o que eu lhe pedir. Porque, se elle me despacha, como a parte deseja, hão de concorrer a mim muitas outras petições e perturbações.

Deferiu Deus á oração, e assim o juiz não deferiu á supplica: e o monge ficou mau intercessor para o mundo, mas bom orador para Deus.

Ácerca d'um monge leigo da Ordem de Císter tambem o P. Manuel Bernardes nos diz o seguinte: [1]

Foi um monge leigo deitar-se aos pés de S. Bernardo, chorando vivas lagrimas.

E o Santo perguntou a causa de taes lagrimas, ao que o monge deu a seguinte resposta:

Ai de mim, padre! Que esta noite estive observando as acções do meu companheiro, e lhe contei não menos que trinta virtudes! E eu, miseravel, não acho em mim uma só d'ellas!

Houve um monge esforçado combatente contra o seu anjo mau, mas combatido d'elle com egual porfia. O principal e mais continuo conflicto era sobre assaltar este e deffender aquelle a praça importantissima da castidade.

Um dia viu-se o monge tão posto entre talas e agonias, segundo diz o padre Bernardes na sua bella linguagem, que prorompendo em gemidos, começou a lastimar-se dizendo: Até quando o inimigo me não ha de deixar? Deixa-me já, deixa-me, pois commigo envelheceste.

Appareceu-lhe logo o tentador visivelmente, e lhe disse: Jura-me que a ninguem descobrirás o que quero dizer-te, e nunca mais te tento.

---

[1] Nova Floresta, vol. V. pag. 66.

O velho, como se o não fôra, para ter entendido as astucias da serpente antiga jurou e disse:

Pelo Senhor, que habita nas alturas affirmo que a ninguem direi.

Replicóu o demonio: Não adores essa imagem, e não renhirei comtigo. [1]

Disse o monge: Dá-me espaço para deliberar.

Outorgou a condição o inimigo, e por então desappareceu.

Ao outro dia o veiu visitar o abbade Theodoro Eliota, que habitava no mosteiro, que ficava não mui distante, e o incluso por esta occasião lhe contou tudo.

De verdade (disse o abbade) tu estás illuso, porque juraste, e contrataste com o demonio, mas fizeste bem de não ajuntar o primeiro erro do juramento, ao segundo do silencio.

Sabe, continuou, que menos mal é não haver na cidade casa de mulher mundana, onde não entres, do que deixares de adorar a Christo e a sua Mãe Santissima.

Com estas e outras razões o deixou tão confortado, que já desejava os combates, em vez de recuzal-os.

Não tardou muito o demonio, e lhe appareceu bravo e tumultuoso mais que nunca, clamando: Que é isto, velho infame? Não me juraste que a ninguem dirias. Sabe que no tremendo dia de juizo serás condemnado por perjuro.

O monge respondeu: Bem me lembra que jurei. Mas adorar a meu Senhor Jesus Christo e a sua Mãe Santissima é minha vontade, e obedecer-te não é minha vontade.

---

[1] Era uma imagem da Virgem com o menino Deus nos braços.

O padre Manuel Bernardes depois de nos narrar esta historieta, diz-nos alguma coisa importante ácerca dos antigos monges.

Havia monges inclusos, e eram os que se entaipavam em uma cellula, sepultando-se vivos, para poderem reinar mortos. Assim encerrou Pafuncio por espaço de tres annos a Thais, a peccadora, dando-lhe por assumpto da sua meditação só estas palavras: Tu que me creaste, tem de mim misericordia.

Alguns prendiam-se com cadeias, tendo só por seu aquelle espaço de terra, que ellas lhe davam licença. Houve muitos santos n'este asperrimo instituto, e modo de vida morta, quaes foram Silenciario, Liabardo, Anicardo, escocez, Fintano, principe de Laginia, e outros.

Em S. Estevão Auxenciano que morreu martyr pela defeza da adoração ás santas imagens, foi esta reclusão tão estreita e continuada, que, segundo nos diz S. João Damasceno, não podia desdobrar-se para andar, porque o costume de estar encolhido lhe baldára o movimento dos joelhos para baixo. E eis porque os soldados, quando o vieram prender, tiveram de o levar ás costas.

Lavra, porem, distingue-se de mosteiro (no dizer do mesmo padre Bernardes), em que este é só um edificio continente, onde juntos os religiosos vivem vida commum.

Porém, *Lavra* consta de cellas separadas, dentro de um só muro, e seus habitadores costumam juntar-se sómente em certos dias para conferencias espirituaes, ou capitulos, ou para receberem a communhão sagrada.

E por isso o padre Francisco Bivario distingue com S. Cyrillo e S. Bento, na regra santa, tres generos de vida regular, a saber: A eremita, que era estar cada um de per si no deserto, sem communicação com outro, supposto que com obediencia a algum superior. A

cenobita, que era viverem todos juntos. E a lauretica ou anacoretica, que era uma discreta mediania entre ambas, porque de tal sorte estavam separados, que podiam tambem estar juntos.

E isto mesmo significa na etymologia o nome *Lavra*, que quer dizer logar ou aldeia.

Houve lavra antigamente de mil monges.

Em Portugal (diz o padre Bernardes) temos duas famosas. Uma no Bussaco e outra na Arrabida.

Com esta differença, que na Arrabida se juntam aos actos da communidade cada dia, porque não teem mais que uma egreja, côro, capitulo. refeitorio e pataria.

E no Bussaco, como tem cada um o preciso para a sua vivenda, permanecem separados quanto lhes dura a licença, a qual acabada, sobem a encorporar-se com os mais cenobitas, que estão na eminencia da serra.

O santo monge Isaac, presbytero, mandou certa occasião a seus monges qne deixassem na horta umas tantas enxadas.

Assim o fizeram. E estando todos dormindo, vieram a furtar hortalice outros tantos ladrões, quantas as enxadas eram. E assim como saltaram dentro, mudando de espirito sem saber como, cada um pegou da sua, e toda a noite cavaram uma parte d'aquelle campo, que necessitava d'esta bemfeitoria.

Ao sahir de Matinas disse o santo monge: que preparassem tantos almoços para os homens da cava que andavam na horta.

Obdeceram sem saber do caso.

Ao romper da alva foi o santo, com os que levavam os almoços, aonde estavam os ladrões, e disse-lhes: Basta: é tempo de almoçar que tendes trabalhado bem.

Confusos com o que viram pediram perdão.

E o Santo ao despedil-os, lhes deu muita hortalice, e disse: Irmãosinhos, o que se segue do necessitar, não é furtar, senão pedir ou trabalhar.

Vieram certos pobres, quasi nus, com o fim de pedirem ao mesmo presbytero Isaac lhes desse alguma roupa com que se cobrissem, allegando grande necessidade.

Esta, porém, era fingida, porque tinham deixado os seus vestidos na toca d'uma arvore.

Ouviu elle a petição com grande repouso, e logo chamando um monge, lhe disse, ao ouvido: Vai a tal sitio, e traze-me os vestidos que estão na toca de tal arvore.

Trazidos, lho's poz diante dizendo com muita paz e simplicidade:

Ora aqui tem cada um o seu vestido. Cubram-se.

Os pobres ladrões advertindo, ao pegar dos vestidos, que eram os seus proprios, deram logo ao pé, mais cobertos de confusão, que de roupa.

Louvaram certos monges as virtudes d'outro diante de Santo Antão. Mas Santo Antão esperou pelas provas, e achando que não soffrera com paciencia certo desprezo, disse:

Este parece-se com uma casa que tem boa fachada, mas onde os ladrões por detraz lhe abriram brecha e a saquearam.

Mandou o abbade Moysés ao seu discipulo Zacharias que dissesse alguma doutrina santa, ou palavra d'edificação na presença dos outros padres. Elle tirando o manto, o pisou debaixo dos pés, dizendo ao mesmo tempo: Se um monge não fôr conculcado d'este modo, não póde ser monge.

Perguntou um philosopho ao abbade Santo Antão, como podia viver sem livros? Deu em resposta: o meu

livro é a ordem das creaturas, o qual tenho sempre aberto diante dos meus olhos, e me ensina as cousas de Deus, que desejo saber.

Habitava o padre Olympio n'uma casa mui exposta aos ardores do sol, e á perseguição, e mordeduras de grandes mosquitos.

Padre, lhe disseram alguns, como podeis aqui aturar ha tantos annos.

Respondeu: Considero, como poderei aturar nas chammas do fogo infernal eternamente.

Pediram os anacoretas do monte Nitria a S. Macario, lhes fizesse alguma admoestação espiritual e saudavel.

Condescendeu o santo, e disse: Choremos, irmãos, e não cessem nossos olhos de produzir lagrimas, para que não vamos áquelle logar, onde as lagrimas queimam, e abrazam os olhos.

O abbade S. Bernardo, sentindo-se no meio da boa obra tentado de vangloria, dizia: Nem por amor de ti a comecei, nem por amor de ti a deixarei.

Certo monge, de condição colerica, por evitar encontros e dissabores com os outros companheiros, disse: que melhor lhe estava fazer vida solitaria.

E retirou-se para o ermo, levando sómente comsigo uma esteira, uma manta, e um cantaro.

Trazendo a este cheio do poço, ao pouzal-o na terra, inclinou-se, e entornou-se um pouco.

Acudiu logo a endireital-o, e tornou a voltar-se para outra parte, e entornou outro pouco.

Terceira vez lhe succedeu o mesmo.

E n'este ponto encheu-se repentinamente de colera. Péga do cantaro, e dá com elle em uma pedra, e o faz em pedaços.

Vendo então que não tinha com que ir buscar agua,

e que se achava no deserto, onde ninguem o podia ajudar, reconheceu a sua má condição, e disse:

Pois, se eu nem com o meu cantaro sei estar em paz, certo é que isto vae de mim. Quero, pois, tornar para o mosteiro, e soffrer a meus irmãos.

Interrogado o abbade Santo Isaac, porque razão os demonios o temiam tanto, respondeu: Porque, depois que entrei a ser monge, procurei que nunca a ira me sahisse da bocca.

Quiz um varão santo experimentar a virtude de dois monges. E para tal fim, com o bordão, lhes derrotou e pizou toda a hortalice da horta, que era cousa de que muito necessitavam os monges, e em que empregavam seu suor e trabalho. Elles nada disseram, nem mostraram tristeza nos semblantes.

Entraram na cella, resaram as suas tarefas ordinarias com grande repouso, e depois disseram para o hospede: Senhor, se nos daes licença, iremos recolher algumas folhas, que ficassem para as cozermos, porque é hora de comerdes.

Com este exame entendeu aquelle Santo, que a virtude dos seus hospedes era solida.

E com razão, accrescenta o classico padre Manuel Bernardes, porque se viram aqui resplandecer juntas a humildade, obediencia, caridade, desapego das creaturas, paciencia, pobreza, oração, mansidão e egualdade nos santos exercicios.

Santo Efren era de natural agastado, e por isso fazia muito por se domar, e que na vida cenobitica a nenhum companheiro causasse molestia.

Succedeu, que havendo jejuado muitos dias, como tinha por costume, ao trazer-lhe o ministro de jantar, cahiu-lhe das mãos a panella, e fazendo-se em pedaços, derramou tudo.

E vendo o Santo a sua turbação e medo, disse-lhe: Esteja de bom animo, irmão: ja que o jantar não quiz vir a mim, eu irei lá, onde elle está. E, assentando-se na casa sobre os cacos, alli comeu, e aproveitou o que poude.

O abbade Agathão, monge de vida perfeita estando no transito para a região da eternidade, tinha os olhos abertos, e como pasmados, olhando para o Céo.

E assim esteve tres dias.

Disseram-lhe seus discipulos: Onde estaes, padre?

Respondeu: No acatamento de Deus.

Perguntaram mais: E tambem vos temeis?

Respondeu: Quanto pude fiz por guardar os Mandamentos do Senhor.

Porem, como posso saber se lhe agradei? Uma cousa são os juizos dos homens, outra os de Deus.

Passando uns agarenos [1] pela cellinha do abbade S. Abbas, na qual este abbade, fazia vida anacoretica, o santo os hospedou com malvas, e raizes de cannas, porque estas eram as mais deliciosas abundancias da sua altissima pobreza.

Elles, de rotorno, lhe trouxeram queijos e tamaras.

Então o bom velho suspirando, exclama: Ai de mim! Estes infieis lembrados de beneficio tão tenue, procuram ser agradecidos: e nós, que cada dia estamos logrando os bens de Deus, não lhe correspondemos, ao menos observando os seus mandamentos.

O abbade S. Nilo, desprezada a nobreza do seculo, e uma prefeitura ou governo em Constantinopla, e o valimento com os imperadores, se entregou todo á vida espiritual, e contemplação das cousas eternas.

---

[1] Bernardes: *Novas Florestas*, vol. II. pag. 143.

Vindo uma vez buscal-o certa princeza ao seu retiro, para pedir-lhe suas orações, e chorando em sua presença vivas lagrimas, o Santo saltou fóra da sua estancia, e deitou a fugir.

E aos que depois lhe repararam na acção, ao parecer pouco piedosa e modesta, disse; O diabo fez esta conta: aquelle monge é pó; e lançando-lhe agua de lagrimas de mulher, far-se-ha lodo. E então o amassarei, e figurarei a meu modo.

O abbade Amonio havendo-se casado, persuadiu sua esposa a que vivessem como irmãos guardando virgindade.

E n'esta boa conformidade, n'esta companhia separada ou dualidade singular, estiveram dezoito annos.

E elle lhe dizia : Irmã, a maior parte dos homens sabe, como sabe bem o somno sem companhia no leito nem no aposento.

Ensinava [1] este servo de Deus a outro monge velho, ao qual lhe cahiam logo da memoria as lições, e não ousava a vir reperguntar-lhe, temendo ser enfadonho, e que lhe perturbaria o ocio santo da contemplação.

Entendendo o Santo esta desconfiança, lhe mandou accender uma candeia, e que com ella accendesse outra.

E logo lhe perguntou: Esta candeia, que accendeu a outra, perdeu alguma coisa da sua luz, ou ficou cançada?

Respondeu o discipulo: Não, padre.

Replicou o Santo: Pois venha a mim toda a Scythia, que João nem por isso perde a luz da caridade divina.

---

[1] Id. Novas Florestas, vol. III. pag. 35.

Disse um monge a outro: Na mesma cella estãodois. anciães. Um jejua seis dias a fio, sem provar bocado' outro come cada dia, e cura de um enfermo.

Qual d'estas obras agrada mais a Deus?

Respondeu o velho: Ainda que o jejuador se pendure dos narizes, não chegará ao outro no agrado, que tem diante de Deus.

O diabo foi dizer ao ouvido do abbade S. Bernardo, quando este estava prestes a dar a alma a Deus:

Não te pódes salvar, pois para isso não tens merecimentos.

Respondeu o abbade de prompto: A meu Senhor Jesus Christo se lhe deve gloria por dois titulo: por ser Filho de Deus, e por seus proprios merecimentos.

Elle se contenta com ter gloria pelo primeiro titulo, e me faz gratuita doação do segundo.

Tinha-se S. Frontonio, abbade no deserto de Scetes, retirado para o deserto com outros companheiros e discipulos. Os quaes, supposto que ao principio tomaram a carreira da vida anacoretica com esforçado animo, todavia apertados depois pela penuria de muitas cousas necessarias para a fragil porção de terra, que opprime e inquieta o espirito, se entristeceram, e murmuravam e conferiam entre si que melhor conselho seria mudarem-se para perto do povoado, para se poderem ajudar das esmolas dos fieis.

E sabendo isto Frontonio, lhes disse animando-os:

Irmãos, se aqui perecermos á fome, bem podemos, quando fôrmos apresentados diante de Deus, arguil-o e dizer-lhe: Nós, Senhor, cremos no vosso Evangelho, onde dissestes, que não faltarieis aos que em vossa providencia confiam.

Cumprimos o que mandastes, esperámos no que promettestes, e vós Senhor nos despresastes.

Ao abbade S. Vidal[1], que viveu muitos annos santissimamente n'uma cova, concorreram muitos peccadores pela fama de suas virtudes, particularmente pela da benegnidade com que os tratava.

E confessando seus peccados recebiam penitencias mui leves, em comparação do que então se usava, e do que dispunham os canones antigos.

Ouvindo isto dois varões santos, chamados Hilario de Golaso, e Leoncio de Petra, presumiam ser idiota, e o foram visitar para se certificarem da sua vida. Vidal os hospedou caritativamente; e entendendo já ao que vinham, mandou pôr a meza com comidas mui grosseiras e mal guizadas.

Assim que sentiram o mau cheiro e pouca limpeza do comer, se levantaram da meza. E o Santo então lhes disse: Assim como vós fugis d'estas comidas, por serem rusticas, e sem tempero: assim os peccadores fogem das penitencias pesadas, e reprehensões duras. Pelo que, quem quizer attrahir, ha de cosinhar cousa que os console.

Perguntado outro monge, que remedio prompto haveria para expellir os pensamentos de julgar as faltas alheias, respondeu; Quando o anjo percursor matou em uma noite todos os primogenitos do Egypto, cada familia tinha o seu morto em casa, e a esse lamentava, sem attender á desgraça de seus visinhos. Cuide, pois, cada um só, e lamente o seu morto, e deixará de cuidar nos outros.

O abbade Santo Anub viu um dia que outro monge fazia seus exercicios com negligencia e começou a chorar.

---

[1] Id id. vol. III. pag. 307.

Perguntou-lhe um seu discipulo: Padre, porque choraes?

Respondeu: Ai de mim! Que qual este está hoje, tal estarei eu amanhã. Filho, onde quer que vires a um peccar, não o condemnes: mas antes olha por ti.

Já pois, o leitor vê que a Historia do Christianismo não pode ter aquella aridez que a muitos talvez se afigura. Muitos factos interessantes poderia ainda narrar acerca dos antigos penitentes e monges. Mas estes antecessores dos frades se prestariam a que este livro fosse muito mais alongado com a narração de muitos e muitos ditos bem discretos, e com a narração de muitissimas perguntas e respostas, bem chistosas d'aquelles antigos anachoretas. Cumpre-me, porém, não alongar mais esta parte do meu trabalho, pois tenho immenso que referir ácerca dos frades. Campos vastissimos, e que quanto mais se cultivarem e amanharem, tanto mais hão de produzir e render.

Qual será o papel que os frades não tenham representado, pois elles para tudo tinham habilidade. Elles ainda hoje nos fazem rir e chorar. Ainda hoje nos fazem enfurecer e sensibilisar. Um Torquemada nos horrorisa, um Francisco Xavier faz com que fiquemos obstupefactos á vista de tantas virtudes e de tantos trabalhos para conversão dos povos orientaes. Um S. Francisco de Assis nos faz rir, e um S. Francisco de Borja nos admira como elle sabia dirigir negocios diplomaticos e embaixadas encobertas e disfarçadas. Extasiamonos perante a virtude d'um Bartholomeu dos Martyres, e temos vontade de chamar mentecaptos áquelles que chamam a Santo Ignacio de Loyola um mentecapto. Um mentecapto o fundador da Companhia de Jesus! Aquella que sabe resistir pacientemente a todos e a tudo!

Bastavam, porem, os sermões para que achassemos attrahente a Historia dos frades.

Certo pregador, tendo de pregar de S. Prospero tomou por thema: *Intende, Prospere, procede et regna.* E, depois traduziu:

Ó meu santo Prospero, procedei, entendei, e reinae.

Prégando certo frade sobre a Conceição, tomou por thema—*de qua natus est Jesus.* E no fim do sermão reprehendendo os ouvinte acabou dizendo: Oh blasfemos! Oh murmuradores, de *qua natus est Jesus!*

Visitando o bispo de Coimbra, depois da invasão dos francezes, as freiras de Santa Clara, e lamentando o estado e estragos, que observara no exterior do convento, e principalmente o quanto arruinado estava o muro e paredão, por causa de muitos buracos e rombos, disse a abbadessa:

«Mais teria V. Ex.ª que admirar, se, entrando, visse os buracos que os francezes fizeram cá por dentro!»

Lendo uma freira de Vairão no refeitorio, o que era costume fradesco, emquanto as outras estavam comendo no refeitorio, e encontrando a palavra *metafora*, não a sabendo pronunciar disse: metta fóra, julgando serem duas palavras.

A abbadessa, porém, que presidia ao refeitorio, e que tinha obrigação de corrigir a leitura, pondo os oculos disse:

Isso não póde ser metta fóra, ha de ser: eu tire fóra, ou metta dentro.

Mesmo no tempo d'el-rei D. Manel os poetas já satyrisavam os frades.

E a seguinte quadra é do nosso famoso Gil Vicente, no Auto da Feira:

Vê que clerigos e frades
Já se não tem ao Ceu respeito,
Mingua-lhes a santidade,
E cresce-lhes o proveito.

O celebre chronista patranheiro, Fr. Antonio da Purificação [1] diz-nos na sua Chronica (onde tambem diz que houve em Portugal um rei, ao qual pozerão o cognome de Orelhão, por ter orelhas extraordinariamente cumpridas) que as freiras do convento de Santa Monica d'Evora, se prendiam a si proprias a uma columna de pedra, e depois se flagellavam com azorragues ás escuras. E viam então na casa faiscas de fogo em signal das muitas almas que iam saindo das penas do Purgatorio, e subindo para o Ceo.

Assevera-nos o dominicano fr. Lucas de Santa Catharina, no cap. VIII do livro IV da sua Historia de S. Domingos, que no convento dominicano d'Evora, emquanto certo frade virtuoso estava ajudando á missa, estava tambem vendo sobre os hombros d'uma velha, que esteva na egreja, voltear-se e saltar ligeiro um diabo com meneios e figura de um grande e carrancudo mono.

E a respeito de sachristães de convento! Era de a gente, ao vel-os arrebentar com riso. Felizmente o *Jornal da Manhã*, publicado na cidade do Porto, deixou-nos, em o numero de 14 de julho de 1886, uma excelte descripção do ultimo sachrista do Bussaco.

Este pobre velho era tão tradicional para todos os viajantes que iam ver, no meio da opulenta matta do Bussaco, o convento dos carmelitas, como a Fonte Fria,

---

[1] Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho: vol. II. pag. 251.

ou mesmo os cedros d'aquelles extensos carreiros, onde a vegetação é deslumbrante.

Poderá haver alguem, que não escrevesse na carteira de viagem o nome do antigo empregado d'aquella casa religiosa: pois commetteu uma ingratidão, e revelou pouca minudencia nas investigações, porque embora os guias o não apontem, o Francisco revelava-se em toda a sua originalidade, a quem fallasse dez minutos com elle.

Entrara muito novo para o serviço da casa, fôra um dedicado criado dos religiosos, e, quando elles foram expulsos, deixou-se ficar firme e inhabalavel no seu posto, á sombra do claustro, attento ás ordens do sino, varrendo a egreja, acendendo a lampada, e mostrando o templo aos curiosos.

Lamentava-se de já não ouvir o psalmodiar dos officios divinos do côro; mas consolava-se de ainda poder despertar em manhãs serenas com o trinado das aves que decantavam por entre o espesso arvoredo. Já não tinha o prazer de beijar a mão do padre provincial.

Mas ia-se contentando com receber os bons dias do padre Mauricio, um santo velho, e muito venerado sacerdote, a quem tinha uma vez por outra, de ajudar á missa.

Não recebia já a ração da portaria e os sobejos do refeitorio; mas satisfazia-se com as gorgetas, que colhia dos viajantes mais generosos.

Emfim, os frades passaram, e o Francisco poude sobreviver-lhes mais meio seculo.

Tinha o velho sachristão o justo e incontestavel orgulho de que ninguem, como elle, sabia designar as bellezas da matta, indicar os caminhos, apontar as capellas, e mostrar o que havia digno de menção.

E a tal ponto levava a consciencia d'estes predicados

de *Cicerone*, que disse um dia, quando se estavam preparando os aposentos para a rainha ir passar algum tempo ao Bussaco.—Se ella quizer ver isto a preceito, ha de fallar commigo.

Pois são esses fidalgos que a seguem, os que lhe podem dizer o que é tudo isto!

Francisco mostrava a egreja do convento a todo o viajante, indicava o livro em que tinham de assignar, e postava-se respeitoso a um lado do templo a ver que impressões recebiam esses visitantes, e em que mais se detinham a analysar.

Se lhe faziam alguma pergunta, respondia com toda a circumspecção, se lhe puxavam conversa, e se mostravam respeitosamente attentos, então o velho sachristão abria as valvulas á sua *vastissima erudição* a respeito de tudo o que havia a distinguir de precioso e a rememorar de importante.

Com os aldeões é que elle estava nas suas sete quintas, fallava-lhes com enthusiasmo, declamava com gesto largo, soltava os suspiros da sua enorme saudade pelos frades, pelos seus velhos amigos, pelos seus antigos patrões.

Com quem elle embirrava ás vezes; era com os estudantes de Coimbra, se acaso não estavam com toda a veneração na egreja, se troçavam, se escreviam alguma *piadinha* no livro dos visitantes, se deixavam signaes do seu bom humor n'algumas quadras a lapis riscadas nas paredes do convento.

Emfim, essas rapaziadas eram proprias da vida escolastica, mas indesculpaveis peccados, segundo o espirito recto do velho Francisco, e attentatorias do respeito, que se deve a um sachristão!

Quem quizesse ver n'elle um guia solicito e um amigo dedicado era inquiril-o, com delicada curiosidade,

escutal-o com toda a reverencia e fallar-lhe com pena na extincção das ordens religiosas.

Aquella figura animava-se, o rosto traduzia-lhe toda a tristeza, e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas.

Pobre velho! Com que sentimento me lembro de ti! Como era sincera a tua saudade!»

E quem iria para aquelles desertos, a não ser que tivesse um innabalavel e profundo desapego ás vaidades do mundo!

Nos desertos residiu a virtude, longe do bulicio do mundo!

Mas nos mosteiros os cenobitas forçosamente haviam de estar expostos a grandes tentações!

E foi talvez ás virtudes do ermo e do deserto que o Christianismo muito deveu o propagar se com tanta presteza.

A promptidão[1] nunca ouvida, diz Bossuet, com que se fez esta grande mudança, é um milagre visivel.

Jesus Christo havia predicto, que o seu Evangelho seria bem cedo prégado por toda a terra.

Esta maravilha devia acontecer logo depois da sua morte: e elle tinha dito que—*depois que o tivessem levantado da terra*, isto é, depois que o tivessem pregado na cruz, *attrahiria para si todas os cousas.*

Os seus apostolos não tinham ainda acabado a sua carreira, e S. Paulo dizia já aos romanos, *que a sua Fé* era annunciada em todo o mundo.

Dizia aos Colosenses que o Evangelho era cuvido por toda a creatura, que vivia debaixo do Ceo; que era prégado, que fructificava, e que crescia por todo o mundo.

---

[1] Discurso sobre a Historia Universal, vol. I. pag. 196.

Uma tradição constante nos ensina que S. Thomé o levou aos Indios, e os outros apostolos a outros paizes distantes.

Pelo menos o nosso grande poeta ao findar os *Lusiadas* d'aquelle se não esqueceu.

O effeito falla, e assaz se vê com quanta razão S. Paulo applica aos apostolos aquelle logar do Psalmista: a sua voz se faz ouvir por toda a terra, e a sua palavra tem sido levada até ás extremidades do mundo.»

No tempo dos seus discipulos, quasi que não havia paiz por mais remoto e desconhecido que fôsse, no qual o Evángelho não tivesse penetrado.

Cem annos depois de Jesus Christo, S. Justino contava já entre os fieis muitas nações barbaras, e até povos vagabundos, que andavam d'uma parte para outra sobre carros, sem terem morada fixa.

Não era isto vã exageração. Era um facto constante e notorio, que constava na presença dos imperadores, e na face de todo o mundo.

Santo Ireneo vem um pouco depois, e vê-se crescer o enumeramento que se fazia das Egrejas.

A concordia dos christãos era admiravel. O que se cria nas Gallias, nas Hespanhas, na Germania, se cria no Egypto e no Oriente. E, como não havia mais de que um mesmo Sol em todo o mundo, via-se em toda a Egreja desde uma extremidade do mundo até á outra, a mesma luz da verdade. Por pouco que se prosiga, pasmamos á vista dos progressos que se veem.

No meio do terceiro seculo, Tertuliano e Origens fazem ver na egreja povos inteiros que um pouco antes n'ella se não viam.

Os que Origens exceptuava, que eram os mais distantes do mundo conhecido, ahi são postos um pouco depois por Arnobio.

Que podia ter visto o mundo para se entregar tão promptamente a Jesus Christo?

Se viu milagres, Deus tomou parte visivelmente n'esta obra. E, se se podia fazer que não os houvesse; isto não seria um novo milagre, maior e mais incrivel que aquelles, que não queremos acreditar *haver convertido o mundo sem milagre*, haver feito entrar a tantos ignorantes em mysterios tão altos, haver inspirado a tantos sabios uma humilde submissão, e *haver persuadido a incredulos* tantas cousas incriveis.

Mas o milagre dos milagres, se posso fallar d'esta sorte, é que com a fé dos mysterios, as virtudes as mais eminentes, e as praticas as mais custosas se espalharam por toda a terra...»

Mas deixem-me outra vez tornar aos fradinhos e freirinhas, para mim altamente sympathicos.

D. Luiz de Menezes, terceiro conde de Tarouca, era de corpo mui pequeno.

Indo um frade capucho a sua casa pedir-lhe esmola, quiz o conde motejal-o por elle frade ser torto, e lhe disse: Bem era necessario outro olho a vossa paternidade.

E ainda mais dois, acode o capucho, pois sô assim poderia ver vosso rosto [1].

Assistindo certa vez o vice rei da India D. Francisco Coutinho, homem d'estremada graça, a um sermão de quaresma na cathedral de Goa, o pregador, que era frade, se espraiou em reprehensões contra a falta que havia de justiça.

---

[1] Diz-nos o padre Labat, no vol. V das suas Viagens que na cidade de Napoles havia um mosteiro com mil pessoas, entre as quaes 400 eram freiras. Faz isto lembrar o convento d'Odivellas, nas abas de Lisboa.

D'ahi a poucos dias foram dois frades da mesma ordem do pregador, levar ao vice-rei uma petição, em que requeriam cousa, que era notoriamente injusta.

Pegou immediatamente D. Francisco Coutinho na penna, e poz-lhe o seguinte despacho;

Haja vista o padre pregador de domingo, e junta ao sermão volte.

No seculo passado, achando-se o padre Labat [1] em Messina, pertendiam os habitantes d'esta cidade que n'ella existia uma carta, escripta por nossa Senhora, no anno 42, aos habitantes, e por causa da tal carta tinha n'aquella cidade havido grandes bulhas e discussões.

Passando Porpora por uma abbadia de Allemanha, pediram-lhe os frades que assistisse a um dos seus officios, para ouvir o organista, cujo talento muito exaltavam.

Porpora annuiu. Foi á egreja, e escutou com attenção.

Acabado o officio, perguntou-lhe o prior, que tal tinha achado o organista?

Porpora respondeu com difficuldade, balbuciando.

Porem o prior não se contentando com meio elogio, interrompeu-o. E, para melhor o dispôr, disse-lhe que o organista era homem de bem, muito caritativo, e muito simples.

Oh! acode immediatamente Porpora, emquanto á sua simplicidade, bem a vi, porque a sua mão direita nunca percebe, nem sabe o que faz a esquerda.

Começou certo frade a pregar n'uma egreja parochial ás tres horas da tarde, e era sol posto, e ainda não tinha concluido o exordio.

---

[1] Voyages, vol. V. pag. 139.

Cançado de tanta prolixidade, foi-se o cura esgueirando a pouco e pouco até á porta da egreja.

O frade, porem, intendeu quaes as suas tenções, e levantando a voz, disse:

Aonde vae esse mau christão?

Padre mestre, acode o cura, vou a dizer que mandem para esta egreja colchão e lençoes, para aqui dormir.

O padre Fernando da Costa, presbytero do habito de S. Pedro, prior da egreja de Tarouca, pediu perdão a el-rei D. Affonso III, por julgar ter dormido com 7 irmãos, 9 comadres, 1 tia, 11 afilhadas, e com Antonia da Cunha, alem de 51 mulheres, de quem houve 197 filhos, sendo 47 femeas, e 150 varões. E consta isto d'um assento da Torre do Tombo, pelo anno de 1220 [1].

O padre Porcachi, dominicano, fallando do jumento, sobre o qual o Redemptor entrou em Jerusalem, diz que a cauda d'este feliz animal se conserva ainda intacta em o nosso convento de Genova [2].

O marquez de Abrantes achava-ss, havia muitos mezes, retirado na sua quinta d'Alcantara, desconfiado de medicos, e sem esperança alguma de melhoras.

Foi então um missionario visitar a duqueza, camareira-mór, e tambem para saber, como se achava o marquez, e por essa occasião instou muito para que se pegassem com a Senhora da Lapa em Lisboa.

E, para mais firmeza, disse missa na sua capella de S. Joaquim, benzeo azeite, e lhe deu uns bolinhos bentos de Nossa Senhora da Lapa, para que, delidos em agua, ou no comer, os fosse tomando, e os untasse com

---

[1] Revista Popular, anno de 1850, pag. 185

[2] Revista Universal Lisbonense, anno de 1845, pag. 287.

o azeite, e lhe deixou a sua imagem de Nossa Senhora da Lapa, e o marquez prodigiosamente convalesceu [1].

Certo reformador arrabido, por sobre nome *Lagarto* intentou introduzir algumas reformas nos conventos das freiras.

Algumas freiras, porém, mostraram-se renitentes, e foi preciso usar para com ellas dos rigores das penitencias.

Em certo convento penitenciou um grande numero de freiras, que não queriam acceitar as importantes instrucções, que lhes dava, e para mais perfeita observancia da sua regra lhes mandou tirar os veos e prohibir as grades [2].

Cuidaram ellas então em se mostrarem vingativas.

E, tomando um lagarto, o atravessaram n'um pau, e o levaram pela crasta, em procissão, com um pregão, que dizia: Que inforcavam aquelle criminoso, por ser muito cruel e deshumano para com as servas do Senhor.»

Apesar, porém, de ser quasi regra geral obrigarem os paes as filhas a serem freiras, houve um escriptor, que levantou sua voz contra uma tal tyrannia, a qual por vezes dera pessimos resultados.

Tal escriptor foi Mathias Aires Ramos da Silva Eça[3]:

«Que póde obrar o amor senão desvarios? Que se póde esperar de interesse senão injustiças: e a vaidade que póde fazer senão tyrannias?

---

[1] Copia de uma carta escripta por um morador de Lisboa a um amigo habitante na cidade do Porto. Relação de alguns prodigios de Nossa Senhora da Lapa Lisboa, 1755.

[2] Fr. Antonio da Piedade: Chronica da Arrabida, vol. I. pag. 691.

[3] Reflexões sobre a vaidade dos homens. Lisboa, 1786, pag. 177.

Estas são as que guiam para os claustros tantas formosuras. Não são desgraçadas por irem para os claustros, mas pelo modo com que vão.

Que maior desgraça do que deixar o mundo por força, e ficar n'elle por gosto? Como hade chegar á terra de promissão quem leva o Egypto na memoria?

Quantas estatuas de sal se haviam de ver? Se as mulheres se convertessem n'ellas para olharem para o seculo que deixam!

As galas com que vão ornadas, é o encanto que lhes vae suspendendo e enganando a dôr, semelhantes ao cordeiro manso, que primeiro o cobrem de flores para o irem entregar ás chammas, ornatos alegres e luzidos para funeraes!

Quaes são as mulheres, que não choram ao proferir das palavras fataes, porque se obrigam até á morte?

Esta sentença irrevogavel ellas mesmas são as que, cantando, em altas vozes a publicam. Mas que pouco pode encobrir o fingimento do canto, a verdade da lamentação!»

Oh Religiões, exclama fr. Antonio das Chagas [1] todas sois santas, e por taes vos amo e venero. Nascestes fontes, fizestes-vos rios. Parece que vos engrandecestes?

Mas, oh! que, quanto na apparencia crescestes, na sustancia declinastes!

Nascestes quasi todas nas solidões e desertos: serviu-vos de berço o sepulchro. Aquellas brenhas e espessuras, que, apartadas do trato humano, eram mais asperas e agrestes, foram vossa companhia. Cada folha das vossas arvores, que para o céu se levantava, era

---

[1] Obras Espirituaes. Lisboa, 1701, pag. 16.

um livro mui dilatado da celeste sabedoria para o discurso e para as ancias, com que a vossa corrente se arrebatava para o centro, para o seu fim, para a sua origem.

As mais grosseiras penedias, que eram vosso hospicio[1] apenas vos davam sufficiente passo. Porem, agora, para os nossos passos, não basta, já todo esse campo de batalha para o socego, e quasi esteril para o fructo.

---

[1] Mappa do numero dos conventos de religiosas, no continente. segundo a relações de 1827, 1828, publicadas em 10 de fevereiro de 1835, pela commissão interina da Junta do Credito Publico:

3 Militares (commendadeiras de Aviz e S. Thiago, e Maltezas de Estremoz.)
5 Agostinhas calçadas.
1 Agostinhas descalças
11 Benedictinas.
11 Bernardas.
2 Brigidas.
4 Carmelitas calçadas.
10 Carmelitas descalças.
17 Dominicanas.
58 Franciscanas.
1 Jeronymas.
4 Salesias e Urselinas.
1 Terceira Ordem da Penitencia.
2 Trinas.

s rendimentos d'estes conventos eram provenientes de:

Dizimos	97;796$803	réis
Quartas, oitavas rações, jugadas Etc	6:551$770	»
Direitos senhoriaes	1:441$780	»
Predios urbanos	18:335$100	»
Predios rusticos	37:299$310	»
Fóros, censos e pensões	101:087$254	»
Capellas, legados	1:617$279	»
	264:129$296	»

As cidades e seus contornos são já estreitos orbes para a sêde de vossas aguas, que, ambiciosas de serem mares, sem darem as costas á terra, buscam hoje no mundo as melhores barras. Fostes fontes, hoje sois rios; ereis ribeiros, e já sois pégos...»

São innumeras as poesias compostas por freiras, em todos os generos. E por esta vae o leitor vêr que qualidade de poesias sabia fazer a madre soror Thomazia

---

Transporte...........	264:129$296	réis
Juros de apolices........................	10:483$279	»
Juros de particulares..........	40:483$467	»
Juros do senado.........................	2:334$8.5	»
Juros reaes..............................	79:250$119	»
Addição pela casa de Bragança............	1:767$182	»
Addição pela casa das Rainhas............	129$000	»
Addição pala casa do Infantado...........	370$530	»
	398:566$959	»

Nos rendimentos não se incluem os das cercas dos conventos.

Os rendimentos eram assim classificados:

Em dinheiro.......................... 341:309$751 réis
65:491 alqueires de trigo.
24:205 alqueires de segunda.
13:390 alqueires de cevada.
843 alqueires de legumes.
2:910 alqueires de sal.
8:038 arrateis de carne de porco.
8:264 arrateis de carne de vacca.
768 arrateis d'assucar.
1:920 arrateis de farinha.
5:516 arrateis de figos.
2:818 arrateis de assucar.
3:944 almudes de vinho.
6:712 almudes d'azeite.

Caetana de Santa Cruz, religiosa no convento de Santa Cruz de Villa Viçosa.

Cumpre, porém, dizer n'este volume mais alguma cousa ácerca dos santos, e penitentes monges, de modo que o volume seguinte esteja livre para poder principiar a fallar dos bentos, os frades mais antigos de que a historia faz menção.

Segundo nos diz Cesar Cantu, renunciavam os mon-

---

42 porcos.
84 carneiros.
1:939 galinhas,
299 frangos.
256 aves diversas.
785 queijos.
106 varas de pannos de linho.

O pessoal d'estes conventos era :

2:980 religiosas de coro.
912 educandas.
1:971 creadas.
362 empregadas e creadas.

Pelos dados acima vê-se que o rendimento dos foros e predios pertencentes a conventos de religiosas era avaliado em réis 156:721$664 n'aquella data.

Segundo as contas da Junta do Credito Publico, até 30 de junho de 1879, foram vendidos dos conventos de religiosas:

Predios	1:151:049$041
Fóros	394:052$896
Capitaes	18:456$872
	1:563:078$809

As inscripções que se compraram com este producto representam 3:353:750$000 réis.

ges a toda e qualquer affeição, e mesmo á dignidade pessoal, á vontade, pois o futuro eterno preoccupava exclusivamente os anacoretas.

Tal era o regimen severo, a que Origenes tinha reduzido a theoria para abolir a origem animal do homem, e não conservar mais do que o seu fim todo angelico, exclama Cesar Cantu.

POESIA FREIRATICA

Poesia composta por soror Thomasia Caetana de Santa Maria religiosa no convento de Santa Cruz de Villa Viçosa. E dada ao prelo por Manuel de Mira Valadam, cirurgião approvado. Lisboa; Officina de Pedro Ferreira, 1750.

Podera este Senhor tremendo e forte
Castigar esta nossa rebeldia,
Lançando nos a impulsos d'um só córte
Onde a pena sem fim sempre seria:
Porém quiz advertir-nos de outra sorte;
Porque no tempo esteril que corria,
Ao mundo, que se achava negligente,
Castigo ameaçava competente.

O primeiro milagre não se ignora,
N'esta casa se viu, (oh que portento!)
Em um senhor dos Passos, que se adora
Na mais alta capella do Convento:
D'ella o Senhor sahiu, e sem demora
Se viu nublado o Céu, mudado o vento,
Mostrando assim prodigios de repente,
Este Pai e Senhor omnipotente.

D'esta villa sahiu o Senhor morto,
De muita penitencia acompanhado,
E buscando este Pai o melhor porto,
Na Esperança ficou depositado:
O povo penitente agoa e conforto,
D'este mesmo Senhor tem alcançado,
Em o favor na supplica pedido.
Estando tantas vezes offendido

Cassiano, nascido nas margens do mar negro, e tendo ido visitar estes piedosos reclusos com Germano, seu companheiro de vida monastica, foi acolhido no Egypto por Archebio, que, depois de ter vivido trinta e sete annos entre os anacoretas, tinha sido, como elle proprio o confessava, expulso do meio d'elles, como indigno por ter sido nomeado bispo de Panephysis.

Depois de se haver revestido da pelle de cabra, e to-

Esta imagem se viu tão adorada,
N'esse illustre convento da Esperança,
Que a mesma admiração anniquillada,
Tão soberanos cultos não alcança.
A penitencia foi continuada,
E agua tem corrido em tal bonança,
Que bem mostra o Senhor que tem ouvido,
Ao mundo, pelo ver arrependido.

Outra imagem sahiu tambem dos Passos,
Que veiu em procissão por varias ruas,
Procurou descançar em ternos braços,
Nas Chagas os achou de Esposas suas:
Cahiu logo do Ceo sem embaraços,
Muitas correntes de aguas não commuas;
E vendo Deus o povo penitente
O perdão lhe otorgou pio e clemente.

Fez uma procissão por diligencia
Desse bispo deão, que n'ella ia.
Revestido de grande penitencia,
Com todo o seu rebanho que o seguia,
Que o coração de vel-o se partia,
Por dar exemplo aos mais, e deste intento
Louvado, Senhor, seja o fundamento.

Uma imagem sahiu em que se esmera,
A devoção na Côrte Lusitana,
Que c m a cruz ás costas se venera
Na minha amada Ordem Graciana

mado o bordão, conduziu-os por entre o paiz innundado, para junto d'outros ermitães, com os quaes se entretiveram fallando das virtudes e das austeridades christãs.

Acharam os valles cheios d'esses homens piedosos, enterrados nos antros dos antigos Troglodytas, ou nos tumulos da Thebaida.

Os cenobitas uzavam uma larga tunica de linho (*col-*

Na Basilica esteve: oh quem pudera
Agradecer, Imagem Soberana,
A inundação geral, beneficencia
Que teve a vossa grande Providencia.

Ás imagens devotas recorria,
O Lusitano povo magoado,
E se tirou da minha freguezia,
Hum Senhor que á coluna está atado:
Agoa, e perdão o povo lhe pedia,
E bem no que choveu, se tem mostrado.
Que consistiu da culpa o sentimento,
Em deter la no Ceo esse elemento.

Na França já se gritava bastante contra as abbadias ricas. Na obra intitulada D*es veritables interets de la patrie*, impressa em Rotterdam, no anno de 1764, lemos o seguinte: «Não ha condição (pag. 28) onde a desproporção de fortuna seja mais revoltante, do que no clero. Alli vemos dignos curas aguentar a força do sol e do calor correndo de rua em rua a levarem o viatico aos doentes, e desfructarem, quando muito uns cem escudos de rendimento, ao passo que um nedio abbade, não sendo nem padre nem frade, e que para nada mais serve, senão para fazer a corte ás damas, para gosar e digerir, possue até cincoenta, sessenta, e muitas vezes oitenta mil libras de rendimento.

Em Lisboa temos cousas parecidas.

As freguezias de Santa Izabel, e da Encarnação, por exemplo, rendem admiravelmente bem, e os parochos nada ou quasi nada fazem, pois teem curas para prestarem o serviço: ao passo que n'outras freguezias os priores teem de viver com a mais restricta parcimonia.

loba), que apenas chegava ao joelho, e cujas mangas não passavam do cotovello.

Apertavam-na por meio de uma cinta, ou de uma faxa de lã, que, descendo de cada lado do pescoço, passava por debaixo dos sovacos, e se cruzava sobre os rins, de maneira que deixasse os braços livres: um pequeno capuz pendia por detraz. Lançavam sobre a tunica uma especie de murça de linho (*maforte*), que cobria o pescoço e os hombros, e por cima uma pelle de cabra (*melote*).

Não faziam uso de celicios, não deixavam apparecer o minimo signal de soffrimento, e andavam com os pés descálços, ou de sandalias, e sempre com cajado na mão.

As suas cellas apenas continham uma esteira de junco, ou de palmeira para se deitarem com um monte de folhas de papiro, para sobre ellas recostarem a cabeça durante a noite, e servir-lhes de assento durante o dia. Tinha-os ensinado a experiencia a preferirem para alimento o pão e agua aos licores e aos fructos.

Comiam onze onças de pão, divididas em duas rações (*paximacia*), uma á nôa, e a outra á tarde, e não approvavam a abstinencia do alimento por muitos dias em seguida.

O banquete servido por elles a Cassiano, a quem queriam tratar dignamente, compoz-se d'um môlho de azeite e sal, de tres azeitonas, cinco ervilhas, duas ameixas, e um figo para cada um.

Offerecem-nos elles um exemplo da sua paciencia, contando-nos que o superior para dar uma lição áquelles estrangeiros, applicou uma forte bofetada na face d'um cenobita, que não havia testemunhado nenhum descontentamento.

Melania, discipula de S. Jeronymo, de edade de vin-

te e dois annos apenas, vae procurar ao deserto da Nitria o celebre anacoreta Pombo, o qual ganhava a vida fazendo cestos. Levou-lhe trezentas libras de prata, o que representa um valor de perto de 36 contos.

Elle, sem interromper o trabalho, disse-lhe tranquillamente: Que Deus vos recompense, e mandou que um de seus discipulos fosse distribuir aquelle dinheiro pelos anacoretas da Lybia.

Eu esperava, refere Melania, que elle me lançasse alguma benção, ou me fizesse alguns elogios por um presente tão consideravel; mas, vendo que se conservava silencioso: Meu pae, lhe disse eu, peço-vos que attendaes a que estão alli trezentas libras de prata.

Sem voltar a cabeça, nem sequer lançar os olhos para a caixa: Minha filha, acudiu elle, aquelle a quem offerereceis esse donativo, não precisa que lhe digais o valor.

O que peza as montanhas, e tem na balança as collinas com as suas florestas, sabe melhor do que vos o peso do vosso dinheiro.

Mas são notabilissimos Ephrem, e muitissimos outros monges, cuja vida era santissima.

Reuniam-se de tarde e á noite para orarem, recitando cada vez dois psalmos, taes como lhes tinham sido ensinados por dois anjos para psalmodiarem segundo se dizia. Seguiam exactamente n'isto, como na oração a attitude que deviam tomar, a direcção d'aquelle, que presidia aos seus exercicios.

O som da buzina chamava-os para a oração, e um d'elles observava as estrellas para os advertir durante a noite das horas de vigilia prescriptas. Sómente se reuniam de dia para rezarem juntos ao domingo, e para a communhão ao sabbado. No resto do tempo oravam em suas cellas, e occupavam-se em fazer esteiras, ca-

bases, e outras obras manuaes, trabalhos que lhes eram expressamente recommendados, para fugirem á ociosidade e ganharem o sustento.

Cinco mil monges habitavam o monte Cobrin: quinhentos um só mosteiro, no qual, segundo a tradição, tinha vivido Jesus quando menino. Mil num outro de Thebaida, onde não entravam senão os que estavam decididos a nunca mais d'alli sahirem: perto de dois mil nas proximidades de Antinopolis.

Em Oxyrrhynco os monges eram mais numerosos do que os cidadãos, e occupavam os templos purificados, as portas e as torres da cidade: vinte mil virgens, e dez mil monges n'elles faziam retumbar tanto de noite como de dia os louvores do Senhor, exercendo a hospitalidade, e praticando obras de misericordia. Sem contarmos uma multidão de mosteiros menos importantes, mil e quatro centos monges faziam parte do de Tabeura na Thebaida superior. Pela Paschoa, como alli se congregavam de todas as partes, o numero subia a cincoenta mil.

No resto do tempo, cada mosteiro era dividido em varias casas onde residiam de vinte a quarenta monges occupados no mesmo mister. Cada casa era designada por uma lettra do alphabeto, que todos os monges, que a habitavam, traziam na tunica. Era assim, que estes homens separados do mundo, não só em espirito e coração, mas tambem em suas pessoas, pareciam não ter necessidades nem ideias para a vida intellectual, nem de sustento para a vida corporal. Poderiamos comparal-os com certos fetos, que alardeam sua fresca verdura sobre as mais aridas rochas, ou então, como arbusto que, sem aprofundar suas raizes pela terra, vive do unico alimento que lhe vem do alto.

Do Egypto a vida monastica propaga-se pela Pales-

tina, Syria, e toda a christandade. Depois S. Basilio e S. Agostinho deram-lhe regras particulares, sem comtudo a sugeitarem a votos. Finalmente S. Bento submetteu-a a uma disciplina mais rigida.

Este monge tão celebre nasceu no anno de 480[1], foi estudar a Roma, pelo espaço de seis annos, mas depois, appetecendo a vida eremitica, retirou-se para uma gruta não longe do deserto do Sublaco, onde se entregou a todos os generos de penitencia.

E aqui se conservou por tres annos.

Havia, porem, muita gente, que procurava Bento, como fim de que o santo a guiasse na vida santificada que desejava ter e seguir.

Foi então o santo monge procurado por uma mulher, mas Bento matou os appetites carnaes, arrojando-se para cima d'uma çarça de espinhos tão penetrantes, que, rasgando-lhe o corpo, d'elle sahiu o desejo concupiscivel [2]. E S. Francisco d'Assis, passados seculos, alli foi visitar aquella çarça.

Existia, porém, um mosteiro nas margens do Rio Anieno. E por morte do prelado, foi Bento nomeado abbade por votos de todos.

D'aqui sahiu, porem, passado algum tempo, e foi viver dentro d'uma gruta. Mas depois fundou um mosteiro no anno de 510, e com o decurso do tempo fundou varios outros, visto haver affluencia de pessoas, a quem aquelle theor de vida era agradavel.

Mas as virtudes de Bento entraram a ser tão admiraveis, e o numero dos mosteiros a medrar tanto, que o diabo raivoso fez com que sete mulheres dissolutas

---

[1] Fr. Marcellino da Ascensão: Vida do glorioso S. Bento. Lisboa, 1737.

[2] *Id. id.* pag. 67.

nos costumes entrassem dentro da cerca do mosteiro, onde regularmente residia Bento, e deshonestamente decompostas, pretenderam com acções impudicas e bailes luxuriosos, accenderem a mais activa labareda na alma.

Tinha Bento a triaga nos espinhos juntos á sua cova, com a experiencia já referida.

Porem como ellas rasgaram portas bastantes nas feridas, que lhe fizeram no corpo, para sahir tudo quanto contra a castidade se podia conjurar, não foi agora necessario ao santo abbade usar de remedio violento, antes como seguro recorrer a Deus, para que com auxilios efficazes reduzisse a melhor vida a de pessoas tão desencaminhadas.

Depois passou Bento para o monte Casino, levando para sua companhia seus sobrinhos Amaro e Placido, com outros monges [1], e levando tambem comsigo tres corvos, a quem Bento dava de comer, e eis porque os frades bentos tinham sempre corvos, para recordação, dentro dos seus conventos.

No anno 239 chegou Bento ao alto do monte Cassino, onde out'ora Marco Varrão tivera um palacio, em que vivia. E aquelle monte era então dedicado ás musas.

E, passados quarenta dias, diz o escriptor, a quem vamos seguindo, que foram empregados por Bento no jejum e na penitencia, começou o santo monge a construcção d'um mosteiro no alto do referido monte. E parece, que por este tempo tambem escreveu a regra para a sua Ordem, regra que foi approvada pelo Papa.

Diz-nos, porem, o padre mestre fr. Leão de S. Thomaz, que o demonio embirrava muito com uma tal fun-

---

[1] *Id. id.* pag. 125.

dação, e que para amedrontar a Bento, varias vezes tomava figuras espantosas e horriveis, lançando fogo pelos olhos e bocca, para o acovardar, afim de que mudasse de sitio, e desistisse da obra começada.

Outras vezes pretendendo inquietar o santo e os seus monges, punha-se a gritar por elle em altas vozes, e vendo que lhe não respondia, e que o despresava, misturava queixas com injurias dizendo: *Maldito, e não Bento. Maldito e não Bento que tens commigo? Que me queres? Para que me persegues?*

E passando de palavras a obras, com ellas pretendeu alcançar seu intento, mas de todas sahiu com as mãos na cabeça, dando occasião ao glorioso patriarcha de novos triumphos.

Este mossteiro foi medrando, e teve grandes doações que lhe fizeram os paes de dois monges S. Placido e S. Mauro.[1] E passados alguns seculos, os bentos estavam espalhados por todo o mundo e, ainda hoje o estão, excepto em Portugal.

---

[1] O concilio Toletano quarto (em que se ajuntaram septenta bispos, e presidio Santo Isidoro) mandou que todos os clerigos de Hespanha, assim de ordens sacras, como de ordens menores, trouxessem a cabeça toda tonsurada, deixando só uma corôa ou circulo de cabeça, por se não conformarem com os hereges, que na Hespanha, n'aquelle tempo costumavam trazer uma corôa pequena no alto da cabeça, e os catholicos de Galiza os imitavam n'este particular como se póde ver no Canon quadragesimo, do dito Concilio.

A observancia d'este decreto, e aquelle primeiro uso apostolico, foi o clero perdendo pelo decurso de tempo. Só o nosso glorioso patriarcha quiz que em sua Religião Sagrada se guardasse e conservasse a forma da corôa com um circilho tão pequeno e estreito, que não tem de largura quasi a de um dedo, assim pela rasão que moveu o apostolo S. Pedro, que foi a memoria da paixão e da corôa de Christo, como por outras muitas.

E o proprio S. Bento, outr'ora n'este solo festejado com ruidosas funcções em quasi todos os templos de Portugal, d'aqui a pouco deixará de ter culto n'este paiz. D'aqui a pouco tempo, fechados uns dois ou tres conventos de freiras d'esta ordem, em cada um dos quaes ainda existe uma freira ao escrevermos estas linhas, os templos fecham-se, e o padre S. Bento poderá exclamar lá comsigo, se ainda se importar, lá na visão beatifica, das cousas da terra: Eis como os portuguezes me pagam os grandes homens de lettras, missionarios, e professores que a minha Ordem deu a Portugal! Pois que se avenham lá com os professores e ensino dos Lyceus, que lhes hão de pôr o sal na moleira.

E, põem, effectivamente, ó grande padre S. Bento.

E apezar de não podermos depositar uma confiança cega no que diz o author da Benedictina Lusitania, pois até nos cita Flavio Dextro, não é todavia impossivel, se attendermos aos grandes progressos da religião de S. Bento, que os bentos entrassem n'este solo em tempo dos Suevos.

A primeira, foi: Porque quiz que seus filhos trouxessem sempre na memoria a obrigação de seu estado, que, como diz S. Jeronymo, é chorar peccados proprios ou do mundo.

A segunda razão é: porque, como os cabellos são symbolo dos pensamentos, conforme diz Beda, por isso o glorioso patriarcha ordenou que a sua corôa monacal fosse em fórma que não tivesse quasi cabellos, para com ella lembrar a seus monges, que cortassem de todo cuidados, lembranças e pensamentos da terra. E para que despresassem todas as cousas temporaes, porque como disse S. Jeronymo, a rasoura da cabeça representa o desprezo do mundo. Por onde tem obrigação os monges de fazerem a insignia do seu estado verdadeira despresando tudo o do mundo, que por isso trazem maior corôa que os clerigos seculares.

A terceira razão foi: para que trouxessem sempre no pensamento a liberdade de espirito, que alcançavam em se fazerem

Foram depois medrando prodigiosamente, apezar de muitas outras ordens se estabelecerem n'este territorio, mas os bentos foram sempre progredindo a ponto que a casa principal d'esta Ordem em Lisboa era a que hoje serve de—Palacio das Côrtes. E os bentos tiveram dinheiro para erigirem aquella casa monumental, e o Governo portuguez ainda o não teve para mandar acabar a fachada d'aquelle edificio, que devemos aos frades.

Diz tambem o chronista fr. Leão de S. Thomaz que a primeira casa que a ordem de S. Bento, possuiu, se dividia, em monges pretos e monges brancos, segundo a côr da cogulla que trajavam.

E apezar d'estas duas ordens terem por pae espiritual ao mesmo patriarcha S. Bento, nem por isso deixaram de se odiar uma á outra, e de se motejarem com apodos e dicterios ridiculos. E a mesma galhofa houve mais tarde entre os bernardos.

E tambem nãodeixaram d'apparecer as descompostu-

---

servos d'um senhor, a quem servir, como convem, é reinar, sendo captiveiro servir ao mundo.

A quarta razão : porque como os cabellos da cabeça dão signaes de temor e medo, por se arrepiarem nas mais graves oc casiões d'elle, como disse o poeta Virgilio, quiz o glorioso patriarca que seus monges pozessem de parte quasi todo o cabello da cabeça para lhes dar a intender a obrigação que tinham de lançar fóra o medo, e temor servil, procurando servir a Deus como filhos em estado de perfeita caridade, cujo proprio effeito é lançar fora o temor, como disse S. João.

A quinta foi : para que trazendo uma corôa grande, andassem sempre coroados com grandes esperanças da corôa da gloria.

E a ultima razão fel-a: para mostrar, que o religioso é um sacrificio, e holocausto perfeito.» Fr. Leão de S. Thomaz: Benedictina Luzitana, tomo I, pag. 67. Coimbra, 1644.

ras e diatribes do costume sobre quaes tinham sido os primeiros habitadores de Lorvão: Eremitas de S. Agostinho ou Bentos?

E o padre mestre fr. Leão de S. Thomaz não deixa, como uma cousa bem trivial n'aquelles tempos, de dirigir graças pezadas aos eremitas de Santo Agostinho, cujo chronista dissera ter existido em Portugal um rei por cognome—*Orelhão*.

Mas effectivamente a historia dos frades é um assumpto amenissimo.

A quem devemos historias mais chistosas de que aos frades?

A quem devemos tantos e tantos livros tão honrosos para a litteratura portugueza?

Quantos milhares de frades não morreram nas nossas conquistas e navegações?

Quantos frades artistas insignes?

Quantos frades bons pintores!

Quantos frades grandes musicos?

Quantos frades grandes compositores de musica?

Quantos frades, em nossas guerras com os castelhanos, não lhes chegavam ao pello, que dava gosto o vêr como n'um abrir e fechar d'olhos um hespanhol ficava espichado no campo de batalha!

E como eram estrondosas as festas a S. Gonçalo, no Porto!

No dia 10 de janeiro, em que a egreja celebra a festa de S. Gonçalo d'Amarante[1] costumavam os officios de latoeiro e de correeiro da cidade do Porto, fazer uma grande festividade aquelle Santo, que era o seu orago, no templo da Sé d'aquella cidade.

---

[1] Houve outro S. Gonçalo, de Lagos. A este faziam os gracianos, pois o santo fôra da sua ordem, grandes festividades.

Depois da festa, e de tarde, formava-se um leilão de fogaças, e outros objectos fóra da porta principal, a que concorria immensa multidão de gente.

Então as raparigas solteiras e as viuvas, que pretendiam noivo, entravam em grande rancho pela egreja dentro, e em frente do altar do Santo, se punham a dansar e a cantar em côro:

> Casai-me, casai-me,
> S. Gonçalinho,
> Que hei de resar-vos,
> Amigo Santinho.

E passava-se isto no Porto com grande prazer dos habitantes da cidade

Havia tambem por essa occasião, e no mesmo templo a dansa das regateiras, mas esta era ainda mais indecente.

Taes dansas, só foram prohibidas em mil oito centos e quarenta e tantos.

Porem, ao templo de S. Domingos, concorriam tambem as regateiras e outras mulheres da mais reles classe. As cantigas eram as mesmas em frente da imagem do Santo, mas as posturas, posições, gestos e ademanes eram os mais lubricos e desenvoltos possivel. E tudo accompanhado de grandes alaridos e berreiros.

No dia 5 de março tambem se passava annualmente uma scena muito notavel na referida cidade do Porto.

O logar da scena era a egreja de S. Bento, dos frades.

No altar collateral da direita, de hora em hora, estava um frade resando os exorcismos e orações do levantamento da excommunhão. No fim das quaes sahia pela egreja abaixo, batendo com umas varinhas de marme-

leiro, presas na extremidade d'uma comprida canna, em as pessoas, que de joelhos queriam receber esta ceremonia.

E, como quasi sempre os frades se excedessem um pouco, deu isso logar a algumas scenas indecentes, sendo por fim necessario ir uma guarda de policia para a egreja, pois os frades não quizeram nunca quebrar por si, deixando de fazer a ceromonia.

Na egreja parochial da Victoria, no Porto, succedeu o seguinte caso: Certo frade pregador tomou por texto do seu sermão esta passagem do Evangelho:

Eu chamei o peccador... e como a memoria de repente lhe faltasse, ficou algum tempo calado no pulpito, depois de ter por tres vezes repetido as mesmas palavras.

Um individuo, porem, que se achava presente, julgando que o prégador esperava por alguem, e vendo que já era grande a demora, gritou-lhe: «Pois, senhor padre prégador, se esse peccador não vem, chame outro, porque já se vae fazendo tarde.»

Certo sugeito, indo á portaria do extincto convento (hoje quartel de cavallaria) de Sá, na cidade d'Aveiro, pediu á madre rodeira que lhe desse um pucaro com agua. Andava esta desejosa de o excluir d'alli para fóra, por ser freiratico em excesso. E, parecendo-lhe que desconfiaria, lhe mandou um pucaro com agua em salva de prata, e para um lado alguns grãos de cevada. Pegou elle no pucaro, bebeu, e depois deitou-o no chão, assim como a cevada, e disse para dentro da roda:

«Saiba v. s.ª, que a fome da besta era tão grande ou maior que a sede, porque até roeu a mangedoura.»

E, mettendo a salva na algibeira, se retirou.

Disparando-se uma peça de artilharia grossa na pôpa d'uma nau da India, quando lançava ancora no Tejo,

rebentou e levou parte da varanda, matando uma escrava, e ferindo muita gente.

Disputou-se sobre qual seria a causa de rebentar aquella peça, e resolveu-se que fôra o cartuxo, e que não podia ser outra. [1]

Ao que disse muito espantado certa pessoa grave:

Não se podem, senhores, soffrer os frades, que em tudo se querem metter, sem experiencia. como este frade cartuxo, que fez rebentar a bombarda!»

Um cidadão de certa côrte, irmão de outro, que tinha sido queimado por hereje, foi a Roma com o embaixador do seu rei.

E, sendo admittido a beijar o pé de sua Santidade, lhe perguntou o papa:

«Que era o que lhe pedia em graça?»

Ao que respondeu:

«Peço a vossa Santidade que me excommungue de sua propria bocca.»

Estranhou o pontifice a supplica, mas o requerente proseguiu:

«N'uma estalagem, quando agora vinhamos, quizeram fazer lume, para que se aquentasse o embaixador. E não sendo possivel accender-se a lenha: houve quem exclamasse parece que estás excommungada da mesma bocca do papa.»

E assim, se vossa Santidade me excommungar de sua bocca, não me poderão queimar, como fizeram a meu irmão.

Pediu certo individuo a um pintor que lhe fizesse um

---

[1] Tambem houve cartuxos em Portugal. Perto d'Oeiras tinhamos o mosteiro de cartuxos de S. Bruno, cuja egreja fôra fundada no anno de 1614.

quadro, que representasse as onze mil virgens, e no qual sobresahisse o retrato de Santa Ursula.

E ajustou com elle dar-lhe um tanto por cada uma.

D'alli a poucos dias trouxe-lhe o pintor o quadro, que representava uma egreja, da qual vinham sahindo muitas mulheres, que elle dizia serem as onze mil virgens.

Porem, contando-as o sujeito, não achou mais do que cem.

Zangado disse o freguez ao pintor, que tinha faltado ao que promettera, pois alli não estavam todas.

Mas o pintor, fingindo-se enfadado, exclama: Mas, Vossa Senhoria não póde ver as outras, respondeu o pintor, porque estão dentro da egreja.

Muito bem, replicou o outro. Pois eu lhe pago o que ajustamos por cada uma das que estão cá fóra: e o resto dar-lh'o-hei, quando as outras houverem sahido.

Certo portuguez que tinha acompanhado a Londres a princeza D. Catharina, filha de el-rei D. João IV e esposa de Carlos II d'Inglaterra, deixou-se ficar n'aquella cidade, quando a rainha, depois de viuva, voltou para Portugal.

Este homem dominado pelo interesse, abraçou a religião protestante.

E a sua apostasia foi recompensada com uma pensão de quinhentas libras esterlinas.

No dia, em que se realisou a ceremonia publica, muitos bispos e fidalgos inglezes, que a ella assistiam, o felicitavam pela sua conversão, attribuindo-a á intima convicção, em que elle estava, de que a religião protestante valia mais que a catholica.

«Enganai-vos, lhe respondeu elle despejadamente: eu troquei a religião catholica pela lutherana, e recebi de tornas uma pensão de quinhentas libras. Logo a religião catholica vale muito mais que a vossa.

Tinha este principe em Roma uma excellente quinta com grande palacio, bellos arvoredos, fontes e jardins, e em sitio de mui linda vista, e de ar muito sadio, que n'aquella cidade é prerogativa não commum.

Mandou a um celebre pintor que lhe fizesse um quadro da melhor vista da quinta, e, sobretudo, que lhe pintasse a pureza e salubridade do ar.

Fez e levou o artista a sua pintura completa e brilhante, e com o céu mui sereno e agradavel.

Approvou-a o principe no mais; porem queixou-se de não vêr n'ella pintada a bondade do ar.

Tornou a levar o pintor a sua obra, e accrescentou n'ella o sol pondo-se, e dois religiosos de certa ordem, conhecida por mui prudente e cautelosa, sentados n'uma pedra, resando nos seus breviarios, e com as cabeças descobertas. Enfadou-se novamente o principe, não vendo no quadro manifesta a bondade do ar. Então o pintor lhe disse: «Parece-lhe a Vossa Excellencia, se o ar não fosse bom e saudavel, estariam aquelles dois frades alli com as cabeças descobertas, e no crepusculo da tarde?

Rendeu-se o fidalgo á verdade e força d'este argumento, e pagando o painel, o estimou como devia?

Ah! E quantas vezes não esteve tambem o auctor d'este livro, descarapuçado e sentado, ou á borda do Tamega, ou do Douro, nos annos de 1853, 54 e 55, acompanhado de um frei Antonio, que fôra frade no convento de Santo Antonio dos Congregados, e narrando-me elle centenares de casos de frades e freiras! contando-me muito por miudo como fôra a briga entre D. Miguel e D. Pedro!

A esse congregado devo o gosto que tomei á leitura das historias fradescas!

Como elle (pois era frade liberal, e este epitheto diz

tudo) me contava as gaiatices dos franciscanos e dominicanos do Porto, e como elle narrava por miudo como da meia noite por diante um guardião ia, ás descancaras, abrir uma porta para entrar o mulherio para dentro dos conventos!

E como elle narrava pittorescamente o odio que os frades loyos, sempre soberbos e orgulhosos, tinham aos humildes franciscanos!

E, como estes se vingavam, fazendo, sempre que podiam, travessuras aos loyos!

Ah! E como a vida passa tão veloz!

Como ainda me parece estar hontem sentado n'um barco, e vendo os pulos, corridas, e folestrias dos peixinhos no Tamega, onde a agua é tão transparente e de tão pouca altura que, querendo de um barco, podemos ver quasi todo o viver dos peixes!

Que silencio nas tardes de verão, só despertado de vez em quando pelo som da busina dos barcos rabellos, chamando as pessoas que mandaram vir encommendas, para virem recebel-as á praia!

E como geme a espadella do barco rabello, que vem do Alto Douro com um carregamento de trinta ou quarenta pipas, e mais não, pois a falta d'agua não permitte no verão que possa navegar um barco com um carregamento de setenta ou oitenta pipas.

E como os rapazes da praia gritam para os do barco: O' senhor arraes, quantas pipas leva o seu barco...

E como os tripulantes, já fornecidos de pedras para tal fim, as disparam aos rapazes!

E quando a gente ás poeticas Ave Marias, ouvindo o som sonoro e argentino da sineta da capella de Santo Antonio de Ribeiro se descarapuça, e todos, em pé rezam as Ave Marias, tão poetica saudação á Virgem.

E a gente olha para as encostas das duas margens do Douro, e vê dezenas e dezenas de columnas de pardacento ou negro fumo, erguendo-se para o Ceu.

São as pobres mulheres que estão preparando o pobre caldo de feijões e couves, para os filhos e maridos que vem regressando do trabalho.

Mas comeriam tambem ás Ave Marias feijões e couves aquelles frades bentos d'Alpendureda, cujo convento tão esbelto se ergue n'uma cumeada á borda do Douro, do que talvez lhe proviesse o cognome d'Alpendurada?

Não é possivel.

Os frades modernos já não eram (com bum poucas excepções) os virtuosos frades antigos.

Eram em geral uns mandriões e uns regalões.

Mas apezar d'isso deviam ser reformados, mas não extinctos, pois tinham prestado grandisssimos serviços, e ainda os poderiam continuar a prestar, quando bem dirigidos e encaminhados. A elles devemos muitos e muitos serviços, e se por aquelles tempos antigos não tivessem existido frades, com certeza que tambem não tinhamos historia de Portugal, pois n'aquelles boliçosos tempos só os frades tinham ocio e serenidade d'espirito para a poderem escrever.

Mas não se ergue alli sómente a historica Alpendurada, não muito distante lá temos a Villa Boa do Bispo, com seus antigos tumulos.

Por alli ainda se encontram restos d'aquellas antigos tempos do Portugal Velho. Ainda ha ingenuidade e sinceridade!

Ha tambem um suavissimo e dulcissimo odor causado por aquellas mattas densissimas de murta, cuja alvejante flôr é delicada a mais não. E para matiz temos o verdejante medronheiro com o seu fruto encarnado.

Outra buzina ouve o leitor: mas agora já não é o barco rabello gemebundo. Agora é um ligeiro barco que suavemente enramalhetado deslizando agua abaixo, se annuncia com uma bozina. É um batel que anda vendendo carne de carneiro, ou aos barcos que vão passando, ou ás pessoas das margens que a veem comprar á borda do Douro. Ah! como as rapozas ao som das pás, fogem pela serra acima!

Mas é alta noite, e vemos uns pequenos luzeiros no alto da encosta. Para que servirá aquillo?

São pinhas acezas, e postas em cima do muro, que circunda o adro da egreja de S. Lourenço do Douro. São pinhas acezas, fazendo as vezes de lanternas, ou luminarias em dias de gala.

São um signal evidente de que n'esse dia o rei ou a rainha fizeram annos. O costume é anti-diluviano, mas tambem a pobreza é franciscana.

Mas ouvi, escutai, não ouvis o Zé Pereira! Ah! Como o som repercute pelas encostas e quebradas das serras! Como aquillo é bonito. Temos festa em Santa Clara do Torrão.

Pois iremos a ella.

E haveis de vir amigo leitor. Mas vinde cedo.

Ah! Lá vae o pregador para o pulpito, e puxa d'um papel.

Já sei o que elle vae fazer.

Vae ler a lista do juiz, juiza, mesarios e irmãos para identica festa no anno immediato!

Francisco Pedro Camartião, juiz.

Terrum, terrum, terrum!

Terrum, terrum, terrum!

Terrum, terrum, terrum!

D. Carlota Amelia Lima, juiza!

Terrum, terrum, terrum!

Morgado da Seara, thesoureiro.

Terrum, terrum, terrum!

Mas no adro da Egreja, em frente d'um tumulo, ouvia-se Pum! Pum! Pum! Eram os morteiros arrebentando.

Mas aquellas festas não são abrilhantadas com as crueis touradas, como succede na provincia da Estremadura, mas sim com lindos fogos de vistas, encantos d'aquella gente. E n'ellas nunca falta o ruidoso Zé Pereira.

O povo é immenso. Lá estão em cima de carros as pipas enramalhetadas para, despejado em canecas, venderem vinho ao povo, lá estão os bolos proprios da terra, lá está o amor, lá está a amisade, alli estão restos das virtudes, que datam dos tempos de Isaac e de Jacob. E lá vae a vistosa procissão com suas bandeiras e guiões subindo a ladeirenta encosta.

As mulheres mesmo ricas, e com centos de mil réis em oiro ao pescoço, e com secias usadas no tempo do marquez de Pombal, hoje dançam com as amigas, e os variegados socos não as fazem cahir, e amanhã descalças e desataviadas vão com a emphusa á cabeça buscar agua á fonte, fazendo lembrar os tempos homericos ou biblicos, até no pouco numero de crimes que por aquelles sitios se commettem.

Tal é o sitio em que se ergue o templo de Santa Clara do Torrão, Eja, S. Salvador de Magrellos, e tantos e tantos simples, mas antiquissimos templos reveladores das profundas crenças de nossos antepassados.

E taes seriam talvez com pouca differença, os costumes n'este solo, quando se fundou o primeiro mosteiro pertencente á ordem de S. Bento, e esse templo parece com effeito ter sido Lorvão, todavia muito outro, do que foi passados seculos.

E o amigo leitor que me perdoe tão extensa digressão.

Foi o enthusiasmo que arrebatou a um velho, lembrado dos tempos da sua mocidade.

Foram as recordações historicas, que ellas por aquelles sitios pouca ruina teem padecido, que me vieram á lembrança. Ah! A esplendida quinta de Ribeiro, Alpendurada, Espadanedo, Caria, jámais se apagarão da minha lembrança!

Mas como o Douro é um no tempo do verão, e outro no do inverno!

No inverno tudo leva adiante de si, e nada lhe póde resistir: no verão é manso como um borrego, mas ainda assim nada de fiar n'elle.

Veem de vez em quando as aguas das trovoadas, e ellas tornam o Douro, mesmo então, de tal modo impetuoso que difficilmente se encontrará cousa que lhe possa resistir.

Vereis por alli as pedreiras reduzidas a cascalho, tão fortes foram as trovoadas que sobre ellas se despenharam. E vereis na rocha a imagem da Senhora da Cardia, pela qual ninguem passa sem se desbarretar e fazer oração.

E vereis como os frades d'Alpendurada se podiam regalar com os deliciosos saveis, tão frequentes por aquelles sitios, e que com tanta facilidade se apanhavam nas pesqueiras.

E eis porque não deveis considerar os frades infelizes ou desditosos.

Todavia é de crer que um ou outro se julgasse desditoso e infeliz, pois é proprio do homem nunca estar contente, e julgar-se sempre um desditoso, pensando hoje d'um modo, e ámanhã d'outro. Sempre voluvel e sempre inconstante.

O REAL MOSTEIRO DA BATALHA

El-rei D. Fernando tinha-se finado deixando apenas uma filha D. Beatriz, casada com D. João I rei de Castella. A autonomia de Portugal parecia irremediavelmente perdida. Leonor Telles, a rainha adultera, conjunctamente com seu amante, trabalhavam para entregar o paiz aos Castelhanos, mas o mestre d'Aviz, o filho natural de D. Pedro, *o crú*, põe-se á testa dos populares, e tendo do seu lado João das Regras e Nuno Alvares Pereira, não sómente salvam o paiz, mas até mesmo dão começo á mais brilhante epocha da Historia nacional.

«... já era horas de vespora, quando os Castellães foram prestes de todo, e na batalha ordenada, a qual era tão grande, e assi fermosa de vêr, que os portuguezes não pareciam mais ante elles, que o lume d'uma pobre estrella ante a claridade da lua em seus perfeitos dias.[1]

---

[1] Fernão Lopes: Chronica Delrey, D. Joam I de boa memoria. Lisboa, 1644, tom. II. cap. 42.

O condestavel de Portugal andava em cima d'um cavallo; por entre sua vanguarda e alas de uma parte para a outra, com um escudo no braço da parte dos inimigos, por receio dos virotões que d'alguns logares vinham, e não sómente lhe chegavam ali, mas d'elles passavam ás azes, e feriam na carriagem homens, e moços, e bestas, e isto por vêr se cada um estava corregido n'aquella boa e sagaz ordenança, em que elle primeiro os puzera: dizendo, que todos andassem muito passo, quando os Castellãos movessem, e ao juntar estivessem quedos, e firmassem bem os pés, tendo as lanças direitas, e apertadas sobre o braço mais prolongadas que podessem. e quando os inimigos chegassem, puzessem as lanças em elles de guisa, que pendessem, e então botassem quanto podessem, e os que estivessem detraz, que chegar não podessem com as lanças que botassem os outros ante si: louvando-os com bom e ledo semblante, e esforçando-os, que não temessem sua multidão, nem suas ameaças, que mostravam com seus apupos e alaridos, ca todo era um pouco de vento que d'ahi a breve espaço havia de cessar: e que fossem fortes e esforçados, havendo grande fé em Deus, por cujo serviço ali eram vindos, defendendo justa querela por seu reino e sua santa egreja, e que a Madre de Deus cuja vespera então era, seria avogada por elles: dizendo que aquelle era o bom dia que todos desejavam, por alcançar muita honra em que seus grandes trabalhos haviam de cessar por victoria, e com suas doces palavras compridas de grande esforço, não cessava de os visitar, emquanto as batalhas estavam quedas, andando com este cuidado, anteque se a batalha começasse.

O conde Dom João Affonso Tello, que era na vanguarda dos Castellãos lhe mandou de Gages por um escu-

deiro em desafiação uma espada d'armas guarnecida, e o conde a recebeu ledamente e lhe mandou de retorno uma boa facha de chumbo. El-rei isso mesmo na reguarda: hu estava, segundo põem aquelle doutor no capitulo *Post haec Rex Portugaliae*, depois de sua confissão muito cedo feita e recebido o Santissimo Sacramento, e a bêção do Arcebispo, tomou devotamente o sinal de S. Cruz, põedo-o em seu peito de cor vermelha e aos seus mandou que assi o fizessem: estonce usando do costume de Judas Machabeu, como diz aquelle Doutor, começou de esforçar aos seus, dizendo a todos: Amigos, nom, embargando, que nossos inimigos venhom a nós com grande multidam, como vedes, nom queirais temer o espanto, que poem, como vos ja dissemos: mas sede fortes e non temais nada: pois que ligeira cousa he ao Senhor Deus subjugar muitos nas mãos de poucos, e pois elles veem a nos com grande soberba e desprezamento por nos destruir e roubar, e tomar molheres, e filhos, e quanto nos acharem: e nos por nossa defensom e do Reyno, e da nossa Madre Sancta Igreja, pelejamos com elles. Vos vereis hoje como todos seram vencidos e desbaratados ante nos: e porem em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia de manhã he, sejamos todos fortes e prestes para tomar d'elles vingança; a qual temos tanto á mão, como todos bem vedes.» O arcebispo de Braga outrosy sendo bem armado avendo antesy a Cruz de prata levantada, com que costumava visitar as Igrejas, e non quedava de prover, andando de huns em outros esforçando-os e absolvendo-os todos, confirmando-lhes as perdoanças, que o Papa Urbano Sexto outorgava contra os scismaticos, increos, reveis contra a Sancta Igreja, dizendo a todos, que tanto que começassem a ferir nos imigos, que fossem lembrados de dizer a meude ET VERBUM CARO FACTUM EST;

e alguns simpres e ignorantes, que esto non entendiam perguntavam, que queria dizer aquillo? E outros por sabor respondiam, que queria dizer, *muito caro feito he este, verdade he* (diziam elles) *mas prazerá a Decs que o tornará hoje de bom mercado.* Na hoste d'el-Rey de Castella era muito per contrairo, ca alli nom avia mister dar esforço a nenhuma gente, nem outra fouteza para pelejar: ca todos aviam a batalha por vencida, e por sandeos e desesperados os Portoguezes, que a esperavam; sómente tinham sentido como os aviam de matar, e cuidar do que fariam dos que tomassem cativos, dos bispos que hi vinham e alguns frades pregadores outorgavam indulgencias da parte do Antipapa a todos os que contra portoguezes tomassem armas, ou dessem ajuda daquelle, que tivessem para lhe fazerem guerra, e anteque as batalhas começassem dajuntar; alguns homens de pé portugoezes ata trinta, com medo e fraqueza de coração, sahiram-se dantre a carriagem: hu foram postos com outros por guarda della, pera fogir pera Porto de Mós, e os ginetes de Castella, que andavam arredor da carriagem, viram-nos sahir e seguirão-nos: e elles cuidando descapar acolhiãose a huns vallados cobertos de sylva e alli os matarom, como porcos á calcada: que non ficou nenhum: a qual cousa constrangeo os daquella parte a cobrar esforço e nom fogir dizendo; que ante queriam morrer como homens, que os matarem, como aquelles que fogiam.

Em esto a vanguarda dos imigos de gentes muito guarnecida e de fortaleza mais abastante, começou de se fazer prestes para mover sua batalha: e sendo já o dia tam derribado, que passavom de horas de véspora, e perô tantos fossem e bem corregidos, ainda se nom atreverom de os cometer com armas, sem primeiro tirar com huma az de tiros, que ordenada tinham diânte, por

os espantar, e fazer fogir; nos quaes posto o fogo e desparando algumas pedras delles, nom fizerom nojo, e outras empeçaram de ma maneira, ca hua deu na vanguarda do Condestabre, e matou dous escudeiros, ambos Irmãos juntamente, e outra deu a hum estrangeiro e estes tres foram mortos dellas; a qual cousa foi aos Portuguezes grande espanto, e avido por esquivo começo, e hum escudeiro da companhia dos Portoguezes, vendo o temor, que desto tomavom, disse: que nom avia porque se espãtar, ante o deviam ter por sinal que Deos lhe queria dar a victoria da batalha, porque elle lhe affirmava certamente que nom avia oito dias passados, que elle vira aquelles dous homens entrar em hua Igreja, e matar hum clerigo, que con ella estava revestido dizendo missa: e pois que elles a Deus nom catarom reverenria elle obrando de seu direito juizo nom queria que tam maos Christãos ouvessem de ser quinhoeiros na victoria e honra que a elles o dito Senhor tinha outorgada, e quando todos que alli erõ presentes esto ouvirõ sêdo em certo conhecimento por aquelle escudeiro da maldade, que aquelles mortos avião feito, ouverom este juizo do Senhor Deus por grande esforço e filharom grande ardimento pera proseguirem contra seus imigos a tençom, que começado tinham. Entom dando ás trombetas muy rijamente com grandes apupos e alaridos, brandando todos *a ellos*, *a ellos*, começou de desapparecer o campo sob a grande espessura d'elles.

E abalando com orgulhosos passos, e trigoso desprezamento, vinham os portoguezes todos diante, e o conde Dom Johão Affonso Tello ante elles com uma lança d'armas da ventagem, e outra nas mãos como ardido cavaleiro, e em passando começaram de se fazer ficadiços uns tras outros, assi das azes, como das alas, de guiza que a sua vanguarda, que era muito mais com-

prida, e as alas tam grandes, que bem podiam abraçar a batalha dos portoguezes, ficou tam curta d'aquella guisa, que a de Portogual tinha ja vantagem d'ella, e ficou assi grossa, e ancha em espessura de gentes, que avia um lanço de pedra dos primeiros aos dianteiros.

Esta foi especialmente em direito da estrada, por hu custumavam caminhar em tanto que a vanguarda, e reguarda se fez toda uma. Os portoguezes, como os viram abalar, começaram avivar os corações, pera os receber com bom esforço, dando ás trombetas moverem passo, e passo em sua boa ordenança, o Condestabre ante a sua bandeira e assi cada um como lhe foram mandados; seu apellido a altas vozes era *Portogal*, e São Jorge, e dos imigos Castilla e Santiago.

Avantajouse Gonçalo Annez de Castel da Vide, que prometteu primeiro ferir de lãça, e foy derribado, e accorrido, e levãtouse, e ao ajuntar das azes pozeram as lanças uns nos outros ferindo e puxando quanto podiam, e os piões e besteiros lãçando em tanto muitas pedras, e virotõens de uma parte á outra. Em esto os ginetes dos imigos provavão ameude dentrar na carriagem dos Portuguezes, mas tudo achavam apercebido de guiza, que lhe nõ podiam empecer. E se em este passo achardes escrito, que os Castellãos cortaram as lanças, e as fizeram mais curtas de que trazião, avey que he certo, e nom duvideis, porque elles cuidavam de pelejar a cavallo, e quãdo virom a batalha pé terra, por se desembaraçar, e ajudar milhor d'ellas, as talharom, o que lhes depois mais empéceo, que aproveitou, e leixadas as lanças das mãos que a uns e outros pouco fez nojo, e jazendo um grande vallo dellas ante uma az, e outra, vierom ás fachas, e espadas darmas, nom desta grandeza do

tempo dagora, mas tamanhas como espadas de mão, grossas e estreitas, e chamavomlhe estoques e o primeiro logar, hu começarom de pelejar, foy junto com a bandeira do Condestabre, hu ora está huma pequena Igreja de São Jorge, que elle depois mandou fazer.

Alli se encendeo huma forte e crua peleja ferida de golpes, quaes os homens tem em costume de dar, e nom quejandos alguns escrevem. Pera que dizemos golpes, nem forcas, nem outras rasões compostas por louvor d'alguns, nem afermosentar historia, que os sezudos nom hão de crer, de guisa que destorias verdadeiras façamos fabulosas patranhas, abasta que de huma parte e doutra eram taes e tamanhos golpes como cada hum podia apresentar a aquelle, que lhe cabia em sorte; de guisa que os muitos por subjugar os poucos, e os poucos por se verem isentos de seus imigos, lidavam com toda sua força: sêndo a sua az grossa daquella maneira, e a dos portuguezes pequena e singella; e nom a podendo sofrer foy rota por força a sua vanguarda, e entrada poderosamente dos imigos, e aquelle magote de muita gente, que dizemos, abriu um grande e largo portal, porque entrou a mor parte delles com a bandeira Del Rey da Castella, e acerca da do condestabre, hu foy a mor força da peleja.

As alas, donde era Mem Rodriguez, e a outra de Antam Vasques, quando esto viram, dobraram sobre elles, e ficaram estonce entre a vanguarda, e a reguarda, hu uns, e os outros pelejarom muy de vontade, de guisa que o som dos golpes era ouvido muy grande espaço a redor e a ala dos namorados, que elles cuidaram desbaratar primeiro de todo, aqui foy avido dobrado afã e peleja, hu Mem Rodriguez foy muito ferido, e seu irmão e outros fidalgos daquella parte, mais que em outro logar.

El-Rey, quando vio a vanguarda rota, e o conde em tamanha pressa, com grande cuidado, e todos com elle, abalou rijamente com sua bandeira dizendo alta voz com grande esforço.

Avante, avante, São Jorge Portugal, São Jorge Portugal, que eu são El-Rey E tanto que chegou, hu era aquelle aspero e duro trabalho, leixadas as lanças, de que se pouco servirão, por azo da mistura da gente começou de ferir de facha, e assi desenvolto e com tal vontade, como se fosse hum simples cavalleiro, desejoso de ganhar honra, e fama, e veu a elle por aquecimento Alvaro Gonçalves do Sandoval bê mancebo, e de bom corpo ardido cavaleiro, casado daquelle anno, e como El-Rey alçou a facha decendo para lhe dar, elle recebeo o golpe, e travou por ella, e tirou tão rijo, que lha levou das mãos, e fazeo ajoelhar dābolos giolhos, e foy logo levantado, muito azinha, pero sobreveiu o nobre Martins Gonçalves de Macedo, homem fidalgo, que bem servia El-Rey em estes trabalhos; e quando Alvaro Gonçalves alçou a facha pera lhe dar, El-Rey esperou o golpe, e tornoulha a tomar per aquella guiza, e quando lhe quizera outra vez dar, jazia já morto, pelos que eram presentes, que o mais apressa fazer nã poderem, porque cada hu tinha assaz que ver em si: e sendo a batalha cada vez mayor e muy ferida dam balas partes, progue a Deus que a bandeira de Castella foy deribada, e o pendão da devisa com ella. e alguns Castellãos começaram de voltar atraz, e os moços Portuguezes, que tinhom os bestas, e muitos dos outros, que eram com elles, começaram altas vozes a bradar, e a dizer, *ja fogem, ja fogem*, e os Castellãos, por non fazer d'elles mentirosos, começaram cada vez de fugir mais.

El rey de Castella olhando a batalha, e vendo que a

fortuna de todo em todo era favoravel aos portugueses de guisa, que sua bandeira era já abatida e muitos dos seus voltavām atraz, e se acolhiam ás béstas, que achavam, por averem mais toste de fugir, trigouse como quem nom sinte dor, por logo partir; ante que mais visse, como se perdia a batalha de todo, e deceo da mula; em que estava, e puzerōno em hum cavalo, em que á pressa começou de andar, nom bem acompanhado, e cheo de temor, e levou direita estrada caminho de Sanctarem.

O bom do Vasco Martinz de Mello, que devotara prender El Rey de Castella, ou lhe poer as mãos, seguiu o alcanço acerca de legoa, por sua promessa fazer verdadeira ; e só sem outrem, emsima de hum cavalo, por chegar a elle, meteose antre as gentes, que o acompanhavam ; e sendo conhecido pella Cruz de São Jorge, que era Portugues, foy logo morto por sua não sagaz ardidesa.

El Rey continuou seu caminho, sem fazer detença, e cançou aquelle cavalo, e derom-lhe outro, e tendo andadas onze legoas e meia, que avia donde partia a Sanctarem, chegou ao logar á mea noite sobre aquelle cavalo, em que em Sanctarem entrara, quando a primeiramete cobrou e poucos com elle, por lhe cançarem as bestas, e batendo os seus á porta do Castello, que viessem abrir a El Rey, Rodrigo Alvarez de Santoyo, sobrinho de Diogo Gomez, que em elle ficara por seu tio; nam crendo que era assi, e duvidandoo muito, nom queria vir abrir, atáque El Rey disse, que viesse abrir, que elle era El Rey.

Rodrigo Alvarez, quando na fala o conheceo, veyo á pressa abrir a porta; El Rey entrou cō o rosto encuberto, como vinha, e assentouse em hu banco muyto cançado; com gesto fora de toda lêdice: e porque elle era

doente de tremor, e aquelle dia fora o da sazão, emadia a dor a sua tristeza muito mais nojoso sebrãte : E estando assi hum pouco, nom lhe ousando nenhum de falar, alçousc rijo, e começou de andar rezoando consigo amarelandose muito, e dizenoo, *O Deos, que máo Rey, e sem ventura!*

O Senhor, dame morte aqui hu estou, pois non ouve ventura de morrer com os meus! E movendo tezo cõtra hua parede, deu cõ as mãos nas faces, e quedas as palmas no rosto, poz a cabeça na parede, e chorando dizia *O bons vassallos, e amigos, que mao Rey, e mao parceiro tivestes em mim, que vos trouve todos a matar e non vos pude acorrer, nem ser bom?*

O Deos, porque te aprougue leixar hum Rey tam só, e tam desamparado de tantos, e boons, como ey perdidos?

Vivirey lastimado em todos meus dias, e mais me valia a morte que a vida: *O senhor*; *porque me leixaste vencer, e de quem?*

E serem mortos tantos, e tam bons fidalgos, e em mãos de quem?

Bem posso dizer, que em ma hora vim a Portugal, poisque fiquei Rey sem gente.

E em dizendo esto virou o rosto pera os outros, e pareceo que esmorecia, e elles chegaram-se a elle e disseram :

O Senhor, que esforço he este, que vos dais aos vossos, que ficarom? pensais vos, que nom ha inda fidalgos, e gente em Castella, que com ajuda de Deus, e vossa podereis cobrar a honra, que perdestes?

Elle cuidãdo, que todolos seus erom mortos, respondeu, e disse, *Se Castella fora perdida, e os meus vassalos ficarom, eu entendera cobrar com elles toda Castella, e Portugal*: *mas pois que todos meus fidalgos*

som mortos; eu ey perdido de todo Portugal, e Castella posta em ventura: assi que tam avergonhado Rey como eu, mais lhe valera a morte que a vida. Em dizendo esto tornouse a assentar, e pedio que lhe tornassem hua sopa pera comer, e Gomes Peres de val de Ravanos, que tinha carrego de outra fortaleza, que chamão Alcaçova, que logo hi chegou, como esto soube: quando vio ElRey assi cuidoso, que adur podia comer aquella sopa, começou a fallar e disse.

O Senhor, que desesperaçom he essa: que asi tomais?

Porque estais assi triste, e tão nojosa continencia mostrais aos vossos?

Pensais vos, que esto, que agora vos aveio, non aconteceo ja a outros Reys, e senhores no mundo?

Certamente nom sois vos soo, ao que primeiro esto aconteceo: Pois pera que he tomar sobeja tristeza, que vos nom pode dar nenhuma vingança?

E hum tam alto Rey: como vos, desejar assi a morte, he quebrardes os coraçoens de quantos vos ouvirem?

Melhor esforço queria eu que vos tivesseis. Tomay exemplo Del Rey vosso padre, que, pero foy desbaratado, como sabeis, nunca por isso perdeo coraçom: ante mostrava, que nom dava nada por ello, e encaminhou: como podesse vingar sua deshonra; e pelejou com as gentes Del Rey seu Irmão, de que ja era vencido, sendo elle de presente: e desbaratou os: e fogio El Rey, e tomou-lhe o Reyno, de que vos ora soys Rey, e senhor: e vos esto exemplo tomay, e se ora fostes vencido, nom vos moura por isso a vontade, mas trabalhay como vingueis vossa deshonra, como ja fizerom outros, a que aconteceu semelhavel desventura.

El Rey quando esto ouvio a modo descarneo, começou de dizer contra elle.

E vos cuidais ora de me confortar por esso que me dizeis?

E vos nõ aveis poder de me dar conforto, vos, nem quantos aqui estais, por muitas rezoens, que possais dizer, porque huas cousás nom sam semelhantes ás outras. E pensais vos, que nom sey eu que a muitos Reys e senhores aconteceo já esto, que ora a mim aveo?

Nom som tam simprez, que esto non entenda, e se vos dizeis que outro tal aconteceo a meu padre, verdade he, que assi foy, mas rogovos que me digais: de que homens e gentes foi meu padre vencido?

Foi o do Principe de Gales, que era hum muy grande senhor, e tam bemaventurado, que pelejou com El Rey de França, e o venceo; e levou preso a Inglaterra: e de que gentes foi meu padre vencido?

Foi o dos Ingreses, que som frol da cavalaria do mundo, em tanto que vencido por elles nom leixava de ficar honrado. E de quem fuy eu vecido, e desbaratado?

Fuyo do Mestre de Avis de Portugal: que nunca em sua vida fez cousa, que montasse, que pera dizer seja, e de que gentes fuy eu vencido?

Fuyo de chamorros, que ainda que me Deos tanta merce fizesse, que os todos tivesse em cordas, e os degolasse por minha mão: minha deshonra nom seria vingada: porem vos rogo, que me nõ deis tal conforto, nem me ponhais essa semelhãça de hua cousa a outra, que ha muita diferença. E cessarõ entõ de falar em esto, e El Rey ordenou de se partir logo.

Porque aos postos em desventura persegue o medo, mais que aos outros homens, receandosse El Rey, do que porem era bem seguro, que estando alli mor espaço da noite, podia receber algum grande dano, mandou que fizessem logo prestes huma barca, em que se á pressa fosse a Lisboa, e como foy com alguns dos seus,

sem mais tardança, entrou em ella, e levava o rosto cuberto, e quatro tochas ante elle muito baixas; e no seguinte dia, que era a festa de Santa Maria, a hora de terça, chegou á Cidade, e esteve aquelle dia e o seguinte na nao de Pero Afam, e á quinta feira, que erom desasete dias de Agosto, partio pera Sevilha em huma galé, e quatro em sua cõpanhia: e toda a outra frota das naos e galés ficarom alli como quer que elle lhe mandou, que como vissem tempo azado, que se fossem pera suas terras.

El Rey entrou em Sevilha de noite receando cramor, e choro das gentes; mas sendo em o outro dia sabudo como chegara, e de que maneira, muitos dos honrados homens, e donas da Cidade fazião tal pranto [1] por filhos, maridos e parentes, e senhores, que era dorida cousa de ver; em tanto que continuando cada dia a altas vozes recebia El Rey tal nojo e tristeza, que assi como constrangido se partia daquella Cidade, e se foi pera Carmona, que erom dalli seis legoas; hu sabei, que no dia que El Rey chegou a Sevilha, jaziam cativos Portuguezes na taraçana, dos que foram tomados nas naus do Porto quando foy a peleja da frota ante Lisboa; e aquelles, que de tal cargo tinham cuidado, mandarão-nos, que fossem varrer, e alimpar os paços, hu El Rei avia de pousar, e andãdo varrendo huma sala, em que El Rey era presente, foy hum seu escudeiro, e deu hum grande couce a hum portugues daquelles, que varriam, e disse, *varrey azinha pera fideputas, cornudos*; El Rey vendo aquesto, queixousse muito contra elle dizedo.

Deixai os aramá, ca os Portuguezes são boõs, e leais; e nom aveis por que lhe fazer mal: ca quantos forom em

[1] *Id. id. Cap.* 44. Como partio El Rey de Sanctarem pera seu Reyno.

minha companhia, eu os vi todos morrer diante my e os meus me roubarom a coroa de minha cabeça.

E a esto nom lhe respondeo nimguem, nem lhe fizerom outro mal; e em o outro dia mandou El Rey, que os soltassem todos, e assi foy feito.

Elle era todo vestido de preto, e a cama, mesa, e emparamentos, como aquelle, que ante os Reys do mundo se tinham por mais desaventurado, e quais quer pessoas, que a elle chegavam, que ouverom perda em esta batalha, assi homens como molheres recebiam d'elle merce, e gasalhado.

Ora assi aveo que as mas novas, que trigosamente voam á toda a parte, tanto que a batalha foy vencida, chegarom ápressa a aquelle logar hu a Raynha Dona Beatris ficara, de que toda Castella ficou muy espantada; as quaes ouvidas per ella, e pelas pessoas, que carrego tinham de rezar, cessarom logo da oraçam, e começarom logo de carpir, e de penar, e a rainha cahio em terra, assi como morta, e foy muy grande o pranto, que fizerom.

Os da villa, como esto ouvirom semelhavelmente fizerom seu dó, nom somente naquelle lugar, mas por toda Castella foi tão grãde arroido, e dó, que nom ficou homem, nem molher, que delle nom tivesse parte: assi por os mortos, como por os vivos; ca nom sabiam quaes morrerom em ella, nem quaes escaparom: e feito dó, hu a Rainha estava, alvoroçavomse as gentes de maneira com pouca discriçam, e impeto sanhoso, e porque muitos affirmavom, que El Rey era morto, disserom, que fossem logo matar a Rainha, e todolos Portuguezes, que com ella erom, e firmandose muyto en esto, e sendo já o alvoroço grande, as muitas lagrimas do Povo, por a perda da batalha, moviam alguns a lhe parecer esto bem feito.

Outros duvidavom, nom sabendo que fazer. Em esto chegou o Arcebispo e disse: *Amigos, pacificaivos por Deos, e nom queirais esta cousa fazer; porque estas novas, que alguns aqui dizem, nom som bem certas se he assi, ou nom: e nom sendo assi, seguirsehia desto muy mvh gran mal, e perigo. e desta guisa: se El Rey he vivo, e preso, remedio pode aver a sua prisam; e melhor o averá: sendo sua molher viva; e os que som com ella, que os matardes sem em tal feito aver per queixumeculpa: se morto he, como dizem; nam ha mister de ser livre; e hi vos fica tempo, pera fazerdes o que quereis: e daqui se nom seguirá este dano: e porem assossegai vossos coraçoens; ataque saybamos em certo, como esto he: e entom faremos, o que nos melhor parecer por proveito e honra do Reyno.*

E com estas palavras, e outras boas razoens, que lhe o Arcebispo estonce disse: assegurou o povo de seu alvoroço: e nom se fez aquella hora mais. [1]

---

[1] ... «E porque na avenguerda, em que o condestabre era, hua pedra dos trõos que assi lançavam matou dous bõos escudeyros, que diziam que eram jrmaãos, entom se começarom de ferir das lanças muy rijamente. E o condestabre yndo ante a sua bãdeyra, forom em elle postas muytas lanças, e em breve foram todas as lanças de hua avenguarda, e da outra quebrantadas e vallado dellas feyto, e entom vierom as fachas, e logo el Rey com arregoarda, com grande aguça se ajuntou aavenguarda, ferindo de facha tantos e taes golpes, que eram asperos de atender aaquelles que os soffriam, como valente Rey, ajudando seus naturaes, e sua real coroa defendendo.

E o condestabre nom lhe cansava dizendo, a portugueses pelejar filhos e senores por vosso Rey, e por vossa terra. E forom logo hi mortos huua graam cama de castellaãos, e assy bastos como som os feyxes no restollo do bõo trigo, e bem basto.

E especialmente morrerom logo todos a maior parte chamorros, que entom chamavam aos maaos portugueses, que com el

Os cavalleiros, e outras pessoas, que com el Rey nom forom na batalha, e muitos dos que estiveram nella, e escaparam, vieramse todos pera Valhedolid, hu El Rey ordenou de fazer Cortes, e ali ouve conselho de mandar catar gentes por todálas partes, que se aver pudessem, e de fazer saber a El Rey de França todo seu aquecimento, pedindo-lhe acorro de gentes, e ajuda de dinheiro, para defensão de seus reinos, e pera outra vez entrar em Portugal.

Rey de Castella vinham. E seguindo el Rey e com elle o condestabre sua batalha, e hindo se já vencendo os castellãos, el Rey disse ao condestabre que os homees depee, que estavam na reguarda, estavam em grando prigo polla muyta gente dos castellãos, que eram sobre elles, e que lhes mandava que lhes acorresse.

E logo o condestabre per mandado del Rey se tornou contra arreguarda de pee como estava na batalha, e pollo trabalho grande que ouvera, nem podia hyr tam toste como elle queria.

E nom tinha besta hy em que fosse.

E Pero Botelho commendador mór da ordem de Christus vinha encima de hu bõo cavallo, e como viu o condestabre assi hir de pee: deceose do cavallo, e deolho. E condestabre lho guardeceo muyto, e cavalgou no cavallo, e foyse aos homees de pee que na reguarda estavam, e achou os em gram prygo, pollo grande afi camento que aviam dos castellãos que eram muytos; de guisa que já queriam derramar quando elle chegou.

E como elle chegou, proue a Deus de lhes poer tal esforço que os homees de pee se teveram com os castellãos em tal maneyra que não ousaram mais chegar a elles.

E a pouco espaço, Johã Royz de Saa, e outros se vieram pera o condestabre, e logo hy acoteceo hua grande maravilha, que o condestabre vyo, e assi o affirmou, e outrem non a vyo, foi per esta guisa.

Da parte dos castellãos andava huu homem muy bem encavalgado e armado:

E em seu trazer e na maneyra de os outros que com elle andavam, parecia ao condestabre, e assy o tinha, que era o mestre de qualatrava seu jrmãão. E andando assy antre os outros, o condestabre vio viyr huua lança da parte dos portuguezes, que lhe

E a esto se trigou El Rey de Castella á pressa, por quanto soube que tãto que elle fora desbaratado que logo El Rey de Portugal enviara cartas a El Rey de Inglaterra, especialmente ao Duque de Alencastro, que era casado com Dona Constança, filha que fora Del Rey Dom Pedro, por cujo azo se o duque chamava Rey de Castella, nas quaes lhe fazia saber: como elle fôra vencido em campo, e que avia perdido as maís, e melho-

---

parecia que vinha per o ar; nom muy levantada da terra, e veeo assy pello ar ácerca de huu tiro de beesta, e foy dar a aquelle homem, que elle cuydava que era seu jrmaam, e cayo logo em terra e nunca jamays pareceo, nem souberõ delle parte depoys da batalha. Per prazimento de Deus el Rey de Portugal venceo a batalha. E el Rey de Castella, e as suas gentes que com elles escaparam, fugirõ, e se foram pera Santarem.

E o condestabre foy aquella noyte em grande cuydado por poer guardas no real de seu senhor el Rey, do que se nenhum nom lembrava.

E elle esse dia nõ comera nenhuma cousa, nem lhe achavão suas azemellas para comer, e foy ver el Rey ja muyto de noyte. E sabêdo el Rey que elle nom tinha pera cear nenhuma cousa mandoulhe mui bem de cear e a tal cea se podia bem chamar saborosa.

El Rey esteve alí honde a batalha foy, tres dias, e ao terceiro dia se foy o conde em romaria a Santa Maria de Ceiça dourem. E tomou logo posse do logar dourê de que lhe el Rey fizera merce e doaçõ. E as gentes do arrayal deziam que o cõndestable fora soterrar o Mestre de qualatrava seu yrmão, mays non era verdade, ca delle nunca souberã parte.

E o cõdestabre se tornou logo dourê pera el-rey, honde a batalha fora. E el-Rey se partiu donde a batalha foi caminho de Santarem, e com elle o condestabre, e chegarom e Alcobaça. E hy chegaram a el-rey novas certas como el-Rey de Castella chegara a Santarem fugindo da batalha, e que já de hy era partido com todas suas gentes a entrar na frota que tinha em Lixboa, e se fora a Castella.

Por a qual rasão se logo el Rey partyo dalcobaça, e com elle o condestabre, e se foram a Santarem, com que todallas gentes

res de todas suas gentes, e que agora tinha tempo de cobrar aquelle Reyno, pois que seu amigo estava desbaratado, e mingoado de campanhas mormente tendo a Portugal em sua ajuda, com muitas gentes, e boa vontade; e pois por esta guisa podia acabar cedo toda sua tençam, que não pozesse em ello nenhuma tardança.

E por esta razom se trigou El Rey de mandar á pressa a França e ao Antipapa, com que tinha recados, de

---

tomarom gram prazer e receberom el-rey cõ grande alegria, damdo muytas graças a Deos por a vitoria que lhe dera em os livrar da sujeição dos castellaãos. E estando el Rey em Santarem fez o condestabre conde de ourem, porque aynda nom era se noma condestabre. «Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nunalvres Pereyra principiador da Casa de Bragança. Porto, 1848, pag. 164.

Ha outras edições muito mais antigas havidas como raridades bibliographicas.

*

* *

Francisco Freire de Carvalho pretende que os troens de que nossos historiadores fallam na descripção da batalha d'Aljubarrota eram peças d'artilheria.

Francisco Freire de Carvalho, Memoria sobre a antiguidade do emprego da artilheria em Hespanha, e remota data da sua introducção em Portugal.

(Nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Segunda Serie, tomo II, Parte 2.ª)

A batalha d'Aljubarrota e a defeza heroica dos portuguezes deram brado em toda a Europa, e quem emprehendesse fazer uma collecção do que por aquelles tempos se escreveu a tal respeito, tinha assumpto para varios volumes.

*

* *

E em particular vespera de Nossa Senhora de Agosto fez o cabido uma procissão solemne com os frades de S. Domingos, e S.

todo seu aquecimento, hu fique esperando resposta, e juntando suas gentes, até o acabamento d'este anno, e tornamos a El Rey de Portugal, que leixamos pelejando nom sendo ainda a batalha de todo vencida.

Ferindo-se a batalha, e sendo a peleja muy grande de guisa que dissemos quando El Rey de Castella fugio, começouse mostrar claramente, que a batalha de todo se vencia, sendo já a bandeira dos imigos derri-

---

Francisco, Camara e povo, e depois que se recolhe se diz Missa e pregação naquelle logar por memoria da vitoria d'el-Rey Dom João I, havida em tal dia, e se poem ali em logar alto a lança e veste, em que elle entrou na batalha.

Festeja esta Igreja aquelle dia em louvor da Senhora da Oliveira, que deu a vitoria a el-rei, como elle confessou, e lhe veyo dar graças, e por isso a honrou com lhe mandar fazer duas casas: esta, e outra no logar da victoria, muito mais avantajada em grandeza, artificio e magestade.

Parece-me, se me não engano, que cá, onde a Senhora tinha sua habitação, houvera de ser feita aquella, e esta lá por trofeo da victoria; mas como elle escolheu aquella para sua sepultura e de seus descendentes, meteo se a humanidade nisto, e trocou as sortes.

Chama-se esta Nossa Senhora da Oliveira, e a outra vulgarmente Nossa Senhora da Batalha ou da Vitoria, devendo de se chamar tambem, e com muita rasão, da Oliveira, pois esta Senhora he a que deu a vitoria, e a que El-Rey quiz honrar pela mercê, que lhe fez.

Era n'aquelle tempo esta Igreja tão antiga arruinada e pobre que impetrou o Cabido da Sé Apostolica indulgencias para se fazer de esmollas: de que ha memoria no archivo, e por isso a bemdita Senhora estando el-Rey para dar a batalha lhe mostrou a sua casa tal qual era, com a oliveira, que elle reconheceu muito bem quando lhe veyo dar as graças.

Foy occasião a victoria com que ella proveu não somente no edificio, que el-Rey lhe fez, mas nos privilegios muito grandes, que lhe deu, e principalmente na renda d'ella, porque poucos annos depois lhe forão annexados tres mosteiros, com que estes

bada: e mortos huã gram soma de Castellãos; e todolos mais dos maos Portuguezes. que na dianteira da vanguarda vinhão; e seguindo El Rey, e o Condestabre seu vencimento, que já a todos era manifesto, disse El Rey ao Cõde: que os homens de pé, que erom na reguarda, estavam em grande perigo, por as muitas gentes de Castellãos, que os afincavão, e que lhes fosse acorrer:

E assi era defeito, porque Dom Gonçalo Nunez, Mestre de Alcantara estava de cavalo com certos ginetes nas

---

beneficios, que então rendião pouco mais de cento e sessenta reis.

E assim se excusou o Breve das indulgencias, e os beneficios forão logo estimados, e a Igreja frequentada e bem servida, e a Serenissima Rainha do Ceo benemerita da Casa Real, muito mais honrada e venerada. GASPAR ESTAÇO: Varias antiguidades de Portugal. Lisboa, 1754, pag. 184.

*

* *

Quando em 1390 o celebre Froissart começou a compôr o terceiro volume de suas chronicas, que tratavam das guerras de Castella, lembrou-se de repente que os dados que tinha, com quanto mui amplos, os recebera das mãos dos hespanhoes, e dos gascões seus alliados; suspendeu, pois, por este simples facto a sua narração até obter dos contrarios, que eramos n'essa epoca nos os portuguezes, alguns esclarecimentos e sabendo que alguns se achavam em Burges, para alli se dirigiu, e foi informado que um esforçado cavalleiro nosso do conselho d'el-rei, havia chegado a Midleburgo na Zelandia, a caminho para a Prussia, onde se ia juntar aos que marchavam a guerrear os infieis na Turquia. Parte, pois, para Midleburgo, é bem recebido pelo cavalleiro portuguez, obtem d'elle todos os esclarecimentos de que necessitava, e volta sem demora para a sua patria onde conclue o terceiro volume da sua obra.

espaldas dos Portuguezes, e cometia rijamente de pelejar com os homens de pé e besteiros, que foram alli postos por guarda da carriagem; e elles defendiam-se com settas e dardos, de guisa que os de cavalo, nom lhe podiam empecer, antes recebião delles dano, morrendo alguns do tirar das bestas e remessar das lanças: e elles fazião aos portuguezes proveito, porque os piaens daquella parte, ainda que fogir quizessem, nom o podiam fazer, e assi forçadamente compria de se defenderem, a qual cousa depois os castellãos entenderam, que lhe fora mao avisamento, pois a seus imigos non leixarom portal aberto, por hu fugir podessem: e logo o condestable, por mandado Del-Rey, se tornou contra a reguarda de pé como estava: e por o gran trabalho, que ouverona, nom pode ir tam depressa, como elle queria, nem tinha besta, em que fosse, e Pero Botelbo Comendador mór de Christo vinha emsima de hu bom cavallo; e como vio o Conde assi ir a pé, deceose do cavallo e deu-lho: e o Conde lho agardeceo muito por suas boas palavras e cavalgou com elle, e foy aos homes de pé, que na reguarda estavom, e achou-os em muy grande perigo, por o forte afincamento, que aviam dos castellãos, que erom muitos, de guisa que já queriam derramar, quando elle foi acerca, e como elle chegou, prougue a Deus de lhe poer tal esforço, que os homens de pé se tiverom muito melhor com elles, e tanto que non ousarom mais de chegar á reguarda, e a pouco espaço Johão Rodriguez de Sá, e outros se vierom pera o Conde. Em este vendo os Castellãos, queseu senhor era fugido, e que a batalha de cada parte se vencia, perdida toda esperança, sem vontade de mais ferir, começarom todos de voltar atraz e desemparar o Campo, assi que em breve espaço, concrudida a ardideza de tanta multidam de gentes, ca nom durou a batalha

espaço de meia pequena hora, atá mostrar-se de todo ser perdida.

Alli vireis huns cavalgar nas bestas, que precalçar podiom, sem preguntar cujas erom, por se trigosamente porem a cavallo e em salvo; outros se descarregavom das armas que vestidas tinhom, por mais ligeiramente poder fugir: delles fugindo a pé hiom-se desarmando por correr, e mais breve poder escapar: muitos outros voltavom os jaquetes, o dedentro por de fora, por nom serem conhecidos: mas depis o falar da lingua mostrando sua naçam, era azo de seu acabamento.

Os que erom mal encavalgados, e outros com muito cansaço nom podiom fugir á sua vontade, e com grande medo sahião-se das estradas e metiam-se por esses mattos, e porque non sabiam o caminho, andavam de hua parte para a outra: e a gente da terra, que em outro dia acodio muita faziam em elles grande matança: e se alguns se querião defender, sobrevinhão outros de travez, e acabavão de matar os que aquelles começado tinham: assi que de balde tomavom trabalho os que se escondiom, ia ahi nom avia, taes matos, nom logar em que o fazer podessem, ca todo era campina raza e porem encalçando-os e atendendo-os em certos passos, tanta mortindade faziom em elles os do termo de Alcobaça, e dos logares derredor, especialmente nos que a pé fazião, como os que morrerão na batalha privando-os da vida por desvairadas guisas, porque a nenhum perdoavom morte; cada um rustico aldeão prendia e matava sete, oito castellãos, e non tinhom poder de lho contradizer, e se alguem trabalhava de dar vida a algum, que conhecese quer fosse castellão, quer portuguez, dos que contra o Reyno vinhão, nem o podia fazer, cá nas mãos lho matavom por força, ainda que nom quizesse, nom sómente a homes de pequena con-

dição, mas a pessoas de boa conta: assi como fizerom a Diogo Alvares Pereira nas mãos de Egas Coelho, que passando el-rei, vencida a batalha, vio ir ante si a Diogo Alvares Pereyra, irmão do condestabre, e porque ia desarmado da cabeça o conheceu el-rey por detraz, e chamou-o duas vezes por seu nome e elle quando se ouvio chamar voltou o rosto, por vêr quem era e el-rei trigou os passos contra elle e travou-lhe dos peitos, e disse-lhe: *O Diogo Alvarez, aqui sos vos? Eu vos cuido hoje de ser melhor amigo, do que vos a mim fostes servidor.* E em esto alçou-se voz, que matavom o conde, e porem non era assi. El-rey movendo pera la rijamente deixou a Egas Coelho, que o guardasse, e vendo-lhe as armas de Castella, sem lhe valer outra boa razão, foi logo alli morto por elles.

El-Rey cansado de seu grande trabalho, lançou-se por descançar sobre hum refece acostamento aguardando por algua besta em que cavalgasse, tendo presos a par de si D. Pedro de Castro e Vasco Pirez de Camoens; e jazendo assi desta guisa, chegou Antão Vazques cavaleiro e vinha emburilhado na bandeira Del-Rey de Castella e como foi ante El-Rey, çomeçou de balhar por sabor ante elle, sem lhe fazer alguem som; e depois que se desenfadou daquello, desenvorilhou-se d'ella e deitou a no regaço a El-Rey e disse: Tomay, senhor, essa bandeira do mor imigo, que no mundo tinheis. E El-Rey sorrindo mandou-a guardar e ás palavras non respondeu nada. Lourenço Martinz do Avelar, que presente era, dezia: que elle a derrubara, e assi outros, cada hum por sy; mas nenhum de certo se soube quem fora e falando em esto chegou o pagem d'el-rey com hum cavallo, e trazia hum escudeiro Castelão preso em sima de hua mula, as esporas nos braços e um loudel vestido ás avessas por non ser conhecido e o matarem.

El-Rey quando o vio assi vir homem de prol e de bom corpo; preguntou-lhe: porque se deixara prender assi daquelle moço? Elle respondeu e disse: melhor he, que me prendese este moço; que me matar o melhor homem darmas, que avia em vossa hoste; digo-vos, disse El-Rey, que vos dizeis muy bem, e ora vos quero eu dar mor honra da que vos deu quem vos cativou. E entom o fez cavalgar na mula, e o page traz elle, por lhe mostrar andando os mortos, se conheceria algum delles, e quando os revolviam e conhecia desses senhores e fidalgos de Castella, quem erom, deciase, e fazia pranto sobre elles: e assi andou El-Rey com elle hum pedaço, mostrando-lhe aquelles, de que avia algum conhecimento. E por esta guisa, prouve a Deus e a sua preciosa Madre da batalha ser vencida e os portuguezes livres de seus imigos: os quaes vendo como a carriagem de seu senhor estava desemparada e alguns começavão já de a roubar, vierom sobrella muitos de cavallo por tomar a prata da baixella e da capella, sobre o que foi grande arroido e mortos alguns portuguezes, antre os quaes foi hi morto Mendo Affonso de Beja e outros, que da batalha vivos ficarom e alli fizerom sua fim e os castellãos levarom a mór parte della, e a algus hia cahindo pelo caminho e os portugueses começarom dapanhar desvairadas cousas que lhe ninguem non tolhia e delles se occupavom em revolver corpos sem almas, se lhe achavão alguas cousas, de que se aproveitar podessem, e muitos dos que jaziam mortos, non tinham nenhua ferida.

Alli foy achada gram riqueza de prata e ouro e jogos e guarnimentos de desvairadas guizas; como bem podeis entender que traria tal Rey, e taes senhores, como com elle vinham nom por se tornar da guerra começada, mas por continuar no Reyno, até se sessegar, co-

mo em cousa que aviam já por sua: e isso mesmo cobrarom cavallos e mulas e azemalas e armas e outras muitas e boas cousas, que seria longo de nomear: de que El-Rey nenhuma cousa tomava a quaesquer que as em poder tinham. Em esta batalha recebeu Castella muy grande perda, assi de condes e mestres e grandes senhores: como fidalgos e d'outra meam gente, e doutro commum povo em grande quantidade.

Mas porque desvairados autores desacordom no conto dos que ahi morrerom, poendo muitos milhares de mortos, e gram soma de Capitães: non dizendo porem seus nomes, nos que desejamos escrever certo, sem favor de algua das partes, nom curamos de somas, que pozerõ, salvo da mais pequena; que El Rey escreveo á Cidade de Lisboa, dizendo, que seriam os que ali falecerom, atá duas mil e quinhentas lanças, e os mais dos capitães, que ali vinham, assi como D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, bisneto lidimo d'El Rey de Aragão, D. Johão, senhor de Galliza e de Castanheda; filho do conde D. Tello: D. Fernando, filho do conde D. Sancho, Pero Dias, prior de S. João; o conde de Vilhalpando, João Fernandez de Toar almirante mór de Castella, Pero Gonçalves de Mendonça, mordomo mór d'El Rey, Diogo Gonçalves Manrique, adiantado mór de Castella, D. Gonçalo Fernandez de Cordova, Péro Gonçalvez Carrilho, marichal de Castella, Johão Peres de Godoy, filho do mestre de Calatrava, monseur Johão de Lara, cavaleiro dEl Rey de França, Fernam Rodriguez, Diogo Carrilho de Mançanella, João Alvarez Maldonado, Diogo Gonçalvez de Toledo, Johão Ramires, de Arelhano, Alvoro Gonçalvez de Sandoval, Fernão Gonçalvez seu irmão, Fernão Carrilho de Priego, Johão Ortiz de las Cuevas, Ruy Fernandez de Tovar, Guterre Gyl de Queirós, Gonçalo Gonçalves d'Avila, Lopo Fernandez, Christovão

Fernandez de Sevilha, Johão Affonso de Alcantara, Diogo Gomez Sarmento, Johão de Vallasco, Sancho Carrilho, Diogo de Toar, Ruy Barba, João Duque, Ayres Pirez de Camões, Ruy Vasquez de Cordova.

Estes e outros forão hi mortos, cujos nomes, sendo sabidos, farião longo razoado.

Outrosy morrerom ahi dos fidalgos portuguezes, que andavom em Castella, assi como o conde Dom Johão Affonso Tello, que azou ser a batalha: e Dom Pedralvarez Pereira, Irmão do Condestabre, e Diogo Alvarez seu Irmão, e Gonçalo Vazquez de Azevedo: e Alvoro Gonçalvez seu filho, e mais Garcia Gonçalves Taborda, e Johão Gonçalves Alcaide mór de Obidos, e outros: que nom nomeamos: e da gente miuda nom poderemos dizer o conto, que certo fosse: porem he de presumir, como ja tocamos, que avia de ser em gram multiplicação, porque elles tinhão as Villas, hu se acolher podiam, longe de hu foy a batalha, assi como Torres Novas e Sanctarem e outras taes, e aviam primeiro de passar por logares seus contrairos, e passos perigosos delles nom sabidos como quer que os portuguezes dantiguidade e por natureza sejão antre si piadosos, e por semelhante os estrangeiros; però esguardando os grandes danos e muitas cruezas, que dos Castellãos aviam recebido, com seus corações nom podiam postar, que delles nom tomassem dobrada vingança,

E dos portugueses morrerom em ella Vasco Martinz de Mello e Bernaldom Sola, Martim Gyl de Coreixas e Monsieur Johão de Monferrara e doutras pessoas de pequena conta, e homens de pé por todos, assi dos que á primeira vez fugiram da reguarda, como no roubar da carriagem, quando os Castellãos derom volta por tomar a prata da baixella d'El Rey, até cento e cincoenta, e foy esta batalha segunda feira catorze dias de

Agosto da era de Cesar de mil quatro centos e vinte e tres.

El Rey esteve tres dias no campo, segundo costume de taes batalhas, e por o fedor dos mortos, que era grande e por nom comprir estar alli mais ordenou de se partir dalli logo e fez soterrar primeiro o conde D. Johão Affonso Tello, que foy o azador de ser a batalha, e mais nom; e os outros jaziam por esse campo e muitos delles nus sem nenhuns vestidos, porque os villãos e gente da terra nom lhe leixavom nenhua cousa e era muito que as aves, nem lobos, nem caens, non se chégavom a elles para os aver de comer.

Estonce El Rey partio com sua hoste, a qual hia mui abastada de mantimentos de cavalos e armas e bestas de serventya e de muytas joyas de prata e douro de grande e muy rico esbulho, que acharom de seus imigos, assi na tenda dEl Rey de Castella e desses senhores e fidalgos que em sua companhia vinhom, como pela grandeza do arrayal, e esto como cada hum acertava da char: ca El Rey e o Conde a nenhum mandavom tomar nada, postoque a cousa do grande preço e valor fosse, nem pedida de grado, nem contra vontade salvo se foy o Lenho da Vera Cruz, que tinha Alvoro Gonçalvez de Alfena, escudeiro do condestabre; o qual achara um cofre com outras muytas joyas quando ajudou a roubar a Capella Del Rey de Castella, em hua Cruz douro, que tinha de hua parte quatro pedras preciosas e da outra hua Cruz pequena em meio daquella grande; e tanto que a brio, e levantou a Cruz pequena e vio dentro na grande estar o Lenho da Vera Cruz o qual logo conheceu, porque fama era no arrayal dos portuguezes, anteque se começasse a batalha, que aquelle Rey seu contrairo trazia em sua Capella a Vera Cruz, que sohia de estar em Burgos: e assi como o conde trazia ante sy

por seu vencedor sinal, e sua muy prezada devisa a o Christo Jesu em sua bandeira, posto na arvore de Santa Cruz, assi prougue a este Senhor delle ser em conhecimento como tinha aquelle escudeiro: e o conde que o muito desejou daver, o mandou logo chamar e com doces palavras e bom gasalhado o rogou afincadamente que lhe desse aquelle santo Relicairo; prometendo de lhe fazer por ello muytas merces, e o escudeiro lha offereceo de tam bom grado, como por ello lhe foy requerida: E assi a ouve em seu poder e El Rey levou caminho de Alcobaça, que era dalli tres legoas, e pouzou o arrayal á ponte da Chaqueda, non longe do Moesteiro, e alli acharom muitos castellãos mortos, dos que fugiam, por lhe terem o caminho naquelle passo aquelles, que o abbade Dom Johão mandara ; porque algus escudeiros e homens de pé da Comarca do Moesteiro chegavomse a elle, e do Castello de Alcobaça faziam guerra aos imigos nos logares que mais a seu salvo podiam, e quando foi o dia da batalha mandou o abbade hum seu irmão com certos homens darmas; e de pé, e besteiros e azemalas carregadas de pão e vinho e doutras cousas ao campo, hu El Rey estava, e como soube que era vencida, mandou aos que ficarom; que o aguardassem alli: e estes erom os que faziom nelles grande gasto, entre os quaes jazia morto e muito feo com feridas Ruy Dias de Rojas, hu cavaleiro castelão, cuja molher era cuvilheira Del Rey de Castella e ella e o marido aviom grande entrada em sua Camara, e ella defumava El Rey com defumaduras de bons e nobres cheiros, e quando alguns senhores entravom na camara aquella ora, que ella esto fazia, logo lhes ella alçava as faldas e defumavaos, e dizialhes, todos ireis defumados de bons odores Del Rey meu senhor; pera perderdes os maos cheiros, que saem

destes chamorros das casas, hu vivem e aldeas, hu moram.

Esta dona levava presa Diogo Lopez Lobo, e em querendo passar a ponte vio jazer seu marido defumado e bem acutilado, e pero jouvesse muy desfeito e feo, ella o conheceo logo e começou de chorar e fazer pranto por elle: e hu omem de pé portuguez que a bem conhecia, quando a vio chorar e jazer assi seu marido, começou a dizer contra ella—Digo, boa dona, que sam das vosass defumaduras, que punheis sob as faldas aos cavaleiros?

Mister avia agora vosso marido huas poucas dellas, que tam mal cheira alli, hu jaz.

E ella chorando nom respondia nada, e outros nom quedavom descarnecer della.

Em aquelle moesteiro mandou El Rey soterrar Vasco Martinz de Mello o moço; e Martym Gyl de Coreixas e Bernaldim Sola e Mendaffonso de Beja, e Monseur Johão de Monferrara e outros portuguezes; que forom achados menos, e conhecidos jazendo mortos, e fezlhe El Rey muita honra, como era razon.

*

* *

O real convento de Nossa Senhora da Victoria, no lugar da Batalha, é fundação d'el rey D. João I. Achava-se nos campos de Aljubarrota alojado em um estreito arraial, e acompanhado de poucos vassallos, ainda que fieis e animosos e determinados.

Tinha defronte outro rei tambem João, e tambem primeiro dos reynos de Castella, o qual trazia comsigo todo o poder de suas terras e muita gente das de Portugal que o seguia ou por interesse proprio ou enganada da

causa. Era força vir ás mãos. E como todos os successos da guerra são incertos, e a batalha estava em grande estremo arriscada da parte dos portuguezes, pelo pouco numero d'elles, comparado com a multidão contraria que cobria montes e valles: vendo todavia que por ser buscado, e dentro em Reyno, não podia escusal-a sem grande descredito e perda de reputação: procurou na hora que se determinou em pelejar, valer-se do soccorro do Ceo e pedir a vitoria áquelle Senhor que as dá e tira, e por isso se chama Deos dos exercitos. E invocando por medianeira a Virgem Mãy, porque em vespera de sua gloriosa Assumpção foy a jornada, prometeo que sayndo vencedor lhe edificaria hum famoso Mosteyro, o qual a pedido de João das Regras e de fr. Lourenço Lamprea, seu confessor doou, á Ordem de S. Domingos no principio de 1388, achando-se el rey na cidade do Porto.

Quiz el Rey fazer hum templo e Mosteyro que excedesse todos os famosos da Christandade, não so de Hespanha: e na verdade alcançou com effeito e realidade o que pretendeo com o desejo e animo: Porque na sua idade e em muitos annos despois não foy edificada tão grande, nem tão magnifica, nem tão perfeita e polida fabrica.

Chamou de longes terras os mais celebres architectos que se sabiam, convocou de todas as partes officiaes de cantaria destros e sabios: convidou a huns com honras, a outros com grossos partidos, obrigou a outros com tudo junto.

Á voz da grandeza da obra acodio de todo o Reyno numero infinito de pionagem a servir e trabalhar, e ganhar jornaes.

Avia muito dinheiro e fidelidade nos ministros, voava a obra, não só corria. E avendo de ser a fabrica no lo-

gar em que começou a batalha (no qual logo mandou levantar huma ermida a S. Jorze, que hoje dura) ou em seus contornos, não offerecia a comarca toda mais accomodado assento do que este.

Porque sendo a terra secca por todas estas partes, aqui achou hua boa ribeira de agua de todo o anno para serviço do mosteiro: e logo abaixo para vista hua estendida e fertil veiga regada da mesma e doutra mayor ribeira.

O primeiro nome que el Rey deo ao convento quanto ao sitio foy de *apar da Canoeira*, como parece da doação, por não aver outro lugar mais visinho: e he hua aldeia distante delle pouco mais de meya legua: o que lhe ficou depois de edificado foy da causa da sua fundação, chamando-se da Batalha.

Os nossos velhos mais santos e atilados, chamarãolhe impropriamente na lingua Latina *de Bello*: e não fora o nome se não muy proprio e acertado (como muytas vezes acontecem acaso grandes acertos) se o tomaramos na significação que tem sendo adjectivo, por cousa bella e formosa, e não pelo substantivo, que he guerra.

Começou a Igreja com desmesurada grandeza e sumptuosidade tal que aos mesmos edificadores fazia impossivel o fim da obra, lançando conta ao que convinha sobir pelas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar de tempo e dinheiro pola despesa que levava. Só o corpo della, desde a porta principal que abre onde se pôe o sol, e corre contra o nacente, segundo a postura das Igrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento até o primeiro degrau da capella mór, aos quaes juntos sessenta, que ha deste degrau até a parede, em que encosta o altar mór, fica todo o comprimento do templo tresentos e sessenta palmos.

A largura he de cem palmos, que vem a ser ao justo a terça parte de todo o comprimento, que dissemos até o primeiro degrau da capella mór: e a esta medida responde a altura na proporção da arte, que he tal que hum valente braceiro chega mal tirando com huma pedra ao alto do tecto: porque como he abobada, sobe ainda grande espaço sobre as paredes, tanto quanto requer a distancia em que estriba.

Assi tem de altura até o ponto mais subido da mayor abobada cento e quarenta e seis palmos.

Das tres naves em que se divide a Igreja tem a do meyo trinta e tres palmos de vão, e as dos lados a vinte e hum e meyo cada huma.

O que falta pera encher a conta dos cem palmos, que demos de largura a todo o corpo, he occupado dos pilares que fazem divisão das naves, que são oito por banda: cujas bases assentadas em quadro fazem doze palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado, que quasi querem enlear os olhos as junturas, mas se se deixão enxergar porque não podia al ser, he tão sem offensa da arte, que difficultosamente se divisa nellas sinal de cal.

A grossura das paredes he como a das bases dos pilares, de doze palmos por todo.

A pedraria é lavrada toda do mayor polimento que a arte usa, salvo de brunido e lustrado.

A calidade da pedra toda huma, e não deve haver em toda Espanha outra melhor para semelhantes edificios: porque quanto á cor tem um extremo de alvura, e quãto a fortaleza é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavrar.

Mostra-se hua e outra coisa em que passando já de dusentos annos de idade o edificio, nem na gastão o dis-

curso e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça.

E acontece-lhe n'esta parte o mesmo que ao rosto de hum homem que foy muyto alvo, que por muyto que se queyme e curta da força do sol e do ar, nunca no queimado perde de todo o sinal das primeiras cores.

Assi esta pedra vay tirando com a antiguidade a hum tostado nada desengraçado, e não a pardo nem escuro ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos que responde ao justo á quinta parte de todo o seu cumprimento que he de cento e sincoenta.

As paredes do corpo do templo são todas lisas e cheas, não vasadas nem cortadas (como he ordinario em outros) com numero de capellas.

Somente na entrada da porta principal se abre á mão direita hum grãde arco pera hua formosa quadra.

A frontaria do cruzeiro a hum e outro lado da Capella mór está dividida em quatro capellas, duas por cada banda.

A primeira e mais visinha á sacristia he dedicada a Santa Barbara, e jaz n'ella em hua sepultura baixa hum cardeal, de cujo nome e sangue se perdeu a memoria: tem-se por certo seria chegado á casa Real. A segunda he de nossa senhora do Rosario.

Vê-se nella hum bem lavrado moimento alto em que el-Rey dom Affonso Quinto mandou tresladar a Raynha dona Isabel sua mulher, que faleceo em Evora no anno de 1455.

A terceira que he collateral á capella mór da parte da Epistola tem a vocação de Nossa Senhora da Piedade, e nella está depositado o corpo d'el-Rey dom João o segundo.

A quarta deu o autor de toda a obra ao grande Mestre de Christo dom Lopo Diaz de Sousa que nella jaz sepultado, lugar bem merecido do seu valor e bõs serviços.

O conde de Miranda Anrique de Sousa, successor e erdeiro que ha da casa deste Mestre recolheo em nossos dias nella sua mulher dona Mecia.

No meyo da capella mór logo abayxo dos degraus do altar jazem el-Rey dom Duarte e a Rainha dona Lianor, sua mulher em duas grandes caixas do mesmo marmore de que he toda a fabrica: as quaes são lisas e sem letra alguma: só tem em cima os vultos de ambos lavrados de relevo inteiro em todo o primor da escultura, e dizem que estão tirados ao natural. O del-Rey cõ a mão direita travada com a direita da Rainha: a esquerda del-Rey sobre hua acha de armas, e a da Rainha occupada com hum livro.

Dos topos do cruzeiro toma hum a porta travessa da banda da epistola, o outro enche o altar de Jesu com hum grãde e formoso retabulo de pedraria lavrada á moderna.

Estas cinco Capellas, assi a mayor, como as quatro collateraes podemos dizer que não tem retabulo algum. Porque dado que na mayor e na do Rosario vejamos hoje retabolos, são ambos cousa tão pequena em corpo e tão pobre em feitio, que claramente mostrão não dizerem com a mais obra do convento, nem com a tenção do fundador: principalmente estando ermas as outras tres: e estando todas sinco aberto em frestas pera luz, o mesmo sitio que ouverão de cubrir os retabolos, se forão proporcionados com as Capellas.

Donde se póde colligir que o animo do fundador não foy tratar de retabolos de pedra nem de madeira. Porque se o fôra, ou os fizera desde o principio, ou deixara o lugar livre para se fazerem ao diante.

E assi he meu parecer que foy sua determinação como de espirito em tudo grandioso fazer retabolos de prata, e estes levadissos com tantos corpos de prata de santos que para qualquer festa ficassem os altares cobertos delles: e fundo-me em que já quando falleceu tinha dado á sacristia quinze corpos.

Em todas sinco Capellas tomão o verdadeiro lugar dos retabulos humas grandes frestas altas e rasgadas, as quaes todas estão guarnecidas e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas côres e varias pinturas de devoção, e tambem assentadas, que cursando no sitio grandes ventaniaa e sendo maior a bateria das tempestades, quanto mais altas são as paredes, com tudo a mayor parte das vidraças está ainda hoje inteira, e cõ o assento da primeira mão, sem aver mister segunda do reformador dellas, que assiste na casa particular assalariado para as fabricar e manter em sua perfeição.

A capella mór tem quatorze frestas das quaes lhe ficão no lugar do retabulo dez, a saber: sinco baixas e sinco altas: e cada huma a quarenta e dous palmos de rasgado de alto a baixo: e porque ficão direitamente huas sobre outras: vem a abrir cada duas em altura oitenta e quatro palmos. E todas dez tem uma mesma largura de tres palmos, e meyo de vão cerrada de suas vidraças, sem divisão nenhua de pedra.

Assim vem a dar cada hua das dez frestas cento e quarenta e sete palmos de abertura e outros tantos de vidraça e de luz.

As outras quatro lhe ficão nos lados, e tão altas que tomão luz sobre as capellas collaterais, a duas por banda.

E estas tem vinte palmos de alto e doze de largo com dous pilares polo meyo de grossura de um palmo cada pilar pela fortaleza da vidraça.

E por boa conta vem a dar cada uma destas frestas duzentos palmos de luz, e outros tantos de vidro.

As quatro capellas collaterays tem cada uma suas tres frestas com alguma differença entre si.

Porém as mais são de corenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça.

Dissemos atras qne entrando pela porta principal da Igreja abria um arco á mão direita.

O que dentro se vê, he uma grande sala quadrada de noventa palmos por cada lado fabricada da mesma sorte de cantaria da Igreja, e coberta de abobada com um simborio que artificiosamente nace do meyo della sobre oito pilares como a effeito de meter mais luz dentro, mas na verdade pera lustre e magestade da capella; e juntamente estribo da abobada; porque sobe em grande altura em forma oitavada e trinta e oito palmos de diametro seguindo a situação das colunas, e fazendo duas faces de hum mesmo lavor e feitio, uma pera dentro e outra pera fóra: e vay vasado todo em roda até a mais alta parte delle em frestas muy rasgadas e grandes, e tão largas, como he cada parte do oitavado, e todas são cerradas com suas vidraças de cores, como as da Igreja, e capellas: e nellas se vem debuxadas as armas do Reyno e divisas do Rey, que as mandou fazer.

E porque o simborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre huma divizão ou cordão de cantaria em redondo, pera firmeza da obra, e sobre ella sobem outras frestas em direito das quaes ficão debaixo com o mesmo lavor e guarnição de vidraças, e illuminação: até pegarem na chave onde fecha toda a obra, a qual fica tão alta, que della ao pavimento ou lageado da capella ha noventa e dous palmos.

Este zimborio assi feito faz pavelhão a duas sepultu-

ras e hum altar, que ao junto lhe ficão debaixo e entre as columnas em que estriba.

As sepulturas fez el Rey pera si e pera a Rainha dona Filippa sua mulher engeitando com aquelle seu grande animo o melhor logar na casa propria, e feita com seu trabalho e despesa.

São dois grandes moimentos tão juntos que parecem hum só.

O marmore muito alvo e fino lavrados todos em roda de hum silvado de meyo relevo com seus espinhos e amoras, e a espaços hua letra Franceza que diz: *Il me plait, pour bien.*

He a empreza de fundamento tão alto, que nos dá nella este Principe um conhecido penhor de seu bom juizo.

Porque se a tomamos na verdadeira significação do nome latino: *rubus*; que he silva, ou sarça, representa-se-nos um Moysés libertador do seu povo, chamado por Deos por meyo della, e não refusando a empreza como elle, mas obedecendo sem tardança com a palavra: *Il me plait*: como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a todo trance e trabalho polo bem dos seus e amor de quem o mandava.

E se a tomamos polo Rhamno misterioso e parabolico do texto sagrado, que tambem he genero de sarça ou silva: confessa-se por outro Abimelech no que toca a seu nacimento e principios, mas com meios e obras de tanto valor e virtude, e com fins tão cheios de prosperidades, que foy nellas um Abimelech ás vessas. Porque este pera reinar só matou aleivosamente setenta irmãos, filhos legitimos de seu pai, sendo elle bastardo: e o nosso esteve tão longe de ambição que reconhecendo por mais proximos e mais dignos herdeiros do Reino, a dois irmãos seus que andavão ausentes,

não pretendeu mais que libertalo pera elles, com nome de defensor. E o de Rey não tomou, senão depois que o povo junto e falta dos irmãos lhe fez força.

Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados do mesmo marmore lavrados de relevo inteiro, hum del Rey que está armado de todas as armas, salvo as da cabeça, e o outro da Rainha que fica á mão direita del Rey e estão travados pelas direitas.

As cabeceiras destas sepulturas ficão pera a porta principal e em cada uma esculpido seu letreiro, em demasia largo.

Fica o altar que dissemos, contra os pes das sepulturas, arrimado ás colunas que sustentão o simborio: por maneira que o altar e sepulturas fazem uma capella particular por si e não pequena no meyo de toda a quadra.

Na parede fronteira que fica á mão direita dos Reys parecem quatro sepulturas debaixo de quatro arcos lavrados de obra miuda, e encaixados na grossura da parede que tomão todo o lanço della.

No face de fóra que so descobrem, representão escudos de armas e divisas em lavores de meyo relevo com emprezas e tenções dos que nellas jazem, que são os quatro filhos que el rei teve despois do Principe herdeiro dom Duarte que lhe succedeu no Reyno, para quem deixou a capella mór.

E não se faz conta do infante dom Affonso que morreu moço, e foy enterrado na Sé de Braga sendo primogenito.

Jaz na primeira o infante dom Pedro como mais velho entre os quatro: foy duque de Coimbra, e de Monte mór, e Governador deste Reyno na menoridade del Rey dõ Afõso V seu sobrinho e genro, por tempo de onze annos, que se affirma foi o mais inteiro e santo governo que nelle em muitos annos se gozou.

Este he o Infante de quem o povo conta que andou as sete partidas do mundo: e não ha duvida que correu muitas terras, e em Alemanha se achou com o emperador Segismundo em alguns feitos notaveis: e de Italia passando por Padua trouxe algumas reliquias do nosso portuguez Santo Antonio, que deu á sua egreja de Lisboa.

Mostra-se em uma parte da sepultura a diviza da Ordem da Garrotea de que era cavalleiro com a letra della. A outra parte se vê umas balanças e de mistura com ellas alguns ramos, de que pendem umas bolotas como de azinheira, e huma letra franceza de uma só palavra que he *Desir*.

Tem segundo logar nas sepulturas, como na idade o infante D. Anrique duque de Vizeu, e senhor de Covilham e mestre da Ordem de Christo.

Dizem que foy eleito rey de Chipre, e dá testemunho o vulto que cobre sua sepultura que está coroado de Coroa Real.

Tem no escudo a divisa da Garrotea.

E entre os lavores da sepultura se vê hums trossos pequenos, de que nacem hus raminhos que na feição e fruitos parecem de carrasco, porque as bolotas são muito redondas, os ramos torcidos e curtos, e as folhas cercadas de pontas agudas.

E bem podia significar sua boa tenção e a difficultdade da empreza na fereza e humildade de hum carrasco e no fruito seco, e sem proveito que delle nace com a letra tambem franceza: *Talaint de bien faire*

Succede logo o Infante dom João mestre de Santiago e condestabre de Portugal, o qual casando com hua neta do condestabre dom Nuno Alvres Pereira, filha do duque de Bragança dom Affonso seu irmão, teve duas filhas, por cujo meyo participão hoje do sangue deste vale-

roso portuguez dom Nunalvares os mais dos Reys e Principes grandes da Christandade.

Sua divisa são huns ramos estendidos com uns fuitos picados e redondos, como medronhos e por entre elles pendem huas bolsas, quadradas ao uso antigo com tres vieiras sobre cada bolsa. A letra em francez como as de seu pai e irmãos: *Je ay bien raizon*, responde em portuguez: Eu tenho bem razão. Como não sabemos feitos particulares deste Principe, tambem ignoramos em que funda a rasão que teve para se contentar tanto como affirma da empreza dos medronhos, que não duvido seria muy acertada.

A ultima sepultura e quarta he do ultimo e quarto irmão o infante Santo Dom Fernando, filho sexto em numero d'el-Rey dom João. Foy mestre de Aviz. A divisa de seu escudo são as Quinas Reaes sobre a Cruz floreteada da sua Ordem.

A empresa que se vê no campo do moimento são huns ramos como os do Infante dom João: mas com esta differença, que aquelles vão estendidos, e estes enlaçados em circulo hus cõ os outros: os fruitos destes tem differença no nacimento daquelles. Por onde ouve quem quiz dizer que estes ramos circulares fazendo como fazem, feição de corôa, erão de espinheiro e dizião bem, se lançarão puas ou espinhos, o que não fazem. A empreza neste sentido era bem fermosa e juntamente profetica: e os espinhos que não teve quando se esculpio, que foy muyto antes de seus trabalhos, experimentou o Santo entre os Mouros. Póde bem ser que como amava a coroa de Christo e seus tormentos, como Santo que era, não se atreveo por humildade, a declarar ao mundo o que tinha em seu animo: por não parecer que blasonava virtudes ante tempo.

Mostrou-o depois, com effeitos, e bem á sua custa, e

estes são os espinhos, que faltão no valor, e corpo da empreza. E ainda que lhe não vemos letra no moimento, elles mostrarão que assi muda publicava e soava mais que todas as de seus irmãos.

Da mesma maneira que os Reys tem seu altar junto de si, que he da invocação da Cruz, tem os quatro Infantes outros quatro altares juntos e distinctos por seus arcos formados na grossura da parede no lanço da quadra que fica contra os pés dos Reys: ornados todos com seus retabulos, pequenos segundo o sitio e de pintura antiga, mas perfeita. A invocação dos altares he segundo a devoção que cada hum teve em vida. O primeiro que segue logo apoz a sepultura do Infante Santo, he da Assumpção de Nossa Senhora. Mostra-se que pertence ao mesmo Santo, porque nos paineis que cercão a Senhora se vê retratado com suas cadeias e successos de seus trabalhos.

O segundo he do Bautista, e diz com o nome e devação do infante dõ João. No terceiro fez o Infante dõ Anrique pintar o Infãte dõ Fernando, porque o tinha por Martyr, e cõ elle erão todas suas devações. O do Infante dõ Pedro que he o quarto tem o seu Anjo S. Miguel, cuja insignia trazia por divisa. A parede fronteira desta que fica na cabeceira dos Reys está toda occupada de grandes almarios de madeira, em que se guarda o necessario pera se officiarem os sacrificios, que cada um d'estes Principes tem quotidianamente. E pera se conhecer cada hum, e a que Principe pertence, vê-se na madeira lavradas as divisas, tenções e letras de todos. E porque nos não fique nada por dizer do que toca ao Infante Santo, achamos aqui cõ as suas coroas parte do que faltou em sua sepultura, que he a letra e franceza tambem, como tem os mais e diz assi: *Le bien me plait*: significando: *O bem me agrada*. E tal

he a fabrica da capella e enterro del-Rey dom João Primeiro e dos Infantes seus filhos.

Da parte de fóra da Igreja ha duas entradas, huma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesu. O portal e frontispicio da principal merecia só hu livro pela calidade da obra, se ouveramos de particularisar tudo o que nella ha de colunas, de figuras, de lavores e variedades de feitios, desda primeira pedra que descobre sobre a terra até o remate, que levantou grande altura sobre a mayor abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a pena, pera o declararmos, e se entender com todas suas partes. Só hum espelho que abre no alto em meyo do frontispicio pera dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais sutileza e cuydado em trancinhas de agulha ou em lavor de cera, ou no espelho de hua viola. E quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fórma circular e redonda e pola representação e miudeza do feitio. Os vãos que na viola ficão abertos para darem lugar ás vozes que fórma no interior, ficarão cá serrados de vidraças debuxadas todas de cores finas, e pinturas varias de armas e divisas do Reino, de tenções e empresas del-Rey. E como são muytos os vãos porque o circulo he muy dilatado, communica dentro muyta claridade e paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em lugar tão alto.

Não espanta menos a firmeza, numero e grandeza de outras vidraças, que dão luz á Igreja e cruzeiro. Só no corpo da Igreja abrem trinta frestas, todas tão rasgadas de alto abaixo, e ao respeito e proporção tão largas, que

em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande, como temos dito, e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura e cores, que atras dissemos, pode-se estar n'ella não só sem pavor, mas como em meyo de huma praça.

Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar pera credito do que dizemos, por mão de architecto. No alto da nave do meyo ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem dezoito palmos até os capiteis, e tem de largura nove, dividida cada uma com dous pilares, de grossura de hum palmo cada pilar, para firmeza das vidraças. Assim ficão em cada fresta sete palmos de vidro e luz, que multiplicados pelos dezoito da altura, fazem cento e vinte e seis.

As duas naves tem ambas doze frestas. Quatro a do sul, em que fica encostada a capella do fundador e oito a contraria. Cada fresta vinte e dois palmos de alto e sete e meyo de largo. E porque tambem são divididas a dous pilares, de grossura de palmo, como as da nave do meyo, ficão com cinco palmos e meyo de vidro: e vem a ter cada fresta por esta conta cento e vinte e hum palmos de abertura e luz e outros tantos de vidraça.

Da mesma altura e largura destas ha outras duas frestas que acompanhão a porta principal, huma de cada lado, e fazem o numero que dissemos de trinta. E vem a ser huma tamanha cantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantão desta casa.

Ajudam a claridade outras tres no cruzeiro, das quaes so huma que fica sobre a porta travessa sobe a quarenta e dous palmos e tem de largo quatorze, lavrada toda de huma artificiosa rede de pedraria e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da Capella mór e collateraes, afóra o espelho do frontespicio da porta princi-

pal, que allumia por muitas, fazem a caza por extremo alegre e muito clara e bem assombrada. O que me faz cuydar, que sendo assi que nesta mesma conjunção teve tambem principio o famooo templo da Sé de Milão (chamam-lhe lá *il Domo*) o qual se começou a fabricar em vida do Pontifice Urbano Sexto, que presidio na Igreja de Deos onze annos até o de 1389, e ficou com tacha de escuro e malencolico, devião esmerar-se os architectos d'este nosso, em o fazer por contra posição em todo estremo claro e bem assombrado. E tornando á historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão cristalinas na vista e tão vivas nas côres, que passando já de duzentos annos que servem, parecem na representação obra moderna.

Cobre-se esta Igreja e abobada, que já dissemos, era de pedraria, com um telhado tambem de pedraria, composto de umas grandes lageas direitas e adelgaçadas em corpo e grossura, que ficão arremedando uns meyos taboões grossos, e começando a assentar na parte inferior umas e sobrepondo outras até o alto, fica armado um telhado immortal, que sofre sem dano e sem perigo ser passeado e corrido: e pera as immundicias que os longos annos fazem crecer, se varre e alimpa á vassoura.

Cerca-o em roda uma grinalda de pedraria formada em laços, e seus florões altos a espaços com que fica como coroado e de toda a mais obra do alto differençado.

Para se poder ver e gosar esta grande machina toda por junto ha duas serventias, que do baixo da Igreja levão ao mais alto do telhado della. Estas são abertas na grossura do muro do cruzeiro, entrando pela porta travessa á mão esquerda; e fica uma junto da porta, e outra junto ao altar de Jesu.

Ambas vão em caracol e com cento e vinte degraus que tem cada uma, vencem a mayor altura. Mas além destas ha outra subida por dentro do convento facil e suave, por escadas largas e bem lançadas: e recebe a vista particular deleytação estendendo-se de cima para uma serra de penedia, que das serras ordinarias não differe em mais, que em ser esta lavrada e polida á força da arte, e as outras informes e descompostas e ao natural: nas quaes assi como ha desigualdades hora com valles fundos, hora com picos e rochedos que se vão as nuvens: da mesma maneira se vem nestas suas differenças.

Porque em umas partes se levanta a penedia como na Igreja; em outras abate como no refeitorio, capitulo e adega: logo por outras partes sobem curuchеos muy altos e de obra tão espantosa, que egualando as da natureza na eminencia, deixão na muyto atraz no que he artificio: porque vão fabricados por tal ordem, que dão facil subida ao alto: mas não sem medo, polo muyto que alevantão.

Destes ha tres; um que fica sobre o Cimborio da Capella do fundador, fazendolhe uma forma de pavelhão: como a faz o Cimborio á mesma Capella (segundo atraz tocamos) e he por estremo fermoso, porque sobe piramidalmente cincoenta palmos, e leva uma sacada em roda de quatro palmos de praça, guarnecida de seu perapeyto lavrado em rede, e coroado de umas matas, como flores de lis: o que tudo junto faz uma maquina muyto crespa e vistosa.

Outro tem seu nascimento quasi sobre a casa que chamão da prata, entre a crasta e a sacristia; e tem de altura sesenta e tres palmos. Não faz menos representação de grandeza a torre dos sinos e relogio; conformando n'ella com tudo o mais do edificio.

Na capella de Santa Barbara, que pega com a de Jesu ao topo do cruzeiro, se entra para a sachristia. Esta sachristia não he casa em si notavel por grandeza ou composição; mas bem de ver polo thesouro sagrado de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos de brocados, telas e sedas de toda a sorte, que o fundador com liberalidade verdadeiramente Real n'ella amontoou. E começando polo de mais estima, que são as reliquias he de saber que achando-se o imperador de Constantinopla Emanuel Paleologo na cidade de Paris em França, aonde viera no anno do Senhor de 1401, a effeito de pedir e juntar soccorro entre os Principes christãos do Occidente, contra a força e poder da casa Ottomana, que vinha conquistando a Asia, e ameaçava a Constantinopla e Europa, e sendo mandado visitar, como era rasão, por parte del rey dom João respondeu á visita com lhe enviar um presente de preciosas reliquias, muyto de estimar pola calidade dellas, e pola certeza e credito que lhes dava a authoridade de tão grande Principe: e ajuntou a ellas uma certidão de sua mão assinada, e com um sello pendente d'ouro autorisada: da qual daremos aqui o treslado em Portuguez, porque sendo bem digna de ser lida, escusa-nos recontar de fora o numero e calidades das reliquias, e diz assi:

Emanuel Paleologo, em Christo fiel Emperador a Deos, e Governador dos Romanos, e sempre Augusto a todos e a cada hum dos que virem estas letras Imperiaes, saude em aquelle que he verdadeira salvação de todos. O piadoso salvador e redemtor nosso Jesv Christo offerecendo-se a si mesmo a Deos Padre em sacrificio sem macula no altar da Cruz deixou aos fieis christãos as insignias de sua paixão pera memoria de suas maravilhas.

Polo que tendo nós na nossa cidade de Constantino-

pla algumas santas Reliquias do mesmo nosso Salvador, e de muytos Santos seus dignas de serem veneradas, como o temos de tradição dos serenissimos Emperadores nossos Pais por estormentos autenticos e Cronicas aprovadas: as quais cousas forão por elles guardadas e conservadas, como tambem o são por nós com a diligencia e reverencia devida.

E succedendo hora passarmos a estas partes occidentais, por causa das perseguições e oppressões dos Turcos crueis enemigos do Santissimo nome de Jesv Christo, que elles com todas suas forças trabalhão por extinguir na terra, e principalmente nas partes de Thracia: a effeito de buscar defensão e ajuda pera os christãos das provincias Orientais, que estão pelos ditos infieis opprimidos: trouxemos com nosco parte das ditas Reliquias e Santuarios.

E sabendo por certeza, que no Illustrissimo Principe dô João por graça de Deos Rey de Portugal nosso parente digno de toda honra, florece o zelo da fé e religião christam: por tanto porque sua devação creça sempre no Senhor, ouvemos por bem darlhe algumas das ditas cousas sagradas: e lhe damos agora ao mesmo serenissimo Principe huma pequena Cruz de ouro, dentro da qual estão Reliquias dos bem aventurados Apostolos S. Pedro e S. Paulo, e de São Jorze, e de S. Braz.

E no meyo da dita Cruz está huma pequena particula da espongia, com que derão a beber a Christo o fel e vinagre.

E pera certeza e cautela de todas as cousas ditas, pedimos que se escrevesse esta carta ao mesmo serenissimo Principe, assinada por nossa propria mão com lettras Gregas de tinta vermelha, como costumamos no nosso Imperio e a autorisamos cõ a firmeza de nosso sello pendente de ouro esculpido de letras Gregas.

Dada na cidade de Paris aos quinze dias do mez de junho de 1401. Demos tambem ao sobredito Rey hua pequena parte da vestidura de nosso Redentor Jesv Christo, que he de cor, que tira a roxo, e he daquella cuja borda, tanto que a tocou a molher que padecia a doença de fluxo de sangue, logo ficou sam.

Esta santa Reliquia está inclusa em hum viril de cristal engastado em ouro. Emanuel Paleologo.

Estas santas Reliquias recebeo el Rey, e na mesma fórma que lhe vierão á mão, e acompanhadas da mesma certidão do Emperador mandou entregar neste convento e sacristia.

O sello he redondo. Tem de hua parte hum I grande Latino que posto no meyo corta quasi todo o campo de alto abayxo, e juntamente hua medalha do rosto do Emperador, e huma letra que diz *Emanuel in Christo Imperator Paleologus.*

No reverso parece hua imagem de Christo, e outro I tambem grande e latino, e hua letra que diz IESVS *Christus*. O latino I mostra o titulo de quem se prezava de Emperador dos Romanos, como parece da certidão que atraz fica lançada.

Estas são as reliquias. A prata e ouro diremos agora. Deu el Rey quinze corpos de prata de fundição muy prima e custosa, que representavão outros tantos santos da sua devação.

Vinte oito calices quasi todos dourados. Catorze pares de galhetas, cinco caldeiras com seus hissopes. Oyto turibulos e seis navetas pera elles. Nove cruzes meãs pera servirem nos altares. Quatro grandes das quais erão tres pera as procissões e hua de pé de prata pera o altar mór. Dous castiçaes grandes altos e dourados e doze menores. Seis grandes tocheiras. Das quaes erão duas douradas, e ha memoria que pesavão noventa

e hum marcos só estas duas. Sete alampadas de grande corpo e peso. Hua lanterna. Sinco caixas de hostias. Sinco porta-pazes. Dozes gomis com seus pratos grandes de agoa ás mãos. Duas campainhas.

Pesava esta prata ao que se podia entender mais de mil e duzentos marcos: e valia muyto por feitio, e por ser grande parte della dourada: e reduzida a peso ordinario, passava de dezoito arrobas. E fr. Luiz de Sousa accrescenta a seguinte reflexão: magnifico e real emprego em serviço da casa de Deus pera em tempo que não havia India nem Indias.

Os ornamentos que mandou fazer pera celebração das Missas, serviço dellas e paramentos dos altares, erão onze de riquissimos brocados com suas capas e frontais e panos de estante, tudo do mesmo.

Os mais destes erão guarnecidos de çanefas de imaginaria, ou broslados de ouro, e de obra muyto rica. Avia mais trinta e dois ornamentos de sedas custosas, varios em cores, guarnições e sortes de sedas, alem de muytas vestimentas particulares de brocados, telas e sedas pera serviço ordinario e quotidiano. Avia muitos e grandes panos de ouro, brocado e veludo, e outras cortinas de sedas, que servem pera ornato da Igreja e altares e pera cobrir as sepulturas dos Reys, quando se cantão seus anniversarios.

Desta prata, assi por muyta della ser seperflua, e algumas peças não servirem a nosso modo, se vendeo contia que pesou oyto centos e onze marcos: e juntamente se venderão quatro ornamentos dos mais ricos e outro se fundio que era cuberto todo de escamas de prata de martello, tão juntas e sobre postas, que não davão sinal nem conhecimento da seda, e o fazião tão pesado que servia mais na sacristia pera se mostrar por ostentação e magestade, que no altar pera se poder com elle celebrar.

O conselho da venda não foi dos frades; mas de gente de fóra, que julgou seria conveniente fazer renda pera sustentação e fabrica do Convento daquillo que ou estava ocioso, ou era sobejo: e impetrou-se hum Breve da penitenciaria em Roma dirigido aos Bispos de Lamego, S. Thomé e Targa, e passado no anno quarto do Papa Paulo Tercio: em virtude do qual mandarão effeituar a venda: e do procedido della se fez emprego em algumas cousas muito necessarias pera o Convento, mas pouca renda.

Entra-se da Sacristia no Capitulo. He esta casa de tal fabrica que não deve aver outra mais espantosa em quanto se sabe de estremos de architectura,

Porque sendo quadrada, e tendo trezentos e quarenta palmos em ambito, a oitenta e sinco por cada lanço, he fechada de abobada de cantaria sem coluna; nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra que a companhia do edificio que lhe fica nos lados.

Assi está em fórma que a quem poem os olhos no alto engana e faz parecer pola grandeza da casa que se sustenta sem concavo.

He fama que ao tempo que se fabricava, cahyo duas vezes ao tirar do simples com damno de officiaes e el Rey desejando que toda via ficasse a casa sem o desar de colunas em meyo, prometeu merces ao Arquitecto: as quais o fizeram espertar de sorte, que tornando a fechar affirmou que teria melhor successo: porem ao tirar da madeira do simples dizem que não quiz arriscar el-rei os officiaes, e mandou vir das prisões do Reino alguns homens que estavam sentenciados a grandes penas, para que sobre elles caisse o terceiro dano, quando succedesse. (E foi este facto que servio a Alexandre Herculano d'assumpto para um lindo romance.)

N'esta casa está depositado el-rei dom Affonso Quinto neto de quem a fez. Levanta-se no meyo d'ella hum estrado grande de madeira, a que se sobe por muitos degraus continuados de todos os quatro lados. No alto parecem dois tumulos juntos cubertos de pannos ricos, em hum está o corpo d'este Rey, no outro o de hum neto seu que foy o Principe D, Affonso, filho del-Rey D. João segundo, que morreo desastradamente em Santarem correndo hum cavallo nas prayas do Tejo.

Segue ao capitulo a crasta que abre porta no meyo della outra que bem corresponde na grandeza e sumptuosidade, a toda a melhor da casa.

He quadrada e tem por cada lanço duzentos e sincoenta palmos dos quaes vão cobertos trinta ao longo das paredes de abobada sobre grandes arcos de pedraria, altos e espaçosos, de obra Gothica, lavrados todos de laçarias e entalhados de alto abaixo de lavores, e feitios de tanta miudeza e excellencia, que mostram bem que não eram menos engenhosas as mãos, que n'elles se empregaram, que as que obraram o frontespicio do templo: nem menos curioso quem governou humas, que quem assistiu nas outras.

A praça de dentro fica dividida em ruas, e passeyos e grandes canteiros povoados de diversidade de arvores e flores, offerecendo cada hum aos olhos hum particular jardim, ornados todos em roda de pedraria. No meyo abre um poço grande de muyta agua: e a hum canto se levanta huma fabrica de fonte muy alterosa com grandes pratos recebendo os mayores a agua dos mais levantados e menores até cayr em seu tanque.

Serve a fonte n'este sitio, porque lhe fica defronte a hum canto do corredor do claustro a porta do Refeitorio: e offerece aos que vão entrar n'elle, lavatorio para as mãos e recreação pera a vida, em quanto se espera

sinal da mesa no poyo, que fica no mesmo corredor e encostado de huma e outra banda da porta com seus assentos altos e respaldos de madeira.

Fica esta porta no fundo do segundo lance do claustro se damos o primeiro lugar ao que he mais visinho do capitulo, e corremos sobre a mão esquerda. Deste segundo lanço toma huma grande parte o Refeitorio, começando do canto onde tem a porta.

Pode-se contar por peça bem digna de toda a mais obra. Porque sendo capaz de grande numero de frades em cumprimento de cento e trinta e tres palmos, e largura de trinta e dois, que vem a ser quazi quarta parte do cumprimento, he muy clara e tão alta que não corre sobre ella outra nenhuma obra, e he de abobada de cantaria semelhante ás que temos referido.

Todas as mais officinas baixas e gerays do Convento, como celleiros e adegas tem a capacidade conforme, tanto pelo que demanda a grandeza delle, como pela necessidade de recolhimento dos fruytos e do numero dos moradores que sustenta, que por rezão do estudo continuo sempre he muy crecido.

Só a adega tem de cumprido cento e setenta palmos, e quarenta e tres de largo, e he coberta de sua abobada.

Corre a outra parte hum claustro de menos campo que o grande quasi ao meyo em toda sua conta: mas em seu tanto muy bem obrado.

Assi visto e considerado de fóra o Convento representa hua boa villa ou muitos conventos juntos. Porque os dormitorios, hospedarias, enfermarias, livraria e casa de Noviços, que por cima se estendem, fazem que se possa crer assi pola grandeza, que em cada causa ha.

A casa de Noviços só por si he como hum bom convento na capacidade de corredores e numero de cellas,

e concerto de oratorio e recreação de seu pumar e jardim.

O dormitorio do Convento he hum estendido corredor forrado de madeira, e cõ seu telhado ordinario, por respeito da saude dos religiosos, mas como tudo o mais, em grande altura.

Faz no topo hum eyrado descuberto sobre huma grande cerca de vinha e pumares que colhe dentro hua boa ribeira de muita agoa e pegos fundos, que a tempos ajudão a aliviar o trabalho da reclusão e estudo aos padres, cõ pescarias de cana e redes.

Neste corredor e na enfermaria e hospedarias ha mais de sessenta cellas. Em casa dos Noviços vinte e quatro.

Os recebimentos da portaria da banda de fóra e de dentro, a largueza das entradas, e passagens pera casas de differentes serviços e mysteres: e as muitas que ha, representão em tudo grandeza de maquina Real.

E pera em todas aver disposição e commodidade, limpeza e bom serviço, atravessa todo este edificio por baixo do lageado hua grossa levada de agoa, que sem dar vista de si purifica e leva fóra todas as immundicias da casa.

Com esta descripção assi humilde e pouca atilada, temos mostrado, quanto nos foi possivel, a sumptuosidade e magnificencia do edificio que se vê acabado e perfeito.

Mas outro edificio ha imperfeito e menos antigo, que se chegaramos a ver nelle a ultima mão, viramos em summo grao accrescentada a magestada desta casa.

No corredor que dece do Convento pera a Capela de Santa Barbara, fica por detrás della huma pequena porta pola qual quem sae, dá logo em outra pouco mayor, que no alto sobre a lumieira, mostra entalhado de meyo

relevo huma Cruz de feição das que uzão os Cavaleyros da Ordem de Christo; e por baixo della dous instrumentos cõ que os mestres de Mathematicas dão a entender os movimentos do Ceo e postura da terra (chamalhes a linguagem vulgar Esferas).

Estas fazem guarda a huma tarja, que entre si tem, na qual se ve hua abreviatura de tres caracteres juntos que são hu C grande e dentro nelle hu E, como este : e da ponta baixa do C pega e dece hu y grego.

Pode-se crer que quiz o Author da obra advertir de sua tenção aos curiosos que a entrassem a ver, mas que lhes custasse adivinhar, e com mais trabalho que se proposera algum hieroglifico Egypcio ou Oraculo das Sibyllas.

Esta porta com suas emprezas e cifra mysteriosa offerece entrada pera hum pateo descuberto, que fica directamente detrás da capella mór da Igreja, e ao justo defronte della mostra hua formosa portada, que se fórma de hums cordões, que começando de baixo sobem ao alto: e em volta sem fazer sinal de capitel, nem outro genero de divisão em nenhuma parte, tornão a decer pola outra até o chão: e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos huma grande abertura de portal, os que se lhe juntão, que são seis, vão recolhendo e apertando a entrada com tal diminuição, que vem a ficar em huma moderada porta.

São os cordões todos sete desiguais em grossura, como tam bem são differentes em feitio: mas todos entalhados de variedade e sutileza de lavores tam perfeitos e com tanto primor e mimo obrados, como se fôra na mais facil e obediente madeira de quantas servem pera escultura.

Assi fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar e polir cada pedra e as

muitas que se perderião estalando cõ a força do ferro e sutileza do lavor.

Em quatro cordões destes he parte do feitio hua letra interposta a espaços, a qual escrita com os mesmos caracteres que tem esculpida, he a seguinte: *Tanyas erey*.

Como lhe não achey conformidade com a linguagem da Patria, lancei-me ás estranhas, e communicada a letra com pessoa de grande juizo assentamos ser Grega.

Porque *Tanyas* he accusativo do nome grego *Tanya*, que he o mesmo que região: e *Erey*, he o imperativo do verbo *Ereo*, cuja significação he buscar, inquirir, investigar.

E fica-se dizendo em nome do Senhor do Templo a El Rey Dom Manuel, que o edificava, segundo iremos mostrando: Buscay, inquiri novas regiões e climas: como animando-o a não desistir de seus valorosos pensamentos. E quadra bem a significação com a empreza, que então actualmente occupava este Principe, do descubrimento da Indía; e tambem com a divisa da sua mysteriosa Esfera, que acceitada por elle a outro fim, foy pronostico de se lhe aver de sogeitar grande parte do mundo.

Mais trabalho nos dá a cifra da primeira porta, que como he de letras que não fazem dicção certa, fica esposta a quantos sentidos lhe quizermos aplicar. A primeyra duvida he, a que linguagem avemos de atribuyr estes caracteres. [1]

Obriga-me a dal-os por gregos acharmos Grega a le-

---

[1] Fr. Luiz de Souza: Historia de S. Domingos. Bemfica, por Giraldo de Vinha, 1623, fol. 338. Além d'esta ha mais duas edições, estampadas em Lisboa. E não foi só o convento de Bemfica que teve typographia: varios outros a tiveram·

tra que já fica declarada: e força-me a companhia de que estão cercados das Esferas e Cruz de Christo, a ter por sem duvida que jaz nelles algum grande mysterio.

Parece que quiz o Autor da fabrica que tivessemos aqui hua representação do antigo e celebrado templo de Delfos, em Grecia, do qual lemos que sobre a porta tinha hua quasi similhante cifra: e na entrada outra letra que falava com os que o visitavão *Gnoti se auton*: que quer dizer: conhece-te.

Era a cifra Ei, que significa: Vos Soys.

Esta cifra deu tanto que fazer aos sabios antigos, que só della escreveo Plutarcho hum livro: no qual depois de longos discursos assenta, que por este Soys de presente, se não pode entender outra cousa, se não hum só e eterno Deos.

Passada a porta leva os olhos após si hum edificio imperfeito e descoberto, que de presente he hua grande praça de capellas formada em perfeito circulo e contão-se nelle sete.

E assi como a traça de estarem em campo redondo mostra não se pretender preferencia por quem as ordenou, em nenhuma: da mesma maneira se teve cuidado de se buscar igualdade, ao que parece, no corpo, feição, fórma e feitio de todas, e cada hua por si, que he quanto se pode desejar por todas suas partes excellente de arcos e laçarias, de policia de escultura, de graça, sutileza e diversidade de lavor: mas em nenhuma se enxerga differença tal que a a faça aventajada, ou mingoada de autoridade.

Porém he grande lastima que estando, como estão, todas as capellas acabadas em sua perfeição e as paredes em roda levantadas ate o ponto, donde segundo a arte avia de começar a sobir a aboboda mayor, pera co-

brir todas e tornar o que oje he praça aberta em capella fechada, que não fora demasiado custo á comparação do muito que já está feito. parou a obra neste estado: e testemunha bem a fortaleza della estar tantos annos ha batida das inclemencias do tempo e enxergandoselhe muy pouco dano.

O fim a que tirava a magnificencia desta nova fabrica se deixa bem entender: visto como todos os corpos de principes que no convento estão recolhidos despois del Rey Dõ João Prymeiro e seus filhos jazem nelle a titulo de deposito: e parecia justo, que algum herdeiro, ou mais piadoso, ou mais desoccupado tomasse a seu cargo agasalhalos em proprio domicilio.

Quem foy aquelle que de tal pensamento se deixou levar, e primeiro poz mão na obra, ha varias opiniões.

Porém de que se acabou, e fez a mayor parte do que está levantado por ordem del Rey dõ Manoel, ou de cõsentimento seu e em seu tempo, não he materia de duvida, porque está verificado com argumentos e provas certas.

He a primeira verem-se no logar mais autorisado della, qual he a capella, que entre as sete fica fronteyra da entrada, as esferas, que atrás dissemos, da primeira porta certa e sabida divisa del Rey Dõ Manoel, que nunca trocou.

Seja a segunda lerse nos remates dos angulos da mesma capella a letra: *Tanyas erey*, em suas targetas entre dous laços.

Donde infirimos qua esta letra tã repetida na fermosa prospectiva da portada, como a cifra das tres letras da primeira porta, erão manifestamente pertencentes ao mesmo Rey, pois hua e outra se vê agermanadas cõ as esferas.

E não faz em contrario a Cruz de Christo, porque

foy dignidade do Mestrado que possuhio antes de reynar e despois a unio pera sempre á Coroa. Mas toda a duvida nos tira huma letra Latina esculpida sobre a porta, por onde se entra no primeiro pateo da banda de dentro, que diz: *Perfectum est opus anno 1509*. Querendo significar que se poz n'aquelle estado de perfeição em tal anno: que era o mesmo em que havia já muitos que gloriosamente reynava gosando das vitorias e thesouros da India.

Não falta quem funde em boas rezões, que foi autora a Raynha Dona Lyanor sua hirmao, obrigada de dous tão grandes penhores como tinha sem sepultura propria no Convento, que eram el Rey Dom João Segundo seu marido, e o principe dom Affonso seu filho: e como possuhia grossas rendas, e era princeza de grandes espiritos, e el Rey Dom Manoel seu irmão lhe reconhecia, alem do sangue e estado, particulares obrigações, pola diligencia com que procurára sua successão no Reyno, a que el Rey Dom João se mostrava manifestamente contrario: podia bem aplicar-se a semelhantes grandezas.

Ajuntam os que tem esta opinião, que o deixar o melhor logar, que era a capella do meyo, pera el Rey dom Manoel sinalando-a logo com suas letras e divisas, fora querer imitar o estilo e moderação del Rey dom João o Primeyro: e pola mesma rezão escolhera pera si, e pera el Rey dom João Segundo seu marido huma das collateraes, em que se vê o pelicano ferindo o peito, empresa sua muyto sabida.

Mas póde mais o tempo, que todas as determinações dos homens.

Estas ficarão sem effeito, e elle vay ja roubando o lustre a toda a obra, e acabando-a antes de acabada: e em fim virá a consumir hua máquina dignissima de perpetuidade.

O que me obriga a juntar aqui o juizo que fez della, e de tudo o mais deste convento, huma pessoa de grande entendimento, e que tinha visto e considerado todas as fabricas de mais importancia da Christandade, que foy o grande mestre Frey Vicente Justiniano nosso Geral e Cardeal. Testimunho sem sospeita por ser de estrangeyro e de varão muito religioso e santo.

Este padre vindo a este Reyno notou nelle algumas cousas que refiriremos para que se veja quão bem sabia notar.

Disse por Lisboa: *Vidimus orbem in urbe.* Como se dissera:

Vimos em huma cidade todo o mundo junto.

Disse por Setubal: *Vidimus oppidum lapide cinctum pretioso.*

Vimos hua villa murada toda de pedras preciosas: foy a rezão, porque toda a pedra della he jaspe, nem aquelles contornos produzem outra.

Disse por Coimbra: *Vidimus urbem undique ridentem.*

Vimos huma cidade tão bem assombrada, que por onde quer que olheys, parece que se vos está rindo.

E quando chegou a vêr este convento, disse com admiração e affirmação: *Vidimvs alterum Salomonis templum.*

Vimos outro templo de Salomão.

Segue ao edificio temporal de pedra e cal, de ouro e prata, o espiritual de sacrificios e suffragios, que os Reys pera sempre instituiram neste Convento pera gloria de Deos e beneficio de suas almas.

Na Capella del Rey Dom João o primeiro se dizem cada dia por todo o discurso do anno cinco Missas a hora de Prima, com assistencia da Communidade: hua cantada por el Rey e Raynha, e as quatro rezadas polos

infantes seus filhos, e estas se rezão em quanto aquella se canta, e todas se diz m nos altares que correspondem ás sepulturas de cada um.

Nos dias festivaes são todas da festa que a egreja celebra: em todos os outros são de Requiem, e só a que se diz polo Infante Santo he da solenidade de Todos os Santos.

Além destas Missas se celebra outro grande numero polos Reys e Raynhas. Principe e Infantes que nesta casa jazem, segundo como cada hum dispoz em seu testamento.

Cantão-se em cada hum anno dous anniversarios solenes por cada hum destes principes: hum no dia de seu falecimento, outro na semana que segue ao dia da Commemoração dos finados.

Mas ha esta differença, que no que se faz por el Rey dom João Primeiro aos 14 de agosto, e dom João Segundo aos 25 de outubro, que são os dias em que falecerão, he costume pontualmente guardado aver pregação com memoria de suas proezas e virtudes.

No ultimo destes anniversarios, que toca ao Infante Santo deixão os Religiosos a musica funeral e triste, e cantão huma Missa solene officiada com orgãos e paramentos brancos, que he Missa de todos os Santos, em quanto não he canonizado nem beatificado. Pera os dias destes anniversarios se cobrem as sepulturas todas de panos de seda e ouro, guardando com estes principes defuntos toda aquella solenidade e magestade, que por quem forão lhes he devida.

Com cada anniversario ficou limitada sua offerta de certa quantidade de trigo, vinho e cera: e como a nossa Ordem foy fundada em comer peixe continuo, quizerão os Reys pios que se juntasse tambem á offerta humas tantas duzias de pescadas secas, por ser genero de pei-

xe, que por grande e sadio serve bem pera as communidades: e tambem porque nos portos de mar mais visinhos ao Convento costumava pescar-se em grande copia. E como os anniversarios são muitos, e as offertas realengas, chega o trigo a sincoenta e dous moyos e meyo, e o vinho a quarenta e tres pipas: vinte e quatro arrobas de cera, e duzentas e quinze duzias de pescadas.

Esta offerta reduzida a dinheiro mandão os Reys pagar de presente aos quarteis nas suas rendas do Almoxarifado de Leiria; e porque o preço das cousas levantou muyto, faz soma de huma boa esmola, e he a principal parte da intentação dos Religiosos

Mas no tempo que el Rey Dom João fundou a casa, como a offerta era mais curta, e tudo valia pouco, considerou logo, não ser rezão que frades por elle escolhidos pera seus capellães perpetuos, e moradores de hua charneca saissem de casa a mendigar entre visinhos pobres sua pobre mantença, como a nossa Ordem fazia então por toda a Christandade: e usando de paternal providencia supplicou ao papa Bonifacio IX que dispensasse com este Convento, para poder ter proprios e rendas perpetuas e acceitar heranças para gozar em communidade.

E o pontifice o ouve por bem, e mandou despachar hum Breve com a sua execução commettida ao bispo do Porto dom João Estevens, breve em que os castelhanos são tratados por *scismaticos*.

Em virtude desta dispensação começou o convento a possuir em propriedade bens de raiz e rendas; e foy o primeiro que em toda a Ordem usou dellas, e el rey dom João tambem o primeiro que lhas deu

E sem embargo da resistencia que os frades fizerão por algum tempo, lhes fez acceitar seis annos despois huma quinta visinha que havia dias tinha comprado, a

fim de a encorporar como encorporou em o Convento. Mandou-a comprar a hum fidalgo por nome Egas Coelho, no mesmo sitio em que se tinha fundado o Convento.

«E parte de huma parte com João da Beesta, e da outra com Jenebra Pirez, e entesta com o caminho publico.»

E mandou por verba de testamento se comprassem herdades e bens de raiz pera sustentação dos Religiosos.

No espiritual impetrou do Summo Pontifice particulares graças e indulgencias pera os noviços, que nella recebessem o habito, ou se creassem, ou fallecessem.

E em quanto ao corporal não lhe esqueceo provel-a de cousas importantes, ordenando que assistisse hum medico continuo em logar visinho, donde accudisse aos enfermos, obrigado não só com salario conveniente, mas com honras e privilegio de medico da Casa Real. E hua cousa e outra deixou estabelecida e firme como por ley.

Nem se descuidou sua providencia da necessidade que tem todos os grandes edificios de reparo continuado contra as injurias do tempo: e ordenou um ministro que, com o nome de Almoxarife ou provedor das obras do Convento assistiu na visinhança delle, a quem accudissem muitos officiaes de todos os mesteres, todas as vezes que se offerecesse necessidade de refazer ou concertar alguma parte.

E estes honrou com isenções e liberdades: e pera que nunca ouvesse falta nem dilação no que comprisse quiz que fosse o numero muy crecido.

Eram 125 pedreiros: 56 cavoqueiros, 20 carreiros, 10 servidores, 1 ferreiro com 2 carpinteiros sómente, visto como nos principios não avia cousa de madeira e

carpintaria mais que portas, janellas e tudo o mais era pedraria.

E assinou particular porção pera hum vidraceiro assistir e entender quotidianamente no reparo das vidraças.

Fr. Francisco de S. Luiz na Memoria Historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamada vulgarmente da Batalha, publicada na collecção de Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa julga que as obras deste edificio deveriam ter principiado no anno de 1387, ou quando muito no de 1386. E, segundo este mesmo notavel escriptor, a quem Alexandre Herculano teceo os maiores encomioa, os mestres das obras foram os seguintes:

1 Affonso Domingos, do qual se faz mensão em um documento de 1402.

2 Mestre Ouguet, ou Hughet, ou Huet, a quem el-rei D. Duarte faz doação d'umas casas para residencia.

3 Mestre Martim Vasquez.

4 Mestre Fernão de Evora.

5 Mestre Matheus Fernandes. Foi Mestre das obras em tempo d'el-rei D. Manuel, e tem sepultura no pavimento da egreja, onde se lê o seguinte epitaphio: «Aqui jaz Matheus Fernandes mestre que foi d'estas obras, e sua mulher Isabel Guilhermer e levou-o nosso senhor a dés dias de abril de 1515. ella levou-a a...»

6 Mestre Matheus Fernandes, 2.º

7 Mestre Antonio Gomes, mencionado num documento de 5 d'agosto de 1548.

8 Mestre Antonio Mendes, figura n'uma carta de 1578.

Mestres das vidraças

1 Mestre Guilherme, em documento de 1448, 1463, e 1473.

2 Mestre João, em documento de 1489.

3 Antonio Taca, em documento de 1538. Era fallecido em 1543.

4 Antonio Taca, 2.º. Encontra-se o seu nome como mestre das vidraças em 1569, 1583 e 1596.

5 Antonio Taca, 3.º apparece seu nome como vidraceiro em 1608.

6 Antonio Vieira: apparece seu nome como vidraceiro em documento de 1607.

Mestres, cuja arte ou officio se não acha designado nos documentos:

1 Conjati, 1428, 1431 e 1443.

2 Mestre Miguel, 1440.

3 Mestre Boutaca, ou Botaca, cavalleiro da casa de el-rei: 1509, 1512, 1514, 1519, já fallecido em 1528.

4 Mestre Thomaz, 1512.

5 Mestre Conrato, 1514.

Officiaes de algumas artes ou officios mais notaveis de que fazem menção os documentos:

1 Gil Eannes, imaginador, 1465.

2 Affonso Lopes, imaginario, 1534, 1544 e 1555.

3 Duarte Mendes, entalhador, 1535.

4 Henrique Francez, entalhador, 1535.

5 João Gonçalves da Rua, entalhador, 1536.

6 Pero Taca, entalhador, 1549, 1561.

7 Francisco Taca, pintor, 1566.

8 Alvaro Mourato, pintor, 1592.

Uma das cousas (diz fr. Francisco de S. Luiz) que n'este grandioso e veneravel edificio soem excitar a curiosidade dos espectadores, são as vidraças que guarnecem e cerrão as frestas da igreja, capella real e capitulo, as quaes todas mostram huma especie de illuminação ou pintura de vivas e finissimas côres, em que se veem representados alguns passos da vida de Jesus

Christo e da Santissima Virgem sua mãe, e outros das sagradas historias, bem como em lugares competentes os escudos de armas, emblemas, divisas, e letras d'el-rei D. João I, de seus illustres filhos, e d'el-rei D. Manuel, e por acaso alguns outros ornamentos caprichosos sem particular allusão ou significação conhecida.

«Estas vidraças, que hoje se acham mui damnificadas e já, a lugares, suppridas por vidros ordinarios, diz o patriarca fr. Francisco de S. Luiz[1] ainda com tudo vistas com boa luz, e de lugar e distancia conveniente, produzem o mais bello e agradavel effeito, e causão hum certo grao de admiração no espectador, tanto pela novidade e raridade do objecto, como pela opinião, que facilmente se concebe, de serem aquelles desenhos e bellissimo colorido entranhado na massa do proprio vidro, e não obra de pintura ou illuminura, meramente externa e sobreposta.

«Esta opinião todavia nos parece errada. Nos tivemos a opportunidade de haver á mão alguns pequenos fragmentos d'aquellas vidraças, e examinando-as de perto, ficamos plenamente convencidos de que a massa do vidro nada tem de singular na sua intrinseca composição, senão sómente (ao que parece) hum grao de consistencia e solidez superior ao que geralmente se acha nos nossos vidros ordinarios de egual grossura: e que toda a sua bella apparencia e representação he mero effeito de illuminura ou pintura sobreposta, a qual em desenho e colorido imita muito a que no seculo XV se usou frequentemente em pergaminhos, e de que temos exemplos nos bellos manuscriptos d'aquella idade: sen-

[1] Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. Nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. X, pag. 197.

do porém esta das vidraças praticada com tal arte, que não obstante terem ellas soffrido em alguns logares o combate violento dos ventos e tempestades, e a humidade do lugar e das nevoas e chuvas, e isto por alguns seculos, nada d'isto tem bastado para alterar ou damnificar a pintura, nem para demudar a formusura e viveza de suas lindas e finissimas côres.

«Dizemos *por alguns seculos*: porque tendo reflectido por espaço n'estas vidraças, e observado attentamente o caracter da pintura, os objectos representados, a uniformidade ou variedade de desenho e colorido, temos por certo que a maior parte das que ainda restam, e ora existem na igreja e capella real, foram obra dos tempos immediatos á fundação renovada e reformada em parte, e segundo a necessidade, em tempo d'el-rei D. Manuel; e que as do capitulo são inteiramente d'este ultimo reinado, depois do qual nos parece não ter havido nas vidraças mais que concertos ou retoques parciaes, e de mui pouca importancia, os quaes nos deixaram inteiro o desenho e colorido antigo (que por ventura já não sabiam imitar) e todo o caracter primitivo d'este genero de obra.

*

*   *

«A capella mais proxima á sachristia (que é a primeira de que falla o chronista dominicano) não tem hoje retabulo nem altar, nem ahi se vê a sepultura baixa que elle diz *ser jazigo de hum cardeal, provavelmente chegado á casa real* portugueza. Acha-se, porém, n'este lugar hum grande tumulo de pedra, que mostra ter tido em cada uma das tres faces da tampa dous escudos de armas, os quaes se veem picados, e apagados com mos-

tras de o terem sido de proposito, ou por ordem que para isso houvessem, ou por outro algum motivo.

Hoje é impossivel advinhar cujas cinsas alli estejam depositadas.

Segue-se a segunda capella, que he a que fica immediata á capella maior do lado do evangelho, dedicada a nossa Senhora do Rosario, e aonde actualmeute está o tabernaculo do Sacramento.

Aqui se vê no alto do sopedaneo, á parte do evangelho, hum tumulo pequeno de marmore branco, lavrado por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz de Aviz, e acompanhadas do banco de pinchar. Os quaes caracteres parecem indicar pessoa de pouca idade, e pertencente á familia real de D. João I ou de seus filhos: e o banco de pinchar indica que seria infante.

Não achamos memoria certa de quem alli fosse depositado: mas temos por mui provavel a opinião de fr. Pedro Monteiro, que fallando d'este tumulo, e notando com razão o erro de fr. Luiz de Sousa, que disse estarem n'elle as cinzas de D. Isabel, mulher d'el-rei D. Affonso V assevera positivamente que o princepe D. João, filho d'estes reis, primogenito, e fallecido em edade pueril, é o que jaz n'esta sepultura.

Na capella mór, que é a que se segue na ordem em que levamos, está junto ao sopedaneo do altar, cortando em duas partes os degraus d'elle, e n'elles embutida a caixa de marmore em que ropousam as cinzas de D. Duarte, e da rainha D. Leonor, sua mulher, tendo em cima os seus vultos, tambem de marmore, em relevo inteiro, *não em todo o primor da escultura*, como diz o chronista, mas em esculptura mui grosseira, e hum pouco mais rustica do que outras da propria edade.

Este tumulo tem hoje na cabeceira, que faz frente

para a capella mór, uma inscripção, em letra romana maiuscula, floreteada, e dourada, que pelo caracter se vê ser muito moderna, e diz assim:

H. J.
Eduard. I. Portug. et Alg.
Rex, et Regina Ele-
onora Uxor ejus.

Passando da capella mór á outra que lhe fica immediata para o lado da epistola, e que é dedicada a nossa Senhora da Piedade (em outro tempo nossa Senhora do Pranto) achamos ahi o tumulo, em que estão depositados os restos de D. João II, trasladados da Sé de Silves em 1499.

Subia-se a este tumulo por sete degraus de madeira postos em quadrado, chapeados de bronze; e a caixa externa do tumulo, que sobre elles estava, e tambem era de madeira, e do mesmo modo chapeada, tinha tres chaves, de que eram depositarios o prior do convento, e sachristão mór, e hum padre dos mais anciãos.

Achamos em lembrança antiga, que a duqueza de Aveiro, visitando o tumulo em 1544, o mandára reformar do sobredito modo.

Na invasão franceza em 1810, padeceu este respeitavel deposito o effeito da barbaridade com que a soldadesca sacrilegamente violou todos os reaes tumulos, e sómente se conservam os restos informes que o prior fr. Francisco Henriques de Faria poude recolher, de entre as ruinas e entulho.

A um lado d'este tumulo, e bem junto á sua base, no pavimento da capella, está uma campa rasa, e n'ella em relevo um escudo de armas com cinco estrellas em aspa, que podem trazer á lembrança familia de *Coutinhos*, mas não tem mais ornamento, ou letreiro algum.

Segue-se finalmente a ultima capella da parte da epistola, proxima á porta travessa da igreja, a qual diz fr. Luiz de Sousa, que dera o fundador D. Lopo Dias de Sousa, mestre da Ordem de Christo.

Nos não achamos vestigio algum d'esta doação, nem da epocha, em que ella fosse feita, antes temos motivos para duvidar da sua existencia.

O que porém se não póde negar é que se vê alli aberto no grosso da parede do lado da epistola um grande arco e dentro d'elle o bello e magnifico mausoleo de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, e quarto governador da relação do Porto, obrado de mosaico, em marmore preto, que parece não ser muito antigo.

Assenta sobre tres leões de bella esculptura, cujas mãos repousam sobre uns ouvados de marmore preto, e tem por cima de todo o mausoleo o escudo d'armas d'esta illustre familia, com corôa ducal, tudo da mesma materia e artificio.

Na face do tumulo havia uma larga inscripção latina em letras romanas maiusculas, de que sómente existem os principios e fins das nove linhas de que se compunha, e por onde se vê ainda que continha o nome e elogio d'aquelle fidalgo: mas, como a soldadesca franceza arrombasse o monumento por esta mesma face, está hoje o rombo fechado de argamassa, e desappareceu a inscripção. Acima d'ella estavam as lettras iniciaes:

X. R. P. M. H. S. E.

as quaes, por tradição, conservada entre os religiosos do mosteiro, e já recolhida por Murphy, se suppõe que significavam *Decima Regia Persona Masculina Hic Sepulta Est.*

O altar d'esta capella é tambem de marmore, lavrado de mosaico, com seu retabulo da mesma obra, e ao

lado do evangelho, defronte do mausoleu principal, está uma grande caixa de pedra, em cujas faces se veem escudos d'armas da mesma familia, em relevo, mas não sabemos quem alli foi depositado, nem achamos noticia alguma de se conservarem n'aquella capella as cinzas do mestre de Christo D. Lopo Dias de Souza, como affi ma o chronista.

Pelo testemunho d'elle nos consta tambem haver alli sido deposto o corpo de D. Mecia, mulher do conde de Miranda Henrique de Sousa: e por um documento do cartorio, escripto em 6 de maio de 1628, sabemos que no dia precedente ao desta data, tinha sido sepultado na mesma capella o proprio Henrique dc Souza, conde de Miranda, e governador do Porto.

Finalmente presumimos que tambem alli jaz Vasco de Souza, filho da mesma familia, que falleceu, sendo reitor da Universidade de Coimbra, porque os padres do mosteiro lhe faziam suffragios annuaes.

Resta ainda fallar do altar de Jesus, que está em um dos topos do cruzeiro da parte do evangelho, fronteiro á porta travessa da egreja, com o retabulo de pedra de obra moderna (como diz o chronista) e sem outra alguma circumstancia, que mereça aqui especial menção, excepto que os paineis de Nossa Senhora e do Evangelista, que adornam os lados d'este altar, se attribuem á celebre *Josefa de Obidos*, bem conhecida dos artistas portuguezes, e os que estão no alto, ao *grão Vasco.* Nós não podemos fazer juizo seguro sobre este objecto, até porque os paineis superiores não podem ser bem avaliados na elevação em que se achão: mas parece-nos que elles nada teem do estylo do grão Vasco, e mais depressa os attribuiriamos ao mesmo author, que pintou os paineis lateraes, e que certamente mostram gosto mais moderno, e menos magistral.

Ultimamente no outro topo fronteiro, entrando a porta travessa da egreja, vê-se na parede do lado esquerdo a inscripção latina, de que falla o chronista no fim do cap. XXV, mas está a pedra tão despedaçada e lascada do fogo, que ahi fizeram os soldados francezes, que nos não foi possivel ler o seu conteudo, e nem ao menos conhecer se com effeito se referia á trasladação de D. Filippa, como Fr. Luiz de Souza affirma no mesmo lugar.

Está no meio da capella real do fundador, magnifica e formosa, uma grande caixa inteiriça de marmore branco, dentro da qual se accommodaram ambos os moimentos de el-rei D. João I e da rainha D. Filippa sua mulher.

O frizo superior d'esta caixa é guarnecido de uma silva cortada na pedra, em relevo, por entre cujas folhagens se lê em ametade de sua circumferencia a letra repetida «Y. me plet» e na outra metade, a outra letra tambem repetida «por. bem.»

Nas duas faces lateraes e maiores da caixa (e não nas *cabeceiras*, como diz Souza) se achão esculpidos em letra allemãa minuscula os dous extensos epitaphios d'el-Rei e da Rainha, os quaes andam defeituosos e errados nas copias impressas.

Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo, estava em relevo a cruz da Ordem da Jarreteira, circulada da liga, que é insignia desta Ordem, com a sua letra «*honny soit qui mal y pense*, de que ainda se vê uma parte, porque o resto foi destruido pela soldadesca franceza que neste mesmo logar abrio um rombo em 1810 ou 1811.

Sobre o monumento estão em relevo inteiro os vultos delrei e da rainha, na forma que os descreve o chronista, ambos com corôa real, e guardadas as ca-

beças por dous como torreões de marmore, gentilmente lavrados, em cujas summidades da parte de fóra, se veem respectivamente os seus escudos de armas.

O de D. João I com as quinas direitas, assentadas sobre a cruz de Aviz, com a orla dos castellos e a coroa real.

O de D. Filippa é partido em dous, tendo á direita o escudo de armas de seu marido, El-rei, e á esquerda o seu proprio brazão, que he esquartelado; e tem nos lados respectivamente oppostos os leões, e as flores de liz.

Ao lado do sul d'esta capella estão quatro arcos abertos no grosso da parede, e nelles os jazigos dos infantes D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando o santo, dos quaes o chronista omitte algumas particularidades, que parecem dignas de memoria.

E começando pelo primeiro arco, que é o do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e senhor de Monte-mor, parece não se haver notado até agora, que a par da caixa do seu tumulo, para a parte interior do arco, que fica á mão direita do Infante, está outra caixa com as cinzas de sua mulher D. Isabel, filha do conde de Urgel D. Jaime.

Ambas as caixas são de pedra e em tudo iguaes. A do infante mostra na sua tampa semicircular o brasão deste Principe, que são as quinas Reaes sobre a cruz de Aviz, com a orla dos castellos, tudo em relevo. A de sua mulher mostra o brazão desta senhora que é composto do de seu marido, e do seu proprio, constante de barras e escaques.

Na face do tumulo estão em primeiro logar as reaes quinas, sobre a cruz de Aviz, orla dos castellos, e banco de pinchar, e por cima deste o braço de uma balança, cujas bacias pendem dos lados, e guarnecem o escudo.

Em logar do elmo, ou corôa, tem uma como touca, ou fóta, á maneira de turbante, ornada de pedras e flores. Segue-se logo outro escudo com a cruz, divisa, e letra da Ordem da Jarreteira, de que o Infante foi cavalleiro. E está em terceiro lugar o brasão de armas de D. Isabel.

O friso superior da caixa tem entre folhagens, em relevo, repetida a letra «*desir*» que era propria do Infante.

O segundo arco encerra o tumulo do infante D. Henrique. Na face delle estam em primeiro logar as armas do Infante, em tudo similhantes á do irmão, excepto que não tem a balança: em segundo logar se vê outro escudo com a cruz, divisa e letra da Ordem da Jarreteira: e em ultimo logar outro escudo que mostra a cruz da cavallaria de Christo.

Sobre o tumulo está deitada a estatua do Infante, armado, e não tem corôa real, como diz Souza, mas sim uma touca ou fóta, cingida em roda da cabeça, em tudo similhante á que descrevemos acima. Tem tambem a cabeça guardada por uma especie de torreão, lavrado de esculptura miuda, similhante aos que se veem no tumulo de seus paes.

No frizo se lê por entre folhagens a sua bem conhecida letra: «*talant de bien fere*,» e por baixo d'este frizo está em uma só linha, a todo o cumprimento do tumulo, em letra allemãa minuscula, a seguinte inscripção:

Aqui jaz o muito alto, e muito honrado
senhor o Ifante dom amrique governa-
dor da ordem da cavallaria de no.......
... Om Joham e rainha philipa, que
aquy jazem nesta capella cuias almas
deos por sua mercee aja o qual se fi-
nou em .... na era de mil e ....

na qual inscripção o primeiro claro que notamos com pontinhos, é nascido de falha que ha na pedra; mas os outros dous da data ficárão assim mesmo por encher no original, provavelmente por estar a pedra já feita e preparada antes da morte do Infante, e não haver depois lembrança de gravar o dia, mez e anno do seu fallecimento: ainda que todos os escriptores concordam em ter elle fallecido a 13 de novembro.

No fundo d'este arco veem-se na parede em esculptura de relevo inteiro tres grupos de figuras, que representam tres passos da Paixão de Jesus Christo. O 1.º mostra o Senhor caminhando para o Calvario, cahido por terra: o 2.º a cruz levantada com o Senhor pregado nella: o 3.º o descendimento da cruz.

A esculptura é assaz grosseira, e mui pouca melhoria tem a respeito de outras, que temos visto, do seculo XII.

O terceiro arco contem o tumulo do infante D. João, e ao lado direito, para o interior do arco, o de sua mulher e sobrinha D. Isabel, filha de D, Affonso, conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança.

Na frente do tumulo ha tres escudos de armas. O primeiro tem as do Infante, que são como as de seus irmãos. O segundo tem as armas de D. Isabel, que são partidas, tendo de um lado as de seu marido, e do outro as suas proprias della, que são cinco escudetes das quinas portuguezas sobre duas palas em aspa. O terceiro tem a espada da Ordem de S. Thiago, de que o infante foi mestre, e entrelaçadas por toda a frente do tumulo umas como bolsas, cada uma com tres viseiras, allusivas á dita Ordem.

No friso superior se lê entre folhagens a letra:

JEAI BIEN RESON.

Finalmente no quarto e ultimo arco repousam as reliquias do infante D. Fernando, que a piedade portugueza poude subtrahir a irreverencias e desacatos, remindo-as do poder dos mouros.

Na face do tumulo se veem dous escudos, um com o brasão do infante, e outro com a cruz da Ordem de Aviz, de que foi mestre.

Nas cabeceiras de nascente e poente desta grande capella estam abertos outros arcos similhantes aos primeiros, em numero de oito, que parece terem sido originariamente destinados, na mente do real fundador, para deposito de outros tumulos *de Reis, e filhos e netos de Reis*, como elle se explica em seu testamento. Mas nenhuma outra pessoa real foi alli depositada, e em tempo do chronista estavam os arcos do nascente occupados por quatro altares, e os do poente por quatro grandes armarios, que elle descreve.

Hoje apenas existem fragmentos e vestigios de uma e outra cousa, tendo alli produzido o seu costumado effeito por uma parte a mão do tempo, e por outra os furores d'uma guerra, aos quaes apenas escaparam algumas tabuas com o retrato do Infante Santo, e passos do seu captiveiro, não já os que tinham sido pintados pelo *grão Vasco* (e ainda alli existiam em 1805), mas outros de muito inferior merecimento: mais uma tabua com cabeças de anjos de lindissima pintura, que parece daquelle celebre artista e é fragmento de não sei que obra maior: mais um painel de S. Thomaz, que tambem se lhe attribue, assaz damnificado; e finalmente o retabolo tambem damnificado do altar central desta capella, que representa o glorioso passamento de Nossa Senhora, e é sem duvida obra de Vasco.

Ao sahir d'esta capella para a egreja, acha-se ao lado esquerdo no pavimento da mesma egreja, para a parte

da porta principal, uma grande campa, lavrada de varios ornamentos em relevo, e no centro, e em toda a orla a letra «d» allemãa minuscula, muitas vezes repetida, e como despedindo raios de luz para toda a circumferencia.

É esta sepultura do estremado varão Diogo Gonsalves de Travassos, cujo epitaphio se acha em uma pedra mettida na parede proxima á sepultura, e diz assim:

Em nome do padre, e do filho, e do sancto spirito, amen.
Em o anno do nacimento de nosso senhor
Jhũ X põ de mil e quatro centos ....
annos foy lançado sô esta grande pedra
o corpo de diogo gonsalves de travaços
cavaleiro cryado do muy grande rey
elrey dom Joham da muy alta e muy-
to splandecente e duravell memoria
cuja alma eternalmente regne com
a san .... .. dad .... nselho
do muy alto e muyto poderoso se-
nhor elrey dom affonço o quinto, e do
..... magniffico e grande senhor
de louada prudencia Iffante dom pe-
dro duque de .... e regedor das
terras do dito senhor e ayo do muy-
to excellente principe senhor dom
pedro daragam condestabre dos rey-
nos de portugal e senhorio dos il-
lustres senhores dom Jaymes e dom
Joham seus irmãos.

Por cima do epitaphio se vê em relevo um escudo de armas com cinco flores, que parecem de roza, em aspa, sem outro algum ornamento.

Indo da egreja para o interior do mosteiro, encontra-se a casa da sachristia, que já no tempo do chronista, e por seu proprio testemunho, nada tinha de notavel, senão o rico deposito de pratas, paramentos e reliquias, com que a dotara o magnifico fundador.

Immediata á sachristia se encontra a admiravel casa do capitulo, cuja architectura só póde ser bem avaliada pelos professores da arte.

Estão no meio d'esta grande casa dois tumulos: um elevado sobre sete degraus de madeira, em quadrado, e n'elle depositados os restos de D. Affonso V, e os de sua virtuosa mulher a rainha D. Izabel, filha do grande duque de Coimbra. O outro, elevado na mesma fórma sobre sós seis degraus, encerra as cinzas do principe D. Affonso, filho herdeiro de D. João II, que morreu desastradamente nos campos de Santarem na flor de seus annos.

As vidraças que guarnecem a grande abertura, que dá luz a esta casa, são do tempo de D. Manoel, como mostram as suas insignias, mas não assim a propria casa.

Entre as insignias d'el-rei D. Manoel que se veem n'esta vidraça, acham-se nos angulos sobre a base da fresta os escudos de suas armas, os quaes são partidos em dois, mostrando á direita as armas reaes de Portugal, e á esquerda as dos reis de Castella e Aragão; prova de que as vidraças foram postas ali nos primeiros annos de el-rei, e no tempo em que elle teve direito á successão d'aquelles estados por sua mulher a rainha princeza D. Isabel. D'onde se póde deduzir outra prova de que a casa do capitulo não foi obra d'este monarcha: porque era impossivel haver-se ella feito e concluido em pouco mais de dois annos, nem as vidraças se haviam alli de pôr senão depois de concluida a obra.

Em um dos angulos da casa do capitulo, no ponto d'onde nasce um ramo de arcos que vão formar a abobada, se vê o celebre busto, ou antes corpo inteiro, de esculptura, vestido talar, cingida a cabeça com uma touca, e regoa na mão, representando, ao que parece, o mestre, que levantou esta estupenda obra.

É manifesto que esta estatua não póde ser de Matheus Fernandes, como se tem asseverado sem exame, e sem fundamento: e nós já mostramos que se devia attribuir a algum dos primeiros mestres.

Agora accrescentamos que, segundo a ordem dos tempos e da obra não póde ser senão de Affonso Domingues, ou do mestre Ouguet (ou Huet), por serem aquelles debaixo de cuja direcção julgamos haver corrido toda a obra primitiva.

E mais crivel nos parece que seja do segundo, visto que sendo Affonso Domingues já fallecido em 1402, não é verosimil que então estivesse adiantada a obra do capitulo.

Sahindo d'esta casa encontra-se o claustro Real, em que não achamos nada que notar de monumento historico, alem do que já fica dito dos seus ornatos. E sómente nos parece accrescentar, que a portada que hoje se vê na extremidade oriental do lanço do norte, e dá serventia para o interior do mosteiro, mostra pelo modo e estylo de sua construcção e ornatos, ser obra mais moderna que o mesmo claustro, e posteriormente alli mettido (segundo nos pareceu) em tempo de D. Manoel e do mestre Matheus Fernandes, cujo gosto e estylo imita.

Por onde intendemos que esta peça, e as bandeiras dos arcos, accrescentadas ao claustro em tempo d'elrei D. Manoel, foram as que deram occasião á tradição, ou antes voz vaga, que se ficou conservando, de ser o

mesmo claustro obra d'este monarcha, sendo aliás o seu estylo e architectura totalmente diversa.

No pavimento do claustro, não longe da casa de capitulo, se vê uma sepultura, que tem em letra allemãa minuscula esta inscripção:

Aqui jaz dom Justo bispo que
foy de cepta

É este sem duvida o benemerito religioso dominicano, que D. Affonso V fez vir de Italia para encarregar-lhe a composição de nossas chronicas em lingua latina, e que depois foi nomeado bispo de Ceuta.

Ha ainda no mesmo claustro vestigios de outras inscripções sobre sepulturas, que se picaram e apagaram (segundo tradição) por ordem de D. Sebastião, que veiu a esta casa em 1569, e mandou ou permittiu que somente se conservasse a do referido bispo.

Mas não temos noticia, nem motivo de presumir que alguma d'ellas fosse de pessoa notavel, e que merecesse ficar aqui em memoria.

Passando ao edificio chamado *Capellas Imperfeitas*, a primeira capella começando ao lado direito da grande portada, tem no fecho da abobada as quinas reaes, coroadas, ornadas de castellos, e guarnecidas de ramos de carvalho.

Na segunda immediata se veem as quinas reaes, do mesmo modo, mas com elmo e coroa, e sobre ella o dragão alado.

A terceira tem as quinas formadas dos cinco escudetes em posição recta, orla de sete castellos, elmo e corôa, e o dragão alado por timbre. O tecto é todo ornamentado de cordões de folhagens e flores, e mostra em um dos remates o pelicano, rasgando o peito com o bi-

co, e os filhinhos esperando o alimento, e em outros dois remates dois açafates com fructos.

Debaixo do arco da frente ha um escudo de armas partido em dois, e de ambos os lados tem as quinas portuguezas, coroadas com os sete castellos na orla.

Finalmente na frente está outro pelicano.

A quarta capella que é a do meio, fronteira á entrada principal, mostra no meio do tecto o escudo de armas com as quinas inclinadas, assentadas sobre a cruz de Aviz e o dragão alado por timbre sobre o elmo e corôa.

Em roda se veem alternadas a cruz da ordem de Christo com a letra *in hoc signo vinces*, a esfera com a letra *spera in domino*, e tres tarjetas ou laçadas com a letra *tanyas erey*.

A quinta tem no fecho da abobada as quinas reaes, coroadas com os escudetes direitos, e por orla nove castellos. Vê-se tambem ahi a cruz de Christo e a esfera com as letras respectivas.

Mostra a sexta capella os mesmos ornatos, que a antecedente, excepto que o escudo das armas reaes tem por orla sete castellos, e sobre o elmo e corôa o dragão alado.

A setima finalmente, e ultima, que fecha o circulo, e fica ao lado esquerdo da portada tem no remate central da abobada o escudo das armas reaes, orlado de sete castellos e coroado. E nos outros remates a cruz da ordem de Christo, e a esfera com as letras já referidas.

Cada uma d'estas capellas, á excepção da terceira, mostra na frente, sobre o arco, ora a cruz da ordem de Christo, ora a esfera: e no interior se vê tambem em cada uma d'ellas um arco mettido no grosso da parede, cujo destino ignoramos, e se crê seria para altar, e do

lado opposto uma pequena porta de entrada para o espaço quasi triangular e vasio, que a disposição circular das capellas deixa entre uma e outra, dos quaes espaços diz Murphy, *que eram evidentemente destinadas para sepulturas.*

Ainda que a variedade d'estes ornatos e principalmente a que se nota nos escudos das armas reaes, pouco conformes com as leis da armaria já então mais determinadas por D. João II parece indicar antes o arbitrio do mestre da obra, do que algum positivo desenho; julgamos comtudo que da breve descripção, que temos feito se pode concluir 1.º que foi com effeito D. Manoel o unico author d'esta obra, na qual apparecem por toda a parte as suas divisas: 2.º que parece ter sido o seu primeiro intento mandar depositar n'aquelle mausoleu os corpos e reliquias dos reis e princpes, que repousavam na egreja e capitulo, dispersos e sem jazigo conveniente. 3.º que a terceira capella fora destinada para D. João II, visto que tem o particular ornamento da sua divisa.

Em quanto á capella do meio, que por mostrar em maior numero as divisas de D. Manoel, se tem julgado ser destinada para seu proprio jazigo, nada podemos affirmar com certeza; por quanto sabemos que o mosteiro de Belem se começou pelos annos de 1500, certamente muito antes de se assentarem os ornatos d'estas capellas, e os nossos escriptores parece que suppoem haver elle sido desde logo destinado para jazigo do monarcha fundador e da rainha D. Maria sua mulher.

Egualmente temos por incerta a opinião geral, que attribue o cessação d'esta obra da Batalha á preferencia, que D. Manoel começou a dar á de Belem: visto que ainda depois de começada a casa de Belem, se tra-

balhou n'esta da Batalha por espaço de nove annos até o de 1509, que é tempo bastante para se intender, que el-rei não havia desistido da segunda, por ter começado a primeira.

Se n'este ponto ha logar a conjecturas, nos pensamos que a obra da capella imperfeita cessou quando Matheus Fernandes, por ventura, se impossibilitou de a dirigir, e por experiencia se conheceu, que não havia mestre assaz habil, que a continuasse com egual gosto e desempenho.

Esta conjectura não é mormente arbitraria. Por cima da cimalha, sobre a grande porta da entrada, se vê um pequeno principio de continuação de obra, cujo gosto e estilo é inteiramente differente do que até alli se havia seguido, d'onde parece deduzir-se menos pericia no mestre, e quasi impossibilidade de acabar esta grande obra, e sobre tudo de a fechar com uma abobada, que forçosamente havia de ser da maior difficuldade em architectura.

*

*   *

E para que nenhuma gloria falte á Batalha ali encontra tambem o leitor o jazigo daquelle santo infante que por salvação dos seus se expoz aos improperios, torturas e morte.

O leitor bem sabe que se trata do ultimo filho del rei D. João I e da rainha D. Filippa, isto é o infante D. Fernando ou o principe Constante, como lhe chama Calderon de la Barca.

Nasceu em Santarem no anno de 1402.

Desde moço, segundo diz fr. Luiz de Sousa, se entregou todo a Deus com exercicios religiosos de sorte,

que sendo de 14 annos rezava o Officio Divino como um sacerdote.

Era sua casa um reformado convento na vida dos moradores, no governo, concerto das cousas.

Possuia menos ainda que seus irmãos como menor, que era de todos, mas luzia-lhe muito mais.

Cresceu depois tudo com a renda que el rei D. Duarte seu irmão lhe acrecentou fazendo-o mestre de Aviz. Jejuava infallivelmente cada semana tres dias, quartas, sextas e sabbados. E os sabbados eram a pão e agua. Todas as vigilias das festas de Christo não comia mais que pão e agua, e por mais humildade e mortificação não queria que o pão fosse alvo.

O mesmo fazia nos tres dias antes da Paschoa, e n'estes assistia sempre na igreja diante do SS. Sacramento.

Em muitas outras festas do anno e de Santos da sua devoção jejuava as vesperas, e alguns tambem a pão e agua, entre as quaes eram todas as vigilias de Nossa Senhora, por particular devoção que lhe tinha.

Desde seu nascimento foi sempre perseguido de achaques, e particularmente padecia grande mal de coração.

Assim se via que todas estas obras nacião de força de espirito, e lhe ficavam mais custosas que a qualquer outro sugeito.

E a estes e outros muitos encomios que lhe tece o grande chronista dominicano accrescenta fr. Jeronymo de Ramos na Chronica dos feytos, vida e morte do Infante Santo D. Fernando (Lisboa, 1730):

«Tão largamente repartia este senhor o seu, que nunca avareza em elle teve lugar.

A todos os pobres e minguados alcançavam suas esmolas.

E aonde não chegava o dinheyro, suppria sua boa vontade e doces repostas. E em especial para gafos, e para remir cativos dava muytas esmolas tão largamente e com tanto despacho, como elle conhecia que estes sobre todos os atribulados tinhão mais e mayores necessidades.

A todos os mosteyros do Reyno (quando celebravam capitulos geraes ou provinciaes) dava largamente esmolas, para haver parte nas orações dos homens, e mulheres, que viviam em observancia.

Dava grandes ajudas e esmolas para sustentação dos tres: e em todas as devotas confrarias se fazia confrade e despendia grandemente em reparo, e bem das Egrejas e Ermidas, por ser participante no bem, que se ali fizesse.

E em cada um anno por dia de Endoenças vestia tantos pobres, quantos annos havia que elle nascera.»

Trinta e quatro annos (diz Sousa) tinha o Infante cumprido na vida, e exercicios, que atraz temos dito, quando el-Rey seu irmão determinou mandal-o com uma poderosa armada sobre a cidade de Tanger.

E el-rey fazendo general d'ella ao infante D. Henrique, mandou-o embarcar com elle. E considerando que tinha grande familia de criados, huns que o não podião acompanhar, e outros a que tinha obrigação de satisfazer serviços passados, pedio a el-Rey quizesse satisfazer a todos em caso que elle Infante acabasse na jornada, pelo que valia sua recamara e baixella. E ao que isto não chegasse, suprisse Sua Alteza das rendas da coroa por cujo serviço se arriscava; porque assi iria mais quieto em sua consciencia. E entraria com mais gosto em todo perigo.

Respondeu-lhe el-rey á vontade, e n'esta conformidade ordenou seu testamento mandando dizer muitas mis-

sas por todos os mosteyros, antes da sua partida, e repartindo grossas esmolas entre pobres.

E por lhe não ficar nada por fazer do que a uma muyto escrupulosa consciencia se devia representar, escreveo ás justiças dos logares, onde por algum tempo residira, que fizesse pregoar se ouvesse algum queixoso de perda ou dano, ou divida, ou agravo que de sua casa, ou creado se ouvesse recebido, acodissem a certos ministros que para isso deputou, e seriam inteiramente satisfeitos.

Com estas prevenções muito antes feitas se embarcou huma manhan depois de receber a santa Communhão em Nossa Senhora da Escada, de mão do padre frey Gil Mendes da Ordem de S. Domingos, que por seu confessor levava; e no mesmo dia se fez á vela com toda a armada, em 26 de agosto do anno de 1437.

Como o Infante padecia de ordinario de achaques e indisposições de natureza fraca, com que sahio do ventre de sua mãy, effeitos da doença que em sua prenhez soffreo, logo lhe fizeram abalo os cuidados da jornada, e acudiolhe huma defluxão de humor a huma perna, que sendo de tal calidade que em qualquer outra pessoa estorvava o entrar no mar, elle a dissimulou e encobrio: e a dissimulação lhe causou muyto dano.

Porque vindolhe a furo no mar foi necessario tomar Ceita para se curar, e ahi correo perigo de morte por grandes accidentes de dores e febres ardentes.

Com tudo como era filho de seu pae na viveza do espirito, sentindo uma leve melhoria, se foi com a postema aberta em huma galé a Tangere.

Achou o nosso campo em terra que se hia fortificando com suas trincheiras, e tinha dado já alguns assaltos á cidade: tomou logo parte no trabalho, como se chegára muyto são, e acodindo aos assaltos dos

mouros, que logo se começarão a receber muyto a miudo, porque se juntou tanta multidão delles que de acommetidos se fizerão acommetedores.

Aqui aconteceo o Infante pelejar muitas vezes por sua pessoa, e trabalhar, e cansar tanto que era espanto a todos, mas maior aos seus que sabião do mal que ainda padecia, o qual lhe causava andar ardendo em febre quando vinha a descansar.

Cresciam entre tanto os Barbaros de todas as partes em tanto numero que como um diluvio assim cobriam montes e valles.

Morriam infinitos ás mãos dos Portuguezes, mas nunca sentia falta nelles, e os nossos ião diminuindo tanto á pressa, que tudo eram mortos no arraial: e como he ordinario na guerra, acabavão os melhores, e destes estava tambem grande multidão inutil, huns de feridas e outros de doenças.

Assi foy o negocio dando volta e mostrando tão differente rosto, que começou a entrar desconfiança entre os nossos.

Porque sobre os assaltos que a toda a hora recebião dos mouros, sem terem momento livre pera repousar de dia nem de noite, succedendo huns a outros, e acudindo sempre gente nova e de refresco, forão faltando mantimentos, ou porque não lançarão em terra quantos eram necessarios pera hum cerco dilatado ao desembarcar; ou porque fizerão conta de os aver por seo braço tomando a cidade de assalto, como lhes tinha acontecido em Ceita.

E he mais de espantar a falta, porque de quatorze mil combatentes que por livre embarcação em Lisboa, erão consumidos n'estas brigas e trabalhos a mayor parte.

Vendo-se os Infantes neste aperto, e que estavam

em termos de poder esperar bom successo da empreza detendo-se: e se quizessem retirar-se, como pedia o estado das cousas, não era possivel embarcar sem evidente risco de se perderem todos; porque em pouco mais de um mez estavão reduzidos a termos que não avia mais de tres mil homens que pudessem tomar armas: assentarão por ultimo remedio tratar de algum remedio de paz.

Era senhor de Tangere Salabensala, que ainda que se via livre do perigo primeiro, e tinha por certo que dos nossos lhe não escaparia homem com vida, de boa vontade deo ouvidos ao trato, com o olhar na honra que ganharia entre os mouros se alcançasse por este meio a restituição de Ceita.

Juntou-se esta cobiça com a nossa necessidade: foi facil o acordo.

Assentou-se que o exercito Portuguez, ou reliquias delle se embarcasse com armas e munições e bagagem: com partido que a cidade de Ceita se entregaria, ficando em poder do mouro para fiador um dos infantes: e Salabensala daria um filho para segurança da embarcação dos nossos: em troco do qual ficarião por arrefens em poder dos mouros quatro fidalgos.

Fizeram-se as capitulações de parte a parte com muitas lagrimas do povo, mas com grande animo do infante dom Fernando, que por salvar a todos, e a pessoa de seu irmão, não só se offereceu de boa vontade, mas com alegria.

Veio tomar entrega della e dos fidalgos Salabensala rebentando de soberba e vangloria, e deixou juntamente aos nossos seu filho mais velho, que foy logo levado ás naos.

Foy a entrega do Infante a 16 de outubro deste infelice anno de 1437, mandou-lhe trazer o mouro um ca-

vallo, seguiram-no a pé os quatro fidalgos, que eram Aires da Cunha, João Gomes de Avelar, Pero de Ataide, da casa e serviço do Infante, e Gomes da Silva, commendador de Noudar.

Foram mais com elle pera o servirem Rodrigo Estevens, seu amo, Frey Gil Mendes, da Ordem dos Pregadores, seu confessor, João Rodriguez, seu colaço, João Alvarez, seu secretario, mestre Martinho fisico, Fernão Gil, guarda roupa, e João Vasques, seu cosinheiro mór, que todos merecem ficar em lembrança nestes escriptos por companheiros dos infortunios e trabalhos de tal Principe.

Com esta companha entrou em Tangere e foi metido em huma torre, onde tiverão a primeira noite tal hospedagem, que bem antevirão logo as grandes infelicidades que os esperavão, e em que por fim quasi todos acabarão.

Gente fera e barbara, enemiga de toda a humanidade e cortezia deleitava-se em os ver padecer faltandolhes na primeira noite com a cama e comida: facil penitencia pera o Infante, sentida só polo que tocava aos companheiros.

Na semana seguinte determinou Salabensala passal-os a Arzilla, e antes de partir quiz dar vista do Infante áquella multidão innumeravel que se lhe juntara de soccorro: e teve-o posto em hum logar alto, feito alvo dos vituperios do povo infiel, rustico e enemigo.

Em Arzila não passou menos afronta. Acharam a villa embandeirada como de triumpho, e o povo todo no campo, que o recebeo com outros tantos oprobrios de mulheres e mininos.

Offerecia o santo Infante tudo ao Rei das eternidades dandolhe graças por aquella adversidade, que como cria com viva fé lhe vinha de sua santa mão pera bem de sua alma, por mimo a contava e por favor.

Sete mezes o tiveram em Arzilla, e ainda que quasi sempre foi doente, todo o tempo occupava em oração e em jejuns, tirando de si pera empregar em manter pobres cativos, sutentando de secreto a muitos e mandando vestir a outros por via de terceiros: e a outros resgatando que estavam em risco de negar a fé por cruezas e opressões de seus amos: e estes resgatados se achou que foram doze.

Entre tanto era grande o sentimento que em todo Portugal se fazia pola infelice jornada; mas sobre todo mal magoava geralmente que caisse a pior sorte sobre a melhor alma de todo o exercito, que era o Infante.

Chamou el Rey a Côrtes pera saber o que sentia o Reyno sobre se tomar Ceita aos Mouros, e alcançar o Infante sua liberdade.

Assentou-se que Ceita se não desse por nenhum caso, e que polo Infante se pagasse a dinheiro tudo o que os Mouros pedissem; ou se arriscasse o Reyno, fazendo-lhes nova guerra.

Obrigou a este parecer aquella junta geral de estados o voto do mesmo Infante, que como verdadeiro catolico e amigo de sua patria, advertio em segredo a el Rey que tratasse do mayor bem de Espanha, e mais honra de Portugal, que antes da vida de hum só homem, vida que em breve avião de ver cortar, ou accidentalmente doenças, ou naturalmente poucos mais annos.

Não quiz el Rey que se declarasse tal resolução aos mouros: e pera ser mais occulta suspendeu a entrega de Salabensala; o qual ou por tirar o infante de logares maritimos, ou polo obrigar a tratar de si com mais calor, determinou passal-o a Fez, dando-lhe por rezão que o tinha promettido áquelle Rey por seu prisioneiro pola vontade com que o viera soccorrer: em caso que lhe não tomasse Ceita: e pois os Christãos tardavam em

cumprir o contrato não queria elle fazer o mesmo em sua palavra.

E deixando só os quatro fidalgos, que estavam á conta de seu filho, mandou-o levar a Fez com os que o serviam: dos quaes faltava ja o nosso frade Frey Gil Mendez, seu confessor, falecido de doença e do mao trato dos infieis.

Foy este caminho de novo tormento pera o Infante e seus companheiros: porque nos lugares que passavam, acudia a escoria do povo de todo estado, sexo e edade a maltratal-os de palavras e obras, cospindo-lhes no rosto, tirando-lhes com lodo, e com paos, e pedras, e fazendo-os dormir na terra nua, e comer por onças. O Infante hia em hum rocim buscado assinte para mover a riso e escarneo, que de magro e velho e fraco não podia dar passo, a sela e freyo tudo pedaços.

N'esta forma entrou na cidade de Fez, onde como a terra era mayor, e de gente mais livre, assi ouve mais injurias, e mais que merecer.

Entrados no alcaçar del rey meterãonos em hua sala que chamavão do Cõselho, onde os fizerão descalçar e assentar no chão.

Daqui forão passados a huma torre, e recolhidos em huma casa alta, na qual os emparedarão de maneyra, que sem candea se não podião ver hus a outros: porque de pedra e cal lhe taparão janellas e frestas, e sobre tal reclusão avia gente de guarda que os vigiava.

Nesta casa passou o Infante quatro mezes consolando-se com Deos, porque tinha dentro hum capellão, e missa todos os dias, e confessava-se e commungava a miudo.

Rezava suas horas canonicas, que nunca deixou em quanto teve forças, e ajuntava mortificações e penitencias voluntarias á violenta e forçada em que vivia: com

que animava grandemente os seus, vendo hum corpo enfermo e delicado, poder com tanto.

No cabo deste tempo entrou o Alcaide na casa, e mandou-os corregar de ferros a duas bragas mui grossas por cada hum e logo lalançal-os fora e leval-os á horta del Rey; dando-lhes enxadas pera trabalharem.

Foi o Infante o derradeiro nos ferros, e em quanto lhes lançavão, derãolhe os Mouros no pobre fatinho, saquearão e levarão tudo: e arrastando as bragas foy guiado á estrebaria del Rey.

Aqui o esperava o alcaide Lazarac, que era quem mandava tudo na terra, e vendo-o disse-lhe que pois os Christãos faltavam na palavra como tredores em não largarem Ceita, soubesse que era seu cativo.

E como a tal lhe mandava curasse daquelles cavallos.

O Infante respondeu gravemente com estas palavras: Os Christãos nunca fizerão treição, nem cabe nelles tal nome: o que mandas, farey, porque estando em teu poder, não perco nisso honra, nem o servír me he vergonha: tu a deveras ter de tratar tão vilmente quem sabes que he filho de Rey.

Logo lhe meterão na mão huma vassoura, e outros instrumentos de estrebaria: e o Santo com muito sossego e humildade começou a entender no officio, varrendo as immundicies, e limpando os cavallos.

Sobre tarde foi tornado á casa donde sahira, na qual achou novo genero de tormento: soube que erão lançados na cova da masmorra seus companheiros, e nella bem fechados.

Entendeo que era quereremno como succedo, apartar delles polo molestarem: causou-lhe o apartamento grande pena, e ainda que de noite a aliviou algum tanto falando-lhes de fóra, derão-lha os guardas no dia seguinte dobrada: porque o fizerão passar em amanhecendo a ou-

tro aposento, pera que não visse os companheiros quando saissem a trabalhar.

Isto angustiou tanto ao Santo Infante, que lhe causou um forte accidente, e tal que os guardas dando o por morto forão correndo dar aviso a Lazarac.

Bem conheceo o Mouro donde lhe nacia o mal, e mandou que lhe dissessem despois que tornou em si, que se queria estar em companhia dos seus, avia de ser estirando os braços com huma enxada, e trabalhando como qualquer delles.

Foi este recado pera o Santo huma medicinal epitima: aceitou a enxada como por alvitre, e foyse com ella ás costas aonde elles trabalhavão com passos alegres, ainda que cançados e vagarosos do peso das bragas: vista pera os companheiros pranteada com lagrimas do coração.

Mas o Santo ledamente lhes dizia, que junto com elles não avia mal que o cansasse, e mais queria suar alli que descansar em sua ausencia: e logo foy cavando de tão boa graça que os alegrava e descançava: mas não passou adiante tal deshumanidade.

No mesmo dia sabendo Lazarac que o Santo trabalhava como qualquer dos seus, mandoulhe que largasse a enxada, acrecentando que tempo averia pera a menear se de Portugal tardasse bom despacho a seus negocios.

Assi os acompanhou alguns dias. Mas não cabia na condição de Lazarac estar muito tempo sem o aperrear. Residia em Fez hum mercador malhorquim por nome Mossem Chrystovão de Xalon. Veyo á noticia do Mouro que provia este algumas vezes o Infante de cousas de comer e dinheiro emprestado: mandou o ameaçar. Não se atreveo o mercador a continuar.

Começarão os presos a padecer muito: porque a ra-

ção que tinhão não era mais que dous pães secos por homem.

Entretanto buscou o mercador piadoso meyos pera em segredo os tornar a prover, que foy peitando ao Alcaide da prisão.

Mas isto tambem, ou foy sintido, ou advinhado: e mandouse publicar com pena de açoutes, que nenhum Mouro falasse com o Infante. E com lhe ficar tolhido por esta via todo o commercio dos que á conta de interesse lhe acodião com recados do mercador, ou doutros cativos, ainda buscarão outro meyo de lho estreitarem mais.

Este foy meteremno dentro na masmorra com os seus, e pera mayor tormento, sendo o lugar tão estreito que agasalhava mal oito pessoas, meterão dentro tantos cativos mais, que vinhão a ser doze com elle: que era um martyrio incomportavel.

Assi hia Deos aperfeiçoando aquella alma n'esta fornalha de afflicções, que o Santo passava com animo tão constante, que se os companheyros de afadigados soltavão alguma palavra de impaciencia, elle os reprehendia, lembrando-lhes amorosamente, que não erão os mouros mais que huns algozes e executores dos mandados de Deos: que não perdessem o merecimento do que padecião com attribuirem ás creaturas o que por seu grande bem lhes mandava o Criador.

Hum dia lastimado do muito trabalho que passavão, queixou-se a hum valido de Lazarac que achou na horta, e mandoulhe por elle lembrar que aquelles homens não erão cativos, nem arrefens obrigados a cousa algua, mas somente criados delle Infante, que polo servirem quizerão ficar com elle: e era grande semrezão serem tratados com a pena que só elle merecia.

Pareceo a queixa justa até ao mesmo infiel, mas rendeolhe o que agora diremos.

Vestia o Infante sobre gibão de fustão huma roupeta de panno preto forrada e apertada, e cobria hum ferraroulo do mesmo, grande, e comprido: este lhe servia de capa entre dia, e de manta de noite, porque a cama não era mais que duas pelles de carneiro sobre a terra fria, cubertas com hum pedaço de alcatifa velha, e hum feixe de feno por travesseiro.

Devia parecer aos barbaros, que o mimo de tal vestido e de tal cama lhe dava espiritos pera se resentir: levarão-lhe hum dia todo, deixando-lhe pera vestido e cama hum pedaço de manta de burel.

Não tinha o corpo mais que padecer: começarão-lhe a dar sobresaltos na alma. Humas vezes levando-lhe os companheyros a trabalhor longe, e fazendo-lhe crer que hiam a açoutar, quando mayor mal não fosse: outras mandando-lhe dizer, que era conselho dos Alfaquis, que pera o quebrantarem, lhe tirassem de todo a vista dos criados.

Ajuntarãose de fóra novas causas de afflição, e foi huma que pera perder de todo a esperança que todavia tinha na bondade do seu Malhorquim, lhe saltarão em casa, e o despojarão de quanto tinha.

Outra foi huma importunação de cartas, e queixumes continuos dos fidalgos de Arzilla, que não soffrião dilatar-se-lhe a liberdade, quando pendia de cousa tão leve, como era a troca do filho de Salabensala.

Mas sobre todo mal, nenhum lhe foy mais pesado, que começaramlhe a adoeçer os companheyros de pura fome, e cansaço corporal: e sendo elle o que mais que todos padecia, fazia o dissimular com seu mal, e ser consolador dos alheyos, sua grande charidade, e a lembrança de quem era: animava-os, e aliviava-os feito seu enfermeiro, e fazia o comer do pouco que avia, obrigando-os com seu amor e respeito.

No mesmo tempo cançava-se em responder aos de Arzilla e em escrever em seu favor a Portugal, pedindo o remedio d'elles com mais instancia que o proprio seu.

Espanto era como se sustentava huma vida cercada de tantas tribulações: mas vencendo todas com Real valor, e com esperança certa, que em Portugal se não tratava em outra cousa mais que traças da sua liberdade, succedeo caso que de todo lhe derribou o sofrimento.

Quando mais descuidado estava, manda-lhe dizer Lazarac que era morto el Rey seu irmão: e porque não cuidasse que era fingimento seu, confirmou-lhe pouco despois a triste nova com carta que lhe veyo ás mãos pera o mesmo Infante, de Fernão da Silva estribeiro mór del Rey.

Neste passo acabou o Infante de assentar comsigo, que era chegado o fim de seu cativeiro, e juntamente de sua vida: e com tudo era tal sua bondade, que se dava por causa principal da morte d'el Rey, e isso lha fazia sentir mais. Despois de muitas lastimas e prantos fallou aos companheiros, encommendando-lhes que tratasse cada hum da sua alma, fazendo conta da morte mais que da liberdade: porque elle desde aquella hora não faria outra cousa: e como el Rey seu irmão era morto, ordenaria logo novo testamento, em que a elles sós faria seus herdeiros, porque os tinha por filhos, e esperava que morrendo elle, teriam mais remedio.

Morto el Rey dom Duarte e governando o Reyno o Infante dõ Pedro por el Rey dom Affonso Quinto, seu sobrinho, que ficou minino, houve-se Lazarac por desenganado da entrega da Ceita, e determinou vingar-se no Infante e nos seus.

Estava o Santo affligido sobre a falta de seu irmão,

com a nova desconsolação pola morte dos fidalgos de Arzilla, causada da peste, que andava por toda a terra de Africa.

Mas no mesmo tempo que os chorava a elles e a si: andando já a mesma contagião mui acesa em Fez, foy huma manhãa tirado da masmorra, dizendo-lhe os que o tiravão, que seus criados serião logo levados a degollar: e a elles disseram que o Infante iria pera o mesmo: e arrebatadamente derão com elle no alcaçar del Rey, em hua casinha terrea sem nenhum genero de luz mais que a que recebia pola porta, e tão estreita que não tinha feição de casa: e pera mais afronta era o sitio délla pegado com a latrina commum do alcaçar.

O refrigerio que aqui achou, e que não teve por pequeno, foy hum poyal que lhe ficou servindo de leito. Neste purgatorio começou uma vida de anacoreta recluso: oração continua, ora vocal, ora mental, lição e horas Canonicas, pera o que lhe sustentavão os seus huma alampada perpetua, que mais estimava do que a comida. As lagrimas erão tantas, que tinha o rosto e lagrimaes crestados: do pouco que lhe trazião pera comer cortava de maneira, que sempre fazia notavel abstinencia.

Este genero de vida sobre seis annos de continuação, o apartamento dos seus, que raras vezes, e só ás furtadas o podião ver, e a melancolia de tudo fez o effeito de peste.

Adoeceo com hum accidente de disenteria, que trouxe logo comsigo fastio e aborrecimento a todo o genero de comida, certos messageiros da morte.

Avisado Lasarac pelos guardas deu licença que entrasse com elle o seu medico e alguns Christãos.

Alegrou-se o Santo hum pouco com a companhia, mas como quem sabia que acabava, lembrou-lhes que lhe não fallasse em outra cousa mais que de Deos, e do Ceo: porque de nenhuma da terra queria ja saber parte.

Estancou subitamente a disentria, mas creceo a febre, e a fraqueza era estrema: mandou ao confessor que o não deixasse: e julgando por sinal mortal a mudança que via na doença confessou-se geralmente.

No quinto dia levantou-se o confessor antemanhan e chegou-se ao Santo a ver se dormia: e pondo os olhos n'elle, vio que lhe sahia do rosto huma desacostumada claridade, notou-lhe o sembrante alegre e risonho, e que tinha os olhos abertos, e cheyos de lagrimas, e as mãos juntas e levantadas.

Maravilhado de tal novidade, e não sabendo que julgasse, chamou por elle tres vezes, perguntando-lhe se dormia.

Á terceira respondeo o Santo que bem ouvia.

Mas como não disse outra cousa, nem mudou postura, cessou o confessor, parecendo-lhe que não queria que o inquietasse. Quando foy manhan que os porteiros vieram abrir a porta, mandou o Infante ao Medico que se saisse, porque queria fallar com o confessor.

Como estiverão sós, disse o Infante: vos me perguntastes esta madrugada se dormia, e não vos respondi porque avia quem nos ouvisse. Agora que estamos sós me day vossa palavra de guardardes segredo no que vos quero dizer, em quanto eu f(r vivo: e que nem despois de minha morte o descobrireis em outra parte, se não em Portugal, pera gloria de Deos e da Virgem Maria sua Mãy. E descançando hum pouco tornou a dizer.

Esta madrugada (podião ser duas horas antes do amanhecer) estava considerando as miserias da vida, e lembrando-me a gloria dos Bemaventurados, enchia-me todo de saudades do Ceo, e apoz ellas de hum ardente desejo de me ver fora do mundo.

Neste ponto abrindo os olhos contra aquella parte

ferio-me nelles huma luz, que não sey comparar a cousa da terra: vejo logo no meyo della huma Senhora sobre um trono assentada, com tal geito e magestade, que não duvidava ser a Virgem Nossa Senhora.

Noto juntamente que de grande numero de bemaventurados que a cercavão, se lhe inclinava hum, e com muita humildade lhe pedia se doesse de mim, e me levasse pera sua companhia.

Obrigou-me a petição a olhallo com mais vontade: e vi que trazia em huma mão hum fermoso guião atravessado de hua Cruz, e da outra humas balanças penduradas. Chegava logo outro, e com a mesma reverencia rogava tambem por mim: e parecia-me que tinha nas mãos um caliz e um livro aberto, no qual se deixavam bem ler em letras de ouro as primeiras palavras do Evangelho de S. João: *In principio erat verbum.*

Alegrava-me a vista da Senhora e o requerimento dos que por mim falavão, que pelas insignias não são outros se não aquelles a quem sempre me encommendo : o Archanjo S. Miguel, e o amado de Jesus S. João Evangelista.

A Virgem estão pondo em mim os olhos de misericordia disse-me graciosamente:

Hoje virás pera esta companhia.

Desappareceu logo.

Mas o que ficou nesta alma de alivio, de consolação e gosto, he tanto, que dou por bem empregados todos os trabalhos e tormentos passados por me renderem tal vista.

E só me peza porque não foram muito maiores, pois o que agora vi, excede infinitamente tudo o que se pode dizer e imaginar da gloria e felicidades.

Quando me chamastes, acabava de me deixar esta vi-

são, mas não acabava eu de me dar por despedido della, polo sabor que lhe achava: e por isso vos não respondi logo.

Era o confessor pessoa de virtude e espirito: depois de o ouvir com muitas lagrimas pareceu-lhe que seria genero de consolação attribuir tudo a esperanças e promessas da saude: e assi o foi fasendo.

Mas o Santo levantando as mãos ao Ceo dizia:

Que outra saude não queria, nem outro bem, se não o cumprimento da palavra que ouvira: e entrando em devotos colloquios com Deus pela mercê promettida de averem de ter termo seus trabalhos n'aquelle dia, estava tão contente e bem assombrado, como qualquer outro enfermo podera estar com certeza de vida.

Passou assi o dia todo, e quando foy sol posto sobreveo-lhe hum desmayo, do qual despois que saiu, ficou muito enfraquecido, e sentindo que acabava, fez a confissão geral, e huma devota protestação da fé, e pediu ao confessor lhe applicasse hua indulgencia plenaria que pera aquella hora lhe tinhão concedido os papas Martinho V e Eugenio IV.

E, recebendo com ella a benção do confessor, acabou em paz aos 5 de julho do anno de 1403.

Falecido o infante mandou Lazarac que logo abrissem o corpo para ser embalsamado: mas não ouve nenhum que se atrevesse a pôr ferro em seu senhor affirmando todos que morreriam primeiro que fazer tal officio.

O que fiserão foi tirar-lhe as cadeas, e beijarlhe cada hum os pés com devoção e humildade, como a Santo, e como a senhor seu.

Trouxerão logo os guardas outro cativo, que cumpriu o mandado, e despejado o corpo dos intestinos, encheu o vazio de sal e folhas de murta e louro (que isto chamavão embalsamar) e os criados recolherão o coração e

mais interiores com tal ordem e cuidado que vierão depois a Portugal, e como reliquias santas forão recebidas e recolhidas na sua sepultura do Convento da Batalha.

Mas os mouros, tanto que o corpo foy a este modo composto, fizerão-no pendurar do muro junto a huma porta da cidade atado pelos pes e nu (bestial crueldade e pouca lembrança da sorte humana) e não pararam aqui.

Fez Lazarac ajuntar o povo e trouxe a el Rey, que por elle era governado e mandado em tudo, ao triunfo de hum defunto.

Jogarão canas, disserão afrontas, fiserão escarneos contra o corpo santo, permittindo o Senhor que tivesse ainda este genero de martyrio despois de morto, pera lhe augmentar graos de gloria no ceo e nova honra na terra, como logo se viu e foy assi.

Aos tres dias depois de pendurado, passou polo lugar hum cego muyto conhecido na cidade, que pedia de porta em porta o remedio de sua vida: e como tinha ouvido que estava ali o corpo do Santo, disse a hum minino que o guiava, que o chegasse bem perto onde estava o Principe Christão.

Parece que foy instincto do Ceo e força de predestinação: chegou-se tanto que ficou em parte, donde no vestido lhe cairão huas gotas do humor que da Santa Reliquia destillava: sentiu-as, tentou-as com as mãos e levando-as aos olhos no mesmo ponto se achou com vista e luz nelles: e foy tanta a que nesta hora recebeu, que passou dos olhos a alma, e cheyo de espirito do Senhor, levantou altas vozes dizendo que elle cria na fé daquelle principe santo, que ali injustamente estava maltratado, e nella queria viver e morrer.

Não foi necessario muita repetição de brados: aos pri-

meiros foy arrebatado e levado diante del Rey, e não se desdizendo por nenhum medo nem ameaças, foy logo arrastado e apedrejado.

E aconteceu pera maior gloria de Deus e de seus Santos, que sem saberem o que fazião, derão honra de Santo ao que ontem era infiel, e honrarão a quem cuidavão afrontar.

Porque sendo morto o levarão a enterrar com festa popular fóra da cidade, e sobre o lugar levantarão por memoria da vingança hum cubello coberto de telha vidrada de branco e azul: que ficou sendo memoria de triunfo e santidade: e foy fama que muytas noites o virão os mouros arder em resplandores.

Muitas outras maravilhas obrou o Senhor polo santo Infante entre estes infieis: soube-se que levavão os mouros a terra onde cahia aquella humidade que dissemos, pera remedio de infermidades com effeito tão certo, com tanta pressa, e em tanta quantidade, que em pouco tempo avia no sitio hua grande concavidade aberta.

Lançavão-na ao pescoço dos enfermos em suas nominas, e até aos bois, e outros animaes, a que a applicavão, dava saude.

E pode ser que isto foy causa pera os que governavão mandarem recolher o corpo em hum caixão, onde esteve muitos annos sobre o mesmo muro.

Passados alguns annos foram resgatados o secretario do Infante João Alvarez e seu capellão Pero Vaz, e trouxerão consigo as reliquias que salvarão no dia, em que, como dissemos, foy aberto, e postas em hum cofre entrarão com ellas em Santarem, onde se achava el Rey D. Affonso Quinto, seu sobrinho, por janeiro do anno de 1451, o qual as mandou recolher com solenidade na sua sepultura deste convento.

Mas não quiz o Senhor que terra infiel e inimiga co-

messe o corpo do seu Santo e ordenou que vinte annos despois de chegadas as primeiras reliquias tendo o mesmo Rey conquistado a villa de Arzilla em Africa e ganhado a cidade de Tangere, viesse inteiro a este reyno assi como estava sobre os muros de Fez.

Nos meyos e modos porque foy trazido ha variedade entre os contadores, concordando todos na certeza da vinda.

Chegando a Lisboa foy depositado no nosso mosteyro de freyras do Salvador, onde a chronica del-Rey Dom Afonso diz que prégou o prior de S. Domingos da cidade, que era o doutor frey Afonso de Evora: e aponta que fora o sermão tão devoto que toda a festa e solenidade se convertera em lagrimas dos ouvintes. D'aqui foy passado com real pompa e acompanhamento de prelados e fidalgos ao convento da Batalha: onde os muitos milagres que entre os frades e por toda aquella comarca tem obrado sua intercessão, lhe grangearão tal fama e devoção que, perdido o nome proprio, não é conhecido hoje senão pelo de infante Santo. E porque nossa natureza de sofrega pera o que estima e ama, não se contenta com menos que ver e tocar: atreveu-se a curiosidade ou a devoção a dar furo ao marmore do moimento, pelo qual os devotos e necessitados tocão com hua vara os cofres de madeira, em que estão encerradas as santas reliquias e beijando-a devotamente satisfazem com sua fé e piedosa tenção.» Fr. Luiz de Sousa: Historia de S. Domingos, vol. I. Bemfica, 1623, liv. VI, etc.

Sem duvida o leitor se espantará de que ao mosteiro da Batalha, mormente nos tempos que vão correndo, demos um tão grande espaço, quando ainda restam tantos assumptos de que devemos tractar. Tem razão o leitor. Mas custa bastante desviar os olhos de tempos tão attrahentes, tão cyclopicos, tão heroicos, para os fitarmos nou-

tros tão prosaicos, tão insignificantes e tão interesseiros. E que vulto tão sympathico esse do Infante Santo, até mesmo tão exaltado, engrandecido e respeitado por notabilissimos escriptores estrangeiros.

O padre Mariana, pouco affecto aos portuguezes, tão sómente diz: «El cautiverio, pues, de D. Fernãdo foi perpetuo, padecio maguas, y prisiones muy graves. Su sepulcro se muestra en la Ciudad de Fez, puesto en un lugar alto, como trofeo quelevantarõ de nuestra nacion, y por memoria de la vitoria que ganarõ. (*Historia de España*, lib. XXI. cap. PII). Porem se Mariana, sempre avesso aos portuguezes, o não exaltou como devia, seu compatriota fray Hieronymo Romano, na vida que do nosso infante escreveo, (Medina, 1595) lhe tece estes e muitos outros encomios: «en el infante puede se hallar la castidad de Joseph, y la humildad de sant Francisco, la paciencia de Job, la oracion de los antiguos Padres, y el zelo de sant Pablo en ganar almas para Dios.» E ainda não satisfeito, por miudo descreve as minuciosas festas celebradas em Lisboa por ocasião da chegada de seus restos mortaes a esta cidade.

O conde da Ericeira D. Fernando de Menezes a pag. 24 da Historia de Tangere (Lisboa, 1732) diz-nos que «por se não entregar ceita acabou entre os mouros, tão cheyo de miserias e trabalhos, como de merecimentos e virtudes, acreditadas com tantos prodigios e milagres, que justamente se lhe deo o nome de santo, pois sofreo com paciencia um dilatado martyrio.»

Mas entre os estrangeiros indubitavelmente quem mais exaltou e engrandeceo o nosso infante, foi o famoso poeta hespanhol Calderon de la Barca, de quem a Nouvelle Biographie Universelle de Firmin Didit (tom. VIII, pag. 171) diz: «*Le Prince Constant* que l'on regarde comme son chef-d'oeuvre, traduit en allemand par M.

Schlegel et plus récemment par le professeur Pertz, furent long temps joués sur tous les théatres de l'Allemagne. E Ferdinand Dinis no vol. XVII (pag. 417) desta mesma Nouvelle Biographie Universelle accrescenta: «Les Bollandistes ont placé sa vie et même son potrait dans leur vaste recueil, avec cette rubrique: SANCTUS PRINCEPS FERDINANDUS, INFANS LUSITANIAE, OBIIT FESSAE APUD MAUROS, OBSES, A. D. MCCCCXLIII, V junii.

O PRINCIPE CONSTANTE de Calderon de la Barca foi vertido para francez por M. La Beaumelle na obra Chefs d'Oeuvre des Theatres étrangers. Tarrega tambem tratou do mesmo assumpto.

«Mais cette pièce Finezas (diz Bouterwek na Histoire de la Littérature Espagnole, Paris. 1812, pag. 162, vol. II) pleine d'intéret et de sensibilité, le cède elle même à la tragédie chrétienne dont l'histoire de Portugal a fourni le suget à Calderon. C'est dans cette tragedie de don Fernand que l'auteur a déployé tout son génie. Si les unités de temps et de lieu y sont mal observées, on les oublie en faveur de l'unité de l'action, d'une action héroique où Calderon a su mettre le pathétique le plus vrai, sans s'ecarter cependant du style de la comedie nationale. D. Fernand, prince de Portugal, est le héros de cette pièce qu'on pourrait intituler aussi le *Regulus Portugais*... L'action paraît finie à la mort du prince: mais une nouvelle armée arrive de Portugal, et *l'esprit* de don Fernand, un flambeau à la main, se met à sa tête, et la conduit à la victoire. L'impression que produit cette apparition met le comble à l'effet pathétique des scènes précédentes.»

«... *Le Prince constant* ou plutôt inébranlable (SIMONDE DE SISMONDE: De la Littérature du Midi de l'Europe. Bruxelles. 1837, vol. II, pag. 421) le Régulus espagnol, est un des drames les plus tonchants de

Calderon, traduit par M. Schlegel, il est á présent joué avec succès sur les théatres d'Allemagne: je crois devoir choisir pour en donner une analyse complète...

E Schoefer (Histoire de Portugal, Paris, 1858, pag. 449) não se esquece de transcrever aquellas palavras attribuidas a Lazarac: «S'il pouvait exister encore quelque chose de bon parmi ces chiens de mécréants chrétiens, il était certainement dans celui qui vient de mourir; sileût été Maure, il aurait mérité par ses vertus d'être honoré comme um saint; car jamais je n'ai entendu sortir de sa bouche un mensonge: toutes les fois que je l'ai fait observer la nuit, on l'a trouvé en ferventes priéres.»

Ouçamos agora algumas palavras do proprio Calderon de la Barca, e vamos andando, que o mosteiro de Belem essa maravilha de Portugal, está chamando egualmente a nossa attenção:

MULLEY—De los que salieron, uno
muy por estenso me informa:
dize pues, que aquella armada
ha salido de Lisboa
para Tanger, y que vine
a siliarla, com heroica
determinacion, que veas
en sus almenas famosas
las Quinas que vés en Ceuta
cada vez que el Sol se assoma.
Duarte de Portugal,
cuya fama vencedora
ha de bolar con las plumas
de las Aguilas de Roma,
embia a sus dos hermanos
Enrique y Fernando, gloria

deste siglo, que los mira
coronados de vitorias.
Maestre de Christo, Avis
son, los dos pechos adornan
Cruzes de perfiles blancos,
una verde, y otro roja.
Catorze mil Portugueses
son, gran señor, los que cobram
sus sueldos, sin los que vienen
sirviendolos a su custa.
Mil son los fuertes cavallos,
que la soberbia Española
los vestio para ser tigres,
los calçó para ser onças.
Yá a Tanger avrán llegado,
y esta, señor, es la hora,
que si su arena pisan,
al menos sus mares cortan.
Salgamos ha defenderla,
tu mismo las armas toma,
bexe en tu valiente braço
el açote de Mahoma,
y del libro de la muerte
desate la mejor hoja,
que quiram se cumple oy
una proficia heroica
de Marabutos, que dizen,
que emola margem arenosa
de Africa ha de tener
la Portugueza Corona
sepulcro infeliz, y vean,
que aquerta cuchilla corba
campañas verdes, y azules
bebio con su sangre roja.

Rei:—Calla, no me digas mas,
que de mortal furia lleno,
cada voz es um veneno
con la muerte que me dás.
Mas sus brios arrogantes
haré, que en Africa tengan
sepulcros, aun armados vengan
sus Maestres los Infantes.
Tu, Muley, con los ginetes
de la costa, parte luego,
mientras yo en tu amparo llego,
que si como me prometes
en escaramuças diestro
le ocupas, pues que tan presto
no tomen tierra, y en esto
la sangre heredada muestras.
Yo tan veloz llegarè
como tu, con lo restante
del exercito arrogante,
que en ese campo se vê.
Porque la sangre concluya
tantos duelos en un dia,
porque Ceuta ha de ser mia,
y Tanger no ha de ser suya.»

Comedia famosa de el Principe Constante.

*

* *

O grande chronista dominicano tambem se não esqueceu de fazer memoria dos signaes e testimunhos qualificados da virtude d'el-rei D. João II (Livro VI. cap. 33) e accrescenta.

«Muitos conventos ha insignes e famosos por sepulturas de reys, mas por reys e principes santos ha muy poucos como este da Batalha, onde temos tantos, que o podemos chamar socrario de santidade real: que além do que temos visto do fundador d'elle dom João o primeiro, e sobre o extremo de virtude da rainha dona Filippa, e de seus dous filhos os infantes dom Fernando, de quem brevemente dissemos, e dom Henrique de quem puderamos dizer muito, merecião nova e larga escriptura a pessoa e excellencias de bom governo (ainda que pouco venturoso em tempo e successos) del Rey dom Duarte e da Rainha dona Lionor sua mulher.

E não merecião menos o braço invencivel contra os Mouros del Rey dõ Afonso Quinto e a sãtidade da Raynha dona Isabel sua molher, filha do Infante dom Pedro, santidade acompanhada de perpetuas magoas, e lagrimas nunca enxutas, que lhe encurtarão a vida, cansadas de ver em discordia e postos em campo os dois penhores que mais obrigação tinha de amar e mais amava na terra, que eram seu pae e seu marido.

Se não fora desviarmonos de nosso intento mais do que permittem as leis das historias, poderamos dizer muyto d'estes Principes, mas diremos brevemente alguma cousa do ultimo que aqui escolheo sepultura, e ainda hoje a não tem mais que por deposito, que he el Rey don João segundo.

E já dissemos como está recolhido na capella de Nossa Senhora da Piedade.

Falecendo na villa de Alvor no Algarve em edade de quarenta annos e alguns mezes mais, foy enterrado na Sé Cathedral de Silves.

Alli começou a correr fama que a terra da sua sepultura era remedio contra doenças de febres. Forão

muytos os que acudirão a valerse della: E o successo foy tão provado que o bispo do Algarve mandou fazer inquisição polo seu vigario geral com o conego Alvaro Fernandes por adjunto, polo qual parecem justificados seis casos distintos de pessoas conhecidas que saravão com aquella terra; e algumas das testimunhas affirmam de muitas outras sem nome que alcançaram saude com o mesmo remedio.

Do auto d'esta inquirição feito em Silves no anno de 1497 veiu a nossas mãos hum traslado authentico, assinado em publico por Luiz Dias de Beça, taballião e concertado com Gonsaleanes escrivão: e nelle se declara que assistiu á inquirição o bacharel Estevão Diaz, corregedor do Algarve, por quem parece assinado o treslado que dizemos;

Virificão-se estes testimunhos com o que escreve Damião de Goes que succedeu nas exequias solenes que el Rey D. Manoel lhe mandou fazer em sua tresladação quatro annos depois.

Affirma este chronista que andando na voz do povo que obrava Deos por elle alguns milagres, se publicara no sermão das exequias, que quando fora desenterrado em Sylves se achara a madeira do caixão queimada e quasi consumida da força de cal viva, com que o corpo fôra coberto para se gastar brevemente e assi e mortalha e huma alcatifa: mas o corpo estava inteiro, limpo, e são, e a cabeça e rosto coberto de todo seu cabello e barba, como quando vivia: e que espantando muito tal visto em corpo mortal e corruptivel, por se ver que não fôra acompanhado de nenhum genero de materiaes aromaticos, nem ajudado de outros feitios, que preservão de corrupção: causara mais espanto em todos os presentes hum cheiro suave que delle procedia.

Foy o pregador D. Diogo Ortiz, bispo de Tangere,

pessoa de provada virtude, que fôra capellão mór do mesmo Rey.

Mas o que elle referio em voz confirma hoje a vista de olhos, sendo comprido no anno de 1621, que isto vamos excrevendo cento e vinte e cinco que foi enterrado.

Está seu corpo tão inteiro como o dia que falleceu, sem lhe faltar mais que a ponta do nariz: e em tudo o mais se mostra tão longe de corrupção que huma colcha e lençol em que foi envolto na trasladação conservão hoje sua primeira vista, força e alvura, como se estiverão guardados em bons cofres e entre roupa semelhante, e lha pudera communicar hum corpo defunto. Informado el Rey D. Sebastião do que temos dito, quiz ver esta maravilha.

Mostrou-se-lhe (que he facil de ver como está sem moimento de pedra).

Encheu-se o Rey moço de respeito com tal vista, e fez-lhe reverencia como a Santo.

Passou depois a curiosidade, e como quem tinha brios de valente, e sabia que o fora o Santo, quiz ver como lhe estava a espada na mão.

Mandou-o levantar em pé e meteolhe nella a sua propria; que no convento se guardava. E vendo o nesta postura disse para o duque de Aveiro Dom Jorge que o acompanhava, que beijasse a mão a seu visavo: o que elle fez beijando-a primeiro a quem lho mandava.

Acrecentou el Rey falando com o Duque, e com os olhos no defunto estas palavras:

Duque, este foy o melhor official que ouve de nosso officio. E todas as vezes que succedia falar nelle em outras occasiões, chamava-lhe o seu Rey.

Acharão-se a el-Rey dom João por morte algumas cousas guardadas e fechadas de sua mão, que sendo

desacostumadas em tão alto estado conformam bem com a que vamos contando, erão instrumentos de penitencia e devoção.

Mas cerraremos este capitulo com huma prova semelhante a outras. Era prior deste convento pelos annos do Senhor de 1570 o padre frei Francisco de Orta, mestre em sagrada Theologia.

Quiz fazer hum officio solene a este Rey, como he costume; e porque tinha ouvido dizer que se não gastava nelle a cera, por muito que ardesse, mandou pesar um sua presença e doutros padres vinte e seis tochas e fez tomar por escripto o peso, que foy de sinquo arrobas e sete arrateis e meyo: e ordenou que se achassem presentes o escrivão das obras do mosteyro, que he ministro posto por el-Rey, e o cerieyro dono da cera, a quem tocava arderem bem por seu interesse. Arderão ás vesperas que forão cantadas, e depois no dia seguinte a todo o officio, missa e pregação. Acabada a solenidade pesou-se de novo a cera diante dos mesmos padres, e acharão que do primeiro peso não quebrara mais em todas as seis que hum só arratel, porque pesarão despois de ardidas ao justo sinquo arrobas e seys arrateis e meyo.

Desta maravilha, que por tal foy avida por todos os que presentes forão a hum outro peso, mandou o prior fazer auto publico em que assinarão elle e os mais.

*

*   *

El-Rey don Afonso Quinto desejando honrar esta casa por todas as vias impetrou em seu favor do Papa Pio Segundo hum Breve muy importante.

Porque sendo do credito e honra para os religiosos

no espiritual, tambem redundou no temporal, como comeÇarão a possuir bens de raiz.

Foy o favor livral-os de pagar dizimos de suas quintas e granjas e isentou os de lançamentos para subsidios, e de outras obrigações com que ficarão adiantandos na renda tudo quanto estas cousas lhe fazião, ou podião fazer dano, que não era pouco alem dos encontros e molestias que tinhão com os ordinarios nas pagas e execuções dellas.

Concedeu-lhes mais que o prior possa nomear dous religiosos, os quaes possão por todo o anno ouvir confissões e absolver os penitentes de todos os casos que tocão aos ordinarios, exceto em dias Pascoaes.

Do mesmo Papa Pio Segundo, e no mesmo anno primeiro de seu Pontificado alcançou este Rey outro Breve que começa *Pia consideratione* etc. Polo qual dá licenças para se unirem a este Mosteyro pera a fabrica delle tres egrejas do Padroado Real de qualquer renda que sejão.

Mostrava el-Rey animo de acrecentar muito este convento, porque nos consta de outra semelhante graça que a sua instancia lhe tinha concedido o Papa Nicolao Quinto no anno sexto do seu Pontificado, que cabio no de 1452. Começa a Bulla *Romanus Pontifex*, etc. Da qual se não contentou nem usou, porque o Pontifice taxava a renda das igrejas que se avião de annexar, e mandava que não passasse de mil libras. E por essa razão procurou o Breve sem limite, de que agora falamos. E comtudo sendo tão cuydadoso em pedir o que estava em mão alheya, foy descuydado em dar o que tinha na sua. E na verdade por esta via podera estar hoje a casa não so competente e abundantemente provida contra todos os danos que o discurso do tempo vay causando em tudo, mas com forças e nervo de dinheiro para se acabar

a capella imperfeita del-rey D. Manoel: e não se perder antes de chegada a sua perfeição huma obra de tantas excellencias.

El-Rey D. Manoel foy o que se aventejou a todos os seus antecessores em augmentar e ennobrecer este convento com effeitos e despezas e mercês reaes. Porque a grande e custosa obra da capella; que chamamos imperfeita, ou naceo de sua traça e ordem, segundo parece dos muitos sinaes que atras deixamos em seu logar apontados, ou de sua fazenda e consentimento, sendo autora della a valerosa Raynha dona Lianor sua irmam. E assi por huma ou por outra via a podemos contrapor sua. Despois que as boas venturas e grandezas do Oriente lhe fizerão cobiçar hum jazigo particularmente seu entre porfidos e jaspes e sobre elefantes, em testemunho das novas terras, que por seu poder tinha conquistado, deixou a casa alheia: e até as empresas e letras enigmaticas, que nella estavão por suas, enjeitou, fundando o famoso mosteiro de Belem sobre a barra de Lisboa. Mas se bem mudou o logar, não perdeo nunca o amor ao convento de seus mayores, para deixar de lhe fazer honra e mercê. Foy a primeira ordenar nelle huma perpetua memoria sua, mandando celebrar hua missa cantada aos anjos no primeiro dia de cada mez, e quotidianamente no coro tres Antifonas com suas orações, hua a Nossa Senhora, outra ao Archanjo S. Miguel, terceira ao doutor da igreja S. Jeronymo, e por tão leve obrigação fez esmola á casa por março de 1501, de hus lagares e moendas de azeite na villa de Torres novas, com seus assentos de casas e levadas de agoa, fazenda de importancia, que mandara fabricar a Raynha dona Isabel, sua primeira mulher. Tambem lhe fez doação de hus grondes chãos com fornos de cal e telhaes, que antigamente forão comprados pera serviço das obras do convento, quando se edifica-

va. E ultimamente crecendo a povoação que hoje vemos ao longo delle com acommodidade e nobreza do edificio em tanto numero de gente de todas sortes e estados, que fazia já hum bom lugar e usava do mesmo nome, que foy causa da fundação do convento, chamando-se o lugar da Batalha e sendo assi que pela visinhança pertencia seu julgado e governo á cidade de Leiria, o mesmo Rey o desmembrou della e o fez villa, com todos os privilegios, honras e liberdades das mais villas do Reyno e he conhecida pola villa da Batalha.

Reinando el-Rey dõ João Terceiro, hum Nuncio do Pontifice Paulo Tercio, que neste Reyno assistia, que era o bispo Valvense Pompeio Zambicario concedeo por autoridade Apostolica aos priores do Real Convento, que podessem mandar dar nelle ordens sacras aos seus religisos, e escolher pera isso qualquer bispo, como tivesse lisença pera ordenar fóra da sua diocesi, e os ordenantes fossem idoneos: e alargando mais a graça acrescentou que se podessem conferir, ainda que fosse *extra tempora*.

El Rey D. Filippe primeiro de Portugal e segundo de todos os mais reinos, de Espanha, respeitou tambem esta casa de maneira, que sem a ver nunca, foy aquelle que mayor renda lhe deu. porque com o novo orsamento que mandou fazer dos preços juntos das cousas, a respeito do tempo presente, fazendo justiça nos fez mais favor que todos os passados.

Ultimamente el Rey seu filho que no mesmo mez e anno que isto vamos escrevendo se foy ao Ceo gosar os premios de sua grande e natural bondade, como lhe foy semelhante no nome, não quiz ser differente nas obras para com este convento.

E foy o primeiro que deo á execução os Breves Apostolicos impetrados por el Rey dom Affonso quinto, ap-

plicando para a fabrica de pedra e cal e necessidades do edificio o rendimento da egreja da villa e conselho de Luzmil no bispado de Lamego.

É a egreja do padroado real e de tão bom rendimento, que tiradas despezas ordinarias manda liquidos ao Convento 350 mil réis em cada um anno.

Pedião as grandes calidades desta casa não lhe faltarem a provincia e padres della em imitar os Reys no que de sua parte podessem fazer pera augmento de grandeza e lustre.

Assi ordenarão qoe fosse assento de huma das Universidades da Provincia: e foy feita esta ordenação no capitulo provincial que em Lisboa se celebrou em 25 de abril do anno de 1540, em que foy eleito em provincial o P. M. fr. Jeronymo de Padilha, hum daquelles padres que a instancia del Rey D. João Terceiro erão vindos de Castella a titulo de Reformadores da Observancia.

Forão definidores neste capitulo o padre fr. Paulo Sotelo e os doutores fr. Jorge Vogado, fr. Amador Anriquez, e fr. Affonso de Madrid. As palavras das actas são as seguintes:

Quoniam circa studium summa est habenda diligentia certissimum certe medium ad Ordinis custodiam et ad profectum morum proferendum, propter quem Ordo noster dignoscitur institutus, et mandamus quod in subsequentibus Conventibus studium semper vigeat. Imprimis in nostro Conventu de Victoria sit studium Artium et Theologiao.

Lectorem Artium assignamus Patrem Fratrem Bartholomeum das Martens, et in lectorem Theologiae et studii regentem Fratrem Antonium Fartum.»

E é de saber que até então não havia outra Universidade na provincia, excepto a do Convento de Lisboa,

instituida por el Rey D. Manuel em fórma de Collegio, com titulo de Santo Thomas, pera certo numero de collegiaes e suas particulares leis.

E porque el Rei D. Joao Terceiro foy de parecer que se passasse este Real Collegio de Lisboa pera a Batalha, com tenção de o transferir dahi pera Coimbra; como fez tanto que houve gasalhado capaz no edificio que se começava, ficou fr. Bartholomeu Leitor de Artes nelle segunda vez, mudado sómente o lugar, porque por estes degraus foy subindo até chegar a se assentar na cadeira suprema e primacia de Hespanha, que he a cidade de Braga.

Desde então ficou tambem em Lisboa Universidade formada, por honra e auctoridade da cidade e do Convento.

E a outra ficou na Batalha, onde o lugar solitario e boa vontade da casa ajudão muito o estudo e exercicio das lettras e nellas tem produzido homens insignes: dos quaes nomearemos alguns em seus logares.

Entre todos parece deverse primeiro lugar ao padre fr. Lourenço Lamprea, confessor do mesmo Rey que nos deu a casa, pois de sua palavra e testemunhos sabemos que por elle se inclinou a lhe parecer bem entregal-a á Ordem de S. Domingos.

O mesmo lugar nos esta merecendo o padre frey João Martins, mestre em Theologia, que por sinalado em virtudes foy o primeiro que a ordem mandou assistir nos principios do Convento.

«Mas é magoa que muyto se faz sentir por ser sem remedio, que em cento e dez annos que correrão des do anno de 1388 em que el Rey deu o Convento á Ordem até o de 1498 não ficasse lembrança nelle de nenhum filho mais que do padre Frey Amador Henriquez,

que nelle professou em onze de novembro de 1498. Foy este padre mestre em Theologia e celebrado polos antigos por excellencia de pulpito: e governou muitos annos os Conventos d'este Reyno e o seu da Batalha. Na entrada do anno de 1534 foy eleyto no Capitulo que se fez em Evora em Provincial, a instancia e por ordem del Rey D. João o Terceyro.

Acabava então seu cargo o Provincial Frey Jorge Vogado, e Frey Amador era actualmente Prior de Lisboa. E notouse que quiz el Rey carregar tanto a mão em favorecer, que sendo costume então ficar governando a Provincia com titulo de Vigario geral o Prior em cuja casa se tinha o Capitulo até ser confirmado: e tocando ao Prior de Evora esta honra que era o doutor frey Antonio Freire, pessoa de grandes calidades, foy traça do mesmo Rey que largasse o cargo a frey Amador, e fosse a negocio de seu serviço fóra da Provincia.

Assi ficou Frey Amador governando logo. Mas ou fosse que o favor e prosperidade o fizesse descuidar de suas obrigações, como acontece a muytos, ou que sua natureza fosse melhor pera obedecer que pera mandar: quando conclubio seu quadriennio, foy penitenciado no seu Capitulo com hua pena de *gravior culpa*, e condenado a seis mezes de reclusão no Convento da Serra de Almeirim.

E he bem de considerar a inteireza dos padres daquelle tempo que não avendo no condenado culpas mais graves que de frouxidão, e negligencia, porque em sua pessoa se não achava tacha, essas bastariam para o castigo.

Porem Frey Amador se governou nesta adversidade com tanto entendimento, que lhe redundou em nova honra pera com a Religião e em grandes graos de gloria pera com Deos.

Quando chegou o Capitulo seguinte em que foy eleito provincial o padre Frey Jeronymo de Padilha, veyo já assistir nelle feito Prior da mesma casa que se lhe dera por carcere que era o convento da Serra, e foy Diffinidor no mesmo Capitulo.

Em 6 de Outubro de 1520 achamos que professou neste Convento o padre mestre frey Jeronymo da Azambuja, tão conhecido por toda a Cristandade pelo nome de Oleastro, que na lingua latina he o mesmo que Zambujo.

Deu-lhe esta fama a soberana erudição de seus eruditos escriptos, só com hua pequena parte que imprimio sobre os cinco livros de Moysés.

Era muy versado na Theologia Escolastica, e ajudava-o um grande conhecimento das linguas Hebraica e Grega: o que junto com hum juizo assentado e acompanhado de grande agudeza de engenho produzia partos admiraveis.

E tal he tudo o que deixou escrito assi na sustancia como na ordem pera aproveitar aos estudiosos; porque declara primeiro o sentído literal, e logo vai moralizando os passos e levantando conceitos com tanta erudição e avizo que ensinando muyto, não deleita menos.

Assi foy grande lastima a todos os homens de letras não acabarem de chegar á impressão suas obras: das quaes se póde temer que andando como andam escritas de mão, ou se virão perder, ou publicar em nome alheyo.

As que deixou em limpo e a ponto de poderem sair em publico são sobre os Psalmos e sobre os livros dos Reys, sobre Isayas e Jeremias e sobre os doze Profetas menores: e affirma-se que tinha escrito sobre o restante da Biblia.

Agora de proximo se imprimio em França á instancia do Padre mestre Frey Pedro Calvo o que tinha escrito sobre Isaias. He um grande volume lido com grande admiração de todos os doutos.

Como era conhecido por homem de tantas partes despachou-o el Rey por seu Theologo pera o Concilio de Trento, quando primeiramente se abrio por fim do anno de 1545 com outros dous Religiosos da mesma Ordem.

E no pouco tempo que desta vez durou aquella sagrada junta deu grande sinal de suas letras, Religião e Christandade. Donde naceo que tornando ao Reyno desejou a Provincia aproveitar-se delle com seu governo, como tambem em premio do muyto que trabalhava em serviço commum: e vindo-se a juntar em Capitulo de eleição de Provincial por julho de 1551 foy eleito com 36 votos, e com grande applauso dos Capitulares, e a eleição confirmada pelo Geral, e não desfavorecida do Pontifice Romano.

Mas não ouve effeito, porque el-Rey dom João estava persuadido que convinha pera quietação e bom governo da provincia não na tirar da mão dos reformadores que mandava vir de Castella, e secretamente se proveo de hum Breve da Penitenciaria, com que fez eleger outro. E estava el-Rey tão longe de cuidar que nisto agravava os grandes sogeitos que então avia na Ordem, que pouco depois nomeou pera Bispos todos os tres religiosos que mandara della ao Concilio. Porem aceitando os dous sua promoção, só o padre fr. Jeronymo recusou a dignidade, e foy o termo tão acompanhado de humildade e modestia, que ainda que se podia cuidar lhe durava algum resentimento do encontro que dissemos de sua eleição, ficou el-Rey satisfeito que o movia amor do seu estudo e quietação e receyo de entender com almas

alheyas, mais que lembranças de cousas passadas. Era o Bispado na ilha de S. Thomé.

Foy depois eleito em Prior deste convento de que foi filho e não perdendo ponto no que tocava ao bom governo, fazia espanto a continuação com que assistia sobre os livros. Daqui o tirou o cardeal infante pera Inquisidor de Lisboa, e emfim a Provincia tornou a lançar mão d'elle, e o fez seu provincial pelo mez de junho de 1560 acabando seu tempo o mestre frey Luiz de Granada. E porque vejam e notem a alteza do espirito deste padre os que não podem por falta de letras conhecel-o de escritos mais levantados, poremos aqui duas memorias suas, e será a primeira hua carta sua que nos veyo ás mãos, escripta por elle aos conventos, quando foy eleito. A outra será o treslado de dous periodos das Actas que então fez. Segue a carta dos reverendos padres mestres, priores e presidentes dos conventos e a todos os mais religiosos desta provincia, frey Jeronymo da Azambuja humilde provincial e servo, saude e observancia da vida regular.

Juntando-nos neste definitorio e começando a entender, como he costume dos capitulos, em algumas cousas concernentes á boa guarda e adiantamento da religião e observancia, achamos que quasi nenhuma advertiriamos, que dos capitulos passados não estivesse já, não somente advertido com cuidado, mas provido nella de bastante remedio, assi não forão mal e friamente guardadas por alguns.

Donde fica entendido, que se em nossos costumes ha frouxidões e descuidos, não está a culpa nos defeitos das leys, senão no defeito da execução d'ellas. Porque leis sem execução não são mais que humas penadas de tinta, humas letras ou figuras pintadas. E se á letra morta (que he a lei) se não ajuntar a letra viva (que he o

Prelado) nunca della se seguirá fruyto. Pela qual rasão não nos atrevemos a esperar que no que hoje ordenarmos averá melhor guarda, do que ouve até gora no que os outros deixarão ordenado. E se assi ha de ser, padres meus, debalde nos cansamos em tantas juntas e consultas, perdidos são tantos trabalhos, tantos caminhos, tantas despezas publicas e particulares, quantas se empregam em acodirmos aos capitulos, perdidos são quantos gastos e preparações para elle se fazem, se o esquecimento, o descuido e tibieza dos prelados nos ha de baldar nossos trabalhos.

Não ha que duvidar se não que podemos dar por acabada a gloria de nossa religião, se ás cousas que com grande ponderação e juizo assentarmos ha de responder igual leviandade e negligencia em se cumprirem, Porque dizeime, que proveito se ha de tirar da lei, não avendo quem a guarde? Ou de que serve fazer leis mortas, se a vigilancia e boa diligencia dos que governam e pódem, as não ouver de espertar da morte á vida, e como reduzir de potencia a acto? Por onde, padres, pelas entranhas da misericordia de Christo Senhor nosso vos pedimos, que contra semelhantes descuidos armeis os peitos de justa ira e dor, como a rasão está obrigando a todos, e façais espelhos das calamidades de nossos tempos, em que vemos acabada quasi a mór parte da nossa Religião sem aver mais causa que ter começado a descair.

Que se toda a ordem se desvelava em guardar as regras e preceitos que de nossos mayores servio e recebeo, guardava a ella o mesmo Senhor que a elles communicou o espirito, com que a doutrinarão. Pelo que vos rogo, padres, que vigieis com olhos e entendimentos, orando e trabalhando, e façais que os que sois peiores e primeiros no nome, tambem o sejais no trabalho

e empregueis todas vossas forças e juiso em fazer, por meyo de vossas boas obras nos guarde o Senhor este pequeno cantinho de nossa Religião, pois está escrito: se guardardes a lei, ella vos guardará, etc.

Os periodos das actas são os seguintes: «Primeiro que tudo amoestamos a todos os sacerdotes desta provincia que quando celebrarem o santo sacrificio da missa, entendão naquelles sagrados misterios com toda a limpeza e pureza, não chegando nunca a elles sem aparelho, mas antes precedendo sua oração e meditação, e seguindo-os despois com nova oração e rendimento de graças. Porque na verdade nos obriga a um gravissimo sentimento haver homes, que hus ou logo apoz o sono, outros palras e conversações pouco graves (por não dizer ociosas e vãs) se arremessão sem medo ao altar, que nos devia assombrar com terror e medo, outros celebram de corrida e como pela porta pelo mesmo caso sem nenhuma reverencia. Donde tenho por certo que nacem todos os estragos e ruinas da religião assi espirituaes como temporaes.»

Este padre não acabou o tempo de seu cargo: porque como servia no Tribunal do Santo Officio com grande continuação e sobre o governo da Provincia não largava o estudo, que he lima surda e pelo gosto que dá a quem o ama, corta e penetra sem se sentir; encurtou-lhe o trabalho os dias, e levou-o na entrada do anno de 1563 com grande sentimento de toda a Provincia, não tendo servido mais que dois annos e meyo.

«Succedem dois Bispos a hum, que sendo tambem eleito, como temos visto, constantemente recusou a dignidade, e ambos filhos d'este Convento.

D. Fr. Antonio Bernardes, professou n'elle no anno de 1537, e por suas letras e virtude, e bom pulpito foy chamado de Coimbra para Bispo titular d'aquella

Igreja D. Fr. João Baptista sendo mandado por el-Rey dom João Terceiro a Roma a negocios de importancia, deu tão boa conta de si e delles, que o ouve por merecedor da mitra: e lá lhe mandou a nomeação da Igreja da ilha de S. Thomé em tempo que vagara por renunciação que d'ella fez dom Fr. Bernardo da Cruz: e não a acceitou o mestre Fr. Jeronymo da Azambuja, sendo-lhe pelo mesmo Rey (como dissemos) offerecida.

Foy este prelado antes de sair de Roma sagrado: e chegando a Portugal juntou comsigo doze Religiosos da ordem com que se embarcou para sua diocesi, que jaz ao longo da costa de Africa terra da Etiopia Occidental e cae directamente debaixo da linha Equinoccial, em meyo da Zona Torrida.

Chegando á ilha com boa viagem começou a batalhar animosa e christãmente contra vicios, abusos e liberdades, introduzidas com a longa auzencia dos prelados, e feitas tão caseiras entre os moradores, que depois de lhe custar muito trabalho de encontros e contradições o remedio que procurava, emfim vendo que todo o feytio era perdido com os poderosos: foy tal o desgosto que recebeo de ver que pastoreava ovelhas pela mayor parte incuraveis, que lhe abreviou a vida.

Os mais dos companheiros tinhão passado da ilha á terra firme a semear a palavra de Deus no estendido Reyno de Congo, que então era sugeito a S. Thomé no espiritual, e ha muitos annos que um seu Rei obedece á Igreja Romana.

Estenderão-se por elle occupados em seu ministerio no qual acabarão a vida quasi todos, tornando só ao Reyno os que se acharão na companhia do bispo quando falleceo.

Assi como estes dous padres forão tirados do remanso da Religião pera as ondas do mundo e tempes-

tades, de que as dignidades se acompanhão, temos outros que no canto d'ella e sem sairem d'este Convento passarão longos annos em mansa pobreza, não querendo ser conhecidos nem ouvidos, entregues todos a um só cuidado de salvar suas almas.

Outros sendo occupados pela Provincia em cargos, ou em lição e pregação mudando só de Convento, não mudarão estilo de vida, e acabarão entre seus irmãos.

Entre estes forão raros em rigor de vida e amor de oração o P. fr. Diogo de Vitoria ou de Barreira nacido em huma pobre aldea deste nome visinha ao mesmo convento que lhe deu o habito, e em que se fez estimar: e os Padres fr. Antonio de Ourem, e fr. Antonio da Cruz. Deste ultimo se conta hum estranho caso, que por ser de testimunho singular nem o affirmamos, nem o quizeramos contar, ainda que acreditado cõ a simplicidade de quem o deu, e muito mais com a provada virtude e pureza de vida do mesmo Padre, da qual fazemos mais caso do que do milagre, quando bem fora mui calificado. Mas não parece rezão deixarmol-o esquecido, porque poderoso he Deos pera mostrar ainda mayores maravilhas em seu favor, como tem mostrado nas partes da India Oriental polo padre fr. Simão das Chagas, seu irmão, que nellas he por Santo venerado.

Na hora que este padre fr. Antonio da Cruz foy lançado na cova, ao tempo de o começarem a cobrir de terra se virão cahir sobre sua cabeça muitas flores brancas miudas, e como desfolhadas, sem parecer donde vinham, e invisiveis pera toda a outra pessoa, senão pera os olhos de huma que muitas vezes então e depois o contou diante de toda a Communidade.

Os que agora diremos fallecerão fóra do Convento de que erão filhos, sendo chamados do Senhor em outros onde servião a ordem.

O padre fr. Lopo de Sousa, despois de prior duas vezes de Lisboa, e de outras casas da Provincia: e despois de ser della Vigario Geral faleceo no mosteiro de S. João de Setubal, servindo áquellas madres de seu Vigario.

Os padres fr. Gaspar Coresma, e fr. João Aranha, facerão ambos em Coimbra: ambos famosos pregadores: e este segundo lente na Universidade da mesma Cidade de Coimbra da cadeira de prima de Escritura.

Temos hum raro espirito pera cerrar este numero e este capitulo: o qual tambem se enterrou fóra do ninho do nacimento.

Foy o padre fr. Antonio de Sande, nobre por geração, qual he o appellido neste Reyno e nos de Castella.

Este padre se fez amar e estimar no Convento de Santarem, onde pela obediencia estava assignado por muy essencial religioso.

E sendo-o nas mais partes de pregador Apostolico, e verdadeiro seguidor da pobreza de Christo, esmerou-se grandemente nas virtudes da charidade e humildade.

Era porteiro e tinha a seu cargo repartir as esmolas de casa na porta.

Não se viu nunca nelle acto nem palavra de pouco sofrimento, sendo o officio com os de casa assaz trabalhoso, e cõ os de fóra, na repartição das esmolas cheyo de importunações e desconcertos, que ás vezes causam a demasia de necessidade, ou falta de criação dos que buscam a sentença pelas portas dos conventos.

Elle repartia o que avia do refeitorio, e o que de fóra buscava, com tanta ordem e concerto, com tanta brandura e affabilidade, que não avia nenhum que o não amasse e respeitasse.

Sabemos delle, que faltando algumas vezes agua de beber em casa, porque não faltasse na hora de comida aos pobres, por suas mãos a hia buscar, sendo já de sessenta annos, a hum poço muy alto que está na cerca e se chama de S. fr. Gil: elle a tirava e trazia, e sendo o trabalho grande, a charidade lho adoçava tanto que o tinha por passatempo.

Mas como a morte he o fiel que com mais certeza descobre quem cada hum he, a sua nos confirmou as perfeições que havia em sua alma.

Andava indisposto de hum achaque tão leve, que o passava na cella sem yr á enfermaria.

Hum dia do anno de 1609 levantandose da cama pola manhan sem febre de novo, nem alteração de pulso, nem dôr nenhuma se foy á sacristia, confessouse e disse Missa: tornouse logo á cella, deitouse e pediu que lhe trouxessem as Taboas, e lhas pozessem juncto do leito:

Damos este nome na religião a huma pequena tabua cercada de aldrabas de ferro pondentes, que meneada serve de espertedor das portas a dentro, e de juntar a communidade, quando algum religioso está em passamento.

Acudirão os frades maravilhados de tal prevenção em pessoa, que a olhos de todos não tinha que temer.

A uns parecia graça, a outros malancolia.

Veyo o medico que o costumava visitar, tomoulhe o pulso, finavase de riso não achando cousa de que formar pronostico de perigo, quanto mais de morte.

Mas o frade não quietou até que teve junto as taboas: e brevemente como todos andavão em vigia sobre elle, virão que começava a dasfallecer e entrar em desmaios, com que se foi pera o Céo sem tardar muito, alegre e profeta de seu bem.

Fr. Luiz de Sousa: Historia de S. Domingos, liv. VI Bemfica, 1623.

*
* *

O P. Antonio Carvalho da Costa pouco nos diz acerca da villa da Batalha na sua Corografia Portugueza (vol. III Lisboa, 1712): ... tem huma Igreja parochial da invocação de Santa Cruz, Vigayraria, que apresentarão os Bispos, Casa de Misericordia e Hospital...

Tem esta povoação entre Villa e termo quinhentos e setenta visinhos, mil seis centas e trinta pessoas maiores e trezentas e oytenta menores, com huma Ermida de N. Senhora da Victoria junto ao Convento e no termo estas Ermidas N. Senhora da Esperança da Canoeira, Santo Antão da Faniqueyra, S. Maria Magdalena da Jardoeyra, N. Senhora da Conceição das Brancas, Santo Antonio da Robolaria, S. Sebastião do Freyxo, N. Senhora do O', da Ribeyra dos Saxos, o Bom Jesus da Golpilheyra, e S. Bento da Cividade.

He esta Villa e seu termo abundante de pão, vinho, azeite, excellentes fructas, gado e caça, e bem provida de peyxe: produz minas de azeviche, a que os Latinos chamão *Gagates*, de que se lavrão varias curiosidades, e varios brincos muy agradaveis á vista.

*
* *

D. Luiz Caetano de Lima, clerigo regular, na sua Geographia Historica, impressa em Lisboa no anno de 1726 nada que seja para se mencionar diz acerca da Batalha.

Porém o P. Luiz Cardoso (Diccionario Geographico de Portugal, vol. 2.º Lisboa. 1751) descreve esta villa e a sua maravilha com o conveniente desenvolvimento.

Serve-se das palavraa do grande mestre, fr. Luiz de Sousa.

Nada porém adianta ao que diz o author da Chorographia Portugueza.

Ermida de S. Jorge: (C. Ximenez de Sandoval *Batalha d'Aljubarrota.*

Monographia Historica y Estudio Critico Militar. Madrid, 1872, pag. 268.

«Por sua grandeza e valor artistico, como por ser obra votiva e commemorativa do rei vencedor, collocamos o mosteiro da Batalha no primeiro logar d'esta revista que vamos fazendo: mas em attenção ao verdadeiro interresse historico e ao das emoções que produz, e pelo sitio em que se acha, deveriamos ter dado preferencia ao modesto sanctuario chamado de S. Jorge, piedoso trofeo levantado onde foi o mais renhido do combate naquella batalha, como diz fr. Domingos Teixeira na vida do Condestavel Nuno Alvares Pereira.

Fernão Lopez e quasi todos os historiadores dos tempos posteriores asseveram que o mesmo condestavel o edificou, e o seu primeiro chronista anonymo diz tambem que o fundou «onde foi a batalha real, naquelle logar onde esteve o seu pendão» encontrando-se egual asserção nas *Illustraciones de la Casa de Niebla*, por Barrante Maldonado, e confirmando-o uma pequena lapide com inscripção em caracteres gothicos, que ainda se encontra na parede.

No mesmo tempo em que el Rey estava para começar a peleja dentro em pouco, asseguram que o condestavel se encommendou devotamente a Maria Santissima, promettendo-lhe ir logo dar-lhe graças no santuario de Ceice, junto a Ourem, e erigir-lhe um templo digno de seu culto, ainda que este ultimo não parece tão comprovado.

Cumprio immediatamente o primeiro voto, andando desde o acampamento a pé; e, annos depois, logo que as operações ulteriores da guerra lho permittiram, se dispoz a edificar esta ermida, e passou em pessoa a demarcar o local, em que obteve a celestial protecção, e onde tanta honra alcançou pela sua previsão, intelligencia e denodo.

Fernão Lopes declara que isso foi ao regressar da tomada de Campo Mayor, no fim de 1388, ou principios de 1389: porem é indubitavel que ainda se demorou cinco annos antes de começar a empreza.

O academico José Soares da Silva nas suas *Memorias do reinado de D. João I*, introduz o seguinte, entre varios paragraphos de um antigo codice, que diz digno de credito: *Na estrada meya legoa alem da villa de Batalha, está huma ermida da invocação de São Jorge com seo ermitão.... E esta ermida mandou fazer o condestable Nuno Alvares Pereira em graças, e memoria da victoria que naquelle sitio tiverão os portuguezes dos castelhanos, em os 14 de Agosto de 1385, e porque se tem por certo que nesta batalha assistio a os portuguezes em seu favor, e mandou fazer da sua invocação. No anno de 1430 aos 23 dias de Agosto se lançou a primeira pedra desta ermida......*

Desde logo tenho a notar com estranheza que pondose a data da batalha segundo a era christãa, se valha em seguida da de Cesar para marcar o começo do edificio; e depois observo que se não conforma esta ultima com a que designa a lapide, e o mesmo relativamente á invocação Eis a copia segundo a do mesmo Soares da Silva, por a não poder ler por estar completamente caiada pelo reboco exterior da fachada da ermida, em cuja parede se acha:

Era de mil e quatro centos e trinta e hum annos

Nuno Alvares Pereira mandou fazer esta capella a honra da Virgem Maria: porque em o dia que se fez aqui a batalha, que el Rey de Portugal houve com el Rey de Castella, esteve n'este lugar a bandeira do Condestable.»

Cingindo-nos a esta data epigraphica segue-se que a obra devia começar no anno de 1393, e que a vontade do fundador foi dedical-a á Virgem.

A circumstancia de elle levar no seu pendão, com a imagem de Maria, outra de S. Jorge, que desde 1381 era o advogado das tropas portuguezas, para que, quando o invocassem nas batalhas, não o confundissem com S. Thiago, invocado pelos castelhanos, o induzio a mandar tambem pôr em vulto na capella as duas imagens, quando esteve concluida; e d'ahi se originou o prevalecer entre o vulgo dar-lhe o titulo do Santo.

Encontra-se a ermida e a pequena casaria ou aldeia, que se formou pelo decorrer dos annos, sobre a mesma estrada real de Lisboa, entre os marcos kilometricos 135 e 136, tendo sua porta voltada para o N.E. de cantaria.

E consta de corpo da egreja com tecto de madeira, e de capella mór em abobada ogival, que fórma no exterior um torreão ogival. Mede no interior aproximadamente uns 19 metros de cumprimento e uns 13 de largura. No altar mór está em vulto uma Nossa Senhora da Victoria, que se julga ser a mesma da fundação; e nos dois altares que se encontram no corpo da egreja se veem, no da esquerda um grupo de marmore ordinario, de escultura grosseira, que representa S. Jorge a cavallo, na attitude de matar com a lança o dragão infernal que está a seus pés, e o qual grupo apresenta todos os caracteres proprios para se inferir que seja o primitivo; e no outro, um santo, que me disseram

ser S. Domingos, visivelmente moderno, que sem duvida substituiu a cruz de madeira, que se diz ter sido alli collocada.

Por fóra, para defender a entrada conhece-se que houve um portico, e á esquerda da porta ha uma grande pedra em fórma d'altar que devia servir para celebrar missa no dia do anniversario á chusma de gente que ali acudia como em romaria, pois iam em procissão de Porto de Moz com o clero da freguezia, e desde o mosteiro da Batalha com a communidade: pregava-se um sermão patriotrico num pulpito tambem da parte de fóra, do qual ainda se conserva á direita a pedra circular que servia de base: passava-se o resto do dia em folguedos campestres: immediata a esse pulpito está segura na parede a lapide commemorativa, de que se fez menção.

A poucos passos, á direita do edificio, me mostraram dentro d'uma pequena horta o logar da cova, onde dizem haver sido enterrado um grande numero de cadaveres dos que pereceram na batalha, cujas ossadas se encontram mesmo que a terra seja escavada a pouca altura.

A casa dos duques de Bragança, descendente do fundador, teve outr'ora especial cuidado na manutenção e conservação da ermida, assim como em não deixar de celebrar a procissão e festa annual, occorrendo com o que fosse preciso para este objecto de culto, e com uma pequena quantidade de trigo ao ermitão guardador, impondo-lhe tão somente a obrigação de ter uma bilha d'agua para os transeuntes; mas parece que pouco depois de subir ao throno aquella illustre familia, e sobre tudo no presente seculo, ficou uma tal lembrança no olvido.

O actual ermitão (1869) chamado Bento Ferreira, que

succedeu em 1830 a uma serie de parentes e antepassados n'aquelle humilde encargo, nada recebe, segundo me disse, e acha-se portanto n'uma situação muito desgraçada.»

O arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa erigiu no convento da Batalha um sumptuoso mausoleu collocado na capella de S. Miguel para deposito das cinzas do seu pai [1] cuja trasladação foy a 4 de maio de 1691.

Todos os estrangeiros são unanimes em tecerem os maiores e mais brilhantes elogios aos trabalhos archite-ctonicos do mosteiro da Batalha. Murphy, porém, foi quem entre todos se distinguiu escrevendo e dando á luz o seu trabalho monumental intitulado—Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by fr. Luiz de Sousa, with remarks. To which is prefixed an Introductory Discourse on the principles of Gothic Architecture by James Murphy Arch. Illustrated with 37 plates. London. Printed for J. & J. Taylor, High Holborn, 1795, fol. maximo.

E' obra verdadeiramente monumental, e dedicada a William Conyngham, do concelho particular do rei d'Inglaterra. «The Royal Monastery of Batalha, is a structure very little known, though the excellence of its architecture justly entitles it to rank with the most celebrated Gothic edifices of Europe.»

«In the Church belonging to this Monastery, we observe none of those trifling and superfluous sculptures, which but too often are seen to crowd other Gothic edifices. Whatever ornaments are employed in it, are sparingly, but judiciously disposed; particularly in

[1] Fr. Claudio da Conceição: Gabinete Historico, tomo V, pag. 79. (Lisboa, 1819).

the inside, which is remarkable for a chast and sublime plainness and the general effect, which is grand and sublime, is derived, not from any meretricious embellishements, but from the intrinsic merit of the design. The forms of its mouldings and ornaments of are also different from those of any other Gothic building that I have seen. This difference chiefly consists in their being turned very quick, and cut sharp and deep: with some other peculiarities, which the plates of this work will sufficiently explain. Throughout the whole are seen a correctness and regularity, which evidently appear to be the result of a well conceived original design; it is equaly evident that this design has been immutably adhered to, and executed in regular progression, without those alterations and interruptions to which so large buildings are commonly subject...»

The piety, hospitality, and simplicity of these reverend Fathers, can scarcely be imagined in these degenerate times; they call to our recollection the description historians give us of the Christians of the Apostolic ages, their sanctity of manners increases the dignity of the venerable mansion they inhabit.»

The gumber of Friars residing in the Convent ary forty-four, of the Dominican order; to wit, twenty-five in sacred orders; two Deacons; four Novices; and thirteen Lay brothers. They are governed by a Prior and three subordinate dignitaries; viz a Rector of Novices, a Vicar, and a Master of Morals. There are two Professors for teaching grammar to seculars, and another for instructing them to read and write. The other officers of the Monastery are-the Sacrist, Precentor, Cellerarius, Granatarius, and the Eleemosynarius. There are also two Treasures under the direction of the Prior; each has a

separate key of the chest, which contains the stock of the community.»

The annual revenue of the Convent is computed at between ten and twelve thousand cruzados, according to the sale of the fruit. The fixed revenue ir 3000 cruzados and forty moyos of wheat, besides 200 mil reis received annually from the custom-house of Oporto.

The expences attending the Church, it was amount to 200 mil reis. The remainder of the income is expended in repairs and other contingencies.

«The sight of this edifice would have amply repaid a longer journey, even though less pleasant, than I had just experienced; and what enhanced the pleasure of the prospect. was the unexpected sight of it at an hour when the sun was setting, and every turret was gilded with the radiance of his descending beams.

The busy assemblage of spires, pinnacles, buttresses, and windows: their deep projecting shadows, the Siberian solitude of the place; and the venerable appearance of the friars, renderet this one of the most remarkable scene I ever beheld.»

Murphy, Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro and Minho, Beira. Estremadura and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790.

London, 1795, pag. 32.

«In every thing that constitutes the ornamental or the elegant, the principal Entrance certainly stands unrivalled by any other Gothic frontispiece in Europe...

The summit is crowned with an ornamental railing, at the height of about an hundred feet from the pavement of the Church.

The space between that and the Portal is occupied by a large window of singular workmanship; it con-

sists of tablets of marble, formed into numerous compartments, whose interstices are filled up with stained glass.

In the evening, when the sun is opposite to this window, its beams dart through the perforations and cover the walls and pillars of the church with myriads of variegated tints.

It is impossible to convey an adequate idea of the beauty of the effect, or the agreeble sensations they excite in the spectator. Id. pag. 36.

«At the rear of the church is an unfinished Mausoleum of a curious form wherein the architect has exhibited no superficial knowledge of geometry or the principles of sound and elegant design.

In point of workmanship, neither the pen nor the pencil is adequate to express its real merits, for, though most objects when transferred to the convass appear to advantage, this on the contrary, though delineated by the most ingenious artist, upon examination, will appear more beautiful than any representation of it upon convass or paper.

«We may form some idea of the magnitude of the design, from the magnificence of the entrance; it is thirty-two feet wide at the splay; as it recedes, the breadth contracts, till it forms an aperture of fifteen feet wide by thirty-one feet high.

«In the interior of the church there is a chaste and noble plainess, and the general effect, which is grand and sublime is derived not from any meretricious embellishments, but from the intrinsic merit of the design.

The forms of its mouldings and ornaments are also different from those of any other Gothic building that we have ever seen.

Throughout the whole are to be observed a correctness and regularity evidently the result of a well conceived original design.

The extent of the building from the western entrance to the earthern extremity is 416 feet, and from north to south, including the monastery it measures 541 feet. In every thing that contitutes the ornamental or the elegant, the principal entrance certainly stands unrivalled by any other Gothic frontispiece in Europe.»

«The monks received us with great civility and allowed us the use of their sacristy to take some refreshments in, and pressed us strongly to pass the night in the convent.

The French had made a kitchen of this room, stolen all the rich vestments, gold and silver chalices and candlesticks, and had lighted theirfires with the woad-work of the dravers.

The present condition of the building, we find, upon a lose examination of its interior to be almost ruinous, the work of the Philistine armies of France, who seemed to take a savage delight in degrading to the utmost of their poweur those buildings in Portugal consecrated to the purposes of religion.

«The founder's chapel to the south of the centre of the nave is in tolerable repair, but still the monuments are very much degraded, and the marble effigies have been shamefully mutilated by the French.

The British soldiers have contended themselves with doing no other injury than merely scribbling their names by whole companies upon the walls concluding with the eternal «Were here on such a day» The armorid shield of the severeign has been broken to pieces, and they are suffered to lie about the flour together with the broken stained-glass from the windows and

Gothic ornaments of the royal tombs amid accumulated filth of years.

In the centre of the founder's chapel, is un insulated sepulchre, with two recumbent effigies in white marble, the size of life.

These effigies represent the king and queen: the former is dressed in a complete mit of armour, the latter in a long flowing robe, the graceful habit of the age; the head of each is dignified with a low open crown, beneath a triple canopy of curious workmanship, in the Gothic manner.

Contiguoues to the tomb of the founder are four mural sepulchres of very elegant work-manship, in the Gothic style, containing the remains of the sons of John I, Pedro, Henry, John and Ferdinand. They are in a better state of preservation.

The beautiful tomb in party coloured marble of a duke of Braganza in the south transept has been cruelly abused, and the inscription which recorded his valour and hir virtues has been totally effaced by the French: but the altar-prece of fini mosaic, through some accidental circumstance, remaines uninjured.

In a small chapel contiguous, the body of King John II was formerly esposed to public view, and in a perfect state of preservation; but the French of the Napoleon regime, who carried on war against the dead as well as against the living, violated the sanctity of this royal tomb, and reattered its contents about the church.

The prior related to us with proud satisfaction, that his society had upon one occasion entertained at dinner in the refectory, the Duke of Wellington and one hundred and twenty-five British officers; and to ourselves, likewise, he was forward in offering all the hospitality, which his humble means would afford. Whatever

objections we may sincerely entertain against the monastic system in Portugal, it would be unjust, as well as ungrateful, not to ackowledge the prompt civilities and respect which, as English travellers, we always experienced from the individual members of those convents whose interior we visited.» MURPHY.

«The «capellas imperfeitas» intended by its founder, either the queen of John II, or his successor Emmanuel, as a mausoleum, to receive the remains of the Portugeese sovereigns, is situated at the southeastern extremity of the church. The unrivalled specimens of scepulpture whith wich it is enriched throughout, would defy the powers of the most elaborate description to do them justice. «W. M. Kinsey: Portugal Illustrated. 1829.

CHAPELLE DES ROIS: «Ce magnifique spécimen du commencement du seizième siècle n'a jamais été achevé; le cicerone qui fait les honneurs de cette ruine antecipée montre au voyageur la clef de la voûte, qui est placée sur le sol au point perpendiculaire qu'elle aurait dû occuper au sommet du monument.

«Le dessin représente la porte principale. L'art en était alors a ce moment, où l'ogive, qui avait détroné le plein cintre, allait être à son tour détrônée par lui; mais c'est encore cette ornamentation si ingénieuse et si délicate du quinzième siècle, seulement avec plus d'art et plus de respect de la forme.

«Cette chapelle est, sans contredit, la plus belle fleur de cette magnifique dentelle de pierre que l'on nomme le couvent de Batalha. Ruine prematurée, elle sera toujours un sujet des plus intéressans d'étude pour l'artiste et le savant.

«Dans les tombeaux que représente notre gravure, reposent les corps de deux des fils du roi Joao I. Ce sont ceux de don Pedro et de don Enrique. La richesse des

détails et la pureté des ornements de ce déliceux spécimen de l'art au quinzième siècle rendent ce monument funéraire rémarquable même á Batalha, cette merveille dont le Portugal est fier à si juste titre, et que, cependant, il laisse ruiner chaque jour davantage.»

«Le mausolée du roi D. Joan est á droite en entrant dans l'église; il forme une chapelle dont les dispositions produisent l'effet le plus noble et le plus mysterieux. Quatre sépultures murales renfermeut les cercueils des quatre fils du roi; don Pedro, don Henrique, don Juan et don Fernando. Toutes les devises qui ornent ces tombeaux sont en français, et j'eus autant de plaisir à les lire, qu'à entendre en Egypte un pauvre Arabe, aveugle, me dire trente ans après notre expédition: *Citoyen donne-moi l'aumone.* Sous les tentes des Bédouins, dans le désert, prés des vieux tombeaux des preux Portugais, ou sur les bords du Don et du Volga, un mot de la patrié rend les fatigues plus legères et double le courage.» Taylor: Voyage pittoresque en Espagne et Portugal. Paris, 1832, vol. II.

«On leaving Alcobaça I was assailed by a hurricane of wind and sand, throu h which I rode to the village of Batalha, and, as there was no inn, repaired to the monastery. The prior was absent, but the Sacristan conducted me to the church, which is built in the pur est style of Gothic architecture; and, indeed, the just proportions and noble simplicity of the roof, of the dustered columns and pointed arches, can nowhere be surpassed: In an unfinished chapel, however, the arabesque and the Norman style are strangely blended; still the ornaments are so graceful, the sculpture so rich, and the general workmanship so exquisitely beautiful, that the eye is not revolted by such an incougruous mixture. Returning from the church I found a monk in my

cell and a dinner on my table served up by one of those cross-grained yet faithful menials, who generally make their appearance in monasteries and novels.» Portugal and Gallicia with a review of the social and political state of the Basque Provinces. London, 1836, vol. I pag. 43. O author d'esta obra é o conde Carnarvon. V. Ho oklam's: Catalogue of English Library, pag. 434.

«.....» Ce que je sais, c'est que pour ce qui est des découvertes, des conquêtes, de la gloire, des explois hardis et heroiques, les Portugais á cette époque occupaient un des rangs les plus eminents; quant aux arts, je verrai ce qui résultera de mes recherches.

«Il faudrait trop de temps pour suivre le cardinal patriarche dans toutes les suppositions qu'il fait au sujet du premier architecte de ce magnifique ouvrage. Ce qui parait certain, c'est que le premier document qui parle avec quelque authenticité et detail d'un architecte quelconque de cette église, est celui qui en 1506 mentionne *Matheus Fernandes*, qui mourut le 10 avril 1515, ainsi que l'atteste l'inscription placée sur sa tombe, cette tombe se trouve sous le pavé devant la porte d'entrée. Cette pièce ne prouve donc que fort peu de chose, car l'auteur du plan général devait avoir vecu longtemps auparavant, puis que la chapelle même où repose Jean I reçut son corps em 1434. Ce que je peux attester, c'est que d'après mon sentiment artistique, il existe dans cet édifice une homogéneité parfaite, que j'y vois un monument gothique classique, digne de Jean I, digne de la gloire qui illustre son régne et celui de ses descendans, digne enfin de cette nation qui contribua si puissamment à cette gloire, et qui la partagea.

«Il y a relativement á la construction de cette eglise une autre opinion qui diffère beaucoup des précédentes,

et qui paraîtra sans doute forte extraordinaire á la plupart de mes lecteurs.

On prétend que Batalha est l'œuvre de la franc-maçonnerie. La notice á laquelle je fais allusion dit: Dans cette corporation de francs maçons, nous trouvons mêlés les architectes de l'Italie, de l'Allemagne, des Pays-Bas, de la France, de l'Angleterre, de l'Ecosse, et parfois même ceux de l'empire d'Orient. C'est ainsi que bien des églises gothiques ont été construites: Batalha Portugal (1400), la cathédrale de Strasbourg (1015-1439), celle de Cologne (950 et 1211 á 1365), celle de Missen au V siécle, celles de Milan, de Monte Cassino, et toutes les cathédrales les plus rémarquables d'Angleterre.

Comment est-il arrivé que cette associacion d'artistes et d'ouvriers soit devenue ce quelle est maintenant, et qu'elle ait abandonné sa première organisation?

C'est le sujet de recherches historiques aussi nombreuses que variées.»

Les Portugais, selon moi, ont laissé les preuvres de leur gout constant pour les ouvrages d'architecture. La perfection de leurs monuments sous le rapport de l'execution, celle de Batalha en particulier prouve fort bien que cet art est vraiment national.

Je me sens mal á l'aise en recherchant si des etrangers ont été les seuls créateurs de quelques-uns de ces edifices, ou si seulement il leur en revient quelque part, depuis surtout que je me suis aperçu qu'une pareille recherche peut faire naître une certaine irritation. Cependant fort est de chercher la vérité.

Une circunstance qui prouve plus fortement encore que l'architecture, même aux epoques les plus reculées, devait jusqu'à un certain point être fille du pays, c'est la perfection avec laquelle la pierre a toujours

été taillée et sculptée ici, et le goût, la netteté avec laquelle tous les ornemens en piérre ont eté et sont encore executés.

La plus ancienne partie de l'édifice, l'église elle-même, ne différe peut-être pas assez dans son style de tous les autres monumens de la meme epoques dans le reste de l'Europe, et surtout de la cathédrale d'York, pour qu'on puisse affirmer avec certitude qu'aucun étranger n'a pris part à sa construction, mais la *Capella imperfeita* est une création qui, á mon avis, a un caractére éminemment national et portugais, il en est de même de ces milliers d'églises, de monumens publics, de ces encadremens de portes et fenêtres et de ces ornemens de tous les genres qui, au temps d'Emmanuel, et de Jean III, innonderent tout le Portugal, et dont on trouve encore les restes à chaque pas.

«J'arrivai á Batalha, le 27 à 11 heures du matin, après avoir fait 4 legoas.

Le village est situé au pied de quelques collines formant un entonnoir, dont l'ouverture se trouve du côté de Leiria. Au centre du village, s'elèvent la magnifique église et le convent. Ils paraissent s'être enfoncés dans le sol; ou plutôt il semble que la terre s'est amoncelée à l'entour au point que pour y pénétrer, il faut descendre dix marches, ou même davantage.

On n'aperçoit le monument que lorsque l'on y touche pour ainsi dire: et il n'y a pas un endroit dans tout le voisinage d'où il soit possible d'en prendre une vue assez étendue. La seule à ma connaissance qui soit très pittoresque est celle que l'on découvre d'un pont, près du village, sur la route de Leiria.

«Quant á la magnificence et au grandiose de l'edifice, il y aurait de l'exagération à avancer avec quelques personnes que c'est le plus beau morceau d'architectu-

re gothique existant; mais ou peut dire que (à l'exception d'une vingtaine des plus belles cathédrales de France, d'Angleterre, d'Allemagne, de Belgique, d'Italie et d'Espagne: Anvers, Malines, Sainte Gudule, Rouen, Reims, Amiens, Saint Denis, Chartres, Notre Dame de Paris, Strasburg, Durham, Lichfield, Salsbury, York, Westminster, Canterbury, Milan, Tolède, Cordoue, Cologne, Fribourg et Vienne, Batalha peut être consideré comme un des restes, les plus intéressans, et même les plus séduisans de la pure architecture gothique.

«La chapelle *imperfeita* fut bâtie sous le règne de dom Emanuel par Matheus Fernandez, le même dont j'ai déja remarqué le tombeau: cela parait hors de doute.

Personne ne s'avisera de trouver au nom de Fernandez une origine étrangère. On n'en trôuverait pas davantage á beaucoup d'architectes du temps d'Emmanuel. Cette chapelle inachévée porte le caractère de ce genre que j'ai déja remarqué comme si original, si portugais, si propre á l'epoque de don Manuel, et dont elle est certainement le modèle le plus riche.

A Casa do Capitulo forme un carret parfait, dont chaque côté a 20 mètres de long: elle se termine au sommet par une large rosace d'un admirable travail, que les arcs de la voûte vont rejoindre: elle plaît surtout par ses lignes, ses proportions, et par la simplicité, l'èlégance de ses ornemens si peu nombreux. Dans un des coins de cette salle, on voit un buste en haute relief admirablement sculpté, et que l'on croit être celui de Fernandez, l'architecte.

Les vitraux qui garnissent la seule fenêtre par laquelle cette salle reçoit du jour, sont aussi beaux que ce que j'ai vu de plus remarquable en ce genre; ils sont malheureusement tres dégradés vers le bas: ils répresentent la Passion de notre Sauveur, les personnages qui

sont bien nombreux sont de grandeur naturelle. Je fais de voeux bien sinceres pour la conservation de ce précieux reste de peinture sur verre, qui pourrait bien être une oeuvre indigène, d'autant plus que l'on voit combien de peintres sur verre portugais ont été employés à Batalha comme *mestres de vidraças*.

La chapelle royale renfermant les tombeaux de Jean et de ses fils est assez bien conservé, et les tombeaux sont fort intéressans. La manière dont on s'est servi des couleurs dans les chapiteaux, dans les interstices et dans les ornemens, témoigne beaucoup de goût, et si ce n'est pas une reproduction exacte de ce qui existait, au moins cela s'accorde avec l'architecture.

Au nombre des beautés qu'on doit le plus admirer dans le convent de Batalha, se trouve le cloître avec ses fontaines, avec ses corridors voûtés, et ses larges ouvertures dans l'intérieur. Ces ouvertures ou fenêtres se terminent en ogives qui sont supportées par une rangée de piliers et d'arcs de plus grande élégance; les arcs se croisent au sommet, tandis que l'espace vide entre, chacun d'eux est rempli par des ornemens à jour formant une dentelle de pierre du plus admirable travail.

«L'aspecte général de l'intérieur de l'église est imposant; il rapelle par son style celui de toutes les cathédrales gothiques, sans être aussi vaste que les plus vastes d'entre elles.

Les fenêtres ont encore quelques vitraux qui, sans etre mauvais, sont loin d'égaler en perfection ceux de la fenêtre da *Casa do Capitulo*.

«Les moines de Batalha furent expulsés em 1834 Le sacristain me dit qu'a cette époque ils n'etaient que douze, mais qu'un demi siècle auparavant leur nombre s'élevait à quatre-vingts.» Comte A. Reczynski: Les Arts

en Portugal. Lettres adressées á la Societé artistique et scientifique de Berlin. Paris, 1846.

En portant d'Alcobaça pour Batalha, qui en est eloigné de trois legoas, on s'approche de la chaîne des montagnes du coté de l'est. Les montagnes deviennent ici plus hautes, plus amoncelées, plus escarpées; elles sont couvertes de pins. C'est la qu'on trouve une belle espèce de bruyère (*Erica cinerea*) qu'on ne rencontre point dans la partie méridionale du Portugal, mais très fréquenment dans la septentrionale. On arrive à un village (*villa*) qui est situé sur une montagne dont le sommet est aplati, et forme une plaine assez étendue. Le village est grand, mais composé entíerement de petites habitations. C'est ici que le roi Jean I gagna, en 1386, une celébre bataille contre les Espagnoles. Camoens l'a décrite au long dans le quatrième chant de la Louisiade, d'une manière belle et vraiment poetique. Nuno Alvarez Pereira s'y distingua d'une maniére éclatante, aprês avoir engagé les grands du royaune à seconder de tous leurs efforts leur nouveau souverain. En mémoire de cette victoire, le roi dota le couvent et l'eglise de Batalha; mais il le fit construire à quelque distance de la, afin que ce monastère fût dans une situation plus favorable pour avoir de l'eau.

«Les montagnes qui avoisinent le couvent sont assez basses: cependant l'édifice est tellement caché, qu'on ne l'aperçoit guères que lorsqu'on en est très-près. Alors on est frappé de l'aspect qu'offre une tour de ce couvent, dont l'architecture est très-singulière, étant de tous côtés percée à jour: on l'admire à cause de ses belles proportions. Selon moi le grand nombre d'ornements dont il est surchargé, affaiblit l'impression qu'il devrait faire sans ces embellissements inutiles. Murphy admire la profusion avec laquelle on en a surchargé les

piliers et les moindres parties. On trouve dans le travail beaucoup de légèreté, mais cela n'émpeche pas qu'ils n'y soient déplacés. Il ajoute que l'église est bâtie en marbre blanc. Pour un architecte, il devait avoir assez de connaisances minéralogiques pour observer que ce n'était point du marbre, mais une pierre de sable calcaire, absolument semblable á celle que l'on tire de toutes les carrières du pays: tandis qu'il faudrait aller chercher du marbre à une bien plus grande distance. Quoi qu'il en soit, cet édifice n'est point encore achevé. On dit que la Reine régnante, singulièrement zélée pour tout ce qui concerne l s églises et les couvents, avait dessein d'y faire mettre la derniére main, mais que cette entreprise avait paru trop dispendieuse.

Le convent n'est pas riche: le supérieur est un homme poli, prèvenant, mais ignorant... comme un moine. Ce couvent est entouré d'une petite *villa*, dans laquelle Lima compte 606 feux, mais qui assurément ne s'y trouvent pas.

LINK: Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799. Traduit de l'Allémand. Paris, 1805. tom 1.er pag. 366-368.

«O mosteiro da Batalha, recordação capital, e monumento da tão celebrada victoria de Aljubarrota, acha-se logo ao sair de um valle comprido, mas de pouca largura junto ao Lena, um dos affluentes do Liz.

Deve conceder-se ao architecto desconhecido a gloria de ter projectado uma das edificações mais perfeitas de todos os paizes e de todos os tempos, ainda que a idéa fundamental sómente foi seguida na construcção da egreja durante os dois primeiros reinados (D. João I e D. Duarte), ao passo que as obras posteriormente executadas, foram feitas por outros planos, e em parte n'um estylo diverso.

A estas pertencem o edificio do convento, com o seu claustro real, a mencionada casa do Capitulo, e o jazigo incompleto, começado por D. Manuel o grande no XVI seculo, e que é conhecido pelo nome de *capellas imperfeitas*, cujo plano se perdeu, e para cuja conclusão Murphy em 1793 enviou uma composição admiravel ao então principe do Brazil (depois D. João VI).

Todas as construcções são feitas com a pedra calcarea branca, que em todo o Portugal se tem empregado em edificações d'aquella especie, e que se deixa lavrar com facilidade, endurecendo depois, e tornando-se amarella com o contacto do ar.

Ainda hoje a duas leguas da Batalha se cortam pedras nas mesmas pedreiras, d'onde ha perto de quinhentos annos se foi procurar o primeiro material para a edificação.

E' coisa muito notavel, que a egreja em si, a mais antiga e principal parte de todo o edificio, eleva-se com a mais augusta simplicidade a uma excessiva altura, conservando sempre a maxima pureza de linhas nas suas columnas, arcos, abobadas e arcadas, ao passo que todas as construcções mais recentes são adornadas pela mais caprichosa fantasia, e cobertas com as mais delicadas e elegantes esculpturas, arabescos, fructos, flores, bestiães e emblemas heraldicos.

Compridas janellas em ogiva com formosos vidros de côres (que datam do primeiro periodo da edificação) derramam uma luz tremula sobre a nave, onde em frente do altar mór repousam o rei D. Duarte e sua esposa D. Leonor d'Aragão.

As suas figuras de grandeza mais que natural, estão voltadas para o altar.

Comtudo a ambas falta o nariz, o que foi uma das muitas barbaridades commettidas pelos soldados francezes.

D. Manuel começou o jazigo incompleto, e não poude ou não quiz continual-o, tanto que falleceu o esculptor, a cuja mão perita e a cuja fantasia poderosa tem Portugal a agradecer aquelles baixos relevos, aos quaes se não póde comparar coisa alguma do que se encontra nos outros paizes.

Um amplo arco dá entrada para este jazigo, o qual, abandonado á invasão dos ventos e das chuvas, e apesar de todo o desleixo, conserva-se ainda uma obra digna de admiração.

Entre as laçarias do arco de entrada acha-se uma inscripção meio jeroglyphica, que tem sido repetida duzentas vezes, e que até agora tem dado muito que fazer a todos os escriptores e interpretes.

São caracteres gothicos antigos, que litteralmente expressam as palavras *tanyas erey.*

Uma das partes mais notaveis deste pomposo edificio é o jazigo do fundador, o qual ainda que construido por elle proprio, desdiz da simplicidade classica da edificação principal, e com oito arcos e pequenos corucheos cerca uma grande torre em fórma de obelisco adornada *á jour*.

Este edificio bem como as *Capellas imperfeitas* fórma um todo independente da egreja, que só está em communicação com ella por meio de uma gradaria. E' de fórma quadrangular, e contem no centro o tumulo de D. João I, e de sua esposa D. Filippa de Lencastre.

O vestido da rainha tem gravados arabescos, que antigamente, segundo o indicam sensiveis vestigios, eram pintados e dourados.

E' principalmente notavel, como a par da grande perfeição de todos os ornamentos de pedra, não se encontra alli uma unica estatua, que se ache acima da mais trivial mediocridade, bem como se procuraria em vão

um quadro sequer sobre cada um dos altares, nas gallerias ou sallas.

Batalha é o triumpho da architectura: ella só fez tudo, e nenhuma outra arte contribuio de modo algum para o embellezamento do edificio.

Essa mestria na arte de canteiro nobilitada, se posso expressar-me assim, é coisa que até hoje pertence propriamente aos portuguezes: julgo ter já indicado que uma analoga proficiencia se observa n'este paiz nas edificações de todos os seculos; Belem e a Pena são brilhantes provas d'esta verdade.

Por esta occasião cumpre mencionar com louvor, que apezar de as finanças se não acharem em um estado florecente, comtudo ha tres annos applica-se para a restauração da Batalha a somma annual de dois contos de rêis: occupam-se ali constantemente 30 operarios, e muitas pequenas torres e arcos preparados por elles, mostram que a sua arte não tem degenerado em Portugal.

Depois de termos visto a casa do capitulo com a sua abobada atrevida, que tres architectos viram desabar, e sómente o quarto obteve a sua conclusão difinitiva, vagueámos ainda muito tempo pelas arcarias do claustro, e despedimo-nos finalmente desse admiravel edificio, depois do qual nada ha mais a ver em Portugal.

Achava-me de tal sorte perplexo e fatigado de pasmo e de excitação, de ver e de ouvir, de obras primas e de recordações historicas, que verdadadeiramente sentia o desejo de respirar de novo o ar livre, e de voltar á vida usual de todos os dias; um esforço tão excessivo confunde e embota o espirito: e ainda hoje as minhas reminiscencias da Batalha assemelham-se mais a um sonho do que á realidade.

Ao chegar áquelle sitio não apparece coisa alguma

que predisponha para a impressão, que se vae receber: descobre-se no meio do campo, entre miseraveis barracas, essa fabrica collossal e magestosa, onde cada passo que se dá, faz retrogradar o pensamento a uma antiguidade de quasi quinhentos annos; e, apenas se volta as costas ao edificio e se chega ao concavo da montanha, nada mais se vê do que um valle extenso, verde e pacifico, em cujo extremo opposto existe uma aldea insignificante: porém o nome dessa aldeia acha-se inscripto em todos os livros de historia; chama-se Aljubarrota, e o valle é o celebre campo de batalha, cantado tão pomposamente por Camões no quarto canto dos Luziadas.» Principe Lichnowsky: Portugal. Recordações do anno de 1842. Traduzida do Allemão.

Cap. xv. Como el rey D. Juan, despues de la batalla desbaratada, partió del Campo, é llegó á Santarem: é como entró en la mar, é se fué para Sevilla: é qué Caballeros morieran en la batalla.

Desque el Rey Don Juan vió que los suyos se vencian, é que non avia otro remedio, partió del campo, é llegó aquella noche á Santarén (que es á once leguas de alli muy grandes, la qual villa estava por él: é fué gran maravilla como lo pude facer con la grand dolencia que tenia, cá fué siempre en el caballo.

E desque llegó á Santaren entró en el alcazar, e dieronle de comer.

E falló el Rey en el alcazar de Santarén al Maestre de Christus, é al Prior del Hospital presos, los quales avia prendido en la pelea de Torres novas Diégo Gomes Sarmiento; é mandó al Alcayde del alcazar que pusiese recabdo en ellos.

Pero el Alcayde, desque vió al Rey partido de Santaren, non se atrevió á defender el alcazar, é partió dende, é dexó solos los dichos presos.

E el Rey partió luego dende, é falló un leño, en el rio de Tajo, é entro en él, é fuése para su flota, que estaba sobre Lisbona, asi galeas, como náos, é entró en una nao, é fuese para Sevilla.

La batalla fué desbaratada, é fuerom muertos y muchos é muy buenos Señores e Caballeros.

Morió alli Don Pedro fijo del Marques de Villena, visnieto legitimo del Rey Don Jaymes de Aragon, é Don Juan Señor de Aguilar é de Castañeda fijo del Conde Don Tello, é Don Ferrando fijo del Conde Don Sancho, é el Prior de Sant Juan que decian Don Pero Diaz de Iveas, que era Gallego, á Diego Gomez Manrique Adelantado Mayor de Castilla, é D. Juan Ferrandez de Tovar Almirante de Castilla, é Diégo Gomes Sarmiento Mariscal de Castilla, é Pero Gonzalez Carrillo Mariscal de Castilla, é Pedro Gonzalez de Mendonza Mayordomo mayor del Rey, é Alvar Gonzalez de Sandoval, é Ferrand Carrillo de Pliego é Ferrand Carrillo de Mazuelo, e Gonzalo Diaz Carrillo, é Diego Garcia de Toledo, é Gonzalo Alfonso de Cervantes, é Don Juan Ramirez Arellano, é Juan Ortiz de las Cuevas, é Ruiz Fernandez de Tovar, é Gutier Gonzalez de Quirós, é Juan Perez de Godoy fijo del Maestre de Calatrava Don Pero Moniz, é otros muchos Caballeros de Castilla é de Leon.

Otro si Caballeros de Portugal que iban con el Rey de Castilla morieron estos: Don Juan Alfonso Tello tio de la Reyna Doña Beatriz, que el Rey ficiera Conde de Mayorga, é Don Pero Alvarez Pereyra que ficiera Maestre de Calatrava, é Diego Alvarez su hermano, é Gonzalo Vasquez de Azevedo é Alvar Gonzalez su fijo, é otros.

E morieron y Mosen Juan de Ria, el Caballero del Rey de Francia, é Don Boil, é Mosen Luis su hermano, fijos de Don Pedro Boil, é Garci Rodriguez de Taborda Alcayde de Leyra.

E Don Gonzalo Nuñes de Guzman, Maestre de Alcantara estovo grand pieza con los de Caballo en el campo despues que la batalla fué desbaratada; é los de Portugal querian partirse de la su ordenanza, é estovieron quedos en su plaza hasta que el Maestre partió dende: el qual se fué despues, é levó consigo muchos que escaparon por él: é llegó otro dia de manana á Santarén, é non se detovo alli, é pasó el rio Tajó, é tomó su camino para Castilla, é con el muchas que gentes que escaparon de la batalla.

E el Alcayde de Santarén, que era Rodrigo Alvarez de Santoyo, que le tenia pur Diego Gomez Sarmiento, é el Alcayde de otro Castillo de Santarén, que dicen el Alcazaba, que era Gomez Perez de Valderrabano, desque el Rey partió de alli, é vieron a Maestre de Alcantara, é a todos los otros que eran partidos de la batalla, tomar su camino para Castilla, partieron otrosi ellos de dicha villa de Santarén, e fueron para Castilla, é dexaron á Santaren.» AYALLA: Chronica de D. Juan primero de Castilla.

Pedro Lopez de Ayala nasceo no reino de Murcia em 1332, e falleceo em Calahorra em 1407.

Distinguio-se em duas das mais celebres batalhas travadas por seus compatriotas, Navarrette em 1367 et Aljubarrota em 1365, e ficou prisioneiro em ambas. Depois desta ultima foi levado captivo para o castello de Obidos.

*

* *

«Or parlerons un petit du Roy de Castille, qui retourna apres ce qu' il fut déconfit, Sainct-Irain, en regrettant e plorant ses gens e maudissoit la dure fortune qu' il auroit eüe: quand tant de Nobles Chevaliers

de son pays et de son Royaume e du Royaume de France, estoient demourez sur les champs.

A celle heure, qu'il entra en la ville de Saint-Irain, ne savoit il pas le grand dommage, qu' il avoit eu: mais le seut le dimanche: car il envoya ses Heraux chercher les morts: e cuidoit bien que la greigneur partie de Barons e de Chevaliers, que les Heraux trouverent sur place morts, fussent prisonniers au Portugalois: mais non estoiet: ainsi comme il apparuit. Lors fut il moult courroucé et tant qu'on ne le pouvoit rappaiser, ne reconferter, quand les Heraux retournerent, et aporterent nouvelles, et la certaineté des personnages, qui là furent occis. Si dit et jura, que iamais il n' auroit ioye, de tant de Noble Chevalerie, qui estoit par sa coulpe... SIRE JEAN FROISSART: Les Chronique de sire qui traitent des merveilleuses entreprises, nobles aventures et faits d'armes advenus en son temps en France, Angleterre, Bretaigne, Ecosse, Espaigne, Portugal... São muitas as paginas que n'esta tão celebre chronica, e tão conhecida em todo o mundo, estam occupadas com os feitos dos portuguezes na epocha das brilhantes luctas entre os *chamorros e os scismaticos*, isto é entre portuguezes e castelhanos.

Esta lucta deu grande brado pelos outros paizes, e são muitas as obras que fallam dos feitos gloriosos de nossos antepassados por aquelle tempo, podendo-se citar as seguintes entre muitas outras:

CASCALES: Discursos historicos de la muy noble y muy leal ciudad de Murcia.

Ayala (Pedro Lopez de) Cronica de D. Enrique III.

Bellaguet: Chronique de Charles VI par les religieux de Saint Denis, traduction du latin.

Córtes de los antiguos reinos de Leon y de Castilla, publicada por la Real Academia de la Historia. Madrid 1836.

Sumario de los Reyes de España, por el Despensero de la reina Doña Leonor, publicado em 1781 por D. Eugenio de Llaguno Amirola. etc.

E ainda trez seculos depois d'esta batalha Lozano nos seus Reyes nuevos de Toledo soltava estas e quejandas exclamações :

Sentaron-se, pues, y publicarons e treguas por seis años con ciertas condiciones.

La principal era, que se restituyssen unos a outros las plazas, que tenian, y se avian ganado; en lo qual fue muy beneficiado el Portugués, ya sea Rey de Portugal, ya Castilla le apellide rebelde.

Mucho se le daba al de Aviz del apellido, quando todo lo que el llamava reyno suyo le aclamaban, y obedecian por Rey.

Lo mismo, por nuestras culpas, passa el dia de oy, quando esto escrivo, principios del año de sesenta y seis; pues aviendo-se hecho Rey el de Berganza, y sustentando-se en su rebeldia veinte y cinco años, por mas que Castilla le ultraja de rebelde, ha venido à alcanzar que se esté tratando casi de las mismas treguas y suspension de armas, con que al modo que el que vamos diciendo querra perpetuarse la Corona para siempre. Abra los ojos Castilla !»

«Con el feliz casamento de los principes Don Enrique y Doña Cathalina, se quito el Rey Don Juan de acuentas un enimigo muy grande, qual era el de Alencastre. con todo el poder de Inglaterra.

Pareciole ya con esto estar desoccupado para bolver y dar en Portugal, pero esso fuera si se dormiera el Portugués, el qual no solo cuidaba de lo que llamava, y ya lo era, reyno suyo, sino que ossado y animoso trató de entrarse en Castilla.

Acometió por la parte de Galicia. Sitiô la ciudad de Tuy.

Apretola y tomola. Por medio de Fray Fernando de Ilescas, confessor del Rey, se trató de poner treguas. A este estado avia reducido la suerte las fuerzas y las armas de Castilla!»

*

* *

«Con estas capitulaciones (O que de agravios como estes se veran el dia de la cuenta! (No con tinta, sino con sangue avia de referir la pluma ajustes y condiciones semejantes), tan afrontosas para Castilla, tan ventajosas pera Portugal, se pregonaron las treguas por quince años en Burgos, y en Lisboa á quince de Mayo, con grandes regocijos y placeres de las dos Naciones.

Ladre el emulo aora, que vê esto, y diga para que ladra, porque en los tiempos presentes, mas bajados los animos, que entonces, mas sin fuerzas, se procuren las treguas con Portugal, pues por grandes condiciones que pida el Portugués, no han de ser tan menguadas é indecentes como las que quedan dichas.» Lozano: Los reyes nuevos de Toledo.

*

* *

«... E debaixo de meu especial amparo estará Martim Vasques»—respondeu el-rei—«que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem.»

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um susurro entre o povo, que entrava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

«Entre duas alas de bésteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalços: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a rasão disso: eram bésteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham cahido nas mãos dos portuguezes.

As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se ás guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade nem justiça, nem humanidade: ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro: porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados á morte por suas malfeitorias.

«Misericordia!» — bradou toda aquella multidão, ao passar por el-rei: e cahiram de bruços sobre as lageas do pavimento.

«Comvosco a tenho, mesquinha gente:» — disse el-rei commovido — «Se tirados os simples, que vêdes acolá, a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa merifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos.»

«Os presos ergueram-se: mas a tristeza lhes ficou embebida no coração e espalhada nas faces: o terror lhes fazia crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, as primeiras pancadas, as pedras enormes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pó do quinteiro esmaga a lagarta, enroscada na planta viçosa do horto.

N'este momento quatro forçosos obreiros chegavam á porta do capitulo, trazendo n'uma paviola uma grande

pedra quebrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cego architecto:

«Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faça do canto, que para aqui mandastes trazer?»

«Assentae-o bem debaixo do feixo da abobada, no meio desse claro que deixam os prumos centraes dos simples.»

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara: este então voltou-se para el-rei, e disse:

«Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que sentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobeda, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderá mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu queria encetar, depois de velho, uma vida deshonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.»

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

«Esperae, esperae!»—bradou el-rei,—«Estaes louco, dom cavalheiro! Quem, se vós morrerdes, continuará esta fabrica tão formosa, filha de vosso engenho?»

«Mestre Ouguet:» — tornou o cego, parando. —Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho, é o que ora vos peço tão sómente.»

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bas-

tas vigas, que sustinham as traves dos simples: el-rei, fr. Lourenço, e os mais frades ficaram atonitos e calados.

«Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos, cousa é que se não póde soffrer: mas o voto é voto, senão...»

Estas palavras partiram da bocca d'uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de compleição sanguinea e irritavel, e que de mãos mettidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presenciava o caso.

«Tendes razão, tia Brites d'Almeida: e por ser voto me calo eu:»—acudio el-rei, voltando-se para a velha. —Mas, juro a Christo, que estou espantado de so agora vos ver! Porque me não viestes falar?»

«Perdoe-me vossa mercê:»—replicou a velha.—«Eu vim trazer pão á feira, e ahi soube da chegada de vossa real senhoria. Corri... se eu corria para vos fallar! Mas estes bocas abertas não me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado. Que é isso? Temos novas voltas com os escommungados castelhanos? Se assim é, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está em casa para o que der e vier.»

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergeu os braços ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriotica pá de ferro, que hoje é gloria e brazão da gothica villa de Aljubarrota,

«Podeis dormir descançada, tia Brites:» respondeu el-rei, sorrindo-se.—«Bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente da nossa terra é cortez: el-rei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu an-

do na demanda de lhe pagar com usura suas visitações.»

Em quanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martelo, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio, e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montão de vigas, de barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas, e travessas tinha passado pela crasta fóra em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao ver ir soltos os bésteiros castelhanos; e só no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava el-rei, rogavam os frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que sabisse d'alli; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados emfim, foram-se a pouco e pouco retirando da crasta, onde ao pôr do sol começou a bater o luar de uma formosa noite de maio.

Trez dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera ás rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amisade que tinha a seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo para vèr se o movia a tomar alguma refeição: tudo recusou o cego: a sua resolução era inabalavel. Tambem a abobada estava firme, como se fôra de bronze.

No terceiro dia á tarde el-rei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu á crasta acompanhado de fr. Lourenço e

de outros frades, e chegando á porta do capitulo vio Martim Vasques e Anna Margarida junto á pedra fria de Affonso Domingues, e este pallido, e com as palpebras cerradas encostado nos braços d'elles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

«Que temos de novo?» porguntou el-rei, chegando á porta, e vendo aquelles dois estafermos.—Completaram-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimará em estar aqui mais tempo?»

«Não senhor:»—respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas: «não estará aqui mais tempo; porque seu corpo é herança da terra; sua alma repousa com Deus.»

«Morto!?»—bradaram a uma voz el-rei e fr. Lourenço, e correram para o cadaver do architecto, olhando todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio.»

«Nada temaes, senhores:»—disse Martim Vasques—«As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada não cahiu... a abodada não cahirá!»

O architecto já velho, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condemnara. No momento, em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer, cahiu moribundo nos braços d'elles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

El rei derramou algumas lagrimas sobre os restos do bom cavalleiro, e fr. Lourenço resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que até o ultimo arranco escrevera sobre o marmore o hymno dos valentes d'Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual mestre Affonso expirara, ordenou el rei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado archite-

cto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da caso capitular, onde durante mais de quatro seculos, como as sphinges monumentaes do Egypto, tem dado origem ás mais desvairadas hypotheses e conjecturas.

A' pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, Dom João I, tambem doou as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além d'isso, assignaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a el rei ácerca da sua capacidade para o substituir, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituido ao cargo que occupava, e quando nos serões do mosteiro alguem falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversação, dizendo com um riso amarello:

«Olhem que foi forte perda!»

ALEXANDRE HERCULANO: *A Aboboda.*

Nas Lendas e Narrativas. Lisboa, 1851. tomo I.

EPITAPHIO DA SEPULTURA DE D. JOÃO I

In nomine Domini. Serenissimus et semper invictus Princeps ac victoriosissimus et magnificus resplendens virtutibus, Dominus Johannes Regnorum Portugalie decimus, Algarbii sextus Rex, et post generale Hispaniae vastationem primus ex christianis famosæ civitatis Septæ in Africa potentissimus dominus præsenti tumulo extat sepultus.

Excellentissimus iste Rex nobilissimæ ac fidelissimæ civitatis Ulixbonæ crtus anno Domini M.° CCC.° LVIII.° extitit per serenissimum Regem Dominum Petrum suum genitorem militaribus in ætate quinquennii ibidem decoratus insigniis: et suscipiens post decessum Regis Ferdinandi fratris sui ipsius Lixbonensis urbis et aliarum com-

plurium munitionum quæ se illi subdiderunt gubernamen: obsessam personaliter per Regem Castellæ novem mensibus Ulixbonam mari grandissima classe et per terram ingenti vallatam exercitu, et plurimis Portugallensium Regis Castellæ potentiam roborantibus circumseptam adversus feras et multiplices impugnationes ipsam Ulixbonensem civitatem strenuissime defensavit.

Deinde nobilis civitatis Coninbricæ anno Domini MCCCLXXXV jocundissime sublimatus in Regem, per se, et per suos adversantium dominia et terras intrando, gloriosissimus triumphavit: et præcipuam et regiam circa istud monasterium victoriam est adeptus: ubi Regem Castellæ Dominum Johannem, suorum maximo firmatum robore nativorum, et plurium Portugallensium et aliorum extraneorum fultum subsidiis, iste invictissimus Rex, virtute Dei omnipotentis, potentissime debellavit: et quamplures istius regni munitiones et castra jam sub hostium redacta potestate, viribus recuperavit armorum, usque in suæ vitæ terminum virtuosissime protegendo.

Et Deo recogoscens, gloriosissimæque virgini Mariæ domina nostra potissimam victoriam, quam in vigilia assumptionis obtinuit, in mense Augusti, hoc monasterium in eorum laudem ædificari mandavit, præ cæteris Hispaniæ singularius et decentius: Et soli Deo optans honorem et gloriam exhiberi, et tantum ipsi, aut propter eum, maioritatem fore cognoscendam, descriptionem, quæ, suorum prædecessorum temporibus in publicis scripturis sub æra Cæsaris notabatur, decrevit sub anno Domini nostri Jesu Christi fore de cætero annotandam.

Hoc actum est, æra Cesaris MCCCCLX, et anno Domini MCCCCXXII tempore aliter defluendo.

Iste fælicissimus Rex non minus reperiens, quæ susceperat, regna illicitis subjecta moribus, quam sævis hostibus, ipsa expurgavit cum diligentia salutari, et propriis

actibus virtuosis usitata facinora extirpando, pullulare fecit in his regnis probitates honestas, et solicitus ad pacem cum christianis amplectendam, eandem ante proprium decessum pro se, suisque successoribus obtinuit perpetuam.

Et succensus fidei fervore iste christianissimus Rex, comitante eundem serenissimo Infante Domino Eduardo suo filio primogenito et hærede, et Infante Domino Petro, et Infante Domino Henriquo, et Domino Alfonso comite de Barcellos præfati Regis filiis, et ingenti suorum naturalium impavida sociatus potentia, cum maxima classe plusquam ducentis viginti aggregata navigiis, quorum pars numerosior maiores naves et grandiores extitere triremes, in Africam transfretavit, et die prima, qua telluri Afrorum impressit vestigia, nobilem et munitissimam civitatem Septam obpugnando in suam potestatem redegit mirifice, et postmodo eidem urbi, plusquam centum mille, (ut asseritur), Agarenorum ultramarinis et Granatæ pugnatoribus obsessæ, idem gloriosissimus Rex suo illustres genitos Infantem Dominum Henricum et Infantem Dominum Johannem, et Dominum Alfonsum comitem de Barcellos, et alios dominos et generosos in subs cursum misit, qui fugantes de obsidione Agarenos, quamplurimnos i ore gladii trucidando, ipsorum classe submersione, incendio, et captura conquassata, predictam liberavit, civitatem Ceptam, quam decem et octo annis minus octo diebus, anno Domini MCCCCXXXIII, in mense Augusti, vigilia Assumptionis sanctissimæ Virginis Mariæ terminatis, adversus bellicos Agarenorum multiplicatos insultus validissime præsidiavit.

Mense autem et vigilia praedictis iste gloriosissimus Rex in civitate Ulixbonae, assistentibus suis filiis et aliis quamplurimis generosis vitam fœliciter complevit mortalem, relinquens notabilem urbem Septam sub potesta-

te altissimi potentissimique Domini Eduardi filii ejus qui paternos actus viriliter imitando, eandem in fide Jesu Christi nititur prospere gubernare.

Iste autem excellentissimus et virtuosissimus Rex Dominus Eduardus transtulit honorantissime corpus christianissimi Regis patris sui, assistentibus eidem suis germanis Infante Domino Petro Duce Collimbrie, et Montis maioris domino, Infante Domino Henrico, Duce de Viseu, et domino Covilianæ, et gubernatore magistratus Christi, Infante Domino Johanne Comitestabili Portugalie et gubernatore magistratus sancti Jacobi; et Infante Domino Fernando, et Domino Alfonso comite de Barcellos filiis præfati Regis Domini Joannis, qui tempore sui obitus alios non habebat, præter duas filias, quarum una erat domina Infans Elisabeth Ducissa Burgundie, et comitissa Flandrie, et aliorum Ducatuum et Comitatuum: alia domina Briatrix comitissa Hontinto, et Arondel in suis terris permanebant. Habebat autem Dominus Joannes nepotes, qui dominicæ translationi affuerunt Dominum Alfonsum Comitem de Ourem, et Dominum Ferdinandum comitem de Arrayolos filios comites de Barcellos: et habebat nepotem Dominum Infantem Alfonsum primogenitum Domini Eduardi, et alios nepotes et pronepotes, qui annumerati cum filiis erant viginti, tempore quo de præsenti sæculo migravit ad Dominum.

Affuerunt etiam hujus translationis celebritati omnes, qui tunc in cathedralibus ecclesiis istorum regnorum prælati erant, et alii complures cum multitudine clericorum et religiosorum copiosa: et domini, et generosi hujus patriæ, civitatum etiam et munitionum procuratores extitere præsentes.

Fuit autem venerandissime delatum Regium corpus ejus ad istud monasterium trigesima die Novem-

bris anno Domini supradicto, et in capella maiori cum excellentissima et honestissima et christianissima Regina Domina Philippa, ejus unica uxore, prædictorum Regis Eduardi, et Infantum, et Ducissæ illustrissima genitrice. Anno vero sequenti, die decima quarta mensis Augusti fuere per Regem Eduardum, et Infantes, et Comites praelibata corpora prædictorum Regis et Reginæ Philippæ cum honore mirifico ad hanc capellam delata, quam aedificari pro sua sepultura imperavit. Huic deductioni extitere præsentes altissima et excellentissima Princeps Domina Leanor horum Regnorum Regina, et Infans Domina Elisabeth Ducissa Collimbriae et Infans Domina Elisabeth uxor Infantis Domini Joannis, et praecipua et pars Dominorm, et generosorum istius terræ, qui interfuerunt sepulturis praedictorum Dominorum Regis et Reginæ, quibus Deus sua miseratione et pietate largiri dignetur sine fine felicita-tem. Amen.

Estão mais esculpidos á cabeceira del-Rei 5 versos latinos que são os seguintes:

Hoc tegitur tumulo fælix Rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, et cunctorum gloria Regum,
Militæque decus, firmissima regula legum:
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Castellæ et Septam sibi magna classe subegit.

Epitaphio da Rainha D. Filippa

Serenissima et excellentissima ac honestissima et valde devota Regina Domina Philipa Serenissimi Eduardi Angliae peroptimi Regis et Reginæ consortis suae extitit clarissima neptis. Et ex utroque parente Henrici quarti Anglorum serenissimi Regis illustrissima soror, et filia domini Henrici Lancastrie peroptimi ducis.

Iste autem dominus Johannes magnus Lancastrie dux post obitum dictae dominae Branche...

Domini Petri Castelle Serenissimi Regis matrimonium, ob quodi jus habens ad ipsum Castellae Regnum non modice pretendebat, et sub hoc titulo et regio nomine venit cum potestate gentium domin... anglorum in navibus et Portugalliae excellentissimi regis, et in galleciam transfretavit, ibique obtinuit municionem et villam de Crunha et alias municiones, quae illi tanquam suo legitimo regi obedierunt,

Et veniens preædictus Lancastrie dux in Portugalliam videre prefatum dominum Johannem regem invictissimum, eidem in matrimonium copulavit prelibatam dominam Philippam suam priorem genitam illustrissimam, anno Domini M.CCC LXXXVII, erat nempe tempore dicte desponsationis dictus Rex etatis XIX annorum, et dicta autem domina Philippa etatis XXVIII,°, et ipsi ambo principes intrarunt periter regnum Castelle, varias municiones subjiciendo, tam ardua quam magnifica opera peregerunt, tanteque in dicto Castelle Regno perseverarunt, quod altissimus et excellentissimus.

Dominus Johannes Castelle potentissimus Rex tractavit cum prefato Lancastrie duce quod infans Dominus Henricus ejusdem Regis filius primogenitus uxoraret cum domina Caterina dicti ducis filia, et domini Petri Castelle Regis nepta. Deditque dictus dominus Johannes Castelle Rex prelibato domino duci pro fatis expensis sexcentas mille dupras auri, et se obligavit singulis annis vite dicti ducis quadraginta mille dupras eidem solutorum, et cum hoc tractatu redierunt prefati domini in Portugaliam ibique per serenissimum dominum Johannem istorum regnorum gloriosissimum Regem extitit dictus Lancastrie dux quamplurimum, honoratus et multimode festivaliter jocundatus, et magnifica munerum dis-

tributio per hunc Regem, et barones, et proceres, et ceteros elargita, et donaria prout decebat regiam majestatem impensa, gratissime universos indeffectibiliter jecundarunt, et disposita per dictum Portugalie Regem potenti et tuta classe, regressus est ad dominium anglie, in eadem; dux prelibatus, manente domina Philipa ejusdem ducis filia cum Rege domino Johanne, istorum regnorum gloriosa Regina.

Hæc fælicissima Regina a puellari aetate usque in sui terminum vitae fuit Deo devotissima, et divinis officiaei ecclesiastice consuetis tam diligenter intenta, quod, clerici et devoti religiosi erant per eandem sepius eruditi, in oratione autem erat tam continua quod, demptis temporibus gubernationi vitae necessariis, contemplationi, aut lectioni, seu devote orationi totum residuum applicabat.

Plurimum vero et fidelissime dilexit proprium virum et moralissime proprios filios castigando virtuosissime doctrinavit: et bona temporalia circa ecclesias et monasteria distribuendo, pauperibus plurima erogabat, generosis domicellis maritandis manus liberalissimas porrigebat.

Erat enim integra populi amatrix, et pacis plena desideratrix et efficax adjutrix ad pacem habendam cum christicolis universis, et libenter assentiens in devastationem infidelium pro Dei injuria vindicanda, et tantum prona erat ad indulgentiam, quod nunquam accepit de sibi errantibus, nec consensit vindictam fieri aliqualem.

Virtuosissima ista Domina extitit faeminis maritatis bene vivendi regulare exemplar, et domicellis directio, et totius honestatis occasio, cunctisque suis subjectis fuit curialis urbanitatis moderatissima doctrix.

In his autem et aliis quam plurimis perseverando virtutibus, quarum plurimitatem hujus lapidis brevitas nequiret ullatenus præsentaræ, dietim et continue

meliorando pervenit ad istius vivendæ mortalis limitem ordinatum, et sicut ejus vita fuit optima et valde sacra, sic mors extitit, pretiosa in conspectu Domini, et nimium gloriosa, et receptis laudabiliter omnibus ecclesiasticis sacramentis, proprios filios benedixit, commendans eisdem que intendebat fore ad divinum obsequium, et honorem, et profectum istorum regnorum, et quæ in eisdem sperabat causatura crementum indubie: virtuosum.

Taliterque hujus mundi labores finaliter adimplevit, quod presentes, et absentes, qui relata audierunt, firmam sue salvationis spem retinent singularem.

Obiit autem decima octava die Julii anno Domini MCCCC XV° et in monasterio de Odivellis ante chorum monialium decima nona die mensis ejusdem extitit sepulta, et anno sequenti, mensis obtobris die... nona, fuit pretiosum corpus ejus desepultum, integrum inventum, et suaviter odoriferum, et per victoriosissimum Regem Dominum Johannem ejus conjugem et per illustrissimos infantes scilicet dominum Edduardum, suum primogenitum, et dominum Petrum Collimbrie ducem, et dominum Henricum ducem Viseensem, et dominum Johannem, et dominum Fernandum, et infantem dominam Elisabeth ipsorum gloriosissimi Regis, et felicissime Regine filios, sociante prelatorum, et cleri, et religiorum copia numerosa, et dominis, et generosis dominabus etiam et domicellis quamplurimis comitantibus, fuit corpus dicte Regine honorandissime translatum ad istud monasterium de Victoria, et tumulatum in capella maiori, et principaliori, die mensis octobris decima quinta, anno Domini MCCCC. XVI°, et postea fuit translatum ad hanc capellam, in hoc tumulo reconditum cum corpore gloriosissimi Regis domini Johannis sui conjugis virtuosissimi, sub illa forma, que in suo epitaphio continetur.

Horum autem personas Deus omnipotens glorificare dignetur perpetua felicitate. Amen.»

Fr. Francisco de S. Luiz. Memoria Historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. (No vol. X de Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.)

*

*   *

«Todos sabemos que no templo da Batalha, e nas diversas partes d'este edificio se encerram os restos mortaes dos principes da dynastia de D. João I, da dynastia que deu a Portugal quatro monarchas successivos, os maiores homens que de pais a filhos teem empunhado sem interrupção o mesmo sceptro; por quanto ainda que as desventuras que acompanharam o curto reinado de D. Duarte não permittissem ao reino grande incremento de felicidade, as memorias que nos restam deste principe, e os seus proprios escriptos dão-lhe direito a ser considerado como homem muito superior; e o genio guerreiro e audaz de Affonso V, posto que destituido talvez do melhor aviso e prudencia, não deixou de concorrer para excitar e elevar os espiritos nacionaes, não soffrendo que este monarcha se classifique entre os principes vulgares.

Na capella porém, do fundador glorioso do Monumento, ninguem ha que possa eximir-se ao respeito que inspiram as cinzas dos filhos jazendo ao lado do seu tumulo.

Encontra-se alli no infante D. Pedro o talento mais subido e o homem de Estado o mais profundo, não só da nossa patria, mas talvez da Europa da sua epoca; e considerando attentamente as acções e pensamentos que nos restam deste tão illustre quanto infeliz principe, não é possivel deixar de reconhecer-lhe uma daquellas

intelligencias superiores, a quem é dado preceder a rasão do seculo em que vive, e apresentar aos seus contemporaneos idéas de uma rectidão e clareza não só desconhecidas, mas por vezes inintelligivel para elles. Se o theatro, em que se desenvolveram os talentos e concepção politica do infante D. Pedro tivesse sido mais vasto e mais geralmente estudado e conhecido, occuparia por certo este principe, um dos mais distinctos logares entre aquelles, que a historia indica como mais eminentemente proprios para governar homens.

A memoria e as cinzas do infante D. Henrique, se pela sua origem e seus serviços especiaes pertencem particularmente á nossa terra, não pertencem menos á historia geral do mundo e aos fastos da civilisação do globo.

É innegavel, e por ninguem até agora contestado que ao genio transcendente e emprehendedor deste principe, á sua perseverança, á constancia e fortaleza da sua alma, ao ardor incansavel que communicou aos seus, á direcção intelligente e atrevida que soube dar a meios que parecem inteiramente fóra de proporção com os resultados, se deve a era posterior em que os portuguezes abriram ao mundo novos caminhos, e ligaram por este meio ao universo já conhecido um novo universo.

«A capella sepulchral de D. João I e com ella o edificio da Batalha podem com razão considerar-se não só como um monumento portuguez, mas como um monumento europeu, ou por dizer melhor um monumento universal.

As cinzas veneraveis que ali repousam, se são nossas mais particularmente, em geral pertencem tambem ao genero humano, porque foi dellas que partio o impulso, que se por ventura desvairado em alguma das suas epochas, espalhou em regiões remotas o terror e a desolação, terminou por ligar a humanidade inteira por

vinculos de mutuas relações e reciprocos interesees, do que as edades anteriores não haviam concebido nem sequer a idéa.

«É sem duvida glorioso para uma nação pequena, e que apenas acabava de conquistar inteiramente a superficie limitada do solo, e gerava em si directores taes e por tal modo auxiliados, apresentar-se como a primeira propagadora das luzes da civilisação e do commercio por toda a redondeza do globo.

É sem duvida glorioso guardar em si o deposito de tão augustas cinzas, e o monumento que as encerra é um brazão de gloria, que ella não pode deixar de respeitar e adorar com um sentimento quasi desculpavel de idolatria.

«Dois grandes monumentos marcaram, por assim dizer, o começo e o termo do grande desenvolvimento dos esforços nacionaes dos portuguezes e da sua indisputavel precedencia na vereda do progresso.

Ambos sublimes, ambos magestosos, cada um em seu genero, ambos sellados com o cunho do genio; ambos inspirados por imaginações ardentes, excitados pelo amor da gloria e da patria; o edificio monumental da Batalha, e os Luziadas de Camões.

Mais fragil que o segundo, carece o primeiro de continuas attenções e cuidados para que o tempo o não tire de entre nós, e não é crivel que deixem de applicar-se a estes disvelos.

Os Athenienses deixaram de ser Athenienses quando cessaram de venerar os monumentos de Pericles. Chateaubriand, podendo apenas descobrir os vestigios de Sparta, nem sequer podia asseverar que eram a par destas ruinas os actuaes descendentes dos Lacedemonios.

As construcções, tanto completas como incompletas, cuja reunião constitue a parte nobre e verdadeiramente

monumental do edificio da Batalha, devem dividir-se em duas obras ou systemas de obras rigorosamente distinctos entre si.

No primeiro systema, que podemos chamar primeira edificação ou monumento primitivo, são comprehendidos a egreja, a capella sepulchral do fundador, a sachristia e o claustro com a casa do capitulo e refeitorio.

O segundo systema compõe-se das denominadas capellas imperfeitas, as quaes, como indica a denominação, nunca foram acabadas.

Este systema fica situado por traz da capella mór da egreja, e das duas capellas adjacentes a ella.

Os dois systemas de obras acabados de mencionar são rigorosamente independentes entre si; não fazem parte do mesmo pensamento artistico: não são membros do mesmo traçado; antes no meo conceito a colligação que se lhe quiz dar, foi uma offensa ás regras da arte e uma aberração das leis do gosto.

Não tendo eu encontrado nos auctores que escreveram sobre a Batalha, esta ideia que se apresentou ao meu espirito. immediatamente que considerei com alguma attenção o todo do momento, entrarei para justificar a sua exactidão em algumas considerações.

Subindo á coberta superior da egreja da Batalha, acha-se que ella representa a fórma de uma cruz. O tecto da nave principal fórma o pé; o cruzeiro, os braços; e o da capella-mór, servindo de prolongamento ao da nave, alem do cruzeiro, fórma a cabeça ou remate da mesma cruz.

O corpo do edificio assim coberto é a parte mais elevada d'elle, acima da qual sómente se exalçam os coruchéos ou pyramides de diversas grandezas, dos quaes uns coroam escadas em hellice que sobem da base ao cume do edificio, outros rematam os gigantes ou bata-

reos, que apoiam lateralmente a fabrica da nave, cruzeiro e capella-mór, sobre os corpos do edificio adjacente, e finalmente um d'elles termina uma torre particular, cuja projecção horisontal fica fóra da projecção horisontal da cruz.

A parte cruciforme formada, como acabamos de vêr, da nave principal do cruzeiro da capella-mor, eleva-se, como fica dito, acima de todas as outras partes do edificio: sendo por consequencia banhada por todos os lados pela luz plena até ao plano superior d'aquellas partes.

Esta luz é recebida convenientemente no interior do templo, e destinada a esclarecer o espaço superior do mesmo.

A nave principal tem nas suas faces lateraes uma successão de janellas sobre a cobertura das naves tambem lateraes, e no seu topo, em frente da capella-mór, uma formosa janella, situada por cima da porta principal.

O cruzeiro tem do mesmo modo janellas sobre a cobertura das naves lateraes, sobre os tectos das capellas correspondentes a estas naves, e a sua illuminação é completada por uma soberba janella sobre a porta travessa, e por outra de menor largura que lhe corresponde no extremo opposto.

A parte superior da capella-mór é esclarecida lateralmente por janellas sobre o tecto das capellas adjacentes, e no fundo por um systema de cinco janellas quasi contiguas adaptadas á figura polygonal do mesmo fundo, e cujos angulos superiores correspondem aos gomos da abobada, em que fenece o tecto da capella-mór.

Todas estas janellas, simplices quando a sua largura é pequena, subdivididas em tres vãos por pilastras, suportando uma bandeira de pedra lavrada e aberta, que

occupa o angulo curvelineo (ogive) do arco, quando a sua largura é maior, são vedadas e adornadas com vidros corados e ligados com chumbo, que fazem de cada janella de per si, e particularmente do systema de janellas do fundo da capella mór, um dos mais vistosos e ricos adornos do templo.

Este envidraçamento modifica e tempera ao mesmo tempo a luz, conservando sempre no interior uma claridade incompleta, e variada em tintas e por assim dizer mysterioza, que tornando os objectos menos distinctos, affasta por assim nos explicarmos ao olho do observador os seus contornos, e engrandece, pelo effeito sobre a imaginação, a vastidão do espaço intermedio e as dimensões apparentes dos objectos.

A elevação cruciforme, que acabamos de descrever, é reforçada lateralmente e até á altura das janellas supramencionadas pelas duas naves lateraes, que desde a frente principal do edificio se estendem parallelamente á grande nave, indo fenecer extensa e interiormente no cruzeiro, e bem assim por dois prolongamentos das mesmas naves além do cruzeiro, que formam as duas capellas adjacentes á capella-mór, mais baixas e mais curtas, e communicando com ella por portas lateraes. Aos lados destas capellas e abrindo como ellas sobre o cruzeiro, ha outras duas eguaes e similhantes, communicando com as primeiras por portas eguaes e fronteiras ás da capella-mór.

Sobre estes corpos do edificio, lateraes e de inferior altura, apoia-se a elevação cruciforme na parte exterior por uma successão de gigantes ou botareos vazados e abertos em quarto de circulo, symetricamente distribuidos sobre a cobertura das naves lateraes e das capellas que lhes servem de prolongamento, e correspondendo verticalmente aos pilares e feixes das colum-

nas, donde nascem os arcos, que dividem os gomos das abobadas internas.

Para illuminar esta parte inferior da fabrica existem nos lados das naves lateraes tantas janellas, quantas na parte superior da nave principal, correspondendo aos entrepilares ou arcos, pelos quaes as naves communicam entre si, e bem assim duas janellas nos topos das mesmas naves abertas na fachada interior de templo. As quatro capellas que abrem sobre o cruzeiro, não tem janellas lateraes, e são sómente allumiadas pelo fundo, cada uma por um systema de tres janellas dispostas como as superiores da capella mór, e correspondendo como aquellas aos gomos da respectiva abobada. Por ultimo a capella mór tem no fundo uma ordem inferior de cinco janellas eguaes em numero e lagura ás da ordem superior, e correspondendo exactamente com ellas.

Taes são em resumo os diversos membros de que se compõe o templo da Batalha, e tal a ordenançao geral do mesmo templo, que constitue, como se vê, um todo symetrico, e não só symetrica e regularmente disposto, porém, o que cumpre notar, symetrica e regularmente allumiado.

Ao templo se acham reunidas, e por assim dizer appensas, algumas construcções delle dependentes, e pertencentes ao mesmo genero de architectura.

Do lado direito da entrada principal contigua á face direita do templo, e communicando interiormente com este, vê-se a capella do fundador occupando o vão de tres janellas da nave.

A projecção horisontal desta capella é quadrada.

Ao lado esquerdo da entrada, encostado tambem ao templo, acha-se o claustro, occupando todo o cumprimento da nave, e tendo egualmente um quadrado por projecção horisontal.

O edificio rectangular do refeitorio, e alguns espaços cobertos da abobada, contornam em parte o claustro pelo lado da frente e na face opposta á egreja. Do mesmo lado esquerdo do templo, e contiguas ao topo do cruzeiro e á parede lateral da ultima capella do mesmo existem tanto a sachristia como a construcção rectangular, em que se apoia a principal pyramide ou coruchco dos cumes.

A sachristia da fórma de um rectangulo communica com a capella já mencionada e com a magnifica sala denominada do Capitulo, onde se acham os tumulos provisorios de El Rey D. Affonso V, e da rainha D. Isabel, sua esposa, e os do principe D. Affonso, filho d'El Rei D. João II.

Esta sala abre sobre o claustro por um portico de um gosto e elegancia em tudo dignos da magnificencia e pureza de estylo tanto da sala, como do claustro, que entre si communicam.

A capella do fundador, claustro, sachristia, sala do Capitulo etc., bem que pertençam ao systema das obras a que chamamos monumento primitivo, e lhe pertençam tão inteiramente que tem entre si paredes communs e communicações necessarias, foram comtudo dispostos e construidos por tal modo, que a sua existencia, em nada altera nem perturba a formosa symetria e belleza da fabrica principal, isto é, do templo.

Estes edificios accessorios sempre mais baixos que a ordem inferior das janellas da egreja, não vedando, nem mascarando algumas d'ellas com a unica excepção de tornar um pouco menos altas as da nave da direita correspondentes á capella do fundador, poderiam existir ou deixar de existir, sem que variasse de modo algum o aspecto interior e interior ordenança do templo.

Na parte externa cobrem estas construcções accessorias até pouca altura sómente as extensões do contorno a que se acham applicadas sem offuscar o aspecto geral, sem dissimular, nem confundir a fórma principal, sem cortar de modo algum a perspectiva: contribuindo pelo contrario para que o todo, encarado de pontos diversos, varie agradavelmente de aspecto sem perder o caracter essencial; por isso que o templo, como devera ser, domina consideravelissimamente e subjuga, por assim dizer, todas as mais partes secundarias do edificio.

Por esta resumida descripção se vê immediatamente que o templo da Batalha fórma um todo completo com o seu desenho inteiro, e com tal unidade que lhe não falta nem sobeja parte alguma para constituir um edificio acabado.

Vê-se egualmente que n'este todo existem todas as partes necessarias para o seu completamento, mas que não é possivel juntar-lhe parte alguma nova sem alterar a unidade do pensamento que presidiu á primeira concepção e ao primitivo traçado.

Além de todas as outras considerações basta para conhecer a verdade do que fica dito, reflectir que a luz é introduzida e distribuida por tal maneira no interior do templo que será impossivel erigir em contacto com elle obra alguma elevada sem perturbar todos os effeitos do claro e escuro que o architecto primitivo soube calcular com tanto acerto, e de que tirou tanto partido para o embellezamento do interior do edificio.

Entre os edificios do genero, a que geralmente chamamos gothico, e ao qual fôra talvez possivel dar nome mais proprio, attenta a sua origem e as suas fórmas, distingue-se o primeiro systema de obras da Batalha, e particularmente o templo, pela sobriedade de

ornatos minuciosos, com que varios edificios do mesmo genero são sobrecarregados.

O estylo do templo é severo e tão simples, quanto elegante.

Todas as partes são perfeitas e cuidadosamente acabadas: mas geralmente lisas, e por maneira alguma brincadas com lavores e ornamentos superfluos.

Não ha ali nichos nem peanhas que interrompam a lisura do plano das muralhas, não ha feixes de columnas que constituam os pilares, articulações, lavores, nem grinaldas interrompendo o seguimento uniforme da sua altura, nem demorando ou embaraçando a outra, que percorre e avalia a delicadeza esbelta e ligeira dos fustes, desde as molduras das vasas até ao ornamento sobrio e delicado de seus ligeiros capiteis.

A partir dos capiteis reunidos, das columnas enfachadas que revestem os pilares, os arcos que dividem os gomos das abobadas e formam as suas arestas salientes, são lisos por toda a parte, e só torna a mostrar-se o trabalho delicado do cinzel do esculptor nos remates ou fechos, que marcam o concurso dos arcos no meio dos espaços rectangulares comprehendidos entre cada quatro pilares.

Apenas no arco, que serve de entrada á capella mór, sobre o cruzeiro se permittio o architecto em seu curto desenho um adorno particular e leve, que lhe guarnece o intradorso, distinguindo-o dos arcos eguaes da nave, e indicando por esta differença a entrada do sanctuario.

Todo o interior do templo é revestido do mesmo calcareo branco de grão fino e homogeneo, que reveste o exterior do edificio.

Não existe em toda a egreja um só marmore de côr diversa polido ou lavrado, nem se vê que alli existisse

no seu estar primitivo ornáto algum de madeira ou metal, destinado a enriquecel-a com explendor e brilho de algum trabalho particular mais carregado.

Esta sobriedade de ornatos accessorios de trabalhos de esculptura nas paredes, pilares e abobadas de um edificio tão vasto como a egreja da Batalha, dar-lhe-iam por ventura uma apparencia demudada e pobre, se o architecto não tivesse achado o logar proprio para fazer sobresahir os promenores para embelezar o templo com os mais ricos adornos, sem alterar a simplicidade sublime da edificação.

Estes logares judiciosamente escolhidos para ornato são as janellas.

Em primeiro lugar as bandeiras de pedra lavrada e aberta, que ornam o angulo curvilineo dos arcos das janellas, apresentam elegantes desenhos e primores de corte: desenhos e cortes que se desenvolvem em maior escala nas janellas maiores como a do topo da nave principal e as duas dos extremos do cruzeiro, onde a rede de flores de pedra cortada occupa a totalidade de abertura.

Em segundo logar os vidros corados representando figuras diversas, faziam de cada janella um painel admiravel pela vivesa das cores transparentes da pintura exteriormente alumiada.

O fundo das capellas, e principalmente o da capella-mór occupado pelas dez janellas em duas ordens apresentando paineis transparentes ornados das tintas as mais vivas e divididos apenas por columnas delgadas, deviam produzir quando o edificio se achava completo e inalterado, mais maravilhoso effeito e terminar pelo modo o mais proprio a sublime perspectiva da vasta e altissima nave principal, tomada de degraus interiores da porta da entrada.

Em todos os productos da imaginação é a unidade de pensamento uma belleza, ou antes uma condição de que não pode prescindir-se. Existe ella nos diversos poemas, na epopeia, no drama, e até na poesia didactica. Existe para o pintor nos quadros historicos, na paizagem e até nas representações de pura phantasia.

Não são permittidas pelo gosto ao poeta nem ao pintor addições que passem alem da acção completa, e os ornamentos episodicos só são consentidos e até louvados quando não desviam do pensamento principal, quando não alteram o effeito completo d'este pensamento. A architectura monumental está necessariamente sugeita a esta regra geral das bellas artes e um monumento uma vez completo exclue tudo o que sahe fóra dos limites da unidade, e muito mais ainda quando essas superfetações tendessem a alterar a harmonia e condições do edificio primitivo.

Tal é rigorosamente no edificio monumental da Batalha a fabrica posterior á edificação primeira a qual se acha ainda incompleta, e a que por isso se dá o nome de *capellas imperfeitas*.

Consiste esta fabrica n'um edificio principal de projecção horisontal octogona; ligado ao edificio primitivo por um rectangulo, cujas faces lateraes são o prolongamento das faces lateraes do corpo da egreja, e que fica situado por traz da capella-mór e das duas capellas adjacentes.

Este edificio, quando completo, devia elevar-se a uma altura pelo menos egual á da capella-mór.

De qualquer parte do interior do templo é e seria sempre o edificio das capellas imperfeitas completamente invisivel, nem houvera meio de reconhecer d'ali a sua existencia, e ainda menos de avaliar-lhe a belleza particular.

Contemplado por fóra este edificio altera inteiramente a projecção cruciforme do templo, juntando ao remate da cruz um complemento extranho e fóra de toda a proporção, que não é possivel referir-lhe por maneira alguma.

Finalmente este edificio, quando acabado, estabeleceria por traz da capella mór e das duas adjacentes um espaço escuro em vez da area aberta e de claridade plena que o architecto primitivo ali deixara, fazendo desapparecer por esta maneira o primoroso effeito de transparencia e de luz do fundo do templo, o qual, como já ponderamos, constituia o mais rico adorno e o mais sublime remate da sua prespectiva inteira.

«Se se examina com attenção o lugar e maneira em que as suas paredes do espaço rectangular unem o octogono das capellas imperfeitas do edificio primitivo, vê-se immediatamente que este ultimo não era destinado a similhante juncção, nem pela sua disposição ou desenho, nem pelo arranjo mecanico n'aquellas partes. Com effeito vem estas muralhas encontrar os reintrantes situados aos lados da capella-mór entre cada duas capellas adjacentes, reintrantes que completavam a linha regularmente sinuosa do fundo primitivo do templo, constituindo uma fachada opposta á da entrada, e que adornavam com seus primorosos lavores e a elegancia das suas fórmas, no meio, as dez janellas de duas ordens no fundo da capella-mór, formando uma especie de pavilhão central mais elevado, e nas duas alas as doze janellas das quatro capellas lateraes, coroando superiormente o todo a gradaria de pedra do contorno dos tectos, e dando o ultimo esplendor á perspectiva os dous elegantes corucheos das hellices, que communicavam o tecto da capella-mór com os terraços sobre as capellas lateraes. As duas muralhas do rectangulo das capellas

imperfeitas, cortando como disse os reintrantes primitivos, dão logar a dois recantos apertados e mesquinhos, um interno e outro externo, e cobrem e desfiguram toda a fachada posterior do templo, que o architecto primitivo configurara e embelezara, como fica dito, fazendo portanto a juncção das capellas imperfeitas desapparecer n'esta parte todo o desenho primitivo.

«É conhecimento geral que, todas as vezes que sobre o revestimento de uma muralha deve incidir o topo de outra, deixam-se na construcção da primeira cabeças de pedra salientes, formando uma especie de dentadura destinada a fazer com que as duas muralhas tenham entre si um engrazamento que as ligue, e fórme de ambas um todo sem solução de continuedade.

Os reintrantes, porém, onde vem applicar-se contra o monumento primitivo as duas muralhas das capellas imperfeitas, eram investidos de cantarias lisas, escudadas e lavradas como as do resto das frentes: seguiam nellas os mesmos lavores na mesma correspondencia das partes adjacentes, eram por censeguinte extensões de faces terminaes de modo nenhum destinadas a ser cobertas por outras construcções.

A consideração, pois, da inserção ou juncção das capellas imperfeitas ao edificio primitivo acaba de pôr em evidencia que aquella fabrica é completamente extranha ao projecto inicial, e rigorosamente destituida de nexo natural e de dependencia artistica relativamente ao mesmo projecto.

O interior das capellas imperfeitas apresenta em primeiro lugar um espaço octogono, que parece devia ser coberto por uma abobada cujos arcos teem já as suas origens nas partes que se acham feitas, e deviam reunir-se por um fecho central no meio d'este espaço. Sete capellas communicam com este octogono por arcos

ponteagudos correspondentes a sete das suas faces, a oitava das quaes, que é aquella por cujo meio passa produzida a linha media ou eixo da grande nave e capella mór da egreja, é occupada por um portico, ou antes arco policurvo, ornado de um lavor riquissimo pelo qual o octogono communica com o espaço rectangular, que une, como disse, as capellas imperfeitas ao templo primitivo.

A configuração d'este edificio, a disposição particular das capellas, as divisas, emblemas e mais promenores que as adornam, mostram claramente que o destino das capellas imperfeitas era o de um grande monumento sepulchral. Deviam receber os restos dos reis e principes da dynastia do fundador, que se acham ainda em tumulos provisorios de madeira, e como temporariamente depositados no primeiro monumento, servir de jazigo a el-rei D. Manuel, mesmo, e talvez succesivamente a seus successores. O espaço rectangular situado entre o grande arco do octogono e o fundo do primeiro templo, não parece ter sido destinado a outro uso mais que ligar ao antigo o novo edificio, franquear a entrada a este ultimo pelas duas portas praticadas nas suas faces lateraes e servir-lhe em certo modo de vestibulo.

Analysando com alguma attenção a estructura e desenho das capellas imperfeitas comparativamente com a estructura e desenho do primeiro edificio, é facil reconhecer uma variação quasi completa no gosto e genero de architectura adoptada pelos auctores de uma e outra fabrica.

No antigo edificio, particularmente no templo, o effeito não provem da variedade das formas, da multiplicidade dos ornatos, da variação dos pormenores. Tudo ali é geralmente liso, tudo é singelo, tudo grandioso, e

esbelto; o proporcionado das fórmas, a simplicidade magestosa das columnas, das abobadas e dos arcos, a distribuição judiciosa e calculada da luz modificada pelas tintas do envidraçamento, são as origens da força altamente impressiva e irresistivel do aspecto daquelle templo.

Na parte executada das capellas imperfeitas as formas tem cessado de ser homogeneas e simplices. Os arcos ponteagudos que servem de entrada ás capellas tem ali uma elevação muito menor que no templo, proporcionalmente á sua largura, o que lhes dá menos ligeiresa e muito menor elegancia.

O arco principal, pela complicação de sua curvatura, foge da simplicidade magestosa do traçado do primeiro monumento, e a attenção do espectador, no presença d'elle, em vez de ser captivada pelo todo, é attrahida pela execução na verdade primorosa dos variados lavores e ornatos que o sobrecarregam.

Nas paredes do octogono, nas entradas das capellas, nas abobadas e nas janellas destas ha uma prodigalidade de ornamentos, que contrasta singularmente com a simplicidade casta e nobre do edificio primitivo.

Em summa nas capellas imperfeitas predomina o trabalho minucioso da mão do artista, emquanto na fabrica primordial transcende o genio sublime do architecto.

Sendo, pois, como me parece haver demonstrado, as capellas imperfeitas um addicionamento ao primeiro edificio da Batalha, alheio do projecto primitivo, sem connexão rigorosa com elle, antes não podendo existir sem alterar e destruir os effeitos de luz habilmente calculados para o templo, pelo primeiro architecto, entendo que o addicionamento das capellas imperfeitas ao templo primitivo da Batalha foi emprehendido contra as induações da rasão, da arte, e do gosto, e que da conclusão desta fabrica extranha acabaria de resultar, como

já resulta em parte do que se acha feito, grande diminuição no completo e belleza do tempo primordial.

Não pretendo dizer com isto que não sejam dignas da attenção e da estima dos amantes das artes as capellas imperfeitas.

Se este monumento sepulchral fosse destinado a existir por si só, se se não houvesse ligado a um monumento já completo em todas as suas partes, a um monumento que alem de completo não podia deixar de ser desfigurado e deteriorado por este addicionamento, a um monumento finalmente cujo genero de architectura e cujo gosto de construcção e ornatos não é rigorosamente o mesmo, as capellas imperfeitas formariam, quando concluidas, um edificio rico e sumptuoso, estimavel talvez, por ventura admiravel no seu genero, ainda que no meu conceito inferior ao templo da Batalha.

Murphy, partindo do exame das partes já executadas nas capellas imperfeitas, dos começos das abobadas e das janellas superiores deste edificio, imaginou a maneira porque elle deveria ser acabado, e apresentou na sua obra uma estampa conjectural do exterior das capellas imperfeitas, como elle as concebia completas.

Vê-se n'esta estampa que o abalisado architecto inglez conjecturou, que a abobada do octogono central seria rematada e coberta por um tecto pyramidal octogono de pedraria lisa, analogo até certo ponto ao que cobria antigamente a elevação central octogona da capella do fundador, que hoje se acha substituido por uma plataforma de telhões de cantaria. Vê-se na estampa que esta pyramide principal devia ser cercada de outras pyramides lavradas e abertas servindo de remates aos massiços correspondentes aos oito angulos do octagono, ficando sobre cada capella sepulchral uma plataforma.

Talvez o architecto inglez fosse levado a esta conje-

ctura, ou antes a este systema seu de complemento para as capellas imperfeitas, por uma idéa menos exacta de analogia entre a ordenança do edificio primordial e a da fabrica destas capellas.

Talvez não reflectiu elle bastante na passagem evidente que existe n'estes dois edificios de um a outro genero de architectura.

No interior do templo da Batalha não se encontram vestigios de um só entablamento, não se acha cousa que se assemelhe a uma architrave, nem a um friso.

Os arcos e as abobadas nascem, sem intermedio algum, dos capiteis reunidos das columnas que revestem os pilares, e os muros continuam lisos por toda a parte até encontrar as curvas das abobadas, sem faixa, filete ou moldura qualquer horisontal que os coroe e limite na parte superior.

O mesmo se observa na capella sepulchral do fundador na casa do Capitulo, em todo o claustro, no refeitorio, e geralmente em todas as partes da edificação primitiva.

Nas capellas imperfeitas pelo contrario observa-se por cima dos arcos uma maneira de entablamento geral, em que se distingue particularmente um friso ornado de relevos muito analogos aos dos frisos da architectura grega. Por cima deste friso, e correspondendo ao grande arco, vê-se uma janella, ou talvez tribuna em começo, ornada de verdadeiros balaustres, guarda ou apoio inteiramente desconhecido no puro gothico.

Estas differenças são em quanto a mim, sufficientes para me induzirem a acreditar que o architecto ou architectos das capellas imperfeitas se haviam já desviado do typo de architectura gothica aperfeiçoada, que é o genero perfeitamente caracterisado e desenvolvido na maior perfeição no edificio primordial da Batalha.

Por outro lado, comparando a fórma da abobada ainda em parte existente do espaço que une as capellas imperfeitas ao edificio primitivo, vê-se logo que a construcção desta abobada differe essencialmente da construcção das abobadas do anterior edificio.

A abobada do mencionado espaço é em extremo chata e repartida por um numero considerabilissimo de archetes, os quaes em vez de separarem gomos magestosamente vastos e profundos, dividem a abobada em espaços pequenos e apoucados, e sobrecarregam-na com uma multiplicidade de fechos; apartando-se assim esta abobada da severidade e liberdade de traçado das abobadas da primeira edificação para o desenho mais prezo e mais minucioso de que são typos, no reinado d'el rey D. Manoel, a abobada da egreja de Belem, e algumas no convento da Ordem de Christo em Thomar.

As capellas imperfeitas apresentam-se á minha consideração como exemplares de uma architectura de transição, captivada ainda até certo ponto pela presença do modelo sublime, a que pretendiam ligal-as, e attrahida já pelas novas idéas e impressões de imaginação, que pouco depois produziram a fabrica de Belem e outras analogas.

Nos edificios do genero muito particular de architectura, a que ousarei chamar *Emanoelina*, não se observam já as formas ponte-agudas, nem a tendencia decididamente pyramidal, que, segundo a judiciosissima asserção de Murphy, caracterisa essencialmente a architectura gothica.

Com esta tendencia geral no todo se apaga, a correspondente tendencia das partes, desapparece do arco o triangulo curvilineo (*ogive*), e é substituido pelo traçado semi-circular ou polycurvo.

As columnas perdem a delgadeza extrema que as

distingue no gothico aperfeiçoado, e que obriga a reunil-as em feixes n'este genero de architectura para constituir pilares da precisa resistencia, tomam maior robustez e maior diametro ao ponto de que a columna isolada é já sufficiente para supportar por si só a abobada nos edificios *Emanuelinos*; como se vê no templo de Belem, e em outros deste genero.

Os feixes de columnas de gothico, supportando as suas abobadas ascendentes em gomos pontudos e exalçados, recordam á imaginação os multiplicados troncos dos abetos e pinhos das nossas regiões boreaes, suportando as suas ramageus sempre ascendentes, em quanto a columna isolada da architectura *Emanuelina* com a sua abobada quasi plana e miudamente articulada recorda o tronco solitario da palmeira oriental com a sua larga copa quasi parallela ao horisonte.

Estas considerações sobre a estructura das capellas imperfeitas, e sobre a architectura posterior para a qual, ellas, no meu entender, manifestam já uma decedida tendencia, me levam a duvidar que o traçado completo desta obra envolvesse os remates com os quaes Murphy conjecturou que ellas iriam ser terminadas: antes me inclino a acreditar que a existencia do friso geral do interior com os outros desvios já notados da ordenança gothica pura, auctorisam a suppor, que este edificio seria limitado superiormente por plataformas, ornadas nos contornos com grades e remates, como effectivamente são terminados todos os edificios do reinado de el-rei D. Manuel.

Quando o architecto inglez Murphy no anno de 1789 visitou o edificio Monumental da Batalha, achava-se elle em muito melhor estado de conservação do que veio a estar posteriormente, e em particular depois da invasão de Massena em 1810, e depois do abandono quasi com-

pleto em que jazeu desde a extincção da Ordem religiosa dos Dominicanos em 1834.

Comtudo já n'aquella epocha havia no edificio ruinas consideraveis, e sobretudo já a falta de gosto a mais imperdoavel se tinha atrevido a deturpar algumas partes do monumento com o intuito de embelezal-o.

Murphy levado provavelmente por um sentimento generoso de deferencia para com os religiosos que ali o agasalharam, dissimulou o sentimento de indignação artistica que deviam necessariamente suscitar-lhe aquellas deturpações, e não quiz, fazendo mensão dellas, offender nem levemente a cortezia para com os seus hospedes.

Desligado, porém, de similhantes considerações não posso eu abster-me de lamentar o atrevimento com o qual homens sem conhecimentos e sem gosto, se arrojaram a juntar o parto mesquinho e apoucado de suas imaginações ás obras do talento e do genio, alterando com ellas os primores da verdadeira arte.

Quando a mão do tempo e a acção invencivel da natureza alteram as obras dos homens, quando as ruinas são o resultado inevitavel do curso dos seculos, aquelle que os comtempla sente uma impressão de respeito, e por ventura de saudade, que se alguma cousa tem de melancolico, não disperta outro algum sentimento menos contemplativo nem menos suave.

Os primores das artes assim alterados pela natureza, conservam ainda mais ou menos vestigios da sua primitiva belleza, e a hera silvestre enlaçando o fuste da columna ainda erecta, o acanto nativo cobrindo em parte o acanto marmoreo do capitel derrocado, tem uma expressão, tem uma poesia propria, capaz de inspirar o canto do poeta, e que reproduz com graça inimitavel o pincel do artista.

Um primor porém de elegancia e de gosto menos-

cabado e adulterado pela inserção de um ornato grosseiro, disparatado ou mesquinho, sómente disperta a indignação, e é contra o genio das artes uma flagrante blasphemia.

No templo da Batalha não póde vêr-se sem horror a audacia presumpçosa com que os possuidores d'este monumento mutilaram o fundo da capella mór até á altura das janellas da segunda ordem, para substituir ás janellas e quadros transparentes que as adornavam, um tabernaculo de madeira da mais vulgar estructura, coberto de ligeiras e insignificantes douraduras sobre um fundo dealbado, contrastando pela exiguidade e mesquinhez de seus ornatos com a grandeza e simplicidade do templo, destruindo a fórma e caracter primitivo da architectura n'aquella parte, e cortando nas cantarias das soberbas janellas do fundo quanto foi necessario para estabelecer esta universal fabrica.

Não póde deixar de vêr-se com igual indignação a mutilação das columnas dos lados da mesma capella para o estabelecimento de espaldares de madeira pintados e dourados de duas ordens de cadeiras de couro, nem as anteparas de madeira que convertem em arcos semicirculares apoucados, as aberturas esbeltas e ponteagudas da capella mór com as capellas lateraes.

As duas capellas adjacentes á capella mór foram igualmente escurecidas, desfiguradas e obstruidas no seu fundo, privadas do seu envidraçamento e luz propria pela applicação de dois grandes retabulos de pau, do mais ordinario gosto.

A ultima janella da nave esquerda. distincta das outras pelo desenho particular de seus ornatos foi pelos dominicanos coberta interiormente com a pesadissima construcção, de um orgão e do respectivo coreto, que interrompia a perspectiva da nave, e mutilado exterior-

mente para estabelecer no terraço sobre o claustro um miseravel tilheiro para serviço do orgão.

Pelo que respeita ás ruinas das differentes partes do edificio, seria injustiça attribuil-ás inteiramente ao estado de abandono, em que jazeu desde a extincção da ordem dos Dominicanos até ao anno de 1840, por quanto ainda que este periodo de total desleixo e abandono contribuio poderosamente para o augmento das mesmas ruinas, estas, e o que é mais ainda, as devastações do monumento datam de épocas muito anteriores.

Havia muitos annos que os religiosos possuidores do mosteiro não empregavam meios nem cuidados convenientes e convenientemente dirigidos para a sua conservação, e até contribuiam por vezes elles mesmos para a degradação mais prompta das suas diversas partes.

Assim, por exemplo, consentiam que dos quadros transparentes das janellas se destacassem e levassem algumas partes, e particularmente cabeças, com que chegaram a brindar elles proprios alguns viajantes.

A maior parte dos ornatos externos superiores do monumento foram pouco a pouco mutilados com o andar dos tempos, e alguns com os abalos do solo, como a pyramide ou corucheo, que cobria a parte central da capella sepulchral do fundador, cuja base octogona se acha hoje limitada superiormente por uma simples plataförma de telhões de cantaria.

As rendas ou grades de pedra que guarneciam os tectos e as flôres de liz do mais bello desenho e apurado córte que superiormente as ornavam, foram-se damnificando, cahindo gradualmente, e desappareceram quasi de todo, especialmenfe no contorno da cobertura do corpo cruciforme mais elevado.

Os corucheos menores, que serviam de remates aos gigantes e aos botareos das faces, desappareceram.

Tiveram a mesma sorte as grandes pyramides, que coroavam as escadas em helices, que dão accesso aos cumes; finalmente a maxima pyramide contigua ao cruzeiro, obra de um desenho tão atrevido quanto delicado e elegante, depois de permanecer por alguns annos desviada da vertical, precipitou-se, e desappareceu até a altura da torre que lhe servia de base.

A cobertura do espaço cruciforme, consistindo em telhões de cantaria do mesmo calcareo branco de que é construido todo o edificio, veiu achar-se grandemente damnificada, por isso que os religiosos em vez de substituirem por peças novas de cantaria as que se partiam por causas accidentaes, ou se corroiam pela acção das geadas, contentavam-se de vedar as fendas com argamassa de cal e areia, e por vezes de cobrir os estragos com telhas communs de barro, que contrastavam atrozmente com a nitidez geral da cobertura.

O desleixo na extirpação da vegetação que naturalmente tende a estabelecer-se nas juncções da cantaria, deixou vingar por toda a parte não só plantas annuaes e herbaes, mas até troncos vivaces e arbustos, principalmente grande copia de silvas e figueiras bravas. O engrossamento successivo das raizes d'estes vegetaes foi deslocando as pedras e abrindo por toda a parte grande numero de intersticios, pelos quaes as aguas pluviaes penetravam no corpo das abobadas e no massiço dos botareos e dos muros, surdindo no interior ao ponto de haver extenções de pavimento permanentemente alagadas e cubertas de agua estagnada em todo o inverno, como por exemplo a nave direita da egreja na capella do fundador e nas arcadas do claustro.

As janellas achavam-se privadas pela maior parte dos paineis transparentes que as guarneciam, as reliquias

d'estes paineis achavam-se quasi todas mutiladas, e as figuras, pela maior parte, privadas de cabeças.

Os frades tinham remendado grosseiramente as aberturas com caixilhos de vidros ordinarios de todas as formas e grandezas, chegando ao ponto de cobrir exteriormente as bandeiras abertas dos angulos curvilineos de algumas janellas com uma argamassa geral de cal e areia, como ainda se vê nas janellas lateraes da capella mór.

Em outras janellas a acção inevitavel e constante do tempo, e talvez abalos do solo, aluiram, e desviaram da vertical as pilastras compridas e delgadas que dividiam os seus vãos, e supportavam a pedraria aberta das bandeiras, umas das quaes se arruinaram em parte, e algumas precipitaram-se de todo,

Infelizmente nos ultimos annos foi o monumento por tal fórma abandonado que era permittido penetrar em todas as suas partes sem guarda nem vigilancia, o que por certo contribuiu poderosamente para o augmento das ruinas, tanto geraes, como parciaes.

«Em quanto ás capellas imperfeitas, o seu abandono parece datar da epocha em que n'ellas se suspenderam os trabalhos da edificação.

Com effeito não apparece vestigio algum de construcção provisoria destinada a preservar das injurias do tempo as partes concluidas com tanto esmero n'aquelle edificio.

Não sómente o octogono central ficou completamente aberto, mas do mesmo modo as abobadas das capellas que o circumdam, os topos dos massiços que as separam, e a abobada do espaço que une o todo á egreja primitiva, não parecem ter sido jamais defendidos por uma cobertura superior, ou pelo menos não ha memoria de semilhante preservação.

D'aqui provem acharem-se as capellas imperfeitas cobertas de uma vegetação poderosissima; cujo effeito chegou ao ponto de precipitar, tanto pelo peso, como pela disjuncção das partes, uma porção consideravel da abobada do espaço rectangular intermedio.

É muito para lementar que fracturas e mutilações expressa e determinadamente feitas tenham ajudado a deteriorar o que existe d'esta obra, particularmente no arco principal, onde se acham quebradas a martelo algumas rendas partidas violentamente, roubados alguns remates e desapparecidas duas estatuas de S. João Baptista e S. Domingos.

N'este estado se achava o monumento da Batalha quando El-Rey D. Fernando visitou o dito monumento em 1836.

S. Magestade percorreu com a maior attenção todas as partes do edificio, desde os pavimentos inferiores até á cobertura, e penetrado das bellezas da fabrica, empenhou-se no seu regresso á capital, em fazer com que o governo curasse da sua reparação.

Decretou-se, passado algum tempo, uma somma annual para este effeito, e o cuidado do edificio foi commettido á direcção das obras publicas na divisão do centro, de que tomei conta no anno de 1840, passando depois a ficar a cargo da inspecção geral das obras publicas do reino, de que estive encarregado até aos fins do anno de 1843.

«A primeira cousa que me cumpria fazer era remover, quanto antes as causas principaes da ruina do edificio, isto é, vedar a entrada das aguas no interior e extirpar a vegetação em toda a superficie externa: dei-me portanto immediatamente a estes dois trabalhos.

Pelo que respeita á extirpação das hervas, era ella geralmente facil, e na maior parte dos casos bastava

raspar ligeiramente as juntas para a conseguir: não acontecia porém assim quanto aos arbustos, porque cortadas até á face das cantarias as suas partes aerias, ficavam ainda as raizes que me não era possivel seguir por entre os ornatos sem os damnificar. As raizes, continuando vivas, haviam de roproduzir novos ramos, e ainda que cortando estes apenas produzidos acabariam ellas por morrer, este processo seria moroso, e os cortes e reproducções repetidas de ramos não podiam deixar de arruinar mais ou menos o estado das juntas. Lembrei-me por isto injectar algumas raizes com acido sulphurico diluido, e desorganisal-as por este modo.

Consegui effectivamente por elle matar e até mesmo extrair meio carbonisadas algumas raizes fortes; em outros casos porem fui obrigado a desmontar os massiços até ás juntas, onde os arbustos vegetavam, e a reconstuil-os depois da extirpação d'estes.

As radiculas das plantas herbaceas eram em algumas partes tão multiplicadas que formavam por baixo das lages de cobertura uma especie de tecido ou estofo continuo, que me obrigou a levantar as lages em muitas partes para extrahir este corpo elastico e premeavel á agua, e a refazer os massames que por elles se achavão substituidos.

Substitui as lages fendidas, renovei as argamassas, onde foi mister, e vedei as juntas com o cimento vulgarmente chamado de *Roma*.

Consegui por este modo obstar á infiltração pelas abobadas do claustro, mas nem por isso dei por concluida a obra da sua cobertura, porque a cornija que remata o terraço sobre o jardim se achava quebrada e mordida em toda a sua extensão, dando lugar a grande numero de goteiras irregulares, por onde a agua desce encostada ás faces com grande damno das bandeiras de

pedras levantadas e abertas, que aformoseiam os arcos do claustro.

As peças que formam a cornija carecem de ser substituidas por peças novas. «LUIZ DA SILVA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE: Memoria inedicta ácerca do Edificio Monumental da Batalha. Lisboa, 1867.

MOSTEIRO DOS JERONYMOS

D. Affonso VI em 21 de junho de 1662 dirigio-se para o palacio d'Alcantara, e, apenas ali chegado, mandou expedir cartas a toda a nobreza, tribunaes e prelados para lhe assistirem ao acto de tomar posse do governo do reino. A rainha entregou os sellos a seu filho concordando com este que o acto da posse ficasse adiado para o dia 23.

Na capella do mesmo palacio d'Alcantara celebrou-se em 2 d'abril de 1668 o consorcio do principe D. Pedro, então regente, com D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

Neste palacio falleceu D. Pedro II em 9 de dezembro de 1706.

Em 1693 serviu por algum tempo de residencia á rainha d'Inglaterra, viuva, D. Catharina de Bragança.

Ficou muito arruinado com o terremoto de 1755; mais tarde foi dado a Francisco José Dias com a condição d'estabelecer n'elle uma fabrica de chitas. Não

cumprindo esta clausula, voltou esta propriedade para a corôa. Em tempo de D. Maria II fizeram-se n'elle varias obras, e depois serviu, por munificencia regia, para aposento de fidalgas viuvas e de varios servidores da Casa Real.

D'elle apenas ha vestigios, que dentro em pouco teem de desapparecer completamente. Pois, como já se disse, todos aquelles terrenos foram destinados para um bairro novo, e ainda as obras estão longe de complétas n'este anno de 1888.

III Cocheiras reaes. Antes de chegar, indo de Alcantara, a este palacio, ha um largo, e n'elle estavam as cocheiras reaes, onde se guardavam os coches ricos da casa real. Estes coches passaram para Ajuda. As cocheiras foram convertidas em lojas destinadas para varios misteres. E o andar passou para Fabrica de Tabacos Vasco da Gama.

IV Convento do Calvario e Escola Normal. Fallemos primeiramente, pois a chronologia assim o pede, do Convento.

Este mosteiro com certeza não pertence ao numero dos mais antigos, pois sua fundação data do anno de 1617. [1] Foi ella, no dizer do chronista, inspirada por Deus a duas nobilissimas damas—D. Violante de Noronha e D. Maria Telles de Menezes, sua filha. A mãe tinha perdido seu marido na batalha d'Alcacer Quibir e d'elle lhe tinha ficado uma filha. Resolvera-se, pois, entrar para um convento onde de vez dissesse adeus ás cousas do mundo, e onde só tratasse da educação da sua filha. Escolheu, pois, o convento da Esperança em Lisboa, o qual tinha sido fundado por uma sua avó. Po-

---

[1] Fr. Fernando da Soledade: Historia Serafica Chronologica, tom. V. Lisboa, 1720, pag. 335.

rém mais tarde, quando a filha já era crescida, e já tinha desprezado casamentos vantajosos, só com o fim de ser freira, resolveram ambas fundar um convento, e escolheram para tal fim sitio em Alcantara. E o chronista accrescenta: «burgo occidental da Cidade, visitado pela parte do meio dia com as ondas do fermoso e famoso Tejo; e ungido pela do norte (ficando uma rua em meio) com a galaria das casas e quintas aonde costumam vir recrear-se as magestades. He sitio muyto alegre, fresco e desafogado: e tendo por todas as bandas patente o Céo, logra pela sobredita a corrente das aguas, declarando com a sua continua flexibilidade qual he a da gloria do mundo, e por esse caminho convidando as almas á contemplação de Deus, onde se achão os bens perduraveis e eternos. Paragem verdadeiramente digna de se empregar em morada de gente religiosa. N'este pozeram o fito as fundadoras. Era então uma quinta chamada do Porto, porque junto a ella se abrigavam os barcos nas maiores tormentas, e estavam contiguas humas tercenas, onde com muita commodidade se desembarcavam e recolhiam as mercadorias. Na mesma quinta havia sido agasalhado em outro tempo um embaixador da Persia. Morou tambem ali um judeu chamado Milão, que foi apanhado e castigado pela Inquisição.

As freiras flamengas ao principio pozeram suas duvidas, porque não queriam convento tão proximo, mas depois annuiram. Removidos ainda outros embaraços, chegou licença de Roma n'um breve datado de 12 de dezembro de 1617 [1] sendo destinado para uma communidade de 14 religiosas com uma abbadeça.

---

[1] Fr. Apollinario da Conceição. Claustro Franciscano. Lisboa, 1740, pag. 139.

Em 12 d'agosto de 1618, dia de madre Santa Clara, já havia commodo bastante para n'elle se recolherem as primeiras religiosas, e uma egreja, que se fizera para servir, emquanto se não edificava outra. A 2 de maio de 1619 se lançou a primeira pedra ao dormitorio principal. Em 1620 cahiu por terra este dormitorio, e fez-se depois outro de novo.

Tinha D. Violante particular correspondencia com a madre soror Margarida da Cruz, filha do imperador Maximiliano II, e religiosa professa no mosteiro das descalças de Madrid, a qual fazia muita conta da padroeira por sua qualidade e virtude, e lhe mandou muitas reliquias para collocar n'esta casa. Entre ellas lhe enviou uma cabeça da virgem e martyr Santa Helena, uma das onze mil virgens, e outra de um santo martyr de Agreda abonada por milagrosa.

Tambem lhe remetteu uma cruz guarnecida de similhantes preciosidades, e entre ellas uma particula da toalha em que Christo comeo, a qual cruz entregou no sobredito mosteiro ao P. fr. Bernardino de Sena, sendo ministro geral, com um instrumento de serem verdadeiras as suas reliquias, firmado pela mão da mesma infanta.

As duas cabeças estavam depositadas em duas caixas de prata, de obra muito curiosa, por industria da madre soror Maria Magdalena, que nestas e n'outras peças, quiz transformar a prata que ficou por morte de sua mãe D. Violante de Noronha.

E para todas as suas reliquias fez santuarios de custo no Côro de baixo, accrescentando-lhe a formusura, e ás religiosas com a sua continua vista a frequente lembrança dos santos exemplos, que deixaram no mundo os bemaventurados, de quem foram despojos.

Aqui estavam uma vera effigie do P. S. Francisco, e

outra de Santa Clara, tres caixões de ossos de diversos martyres, e uma Cruz de cristal com as mesmas prendas.

No altar ds Menino Jesus, obra da M. Soror Maria do Calvario, junto á porta, que do mesmo coro sai para o claustro, tambem se achavam estes penhores, e alguns eram do insigne bispo S. Braz, aos quaes acompanhava o seu retrato, e lhe dava muito esplendor o Santo Lenho, que no proprio logar se venera.

Porém a esta copia de reliquias excediam sem comparação as que se guardavam em uma capella de sufficiente grandesa, que no antecôro erigiram os padroeiros com o titulo de Visitação, e mais tarde de Nossa Senhora da Graça.

Porque tomando por sua conta o ornato della a M. soror Clara Maria da Ascensão, a poz em estado que parecia uma vera effigie da gloria.

Tudo era ouro, e tudo preciosidades, ricos ornamentos, e tanta a multidão de brincos e reliquias sagradas, por todo o ambito della, que seria necessario muito papel para referil-as.

O pontifice Innocencio XI concedeo indulgencia plenaria a todas as religiosas que a visitassem das primeiras vesperas até o pôr sol nos dias da Visitação, do nome de Maria SS. e em outros dois que a impetrante elegesse, a qual nomeou a festa de Nossa Senhora do Carmo, e a dos Prazeres.

Tambem assignou o mesmo Vigario de Christo cem dias d'indulgencia a todas as que assistissem nella á ladainha da Mãe de Deus, e os proprios cem dias nas outras solemnidades da mesma Senhora.

Com similhante liberalidade enriqueceram muitos pontifices a este mosteiro, e em particular Urbano VIII. Innocencio X e Alexandre VII, este dando privilegio ao

altar mór, e indulgencia plenaria a todas as que com a preparação devida visitassem um altar dentro da clausura nos dias da Exaltação da Cruz, de Santo Antonio, da Conceição da Mãe de Deus, e assistissem na sua ladainha que aos sabbados se cantava.

Innocencio X fez similhante mercê a todos os fieis que visitassem a egreja deste mosteiro na festa de Santa Clara, e essa mesma tinham elles por concepção antiga assim n'estes dias como de outros Santos principaes da Ordem Franciscana.

O mesmo papa consignou a propria indulgencia ás que a visitarem no dia de S. Joseph, e Urbano VIII nos das onze mil virgens, natividade da Virgem Maria, e da festa das chagas de S. Francisco: e para as religiosas e mais assistentes no mosteiro, as que se ganham visitando sete altares na basilica do principe dos apostolos.

No tempo em que se escrevia a Chronica Seraphica havia neste mosteiro 128 educandas, e 7 recolhidas, além das serventes. [1]

Apesar, porém, de tantas maravilhas e de tantas virtudes que floresceram neste convento, foi elle a terra por occasião do terremoto de 1755.

Ficou totalmente arruinado, perecendo nas suas ruinas 24 religiosas, 4 recolhidas, e 6 serventes.

Segundo nos diz João Baptista de Castro, das poucas, que escaparam, foram algumas para o mosteiro das Flamengas, e outras para as casas de seus parentes. [2]

Foi, porém, o edificio restaurado, e, pelo fallecimento da ultima freira nelle se installaram:

I Recolhimento do Calvario para educação de creanças orphãs de pai. Ensinam-lhes instrucção primaria,

---

[1] Vol. V. pag. 372.

[2] Mappa de Portugal, vol. II. pag. 212.

piano e canto. Entram para o estabelecimento desde os 7 até aos 11, e saem aos 16.

II Escola normal para professoras. Pódem ter 40 pensionistas.

Entram dos 16 até aos 25 annos.

III No rez do chão: Escola pratica annexa á normal. É para as alumnas.

Convento das Flamengas

Quasi defronte do Calvario fica o convento das Flamengas, que ao escrevermos estas linhas, já não tem nenhuma freira.

O titulo do mosteiro é de Nossa Senhora da Quietação.

Pertencia a religiosas descalças de Santa Clara, chamadas vulgarmente Flamengas, porque as fundadoras fugindo da perseguição dos Calvinistas dos Paizes Baixos de Allemanha, vieram refugiar-se neste reino pelos annos de 1582, no tempo em que governava El-Rei Filippe II, o qual mandando-as recolher primeiramente no mosteiro da Madre de Deus, e depois na ermida de Nossa Senhora da Gloria, passaram ultimamente para este mosteiro d'Alcantara no anno de 1586.

A Historia da fundação d'este convento é uma raridade Bibliographica, se bem que este mosteiro pouca notabilidade tem, comparado com tantos outros que houve em Portugal. Todavia residiu nelle uma dama da primeira nobreza, e foi soror Maria da Cruz [1] filha de D. Gaspar, duque de Medina Sidonia.

Professou a 26 de junho de 1644, e celebrou-se este acto com grande pompa e magestade.

---

[1] Fr. Francisco de Santa Maria: Anno Historico, vol. I. pag. 25. Lisboa, 1744.

Assistiram todas as pessoas reaes, toda a nobreza, e o P. Antonio Vieira.

Falleceo em 1676, tendo tres dias antes ido mostrar ás religiosas o sitio, em que queria ser enterrada.

O templo é dedicado a N. Senhora da Quietação, e nelle ainda (1886) celebram uma bonita festividade no dia 15 d'agosto. [1]

E o pavimento da egreja tem bastantes epitaphios sobre as campas.

Conta esta egreja tres altares, e as paredes estam revestidas de bonitos azulejos até um terço d'altura.

Agora ouvi alguma cousa d'entre o muito que os estrangeiros dizem ácerca do mosteiro dos Jeronymos: [2]

«O convento de Belem foi feito no gosto magnifico da architectura gothica, e é um monumento digno d'uma empreza tão memoravel.» Balbi: Essai Statistique, vol. II, pag. 180.

Martin a pag. 161 da obra Descripcion geografica, fisica, politica de Portugal, repete as palavras de Balbi ao fallar do mosteiro da Jeronymos em Belem. Madrid, 1833, vol. I, pag. 161.

«O templo de Belem, em estylo gothico, mas magestoso, cria uma agradavel impressão.» Kinsey: Portugal illustrated, pag. 477.

---

[1] Já morreo a ultima freira. Será tambem deitado por terra?

[2] Mosteiro de Belem

É uma das maravilhas de Portugal: ella apregoa bem alto: Noções do Universo a nós os Portuguezes é devida quer directa quer indirectamente a descoberta de dois terços do globo! Era mister que nossos antepassados reconhecidos, erguessem um padrão condigno ao Deus das Victorias. Ide até Belem, mas curvai-vos ante a estatua do infante D. Henrique, e depois entrae no templo.

«Belem continha outr'ora 150 frades, e hoje tem tão sómente 40, e gosa d'um rendimento de 40 mil cruzados. Por occasião do grande tremor de terra apenas algumas partes do côro vieram a terra, e a nave ficou intacta. Duc de Chatelet: Voyage en Portugal, vol. I, pag. 127.

«Aquelle monumento é admiravel. Ali encontramos confundidos com uma arte infinita o gothico, o bysantino e o mourisco e a renascença.» Olivier Merson: Guide du Voyageur a Lisbonne, Paris, pag. 40.

«S. Jeronymo, o antigo mosteiro, cuja architectura se inspirou dos typos arabes, estende sobre torrentes desempachadas, sua fachada, repleta á moda sarracena, seu vasto portal, suas janellas estreitas, cingidas por laçarias artisticamente lavradas.» Andalousie et le Portugal, pag. 387.

«... alli se encontra o convento de S. Jeronymo, gloriosissimo monumento levantado em honra da Egreja Catholica, e eterno testimunho do esforço d'um navegante illustre Vasco da Gama.» Modesto Fernandez y Gonzalez. Portugal Contemporaneo. Madrid, 1874, pag. 189.

E a pag. 201 accrescenta:

«... aquella egreja e aquelle claustro são um maravilhoso monumento da arte por sua valentia, sua riqueza e felicidade d'execução.

São joias com que justamente se orgulha o povo lusitano, e que honram sobre maneira a cidade que as possue.»

«As columnas da nave, o claustro e o portico especialmente, são obras magistraes, fontes de admiração. Fôra prolixo enumerar tantas bellezas d'architectura como contém uma tão afamada basilica.» D. Jose d'Aldama Ayala: Compendio Geografico Estatistico de Portugal. Madrid, 1855, pag. 344.

«O claustro dos Jeronymos de Belem é magnifico, e sua architectura um mixto de mouro-bysantico com

o gothico normando.» CHARLES VOGEL: Le Portugal et ses colonies. Paris, 1860, pag. 477.

«Aqui o estylo já não apresenta a pureza que se observou na Batalha: tradições germanicas e normandas misturam-se com as tradições mouriscas; porém estes edificios são cada vez mais interessantes no ponto de vista historico por encerrarem para Portugal o terceiro elo, da transição da arte primitiva christã para a arte da renascença.» Emile Bégin; Voyage Pittoresque en Espagne et Portugal. Paris, pag. 542.

«Il a fit bâtir le Temple de Belem qui passe pour un des plus superbes qui soit en Europe,» Lequien de Neuf ville. Histoire gánérale de Portugal, vol., II, pag. 607.

«Mariae Virgini ejus navigationis praesidi exstructam olim ab Henrico Principe aediculam in ipso aditu portus Olisiponensis, miram in amplitudinem extulit auxitque.» MAFEJUS: Historiarum Indicarum liber. Bergomi, 1747, pag. 39.

Belem. On y remarque une tour carrée, aux fenêtres gracieusement sculptées, qui est d'un beau style arabe. et un ancien couvent, magnifique construction du seizième siècle.» Rockland Pepper. Le Portugal. Paris 1879, pag. 35.

«Fué construido en la decadencia del estilo ojival y antes que se fijava en del renacimiento, y participa por tanto de las formas generales del primero e de los detalles del segundo, careciendo de pureza e unidad perfecta, haciendo alarde de la originalidad forzada que produyo el estilo plateresco, de que es muestra el claustro interior.

Consta la iglesia de tres naves; la central de una anchura extraordinaria relativamente á las dos laterales, separadas por pilares tan legeros y esbeltos que cuesta convencerse de que sobre ellos pueda descansar solidamente la masa enorme de bovedas de silleria: aquellas columnas

de las quales parte el maravilloso par de nervios que sujetan las bovedas, imprimen á la construccion arquitectonica un sello de tal grandeza y atrevimento que dificilmente se encuentra afecto semejante en ningun otro monumenfo.

Es notable la vasta perspectiva de las escadas que constituyen los quatro lados del patio en su dos pisos; forma conraste aquella obra con la construccion del templo, de cuyo estilo ogival aunque regenerado se separa todavia mas ; hay cierta pesader inmativada en aquel patio que no pasa de ser un estimable ejemplo de estilo plateresco; no obstante las pretenciones de originalidad y de escuela que los portugueses han llegado à bautisar con el titulo de Manuelina, el maestro Butaca desapareció sin dejar discipulos dotados de su imaginacion y aptos para perpetuar sus bellos extravios. La fabrica de Belem es, pues, una mezcla de las formas degeneradas del estilo ogival, con los cinzelados classicos de la ornamentacion pagana restabelecida por el renacimiento; asy y todo, templo e patio, son maravilioso monumento, que por su valentia, su riqueza y la facilidad de su ejecucion constituyen, preciosas joyas con que justamente se enorgullece el pueblo lusitano y la ciudad que las posee.» UnaSemana en Lisboa, pag. 14.

Antier, dia de Sant Juan (de 1581) nos embarcamos á la manhana y fuymos á Belen, una buena legua de aqui, de la otra parte del rio, mas abaxo de Lisboa, y ali oymos missa cantada y comimos, y despues oymos visperas en el coro, y nos fuymos á embarcar em un barco, y entramos y vimos la torre de Belen, qu'está dentro del rio y tiene mucha artilheria.» Gachard. Lettres de Philippe II a ses filles les Infants Isabelle et Catherine écrites pendant son voyage en Portugal (1581 a 1583) Paris, 1884, pag. 95.

«C'est de son regne que datent le couvent de Belem, le monastère de Thomar, l'hopital de la Misericorde, la cathedrale d'Elvas, Notre Dame de la Conception et tant d'outres monuments religieux et civils, ou l'on reconnait l'influence du genie italien transplanté de l'Italie dans tout l'Occident.»

AUGUSTE BOUCHOT: Histoire du Portugal. Paris, 1854 pag. 148.

Il fut inhumé au superbe monastère de Belem, une de ses ouvres encore.» Histoire du Portugal. Cette, 1861, pag. 50.

«Entering at the western door of the church, you find yourself under a series of low, broad arches, beautifully groined; supported by claustered pillars covered with an exquisite design of leaves and flowers.

These arches serve as a basement to a screened loft containing two organs, one on either hand, which upon great occasions are used alternately for petition and response with considerable effect.

The sudden transition from the brilliant sunlight without, to the cloistered gloom within is solemn and effective, and well prepares the eye to apreciate the lofty and graceful proportions of the body of the church, which seems, as you emerge from the gloomy arches, to rise to an immense height.

The roof is supported by four marble pillars, of singularly grace full proportions and rich ornamentation, and two, which divide the eastern end from the central portion, support each an elaborately carved marble pulpit... HUGH OWEN: Here and there in Portugal. London, 1856, pag. 35.

«Subi os grandes lanços d'escadas construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel

examinei a livraria, que está longe d'achar-se na melhor ordem e aceio.

Os espaçosos e altos claustros apresentam uma notavel extensão de arcadas, que, posto que não sejam do mais puro estylo, atrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica cor arruivada da pedra.

O dormitorio, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade, e desfructam a vista do rio.

N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas epocas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de vélas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa.

Não ha cousa mais bella como expecimen do bem trabalhado lavor gothico de que esta complicada peça esmaltada, e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

«D'este sombrio recanto fui conduzido á egreja uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica, como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas biblias allemães.

Comtudo pouco havia nos altares, ou nos monumentos digno da minha attenção. Lord Beckford, Carta em 12 de junho de 1787.

«Concurremment avec des Flamands, des artistes-franrais émigraient en Portugal. L'un d'eux Nicolas, architecte, était chargé de l'exécution du portail principal de l'église do Belem, vers 1517. Il evait été appelé de France par le roi D. Manuel, avec trois autres de ses compatriotes, vraisemblablement de Rouen, pour reconstruire l'église de Santa-Cruz, à Coimbre. Cet architecte pourrait bien être aussi le sculpteur du même nom, qui a exécuté l'autel de la Pena, près de Cintra.» R. FRANCISQUE MICHEL: Les Portugais en France, pag. 100. Paris, 1882.

«Quando os antigos mareantes, depois de terem conquistado mundos, entravam no seu paiz. desembarcavam em frente do atrio do mosteiro de Belem: em a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portugal, segundo o dizer de João Baaros.

«Corri para este sitio, unico sobre a terra, e alli vi um monumento d'uma sublimidade tão nova, tão original que todo o pensar do povo portuguez me pareceu alli encerrado.

Não tivesse o terremoto deixado substituir nenhumas outras ruinas, este monumento fallaria só, a alma maritima de Portugal viviria em cada pedra.

«No sitio do Tejo em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, n'esta *praia das lagrimas*, como lhe chamava João de Barros, que vio tantas sensações de receio, de esperança e de dôr, tantas partidas, abraços e adeuses que se julgavam eternas, e regressos triumphantes, o rei D. Manoel mandou erigir um templo.

Sua architectura é gothica: mas o caracteristico do genio é ter alli misturado todos os caracteres da vida do mar: cabos de pedra que ligam os pilares gothicos uns aos outros, altos mastros de mesena que sus-

tentam as ogivas, os florões, as abobadas, em quanto a vela da humanidade se enfuna, no seculo XVI, sob a viração do Ceo.

«E' ainda a casa de Deus da edade media, mas apparelhada como um navio sahindo a foz. Se entrardes no interior no claustro já as fructas e as plantas dos continentes recentemente revelados, os cocos e os ananazes são colhidos e suspensos nos baixos relevos. O espirito de aventuras, perigos, sciencia e descobrimentos, respira naquellas paredes mais do que em nenhumas outras. E' a impressão desse momento inexprimivel de enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro, emtoam de joelhos o *Gloria in excelsis* amainando as velas diante das terras desconhecidas.

Aqui as sereias gothicas nadam n'um mar d'alabastro: acolá macacos trepadores do Ganges se balanceiam nos cabos da nave da egreja de S. Pedro. Os piriquitos do Brazil esvoaçam em torno da cruz do Golgotha. Lagrimas correm sobre os brazões. Ajuntai mappas mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de calabres enrolados que amarram as columnas e os pilares, vos conhecereis na mais pequena miudeza, uma egreja maritima, a barca empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio das angustias do homem, cingra pacificamente, ficando os ventos para traz, sobre Oceanos ainda não visitados.

Elephantes de marmore sustentam triumphantemente a urna funebre do rei D. Manoel, que presidio á descoberta da India. Outros mortos, jazem perto daquella urna. Direis vos serem os pilotos adormecidos debaixo da abobada abatida entre as duas partes.»

EDGAR QUINET: Mes Vacances en Espange.

Belem: No altar mór veem-se assumptos sagrados de Campello. O estylo é grave e historico. As roupagens largas, sem comtudo serem de um desenho muito puro.

Por cima do escadorio vemos um Christo cahindo sobre o peso da cruz, pintado por Gaspar Dias. E' duro, as figuras são monotonas.

Um Christo coroado de espinhos. E' melhor que o precedente, e reina alli certa elevação de estylo. Em todos os quadros Dias é muito superior a Campello.

Os bancos de côro de madeira, são suberbos.

Na sala de desenho ha uma *Annunciação* que não deixa de ter certa elevação de pensamento.

Dos retractos nas salas dos reis nenhum me pareceu bom.

Os retractos de D. João III e de D. Catharina, por Antonio Moor, são insignificantes.

A vida de S. Jorge na sachristia por José de Avellar Rebello, não é grande cousa.

Os quadros do refeitorio todos são maus.

Claustros, magnificos.

O todo do edificio magestoso.» Raczynski: Les arts em Portugal. Paris, 1846.

Taylor. [1]

---

[1] Voyage Pittoresque en Espagne, en Portugal, et sur la côte d'Afrique, de Tanger a Tétouan. Paris, 1826. 3 vol. in folio. Obra monumental. vol I. pag. 200.

O mosteiro de Belem serviu já para o romance. Miss Pardoe na sua obra Traits and traditions of Portugal falla nos de dois irmãos (vol. I. pag. 72) com os nomes de Pedro e de Joaquim, que estavam apaixonados por extremo d'uma rapariga, e não a queriam ceder um ao outro

Pedro não póde ceder á força do amor, e mata seu irmão. A rapariga que tivera já amores, sem que Joaquim o soubesse, atira-se ao rio e morre afogada. E Joaquim entra para frade no convento dos Jeronymos. pag. 80.

«O mosteiro de Belem, fundado por el-rei D. Manuel em cumprimento d'uma promessa feita na occasião da expedição cantada por Camões é um d'esses edificios em prol dos quaes foram esgotadas todas as formulas d'admiração. A' primeira vista comprehendemos que uma tal admiração nada tinha d'exagerado. O portal lateral que se desenvolve ao longo do rio, brilha com bellezas de primeira ordem: algumas estatuas d'um estylo vasto, d'uma execução perfeita, verdadeiros modelos n'este genero, são acompanhadas d'alguns ornamentos d'uma delicadeza verdadeiramente de fadas, e os effluvios do Tejo, o qual banha sua base, lhe deram uma côr esbranquiçada similhante á de jaspe e da agatha. O interior da egreja realisa tudo o que a imaginação mais rica póde evocar.

Tres naves a compõem. A do centro é sustentada por quatro pilares de cada lado que aguentam uma abobeda sobre a qual as nervuras mais caprichosas se enrolam em mil voltas. Cada um d'estes pillares, modelo para o adornador, está revestido d'esculpturas as mais engenhosas e as mais variadas. Cada janella é uma obra primorosa. Podemos outro tanto dizer dos altares, contidos em as naves lateraes, e este bello monumento deixou em nossa memoria uma lembrança immorredoura.

O claustro e a sachristia devem ser visitadas com o mesmo interesse, ali encontramos a mesma riqueza nos pormenores, a mesma abundancia d'ornamentos, e ali, assim como no Escurial, começamos a lamentar a falta dos frades, cujos trajos amplos e pittorescos, pareciam um acompanhamento obrigatorio para taes logares.

A torre de Belem, edificada a pouca distancia sobre um pequeno cabo que entra pelo rio, é contemporanea do mosteiro, e no seu genero, tambem notavel.

O edificio mais notavel de Lisboa (Principe de Lich-

NOWSKY: Portugal. Recordações do anno de 1842, pag. 98, é sem duvida o mosteiro de Belem. É edificado em um estylo meio mourisco, e meio normando-gothico. É uma confusa mistura da qual surge aqui e ali com primitiva pureza, uma peça de qualquer das mencionadas architecturas, como triumphando completamente do contagio da liga estranha. O material, de que se formou o edificio, é o bello calcareo branco primitivo, que, com tanto acerto se empregou no Coração de Jesus, na Pena, em Mafra e na Batalha.

No mosteiro de Belem encontram-se os mais formosos lavores, delicadamente arrendados, e feitos com toda a fecundidade da mais caprichosa fantasia. O claustro particularmente é magestoso, coberto de elegantissimas esculpturas, que hão-de parecer inimitaveis a quem não tiver visto a Batalha. O côro, guarnecido em cadeiras d'espaldar, e situado na parte pesterior da egreja, junto ao orgão, é feito de bella madeira roxa (*palixander*), e ornado com delicadas laçarias e arabescos. Geralmente em todo o Portugal, não só nas egrejas, mas até em casas particulares de remotas provincias, encontram-se os mais bellos lavores, talhados n'aquella especie de madeira que excedem muito na invenção e no acabado dos pormenores a todas as obras de esculptura moderna, e que poderiam abastecer por muitos annos os bazares de Paris e de Londres, onde se reunem todas as curiosidades da epocha do renascimento. pag. 101.

«Uma cumprida galeria, metade da qual é occupada pelas repartições da Casa Pia, contem os retratos de quasi todos os reis de Portugal. São mal executados, porém, despertam o interesse pela circumstancia de terem sido pintados durante a vida d'aquelles monarchas.

LINK: «Belem belle Eglise.» Voyage en Portugal. Paris, 1805. vol. 1, pag. 214.

Comte de Hoffmanseg: «Ce couvent et l'eglise furent construits en commémoration des événements les plus remarquables de l'Histoire du Portugal, et ce temple gothique est un monument digne de la grandeur du sujet. Voyage en Portugal, Paris, 1805, pag. 171

CHARLES LUCAS: L'Architecture en Portugal: «Il a fondé pour sa sépulture et pour celle de sa femme et de ses fils, le monastére sous l'invocation de *Notre Dame de Belem* sur le bord de la mer à une lieu de Lisbonne, et il y a étabii des moines de l'Ordre de Saint-Jérome. Nulle autre oeuvre en Europe ne l'emporte sur celle ci, ni en grandeur, ni en magnificence,» pag. 34.

Antes, porem, d'ir visitar o grandioso mosteiro de Belem, ou á sahida, pode o leitor, querendo, entrar no templo das Salesias, aonde lord Beckford, quando no fim do seculo passado, esteve n'este paiz, não se esqueceu d'ir, e onde o P. Theodoro d'Almeida lhe disse: «Pobres creaturas! (fallando das educandas!) Fazemos quanto em nos cabe para aperfeiçoar seus tenros entendimentos e suas castas linguas nos idiomas estrangeiros. [1]»

«Soror Thereza tem regular pericia para ensinar arithmetica, a nossa veneravel madre é bastante profunda em grammatica, e soror Francisca Salesía, que eu tive

---

[1] Boitaca estava ganhando diariamente 100 réis. Os outros ganhavam a 40, 50 e 60 réis.

Em 1517, porém, adoptou-se um outro systema, e João Castilho fez um contracto pelo qual ficou sendo mestre e empresario de diversas obras, obrigando-se a ter n'ellas cem artistas.

Recebia em virtude d'este contracto mensalmente 140$000 rs. o que termo medio perfazia a quantia de 50 réis diarios para cada artista.

a dita de trazer de Lyon, não só é muito persuasiva moralista, como tambem geralmente reconhecida por uma das imminentes mestras de costura de toda a Christandade. Estamos soffrivelmente emquanto a bordados. Em musica não ha grandes proficiencias: não permittimos modinhas nem arias de opera: e o que neste ramo podeis esperar é o canto singelo. Em summa não estamos bem preparados para receber tão distinctos hospedes, e nada possuimos do que o mundo chama interessante que nos recommende; mas, em compensação, eu, seo indigno confessor, devo declarar que tanta docilidade e tão puras consciencias, como tenho achado neste asylo, são thesouros muito acima de quantos as Indias nos possam fornecer.»

Isto dizia o P. Theodoro d'Almeida ha quasi um seculo, e lord Beckford tambem vae para um seculo nas suas Viagens nos deixou escripto que elle era hypocrita —fallando de braços crusados sobre o peito, e com os olhos em alvo para o tecto.

Depois foi o padre mostrar as educandas ao lord inglez:

«Dahi a pouco correo uma cortina tendo a condescendencia de admittir-nos num espaçoso locutorio deliciosamente fresco, perfumado de jasmins, e povoado de pombinhas brasileiras, papagaios e canarios. arrulhos e chilros taes nunca se ouviram em maior auge de perfei-

---

Um mestre Nicolau foi encarregado da porta principal, e um Filippe Henriques duma outra parte.

Domingos Guerra, João Gonçalves e Rodrigues Affonso foram empresários ou arrematantes de capellas.

Leonardo Vaz encarregou-se do refeitorio. Fernando Formosa, da sachristia: Francisco de Benavente das columnas, e Rodrigo de Ponterilha, do portal da salla do capitulo e do da egreja.

ção, excepto no paraiso de Mafoma: nem faltavam as *huris*, por quanto num esconderijo, que se dilatava para dentro da clausura, detraz duma rotula soffrivelmente larga, estava sentada uma fileira das mais amaveis donzellas, que eu tenho visto: seus olhos de feiticeira meiguice parecia adquirirem nova fascinação naquella mysteriosa especie de crepusculo, luzindo atravez tão duplicado ralo d'arame.

De quando em quando os passaros, de nenhum modo intimidados pelos predatorios relances d'olhos do padre Theodoro, violavam o santuario, e pousavam nos collos alabastrinos, sendo recebidos com milhares de caricias pelos anjos deste pequeno e retirado Eden, que tão refrigerante parecia, e que pelo seo religioso socego formava notavel contraste com o turbulento mundo cá fora, e sua rutilante athmosphera de maneira que não pude reprimir-me e exclamei: Oh quem me dera azas como a pomba que voasse atravez dessas grades, e lá repousasse para sempre».

Desnecessario é referir que passamos meia hora deliciosa fallando de musica, flores e devoção com as meninas; quasi nos ia esquecendo a promessa de ouvir cantar Scarlati, cujo pae d'origem italiana, antigo capitão de cavallaria, reside não mui longe do convento da Visitação.

Lord Beckford esteve em Belem no dia 12 de junho de 1787.

Diz nos o conde de Rackzynski que o quadro do refeitorio é de grande merecimento, e que os quadros de Campello no altar mór teem estylo grave e historico, mas que a vida de S. George na Sacristia não é grande cousa.»

El-rei D. Manuel vendo como o assento e sitio de Santa Maria de Belem, assim por ser na praia, e perto

da cidade, como porque ao logar vinham aportar e ancorar muitos navios, assim de estrangeiros, como de nacionaes, e por isso era local apto para nelle se erigir um mosteiro, em que podessem estar alguns religiosos, que devotamente ministrassem, fizessem o officio e culto divino, e agasalhassem os pobres estrangeiros, confessando-os e dando-lhes os outros sacramentos, resolveu de haver a si uma ermida fundada n'aquella praia pelo grande infante D. Henrique para offertar aos mareantes os soccorros espirituaes, e doada pelo infante á Ordem de Christo, dando por escambo a esta ordem uma casa mayor que fôra synagoga dos judeus, situada onde tinha sido n'outro tempo a Judiaria Grande, que então chamavam Villa Nova, correspondente ao logar, onde se ergue hoje a egreja da Conceição Velha. E aos 22 de dezembro de 1498 fez doação á ordem de S. Jeronymo do referido logar [1] de Belem com seu pomar, cercado de muro, e casas conjunctas, que estavam começadas a edificar, e bem assim d'uma morada, que ficava proxima do chafariz visinho, declarando fazer a mencionada doação com todas as entradas, sahidas, logradouros, aguas e pertenças com que eram possuidas pela Ordem de Christo. Tudo com intenção de ahi fundar um mosteiro d'aquella Ordem, cujos religiosos seriam obrigados para todo sempre a uma missa diaria por alma do infante D. Henrique, *fundador do dito logar*, e assim pela de elrei e seus successores, com clausula expressa de que «quando o sacerdote fosse ao *Lavabo*, se voltasse para os fieis dizendo em alta voz: Rogai a Deus por alma do infante D. Henrique, primeiro fundador d'esta casa, e

[1] Panorama, vol. VI pag. Anno de 1842.
As obras de Belem começaram a 6 de janeiro de 1500, V. Rackzynski, I. pag. 230.

por a de el-rei D. Manuel, que a doou á nossa ordem.»

Além disto impoz a todos os religiosos a obrigação de dizerem para sempre no fim de matinas e completas a oração—*Deus qui de Beatae Mariæ Virginis utero*, etc., commemorando expressamente o doador ao archangelo S. Miguel e ao doutor maximo S. Jenonymo. O que sendo acceite pelos religiosos da Ordem, lhes foi dada a posse dentro da capella do sobredito mosteiro, começado a 21 d'abril de 1500. Fez tambem a favor do mosteiro cedencia da vintena do dinheiro das partes da Mina, e das mercadorias e cousas que vinham da India. Eis porque passou em 12 de novembro de 1511 um alvará mandando para as suas obras entregar a Lourenço Fernandes, cavalleiro da Casa Real, cincoenta quintaes de pimenta.

A 16 de dezembro do anno seguinte um outro recommendando o pagamento da vintena, que lhe pertencia cobrar na casa da India; e de 9 de maio de 1513 ordenando que para as ditas obras se dessem da mesma casa quinhentos quintaes da mencionada especiaria, que então obtinha em Flandres subido preço.

No seu testamento deixou o rei encommendado que, em quanto o mosteiro se não concluisse, não se fizesse cessar esta renda, e que antes, pelo contrario, se augmentasse, sendo preciso.

El-rei D. João III, por alvará de 23 de maio de 1529, fez ao convento a esmolla de 25 moios de trigo.

Foi o edificio progredindo, e cada vez com maior perfeição na esculptura, pois no debuxo e mão d'obra vê-se no claustro mais primor do que no corpo da egreja. Não coube, porém, ao fundador o ter a satisfação de o ver findo. Deixou o dormitorio apenas em começo com a recommendação de que se concluisse com o esmero

correspondente. Egualmente incumbio aos desvelos do seu successor a abobeda do cruzeiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já o architecto d'el-rei D. Manuel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra d'ellas o principal engenheiro. [1]

Em 1553, porém apparece já o nome de Gaspar Dias, a quem el-rei manda pagar despezas.

Quasi toda a frontaria do mosteiro voltada ao sul é de pedra calcarea rija (lioz).

Apresenta ella essa côr sombria dos seculos (pag. 74) essa fronte tisnada, de que Murphy, com tanta razão exalta a belleza do mosteiro da Batalha, como n'este de Belem e torre de S. Vicente, visinha e contemporanea certo tisnado na côr tirante a vermelha, procedente da incrustação que toma a pedra, quando em contacto com ar atmospherico.

---

[1] João de Castilho, sectario do renascimento, e depois neophyto da restauração classica, foi em Portugal o architecto ambulante. Mandado por el-rei D. Manoel a Alcobaça para arranjos do andar superior do claustro de D. Diniz, da sachristia e da casa para os livros, ahi se achava no anno de 1520. No anno de 1530 dirigia as obras da Batalha. No de 1540 estava em Mazagão. Em 1550 achava-se em Thomar, onde parece que era fallecido em 1560. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida, de seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra d'Ançã da Sé Velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como ahi se vê, não pódem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido a seita dos restauradores. Em 4 de julho de 1527 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de Matheus Fernandes, filho. Tratava-se de proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jazigo d'el-rei D. Duarte, D. Affonso V e D. João II, etc. Id. id. pag. 60.

De cinco partes distinctas se póde reputar constante esta frontaria meridional: a saber—primeiro da caixa da capella-mór, de architectura moderna: segunda, da do cruzeiro: terceira do lanço mais nobre e melhor lavrado, correspondente ás naves e torre: quarta, do vestibulo moderno, ou excrescencia informe: quinta da extensa habitação sobre arcaria, sustentada a curtos espaços por botareus.

A parte exterior da capella mór mostra bem o que ella será por dentro.

A simplicidade classica acompanha as paredes exteriores, cuja união com as do cruzeiro nem ao menos se fez bem.

Não ha um gigante, não ha um ornato sequer que faça ao menos este pedaço condizer com o edificio.

Uma balaustrada simples sustentada por meio de caxorros guarnece exteriormente o telhado, sobre o qual em correspondencia do presbyterio, ficam dois cupulins, a modo de guaritas, aos quaes do interior se chega por escadas de caracol.

Toda esta obra foi, sem duvida feita por Diogo de Torralva, que em 1551, em que ella se acabou, era o architecto do convento.

N'esta epocha foram para alli trasladados os ossos d'el-rei D. Manoel e de sua segunda esposa.

A caixa do cruzeiro não desdiz do gosto da architectura.

Superiormente é cercada de uma cimalha caxorrada, e a meia altura partida por uma faxa de arabescos, que continua para os lados.

Por cima d'esta se fez modernamente um rasgamento circular tapado até ao meio, e nada em harmonia por falta d'ornatos.

Este rasgamento não chega a ser um remendo, é um buraco.

O exterior das naves e torre é o pedaço da frontaria do edificio mais digno d'admiração, e muito especialmente o que diz respeito ao nobre e magestoso portal.

Fica este entre dois soberbos botareus, cuja fórma desapparece com os lavores e nichos, columnas e estatuas de que são ornados.

Apezar de que a arte e o esmero de construcção empregado n'este portal lhe dê o primeiro logar, com tudo não póde ser a porta principal. [1]

Dentro do espaço que comprehende um grande arco de volta inteira, todo bem cinzelado e com boas esculpturas de meio relevo (algumas das quaes parecem estar embutidas) se abrem dois vãos de volta muito achatada, tendo entre si um pilar acompanhado de columna, cujo capitel serve de peanha á estatua, que representa a effigie do infante D. Henrique, em corpo inteiro vestido d'arneiro, grevas, e de cotas d'armas.

Aos lados, e no mesmo nivel veem-se em nichos os doze apostolos, tambem de pedra e do mesmo tamanho.

Por cima do remate da guarnição exterior do arco maior acha-se uma grande imagem da Senhora dos Reis, cuja é a invocação d'esta egreja.

Está á sombra d'um magestoso baldaquim, que guarnece superiormente uma fresta ou janella que fica sobre a porta, com seu pequeno nicho habitado em cada bombreiral.

Aos lados d'estas janellas se veem outras doze estatuas de santos menores de que as debaixo, mas tambem como estas em nichos coroadas de baldaquins.

---

[1] A porta principal foi encontrada posteriormente.

Segue-se na parede, e no fim do botareu, um como retabulo ou caixilho alto e esguio, que envolve duas frestas, das quaes a superior, pelo vão que não está tapado a pedra e cal, dá luz para o côro, e a inferior para a parte da egreja que fica por baixo d'este.

Vem depois a torre do relogio, que, como está, devia servir de base a um coruchéu, com dois frestões como os precedentes, dos quaes o debaixo dá luz para uma capella, e o de cima para a casa do relogio.

Os dois angulos da torre rematam em pinnaculos, por detraz dos quaes fica a grinalda de pedraria, que guarnece toda a extensão das naves, tendo espaçados nove acroterios, dos quaes só dois estão arrematados; um d'elles — o segundo começando da torre, com uma esphera armillar..

A posição da dita grinalda proxima ao cruzeiro é mais elevada, e tem em cima lizes, d'essas chamadas metas por fr. Luiz de Sousa, e que alguns inglezes denominam flores de *Tudor*. [1]

«Grande numero de probabilidades (diz uma recente publicação litteraria) andam apostadas em demonstrar que quem deu o plano para a construcção do edificio foi mestre Boutaca, artista distinctissimo, apreciado e tido por um grande engenho tão luminoso, de uma imaginação tão alevantada e de um criterio tão subtil, que el-rei D. Manuel lhe mandou abonar uma tença de 8$000 réis annuaes, como recompensa de seus meritos e serviços em alvará de 1498: exactamente a epocha em que adquirio os terrenos para a erecção do monumento que já trazia na mente.

«Se estes argumentos não bastassem ha um que valen-

---

[1] É mister derribar a capella mór do templo dos Jeronymos, e erigir uma outra em harmonia com o corpo da Egreja.

temente o corrobora, e é o haver-se descoberto um medalhão com o busto do mestre Boutaca, na face interna do lado do Evangelho, á entrada do cruzeiro, no sitio onde existe o moderno pulpito (pulpito que desappareceu felizmente).

Um dos degraus da escada, que a elle conduzia, encobria o precioso retrato, hoje felizmente visivel, graças á disvellada sollicitude do archeologo o sr. Possidonio, que apertadamente instou para que o deixassem remover a escaleira, a fim de poder tirar a feição do busto, obrigando-se a mandar collocar depois os degraus no logar proprio. D'ahi por diante ficou o busto patente. E appareceu elle estampado no vol. III do Occidente, pag. 40.

Na cimeira fica em egual correspondencia de balaustrada do telhado o archanjo S. Miguel.

Para os lados veem-se dois festões ou janellas altissimas e com eguaes hombreiras de lavor entresachado, tendo a cada lado em meio relevo dois fustes, como de supporte, findando em agulha.

Ao mestre Boutaca succedeu o engenheiro Diogo Terralva, que em 1551 era o architecto do convento, dirigindo as construcções até 1553 ou 1554.

A elle se deve a terminação do claustro e do cruzeiro, faltando apenas fechar-lhe a aboboda. Esta é ainda mais digna d'admiração que a da casa do capitulo da Batalha.

É a segunda menos abatida, e tem uma superficie de 348 metros quadrados, emquanto que a primeira mede uma area de 1768 metros quadrados, sem que a sustente uma só columna.

Na collecção das obras portuguezas do sabio bispo de Miranda e de Leiria D. Antonio Pinheiro, pregador del-Rey D. João III, feita por Bento José de Souza Fa-

rinha, impressa em dois volumes no anno de 1784, encontra o leitor muita cousa relativa a Belem.

Tem em primeiro logar o Summario da pregação funebre na trasladação dos ossos del Rei D. Manuel e da Rainha D Maria e de seus filhos e netos.

Tem depois a trasladação dos ossos d'el-rei D. Manoel e da rainha D. Maria: pregação na egreja de Belem em 15 de julho de 1574 na occasião de se benzer a bandeira que levou o senhor D. Antonio, quando partiu para Tanger.

Nunca este convento, porém, pertenceu ao numero d'aquelles que se tornavam notaveis pelo beaterio.

D'isto houve por lá muito pouco, em todos os tempos.

E até mesmo a respeito d'este mosteiro dos Jeronymos se encontra uma passagem bem notavel na obra intitulada Memoires du comte de Forbin, vol. I. pag. 54, Marseille, 1781.»

«Durante a residencia que fizemos em Lisboa, visítamos a famosa abbadia de Belem, e n'ella admiramos a magnificencia dos tumulos dos reis de Portugal, varias obras em marmore de mui grande valor, os vastos aposentos que formam o mosteiro, e os jardins que são os mais bellos do reino.

O prior fez-nos mil caricias depois de lhe havermos gabado a belleza d'esta residencia, nos lhe fallamos acerca dos religiosos que n'ella habitavam.

Ai de mim! senhores, exclamou elle suspirando. Este mosteiro está bem decahido do seu antigo esplendor, e está bem longe de ser o mesmo que eu vi n'outro tempo!

Quando eu era n'elle religioso ainda novo estava estabelecido, e a isto nunca se faltava, que uns trinta dos nossos sahissem todas as noites armados com um pu-

nbal e uma espada com o fim d'irmos á cata d'aventuras; agora este fervor religioso tem afrouxado muito, e a tal ponto que apenas se encontram uns dez ou doze que não tenham degenerado, e que trilhem as pegadas de seus antepassados.

A um tal discurso olhavamos uns para os outros, não sabendo se elle fallava seriamente, ou se queria rir.

Conduziram-nos para uma sala magnifica, onde achamos uma mesa mui bem servida.

Assentamo-nos a ella com aquelles bons padres, que foram a seu turno regalados com uma excellente symphonia, que trouxeramos comnosco, e que não cessou de tocar durante toda a refeição.

Siguensa refere que a rainha D. Catharina mandara fazer a capella mór, como hoje a vemos, porque a primeira era pequena e pobre, e differentes memorias dizem que o risco foi de João de Castilho: [1] um manuscripto do convento affirma que a dita capella foi obra de João de Castilho e de Antonio de Real.

Mui acanhada devia ser a primeira capella, porque a que se fez de novo, é ainda pequena.

Emquanto a ser pobre a primeira parece que, se o cruzeiro foi obra de João de Castilho, deveria seguir o mesmo estylo na capella-môr.

Em 1522 fazia elle a abobada e os pilares do cruzeiro: mas seria apenas empreiteiro obrigado a um risco determinado, ou seria o risco seu? O documento a que allude Varnhagem diz que — se lhe davam mil crusados por conta da empreitada novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro:

---

[1] Ribeiro Guimarães: Summario de Varia Historia, vol. III, pag. 25.

não será, pois, arriscado suppõr que João de Castilho se incumbiria de executar o risco do outro.

O que parece é que o estado aproveitou-se da arcadas, e desde 1763 nunca mais pagou aquella renda, ou apenas pagaria alguns annos por muitas sollicitações dos frades.

Ainda nos ultimos annos os armazens eram arrendados a particulares.

A custodia de ouro, feita do primeiro oiro da India, e dada aos frades por el-rei D. Manoel, está no throno da casa real.

A magnifica Biblia guarda-se na Torre de Tombo.

A cruz grande de prata, admiravel typo de esculptura dos ultimos annos de seculo XV, ou dos primeiros do seculo XVI, dada ao convento por el-rei D. Manuel, existia na casa da moeda.

O cofre para deposito da quinta feira maior, de bronze com preciosos baixos relevos de prata, dadiva da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, tambem estava na casa da moeda.

Os livros de coro, segundo se diz, illuminados por Francisco de Hollanda e que eram escriptos em pergaminho, avaliados em deseseis contos, foram destribuidos pelos alumnos da Casa Pia, e por todos quantos quizeram aproveitar-lhes as primeiras folhas. E isto pouco depois da extincção dos conventos.

O sacrario, chapeado de laminas de prata ricamente lavrada, ainda permanece no seu altar mór, mas foi roubado nos primeiros annos depois da extincção das ordens regulares, achando-se por isso incompleto, posto que em mui pequena parte.

Lá está ainda a formosissima imagem de S. Jeronymo, feita de porcellana, e que, conforme consta, foi feita em Florença, em tempo d'el-rei D. Manuel.

Não se póde ver cabeça mais bella, nem mais expressiva, e quanto mais se fitam os olhos nella, maior é a illusão; fascina verdadeiramente.

O paramento vermelho, dado ao convento pela rainha D. Catharina. e por ella, segundo a tradicção, bordado na maior parte ainda está na sachristia.

E' de riquissimo brocado, como hoje se não fabrica. A capa magna tem uma orla formada de varias figuras á maneira dos pannos de raz, porém com muita maior delicadeza. No seu genero, é talvez, uma das cousas mais notaveis que se conhecem.

Só um frontal mandado fazer pela communidade importou n'um conto e duzentos mil réis.

Ha um bello frontal para o altar da Senhora de Belem, feito em 1816, magnificamente bordado, e com desenhos do melhor gosto.

Em quanto á capella mór, livre de quaesquer peias, poderia então entregar-se completamente ao novo estylo que ia vencendo e subjugando o gothico. A transicção é rapida do cruzeiro para a capella mór.

E' certo que era uma innovação, que naturalmente arrastaria após si, até os espiritos mais cultos pela influencia da moda.

Mas, para quem queria substituir a pequena e pobre capella-mór que primeiro se fizera, não foi feliz no traço novo, por ser acanhada para tão amplo templo, e pobrissima na invenção.

Desde longa data costumava a communidade do mosteiro de Belem arrendar os armazens da arcada por baixo do dormitorio.

Já em 1684 ali houvera um incendio, occasionado pelo fogo que pegou nos brins e linhos que o assentista ou fornecedor Domingos Gomes d'Abreu arrecadava em alguns d'aquelles armazens.

O mosteiro arrendava então a parte da arcada, de que não carecia, para as suas officinas, não só a fornecedores das armadas, mas até a outros particulares.

Foi em 1722 que a tanoaria real se estabeleceo na arcada de Belem, occupando um terço d'ella, pelo que pagava 144:060 réis de renda, e que sempre pagou até 1763. Em 1756, tambem a alfandega occupou uma parte da arcada, e d'ella pagava renda ao mosteiro.

Ali estavam tambem os armazens de Guiné e India.

Em 1814 representou a communidade ao governo, que a real junta da marinha lhe era devedora da quantia de 8:050$000, porque desde 1763 com difficuldade se tinham feito alguns pagamentos das rendas, e accrescentava a communidade que muito carecia d'aquella somma, porque tinha de mandar reparar os estragos que as tropas inglezas haviam feito em todo o mosteiro, quando nelle estiveram aquarteladas, e nos cinco annos em que do mesmo modo esteve o hospital britannico, estragos que foram avaliados em dez contos de réis.

A communidade mais tarde cedeu da divida proveniente da renda dos armazens, e pediu que dahi em diante se lhe pagasse regularmente, o que não aconteceu.

E' evidente que as arcadas estavam fechadas já de ha muito, porquanto, se em 1681 arrendavam os armazens, é de crer que os rendeiros os quizessem fechados para guarda dos objectos armazenados, e estes arrendamentos deviam ter começado muito antes d'aquelle tempo.

Ha tambem uma custodia de prata sobre dourada com excellentes lavores, e que deve ser obra do seculo XVI.

O orgão do lado do Evangelho foi feito e acabado em 1781 por Manoel Machado Teixeira de Miranda; e o do lado da Epistola pelo mesmo organeiro, á custa de D. fr. Diogo de Jesus Jordão, bispo de Pernambuco, o qual era frade d'aquelle mesmo convento, e foi acabado em 1789.

Tem, pois, o orgão do lado do Evangelho, 4:010 canudos, 37 registros de cada lado, ao todo 74, 12 registros de pé para os cheios. Tem 7 folles, e uma escadaria dentro da fabrica que sobe até á abobada, afim de com facilidade se poder affinar e limpar. A sua fabrica occupa todo o espaço até á sala dos reis, tendo portanto todo o fundo do coro.

Manuel Machado Teixeira de Miranda fez um livro volumoso em que deixou explicadas todas as combinações que se podiam executar com os 74 registos; mas esse livro, que andava junto com os do côro, foi do mesmo modo rasgado e inutilisado.

Como se vê, o orgão grande de Belem é uma fabrica magestosa, e affirmam as pessoas que o ouviram que tinha muitas e excellentes vozes, e especialmente os sons graves eram assombrosos, enchiam a amplidão d'aquelle templo. Frequentemente os frades o tocavam a quatro mãos, e então era de admiravel effeito, e nos cheios não tinha rival, nem mesmo o de S. Vicente ou de Mafra. [1]

O orgão que veio d'Inglaterra para a exposição do Porto tinha 50 registros, e 2:840 canudos, devia, por tanto, ter muito menos poder e grandeza instrumental que o orgão grande de Belem.

---

[1] Ribeiro Guimarães: Summario de varia Historia, Parte III, pag. 33.

*

* *

Ha na egreja de Belem duas curiosidades artisticas que provocam certo interesse, pela extravagancia do pensamento do artista, ou canteiro que as obrou.

Muitas pessoas costumam excitar a curiosidade de outros dizendo-lhes que na egreja de Belem ha, entre os ornatos dos pilares e columnas, um peixe e uma figura humana: não poucas teem perdido muito tempo á procura do peixe, e debalde, porque o peixinho está n'um recanto escuro e difficil de encontrar! A figura do homem mais facilmente se descobre, porque está bem á vista, mas deixa de se encontrar, por não se esperar no sitio onde está.

Vamos indicar aos curiosos como poderão descobrir o peixinho.

O côro é sustentado por tres arcos, correspondentes ás tres naves, e na direcção dos pilares d'estas, dois arcos transversaes ajudam a sustentar o côro, passando o arco central, quem entra pela porta que olha para o sul, na primeira columna do arco transversal da esquerda, e no recanto que fórma com a pilastra, e proximo, e por baixo do cordão, que divide a columna, acha o peixinho mui bem esculpido.

Já houve alguem que mascarrou a pilastra junto ao logar onde está o peixinho, naturalmente para não perder a lembrança d'elle.

Conhece-se que tem sido muito apalpado pelos curiosos, porque alli não ha sufficiente luz por estar polido e com uma certa côr suja.

Os pescadores, quando vão á egreja, não deixam de ir vêr o peixinho; e conta-se que n'outro tempo, iam

de proposito com certa devoção, a bem de suas pescarias.

Realmente foi uma excentricidade do canteiro pôr em similhante logar um peixe, que não tem analogia alguma com os ornatos das columnas; é por isso uma curiosidade.

A figura do homem descobre-se facilmente; entra-se pelo arco que sustenta o côro, correspondente á nave do lado da epistola, e á direita, na columna que vem a formar o arco, por cima do cordão que a devide, lá está mesmo em face do cruzeiro, uma figura de homem nua, e como que deitada n'uma especie de canelura, que é ornada com florões.

Todas as columnas dos arcos do côro são torsas; e teem como umas estrias ou cordões, ou como melhor se lhes deva chamar, ornadas com florões; em uma d'essas estrias, é que bem se descobre aquella figura. Pura extravagancia mesclar com os florões, e á similhanca de ornato, uma figura humana.

*

* *

O refeitorio é uma bella sala no estylo primitivo do edificio.

No topo vê-se uma moldura de pedra de lavor manuelino, e dentro d'ella um quadro que representa o Nascimento.

Produz um effeito magnifico, o quadro; e dá grande relevo ao aspecto da sala que foi construida ainda em tempo de D. Manoel.

Com o quadro do Nascimento praticara-se um grande vandalismo.

Mandaram entaipar o quadro, e substituil-o pelo que

representa S. Jeronymo, e é obra de José de Avellar Ribeiro; até a moldura de pedra estava occulta.

E só isto se descobriu quando o provedor José Maria Eugenio d'Almeida mandara proceder á limpeza do refeitorio.

Foi tirado o quadro, e viu-se que a parede não era ahi revestida de cantaria, como toda a casa, e no seu logar havia um revestimento d'argamassa, a qual appareceu dentro de uma moldura de pedra.

Mandou-se arrancar a argamassa, e por detraz se encontraram umas tabuas, e, arrancadas estas, achou-se um quadro pintado a oleo com estuque, porém muito deteriorado.

O quadro representa a Adoração dos Pastores.

*

* *

Doação da Casa de Belem aos Religiosos de S. Jeronymo, e escambo com a Ordem de Christo, pela Judiaria grande. [1]

Dom Manoel per graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné. A quantos esta nossa Carta de doaçam e perpetua firmidoem virem Fazemos saber que concirando nos como antre os outros Sacramentos sacrificio e culto divino he de maior excellencia e santidade e mais acepto ante nosso Senhor que nenhum outro e desejando nos de em nosso tempo o dito culto divino ser ampliado, acrecentado e honrado com quanta nossa possibilidade fôr segundo todo bom Princepe e Rei Ca-

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa: Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, vol. II. pag. 255.

tholico está em rezão que faça. E vendo nos como o assento e sitio de Santa Maria de Bellem que está huma legua apar desta nossa Cidade de Lisboa assy por ser na praya do mar e a cerqua da dita Cidade como por ser lugar a que vem aportar e ancorar muitas naus e navios e gente assy de estrangeiros como naturaes he logar apto e pertencente para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta em que possam estar relligiosos que devotamente menistrem e façam o oficio e culto divino, e agazalhem os pobres estrangeiros confessando-os e dando-lhes os outros Sacramentos quando lhes mester fezerem, e por quanto nos hora houvemos per via descambo o dito lugar de Bellem da Ordem de Christus, cujo o dito assento era pella casa grande que foi esnoga dos judeus no logar a que hora chamão Villa Nova que foi pollo passado Judaria grande, com sincoenta mil reis de renda per os foros de casas situadas dentro no dito lugar de Villa nova, o que todo assy demos á dita Ordem de Christus pello dito logar de Belem que hora da dita Ordem houvemos, a qual casa e renda dos ditos sincoenta mil réis val muito mais á dita Ordem do que valia e rendia o dito logar de Belem, segundo se mais largamente poderá ver pela escriptura do escambo que antre nos e a dita Ordem sobre o dito lugar de Belem se ha de fazer honde nos movido com zelo de bem fazer de nosso proprio moto poder absoluto e certa sciencia, damos e fazemos esmola antre vivos, valedoura doje para todo sempre ao provincial, frades e irmitaes do Bemaventurado S. Jeronymo, cujo devoto somos viventes sobre a regra de Santo Agostinho, e aos que depoz delles vierem que sob a dita regra viverem do dito nosso lugar de Belem, convem a saber do oratorio e irmida de Nossa Senhora Santa Maria de Belem com seu pumar assi como hora

está cerrado de muro, e com cazas que estam comjuntas ao dito pomar que estam comessadas de fazer, e bem assy huma casa de morada que está acerca do chafariz, na qual casa se hora faz venda, o qual assento nos assy damos com todallas entradas, sahidas, logradoiros, agoas e pertenças com que o nos houvemos da dita Ordem de Christus e per aquellas confrontaçoens com que de direito devem partir, e ao dito logar pertencem, e melhor se o elles melhor poderem haver para que no dito lugar se haja de fazer hum Moesteiro que seja da dita Ordem em que se possa perfeitamente admenistrar e devotamente fazer os officios divinos e darem outros quaesquer Sacramentos, e comprirem todo o mais que á dita Ordem pertence, a qual doação que lhe nos assy fazemos do dito logar de Belem é com tal entendimento e condição que os religiosos que pelo tempo estiverem na dita caza e Moesteiro sejão obrigados de em cada um dia para todo sempre dizerem huma missa na dita Igreja pela alma do infante D. Henrique, que Deos haja, fundador que foi do dito logar, e assi pela nossa e por nossos successores, segundo todo esto mais largamente se contem na Bulla que o nosso muy Santo Padre Papa Alexandre acerca dello nos hora outorgou, e porque concedeo de na dita igreja de Belem se alevantar mosteiro que fosse da dita Ordem de São Jeronymo com tanto que em cada hum dia os Religiosos que na dita caza estivessem dissessem para sempre a dita Missa como assima dito é, e quando se assy disser ao lavar das mãos o Sacerdote que a disser se volverá para a gente, e dirá em alta voz: Rogai a Deus pela alma do iffante D. Henrique primeiro fundador desta casa, e por a de El Rey Dom Manoel, que a dotou a nossa Ordem.

Item serão mais obrigados os ditos frades de dizer em

fim de todallas matinas e completas a oração de Nossa Senhora que diz *Deus qui de Beatae Mariae Virginis utero verbum tuum Angelo nuntiante carnem suscipere voluisti, presta suplicibus tuis ut qui vere eam genetricem dei credimus ejus apud te intercessionibus adjuvemur,* e por mais farão em fim de todallas matinas e completas comemoração especial per nos a Sam Miguel e San Jeronymo por bem da qual doação nos hora a largamos e demitimos de nos toda propriedade, posse, direito, e util senhorio, que nos no dito logar de Belem tinhamos, e queremos, e nos praz que todo doje por deante seja trespassado e trespasse na dita Ordem e frades della. e por esta nossa Carta damos logar e licença á dita Ordem, Provincial e Religiosos della, que por si e por sua propria authoridade possam tomar e tomem a posse autoal Real do dito logar e assento pela maneira que aqui é declarado sem para ello lhe ser necessario outra mais nossa licença nem de nossos officiaes e justiças, por quanto queremos e havemos por bem e serviço de Deus e nosso que assi se faça, e o Provincial da dita Ordem e frades della persentirem que a dita doação redundava em muito serviço de Deos e honra da dita sua Ordem o aceptaram com as condições assima ditas, e se obrigaram per si e pellos bens da dita sua Ordem comprirem todo como acima é conteudo, e por melhor memoria desta cousa mandamos dello fazer tres cartas todas tres de um theor das quaes quizemos e houvemos por bem que huma fosse posta na nossa Torre do Tombo, e outra tivessem os frades de S. Jeronymo e outra estivesse no Cartorio da Ordem de Christus em Thomar pelo que a dita Ordem toca. Dada em a nossa cidade de Lisboa a 22 de dezembro. Antonio Carneiro a fez. Anno de Nosso Senhor Jesu Christo de 1498.—El Rey.

Treslado da posse que se deu do Mosteiro de Belem aos Religiosos de S. Jeronymo por bulla Apostolica.

In nomine Domini. Saibão quantos este publico estromento de publicassão e de posse virem que no anno do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos, aos 21 do mez de abril dentro da capella do sobredito mosteiro de Santa Maria de Belem conteudo em este sobredito processo, estando hi o dito senhor Pero Gonçalves Provisor do dito Reverendissimo Senhor Cardeal, depois de sua mercê ter aceitado o dito rescripto apostolico no sobredito processo inserto, e depois de assi ter a requerimento dos ditos padres e frades desernido o dito processo segundo em sima faz menção, logo hi em sua presença, e em presença de mi notario e testimunhas ao diante nomeados pareserão os devotos padres, convem a saber—os sobreditos frei Pedro da Guarda, que hi estava per prior do dito mosteiro de Santa Maria de Belem que assi fôra erguido de novo, e frei Martinho per vigario, e frei Jeronymo, e fr. João da Sertam, e fr. Bartolomeu de Possas, fr. Affonso e fr. Gonçalo e fr. Alvaro Sãochristão, todos frades da dita Ordem de S. Jeronymo dos Eremitas sob a regra ds Santo Agostinho, e logo per elles todos em seus nomes e de toda a dita sua Ordem foi requerido ao dito senhor provisor e juiz apostolico, que, pois elle já tinha eregido e tornado o dito eremiterio de Santa Maria de Belem, em mosteiro da dita sua Ordem, segundo lhe per nosso Senhor o Santo Padre era mandado, e segundo no sobredito seu processo por elle desernido continha, que elles lhe requerião da parte do Santo Padre que em cumprimento dos ditos mandados apostolicos que elle pela dita autoridade Apostolica os mettesse logo pois o nosso Senhor hi trouxera, de posse do dito mosteiro, segundo per elle e seu processo era mandado, e visto pelo dito Senhor seu re-

querimento com o dito processo, logo por elle os ditos padres e frades foram metidos de posse do dito mosteiro per esta guisa que se adiante segue.

Primeiramente elle dito senhor provisor tomou, e o dito fr. Pedro, prior pela mão, e os outros frades todos com elle, e todos levou á Igreja, e lhe deo della hi a dita posse, e desbi os levon ao dormitorio e ao refeitorio e á cosinha, e desbi ao pomar que está serrado das portas adentro, dando-lhe em cada um dos ditos logares posse delles, e per este auto disse tanto que assi o acabou de fazer que elle dava, e havia per dada, como de feito logo deo, e concedeo auctoritate apostolica aos sobre ditos frades e padres, e á dita sua Ordem em pessoa d'elles a posse do dito mosteiro de Nossa Senhora de Bellem, Real, autual e corporal, com todos seus dormitorios, refeitorios, campanario, e campam, e hortas, e com todas suas pertenças e direitos e rendas e cousas que ao dito eremitorio e mosteiro era eregido, de direito pertencião, e de direito deviam e devem pertencer, assi do que ora no dito mosteiro ora estava feito como de todo o mais, que se nelle edificasse, fizesse e ampliasse, e esto todo, assi e da maneira e com os encargos e limitações pelo dito nosso Senhor e S. Padre e sua letra apostolica a elles e a sua Ordem concedidos, e dados e assinados e outorgados, e per elle dito Senhor Provisor e seu supra proximo processo, declarado, emendado, e de outra guisa não, e logo pelos ditos padres e frades foi dito que elles pelo sobredito modo, e com as ditas limitações e encargos se avião assi, e a dita sua Ordem por metidos e envestidos na dita posse do dito mosteiro deste dia para todo sempre, e pediam ao dito Senhor que, assi lhe mandasse de todo, e hum e quantos instromentos de posse lhe comprissem, e o dito Senhor Provisor lhes mandou dar, e eu no-

tario lhe dei estas testemunhas que a todo foram presentes os sobreditos, e João Rodrigues e James da Fonseca, moradores na dita cidade de Lisboa. E eu Joannes Fernandes, beneficiado na dita Sé de Lisboa e notario apostolico autoritate apostolica, que a tudo com as ditas testemunhas juntas fui, e este pubrico estromento per minha mão escrevi o qual o dito Senhor executor apostolico do dito caso aqui neste pergaminho ao pé do dito processo mandou assi fazer per tudo ir debaixo de seu sello que elle aqui mandou pôr.

«Gaspar Galletti, publico notario apostolico, e abbreviador da legacia de Portugal, certifico que a posse acyma e atraz escripta, foi bem e fielmente tresladada de verbo ad verbum do proprio original, a que me reporto, que ficou em poder dos religiosos do Real Mosteiro de Nossa Senhora de Belem da Ordem de S. Jeronymo, com o qual o dito treslado concorda: em fé do que fiz e assinei este com meu sinal publico em Lisboa, aos 13 dias do mez de fevereiro de 1626 annos. *Rogatus et requisitus.*

G. G.

El-rei D. Manoel escolheu para sua sepultura o mosteiro de Belem, da Ordem de S. Jeronymo, e por isso ordenou em seu testamento que enterrassem seu corpo na referida egreja quando estivesse acabada, o que assim se cumprio. Assim como tambem el-rei D. João III da Madre de Deus, onde estiveram em deposito, mandou para Belem os restos mortaes da rainha D. Maria, sendo esta trasladação dirigida pelo secretario Pero d'Alcaçova Carneiro.

A porta travessa é bipartida [1] com uma columna de

[1] Abbade Castro: Descripção do Real Mosteiro de Belem. Lisboa. 1840. 2.ª edição, pag. 17.

muitos lavores com delicado pedestal e capitel, sobre o qual se vê a estatua do infante D. Henrique, vestido com arnez e grevas, e em cima do arnez uma dalmatica, onde se veem tres escudos reaes sobre a cruz d'Aviz, accompanhados do banco de pinchar, tendo na extremidade da dalmatica varios emblemas, como as armas da cidade de Vizeu, de que era duque, espheras armillares etc., na mão direita empunha a espada e com a esquerda aponta para as armas da cidade do Porto, onde nasceo: e junto ao pé esquerdo tem o elmo com viseira e coronel; formando este portico um grupo o mais bello não só pelos seus differentes desenhos, como pela architectura, bom gosto e symetria que nelles se observa.

No frontão da portaria principal estão gravados os seguintes disticos, compostos no reinado d'el rei D. João III pelo mestre André de Resende:

Vasta mole sacrum Divinae in litore Matri
Rex posuit Regum maximus Emmanuel
Auxii opus heres Regni et pietatis uterque
Structura certant, relligione pares.

Entrando esta portaria se dá com um vestibulo onde, do lado direito, fica a porta principal da egreja, que é d'um só arco, em circumferencia do qual se observa uma bella esculptura na cantaria que o fórma, representando o nascimento de Christo, a Annunciação de N. Senhora, e a adoração dos Reis Magos, com outras figuras, como a de S. Jeronymo.

Do lado esquerdo está uma estatua representando, de joelhos, el-rei D. Manoel, e do direito, outra da rainha D. Maria, castelhana, sua segunda mulher.

Fica-lhe fronteira a capella de N. Senhora do Vencimen-

to onde tinham seu jazigo os irmãos dos Passos d'esta egreja; e na frente da entrada está a porta do mosteiro, pela qual se sobe por dois degraus, e no frontão da mesma se acham esculpidos os seguintes versos latinos:

Extitit Alcydes gentis dominator iberae
Froenavit Caesar gallica regna jugo,
Rex pi.os Emmanuel victor supereminet junges,
Solis adusq, ortum qui tolit imperium.

E aos lados das hombreiras, sobre umas pequenas janellas, ha dois bustos; um de Hercules, e outro de Julio Cesar, tendo por baixo pintados os seguintes disticos:

DEBAIXO DO BUSTO DE HERCULES

Hoc lapide ante fores, depicto Alcydis imago,
Regalis firmum dėnotat aedis opus.

DO DE JULIO CESAR

Caesaris, incisco praesens in marmore vulteis,
Induat augustae limina fausta domus.

Tem a egreja desde a porta principal, que abre para o poente, segundo a postura das egrejas antigas, até ao primeiro degrau do cruzeiro 225 palmos, e d'alli até ao primeiro degrau da capella mór 88: d'este ao do altar mór 70, os quaes juntos dão um cumprimento ao templo de 338 palmos.

A Egreja é de tres naves, em fórma de Cruz Latina, com 8 columnas de grande altura, que correm em duas ordens pelo centro da mesma, revestidas de differentes lavrados, com festonadas de flores, insectos, aves, con-

chas, peixes, etc., tudo de muita delicadeza (imitando os arabescos de Miguel Sanzio d'Urbino;) e como estam circumscriptos em logares identicos á columna fronteira, vistos obliquamente formam por sua variedade a maís agradavel e curiosa perspectiva.

Cada nave tem sua abobada: as abobadas, columnas e paredes são de cantaria, tão bem assente, e com tal cuidado, que difficultosamente se divisa nellas vestigio de betume ou cal.

A qualidade da pedra é lioz. O corpo da egreja tem 11 janellas entre grandes e pequenas: debaixo do côro estão duas capellas fechadas por balaustradas, uma de S. Leonardo, cuja imagem de porcelana foi presente do papa Julio II pelos annos de 1502, assim como ainda outras duas; e os quadros com reliquias que lhe adornam as paredes, os doou ao mosteiro el-rei D. Sebastião, os quaes foram da sua capella. [1]

Defronte d'esta está a do Senhor dos Passos, a qual é toda de talha dourada, com seus nichos apainelados, e emblemas da paixão de Christo.

Detraz da capella de S. Leonardo, está um sarcophago, mandado fazer por D. Pedro II, com destino para D. Affonso VI, o qual se não chegou a acabar;

---

[1] «As reliquias que andão em minha capella, porque não estão com a reverencia e decencia devida, meus testamenteiros as porão no mosteiro de Bellem em logar conveniente que para isso com o prior e padres do mesmo mosteiro, ordenarão onde estarão, para que os Reys meus descendentes e successores, as quaes é minha vontade que nunca as tirem de si e do mosteiro, e as mandarão levar quando lhe parecer que convém trazel-as comsigo, ou estarem em outra parte.»

Verba do Testamento d'el-rei D. Sebastião, feito em Lisboa a 13 de Junho de 1578, que affirma o abbade Castro, estava na livraria manuscripta da Casa de Cadaval, no liv. XIII dos Copiadores, pag. 141.

e junto ao degrau que sobe para o cruzeiro foi sepultado o patriarcha de Lisboa D. Francisco de Saldanha.

O cruzeiro é mui espaçoso, e tem cinco janellas grandes no alto das paredes lateraes, e sua abobada é surprehendente, a ponto de haver quem diga que Filippe II de Castella, o primeiro de Portugal, apenas levantou os olhos para a abobada d'este cruzeiro, parecendo-lhe impossivel que uma tal massa se podesse sustentar em suas columnas, apesar da prevenção que o dominava a favor do edificio de S. Lourenço do Escurial, (fundação d'este mesmo rei, em cumprimento d'uma promessa feita antes da famosa batalha de S. Quintin, onde os francezes foram derrotados pelos hespanhoes em 10 d'agosto de 1557) voltando-se para Christovão de Moura exclamou: *no hemos hecho nada en el Escurial!*

Quando os antigos mareantes (diz Edgard Quinet na sua notavel obra Mes Vacances en Espagne, Paris, 1847) depois de terem conquistado mundos, entravam no seu paiz, desembarcavam em frente do atrio do mosteiro de Belem, e era esta a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portugal, segundo a linguagem de João de Barros.

Corri para este sitio, unico sobre a terra, e ali vi um monumento d'uma sublimidade tão nova, tão original, que todo o pensar do povo portuguez me pareceu ali encerrado.

Não tivesse o terremoto deixado subsistir nenhumas outras ruinas, este novamente fallaria só, a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra.

No sitio do Tejo. em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, n'esta *praia das lagrimas*, como lhe chama João de Barros, que viu tantas sensações de receio, de esperança e de dôr, tantas

partidas, abraços e adeuses que se julgavam eternos, e regressos triumphantes, o rei D. Manuel mandou erigir um templo:

Sua architectura è gothica; mas o caracteristico do genio é ter ali misturado todos os caracteres da vida do mar—cabos de pedra, que ligam os pilares gothicos uns aos outros, altos mastros de mesena que sustentam as ogivas, os florões, as abobadas, em quanto a vela da humanidade se enfuna, no seculo XVI, debaixo da viração do Céu.

E' ainda a casa de Deus da edade media, mas apparelhada como um navio sahindo a barra.

Se entrardes no interior do claustro, já os fructos e as plantas dos continentes recentemente revelados, os cocos, e os ananazes, são colhidos e suspensos nos baixos relevos.

O espirito d'aventuras, de perigos, sciencia e descobrimentos, respira n'aquellas paredes mais que em nenhumas outras.

E' a impresssão d'esse momento inexprimivel de enthusiasmo em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro entoam de joelhos a *Gloria in excelsis Deo*, amainando as velas em frente das terras desconhecidas.

Aqui sereias gothicas nadam n'um mar d'alabastro; acolá macacos trepadores do Ganges se baloiçam nos cabos da nave da egreja de S. Pedro.

Os periquitos do Brazîl esvoaçam em torno da cruz do Golgotha.

Lagrimas correm sobre os brazões.

Ajuntai mappas mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados d'abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de cordas enroladas em volta das columnas e dos pilares, e vos conhece-

reis no mais insignificante pormenor, uma egreja maritima, a barca empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio das angustias do homem, cingra pacificamente, ficando os ventos para traz, sobre oceanos ainda não visitados.

Elephantes de marmore sustentam triumphalmente a urna funebre do rei D. Manuel, que presidiu á descoberta d'esta India: outros mortos jazem perto d'aquella urna.

Direis-vos serem os pilotos adormecidos debaixo da abobada abatida entre as duas pontes.»

Continuemos, porém, a descripção do mosteiro de Belem.

Ha no cruzeiro seis altares dourados e estufados [1] a saber: um de S. Jeronymo, o qual tem uma imagem d'este Santo, que é feita de porcelana, e de primorosa esculptura, cuja cabeça parece natural, imagem que foi dadiva do papa Julio III a el-rei D. Manuel; e os outros —de Santa Paula, de Nossa Senhora de Belem; ou melhor—Nossa Senhora dos Reis:—de Nossa Senhora da Estrella, tambem de porcelana, e presente do referido papa ao mesmo rei:—de Santa Eustachia, virgem, filha de Santa Paula: e a de Santo Antonio das Barbas, todos da mesmo ordem.

Nos lados d'este cruzeiro estão duas capellas. A que fica do lado do Evangelho é dedicada a Nossa Senhora do Rastello, e a outra da parte da Epistola a Nossa Senhora das Estrellas.

Cada uma d'estas capellas parece uma egreja, porque dentro de si contém cada uma outras nove capellas, quatro com altares e cinco com sepulturas. Teem ba-

---

[1] Abbade Castro: Descripção do Real Mosteiro de Belem. Lisboa, 1840, pag. 22. Ha outra edição estampada em 1837.

laustradas de bronze na entrada, assentes em um degrao de pedra que faz subida para o seu pavimento, o qual é de varios marmores quarteados. A largura do cruzeiro é de 220 palmos de altar a altar collateral, e na capella do lado do Evangelho estão os tumulos dos filhos d'el-rei D. Manuel.

O primeiro, que fica na frente, é o do cardeal rei D. Henrique, o Casto, com o seguinte epitaphio:

Hic jacet Henricus gemino diademate clarus,
Quod patrio sceptro purpura juncta fuit,
Conditur, et Regnum pariter cum Rege sepultum,
Ut foret imperii vitaque, morsque sui.

E aos lados delle estam dois altares com seus frontaes de pedra lavrada, representando dois quadros da vida de S. Jeronymo, havendo ali outros dois altares, que ficam nos vãos dos quatro tumulos, sendo um o do infante D. Luiz e de seu irmão D. Carlos, como se lê no epitaphio seguinte:

Magnus consiliis Infans Ludovicus, et armis,
Hoc silet augusto, morte jubente, loco,
Frater et hic Carolus, Caroli spes altera magni,
Ah nisi marceret flos ubi parturiit. [1]

Outro o de D. Fernando, e com este tambem seu irmão D. Antonio, o que se patenteia pelo epitaphio seguinte:

---

[1] Destes epitaphios foram uns compostos pelo bacharel Jeronymo Cardoso; outros pelo P. Manuel Pimenta, da Companhia de Jesus, fallecido no Collegio d'Evora em 1603: e o do cardeal rei D. Henrique, pelo 2.º conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes.

Hic necis imperio Fernandus subjacet Infans,
Mæcenas doctis, præsidiumque viris.
Ventris ab egressu dormitque Antonius Infans,
Ut pede, quam terram, tangeret astro prius.

No de D. Affonso, cardeal, sexto filho d'el-rei D. Manoel, lemos o seguinte:

Heu quot in Alphonso viduantur honore Tiarae!
Plorat Ulisipo, Roma, rubensque Toga.
Visenses pueri, quos ipse fide erudiebat,
Solaque congaudent aethera Cive suo.

Outro do infante D, Duarte, e com elle no mesmo tumulo a infanta D. Maria sua irmãa:

Claudit in hoc Infans Oduardus membra sepulchro,
Carptaque primaevo lacte Maria soror.
Jure Brigantinae Domui regnum ille poposcit;
Joannes quartus cælitus obtinuit.

Na outra capella, do lado da Epistola, estam os tumulos dos infantes, filhos d'el-rei D. João III—em um o principe D. Affonso, e com elle seu irmão, que foi jurado princepe herdeiro do reino, pela morte de seus irmãos.

O epitaphio é do theor seguinte:

Cernitur hoc duplici lacrymari Principe marmor,
Durior heu teneris marmore Parca tulit.
Ah! Puer Alfonsus latet hic sociante Philippo,
Proh Regum soboles, quam attenuata jaces!

Na mesma sepultura a infanta D. Isabel e sua irmã D. Brites, com o seguinte epitaphio:

Hic Isabella jacent, et Regia Virgo Beatrix,
Quas mors a teneris sustulit unguiculis.
Heu nullo una solet discrimine volvere nomen,
Audet, et heu verna, perdere turbo rosas.

Em outra D. Diniz e com elle tambem seu irmão D. Antonio, com o seguinte epitaphio:

Immatura Antonius et Dionysius Infans,
Morte sub hoc pressi marmore membra tenent.
At veluti Empyreum florum exornantia dono,
Gratus uterque suo vivit odore Deo.

Em outro o Principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião, com seu irmão o principe D. Manoel, como diz o epitaphio seguinte:

Hic patitur lethi Joannes vulnera Princeps,
Et puer, et Princeps proh dolor! Emmanuel.
Juannes uno multos hærede reliquit,
Unus pro multis namque Sebastus erat,

Em 1682 mandou fazer n'esta capella o principe regente D. Pedro um mausoleo para el rei D. Sebastião, para o qual foram transferidos os ossos que diziam ser daquelle desditoso monarca.

Fez-se isto ás portas fechadas e somente com assistencia dos conselheiros de Estado, dos officiaes da Casa, e dos monges do mosteiro.

Aberto o caixão que do Algarve fôra trazido por ordem de Filippe II de Castella e 1.º de Portugal, se acharam os ossos daquelle rei em um sacco de panno de linho atado com uma fita negra: e collocados com

toda a decencia em outro pelos conselheiros d'Estado, foi posto no mausoleu que o provedor das obras Henrique de Carvalho e Sousa, senhor da Azambugeira, mandou cerrar.

O secretarie de Estado D. fr. Manuel Pereira fez um termo da fórma como se acharam os restos mortaes de D. Sebastião, o qual assignaram os ministros d'Estado que estiveram presentes; e sobre o tumulo se lhe gravou o seguinte epitaphio, que tanto agradou aos sebastianistas:

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Libycis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

E no pavimento desta capella, um pouco mais ao lado direito, está uma sepultura quasi rasa, onde jaz D. Duarte, que foi arcebispo de Braga, filho illegitimo d'el-rei D. João III e de D. Isabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, terceira mulher d'el rei D. Manoel.

N'esta sepultura lemos o seguinte epitaphio:

Regia tantillo proles Eduardus humatur,
Nec Juveni voluit parcere Parca, loco.
Primatem, Dominumque electum Brachara deflet,
Quem virtus poterat reddere legitimum.

Tem mais duas capellas com seus altares, e nos respectivos frontaes, que são de pedra, estam representados em lavor outros dois passos da vida de S. Jeronymo; e em um d'estes altares se acha depositada a

rainha D. Catharina, viuva de Carlos II, da Grã Bretanha.

Teve este cruzeiro, na frente, uma balaustrada de bronze, que lhe servia de teia, como ainda alli indicam no pavimento os curvos do mesmo metal, sobre que corriam as rodeiras das meias portas.

D. João III cuidou logo em 1522 de mandar edificar a capella mór para desempenhar as recommendações de seu pai, sendo João de Castilho o architecto da mesma capella, a qual é de bellos marmores brancos d'Estremoz. Em torno a circunda interiormente um composto e proporcionado pedestal.

Tem quatro arcos com deseseis columnas grupadas e interpostas, com suas bases atticas e capiteis jonicos, suportando o seu competente entablamento. Sobre este assentam outras tantas columnas da ordem corinthia na prumada das debaixo, entre as quaes ha quatro janellas correspondentes á mesma architectura, e nestas columnas descança o ultimo entablamento donde nasce a aboboda, a qual é de pedraria de varias cores e apainelada.

O pavimento da capella é de pedras brancas e pretas em xadrez tendo uma balaustrada de marmore branco que a divide do cruzeiro.

O altar mór, para o qual se sobe por tres degraus, é de differentes pedras imbutidas. Os paineis do retabulo são 5: 3 da Paixão de Christo e 2 da adoração— obra do pintor Gregorio Lopes.

Detraz do altar mór está o Sacrario, que é de madeira chapeado de folha de prata, mui bem lavrada ao cinzel; representa na Porta Cœli em meio relevo a adoração dos magos, e aos lados tem columnas de varios lavores imitando folhagem, e sob a porta se lê esta inscripção: O Principe D. Pedro, que Deus guarde, deo

este Sacrario a este Real Mosteiro de Belem no anno 1667 [1].

Dentro dos quatro arcos que decoram a capella mór e que ficam entre as columnas, estam quatro sumptuosos tumulos, cujas urnas são de pedra de côres lustradas, e por distincção descançam cada uma sobre as costas de dois elephantes de pedra cinzenta, e teem estas urnas no topo almofadas, e sobre ellas coroas reaes abertas de metal dourado.

Esta capella mór foi fundada no anno de 1551, no qual para ella se trasladaram os ossos d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria.—*Castelhana*, sua segunda mulher, em 18 d'outubro: os daquelle da egreja antiga do mesmo mosteiro, e os desta do das religiosas franciscanas da Madre de Deos, onde se achavam depositadas.

No primeiro arco que fica junto do prosbyterio, da parte do Evangelho, está o tumulo do dito rei, com o seguinte epitaphio:

Littore ab occiduo qui primi ad lumina Solis
Extendit cultum, notitiamque Dei.
Tot Reges domiti, cui submisere thiaras,
Conditur hoc tumulo Maximus Emmanuel,

O licenciado André de Resende foi o author dos epitaphios dos tumultos d'el-rei D. Manuel e de sua mulher D. Maria, a Castelhana.

Está em o seguinte arco, junto a este tumulo, o da rainha D. Maria, com o seguinte epitaphio:

---

[1] Aquella legenda é mentirosa. Sabe-se com certeza que o monarcha que fez offerta daquelle sacrario foi D. Affonso VI.

Maria Fernandi Catholici Cast. Regis F. D.
Emmanuelis Lusit Regis P. F. invicti Conjux mira in Deum pietate insignis, ac
bene de Repub sempre merita.
H. S. E.

Da parte da epistola, em o arco que corresponde ao do tumulo d'el-rei D. Manoel, está a d'el-rei D. João III e tem o epitaphio seguinte:

Pace domi, belloque foris moderamine miro
Auxit Joannes Tertius imperium.
Divino excoluit Regno importavit Athenas,
Hic tandem situs est Rex Patriae Parens,

E logo no outro arco, junto a este, se acha o da Rainha D. Catharina, sua mulher, com o seguinte epitaphio:

Catharina Philippi I Cast. Reg. F. Joannis III
Lusit. Regis P. F. Invicti conjux, magni animi
et incomparabilis exempli Regina.
H. S. E. [1]

Debaixo do primeiro degrau que dá subida para esta capella mór jaz o architecto João Patassi, para onde o mandou trasladar Filippe II no anno de 1582, de pavimento da porta travessa sob que estava sepultado.

A sachristia é de figura rectangular com duas janellas grandes, e uma formosa columna ao meio, a qual

[1] O epitaphio de D. João III e o de sua mulher D. Catharina são obra do jezuita Manoel Pimenta.

por todos os lados que se observe, parece-nos que está um pouco inclinada para a parte opposta.

Em torno da sua base ha uma especie de credencia: o tecto é de laçaria de pedra de boa architectura.

Tem um altar na frente e bons caixões pintados de preto com frisos dourados, onde ainda se conservam muitos ornamentos de varias sedas, telas e brocados de toda a qualidade que o rei fundador ali amontoou, assim como um paramento para pontifical, mandado fazer por el-rei D. João III, que depois doou ao mosteiro, e serviu na primeira missa das exequias d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, sua segunda mulher, que é de tela rouxa com o savrasto de velludo preto, bordado de ouro, e alcachofrado de prata, mui rico de lavor e custoso: como tambem uma grande colcha encarnada de tela de ouro com muitos bordados, que serviu de cobrir uma tarimba que se collocou no meio do cruzeiro d'este templo, onde descançavam os caixões com os ossos d'el-rei D. Manuel, da rainha D. Maria e dos Infantes D. Affonso, cardeal, e D. Duarte, seus filhos, antes de descerem aos tumulos em que jazem, e a mesma colcha mandou el-rei D. João III que ficasse para o mosteiro.

Não é menos digno d'apreço um paramento de velludo carmezi, tecido com ouro, com o savastro bordado a matiz pela rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e pela sua camareira mór D. Philippa de Athayde, doado tambem pela mesma rainha ao mosteiro no anno de 1570.

As paredes da sachristia estavam revestidas de quadros dos passos da vida de S. Jeronymo, e muitos d'elles são obra de José de Avellar Rebello, artista que viveu no reinado d'el-rei D. João IV. E era tal a freguezia que tinha que chegou a ter uma rua de casas chamada Rua direita do Rebello, e hoje travessa do Pintor, na freguezia de S. Sebastião da Pedreira.

Ao lado esquerdo vê-se uma escada que leva para o claustro de cima, e em frente do altar uma outra que deita para o claustro de baixo, o qual é coberto com desafogadas e alegre varandas que se estribam sobre 24 arcos de pedraria, altos e espaçosos, todos de laçaria de muita axcellencia.

Tem este claustro quatro lanços, onde em cada um havia nm painel, e em tres dos ditos lanços um altar em cada um. Os paineis da Annunciação e da Assumpção de N. Senhora foram feitos por Fernão Gomes: o de S. Jeronymo é obra de Manoel Campello, e o do Senhor no Horto, de Gaspar Dias.

Logo que se entra no claustro do lado esquerdo, estão quatro bustos em meio relevo dentro d'uns medalhões, no meio das columnas que formam os arcos, que são os de Vasco da Gama, Nicolau Coelho, e Pedro Alvares Cabral, e sobre as portas, arcos e columnas se observam cruzes da Ordem de Christo, espheras armillares, escudos reaes, etc., e a letra inicial delrei D. Manuel, em caracter monacal.

N'este claustro estão as portas dos confissionarios, mettidas na grossura da parede que o divide da egreja, assim como a escada que sobe para o coro.

No centro ha um tanque de figura circular, com seu repuxo á maneira de chapeo de pedra sobre uma columna, e em torno d'elle assentos e alegretes, cercado tudo por um grande lago, servindo-lhe de communicação quatro pequenas pontes de lagedo.

A um canto corre da boca de um leão, uma bacia de agua, a qual cae n'um pequeno tanque lavrado, e deixando-o cheio, some-se, e vae por baixo da terra ao lago.

Acha-se ali bem a proposito esta fonte, porque fronteira lhe fica, a um canto do corredor do claustro, a

porta do refeitorio, o qual toma todo o cumprimento do terceiro lanço, onde está a dita porta.

O refeitorio é azulejado, com cinco frestas grandes e 17 mezas, a sua abobada é de laçaria de pedra, e sobre a mesa travessa da parte superior se acha introduzido na parede um quadro grande que representa o nascimento de Christo, pintado por Amaro do Valle, que floresceu pelos annos de 1616.

No mencionado claustro, junto á porta da sachristia, ha mais dois arcos, por onde se deveria entrar para a Casa do Capitulo, a qual se não chegou a acabar, e de que só existem as paredes.

Seu fundador havia destinado este local para as sepulturas dos reis, princepes e infantes.

O claustro de cima é egual em tamanho ao de baixo e n'elle, em o segundo lanço, existe a porta da Livraria que fica sobre a sachristia, tendo aquella uma columna ao meio e quatro janellas no alto da parede, das quaes duas grandes para o oriente, e duas pequenas para o occidente, e na frente da entrada se acha collocado um painel de S. Jeronymo, obra de José de Avellar Rebello.

Esta casa serve de aula de desenho.

N'este mesmo claustro havia antigamente Hospedarias sobre o Refeitorio com sete aposentos e uma grande salla para onde ia D. João III com os fidalgos com o fim de recreio, e alli se alojaram o principe de Mequinéz, no reinado d'el-rei D. Manoel, os filhos do rei do Congo e muitos mancebos nobres que com elles vieram com o fim de aprenderem a lingua e costumes dos portuguezes, um armenio, por nome Matheus, embaixador do principe, mancebo chamado David, o qual trouxe a el-rei como presentes algumas medalhas e um caixilho d'ouro com um pedaço do Santo Lenho.

Veiu tambem pelos annos de 1502 um embaixador de Veneza trazendo de presente ao rei de Portugal um lampadario de christal, o primeiro que veio a este paiz e vindo com o fim de pedir ajuda contra os Turcos, que lhe tinham tomado Modon, e se preparavam para lhes fazer guerra,

No reinado d'el-rei D. João III veiu tambem da Abyssinia um embaixador enviado por aquelle a quem chamavam o imperador David e os nossos lhe davam o nome de Grão Negus.

No reinado de D. João IV hospedaram-se em Belem os princepes palatinos Roberto, duque de Cumberland, e seu irmão Mauricio, filhos de Frederico V, conde eleitor palatino, quando a este reino vieram para se livrarem do almirante Blake que os perseguia com uma armada de Cromwell.

E ainda no reinado de D. João V certos embaixadores de um potentado na Ilha de S. Lourenço, os quaes vieram a Portugal com o fim d'offerecerem ao rei pontos do seu reino para n'elle mandar erigir fortalezas.

Sobre este segundo claustro está um eirado com alegre e dilatada vista, d'onde de uma parte se descobre a barra e as aprazíveis margens do Tejo: e da outra a cerca com seus pomares, capellas, officinas e terras. O corpo do mosteiro tem só um dormitorio, com 72 cellas. Remata o dormitorio com uma varanda sobranceira a um pomar, e cuja cupula é sustentada por oito columnas da ordem de rica architectura, sendo o desenho do architecto João de Castilho, e alli se vê uma bella fonte de jaspe, feita no reinado de D. João III, sahindo as aguas de golphinhos.

Todo o pavimento do dormitorio é de lagedo de Hollanda, e o tecto de bordo abaulado, e pela parte de fóra teve, sobre o entablamento, uma guarnição de

renda, cruzes da ordem de Christo, e diversas figuras nos botareos.

Na outra extremidade do referido dormitorio fica a grande sala dos Reis, assim chamada por ser guarnecida com os retratos dos reis de Portugal, com o tecto de talha almofadado e pinhas no centro.

O coro é bastante espaçoso, e contem 80 cadeiras de espaldar de excellente bordo muito bem entalhadas em figuras e ornatos, dando os vãos da porta superior logar a doze quadros que representam os apostolos, e mais dois sendo um de Santo Agostinho e o outro de S. Jeronymo (pinturas mediocres), e dois orgãos grandes, um d'elles com 1642 vozes, e a frente que deita para a egreja é uma balaustrada de marmore branco.

Sobre este côro fica a casa do relogio e a torre dos sinos.

No primeiro de novembro de 1755 resistio com firmeza este templo ao terremoto, mas ficando abalado, passados treze mezes cahio a abobeda do corpo da egreja, proxima ao côro, e se arruinaram alguns lanços, o que se deixava vêr nas columnas que o sustentavam pelas segundas pilastras que se lhes collocaram juntas para as fortalecer, fazendo-se ainda mais alguns concertos para o tornarem seguro.

A porta do côro fica em direitura ao dormitorio, em posição tal que, em certos dias, estando aberta a porta deste, e a que sae da casa dos reis, entra o sol pela varanda, e vai dar na porta do Sacrario. Segue-se á sala dos reis outra mais pequena com duas janellas, onde se vê um quadro grande feito pelo nosso artista Braz do Avellar, que floresceo pelos annos de 1510, que representa a Coroação d'espinhos a Christo, da qual sala se vai para a escada da portaria principal que consta de dois lanços de 18 degraus cada um, e terminam

em um patamareo, em cuja parede se acha um quadro grande do Senhor com a cruz ás costas, obra do mencionado Gaspar Dias, onde se lê o seu proprio nome: d'ali se desce outra escada de 19 degraos, que termina na portaria: nas extremidades dos parapeitos d'escada estam 4 leões, tymbre de S. Jeronymo de pedra, assentados, e cuja portaria é uma casa azulejada com o tecto de brutesco. [1]

O P. João Baptista de Castro diz-nos no seu Mappa de Portugal que a ordem moderna de S. Jeronymo se renovou em Portugal em 1355 pelo veneravel P. Fr. Vasco Martins da Cunha, de illustre ascendencia, que havia feita vido monastica eremitica na Italia em com-

---

[1] Durante a residencia que fizemos em Lisboa, visitamos a famosa abbadia de Belem, e n'ella admiramos a magnificencia dos tumulos dos Reis de Portugal, algumas obras de marmore, de grande valor, os vastos aposentos que formam o mosteiro, e os jardins que são os mais bellos do Reino. O prior fez-nos mil obsequios, depois de lhe havermos gabado a belleza d'esta residencia, fallamos-lhe dos religiosos que a habitavam.

Ai de mim, Senhores! exclamou suspirando, este mosteiro está bem decaido de seu antigo esplendor, e está bem longe de ser o mesmo que eu vi outr'ora. Quando eu n'elle ainda era frade novo, estava aqui estabelecido, sem que a isso jámais se faltasse, que uns trinta dos nossos sahissem todas as noites armados d'um punhal e d'uma espada para irmos á cata d'aventuras: agora este fervor guerreiro afrouxou de tal modo que apenas existem uns dez ou doze que não tenham degenerado, e que sigam as pegadas de seus antepassados. A um tal discurso olhavamos todos uns para os outros, não sabendo o que haviamos de responder, e não tendo a certeza de estar elle a fallar com seriedade ou de querer galhofar. Assentamo-nos com aquelles bons frades a uma mesa muito bem servida n'uma sala magnifica. Os frades tambem por sua vez foram regallados com uma excellente symphonia que tinhamos levado comnosco, e que não cessou de tocar durante a refeição.» Memoires du Comte de Forbin, chef d'escadre. Nouvelle édition. Marseille, 1781, vol. 1.º, pag. 54 e 55.

panhia dos monges do Santo Sepulchro, os quaes, vindo da Palestina no seculo x, e sendo derivados da Religião que o doutor maximo instituira em Belem da Palestina tinham fundado diversos mosteiros por toda a Italia.

Por morte de seu mestre passaram alguns monges para Hespanha e entre elles o veneravel fr. Vasco, todos com o pensamento de resuscitarem a Ordem de S. Jeronymo.

O P. Fr. Vasco no anno de 1355 veio para a serra de Cintra, e no sitio em que estava o convento de Penhalonga, fabricando cellas junto a uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, ali existente, viveo santamente com varios discipulos que se lhe aggregaram.

No anno de 1390 el-rei D. João I lhes comprou o sitio de Penha Longa, e lhes edificou o primeiro convento que tiveram no reino. Mandando porém o fundador a Roma o seu companheiro chamado Fernandianes para confirmação da Ordem, o papa Bonifacio IX, a approvou em abril de 1400, e deste anno se começa a contar a fundação dos conventos da fórma seguinte:

S. Jeronymo, em Penha Longa, 1400.
S. Jeronymo, do Mato, termo d'Alemquer, 1400.
S. Marco, termo de Coimbra, 1451.
Nossa Senhora do Espinheiro, em Evora, 1452.
Nossa Senhora de Belem, 1497.

«O infante D. Henrique, como catholico christão, em todos os portos d'onde ordinariamente as naus partiam, edificou casas d'oração, [1] em que tinha capellães pera administrarem os Sacramentos da Igreja áquelles que

---

[1] Damião de Goes: Chronica d'el-Rey D. Manuel, Parte I, cap. 53.

andavam n'estas viagens. Entre estas casas uma era da advocação de Bethelem no surgidouro de Rastello, uma legua da cidade de Lisboa, na qual, por ser logar d'onde mais naus partiram a fazer estas viagens, e tornavam, tinha certos freires sacerdotes, da Ordem da cavalleria de Christo, de que elle era governador e administrador. Desta casa tinha feita doação á mesma Ordem, com algumas heranças de pomares, fontes e terras que comprara para se manterem os freires, com encargo de todos os sabbados dizerem uma missa por sua alma, o que sempre se fez, e faz depois que esta capella se converteo no sumptuoso mosteiro, que no mesmo logar fundou el-rei D. Manoel depois que Vasco da Gama tornou da India, mandou abrir os alicerces ao redor desta capella, sobre os quaes se fez um dos grandes e magnificos edificios de toda a Europa, de que antes que falecesse deixou acabada uma grande parte.

As causas que moveram el-rei D. Manoel a fazer tamanha despeza, foi uma a grande devoção que tinha em Nossa Senhora, a cujo nome dedicou toda esta maquina, pondo-lhe o mesmo sobrenome que tinha de Bethlem: a outra por o logar em que edificava este mosteiro ser um dos frequentados de todo o mundo, de naus que nelle cada dia entram de diversas partes, para os que viessem, acharem nos religiosos consolação para suas almas e consciencias, recebendo n'elle os sacramentos da Egreja, e ouvindo os officios divinos que se n'elle fazem com muita solemnidade.

A terceira causa foi para no mesmo mosteiro fazer o jazigo e sepultura de sua real pessoa e da rainha D. Maria, sua mulher e filhos, posto que n'aquelle tempo ainda não tivesse nenhum. A egreja d'este mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa que está contra a praia é a mor e mais sumptuosa, na qual mandou pôr

em pé na columna do meio da porta, a imagem do infante Dom Henrique, primeiro author destas navegações, talhada de vulto em pedra, armado com cota d'armas, e a espada nua na mão, alevantada para riba, do qual modo se afiguram todos os reis e princepes que em pessoa se acharam em feitos de guerra, e n'elles foram vencedores.

A outra porta é a principal, posto que não seja tamanha como a da porta travessa por o causar uma formosa e comprida varanda de pedra talhada, que de sobre ella sae de longo caminho publico, até o cabo de todos os jardins e edificio d'este mosteiro. Sobre ella está o dormitorio dos frades. N'esta mandou el-rei pôr a sua imagem de uma parte, sobre os joelhos, em um setial, coberto de vestidos roçagantes: e da outra banda, tambem de joelhos a rainha D. Maria, sua mulher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados sam bem ao natural.

Defronte d'este edificio mandou el-rei fazer a torre de S. Vicente, que se chama de Bethlem, fundada dentro na agua, para guarda d'este mosteiro e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande, em quantidade, com tudo a instructura d'elle è magnifica. Na qual torre se vela de noite e de dia, de modo que nenhuma vela póde passar sem ser vista e obedecer ás salvas que d'ella fazem, com artilheria, nem foi menos liberal el-rei D. Manuel na grandeza d'estes edificios, que no serviço do culto divino, porque aos freires que tinham a cargo esta capella de Belem; que d'ali mandou por licença do papa, á egreja de Nossa Senhora da Conceição em Lisboa, que fôra Synagoga dos Judeus, deu rendas de que vivem abastadamente, e na mesma casa fundou uma commenda, e esta de Bethleem, pela muita devoção que tinha a S. Jeronymo, deo aos frades

da sua Ordem, dos quaes ao presente é provada com muita observancia e exemplo de bom viver: para sustentamento dos quaes deo o direito da vintena que se paga na casa da India das mercadorias de partes que a ella vem, e por acrecentar a instituição da missa, que o infante D. Henrique fundara n'aquelle logar, ordenou que estes frades dissessem outra, na qual ao lavar das mãos o sacerdote dissesse ao povo que rogasse a Deus pela alma do infante D. Henrique, primeiro fundador d'aquella casa, e assim pela d'el-rei e de todos seus successores.

Faleceo D. Manuel nos paços da Ribeira aos 13 de dezembro de 1521, com 52 annos d'edade. Levaram o corpo para Belem duas horas antes da manhã. E por o corpo da egreja não ser ainda acabado, o lançaram na egreja velha em uma sepultura raza, por assim o mandar, d'onde el-rei D. João III, seu filho, fez trasladar os ossos para a nova.

El-rei D. João III procedeu e fez uma grande parte do mosteiro, sem ainda o deixar acabado (Id. id.) IV Parte, cap. 85.

Já se vê que o mosteiro de Belem não é dos mais antigos, mas é um dos mais magestosos e ricos, e onde se faziam as celebres festas de S. Jeronymo no dia proprio no mez de Setembro, dia em que ao jantar appareciam as mais famosas melancias de Portugal, e que eram o assombao dos estrangeiros que n'aquelle dia tinham a felicidade de ser convidados para o jantar que os Jeronymos davam em honra do seu Santo, assim como tambem afamado era o arroz doce que os frades de Mafra distribuiam pelo povo em dia de S. Francisco, arroz doce que sahia do convento em caldeirões. Quem apparecia, fosse quem fosse, tinha arroz doce!

Todavia não foram com certeza os frades de Belem que mais se distinguiram no cheiro de santidade, e até mesmo por occasião de acabarem as ordens monasticas em Portugal as finanças do conventos estavam na maxima atrapalhação, e no Diario do Governo alguma coucousa vem desagradavel para a reputação d'estes frades.

Em 1834, quando a Casa Pia passou do Desterro para Belem, estava este mosteiro alcançado na quantia de 40.802$456 réis, divida principiada em 1796, e proveniente em parte de fraudulentissimas administrações. [1]

«Que S. M. I. o duque de Bragança, regente em nome da rainha, movido unicamente pelos seus puros sentimentos, verdadeiramente paternaes de sua grande alma á vista dos meninos orfãos da Casa Pia, existentes no mosteiro do Desterro d'esta cidade, dos monges de S. Bernardo, onde soffriam graves molestias tanto pela estreiteza do edificio, como pela ruina d'elle, e local menos são, ordenara á junta por portaria da Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça de 28 de novembro de 1833, e officio do Ministerio do Reino do mesmo mez e anno que fizesse desembaraçar o mosteiro de Nossa Senhora de Belem para que immediatamente fossem para elle mudados os orfãos da Casa Pia a fim de cessarem os graves males e inconvenientes que a orphandade commettida aos disvellos e cuidados do governo soffria no local em que se achava.

Dos mesmos autos a fol. 56. consta que a junta consultara a 3 de dezembro do mesmo anno sobre as medidas que a tal respeito, e em tão legitima e tão urgen-

[1] Pag. 343. Procederam ás competentes indagações Dr. Manuel Vaz Eugenio Gomes, e João Gualberto da Silva, escrivão.

te necessidede o governo de S. M. I. em nome da rainha podia tomar a beneficio da humanidade, e para utilidade publica da Nação.

Vista a imperial resolução do mesmo augusto Senhor de dez de dezembro do mesmo anno, portaria da Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justica de 14 do mesmo mez, e bem assim o Imperial decreto de 28 do mesmo mez e anno, e mais ordens concernentes a este importante objecto, que decorrem de fl. 47 a fl. 57 dos mesmos Autos:

Vista a Portaria de 17 de dezembro passado, que manda entregar a egreja do Mosteiro a fr. Joaquim José Pereira dos Santos, que fôra Prelado d'esta mesma casa Religiosa com todos os vasos sagrados e utensilios do Culto:

Vistos os Autos de declaração, investigação do estado do Mosteiro, tanto ácerca do numero de monges, como de suas qualidades, dos serviços ou desserviços feitos á Religião e ao Estado, utilidades ou vantagens, que ao Estado e á Religião provinham da conservação do mesmo mosteiro com o depoimento das testemunhas, o que tudo é manifesto de fl. 7 a fl. 15 dos mesmos Autos:

Vista a informação do Juiz documentada e comprovada tanto quanto era possivel e podia desejar-se, e escripta com toda a verdade e intelligencia, a qual decorre de fl. 24 a fl. 41 dos mesmos autos, de todo o referido se diz:

1.º Que o mosteiro de Nossa Senhora de Belem, parte por causas viciosas e fraudulentas administrações, que datam do anno de 1796, e continuaram até ao anno de 1833, parte por effeito de calamidades geraes se achava alcançado na enorme quantia de 48.024$506 réis como se vê a fl. 36; motivo porque os monges

não podiam subsistir se não por novo emprestimo, e lesivos contractos, d'onde resultaria em pequeno e curto periodo acabarem de todo os bens nacionaes que formavam a dotação do mosteiro e morrerem de fome os referidos monges.

2.º Que esta Casa fôra começada pela fundação de uma capella, mandada edificar pelo infante D. Henrique, filho do senhor rei D. João I, e juntamente uma casa, que deu aos freires da Ordem de Christo, de que era oitavo grão-mestre, e alli o estabeleceu para dizerem missa, e administrarem os sacramentos da confissão e communhão aos navegantes, que iam nas naus do Estado ao descobrimento das costas d'Africa e India, que este Infante com tanta gloria emprehendeu, dotando a Capella e Casa com muitos bens de raiz para sustentação dos freires e cavaleiros da Ordem.

3.º Que o Senhor Rei D. Manuel decretou fundar o mosteiro, e começou esta grande obra á roda da capelle e casa dos freires de Christo, e no anno de 1499 fez doação do mosteiro, capella e casa dos freires aos monges de S. Jeronymo, dando-lhes todos os bens que o Infante D. Henrique havia doado aos sobreditos freires, aos quaes deu a casa da Synagoga dos Judeus, que dedicou á Immaculada Conceição, (hoje Conceição Velha), e na qual estabeleceu os preditos freires.

4.º Que afóra muitos bens da corôa, com que o senhor Rei D. Manuel dotou o mosteiro de Belem, Felippe I lhe doou muitos bens e direitos da Meza Abbacial de Pombeiro, a maior parte delles em Margaride, no concelho de Felgueiras, e bem assim muitos padrões que rendiam a esta Casa grossas sommas: pelo que é evidente que quasi todos os bens do mosteiro de Belem são bens nacionaes, doados primeiro á Ordem de Christo e aos monges da Congregação de S. Bento, tira-

dos a estes, e doados pelo supremo Poder Temporal aos monges de S. Jeronymo, e que pela mesma maneira o Supremo Poder Temporal os pode tirar aos monges de Belem, encorporal-os nos bens nacionaes, ou doal-os á Casa Pia, como melhor convier á Sociedade.

5.º Que as 37 capellas, estabelecidas neste Mosteiro, são fundadas com bens egualmente nacionaes, e sommas postas no thesouro pelos senhores Reis de Portugal, e que só quatorze foram fundadas por particulares, cujos bens ou se perderam inteiramente por insignificantes, ou se involveram na massa do Mosteiro, e que por isso conservado o Templo para capella dos orfãos e parochia do bairro de Belem, segundo o disposto no artigo 4.º do imperial decreto de 28 de dezembro passado devem todos os bens ser libertados dos encargos e commutados em um numero certo de missas ditas no mesmo templo pelo parocho e capellães do estabelecimento applicadas *pro benefactoribus in genere.*

6.º Que pela decadencia da disciplina monastica e pelo alcance do mosteiro os povos não achavam alli aquelles soccorros espirituaes e temporaes, que dantes achavam, e que aquelles, que recebiam podem ser superabundantemente substituidos pelo estabelecimento da Parochia com parocho e capellães, e quanto ao temporal pela verdadeiramente evangelica e philantropica creação, sustentação, e educação dada no sobredito edificio aos alumnos da Casa Pia, no que lucra muito a Santa Religião, honra-se a humanidade, e interessa geralmente a nação.

7.º Que os monges da referida Communidade são dignos de toda a consideração, não sendo elles culpados dos alcances causados por antigas administrações, e porque a maior parte da Communidade é addida ao Governo Constitucional de Sua Magestade Imperial o du-

que de Bragança, Regente em nome da Rainha, tendo sido alguns delles, como se vê do Auto de declaração, fol. 7 e 11, presos, feridos e até condemnados á morte e exilio, de que escaparam ou pela fuga, ou a peso de ouro dado aos venaes juizes das alçadas, e outros finalmente foram deportados do referido mosteiro para terras ainda esmagadas pelo tyrannico jugo do intruso e illegitimo governo do imperador.

8.º Que este mosteiro, sendo inteiramente segregado dos outros da Congregação, e não tendo o de Penha Longa, no termo de Cintra, nem o de Val Bemfeito, no termo de Obidos, nem o de Nossa Senhora do Matto, no termo d'Alemquer, bens sufficientes para sustentar aquelles, que a elles se recolheram, torna-se indispensavel dar immediatamente pelo thesouro uma prestação mensal a todos os monges constantes da relação f. 7 até que sejam providos nos logares de parocho, thesoureiro e capellães da parochia de Nossa Senhora de Belem, e mestres do estabelecimento da Casa Pia, como é expresso no artigo 5.º do supracitado decreto de S. M. Imperial.

9.º Que havendo o Eminentissimo Cardeal Patriarca por suas letras pastoraes de 23 do corrente mez e anno, desmembrado da Jurisdicção do Parocho da Parochia de Nossa Senhora d'Ajuda os fieis que habitavam o Districto de Belem, e que formavam o Curato do mesmo titulo annexo e sugeito ao referido parocho, como se vê do Appenso f.—concorrendo com a Jurisdicção Espiritual, que lhe pertence para esta obra da alta piedade de S. M. Imperial da mesma forma que o mesmo augusto Senhor, como Regente em nome da Rainha concorrera para um tal estabelecimento na parte que lhe toca, deve immediatamente pôr-se a concurso a nova reitoria de Nossa Senhora de Belem, com a thesouraria,

a fim de que S. M. Imperial escolha d'entre os monges oppositores aquelle que merecer mais sua alta consideração, e da mesma forma os monges que pertenderem as tres capellanias e logares de mestres, devem apresentar na referida junta os seus requerimentos para serem remettidos á authoridade competente, a fim de organisar-se definitivamente este estabelecimento, e remetter-se ao thesouro Publico a relação nominal dos monges desempregados, e prover-se á sua decente sustentação, ou no seculo, ou em clausura, como melhor lhe convier.

Vista finalmente a resposta fiscal f. 41, despacho da Junta para a effectiva suppressão, havendo o imperial Conselho e Consenso de S. M. Imperial, a fl. 56 v.º decretos, e portarias citadas, e authoritate apostolica, que nos é concedida pelas bullas Injuncti nobis ad Apostolici Ministerii Decet quam maxime dos Summos Pontifices Benedictino XIV e Pio VI de saudosa memoria, suprimimos, extinguimos, e profanamos o mosteiro de Nossa Senhora de Belem com todos os predios rusticos e urbanos, fóros, censos, juros, direitos, acções, rendimentos de qualquer natureza, ou nome que sejam, e perpetuamente os secularisamos, e devolvemos á administração do Governo, como bens nacionaes que são, e sempre foram, para o que o mesmo Governo delles disponha, como mais conveniente fôr ao bem geral da Sociedade, pagando-se por conta da Nação as dividas aos legitimos credores, e dando-se aos monges do mencionado extincto mosteiro a decente e necessaria sustentação, em quanto não tiverem officio, beneficio, ou emprego pago pela mesma nação, e que seja bastante para a referida decente sustentação.

Ordenâmos que a Egreja do Mosteiro se conserve com todas as suas alfaias, vasos sagrados e utensilios do Cul-

to, que forem necessarios ao Culto da sua porochia e Capella de Relem e Casa Pia dos Orfãos.

Ordenamos que o parocho e os tres capellães no mesmo templo estabelecidos digam cada um annualmente cem missas resadas na predita Igreja pelas almas do Infante D. Henrique, do Senhor Rei D. Manoel, e dos outros Soberanos e Princepes, assim como dos outros bemfeitores do mencionado extincto mosteiro, ao que reduzimos todos os encargos pios, com que os referidos bens eram onerados. Mandâmos que sendo publicada esta nossa sentença, todos os inventarios dos objectos não sagrados, nem pertencentes ao culto, sejam egualmente incorporados nos proprios nacionaes. Finalmente mandâmos a todas as Auctoridades Ecclesiasticas e Seculares, de qualquer dignidade e preeminencia que sejam, guardem e cumpram e façam cumprir e guardar esta nossa sentença, como nella se contem.

Dado em Lisboa, sob nosso signal e sello das armas da Junta aos 22 de março de 1834. Marcos Pinto Soares Vaz Preto.»

E com effeito no *Diario do Governo* do dia 23 de junho de 1834 lá encontraram os bens dos Jeronymos postos em praça com suas avaliações:

Quinta da Palmeira, e marinha annexa, avaliado em 1:799$520 réis.

Moinho d'agua no mesmo sitio, 7:200$000 réis.

Courella de vinha na aldeia de Paio Pires, 400$000.

Barca e lancha em serviço na quinta da Palmeira, 250$000 réis.

Quinta em Porto Brandão, 1:800$000 réis.

Moinho d'agua em Palmeira (Almada), 7:200$000 réis.

Propriedade em Cintra, 2:900$000 réis.

Ginjal e castanhal, na mesma villa, 50:000 réis.

*

* *

A nomeação de José Maria Eugenio d'Almeida em 1859 para provedor da Casa Pia deo vida nova a este estabelecimento, que estava carecendo de grandes reformas, e a elle na maxima parte é devido o auge de esplendor a que chegou, e no qual tem premanecido durante a administração de seo filho.

E com effeito o Relatorio de 1861 mostra que a Casa Pia [1] tinha chegado a um estado horroroso:

«... D'aqui as doenças frequentes que dominavam a Casa Pia em numero desproporcionado com a população d'ella, a ponto de ser necessario despejar muitas

---

[1] A origem da Casa Pia foi o seguinte: Um magistrado, por nome Diogo Ignacio de Pina Manique, intendente geral da policia, fez recolher no castello de S. George, para ali receberem sustento e educação, uma turba de rapazes pobres, que vadiavam dissolutos pelas ruas de Lisboa, e attestavam a má policia da cidade. A reunião d'elles tomou o nome de Casa Pia, e a administração d'esta ficou unicamente dependente dos intendentes geraes da policia, que a governavam com os muitos recursos e a muita authoridade de que esses magistrados dispunham. Um agente da sua escolha dirigia o estabelecimento, e recebia as ordens do intendente, pela maior parte vocaes. Quando esse agente tinha as qualidades que as suas funcções requeriam, a Casa Pia medrava e prosperava; mas quando ellas lhe faltavam, a Casa Pia apresentava um quadro de miseria e de devassidão que está pintado com as côres mais tristes em alguns relatorios das commissões e dos individuos, que, por diversas vezes foram encarregados de examinar esta casa. Assim viveo com varia fortuna esta Casa creada em 1780 no castello de S. George, extincta de facto pela invasão dos francezes em 1807; novamente estabelecida no convento do Desterro em 1812, e transferida finalmente para os Jeronymos de Belem em 28 de dezembro de 1833.» Relatorio da Administração da Real Casa Pia de 1861, pag. 3,

vezes collegios inteiros para outros, a fim de os converter em enfermarias, indo exaggerar-se a accumulação n'aquelles cuja população se augmentava d'este modo, e ficando os que serviam de infermarias infectos e perigosos para os que se recolhiam novamente a elles, quando as epidemias acabavam.

«D'aqui as numerosas doenças chronicas: as pulmonares, as escrofulosas e sobre tudo as ophtalmias.

E numerei as ophtalmias como um dos males que provinham do mau estado da Casa Pia; nenhum entre os males physicos que a opprimiam, era mais extenso nem mais cruel do que este. Gerações inteiras de orphãos teem aqui entrado, pagando como preço da sua estada, uns a perda, outros a deterioração da vista. Uma doença de olhos, que deixava para toda a vida padecimentos e vestigios indeleveis, era como o estygma lançado no rosto das infelizes creanças que vinham acolher-se ao abrigo que esta casa lhes promettia.

A falta de aceio, a falta d'exercicios, a qualidade fraca das comidas, a impossibilidade de isolar os doentes do contracto dos sãos foram indicados como as causas que, entre, outras as conservavam e propagavam.

Chegaram a existir na Casa Pia 117 alumnos e 77 orphãos atacados com doenças d'olhos, sendo alguns d'elles incuraveis. [1]

---

[1] «No dia 14 de setembro de 1755 se celebrou com grande pompa e magnificencia no Real Mosteiro de Belem a festa de N. Senhora d'esta invocação, por ordem da sua irmandade de que SS. MM. FF. são juizes perpetuos.

Armou-se rica e ostentosamente aquelle sumptuoso templo.

Disse a missa em pontifical o R. Fr. Thimoteo de Santa Marta Soares, Dom Abbade Geral do mesmo mosteiro.

A musica se compoz das melhores vozes da Côrte, porque até

Como remedios para tão grandes males, a Casa Pia arranjou emprego em estabelecimentos particulares para alguns rapazes, deram-se meios para viverem aos cegos que sahiram, foram alguns para fabricas de particulares, outros tiveram um subsidio para viverem em casa de suas familias, e a Casa Pia, assim desacumulada, tornou-se mais hygienica.

E depois ainda se estabeleceu em geral, um subsidio para quantos quizessem sahir.

E apesar de se terem gasto até 31 de dezembro de 1859, 120:522$989 réis para apropriarem o mosteiro

---

interveio n'ella o grande e celebre musico Caffarelli, e a solfa toda composição de David Geros, mestre de SS. AA.

Prégou com grande applauso (imitando o estilo da predica franceza) o M. R. P. M. Fr. João Raposo, monge da mesma religião, irmão de Clemente Joaquim Raposo de Andrade, fidalgo da casa de S. Mag. e tenente da sua real guarda, assistindo com exemplar devoção a esta festividade toda a familia real, e um grande concurso de gente. Gazeta de Lisboa de 25 de Setembro de 1755.

«No domingo 15 do corrente se celebrou no R. Mosteiro de Belem a festa do SS. Nome de Maria, que lhe dedicou a Irmandade de N. S.ª de Belem, de que são juizes S. M. fidelissimas, que assistiram a esta funcção toda a familia real. Fez n'ella pontificial o Rev.^mo D. Abbade Geral dos Monges de S. Jeronymo Fr. Thimoteo de Santa Marta Soares.

Prégou o M. R. P. M. Fr. José Vital, jubilado em Theologia, e concorreo a esta magnifica e pomposa festividade uma innumeravel multidão de gente.» Gazeta de 26 de Setembro de 1754.

Em 26 de novembro de 1754 falleceu no mosteiro de Bellem Fr. José Mattoso com cem annos e dez mezes de vida.

«No dia 23 de janeiro de 1811 falleceu em Lisboa no quartel general do Cartaxo, com 49 annos d'edade D. Pedro Caro y Suredo, marquez de la Romana, e capitão general dos exercitos de S. M. C

No dia 27 desembarcou seo corpo em Belem. A grande praça d'este nome o terreno que fica até ao mosteiro dos Jeronymos,

ao seu novo destino, ainda assim faltavam dormitorios espaçosos e bem ventilados, officinas de trabalho, officinas de serviço adequadas, locaes proprios para recreios e exercicios) casas de banhos, aulas e muitas outras accommodações.

Além d'isto o exterior do edificio tinha sido deturpado de um modo desgraçado com trapeiras, casebres, tabiques, rebocos, aterros, alegretes e tudo o mais que lhe pozeram desde a morte d'el-rei D. Manuel até nossos dias.

Era, pois, uma obra de bom gosto e de brio nacio-

---

se achava guarnecido por cavallaria ingleza e portugueza, pelo regimento portuguez de infanteria de linha n.º 12, um corpo de voluntarios reaes do commercio um batalhão da brigada real da Marinha; e um regimento de infanteria inglez.

Rompeo o acompanhamento um esquadrão do regimento de cavallaria portugueza n.º 6, outro de dragões inglezes, e um batalhão d'infanteria ingleza.

Seguia-se o corpo em um caixão conduzido aos hombros de soldados carabineiros reaes; pegavam nos cordões do panno, que cobria o caixão, os officiaes superiores do estado maior e officiaes inglezes: indo pelos lados os creados da casa real com archotes de cera. Seguiam-se logo officiaes generaes inglezes e portuguezes, tanto de mar como da terra: os ministros inglez e hespanhol e um grande numero d'officiaes das tres nações: em ultimo logar iam dois coches da casa real.

Na Cruzeiro da egreja estava erigida uma eça, onde se poz o caixão, em quanto se recitaram os officios ecclesisticos, e d'alli foi conduzido para a casa, em que devia ficar depositado até ser levado a Hespanha.

As entranhas, que se guardavam em um cofre, foram sepultadas junto ao altar da sachristia.

Concluida toda o ceremonia na egreja, deram tres descargas um batalhão de Voluntarios Reaes do Commercio, o parque de Artilheria portugueza, que estava na praça de Belem: e d'este modo terminou aquelle apparatoso e funebre acto. Gazeta de Lisboa, 1 de janeiro de 1811.

nal, agora que se procurava reformar o edificio da Casa Pia, limpar o monumento d'essas excrescencias que o desfeiavam, acabar o que estava por fazer, pondo-o em harmonia com as obras da antiga fabrica, e traçar as novas construcções de modo tal que o seu estylo, embora simples, não desdissesse do estylo manuelino do monumento, que — «para ser respeitado e imitado bastará lembrar-nos que tem o cunho de ser cousa nossa portugueza.»

Era tambem conveniente que a parte novamente edificada o fosse com todas as condições de aperfeiçoamento e adequação que recentemente se tem dado nos paizes de mais culta civilisação ás edificações publicas destinadas para habitação constante de muitos individuos.

Este edificio, executado como modelo de um genero de que temos absoluta falta, poderia ser visto e estudado com proveito por todos os que se propozessem emendar ou construir edificios para eguaes fins, e que, animados muitas vezes dos melhores desejos, erram por não ter padrão que vejam e guia que os dirija.»

Para um tal fim crearam-se commissões no Brazil com o fim de promover subscripções para esta obra patriotica d'entre os muitos portuguezes residentes n'aquelle Imperio.

Estabeleceu-se uma subvenção, paga pela verba dotada no Orçamento do Estado para a conservação dos monumentos historicos.

Ordenou-se que dos pinhaes do Estado fosse fornecida a madeira necessaria para esta edificação.

Authorisaram-se loterias extraordinarias applicadas para as obras da Casa Pia.

Concedeu-se-lhe o terreno e os edificios arruinados que pertenciam aos bens das antigas merceeiras, situa-

dos ao poente da alameda fronteira ao edificio d'esta casa.

E foi encarregado de levantar as plantas e tirar os desenhos o architecto Colsom.

E fizeram-se com o fim de tornar quanto antes mais hygienico o estabelecimento algumas obras indispensaveis, e para um tal fim tambem se demoliu a cosinha velha dos frades, e das demolições obtiveram-se 4:000 carradas de pedra para as obras novas.

E ficaram internos na Casa Pia sómente trinta alumnos. [1]

Na Portaria numero 14 de 13 de Janeiro de 1860, lê-se:

«O empregado de qualquer classe na Casa Pia que tiver conhecimento de que em algum dia a quantidade da comida dos orphãos não foi bastante, ou a sua qualidade foi má, ou a sua preparação mal feita, é obrigado a dar d'isso parte por escripto á administração, e fica responsavel pela omissão quando deixar de o fazer.»

Em 20 de março de 1860 restabeleceu-se a Escola de Gymnastica.

A 29 de março do mesmo anno organisa o Collegio dos Invalidos.

A 22 de maio estabelece junto de cada collegio uma casa de lavatorio, onde cada orphão tenha bacia e toalha para seu uso privativo.

A 25 de maio de 1860 determina a demolição da antiga cosinha dos frades Jeronymos, e a construcção de uma cosinha provisoria.

A 4 de junho determina a demolição dos depositos e canos sem escoante.

---

[1] José Maria Eugenio: RELATORIO DA CASA PIA: pag. 52, Lisboa, 1861.

A 10 de junho determina que os canos de chumbo que conduzem agua de beber, sejam substituidos por canos de ferro.

A 12 de junho prohibe aos empregados da Casa Pia acceitar remuneração alguma das familias.

A 18 de julho fixa as duas classes d'empregados que devem ter a residencia dentro da Casa Pia, e que a devem ter fora.

A 4 d'agosto ordena que os enterramentos se façam no cemiterio publico.

A 8 de agosto estabelece uma casa de banhos.

A 9 de agosto determina qoe as enfermarias tenham camas e roupas proprias, e que estas não sejam applicadas para o uso ordinario dos orphãos.

I Estabelece regras para o processo da concessão e pagamento dos subsidios que se dão aos orphãos.

II Estabelece nove regras para o exame dos generos alimenticios, que deve ser feito pelos facultativos da Casa Pia.

Pelo fallecimento de José Maria Eugenio foi nomeado em 14 de julho de 1872 provedor da Real Casa Pia de Lisboa seu filho Carlos Maria Eugenio d'Almeida.

Em 1877 construiu-se na Casa Pia um Gymnasio modelo, dirigido por Jean Soger, e diz o Relatorio que talvez não houvesse no paiz outro como aquelle. [1]

«Resolvido, pois, que se desse começo á obra que devia ser o complemento em tudo digno do magestoso templo que o monarcha venturoso emprehendeu para symbolisar uma das maiores glorias portuguezas, foi encarregado o architecto francez, ao serviço das obras publicas, Mr. Colson, de apresentar os projectos, plan-

[1] Relatorio da administração da Real Casa Pia de Lisboa em 30 d'Abril de 1881.

tas e elevações do novo edificio que occuparia um grande quadrado, sendo a face principal, a que olha para o rio. [1]

Existem ainda archivados os tres projectos por elle formulados, dos quaes nenhum se adoptou, talvez, porque o estylo da decoração desdizia e muito, do estylo seguido e praticado na antigo edificio.

Foi depois incumbido o distincto architecto Valentim José Correia d'alguns estudos e execução das obras realisadas de 1864-1865: e a este seguiu-se o architecto inglez Benet, que tinha dirigido as obras do palacio de Monserrate em Cintra.

Sob sua direcção se continuou parte dos torreões extremos.

Foi, porém, infeliz na decoração, como se vê na porta, que olha para a principal do templo, porque o seu risco está em completa desharmonia com o d'esta.

Succederam-lhe em 1867 Rambois & Cinatti, artistas de imaginação viva, gosto delicado e longa pratica em obras de mimosa decoração, geralmente bemquistos e considerados pelas pessoas entendedoras em assumptos d'arte.

Foram, pois, elles encarregados de organisar o projecto de uma fachada geral sobre a antiga arcaria, que fica ao correr do largo dos Jeronymos; acceite o qual ficou tambem a seu cargo até o dia tristemente memoravel, em que desabou em ruinas a torre central do edificio.

Junto das paredes norte e sul da torre existiam duas excavações, ou poços d'inspecção, que em tempos foram mandados abrir pelo referido engenheiro.

---

[1] Id. id. pag. 55.

Um dos poços achava-se aberto no interior da torre e no angulo d'encontro das paredes do lado do norte do nascente; o outro foi praticado fóra da torre e encostado á parede contigua à do nascente.

Ambos abrangiam na sua profundidade toda a altura dos alicerces e em alguns pontos ainda mais.

Os paramentos dos macissos de fundação achavam-se descobertos na parte correspondente ao cumprimento d'estes poços. [1]

Examinando estas excavações reconheceu a commissão, que em toda a extensão descoberta os alicerces assentavam sobre terreno brando, que facilmente se deixa atacar pela picareta, tendo-se sem custo excavado n'uma pequena superficie o terreno debaixo da fundação da parede contigua á do nascente.

A excavação em parte do poço interior, foi levada até ao terreno firme, que se encontrou a $1^{m},3$ abaixo do alicerce, ou $6^{m},20$ abaixo da sapata da torre.

Nos outros pontos o emprego de uma pequena sonda mostrou que a camada da rocha basaltica firme, se acha a profundidade entre 6 e 7 metros, referidos ao mesmo plano de comparação, ou a $0^{m},5$ e $1^{m},3$ referidos á face inferior das fundsções.

O terreno apresenta-se bastante humido, e apparece agua a 2 metros abaixo da superficie do solo.

Passando a examinar o estado, em que se mostram as alvenarias das fundações, notou a commissão o emprego de pedras de pequenas dimensões de proveniencias diversas, misturadas com outras de dimensões, dureza e resistencia muito differentes, manifestando-se estes defeitos mais na parte superior do que inferior

---

[1] Id. id. pag. 179.

dos macissas: apezar da presença d'agua nos caboucos e da humidade natural do terreno, as pedras foram cimentadas com argamassa ordinaria, que n'estas condições não fez presa, como era d'esperar: no angulo nordeste das fundações e no alicerce da parede do nascente observam-se algumas fendas verticaes.

Estas condições obtidas com a simples inspecção dos mencionados poços, convenceram a commissão de que, no desempenho da missão de que foi incumbida, não lhe era mister gastar mais tempo, nem empregar outros meios de estudo para pronunciar uma opinião justificada sobre a solidez offerecida pelas fundações actuaes da torre dos Jeronymos.

As pressões que esta obra deve communicar ao terreno subjacente, são muito consideraveis, e a solidez exige, que n'este se deem as condições de firmeza absoluta, ou pelo menos de notavel resistencia.

Ora nem uma, nem outra cousa se observa na parte, que poude ser examinada nos poços de sondagem, e parece por isso á commisaão que, quando mesmo em outros pontos da superficie de apoio da torre, as fundações se acham melhor estabelecidas, ellas não inspiram bastante canfiança, pela probabilidade de abatimento deseguaes, nas partes differentemente fundadas.

Baseada nas considerações expostas resume a commissão o seu parecer nas seguintes conclusões.

I As actuaes fundações da torre central do novo edificio da Casa Pia não apresentam as necessarias garantias de estabilidade á obra, que sobre ellas se construir.

II Deve, por isso demolir-se o que resta da torre e recomeçar a construcção dos alicerces, que deverão assentar sobre o terreno firme, que as sondagens feitas indicam encontrar-se a 6 ou 7 metros abaixo do solo.

Desde 1 de janeiro de 1860 até ao fim do anno de 1880 tinham-se despendido com as obras de restauração da Casa Pia: 289:572$940 réis.

Concluiu-se com a necessaria solidez a ala do poente, que é uma extensa galeria medindo 68 metros de extensão; repararam-se as abobadas do pavimento terreo, coevas da edificação do mosteiro, as quaes em muitas partes estavam deterioradas: collocaram-se caixilhos de ferro em todas as janellas do andar nobre e arcadas, e para aformosear exteriormente o edificio, deo-se principio a um jardim, que será resguardado com um gradeamento de ferro prolongado até á porta principal do templo.

No anno economico de 1861 a media das creanças de ambos os sexos amparadas pela Casa Pia foi de 601 [1].

A receita total do anno economico de 1881 a 82 foi de 71:154$160 réis: e a despeza 64:302$837 réis.

E as despezas com a continuação das obras importarom em 21:155$899 réis.

No anno de 1883 a 84 foram destinados para continuação das obras 23:954$581 réis.

Possuia então a Casa Pia 610:550$000 réis em inscripções.

Concluiram-se diversas edificações, demoliram-se algumas construcções que affrontavam a fachada do norte, fez-se uma nova cosinha no prolongamento do refeitorio, e realisaram-se melhoramentos indispensaveis ao aformoseamento do edificio, no que se dispenderam réis 16:925$424.

E gastaram-se nas obras do edificio 23:954$581 réis.

O Relatorio do anno de 1885 diz-nos que a Casa do

---

[1] Relatorio da Real Casa Pia de Lisboa, Belem, 1884, pag. 8.

Capitulo que o fundador do mosteiro de Belem apenas começara, e os habitadores do convento, durante seculos, não concluiram, foi destinada para nella se erigir o tumulo de Alexandre Herculano.

A obra foi orçada em 12:500$000 réis.

Continuou-se o desaterro para a construcção da fachada norte do edificio. Abriram-se caboucos para a fundação da mesma fachada na parte comprehendida entre o corpo central e o extremo nascente, encheram-se os ditos caboucos, adquiriu-se a cantaria apparelhada para o acabamento da çasa do capitulo &c. E gastaram-se em obras 41:217$519 réis.

Em quanto ás Aulas da Casa Pia, este estabelecimento publicou estes dois opusculos: [1]

---

[1] O P. Luiz Cardoso dá-nos as seguintes noticias ácerca de Belem:

«No fim da egreja, debaixo do Côro estam duas capellas, uma do Senhor dos Passos, toda de talha dourada, com seus nichos apainelados da Paixão do Senhor, cujos irmãos fazem a sua festa aos 3 de maio, com grande dispendio, e apresentam tres dotes de larga esmolla, alem de outras muitas que distribuem aos pobres.

Defronte d'esta capella está a de S. Leonardo, cuja festa fazem todos os annos os senhores da Casa de Cascaes; e da banda da Capella do Senhor dos Passos, imagem milagrosa, estam doze confessionarios, que se extendem até ás grades do cruzeiro.

Na sachristia havia um paramento todo bordado de aljofares, com muitas peças de prata e ouro, que servia no dia da festividade do santo.

Na Bibliotheca ha admiraveis livros de todas as faculdades.

Os livros do côro foram avaliados em cincoenta mil crusados.

As grades do Coro são de pedra jaspe finissima, nelle estão dois altares, um de S. Bernardo, e outro de S. Basilio. Serve de antecôro á casa, que chamam dos Reis, por estarem n'ella pintados em meios corpos todos os que houveram neste reino até D. João V.

O tecto é almofadado de maçarocas com um painel de Santa Eustaquia, tomando o habito da Ordem.

Relatorio das Aulas da Real Casa Pia de Lisboa, apresentado á ex.^{ma} Administração pelo provisor José Antonio Simões Raposo.

Lisboa, 1869, 8.° grande, 201 pag.

Id. id. em 7 de junho de 1874. Lisboa, 1874.

Do Ensino de Desenho na Real Casa Pia de Lisboa, 1873. Lallement Friéres. Lisboa.

Em 1572 foi prégar n'uma Missa nova nos Jeronymos o afamado Diogo Paiva d'Andrade.

Havia no mosteiro de Belem um pulpito portatil, do qual na praia, diziam prégara S. Francisco Xavier despedindo-se dos portuguezes, quando fôra para a India.

Este pulpito foi depois mandado pela rainha da Grã-Bretanha D. Catharina, para a egreja do palacio da Bemposta.

Segue-se a esta casa outra sala azulejada, com duas janellas, onde estam em corpos inteiros os retratos dos religiosos d'esta Ordem que florescem em virtude e letras. e eram Fr. Vasco Martins, primeiro reformador desta Ordem em Portugal.

D. Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria.

D. Fr. Christovão de Sá, arcebispo de Goa.

Fr. Antonio Moniz, reformador da Ordem de S. Bento.

Fr. Diogo de Murça, Reitor da Universidade de Coimbra.

Fr. Heitor Pinto, escriptor muito celebre.

Fr. George de Belem, mestre dos filhos d'el-rei D. João III.

Fr. Miguel Valentim, lente na Universidade de Coimbra.

Fr. Antonio de S. José, tambem lente na mesma Universidade.

Tem o convento dilatada cerca, com duas ermidas, uma de S. Jeronymo e outra de um Santo Christo de Pedra, e n'ella tambem ha um bosque a que chamam o Cunchoso, povoado de arvores silvestres, onde se veem vestigios de uma celebre fonte, junto da qual jantava muitas vezes el-rei D. João IV, e alli passava a calma. A colheita passava de oitenta moios de pão.

Fr. Heitor Pinto, natural da Covilhã, professou no mosteiro de Belem a 8 de abril de 1543. Foi eximio patriota, grande purista da lingua portugueza, e bom latinista, do que deu provas sobejas nos livros por elle compostos, mais conhecidos dos estrangeiros do que dos nacionaes.

CONVENTO FRANCISCANO DE MAFRA

A obra in-folio estampada no anno de 1751 com o titulo Monumento Sacro da fabrica e solemnissima sagração da Real basilica do Real Convento que junto á villa de Mafra dedicou a Nossa Senhora e a Santo Antonio o Rei D. João V. Por fr. João de S. Josephe do Prado. Lisboa, 1751, in-fol.

E a intitulada Gabinete Historico, por fr. Claudio da Conceição são as que mais substancialmente tratam d'aquelle edificio em que D. João V gastou um grande numero de milhões. Milhões que todavia não podem ser considerados como completamente inutilisados, pois o convento de Mafra tem sempre servido para algum fim util, e sustentou artistas nacionaes por um crescido numero d'annos.

E d'este livro são extrahidas as seguintes noticias.

Pelo mappa do dia 2 de maio de 1731 consta que

n'esse dia estavam trabalhando as seguintes pessoas na construção do referido templo. [1]

Infanteria, inclusos os officiaes, 5:510 pessoas; cavallaria, 614; canteiros presentes e ausentes, 3:997; carpinteiros, 1:163; entalhadores, 54; torneiros, 2; tanoeiros, 4; serradores, 29; selleiros, 2; vidraceiros 6; alvineos presentes e ausentes, 2:359; paizanos trabalhadores, 1:347; carpinteiros de seges, 20: apontadores paisanos, 20; mariollas, 344. Somma tudo 15:470 pessoas.

D. João Luiz de Menezes intentou no anno de 1622 edificar n'esta villa um convento d'Arrabidos, o que não teve effeito, assim como realisação não tiveram outras diligencias, para o mesmo fim em varias occasiões feitas.

Sendo porem passados tres annos que el-rei D. João V era casado sem ter successão, certo dia que n'uma sala do paço estavam conversando em differentes assumptos o cardeal Cunha, então bispo capellão mór, e o marquez de Gouvea D. Martinho Martins Mascarenhas, mordomo-mór, ainda conde de Santa Cruz, entrou na dita sala fr. Antonio de S. Joseph (chamado da India) por ter ido com o bispo de Malaca, e ter estado na cidade de Goa todo o governo do conde de Villa Verde) a quem o marquez por sua virtude havia elegido por seu compadre; e vendo-o, o chamou, e lhe tomou com summo respeito a benção.

---

[1] Fr. João de S. Joseph do Prado. Monumento Sacro da fabrica e solemnissima Sagração da Santa Basilica do Real Convento que junto á villa de Mafra dedicou a Nossa Senhora e Santo Antonio a Magestade Augusta do Maximo Rei D. João V. Lisboa, 1751. fol. com estampas.

Disse-lhe então o cardeal: Padre, encommende el-rei a Deus, para que se digne de lhe dar filhos, e ao reino successão; e satisfazendo fr. Antonio a esta supplica tão sómente com dizer:

«Elle terá filhos, se quizer»: se despedia de ambos com toda a modestia e cortezia.

Ficaram ambos observando a resposta, e pelo grande conceito que todos faziam da virtude de fr. Antonio, assentaram que aquellas palavras incluiram grande mysterio, porque o desejo d'el-rei era ter filhos, e fr. Antonio dizia, que os teria, se quizesse. Passaram-se alguns dias, e estando ambos na mesma sala, appareceu acaso fr. Antonio, talvez porque ia buscar alguma esmola das que no Paço lhe costumavam dar para o hospicio do Hospital Real, onde era sacristão.

Estimaram o encontro, e segunda vez lhe encommendou o cardeal a successão d'el-rei, a cuja supplica satisfez fr. Antonio com a mesma resposta, dizendo: «Que a teria, se quizesse.»

Pediu-lhe então o cardeal a explicação de tão confusa resposta; e não duvidando dar-lh'a fr. Antonio, lhe disse: Que el-rei teria filhos se fizesse voto a Deus de fundar um convento dedicado a Santo Antonio na villa de Mafra.

Com esta insinuação foram o cardeal e o marquez representar a el-rei e á rainha o que lhe havia succedido com fr. Antonio, e ambos fizeram voto de mandar edificar o dito convento para a provincia da Arrabida, se Deus se dignasse dar-lhes successão.

Teve o visconde esta noticia, e cheio de prazer e contentamento a communicou aos religiosos do convento de S. Pedro de Alcantara.

Não se duvidava já de que el-rei mandasse fazer o sobredito convento, e só sim da efficacia da sua reso-

lução, porque sem duvida esperaria que se cumprisse o vaticinio de fr. Antonio, o qual faleceu no anno de 1711, a 9 de março, quando se começou a divulgar que já na rainha se divisavam avultadas demonstrações de concebimento.

Mandou o provincial fazer preces em toda a provincia pela sobredita senhora, a qual no mesmo anno, a 4 de dezembro, deu á luz a princeza D. Maria Barbara.

Com o seguro da fundação foram para Mafra dois religiosos, fr. Bonifacio do Rosario, fr. Carlos da Madre de Deus, e fr. João de Santa Maria, leigos, e todos tres se accommodaram na albergaria do Espirito Santo, em a qual com as esmolas dos fieis fizeram quatro repartimentos de madeira, ou quatro pequenas cellas para com mais commodidade poderem ahi assistir.

Fez-se por ordem d'el-rei exame do sitio mais opportuno para se edificar o convento, cujo exame commetteu o mesmo a Antonio Rebello da Fonseca, seu creado muito antigo, e de quem fazia muita confiança.

Depois de gastados n'esta diligencia dois annos, pareceu mais acertado o sitio chamado da Vella, em pouca distancia da villa para a parte do nascente, para o que mandou el-rei que se avaliassem as terras, que n'aquelles sitios tinham varios donos, para que promptamente se lhes pagassem.

Muitas e varias foram as plantas de egrejas, que por ordem d'el-rei se fizeram; porém entre todas mereceu ter o primeiro logar no seu agrado a de João Frederico Ludovici, tudesco da nação; e resolvendo-se a seguil-a, determinou que a 17 de novembro de 1717, se lhe lançasse a primeira pedra, a cuja funcção assistiu com toda a côrte o patriarcha de Lisboa.

No sitio, em que se havia de edificar a egreja, estava

feita outra de madeira, que occupava o cruzeiro, composta e ornada com toda a perfeição.

Na manhã do dia 16 do referido mez foi D. Filippe de Souza, chantre da patriarchal, benzer a cruz, que se erigiu no logar em que hoje é o altar mór.

Primeiro que se collocasse a cruz, se lhe tributou a devida adoração com toda a solemnidade, á qual em primeiro logar genuflectou o chantre, depois os conegos e meios conegos, seguindo-se a estes el-rei e camaristas: ultimamente a adorou a communidade dos arrabidos, que no dia 17 do referido mez veiu em procissão para a nova egreja, seguindo-se-lhe a cruz, a freguezia de Mafra, a que acompanhavam todos os clerigos, que comprehendia o territorio de uma legua em circuito.

Depois se seguia a communidade patriarchal, e os conegos mitrados.

Acompanhava o senado da camara da villa, e ultimamente el-rei, e mais cavalleiros, todos a pé.

Entraram na egreja, onde para todos havia logares destinados, e ahi benzeu o patriarcha a pedra fundamental, que era de marmore, e tinha um letreiro com esta inscripção:

Deo Optimo Maximo
Divoque Antonio Lusitano
Templum hoc dicatum
Joannes Lusitanorum Rex
Voti compos ob susceptos liberos,
Primumque fundavit lapidem
Thomas I. Patriarcha Ulyssiponensis Occidentalis
Solemni ritu
Sacravit, posuitque
Anno Domini 1717.
XIV. Kal. Decembr.

Depois [1] que o patriarcha benzeu a primeira pedra, fez a mesma cerimonia a doze medalhas redondas, em que estavam esculpidas a Egreja e Convento, que se erigiam, os retratos d'el-rei, rainha, e de Clemente XI.

Na primeira medalha de ouro estavam esculpidos os retratos d'el-rei e rainha, com uma letra que dizia: *Joannes V. Portugalliae et Algarbiorum Rex, et Marianna de Austria conjux.*

Da outra parte estava a planta do convento com a seguinte letra: D. Antonio Lusitano. Mafra, 1717.

Na segunda medalha se divisava primorosamente esculpido o mesmo Santo em uma nuvem sobre o altar, e el-rei de joelhos diante d'elle com as mãos levantadas e a seguinte letra: In Cœlis regnat, invocatur in patria.

Da outra parte estava estampada a fantasia do templo com duas torres e zimborios com a letra que dizia: *Divo Antonio Ulyssiponensi dicatum.*

No portico do templo a seguinte letra, *Joannes V Portugalliae Rex mandavit, Mafrae.*

Na terceira medalha se via o retrato do pontifice reinante Clemente XI com uma letra que dizia: *Clemens undecimus Pontifex maximus.*

Da outra parte appareciam gravadas as armas do Pontifice com esta letra: *Pontificatus anno 17.*

Na quarta medalha de ouro se via o retrato do patriarcha com a seguinte legenda: *Thomas I Patriarcha Ulyssiponensis Occidentalis*

Da outra parte appareciam as suas armas com esta letra: *Sancti Antonii Ulyssiponensis templum a Joaane V Portugalliae Rege designatum constructum lapide in signum posuit. Anno Domini* MDCCXVII.

---

[1] Id.. id., pag. 6.

Todas estas 12 medalhas eram 4 de ouro, 4 de prata, e 4 de metal, e todas com as mesmas inscripções.

Bentas se recolheram em duas caixas de ouro redondas, e duas laminas do mesmo metal, uma com Agnus Dei de Innocencio XI, e outra com Agnus Dei do pontifice reinante.

Estava presente uma arca de oiro, que tinha de cumprimento palmo e meio, e 4 dedos de largo, em a qual se metteu a escriptura real, por onde se obrigava el-rei a fazer a Egreja de Santo Antonio em satisfação do voto, que lhe havia feito.

Viam-se mais dois vidrinhos de oleo santo, os quaes se metteram em duas caixas, e tudo o referido, sendo o primeiro levado em procissão, foi collocado pelo patriarcha nos alicerces em uma caixa de marmore branco na capella mór da parte do Evangelho.

Collocado e composto tudo em seu logar pelo patriarcha, este lhe lançou cal e areia,

Logo se lhe poz uma grande pedra em cima, e sobre esta mandou el-rei lançar pelo seu esmoler mór 12 crusados novos, 12 moedas de 12 vintens, 12 de 6, 12 de 3, 12 de vintem, 12 de cobre de 10 réis, 12 de 5, 12 de 3 e 12 reaes e meio.

Acabada esta funcção veiu o patriarcha benzendo os alicerces de todo o templo com herva hyssope, e orações dedicadas a este fim.

Depois se cantou pelos musicos da Patriarchal nôa, e pelos mesmos a missa, que disse o Patriarcha [1] a qual acabada, chegou el-rei e os seus camaristas com outros fidalgos, e achando preparados treze cestos com pedras dentro e alguns coches de cal, pegou no seu

[1] Id., id., pag. 9.

cesto, que era dourado, e os mais nos seus que eram prateados; e foram administrar ás taes pedras.

Decorridos treze annos, em que se concluio a maior parte da sua magestosa fabrica, no anno de 1730 decretou el-rei para a sagração do dito templo o dia 22 de outubro.

Para esta regia função ordenou o Soberano que assistissem os cardeaes Nuno da Cunha e Ataide, do titulo de Santa Anastasia e Inquisidor Geral d'estes Reynos, e D. João da Mota e Sylva, os quaes chegaram a esta villa em 18 do dito mez acompanhados de numerosas e luzidas comitivas.

Vieram tambem os bispos de Leiria D. Alvaro de Abranches, de Portalegre D. Alvaro Pires de Castro, de Patara D. fr. Joseph de Jesus Maria, de Nankim D. Antonio Paes Godinho, para fazerem as sagrações dos altares.

No dia 19 pelas cinco horas da tarde chegou el-rei com o principe do Brazil e o infante D. Antonio, que vinham em uma vistosa berlinda acompanhados de um troço de cavallaria de 50 cavallos commandados por Joseph Bernardo de Tavora, irmão do conde de S. Vicente, e de varios creados e moços da estribeira.

No dia 20 pelas tres da tarde, chegou D. Thomaz de Almeida, patriarcha de Lisboa, com o seu estado costumado em funcções publicas, precedendo-lhe o meirinho geral, e os officiaes da camara d'esta villa, todos montados a cavallo, e da mesma sorte o seguio o crucifero com a cruz patriarchal, e logo o patriarcha em o seu coche, ao qual acompanhava outro de estado, e mais 4 de creados de sua comitiva.

Tambem vieram os conegos e dignidades da egreja patriarchal para assistirem no acto da sagração.

O deão D. José Manoel, o chantre D. Filippe de

Sousa, o thesoureiro mór D· Henrique Vicente de Tavora, o mestre escola D. Martim Monteiro Paim, os conegos presbyteros D. Francisco de Sales da Camara, D. Gonçalo de Sousa Coutinho, D. Christovão de Mello, D. Lazaro Leitão Aranha, D. Pedro de Menezes, D. Antonio de Lencastro, Diaconos D. Luiz de Noronha, D. Francisco de Menezes, D. Luiz de Castello Branco e Cunha, todos com luzidas comitivas de carruagens e domesticos, aos quaes o patriarcha nos dois dias antecedentes tinha mandado convidar para se acharem com elles na sagração da nova Basilica.

No dia 21, vigilia da sagração, mandou o guardião fr. Ambrosio da Conceição, prégador, ex-definidor, e ex-custodio, jejuar toda a Communidade que constava de 250 religiosos, por intimação de uma carta, que da parte do patriarcha lhe havia feito D. Luiz de Noronha, primeiro diacono da Igreja Patriarchal.

N'aquelle dia se viam na Igreja 34 columnas de marmore, que pelos lados acompanhavam os retabolos dos altares, e todas solidas, das quaes se comprehendem seis, que são as das tres capellas principaes, que collocadas sobre bases de finissimas pedras medem a altura de 39 palmos com quinze para dezeseis de largo; nas quaes em campo vermelho, que é o principal trage, de que se vestem, ostentou peregrinos realces a natureza; porque lhe debuxou por todo o seu espaço multiplicadas e candidas manchas, em que exprimio a effigie de rosas; entre as quaes para maior gloria do esmalte introduzio a côr amarella; discorrendo por todas estas variedades certa pintura encarnada, que animando o gentil adorno da sua natural perspectiva, faz que a maquina represente com a harmonia de tantas côres um objecto mui relevante.

Acompanha a este marmore da mesma côr chamado

Salema, cujo nome se lhe derivou da sitio, onde foi achado, o qual está servindo de painel na superficie dos pedestaes das columnas de todas as capellas inferiores; e posto que esta pedra não logre com tanta actividade as manchas brancas, como a primeira; tambem nella brilham as outras cores, que com a galanteria de mais miudas e airoso alinho da sua fineza, ostentão na pedra o capricho de mui galharda.

Tres são as distincções, em que se divide o marmore azul; porque um veste de escuro, guarnecido com algumas manchas mais negras, que o cingem por muitas partes; e do mesmo genero se acha outro ornado de nodoas quasi brancas, por entre as quaes correm linhas candidas; como se manifesta em varias sanefas nas duas capellas lateraes, portico da Igreja, nichos, e nos forros de toda a parede e tecto.

O segundo é mais claro, e composto de materia tão subtil, que imita a fórma do sal; mas, como não deixa de ser solido, e recebe lustro, resplandece nelle uma guarnição de cintas escuras, umas mais e outras menos largas; com cuja elegancia brilha nas cimalhas de todas as capellas, nos balaustres de todas as capellas, nos balaustres das tribunas e forros da abobada da Igreja.

O terceiro tem dilatadas misturas de branco, que tecendo o campo azul a imitação do labyrintho, cuja singularidade por magestosa o fez digno de ser collocado nos altares superiores em uns forros, que dividem umas molduras pretas de umas tabellas da mesma côr, posto que sejam lustrosas [1] não desvanecem a brilhante fidalguia do azul.

---

[1] Id. id. pag. 15.

Entre todos estes inculca o marmore amarello a belleza da sua legitima côr, mostrando o seu apparato em brilhantes festões, e outros ornatos de relevo, com que se coroão os portaes pretos da Igreja para mayor timbre do seu lustre.

Com a mesma côr, ainda que mais remissa, avulta outro marmore em todos os balaustres das capellas, revestido de manchas pardas, e tão brancos nós. que mostra muy agradavel a compostura na triplicidade das suas côres.

Nas molduras de todos os paineis das capellas, como tambem em varias tabellas, portas, credencias, soccos dos retabulos, e com especialidade nos notaveis portaes das duas naves, manifesta o marmore preto a sua crystallina, e primorosa excellencia; porque cingido de subtis linhas brancas que correm por entre outras amarellas, e excedendo no escuro ao ebano, de tal sorte compete o seu luzimento com espelhos, que, posto não seja diafano, representa imagens.

N'este estado existia a fabrica, quando se sagrou o templo, a cujo sumptuoso edificio correspondeu depois a pompa de 58 estatuas de finissimo marmore, que erigidas pelo interior e portico do templo, exaltam com a sua bellesa a formosura da mais obra; a qual elevando-se com disposição airosa até ao tecto, faz mais illustres as maravilhas da sua singular architectura; com differentes paineis de finas pedras entre as lunetas do vermelho, que servem de doceis às janellas compete com a galhardia do zimborio, no qual a elegancia do debuxo equivoca a valentia com a nobilissima estructura dos torreões que nos angulos da fachada incluem no seu interior as principaes sallas do palacio, fabricadas com tão regular artificio, que mais parecem nativos montes de marmore, do que esmerada união de pedras. Final-

mente é toda esta machina com tanto primor lavrada, que não apparece nas pedras signal de instrumento que as abrisse, na qual admirando a natureza a arte, presumiu a arte com grande emulação exceder a natureza.

Pelas 9 horas da manhã veio o deão D. Joseph Manuel á egreja, na qual o esperavam varios ministros deputados para assistirem a esta função

Estavam já preparados os acolytos com thuribulo, naveta e a caldeirinha de agua benta.

Revestio-se de pontificial com capa e mitra encarnada e benzeu as cruzes, que estavão expostas sobre a credencia, com todas as ceremonies prescriptas no Pontificial Romano.

Finalisada a benção, genuflectou para adorar, e beijar uma das cruzes, o que tambem fez S. M. e Altezas, que assistiam ao acto; depois os dois bispos de Patara e Nankin, que tambem estavam presentes; logo os cavalheiros, e ultimamente o provincial e guardião do novo convento.

Feita a benção das cruzes, foi benzer os paineis dos altares, dando principio a esta ceremonia pelo primeiro á entrada da egreja da parte do Evangelho, em que se venera a imagem de Christo crucificado, nossa Senhora, e S. João Evangelista; e para continuar a benção dos mais paineis se paramentou de ornamentos brancos; e foy benzer o do altar mór, cuja pintura ostenta a imagem de Maria Santissima, offerecendo o menino Deus a Santo Antonio. Depois o do cruzeiro da parte do Evangelho, em cujo altar se acha collocado o SS. Sacramento, e continuou a benção dos mais paineis distribuidos pelos altares das capellas, cuja ceremonia concluida, entrou na Sacristia, e benzeo o cofre, em que se havião de expôr as reliquias, os paramentos de todas as cores, assim como tambem alvas, amictos e cordões, que es-

tavam postos em cima dos caixões, e bancos por sua ordem.

Concluido este acto forão á capella mór buscar a cruz que no pavimento do presbyterio estava arvorada, como já se disse, e a conduziram em braços de sacerdotes para a sachristia, cantando a coros o hymno *Vexilla Regis* etc., e a collocaram em uma casa particular chamada de damasco carmazim.

Collocada a cruz no sobredito logar, foi o deão vestido, como se achava em acto de communidade benzer o noviciado, dormitorios, refeitorio, e todas as mais officinas, cuja fabrica a este tempo se achava completa, assistindo S. M. e Altezas, cavalheiros e religiosos a todo este acto.

Pelas tres para as quatro horas da tarde veio S. M. e Altezas com muitos cavalheiros da sua corte á egreja do Hospicio, onde a Communidade dos religiosos do novo convento se achava, pelos quaes se entoaram vesperas da dedicação da egreja, capituladas pelo provincial.

Acabadas estas, na mesma forma entoaram completas, e no fim d'ellas successivamente se formou uma procissão, levando o guardião do convento vestido com amicto e cotta a cruz, da qual pendia um estandarte de damasco branco em que estavam debuxados a imagem de Nossa Senhora em lugar eminente, e inferiores a esta a do patriarcha S. Francisco e Santo Antonio genuflexos.

Aos lados da cruz iam os dous ceroferarios, que eram o guardião de Santarem fr. Antonio da Natividade, e o guardião de Torres Vedras fr. Bernardino de S. Francisco, tambem com amitos e cottas, seguindo-se a communidade toda em sua ordem, á qual com os religiosos de outras provincias, que concorreram a esta festividade, comprehendia o numero de 310.

No meio della iam dois cantores entoando a ladainha de todos os Santos, e a Communidade respondendo; com esta formalidade chegaram á porta principal do novo templo, e voltando pelo lado direito, o circularam todo em roda, e tomando a mesma parte se recolheram outra vez para o hospital repetindo a mesma ladainha. S. M. e Altezas a viram das janellas da casa chamada de *Benedictione.*

Esta a casa que serviu de *Sacello* das reliquias, toda armada de damasco de carmezin trinado de ouro, com franjas do mesmo nas sanefas, com um altar na cabeceira, e ao lado direito uma porta, que era serventia para a sachristia; tinha docel carmesim com franjas d'ouro e frontal de brôcado de carmesim recamado d'ouro; uma só toalha sem pedra de ara, a banqueta coberta de lhama de ouro; e sobre ella seis castiçaes de prata dourados com vellas brancas de duas libras e a sua cruz no meio. No retabulo um quadro, no qual se venerava a imagem de Nossa Senhora com seu filho nos braços e Santo Antonio em logar inferior genuflexa: os degraos do altar erão dous, os quaes estavam cobertos de uma riquissima alcatifa e pavimento do presbyterio, o mais da casa estava armado de pano verde.

No meio do plano do altar estava uma peanha dourada e doze castiçaes de prata dourados com velas brancas de uma libra, seis a cada lado, dispostos em boa figura.

Na parede latteral da parte do Evangelho estava levantado um throno pontifical de tres degraus cobertos de panno encarnado; sobre elle a Séde Pontificia coberta de brocado carmesim, com os seus dois degraus de diante, o fixo coberto de panno, e o movel de velludo carmesim, e dois escabellos pintados aos lados, encostados ao espaldar do docel que todo era de brocado carmesim com franjas de ouro.

Junto do throno pontifical, ao seu lado direito, no mesmo pavimento e altura de degraus iguaes ao mesmo throno estava o de S M e Altezas com docel e espaldar de velludo carmesim, guarnecido de ouro: quatro cadeiras cameraes de velludo da mesma côr, do lado esquerdo o genuflexorio coberto com um panno de velludo: oito coxins, quatro em baixo [1] para ajoelharem, e quatro em cima para se encostarem.

Abaixo d'este throno á parte direita estava disposta uma quadratura de bancos de encosto, cobertos de razes, e os dois degraus d'elle de panno verde para se assentarem os conegos.

Ao lado esquerdo do solio estavam bancos razos para os beneficiados assistentes, cobertos de panno verde, e diante do logar do primeiro a lanterna com sua vela dentro, e em cima um coxim recamado de ouro carmesim com o pontifical coberto com panno da mesma materia, junto da almofada a candeia apagada.

Detraz dos bancos diaconaes estavam outros de encosto cobertos de raz, com um só degrau nú, para os beneficiados não assistentes e notarios.

Defronte do throno pontifical estavam dois bancos razos de dois palmos de altura, cobertos de panno verde, para n'elles se assentarem os capellães do patriarcha: abaixo dos bancos presbyteriaes estavam uns bancos para os nobres, que o acompanhavam, cobertos de rares com seu degrau nú.

Detraz dos bancos diaconaes, abaixo dos bancos dos notarios, estava o coreto para os cantores, coberto de razes.

As cadeiras razas e bancos para a Côrte de S. M. estavam nos logares costumados.

---

[1] Id, id., pag. 21.

Diante do altar, defronte do throno pontifical, estava o genuflexorio de pau dourado com as suas almofadas de brocado carmesim para o patriarcha fazer oração.

Junto á parede latteral da parte da Epistola estava uma credencia de oito palmos de cumprimento, coberta com toalha crespa, a qual pendia de todos os lados até o pavimento; sobre ella estava o cofre forrado de velludo carmesim guarnecido de ouro, em que se haviam de expôr as reliquias, coberto com um panno carmesim recamado de ouro.

Em um prato de prata dourado estava a caixa de prata dourada por dentro e por fóra, para nella se sigillarem as reliquias.

Em cima de outro semilhante prato dourado estavam 12 grãos de incenso da grandeza de avellãs.

Sobre o outro prato de prata dourado estava a caixa de velludo encarnado guarnecido de ouro, em que se haviam de conduzir as reliquias sigilladas para os altares.

Em outro semilhante prato dourado estava uma escrevaninha de prata dourada com seu areeiro, tinteiro, penna, lacre, tisoura, sinete e fita da largura de um dedo para se sigillar a caixa.

A inscripção em pergaminho para o patriarcha fazer as assignaturas, da largura e comprimento de um quasi quarto de papel.

Um castiçal de prata dourado de bufete com sua vela bogia branca.

Uma cartella de marroquim encarnado com filetes e ramos de ouro para sobre ella o patriarcha escrever.

Thuribulo e naveta de prata dourados. Caldeirinha cum agua benta e hyssope de prata dourado.

Junto d'esta credencia estava um bufete de cinco palmos coberto de velludo carmesim franjado de ouro, cuja cobertura era feita em fórma, que egualmente de todos

os lados chegava ao pavimento; sobre a qual o patriarcha assentado na cadeira gestatoria escreveu, se fez a sigillação, e se collocaram as reliquias nas caixas.

Outro bufete de seis palmos coberto do mesmo velludo com franja do mesmo, sobre o qual estava o feretro, que era de pau coberto de velludo carmesim, guarnecido de ouro, e socco no meio para se pôr o cofre das reliquias, com quatro pequenas argollas douradas, e n'ellas fitas encarnadas para se atar o cofre, em cima o seu docel sustentado por quatro balaustres, que sabiam dos quatro cantos do feretro, e quatro competentes varaes para se poder levar aos hombros, tudo de velludo carmesim guarnecido de ouro.

Nos dois lados tres cornucopias por parte, de pau dourado, com suas velas brancas de meia libra, e da parte anterior e posterior duas, que faziam por todas dez.

Na parte collateral da parte da Epistola estava a Sede gestatoria com dois escabellos aos lados.

Junto dos degraus do altar, da parte do Evangelho estava o cepo para a cruz pontifical.

A segunda casa ficava detraz da capella, servia de sachristia, estava coberta de razes pelas paredes; n'ella estavam duas credencias de 16 palmos cada uma, cobertas com suas toalhas, sobre ellas os pluviaes brancos para os beneficiados assistentes e não assistentes.

Alvas e planetas para os penitenciarios, cottas para os subdiaconos e acolythos.

Paramento subdiaconal para o ministro da cruz.

Oito tochas de quatro pavios para os lados do feretro. 4 lanternas com 2 velas dentro, e postas nos seus bancos de pau encarnado.

Fogão com brazas, tenaz, folle, e mechas para se accender lume, um rolo para accender as tochas e velas das lanternas, e fazer brazas para o thuribulo.

Terceira casa: Estava toda armada de damasco carmesim guarnecido de ouro, semelhante ao da capella das reliquias, chamada Camara de paramentos, unida com outra, chamada Camerim da falda, tambem armada com a mesma egualdade.

No camarim estava a cadeira cameral de velludo encarnado guarnecido de ouro com seu tapete por baixo para se assentar o patriarcha.

Ao lado esquerdo d'ella uma mesa coberta de damasco encarnado, sobre ella a falda caudata, coberta com veu de seda encarnada rendada de ouro.

Na camara estava o docel de velludo carmesim com franjão de ouro; debaixo d'elle estava o leito coberto com um panno de damasco encarnado, e sobre elle uma toalha, que o cobria todo: em cima os paramentos pontificaes, que eram pluvial carmesim recamado, estola do mesmo, cingulo encarnado tecido com ouro, alva e amicto, tudo coberto com um veu precioso, o segundo formalio, as mitras preciosas, e aurifrigiada em testeiras, o veu da mitra, o cepo para a cruz, e junto d'elle o baculo dourado.

De um e outro lado da camara estavam os bancos de encosto pintados de encarnado, sem degrau, afastados da parede para detraz d'elles estarem os beneficiados assistentes, e as mais ordens de ministros.

A quarta casa toda se via armada de damasco carmesim guarnecido de ouro, egual ás outras referidas.

N'ella estavam 14 cadeiras de velludo carmesim com franjão de ouro, e junto de cada uma estava um bufete ordinario, coberto de damasco carmesim com galão de ouro, que eram para os conegos se sentarem, e sobre os bufetes deporem as capas, e depois as manteletas e murcetas.

A quinta casa estava toda armada de bons razes, to-

da á roda guarnecida de bancos de Moscovia rasos, e entre elles se viam 8 bufetes cobertos de seda encarnada ordinaria para se vestirem os beneficiados assistentes e os mais ministros de capa.

Estava a sexta casa toda forrada de razes inferiores á da outra, com bancos de pau encarnado em roda para n'ella se vestirem os ministros seculares em roda, excepto os faquinos.

Pelas 5 horas da tarde, depois das Ave Marias, veiu o patriarcha fazer a exposição e sigillação das reliquias, acompanhado da sua comitiva domestica para a Camara dos paramentos.

No mesmo tempo se achavam todos os conegos na casa para elles destinada, onde depondo as murcetas e manteletas, vestiram as capas magnas, por ministerio dos seus creados e caudatarios e logo todos vieram para a camara dos paramentos, e assentados nos seus logares esperaram que chegasse o patriarcha; e o mesmo fizeram os mais ministros assim beneficiados assistentes como não assistentes.

O patriarcha no camarim vestiu a falda, e vindo para a camara, junto do leito recebeu os paramentos, pontificaes, que estavam preparados, e pondo a mitra preciosa caminhou processionalmente para a casa do Sacello das reliquias, á porta da qual estava el-rei e altezas, e ahi receberam agua benta da mão do patriarcha, e entrando todos para dentro occuparam os seus lugares.

O patriarcha fez oração com mitra no genuflexorio, que estava no meio do presbyterio, e el-rei e altezas nos genuflexorios, que estavam preparados.

Feita a oração, se levantou o patriarcha, e com a mitra subiu para o throno, no qual se assentou, e el-rei e altezas se assentaram nos seus logares.

Logo vieram os conegos receber obediencia do patriar-

cha, principiando pelo deão e dignidades, depois os que se seguiam.

No mesmo tempo avisou o mestre de ceremonias os dois subdiaconos das fimbrias, e os dois capellães assistentes para pegarem na cauda.

Tambem n'este tempo quatro acolytos ordinarios pegaram na sede gestatoria, e a collocaram sobre o suppedaneo do altar da parte da epistola voltada para o lado do evangelho, sem escabellos dos lados.

Recebida a obediencia, se levantou o patriarcha, e servido na fórma referida desceu do sólio, e veiu diante do altar, levantando-se os conegos, e os mais em pé em quanto se não assentou, e lhes fez com a mitra reverencia, e subindo ao lado da epistola se assentou na sede gestatoria: ficaram os dois conegos assistentes ambos do lado esquerdo, quasi atraz da sede.

Ao mesmo tempo vieram os dois primeiros beneficiados [1] com o livro e candela.

N'este mesmo tempo conduziu o mestre de ceremonias a um acolyto patriarchal em cotta, o qual tomando da credencia o prato de prata dourado, em que estava a caixa das reliquias, a trouxe e levada diante do peito pegando-lhe com ambas as mãos, assim se poz de joelhos diante do patriarcha, o qual se levantou com a mitra, e logo chegando os beneficiados ministros do livro e candella, disse pelo livro a admoestação, e dita se assentou: afastando-se os ministros do livro e candella, chegou o assistente, e lhe tirou a mitra, logo se levantou, e chegando outra vez os ministros do livro e candella, continuou o prefacio, e orações da caixa.

Em quanto o patriarcha fazia a benção, conduziu o

---

[1] Id., id., pag. 27.

mestre de ceremonias um acolyto em cotta, o qual trouxe da credencia a caldeirinha de agua benta e hyssope atravessado em cima.

O segundo mestre de ceremonias conduziu da quadratura o primeiro presbytero, o qual levantando-se fez reverencia a el-rei, e chegando ao altar lhe fez tambem reverencia e ao patriarcha, e chegando junto da Sede, ditas as orações, pegou no hysoppe, e com osculo delle e da mão o entregou ao patriarcha, com o qual aspersou com tres ductos a caixa, dizendo:

Asperges-me, e sem verso nem oração, e logo entregou o hyssope ao patriarcha, que o recebeu com osculos devidos, e se retirou para a quadratura, com as mesmas reverencias, com que veio, retirando-se juntamente o acolyto da caldeirinha para a credencia.

O patriarcha se assentou, e o assistente lhe poz a mitra aurifrigiada, que lhe entregou o ministro della, a quem o sachrista a tinha dado, e delle recebeo a preciosa, e a foi collocar na testeira, retirando-se o acolyto da caixa para o lado esquerdo.

Assentado o patriarcha, pegaram dous acolytos ordinarios no bufete coberto de veludo carmezim, e pondo-o diante se retiraram com genuflexão.

Logo o acolyto poz o prato com a caixa sobre o bufete, e fazendo genuflexão se retirou: chegaram tambem os mais acolytos em cottas com os pratos, que estavam na credencia, e juntamente com o castiçal com a vela aceza, e pozerão tudo sobre o bofete, e com genuflexão se retiraram para os seus logares.

No mesmo tempo o sacrista em capa acompanhado do mestre de ceremonias chegando diante do altar lhe fez genuflexão, e ao patriarcha, e subiu acima, descubriu a caixa, tirando-lhe o véu, que o mestre de ceremonias recebeo, e deu a um clerigo de sacristia para o levar

para a credencia, e pegando no prato, em que estava a caixa das reliquias veio diante do patriarcha, e fazendo-lhe reverencia, [1] poz o prato sobre a meza presentando lhas: o patriarcha se levantou com a mitra, e reverenciou as reliquias.

Observando o patriarcha que a caixa das reliquias estava sem vicio algum, a mandou logo abrir pelo sachrista, o qual pegando na thesoura, cortou a fita, e dessigillou a caixa, e posta sobre o prato, a abriu, e a chegou para diante do patriarcha, e este para poder commodamente pegar nellas, o que fez levantando-se em pé com a mitra, e as metteu na caixa benta, e se assentou, e lhe poz tres grãos d'incenso na parte inferior, e dobrando o pano de lhama lhe poz em cima a inscripção que assignou com o seu signal, e fechou a caixa, a qual o sacrista recebeu, e pegando nella a atou com a fita em modo de cruz, ficando o nó no meio da parte superior, e sustentando-a com a mão esquerda, com a direita pegou no lacre, e derretendo-o na luz da véla sobre o nó da fita, a descansou sobre a meza, e o patriarcha com a sua propria mão a sigillou, e voltando-a da parte inferior, lhe fez a mesma sigillação, com a mesma formalidade.

Em quanto o patriarcha sigillou as reliquias, um acolyto levou o cofre ao altar, e o poz sobre a peanha aberto, e com as devidas reverencias se retirou.

Sigilladas as reliquias, o mestre de ceremonias entregou os pratos, que estavam no bufete, aos acolytos, e castiçal juntamente, e levaram tudo para a credencia, retirando-se com genuflexão.

O assistente da mão direita pegou com ambas as mãos

---

[1] Id. id. pag. 28.

na caixa, e a reteve em quanto o patriarcha a não recebeu.

Os dous acolytos ordinarios tiraram o bufete, e o pozeram no logar donde o tinham tirado: logo o assistente tirou a mitra ao patriarcha, o qual se levantou, e recebeo a caixa das reliquias pegando-lhe com ambas as mãos, e sustendo-lhe os assistentes as fimbrias do pluvial, os subdiaconos a falda, e as capellães a cauda, se chegou para diante do altar levando as reliquias elevadas diante do peito, as quaes poz no cofre, e ficando aberto, desceu para diante do infimo degrau do altar, onde esteve em quanto os acolytos tiraram a sede gestatoria, e a levaram para o seu logar.

Estando o patriarcha diante do altar, entoaram os cantores o hymno *Exultet orbis*, etc., por serem as reliquias dos apostolos, e o continuaram todos com o seu verso *Annuntiaverunt*, etc.

No fim, em quanto os cantores cantavam a ultima estrofa, conduziu o segundo mestre de ceremonias o presbytero, que veio com a mesma formalidade antecedentemente explicada, vindo juntamente o acolytho patriarchal com o thuribulo e naveta, e chegando ao patriarcha da parte direita, com os devidos osculos lhe offereceu a naveta, da qual o patriarcha tirou a colher com incenso, e o poz no thuribulo com benção: logo entregou o thuribulo ao patriarcha, que em pé incensou as reliquias sem mitra, e se retirou para o seu logar com a mesma formalidade, e o acolyto com o thuribulo juntamente. Incensadas as reliquias, e dito o verso pelos cantores, cantou o patriarcha a oração *Protege Domine*, e declarando os nomes dos Apostolos: no fim não cantaram os cantores o verso *Benedicamus Domino*; e retirados os ministros do livro e candela, subiu o patriarcha ao altar sem mitra, e o osculou, e deu a benção

pontifical virado para a sua cruz, a qual tinha o subdiacono, que, genuflexo, estava junto do infimo degrau do altar, sem se publicarem indulgencias.

Dada a benção, desceu o patriarcha ao infimo degrau do altar, e ajoelhou em coxim de brocado encarnado, e fez a oração sem mitra, ajoelhando os assistentes no plano.

Em quanto fez a oração, subiu o sacrista ao altar com as devidas genuflexões, fechou o cofre, tirou a chave, e juntamente a mitra preciosa da testeira, e a deu ao ministro d'ella, e d'elle recebeu a aurifrigiada, que poz na testeira.

Levantou-se o patriarcha, e recebendo dos assistentes a mitra preciosa, se retirou para a camara dos paramentos com a mesma procissão com que veiu.

Depois de expostas as reliquias se prepararam para as vigilias no meio da quadratura dois bancos rasos cobertos de panno verde para se assentarem em côro.

No logar, onde esteve o genuflexorio, se poz uma estante dobradiça, com seu panno de damasco carmezim, e livro da cantoria sobre ella.

No meio da quadratura outra estante similhante, mas sem panno, e n'ella o leccionario para se cantarem as lições.

Defronte do logar do capitulante, da parte do Evangelho, outra estante dobradiça com panno similhante ao primeiro, e em cima o capituleiro para as antiphonas e oração, coberto com seu pano.

Na capella estavam varios tocheiros com tochas acesas para darem luz aos que cantavam, e aos mais, que oravam.

Na sachristia cinco pluviaes de lhama encarnados para o capitulante e assistentes.

Logo principiaram as Matinas dos Apostolos sendo

todo o Officio de commum com a oração *Protege Domine*, que se cantou na exposição das reliquias.

Cantadas as Matinas, no meio do Presbyterio se poz um banco raso em fórma de genuflexorio, coberto de panno verde, ante o qual de joelhos se fizeram as vigilias por toda a noite; assistindo dois clerigos da capella e dois religiosos com horas reservadas.

O throno pontifical era de tela branca, e da mesma o docel e espaldar, ficando o do rei o mesmo, de que acima se fez menção.

Á mão direita junto da entrada [1] da porta, em distancia competente para se poder passar, estava uma credencia comprida de oito palmos com sua toalha, coberta até ao chão, e n'ella estava uma caldeira grande dourada, hyssope ordinario e mais duas caldeiras, e dois jarros dourados para n'elles se levar a agua para supplemento das aspersões. Em um prato de prata doirado estava sal moido disposto em fórma d'estrella.

Em outro similhante prato quatro aspersorios de herva hyssope com seus cabos de páo dourados, e atada a herva com galão de oiro estreito.

Em outro prato toalha para alimpar as mãos.

Duas conchas de prata dourada em um prato.

Um livro de marroquim fileteado de oiro para o archidiacono ler os capitulos do concilio.

A concha com agua para se benzer, sobre um escabello, com sua tampa entalhada e doirada, e um escabello junto d'ella, sobre o qual se havia de pôr quando se tirasse de cima da concha.

Outro bufete, como o da capella das reliquias, que

[1] Id. id. pag. 33.

estava em correspondencia da credencia á esquerda de quem entra, sobre o qual se poz o feretro das reliquias quando foi preciso.

Quatro tochas novas encostadas á parede junto da credencia para se revezarem na procissão.

Sobre um escabello uma lanterna com vela acesa dentro.

No portico defronte da porta principal a quadratura na fórma seguinte: á esquerda de quem entra estava o throno do patriarcha de tela branca, e da mesma era o espaldar, e docel com os costumados tres degraus; junto d'elle o throno do rei, que era do mesmo, ficando logar entre os thronos e a parede, em que estava o banco dos beneficiados assistentes, e o banco dos conegos cobertos de pannos de razes; da parte direita o banco para os diaconos assistentes, e por detraz d'estes bancos os dos não assistentes. penitenciarios, notarios, cobertos de razes, diante do primeiro beneficiado assistente o livro sobre o coxim branco e a candéla.

Defronte da meza do feretro da outra banda da porta em correspondencia, estava uma credencia pequena coberta com toalha, para a seu tempo n'ella se fazer o santo oleo para as cruzes da porta, e um prato com algodão.

Á entrada da egreja da parte de dentro, junto ás primeiras duas capellas estavam dois fogões de prata com cinza de lenha limpa e peneirada; e outros dois com a mesma junto á capella mór, um de cada parte.

Quarenta e sete caixilhos de pau pintados para se fazerem as areolas e suas tampas com botão no meio para se lhe pegar sobre escabellos.

A cruz dos abcedarios grego e latino, assinada no corpo da egreja, do principio d'ella até os gigantes da capella mór, e n'ella assinados os logares, em que se haviam de fazer as areolas...

Quem desejar saber como foram praticadas as restantes ceremonias, (o que para muitos leitores será tido como uma inutilidade), póde ler a obra de que temos feito extractos, e a qual não é rara.

*

* *

Noticia do cumprimento e largura da egreja e da sua altura, como tambem das suas torres.

Tem de comprimento o corpo da egreja desde a porta principal até o fundo da capella mór 279 palmos.

N'esta forma até o arco do cruzeiro principiando da porta principal, 167 palmos.

Tem o diametro do cruzeiro 59 palmos.

Tem a capella mór de fundo 71 palmos.

Largura do cruzeiro de uma capella das collateraes a outra, 200 palmos.

Largura do corpo da Igreja, 56 palmos e meio.

Fundo das capellas, que estam nas naves da Igreja, 43 palmos.

Altura do pavimento da Igreja até á cimalha real, 61 palmos.

Altura do pedestal que vai sobre a cimalha Real 10 palmos.

Altura do pedestal até o ponto da abobeda do corpo da Igreja, 30 palmos.

N'esta fórma desde o pavimento até á sua abobeda, 101 palmos.

Tem de comprimento as columnas do cruzeiro e capella mór 36 palmos e 3 quartos.

Tem de pavimento da Igreja até á cimalha, que vai por cima das persinas, sobre a qual se fórma o corpo do zimborio, 112 palmos e 3/4.

Desde a dita cimalha até á abobeda, que fecha no corpo do zimborio, 82 palmos e 3/4.

Tem de fecho até altura da cruz, 85 palmos e 2/4.

Que faz toda a altura do zimborio 181 palmos.

Tem as torres da Egreja desde o chão atè á cruz da grimpa 314 palmos e meio.

Tem a grimpa de alto da ultima pedra da torre para cima 33 palmos.

Tem o gallo de cobre, que é feito de duas chapas cravadas uma na outra, enfiado em um varão com 3 virolas de ferro para mostrar os ventos, tendo o gallo de altura no varão tres palmos e meio, e de comprido dez palmos e um oitavo.

Peza o gallo dez arrobas.

Peza o varão de ferro, em o qual estam enfiadas as peças que servem de peanha ao globo de cobre, dentro no qual está collocado o Santo Lenho com a sua authentica, 51 arrobas e 6 arrateis.

Pesa o globo de cobre, 4 arrobas e 13 arrateis. E o forro de chumbo pesa ao todo 11 arrobas e 11 arrateis.

Tem de diametro 4 palmos e 3 quartos.

Pesa o varão de ferro, e mais peças de bronze nelle enfiadas, globo, gallo e cruz, 226 arrobas e 15 arrateis Isto se entende em cada uma das torres de per si.

Tem cada torre em si um carrilhão de sinos, e são ao todo 51.

A saber: o sino grande que dá as horas, pesa 800 arrobas.

Tem de diametro 11 palmos e meio.

Por baixo da boca d'este sino estão dois, um serve de dar as meias horas, e outro os quartos.

Por baixo d'estes em corpo separado estão 48 sinos, que tocam os minuetes antes de dar os quartos, meias horas e horas: tendo o principal sino deste carrilhão, que

está no ponto de G sol-re-ut—de peso 666 arrobas e 15 arrateis, sendo os mais sinos proporcionados a este, fazendo diminuição conforme a arte da Musica.

Toca este carrilhão de dois modos, um por tambores movidos por pezo de rodas, fazendo minuetes e cantinellas, conforme a solfa, fazendo trinados mui suaves e consonantes; para o que tem alguns sinos quatro martellos, outros tres, e outros dois. E tocam pela parte de fóra.

Toca por badallos pela parte de dentro, para o que tem todos os sinos badallos prezos com grossos arames, os quaes prendem em um engenho em fórma de orgão, no qual toca o carrilhador toda a solfa e papeis que se lhe offerecem.

Estão dispostos por tal ordem, que o toque d'um não impede o de outro.

Tem mais as torres 8 sinos com que se toca aos Officios Divinos, e todos por ponto de solfa. O primeiro pesa 541 arrobas e 9 arrateis.

O segundo pesa 496 arrobas e dez arrateis.

O terceiro pesa 290 arrobas e dezeseis arrateis.

O quarto pesa 231 arrobas e 23 arrateis.

O quinto pesa 119 arrobas e 8 arrateis.

O setimo pesa 76 arrobas e 12 arrateis.

O oitavo pesa 104 arrobas.

Este sino por ser de tom mais alto, mas mui suave, se chama por antonomasia o sino da *Graça*. Este serve para tocar aos sermões e ás procissões de preces, por ser de tom mui mavioso, e enternecido. É obra d'um portuguez chamado Pedro Palavra.

O sino de tocar aos semiduples pesa 51 arrobas e arratel e meio.

O sino que toca ás ferias, pesa 43 arrobas e 3 arrateis.

O sino que toca a chamar a communidade para côro, pesa 4 arrobas.

A garrida pesa uma arroba.

Estes sinos que tocam aos Officios Divinos, então dispostos nas duas torres, e são por todo doze, que juntos com os carrilhões somam 114.

Tem o convento 8 dormitorios grandes de 760 palmos de cumprimento, e 16 de largo: tem outros 8 que atravessam para estes, cada um de 366 palmos de cumprimento e 16 de largo. Cada um tem sua janella grande com grades para o jardim, sendo as de um dormitorio differentes das dos outros. Tem o Convento 300 cellas, cada uma com sua janella de 16 palmos d'alto, e 8 de largo. Tem cada cella de cumprimento 20 palmos, e de largura 18.

Tem o convento 16 pateos e dois pequenos jardins ao lado da portaria. No meio de todo o convento fica o famoso jardim, que tem 272 palmos em quadro.

Tem a casa da cosinha de cumprimento 96 palmos, e de largura 42, com 3 grandes janellas de vidraças para o pateo. As paredes são guarnecidas de azulejo branco até á cimalha. Tem no meio da casa 4 mezas de pedra branca de 20 palmos de cumprimento e 10 de largo, e um de grosso. Tem uma pia de pedra branca defronte da porta de 15 palmos de cumprimento. No meio d'ella lança agua em esguicho de bronze, assim como lançam dois mais pequenos de cada parte em alguidares de pedra branca, em que se lava a loiça.

Tem nas cabeceiras duas grandes chaminés sustentadas em dois varões de ferro com fogões de ferro coado no meio por tal engenho que se não vê o lume. No meio do fogão está um grande caldeirão de cobre de dez almudes de agua, a qual lhe vem cahir dentro de um cano de bronze, que sae da parede da chaminé. Tem dois fornos aos lados, e um engenho de espremer as hervas com admiração da arte.

«O palacio em Mafra no qual sir Edward Blakeney tinha aposentos, e onde me recebeo com a maxima hospitalidade, podia talvez, sem inconveniente, abrigar todas as côrtes da Europa.» [1]

LAUS DEO

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

[1] CONDE DE CARNARVON: Portugal and Galicia. London, 1836, vol. I. pag. 27.